PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

EDITAL RETIFICADO DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – ATUAÇÃO

A Direção da **SP Escola de Teatro — Centro de Formação das Artes do Palco**, representada pela **ADAAP – Associação dos Artistas Amigos da Praça**, no uso de suas prerrogativas e atribuições legais, **CONVOCA** todas/os as/os candidatas/os selecionadas/os nas Avaliações do Primeiro Momento do Processo Seletivo Online – Segundo Semestre de 2021 e relacionadas/os neste Edital, para realização das **AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO – LINHA DE ESTUDO: ATUAÇÃO**.

A/O candidata/o deverá observar as normas e os procedimentos específicos, bem como as datas e horários de realização das atividades propostas, relacionados no **Anexo I** deste **Edital de Convocação para Realização das Avaliações Específicas – Linha de Estudo Atuação**, a ser divulgado nos *sites* **www.spescoladeteatro.org.br** e **www.institutomais.org.br**, na data prevista de **15 de junho de 2021.**

As Avaliações do Segundo Momento serão realizadas de forma *online*, sendo que a/o candidata/o deverá ter acesso ao computador com câmera de vídeo ou aparelho celular com câmera de vídeo para gravação de vídeos e/ou outras atividades a serem propostas.

Atenção: A/O candidata/o deverá manter atualizado o seu número de telefone celular com aplicativo W*hatsApp* para recebimento de vídeos chamadas para realização das Entrevistas do Segundo Momento, bem como o seu endereço eletrônico (*e-mail*).

Havendo o envio de mais de um e-mail contendo os endereços dos links de gravação dos vídeos no Youtube ou dos documentos a serem enviados pelas/os candidatas/os, considerar-se-á para fins de avaliação o último e-mail enviado pela/o candidata/o.

O **Instituto Mais** e a **SP Escola de Teatro** não se responsabilizam pelo não recebimento de vídeo e/ou vídeos chamadas não recebidas e/ou e-mails não recebidos por motivos de ordem técnica dos celulares ou computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, falta de energia elétrica, bem como outros fatores de ordem técnica que possam impossibilitar a transferência de dados.

PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

AVALIAÇÕES DO SEGUNDO MOMENTO

O Segundo Momento consistirá em procedimentos específicos de aptidão e outras habilidades próprias de cada Linha de Estudo, envolvendo aulas, processos de criação e possíveis novas entrevistas, constante do **Anexo I**, deste Edital.

As avaliações específicas do Segundo Momento serão **eliminatórias e classificatórias**, definindo o grupo de candidatas/os aprovadas/os no Processo Seletivo para o Segundo Semestre de 2021.

CANDIDATAS/OS APROVADAS/OS NO SEGUNDO MOMENTO

A relação das/os candidatas/os aprovadas/os no Processo Seletivo Online do Segundo Semestre de 2021, será divulgada nas recepções da **SP Escola de Teatro**, bem como nos *sites* **www.spescoladeteatro.org.br** e **www.institutomais.org.br**, na data prevista de **08 de julho de 2021, a partir das 17h00**.

DIVISÃO DAS/OS CANDIDATAS/OS PARA AS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO

A seguir, neste Edital, a/o candidata/o encontrará as atividades a serem realizadas e as datas de entrega de cada atividade, bem como a relação das/os candidatas/os convocadas/os para as Entrevistas do Segundo Momento – Linha de Estudo Atuação, contendo datas e horários.

A ausência nas avaliações do Segundo Momento eliminará a/o candidata/o do Processo Seletivo para o Segundo Semestre de 2021.

A/O candidata/o deverá observar também as normas e os procedimentos para realização do Segundo Momento, contidos no Edital do Processo Seletivo Online – Segundo Semestre de 2021.

E, para que ninguém possa alegar desconhecimento, é expedido o presente **Edital de Convocação para as Avaliações Específicas do Segundo Momento – Linha de Estudo Atuação**.

São Paulo/SP, 15 de junho de 2021.

SP Escola de Teatro — Centro de Formação das Artes do Palco

P A R C E R I A C O M :

PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

ANEXO I

ATENÇÃO:

A SEGUIR, CONSTA A RELAÇÃO DAS/OS CANDIDATAS/OS CONVOCADAS/OS PARA AS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO, LINHA DE ESTUDO – ATUAÇÃO, COM AS ATIVIDADES PROPOSTAS E DATAS E HORÁRIOS DE ENVIO E/OU REALIZAÇÃO.

LINHA DE ESTUDO DE ATUAÇÃO

SEGUNDO MOMENTO

Prezada/o candidata/o, o Segundo Momento será constituído das seguintes etapas:

1ª Etapa – Vídeos Exercícios;

2ª Etapa – Vídeo Criação de Cena;

3ª Etapa – Organização do material para a avaliação;

4ª Etapa – Entrevistas por *WhatsApp*; e

5ª Etapa – Envio de foto.

É IMPORTANTE que a/o candidata/a leia todas as instruções abaixo, realize as propostas referentes ao Segundo Momento e não se esqueça de cumprir o cronograma.

1ª ETAPA

VÍDEO/EXERCÍCIOS

1. Assistir os seguintes vídeos:

Exercício 1: https://youtu.be/iwYYHbKIC9M
Exercício 2: https://youtu.be/G6_gHJQvfZM

2. Após assistir os vídeos, escolha um deles para realizar o exercício proposto.

3. Realizar a proposta que está no vídeo escolhido e gravar no YouTube o desenvolvimento dela.

(obs.: ler o tutorial de gravação no YouTube anexo a este documento)

4. O vídeo poderá ser filmado por alguém da sua escolha, deixando a câmera fixa.

5. O vídeo deverá ter no máximo 2 (dois) minutos.

PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

2ª ETAPA

VÍDEO/CRIAÇÃO DE CENA

1. Escolha um dos textos dramatúrgicos relacionados abaixo:

Os textos estão em PDF, anexos neste edital

- **Bonita, Dione Carlos;**
- **Buraquinhos ou o Vento é Inimigo do Picumã, Jhonny Salaberg;**
- **Eles Não Usam Black-Tie, Gianfrancesco Guarnieri;**
- **Extremismo, Anders Lustgarten;**
- **Hotel Jasmin, Cláudia Barral;**
- **Muito Barulho Por Nada, Shakespeare;**
- **O Corpo que o Rio Levou, Ave Terrena Alves;**
- **Os Adultos estão na Sala, Michelle Ferreira;**
- **Pessoas Perfeitas, Ivam Cabral e Rodolfo Garcia Vázquez;**
- **Piscina (Sem Água), Mark Ravenhill;**
- **Por Elise, Canovaccio;**
- **Relógios de Areia, Maria Shu;**
- **Santa Joana dos Matadouros, Bertolt Brecht;**
- **Um Grito Parado no Ar, Guarnieri; e**
- **Um Merlim, Luís A. Abreu.**

2. Leia o texto dramatúrgico escolhido na íntegra.

3. Escolha uma cena, na qual você gostaria de atuar.

4. Você poderá adaptar a cena à sua proposta de atuação.

5. Será um solo.

6. Escolha na sua casa o local onde realizará a cena. Você poderá utilizar figurinos e elementos de cena que estão disponíveis e próximos de você.

7. Grave um vídeo no YouTube com a cena que você produziu, com no máximo 2 minutos. Cuide para que a imagem e o som estejam ideais para apreciação da sua cena pela banca de avaliação.

8. O vídeo não poderá ter edição.

9. O vídeo deverá ser gravado no YouTube e poderá ser filmado por alguém da sua escolha.

(obs.: ler o tutorial de gravação no YouTube anexo a este documento)

10. A câmera deverá permanecer fixa.

PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

3ª ETAPA

ORIENTAÇÕES

ENTREGA DOS VÍDEOS PARA BANCA AVALIADORA

DE 16 A 20 DE JUNHO DE 2021

1. Após realização de todas as Etapas, você deverá organizar o material e enviar para a Banca de Avaliação **os dois vídeos** produzidos por você.
2. A/O candidata/o deverá enviar os endereços dos dois vídeos, **até 20 de junho de 2021** para a Banca Avaliadora no e-mail **atuacao@imais.org.br**.
3. O e-mail deverá conter as seguintes informações abaixo:

ASSUNTO: **PROCESSO SELETIVO DE ATUAÇÃO – JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O**

EXEMPLO: **PROCESSO SELETIVO DE ATUAÇÃO – LUISA ANTONIA PINHEIROS**

NO CORPO DO E-MAIL ESCREVER:

À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Atuação,
Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo – Segundo Semestre de 2021.

DEPOIS INFORMAR:

O seu nome completo, número de inscrição, número do documento de identidade e horário que deseja cursar a sua Linha de Estudo, conforme exemplo abaixo:

EXEMPLO:

À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Atuação,
Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo – Segundo Semestre de 2021

LUISA ANTONIA PINHEIROS
NÚMERO DE INSCRIÇÃO – 033579
RG – 45.567.890-3
Horário desejado para cursar Linha de Estudo:
( ) matutino ( ) vespertino

PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

4ª ETAPA

ENTREVISTAS POR *WHATSAPP*

NOS DIAS 25 E 26 DE JUNHO DE 2021

1. Todas/os candidatas/os **que realizaram as Etapas anteriores e entregaram os vídeos de acordo com as orientações dadas**, serão novamente entrevistadas/os de acordo com a organização abaixo:

GRUPO 1

Data: 25/06/2021
Horário: Das 9h30 às 12h30

Nº INSCRIÇÃO	NOME DA/O CANDIDATA/O	Nº DOCUMENTO
0388000025	AMARA DRUDI FRASSETO	466376261
0388000027	ANA CAROLINA DA SILVA PEREIRA	552456433
0388000035	ANA JÚLIA LEME SILVA	59.545.300-4
0388000047	ANDRÉ DE ARAUJO MOURÃO	55.728.627-X
0388000084	BRUNA CUSTÓDIO DE AZEVEDO	502663595
0388000095	BRUNO SCOLA	36408219-7
0388000097	CAIO SILVA MOTA	11101571
0388000101	CARLA MOLINAS RIBEIRO	2220438
0388000104	CAROLINE DE SOUZA DE OLIVEIRA	Caroline de Souza de
0388000106	CAROLINE OLIVEIRA DA SILVA	522183931
0388000107	CAROLINE RODRIGUES FERREIRA DE OLIVEIRA	108732903
0388000112	CLARA BRAGA PALLOS	MG-22.589.877
0388000119	DANIEL DA SILVA PIRES	6359195
0388000128	DÉBORA GOMES SILVÉRIO	345106817
0388000135	DINDARA SILVA GALVÃO	445940542

GRUPO 2

Data: 25/06/2021
Horário: Das 14h30 às 18h30

Nº INSCRIÇÃO	NOME DA/O CANDIDATA/O	Nº DOCUMENTO
0388000193	GABRIEL ALVES SHIMODA	8078270
0388000199	GABRIEL MIRANDA PONTES	483547062
0388000209	GABRIELLA FERNANDES DA SILVA MOREIRA	57.649.637-6
0388000228	GUILHERME AMORIM ROCHA	guiamorimrocha@iclou
0388000247	HELOÍSA ROCHA	15.128.167-1
0388000276	ISABELA PACHECO SOARES MACHADO	54008552-2
0388000301	JOÃO CIPOLLA BALTAZAR	507056711
0388000302	JOÃO PEDRO DA SILVEIRA MARIANO	MG 20.720.148
0388000303	JOÃO VICTOR DA SILVA ALMEIDA	56.409.976-4
0388000322	JULIANA DA SILVA	479060447
0388000335	KATHERINE APARECIDA FRANÇA BATISTA	580152996
0388000358	LETICIA DE FÁTIMA ARRUDA	98787372
0388000369	LIVIA ACHE NOLLA	437044403
0388000371	LÍVIA DE MELO SOUZA	MG-21.813.950
0388000402	MARCELLA VICTÓRIA CARDOSO DE OLIVEIRA	571770356

PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

GRUPO 3

Data: 26/06/2021
Horário: Das 09h30 às 12h30

Nº INSCRIÇÃO	NOME DA/O CANDIDATA/O	Nº DOCUMENTO
0388000408	MARCOS VINICIUS DE SOUSA ALMEIDA	6458385
0388000409	MARCOS VINÍCIUS DOS SANTOS SILVA	7382490
0388000428	MARIANY VICTÓRIA SANTOS PEREIRA	561409924
0388000442	MAYKON ALVES JOSÉ	4992706
0388000465	NIKOLE LIMA PEGO	473832975
0388000468	ODAIR FONSECA DE SOUZA	5087132659
0388000473	PALOMA PEREIRA DE OLIVEIRA	18681677
0388000493	PRISCILLA FERNANDA ROCHA ZEFERINO	332506393
0388000510	REBECA FIRMINO BONATTO	53.440.495-9
0388000514	RENAN CORREIA	381172703
0388000546	SHIRLEY ROSA ARANTES	39209562/2
0388000553	SUÉLEN APARECIDA DE ASSIS	MG 16 368 787
0388000557	SUZANA HORÁCIO	443716742
0388000570	THALES BENITO DE JESUS MARTINS	373100875
0388000586	VICTORIA FERREIRA	381358616

5ª ETAPA

ENVIO DE UMA FOTO

DE 16 A 20 DE JUNHO DE 2021

para o e-mail – atuacao@imais.org.br

FOTO DE PERFIL DAS/OS CANDIDATAS/OS

As/Os candidatas/os precisam enviar uma foto de rosto, no estilo 3x4, com fundo branco (de preferência), nos formatos JPG. ou PNG.

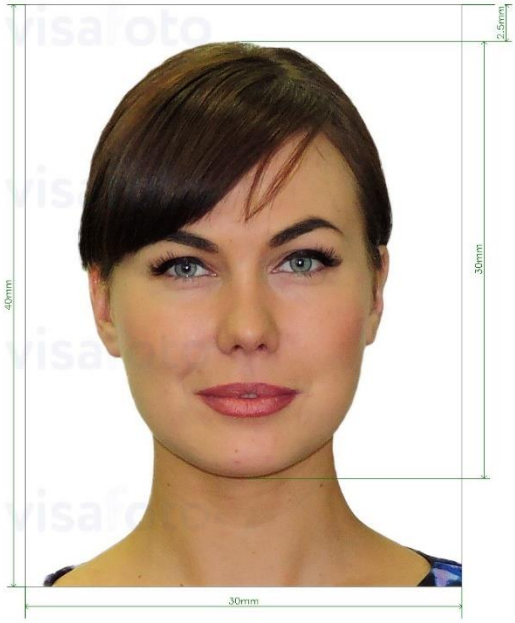
A foto precisa ser nítida e de qualidade, para que a identificação seja feita facilmente.

É permitido sorrir e serão aceitas imagens de diferentes tipos de câmeras, contanto que estejam nítidas e com qualidade.

O corte máximo que pode ser feito na foto é de 3x4 seguindo essas orientações. Fotos mais afastadas serão permitidas.

Confira um exemplo de enquadramento abaixo:

PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021



As fotos devem ser enviadas por e-mail para **atuacao@imais.org.br**, até o dia **20 de junho de 2021.**

No espaço reservado ao **Assunto**, a/o candidata/o escreverá o seguinte:

FOTO (CANDIDATA/O) – ATUAÇÃO – JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O

EXEMPLO:

FOTO (CANDIDATA/O) – ATUAÇÃO – LUISA ANTONIA PINHEIROS

NO CORPO DO E-MAIL ESCREVER:

À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Atuação,
Segue a foto solicitada para o Processo Seletivo – Segundo Semestre de 2021.

DEPOIS INFORMAR:

O seu nome completo, número de inscrição e o número do documento de identidade, conforme exemplo abaixo:

PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

EXEMPLO:

À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Atuação,
Segue a foto solicitada para o Processo Seletivo – Segundo Semestre de 2021

LUISA ANTONIA PINHEIROS
NÚMERO DE INSCRIÇÃO – 033579
RG – 45.567.890-3

Esta foto será utilizada pela **SP Escola de Teatro** e **IMAIS** para a publicação das/os classificadas/os e selecionadas/os no Processo Seletivo do Segundo Semestre de 2021.

PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

INSTRUÇÕES PARA ENVIO DO VÍDEO

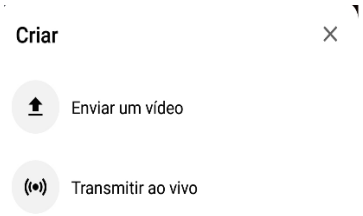
Abaixo constam as instruções para upload do vídeo no **YouTube**, via celular e computador. Primeiro estão as instruções via celular e, posteriormente, via computador.

ENVIO VIA YOUTUBE PELO CELULAR:

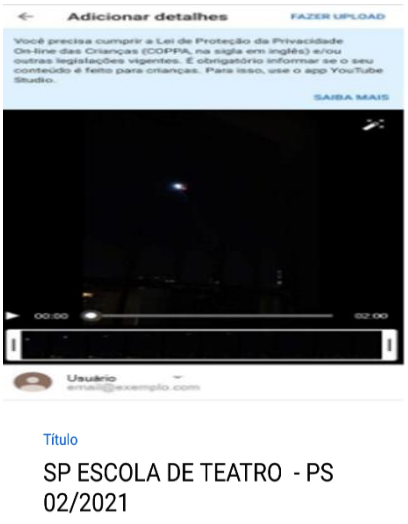
1º passo: Selecione o campo ⊕, no canto inferior da tela, para adicionar o seu vídeo, conforme exemplificado abaixo:



2º passo: Caso você já tenha gravado um vídeo, **escolha o arquivo desejado**, mas também é possível gravar direto, selecionando o ícone "**transmitir ao vivo**", conforme modelo abaixo:

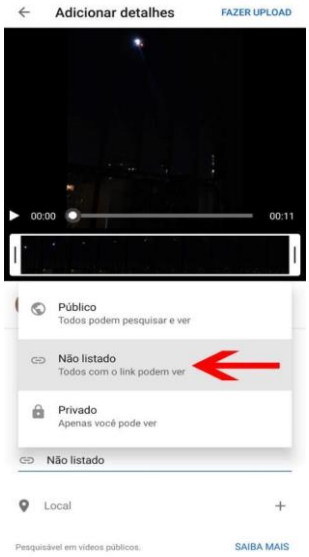


3º passo: No título do vídeo, conforme modelo abaixo, coloque "**SP Escola de Teatro – PS 02/2021**":



PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

4º passo: Para que o vídeo não fique público, indicamos que a visibilidade dele fique como "**Não listado (todos com o link podem ver)**", pois desta forma somente quem tem o *link* poderá acessar o vídeo. Assim, proceda conforme modelo abaixo:

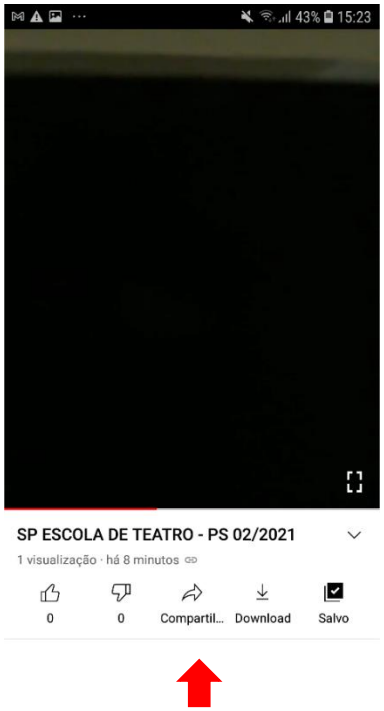


5º passo: Posteriormente o vídeo será carregado. Aguarde até apresentar a mensagem "*Pronto para ser assistido*", conforme exemplo abaixo:



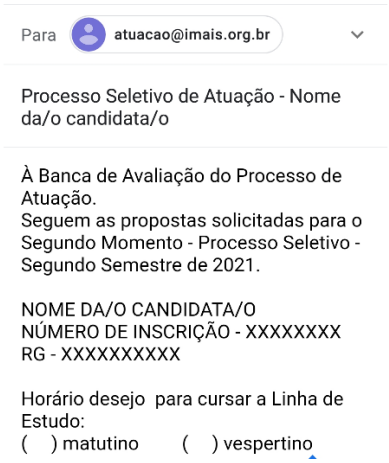
PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

6º passo: Selecione a opção "**Compartilhar**" à baixo do nome do vídeo, conforme exemplificado abaixo":



7º passo: Compartilhe o seu vídeo enviando para o e-mail: atuacao@imais.org.br**,** colocando como assunto "**Segundo Momento – SP Escola de Teatro**".

No corpo do e-mail insira os seguintes dados para identificação: **Nome da/o Candidata/o**, **Número de Inscrição**, **Número do RG**, **Linha de Estudo** e **Horário desejado para cursar a Linha de Estudo**, conforme especificado a seguir:



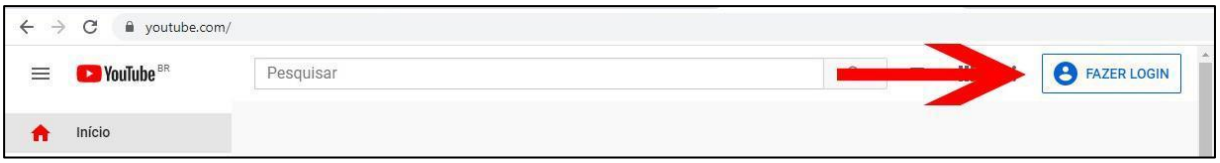
PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

Atenção! Os dados descritos no item acima são obrigatórios para identificação do candidato quando do envio do vídeo.

ENVIO VIA YOUTUBE PELO COMPUTADOR:

1º passo: Acesse o *site*: **https://www.youtube.com/**

2º passo: Clique em "**fazer login**", conforme indicado abaixo:

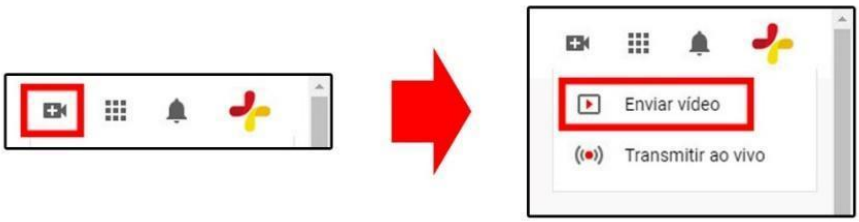


3º passo: Somente é possível realizar o login no Youtube utilizando uma **conta do Gmail**:



PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

4º passo: Clique no ícone da **câmera**, no canto superior direito da tela, para adicionar o seu vídeo e clique no ícone "**enviar vídeo**", conforme exemplificado abaixo:



5º passo: Caso for o seu primeiro acesso no Youtube, abrirá a opção de iniciar a jornada como criador de conteúdo. Neste caso, clique em "**primeiros passos**", pois se clicar em "**agora não**", a janela se fecha e você não conseguirá adicionar o seu vídeo:

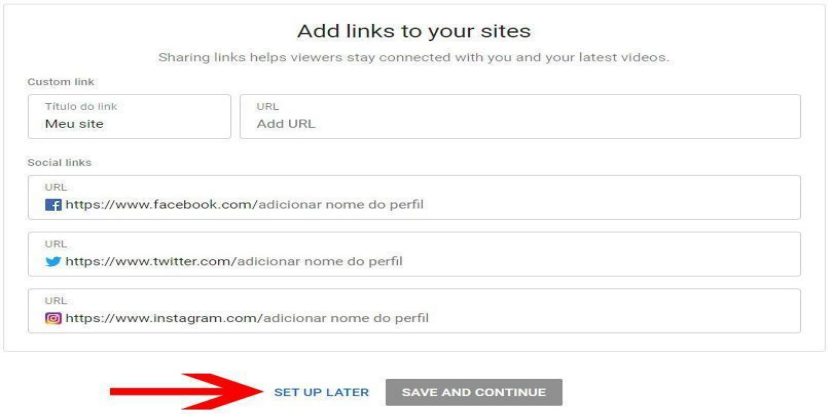


6º passo: Escolha como irá criar o canal, escolhendo se irá utilizar o **seu nome**, o mesmo cadastrado na conta do Gmail, **ou** um **nome personalizado**, conforme modelo abaixo:



PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

7º passo: Finalize o cadastro da sua conta ou faça depois clicando em "***set up later***", conforme modelo abaixo:

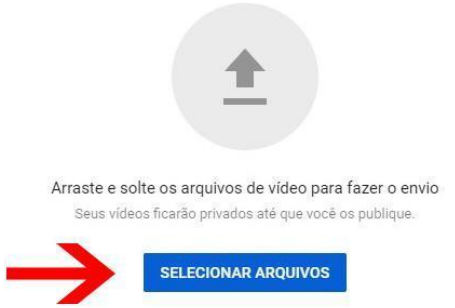


8º passo: Caso não seja o seu primeiro acesso, clique no ícone da **câmera**, no canto superior direito da tela, para adicionar o seu vídeo e clique no ícone "**enviar vídeo**" e, posteriormente, clique em "**enviar vídeos**" novamente, conforme exemplificado abaixo:

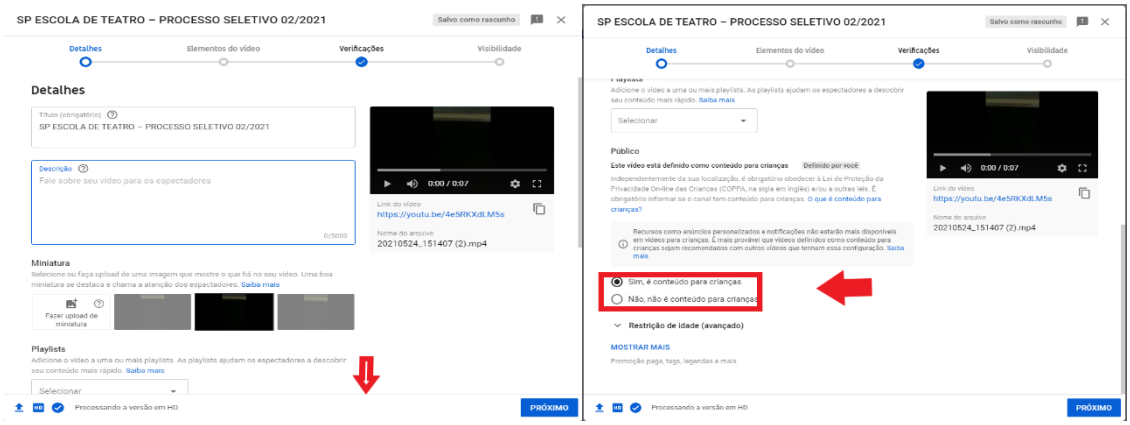


PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

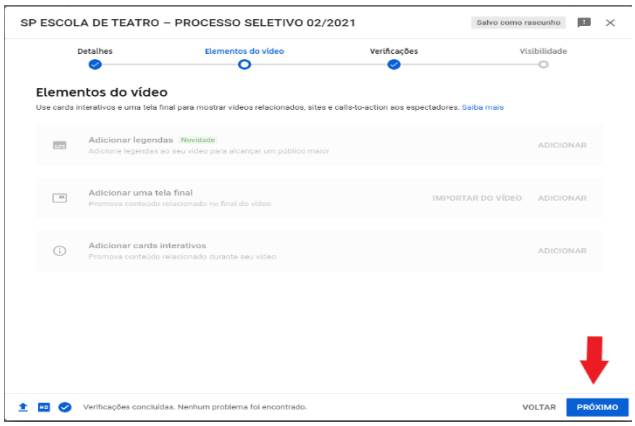
9º passo: Clique em "**selecionar arquivos**" para adicionar os vídeos a serem enviados para a Avaliação, conforme indicado abaixo:



10º passo: No título do vídeo coloque "**SP Escola de Teatro Processo Seletivo 02/2021**" e determine se o conteúdo do seu vídeo é para crianças ou não, conforme modelo abaixo:

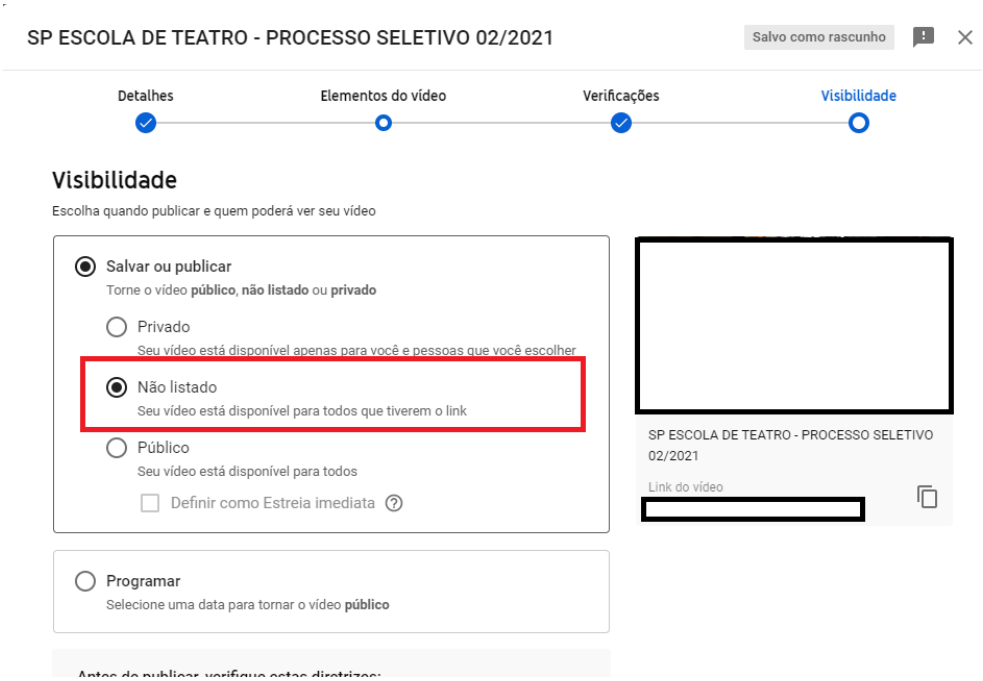


11º passo: Quanto aos elementos do vídeo, basta seguir para o próximo item, conforme exemplo:

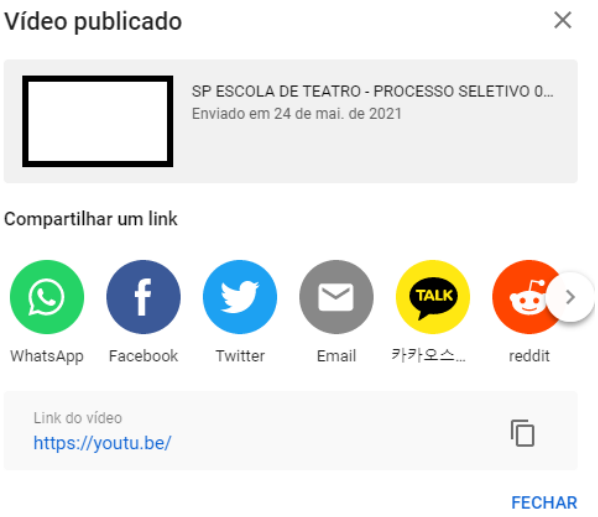


PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

12º passo: Para que o vídeo não fique público, indicamos que a visibilidade dele fique como "**Não listado (qualquer pessoa com o link do vídeo pode vê-lo)**", pois desta forma somente quem tem o *link* poderá acessar o vídeo. Assim, proceda conforme modelo abaixo:



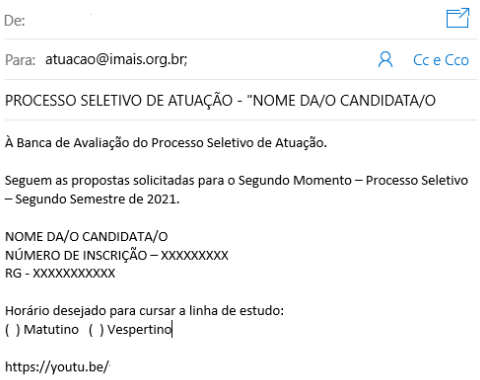
13º passo: Salve e copie o ***link*** do vídeo clicando no ícone indicado no modelo abaixo:



PROCESSO SELETIVO ONLINE – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

14º passo: Envie o ***link*** do seu vídeo para o e-mail**:** **atuacao@imais.org.br**, colocando como assunto "**Segundo Momento – SP Escola de Teatro**", conforme especificado abaixo.

No corpo do *e-mail* insira os seguintes dados para identificação: **Nome da/do Candidata/Candidato**; **Número de Inscrição**; **Número do RG**; **Linha de estudo**; e **Horário desejado para cursar a linha de estudo**.


De:

Para: atuacao@imais.org.br; Cc e Cco

PROCESSO SELETIVO DE ATUAÇÃO - "NOME DA/O CANDIDATA/O

À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Atuação.

Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo – Segundo Semestre de 2021.

NOME DA/O CANDIDATA/O
NÚMERO DE INSCRIÇÃO – XXXXXXXXX
RG - XXXXXXXXXXX

Horário desejado para cursar a linha de estudo:
( ) Matutino ( ) Vespertino

https://youtu.be/

Atenção! Os dados descritos no item acima são obrigatórios para identificação do candidato quando do envio do vídeo.

Em caso de dúvida, entrar em contato com o **SAC do INSTITUTO MAIS** através do telefone **(11) 2659-5746**, no horário das **10h00min às 12h30min ou das 13h30min às 16h30min (Horário Oficial de Brasília/DF)**, exceto aos sábados, domingos e feriados.

BONITA

Dione Carlos

"A condição de insurgentes é matéria-prima para o surgimento de uma expressão de arte", Frederico Pernambuco de Mello.

RÉQUIEM AO MEIO-DIA

Ave sangria

Fogo celeste

A pele feito couro

Pés juntos pela prata

Mãos unidas pelo ouro

Romeiros sem romaria

No cipó do Rei

Nas folhas da Rainha

Um pedido de ressurreição

Anjo sem asa nem escudo

Braços abertos na direção da terra

Pisada firme em rastro incerto

Águia de bico gasto e penas pesadas

Renasce no voo

Na cabeça de Virgulino, no coração de Maria

Do aço ao cangaço

Ave Sangria

BONITA

Um dia, a esposa do sapateiro ganhou talhos de canivete no braço.

Filetes de sangue atravessaram seu cotovelo.

Chorou sal grosso.

Cruzou o corpo e saiu de casa.

Teve que criar a sua própria Lei.

Oito dias em casa paterna. Oito dias vendo o dia encontrar a noite sem esperança, nem saudade.

A barriga vazia depois de cinco anos já não pesa mais.

A notícia chega rápido quando o tempo sabe que não existe.

Ele está a caminho.

Minha irmã tosse.

Não faça isso na frente do homem. Ele pode lhe matar.

Olho pela janela da casa.

O sol desce no meu quintal.

A pele arde quando ele bate.

Pode matar, mas é o sol.

Cura os doentes.

Fui mulher de sapateiro.

Chora Zé.

E ninguém vai saber nada, além dos teus talhos e sapatos.

O sol ocupa todo o quintal.

Ilumina e cega.

Na despedida, recebo alguns lenços.

Espero e bordo.

Uma linha costura saudade, a outra esperança. Repetidas vezes.

Ele volta.

Fui mulher de sapateiro.

Sou a mulher do Capitão.

SUSSURROS

A fé é como a febre.

É preciso estar doente para tê-la.

E ficar mais forte depois de passar por ela.

Recriar o corpo.

Tatuar Estrelas de David.

Manter Patuás a tiracolo.

Estrelas de muitas pontas na cabeça.

Moedas na testa.

Um punhal atravessado na frente do peito.

É preciso carregar a si mesmo como a um templo.

E esquecer o último rosto.

(SOM DE HOMENS IMITANDO ANIMAIS)

BONITA

Um anel em cada dedo. Estrelas em chapéu de couro.

Dentes cobertos de ouro.

Eles foram vistos em bando.

Os mortos também fazem festa.

O líder manda entregar bilhetes.

LAMPIÃO

Abvdum D’bashmaia.

Sagrado coração.

Netcádash Shimóch.

O Senhor é convosco.

Mater Noster.

Fiat mihi secundum Verbum Tuum.

De joelhos e pés juntos.

Fiat voluntas tua.

No encalço de nossos inimigos.

Dominus tecum.

De mãos erguidas e braços dobrados.

Gratia Plena.

Salve Regina!

Tetê Malcutách Uma.

Rogai por nós, filhos do Sol.

Nunc et in hora mortis nostrae.

Afastai os urubus, assim como nós afastamos a quem nos tem perseguido.

Ed libera nos a malo.

Amen.

VILAREJO

Meses em oração, novenas desesperadas. Imploramos por uma solução que dê conta de proteger nossas portas e janelas. Fomos destituídos de nossos bens mais valiosos. Não, nossas crianças estão bem. São os nossos cofres. Estão vazios!

LAMPIÃO (Bilhete)

Sergipe, lhe saúdo!

Assinado: Capitão Virgulino Ferreira, Lampião.

BONITA

Anel, pulseira, colar, pente, espelho e armamento!

Brinco meu em outra é orelha e brinco na mão.

A orelha eu jogo fora. O brinco não.

Eles foram vistos em bando.

Menina quando sangra já pode entrar no grupo, tomar bala, costurar, esperar o dia, esperar chegar.

Ver a noite reluzir nas estrelas do chapéu de couro.

Ser a lua que espelha. Iluminar sendo noite.

Escurecer sendo dia.

Eles foram vistos em bando.

(SOM DE HOMENS IMITANDO ANIMAIS)

MENINA EM LEILÃO

Menina antes de sangrar ajuda dentro das casas. Minha mãe pediu e obedeci. Honrei minha mãe. Honrei meu pai. Honrei meu vizinho. A esposa dele. Os filhos deles. Os vizinhos dos vizinhos. Os visitantes dos vizinhos. Ganhei uma boneca. Não pude honrar a boneca. Honrei o tanque, o varal, o fogão, as panelas, os penicos, os cães, os gatos, os passarinhos, os peixes, os bodes, os escorpiões, os lagartos. Eles me mandaram para a escola. Não pude honrar a escola. Um bando apareceu. Honrei o líder, a mulher dele não gostou. Honrei o braço direito do líder, a mulher dele não gostou. Perdi minhas orelhas. Sangrei pelos ouvidos. Honrei os volantes. Perdi a língua. Não ganhei patente. Padrinho?

SUSSURROS

Dada (de Corisco), Neném (de Luiz Pedro), Durvalina (de Moreno), Sila (de Zé Sereno), Lídia (de José Baiano), Inacinha (de Gato), Adília (de Canário), Cristina (de Português), Jovina (de Pancada), Dulce (de Criança), Moça (de Cirilo), Otília (de Mariano), Maroca (de Moreno), Mariquinha (de Labareda), Maria Ema (de Velocidade), Enedina (de Cajazeira), Rosalina (de Chumbinho), Estrelinha (de Cobra Viva), Hortênsia (de Volta Seca), Lacinha (de Gato Preto), Iracema (de Lua Branca), Eleonora (de Azulão), Lili (de Moita Braba), Catarina (de Sabonete), Mocinha (de Medalha), Maninha (de Gavião), Maria (de Juriti), Dora (de Arvoredo), Marina (de Laranjeira), Dinha (de Delicado) e Maria (Do capitão. A primeira).

Cortando o mato seco, tomando banho em água de rio,

comendo bode assado em fogueira de clareira.

LAMPIÃO (Bilhete)

Senhor João, prepare seu espírito para morrer.

Assinado: Capitão Virgulino, Lampião.

Vamos encobrir os gritos com algumas palavras de jornal.

SUSSURROS

JB na forja, marca nos rostos as iniciais do seu nome. JB no rosto indica a passagem do homem. JB viu a mãe desfigurada por pancada. JB não paga imposto sobre ferradura. Não gosta de mulher com cabelo curto, nem vestido acima do joelho. Marca seu desgosto na tristeza de alguém.

VILAREJO

Eles carregam fuzis e cartucheiras trespassadas com 120 balas.

(SOM DE HOMENS IMITANDO ANIMAIS)

Um buraco no quintal, uma costura no colchão, o bolso de um casaco. Não há mais onde esconder o que se tem!

BONITA

É dia, Pai nosso, que estais no céu.

Homem cozinha, lava, costura e cuida.

Santificado seja o Teu Nome.

O mato corta a pele, desenha cada passo no braço.

Venha a nós o Teu Reino.

Direita, esquerda, em frente, atravessando balas, sendo atravessada por elas.

Seja feita a Tua vontade.

Mulher beija, trata ferimento, canta, dança e costura.

Assim na terra como no céu.

É dia, nós rezamos pelos mortos.

Os joelhos doem e as mãos estão dormentes.

LAMPIÃO

(LAMPIÃO INVADE UMA CIDADE E OCUPA UM CINEMA)

Mãos ao alto!

Lado a lado.

Ajoelhem-se.

Rezem.

Sete sangrias num dia de sol.

Celas abertas.

Macacos para dentro, o resto sai.

É dia de pagamento.

Dinheiro e ouro no bolso.

Punhal limpo no peito

A cidade parece vazia.

Hoje tem filme.

Não vai ter fila.

CINE LAMPIÃO

Preto e branco.

Mocinha e bandido.

CINE LAMPIÃO

Leilão de virgindade sem limite de idade.

Chão batido de terra vermelha.

CINE LAMPIÃO

Seda francesa e punhal.

Xaxado, cachaça e bala.

CINE LAMPIÃO

Risada, arrepio e vela.

Índio e branco na tela.

CINE LAMPIÃO

Urubus na calçada.

Cães em revoada.

CINE LAMPIÃO

Nem todo baile é festa.

Tem catinga no salão.

CINE LAMPIÃO

Melodia de solteiro é com mulher da vida.

Pagamento em dinheiro, ouro e perfume.

CINE LAMPIÃO

Fila indiana.

O último apaga o rastro.

CINE LAMPIÃO

A sandália tem sola retangular sem bico nem calcanhar.

Os macacos nunca sabem se fui ou voltei.

CINE LAMPIÃO

Na falta de luz ilumino à bala.

Depois da sangria tem reza e festa.

CINE LAMPIÃO

Fim da sessão.

Olhei para o lado e me vi em todas as cadeiras.

SUSSURROS

Silêncio no recinto. Silêncio no mato seco, cobra sem cabeça, rio sem água. Silêncio.

BONITA

Barco ancorado em banco de areia.

Três vezes a dor do parto.

A roupa, a barriga, a pistola e os lenços.

A roupa, a morte, a pistola e os lenços.

A roupa, a morte, a pistola e os lenços.

A roupa, o bebê, a pistola e os lenços.

A roupa, o leite, a pistola e os lenços.

A roupa, o peito, a pistola e os lenços.

A roupa, a couraça, a pistola e os lenços.

Três vezes a dor do desmame.

MENINA EM LEILÃO

Hoje tem baile. Não tem festa. Só catinga e cachaça. Não tem beijo, nem promessa. Tem perfume e ouro. Um brinco, um anel e uma pulseira. É um final sem fim. Amanhã tem outro baile. Dia de coronel. Noite de Lobo mau. O pai vendeu. Um bandido sequestrou. O bandido é pai, professor, amigo e marido. O bandido é bandido também. A mãe é irmã e avó e prima e amiga e enfermeira. Deus é uma mão que segura a cabeça da gente para o corpo poder descansar. O Padrinho garante que ela chegue a tempo. O Padrinho Padre Pai Mestre Santo. Quando a gente não tem mais lugar no corpo que seja bento. E no topo da cabeça a água escorre e nos faz renascer sem baile, nem festa, nem catinga. Só o mato que é um tipo de Deus em galhos secos que não se quebram e espinhos que marcam a pele. É um final sem fim. Sem preço fixo. Quanto mais nova, maior a cotação.

BONITA

Filho é suspiro.

LAMPIÃO

É máquina manual. É aqui, sim senhor. Está vendo?

Bordei uma estrela de oito pontas no couro do meu chapéu.

E brilha quando é noite, como as que estão no céu. E devolve o que me desejam.

Coisa boa brilha lá no alto. Coisa ruim quebra em sete pedaços.

Por que em sete?

Porque carrego estrelas de oito pontas na cabeça.

SUSSURROS

JB seleciona os melhores pedaços de comida, arruma o prato, ajeita o guardanapo e serve Lídia. JB, o ferrador. JB, o amoroso.JB mima Lídia. Lídia mima JB. Ela mima também Bem te Vi. No bando, um delator. Bem te Vi foge. Lídia é amarrada a uma árvore. Morre. À paulada. Lampião mata o delator. JB enterra o corpo sozinho na mais completa escuridão do dia.

(SOM DE HOMENS IMITANDO ANIMAIS)

LAMPIÃO

(LAMPIÃO NO RASO DA CATARINA)

No Raso da Catarina: índio, mel, madeira, cutia, tatu, peba, caititu e planta para fazer remédio.

Lugar onde macaco não entra.

Um dia encontrei um menino negro no meio do mato.

Não era uma criança.

BONITA

Aqui a jararaca, na outra a jiboia.

Coral nos cabelos.

Muçurana nos dedos.

Surucucu no ventre.

Cascavel no coração.

Veneno nos cabelos.

Cura nas mãos.

Veneno nos dedos. Veneno e cura entre os seios. Vem.

LAMPIÃO

(LAMPIÃO ESCUTA JAZZ ENQUANTO NAVEGA PELO RIO SÃO FRANCISCO)

Nas encruzilhadas da minha mão: Espinho e Maria.

Estrelas na cabeça e flor no peito.

Um punhal atravessa tudo.

Carrego a hemorragia sem me preocupar com o sangramento.

Estou vivo, estou morto. Nunca no meio.

BONITA

Ouviu?

Parece urubu.

LAMPIÃO

É música.

LAMPIÃO

A fama é uma prostituta que cobra além do combinado.

Para cada morto meu, encaminho o dobro.

Minha mãe morreu de susto. Perdi meu pai e irmãos à bala.

Não mato ninguém. Quem decide é Deus.

VILAREJO

Sob os pés de uma Santa estamos cada dia mais pobres. E ninguém faz nada.

LAMPIÃO (BILHETE)

Sr. José Batista. Saudações. Não passei na sua casa. Soube que o senhor não estava. Peço que envie dinheiro através deste portador.

Assinado: Capitão Virgulino, Lampião.

LAMPIÃO

(LAMPIÃO OUVE JAZZ ENQUANTO NAVEGA NO RIO SÃO FRANCISCO)

No cruzeiro das almas, velas apagadas.

Pés descalços, ceras derretidas, cheiro de pedidos suspensos.

Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, filhos do sol.

Maria, dona de casa, dona do mato, dona de mim.

Atende meus pedidos, Maria.

No cipó cortado, na folha cozida.

Maria dança.

Noite enluarada.

Um tiro no pé e o peso do meu cavalo morto, sobre ele.

Pé, cabeça, quadril e ombro tatuados à bala.

Pulmão encardido.

Um espinho de Jurema preta no olho direito.

Este aqui é o beija mão.

Este é do ouro de alguém.

Este é presente de Maria.

Ouro, diamante e esmeralda.

Um indica, o outro acusa e este perdoa.

Carrego dezoito e uso seis.

Três em cada mão.

Quando bate sangue tem que lavar e escovar para não perder o brilho.

As unhas ficam para depois.

Faca amolada na pedra.

Nunca vi um rosto corado na minha frente.

Volante é macaco porque corre no mato quando me encontra.

Na crina do meu cavalo tinha perfume francês.

Crianças são piratas. Dão tiro com a boca e matam com o dedo.

Caminham na prancha. Aqui não tem mar, então eles pegam as moedas e caem na terra seca.

Dança para mim, Maria.

BONITA

Urubus em círculo.

Sobre nossas cabeças.

Auréola de pássaros.

Pegam fogo.

A pele arde quando ele bate.

O rei no meio do céu.

Ilumina e cega.

Nutre e mata.

As chamas não consomem os urubus.

Dançam no meu corpo.

Brigam com as cobras.

Tomam meu veneno.

Levam minha cura.

O cão está quieto.

E isso, agora. O que é?

LAMPIÃO

Chuva.

VILAREJO

Um grupo de cinquenta, divididos em subgrupos com subchefes e um líder.
Levaram tudo, marcaram as mulheres, estupraram as cabras, levaram as meninas.

Quem?

Os homens de Lampião.

Você viu?

Não.

Quem contou?

Um amigo do vizinho do primo do meu amigo.

LAMPIÃO

(LAMPIÃO AGONIZA)

Dourado não late nem abana o rabo.

Na chuva, busca abrigo longe. Perdeu o faro. Não ataca. Come e descansa. Carrega uma coleira de ouro e prata.

Na barraca, o sono é curto.

As mulheres veem vaga-lumes.

O lenço de Maria com saudade e esperança descansa no meu peito.

Vaga-lumes sem asas.

A pistola está pesada, o punhal grudado no couro.

Maria, Maria, Maria.

Perfeita como a água.

Chuva parece moeda atirada para criança.

Nós dois, nós muitos.

Teu cheiro, bálsamo dos meus dias.

Voo Maria.

O bico gasto, as penas pesadas.

Cada cicatriz tem um beijo seu.

Minha melodia.

Música pelos poros.

Padrinho, Deus é uma nuvem dentro da gente.

Voo Maria.

As pedras me reconhecem.

Meu nome está na boca dos pássaros.

Voo na minha própria direção.

As pedras falam comigo.

Vejo um ninho.

Ele está vazio.

Uma nuvem me liberta.

E brilho.

Olho o mundo de cima.

Braços abertos na direção da terra.

Tem uma cobra lá embaixo.

Alguém finalmente tomou uma atitude. Hoje teremos missa.

Tragam velas para que possamos orar no escuro e agradecer.

BONITA

Meu ventre aberto.

Urubus insaciáveis.

Macacos com dentes afiados.

Pulam, atravessam os galhos, os corpos, mastigam gente.

Meus olhos fechados, as pernas abertas.

As vísceras espalhadas pela barriga.

A ponta do fuzil levanta a minha saia.

Intestinos nos joelhos.

Eles riem alto.

A cabeça do meu homem nas mãos dos macacos.

Um eclipse.

De olhos fechados, o coração ainda bate, devagar.

Estou surda.

A lâmina é gelada.

Os urubus lutam entre si.

O corte é mal feito.

Tento abrir os olhos.

Os urubus caem envenenados.

O ouro dos meus dentes já não mastiga, nem brilha, mas vale muito.

Não por ser ouro, mas por estar em minha boca.

Levem os anéis, roubem os colares, arranquem a roupa, rasguem o lenço e me dividam.

Onze cabeças em poucos degraus.

Banhos de cal e aguardente.

Ao lado dele, sou lamparina em noite densa.

Separada de mim, sou Rainha, Maria, Bonita, Santa.

AVE SANGRIA

Eles andavam em bando.

IV MOSTRA DE DRAMATURGIA
EM PEQUENOS FORMATOS CÊNICOS DO CCSP



BURA-QUI-NHOS

TEXTO DE JHONNY SALABERG

OU O VENTO É INIMIGO DO PICUMÃ

Centro Cultural São Paulo



Associação
Centro Cultural

texto
JHONNY SALABERG
direção
NARUNA COSTA
elenco
AILTON BARROS
CLAYTON NASCIMENTO
JHONNY SALABERG
realização
CARCAÇA DE POÉTICAS NEGRAS
CENTRO CULTURAL SÃO PAULO
NÓS 2 PRODUTORAS ASSOCIADAS

BURA-QUI-NHOS

OU O VENTO É INIMIGO DO PICUMÃ





IV ª MOSTRA DE DRAMATURGIA EM PEQUENOS FORMATOS CÊNICOS DO CCSP

: CONSOLIDAÇÃO

Este quarto movimento da Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos do Centro Cultural São Paulo é sem dúvida o que consolida o projeto, lindamente amadurecido com a participação de nove autores e autoras selecionados nas edições anteriores e a inscrição de algumas centenas de outros e outras, que enviaram seus textos.

A edição atual ensaia mais deliberadamente as pontes entre estética e política em um momento em que esta relação volta a ganhar recorrência na cena brasileira. Foram selecionados para montagem os textos de Ave Terrena Alves, *As 3 uiaras de SP City - barbante roxo do mural da memória*, Jhonny Salaberg, *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã* e Marcos Barbosa, *Necropolítca*. Nos dois primeiros prevalecem as discussões de gênero, raça, lugares de classe e de uma microfísica do poder, como dizia Michel Foucault. São fábulas que acompanham o momento de emergência de temas poucas vezes tratados a partir de posições tão afirmativas e críticas como agora. No texto de Ave Terrena liberdade e contingência ganham campo de embate a partir da história de personagens transgêneros, em espelhamento de diferentes momentos da história do país. É projeto que está no raiar de um tempo novo para o teatro, em que vozes até então silenciadas passam a falar em seu próprio nome e com seus próprios modos.

A peça de Salaberg é uma história altamente concentrada, que articula-se em recursos fantásticos e conta, em sofisticada, poética estratégia narrativa, sobre a tragédia ordinária de jovens negros nas periferias do Brasil e do mundo. Por fim, a quase anti-peça de Marcos Barbosa observa a sociabilidade em uma visada mais ampla, discutindo as formas atuais do ativismo agora travadas na suspensão da aporia e nas suas variações, em torno de temas como representatividade e engajamento - palavras que ali ganham significados díspares. O campo de ficcionalização lambe o nonsense. Vistos no conjunto são três retratos livres mas generosamente críticos sobre o Brasil atual, em que a pertinência dos temas não limita a experiência de criação ao mero relato da conjuntura em forma teatral. Ao contrário, convidam para a invenção de um imaginário interessado na invenção de linguagem e, portanto, na expansão dos horizontes da dramaturgia.

PROJETO

O projeto da Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos nasceu em 2015, de uma necessidade: diante dos meios de produção existentes no panorama teatral de São Paulo, o que poderia ser útil? O que poderia ser relevante em uma cidade cujo teatro é já mais que razoavelmente subvencionado? Os editais de montagem não têm necessariamente compromisso com o autor. A autoria dramatúrgica original é um acidente, pode estar como não estar, dependendo do projeto. A impressão das brochuras com as peças, distribuídas à plateia, é uma tentativa de tornar mais íntima e quem sabe um pouco mais duradoura a experiência fugidia do espectador frente ao fenômeno teatral em uma época na qual o texto de teatro ainda é pouco publicado e é dos nichos menos representativos no mercado editorial. A ideia de pequenos formatos não é novidade. Nas artes visuais há Mostras e salões de pequenos formatos. No cinema, os chamados filmes de baixo orçamento. E nestas duas áreas a expectativa é a de que o "pequeno" não seja indicador de obras artísticas de má qualidade. Ao contrário, são condições a partir das quais a própria linguagem se articula. No caso do teatro é ideia que pressupõe dramaturgias sintéticas no plano formal. Em que o plano de pensamento seja mais importante e não dependa de muitos recursos materiais para a encenação. Então o pequeno formato já não será uma contingência e sim um campo de provocações, de fomento criativo.

E assim tem sido. Nos dois primeiros editais tivemos cerca de duzentos inscritos (por edição). No terceiro o numero subiu. Destes, selecionamos três textos por ano, que foram montados e ganharam a cena durante as Mostras. Os textos escolhidos perfazem um amplo painel da sociabilidade e das subjetividades emergentes no Brasil. A repercussão pública do projeto tem sido uma alegria.

As Mostras têm acontecido com boas plateias, o público está vindo. E o reconhecimento institucional também. Nas duas primeiras edições ao menos um dos três espetáculos nascidos do edital esteve entre os mais premiados do ano e o próprio Centro Cultural São Paulo foi indicado ao Premio Shell de teatro, na categoria Inovação, "pelo estímulo à experimentação de novas formas cênicas, dramatúrgicas e de produção".

No Edital do CCSP, pelas contingências (que tentamos transformar em adubo) escolhemos, entre estas tantas possibilidades, jogar luz sobre o texto. Que não é necessariamente "a peça". Temos recebido e premiado inúmeras escritas experimentais e textos tradicionais também. A resposta ao chamado, com quase trezentos textos inscritos na última edição, nos diz que aquela intuição inicial estava em bom caminho. E vamos. Bem vindos/bem vindas a mais uma Mostra. Que seja mais uma vez o espaço de observação e fruição da vida através do teatro e destas histórias imaginadas mas já tão nossas irmãs, criadas por Ave, Jhonny e Marcos.

KIL ABREU

Curador de Teatro do CCSP

Nossa participação como produtoras deste projeto tão relevante para a cena jovem do teatro de São Paulo, que é a Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos do CCSP, nos honra e envaidece.

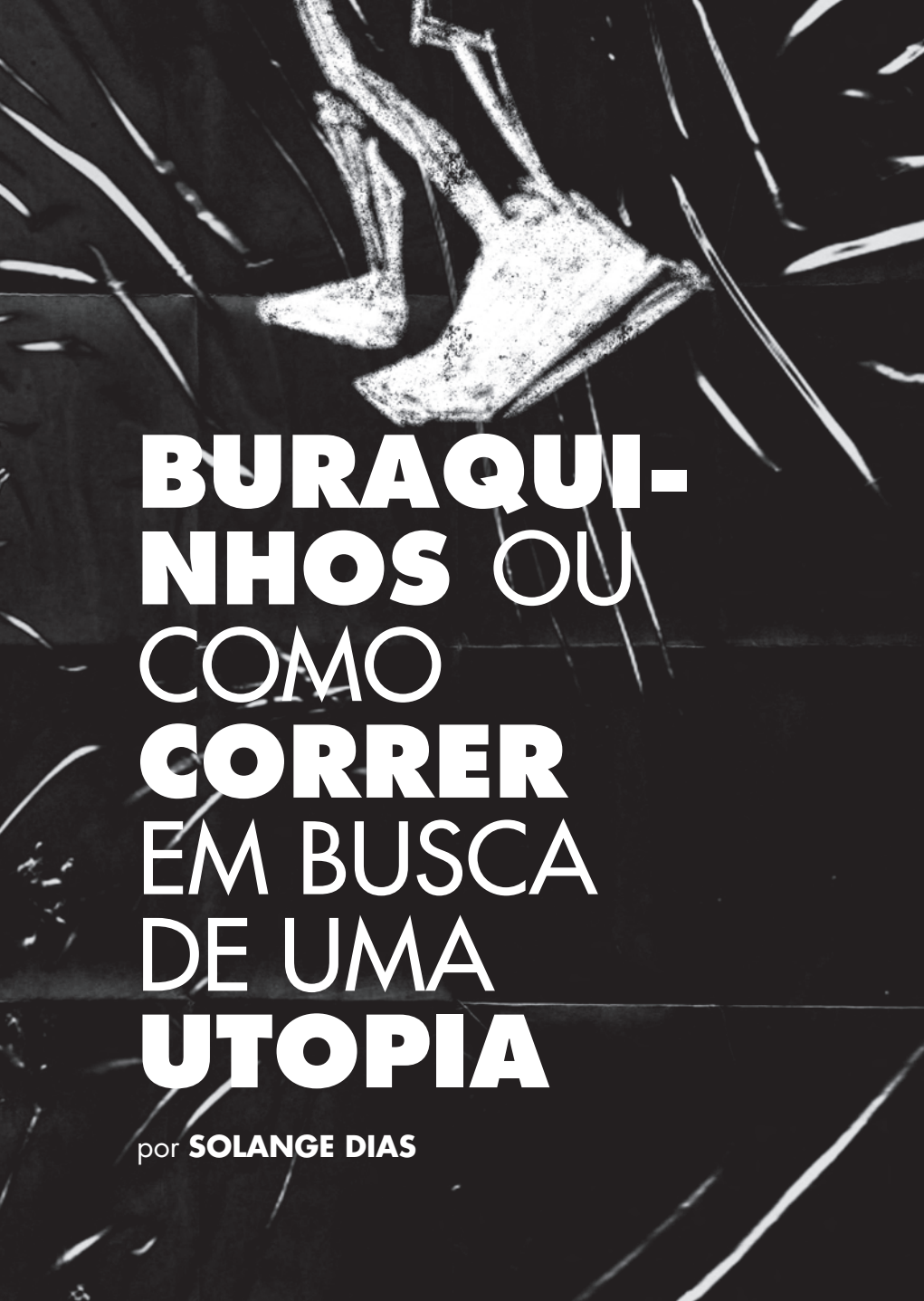
Tem sido um trabalho prazeroso, neste momento tão delicado de nossa cultura, de nossa história. As dramaturgias nos inspiram e estimulam... Realmente um aprendizado de força, alegrias e resistência.

Agradecemos a confiança em nós depositada, seguimos em parceria, vislumbrando novos horizontes para a cultura brasileira.

BIA FONSECA e **IZA MARIE MICELI**

Nós 2 Produtoras Associadas





BURAQUI-NHOS OU COMO **CORRER** EM BUSCA DE UMA **UTOPIA**

por **SOLANGE DIAS**

"Corro porque ele está atrás de mim
e está atirando em minha direção.
Corro porque eu sou preto.
Corro porque as balas perdidas
correm mais rápido que eu.
Corro porque o dedo no gatilho se
mexe mais do que os meus pés.
Corro porque acabei de levar um tiro.
Corro porque acabei de levar outro tiro.
Corro porque é mais um tiro.
Corro e mais tiro.
Mais tiro.
Mais tiro.
Mais tiro.
Corro porque até aqui eu já levei
a minha idade de tiros."
JHONNY SALABERG

Em tempos de retrocesso, em que a cultura tem sido tão sucateada, presenciamos nesta IV edição da **Mostra de Dramaturgia em Pequenos Formatos Cênicos** do Centro Cultural São Paulo um feito heroico, conduzido magistralmente pelo seu curador, Kil Abreu: a proposta de publicação e produção de textos inéditos. É também mais uma evidência de que, nos últimos anos, a dramaturgia voltou a ser foco de discussão, não somente do ponto de vista temático e formal, como também de seus processos, dos mecanismos de viabilização da produção e de aprofundamento da pesquisa de um projeto artístico.

Dentro deste movimento, foi no Núcleo de Dramaturgia da Escola Livre de Teatro de Santo André, orientado por mim, mas conduzido pelos estudos e reflexões compartilhados entre cada participante, que tive a alegria de presenciar o processo de criação da belíssima obra *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã* de Jhonny Salaberg em 2016.

No texto, um menino corre para não ser baleado pela polícia quando trazia pão para mãe que está em casa. Corre entre ruas apertadas pelas casas sobrepostas da periferia. Corre se equilibrando nos fios de luz com seus "gatos" mal ajambrados. Corre pelos esgotos e vielas e, durante sua corrida, vai percorrendo as durezas de um mundo grande chamado Brasil, chamado América Latina. E por mais que corra, seu corpo vai sendo invadido por inúmeras balas e, mesmo assim, ele continua correndo em sua enorme resistência em não se deixar morrer.

Quantos tiros são necessários para abater os voos e sonhos de meninas e meninos pretos e pobres do mundo? Um, cinco, dez, cento e onze tiros?

Logo nas primeiras leituras realizadas no Núcleo, eram notáveis a contundência e importância de cada imagem que Jhonny concebeu em seu texto. Ele incorporou em sua escrita, elementos narrativos que, organizados por meio da combinação precisa de palavras, foram capazes de trazer à tona um tema terrível, mas tratado com uma leveza poética que nos enleva e ao mesmo tempo nos provoca incômodos que conduzem às reflexões e questionamentos deste mundo que nos cerca.

Uma das bases para se trabalhar com essa forma de lidar com o tema, Jhonny trouxe do conceito de *leveza* proposto pelo escritor Ítalo Calvino, que foi estudado para o desenvolvimento de criações dramatúrgicas.

Neste conceito, Calvino sugere que a busca da leveza surge como possibilidade de resistência, como reação ao peso do viver, e é em *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã que* esta leveza se cria no próprio ato da escrita, no ato de narrar com sensibilidade a percepção de fatos dolorosos. O que poderia ser uma espécie de dramaturgia bruta que transpira uma violência insustentável, com suas tramas cruas e duras, torna-se um elogio à vida, à utopia.

Diante do peso do viver, a leveza do narrar.

Desde o surgimento do teatro, a narrativa sempre esteve presente nas mais variadas manifestações e gêneros dramáticos, mas tem sido nas encenações contemporâneas que dramaturgas e dramaturgos têm incorporado ao drama, narrativas inspiradas em roteiros de cinema, contos e romances, como proposição estética e de discurso que estão além do meramente narrar.

São dramaturgias que se propõem a transpassar cada espectador, provocando diversas camadas de leitura do objeto cênico para a busca de um teatro do possível, como esta de Jhonny, que com sua corrida na procura de uma utopia vital para todos nós, consegue lindamente trazer à superfície, como pérola fina, o que há de poético e sublime deste submerso que temos vivido ultimamente.

SOLANGE DIAS

Mestre em Artes Pela UNICAMP,
Fundadora e integrante do grupo do
Teatro da Conspiração de Santo André.
Diretora, arte-educadora e dramaturga andreense,
mas que muito deve ao bairro Parque São Rafael,
Zona Leste de São Paulo,
para sua formação humana e artística.



ESCREVER **TEATRO NEGRO** É ESCREVER **JUSTIÇA**

por **JHONNY SALABERG**

A arte de escrever uma peça de teatro, carregando todos os direitos e deveres de uma manifestação artística é uma metáfora que somente a vida não da conta. Aqui nesse mesmo espaço, somos indivíduos perdidos na contemporaneidade, estamos sempre a mercê de direcionamentos mal acostumados e muito diferentes entre si. Escrever uma peça de teatro é difícil, mas escrever uma peça de teatro negro é três vezes mais. Penso que diante disso, e de toda a massificação criminosa que pesa sobre esse assunto, é comum produzir o tão falado panfleto artístico como pauta de discussão e revolução. Alguns panfletos são coloridos, outros chamam a atenção pela criatividade de se colocar as palavras no seu devido lugar, outros são de uma cor só e sem culpa. Não há certo e nem errado, há escolhas.

Escrever dramaturgia contemporânea requer uma série de atenções e desafios diários que só a palavra mais justa consegue dizer sobre. E a justiça nada mais é que proporcionalidade, então quando se usa um recurso pra dizer algo que normalmente não é dito, usa-se uma escolha de proporcionalidade. A justiça tanto funciona na literalidade quanto na metáfora, mas sempre será uma escolha. Mas quando se fala de dramaturgia negra essa escolha de justiças tende a pesar mais para um lado do que para o outro. Vivemos em um tempo em que as peças de teatro negro estão afiadíssimas na realidade, levando em consideração cada palavra com todo o cuidado, já que o cotidiano ordinário e pouco falado vira assunto do prólogo ao epílogo. É uma escolha de justiça, nada mais. E como toda escolha precisa ser respeitada e valorizada artisticamente, socialmente e historicamente. Para mim que sei só deste tempo que estou agora, tenho a sensação de que é o tempo em que se produz muitas coisas, estamos na era vomitar todo o ar preso na garganta. Mas e se, diante de todo o caos, escrevêssemos com leveza? E se em vez de entregarmos um panfleto, comermos uma sopa de letrinhas? Escrever com leveza, neste caso, é a luz no

fim do túnel ou o paredão no fim da rua. Alguns gostam e outros não. A noção de leveza é algo relativamente intuitivo e recorrente, usado para dizer coisas não tão leves de outra maneira. É uma vírgula que dói mais que um soco! Mas como pode nesse mundo tão cabreiro, o açúcar que falta no pote sobrar em nossas palavras? Como pode a existência ainda que desgraçada ser doce?

A leveza é o dispositivo que desperta empatia no leitor e consequentemente no espectador. Parafraseando Ítalo Calvino: "A metáfora não impõe o objeto sólido, e nem a palavra pedra chega a tornar pesado o verso".

Deste modo, o que seria dessa história sem a leveza? Sem os sonhos pendurados nos postes? Nas nuvens? Na ponta dos olhos? O vento é inimigo do picumã quando o alvo cria asas e foge. O vento é inimigo do picumã quando ratoeiras são colocadas nos portões das casas, nas escolas, nas vielas, nos supermercados, nos bancos, nos trens e nas padarias. Que vento é esse que sopra somente para um lado? Eu, morador de Guaianases - extremo leste de São Paulo – estou acima de tudo VIVO para contar essa história que passa por mim e por muitos outros corpos-picumãs. Buraquinhos que se abrem sem pudor, é preciso expor de onde vêm as flechas. Voa Picumã!

JHONNY SALABERG

Formado na Escola Livre de Teatro de Santo André.
Ator, dramaturgo e bailarino.
Fundador e integrante da Carcaça de Poéticas Negras
e do coletivo O Bonde.





DIAS **BONS,** DIAS **RUINS,** MAS TODOS OS **DIAS, VIVOS**

por **NARUNA COSTA**

Um convite enviado Inbox pelas redes sociais, e um abismo se abre no coração. Aquela velha vontade de dizer "Não, obrigada, não posso. Muito trabalho". Ou qualquer outra desculpa que me fizesse seguir a vida, fingindo que 16 minutos passarão e nenhum jovem negro será assassinado nesta nossa cidade. Nossa? Nossa! Não dá! Não se trata de dirigir uma boa peça que entrará em cartaz no CCSP, terreiro tão disputado na cidade-cinza. Trata-se de uma mulher negra dirigir uma boa peça, com atores negros, que entrará em cartaz no CCSP.

Corpos negros são corpos políticos e só isso justificaria meu "sim" àqueles jovens, que usaram como cartada final, um vídeo-convite que foi impossível recusar.

Mas não se trata só disso.

Se trata de ser instrumento de luta contra o genocídio institucionalizado; se trata de denunciar com o próprio oficio a tragédia cotidiana promovida pelo racismo estrutural; se trata de fazer política em tempos de intervenção militar; e se trata, acima de tudo, de se curar um pouco da ferida aberta, que sempre dói ao ser cuidada, mas que um dia há de fechar, deixando apenas a cicatriz para que a memoria não se apague da história, e a mesma não se repita. Mas isto é sonho.

Saindo do sonho... Vamos ao teatro!

Buraquinhos é uma grande obra literária. Fiquei impressionada com a qualidade do texto de Jhonny Salaberg. Muita sensibilidade o levou a escrever este trabalho cheio de potencia, poesia e refinamento. Mas coloca-lo em cena não é tarefa fácil. Uma poesia narrada, fantástica, cheia de elementos que só o imaginário, ou o cinema, poderiam dar conta. O que foi maravilhoso! Quebrar todas as expectativas primeiras, abandonar as ideias obvias e leituras iniciais e mergulhar inteiramente no texto, em cada frase, palavra, descobrir sua poética para que dela surgisse, de fato, o que era necessário ir para a cena. Confiar que o teatro pudesse indicar o seu próprio caminho sem imposições vazias, ou formulas prontas. Observar para se surpreender. Para isso: Disponibilidade! Clayton Nascimento, Ailton Barros e Jhonny Salaberg são artistas emocionantes. A confiança e a entrega pro trabalho fez com que mergulhássemos profundamente e logo descobríssemos as regras para que o jogo começasse. Objetivo: Estarmos VIVOS em cena (e fora dela).

E é para lá que estamos indo. Com o amparo de musicxs, cenário e luz nos encaminhamos para um jogo aberto com a plateia, que vai tratar de contar a aventura-saga de um menino da quebrada de Guaianazes e, através dela, oferecer a oportunidade de reflexão do papel de cada um de nós nesta "estória real".

Ofereço este trabalho ao
Grupo Clariô de Teatro,
minhas asas,
meu vôo,
meu pouso.

NARUNA COSTA

Formada na Escola de Arte Dramática - ECA/USP.
Atriz, diretora e cantadeira (Clarianas).
Fundadora e integrante do Grupo Clariô de Teatro





MASSA **CARDÍACA** TRAVESTIDO DE **SONHOS** E COM **ARRITMIA**

por **AILTON BARROS**

é sobre ser atento e forte
é sobre ser um ajo caído
é sobre ser mais um, apenas um
é sobre ser coletivo Okan
é sobre ser Clayton Nascimento sendo assistido nos palcos e nas ruas brancas
é sobre ser Ailton Barros bixa preta macumbeiro periférico e artista
é sobre ser Jhonny Salaberg no corredor do supermercado
é sobre ser pele perigosa
é sobre ser Os crespos
é sobre ser agulha linha penas e esperança
é sobre ser sangue fora do corpo
é sobre ser coletivo O Bonde
é sobre ser asfalto quente bebendo vermelho
é sobre ser pele e poro e buraco e esgoto a céu aberto
é sobre ser Coletivo Negro
é sobre ser tema do Rap mais violento
é sobre ser margem
é sobre ser Haiti Cuba Etiópia Gana Nigéria Angola Moçambique e Guaianases
é sobre ser Capulanas
é sobre ser sangue cabelo força curvas ginga e axé
é sobre ser o que se é
é sobre ser Carcaça de Poéticas Negras
é sobre ser
é sobre
é!

AILTON BARROS

formado na Escola Livre de Teatro de Santo André.
Ator, bailarino, cenógrafo e figurinista.
Fundador e integrante da Cia Coité e do coletivo O Bonde.
Ator nos grupos Contadores de Mentiras e Carcaça de Poéticas Negras

DA SÉRIE: **COMBATE** DE **NEGRO** E DE CÃES

por **CLAYTON NASCIMENTO**



Esse é uma publicação escrita por mim na semana do Carnaval de 2018. Texto retirado do Facebook. Isso não é teatro!

"Meia noite e meia. Avenida Paulista. Logo ali. Hoje ou amanhã. Já não importa. Aproveitando a última semana antes do início das aulas na Universidade de São Paulo e dos processos artísticos, tenho ido ao cinema, ao teatro, a exposições, carnavalizar, encontrar os amigos, namorar, enfim, engrandecer a alma. Esses dias ainda no Carnaval, comentei com um amigo branco lá da Escola de Arte Dramática sobre os roubos de celulares: 'Amigo, a sociedade é tão preconceituosa. Eu, um homem negro de 30 anos, sinto que sou raramente assaltado. Na maioria das vezes, nunca acham que eu tenho poder de consumo, logo, sempre acham que eu que vou assaltar' – 'Nossa Clayton, que absurdo!' Ouvi. Pois bem senhoras e senhores: leiam essa história. Hoje, após a última sessão de cinema no Itaú Cultural, acompanhado de uma Professora da Universidade, a qual sempre me acolheu muito e alguém que eu gostaria de ser amigo. Depois de uma caminhada, um bom papo e muito aprendizado, me despedi, deixei num táxi, e rumei à Avenida Paulista para pegar o meu ônibus para casa. Noite gostosa, pipoca e filme bom. Claro, que como um Homem Negro levei anos para entrar na Universidade Pública, e eu me sentia muito realizado por ter ido à uma sessão de filme com uma mestra que respeito muito, e que fiz questão de pagar pelo ingresso de nós dois. Na minha alegria interna, conectei com Marisa Monte e Bem que Se Quis no celular, e avistei o meu ônibus chegando lá atrás, já em minha direção. Era só acelerar um pouco mais o passo, e esperar então. Assim que cheguei ao ponto, me deparei com 2 jovens garotas, 5 garis, e 2 seguranças parados na frente de um Banco Itaú. Repentinamente, antes da chegada do ônibus que estava há poucos metros, surge um homem branco, acompanhado de uma mulher, o semblante dele era de não

alterado quimicamente, mas sim de muita ira. Com uma chave de braço no meu pescoço ele gritava: 'Esse aqui é um ladrãozinho que roubou o meu mercado,que bate em mulher, e agora ele vai ter o que merece'. Começamos uma luta. Eu só consegui dizer: ' Você está me confundido. (...) eu não fiz nada, cara'. Outra chave de braço. Me desvencilhei. Então ele novamente me alcançou, me colocou no mesmo golpe, mas agora mais forte.Todos olhavam a cena. A mulher que o acompanhava, se aproximou e disse: 'Vai me roubar de novo? Vai? Vai bater em mulher? Vai me roubar de novo?' Ele: 'Não é você o preto zica, malandro? Aquele que bate em mulher? Toma aqui o que você merece, ladrão'. Eu, o cara que execra quando os conhecidos dizem que roubaram chocolate no mercado. Eu, artista que pratico teatro desde os 8 anos. Eu, criado amorosamente pelas mãos de pais muito simples da periferia do Piauí e que me ensinaram que a saída é estudar. Eu, que tenho que me arrumar 3 vezes mais para ser bem recebido. Eu, que preciso falar bonito, ser politizado e ter eloquência para não ouvir mais um 'não'. Eu, um criador de uma peça de teatro que fala justamente sobre o Racismo Institucionalizado nessa nossa terra onde o sabiá não canta desde 1500. Eu, que consigo a vaga de trabalho ou de estudos sempre muitos anos depois. Eu era o ladrão!

Chave de braço mais forte.

(...)

(...)

Socos dele, socos meus.
Chave de braço.

(...)

Aquele tempo foi eterno. E eu não estava entendendo nada realmente. Cada vez que eu me mexia, os braços dele pareciam uma anaconda que aproveitava cada centímetro livre de ar para apertar mais. Eu comecei a sentir os olhos incharem. A boca secar e a perna enfraquecer. Eu olhava para as pessoas e com o braço esticado eu balbuciava: "Pessoas, por favor, me ajudem. Por favor!" Caí no chão de chuva da Avenida Paulista, a "Avenida mais importante do Brasil". Que belo epíteto. Caí. Num giro no meio da luta e antes da queda, olhei no fundo dos olhos de cada um ali presente pedindo uma mísera gota de compaixão. Meus incríveis 1,68m e 58kgs de corpo negro ali, retirados dos palcos, sedento pela criação do teatro, para ganhar aquele personagem na vida real. O ônibus que se aproximava, chegou. Motorista e 40 novos espectadores. Consegui ainda pensar: 'Que irônico, Clay! Você vai morrer aqui nesse lugar horroroso, com 50 espectadores completamente apáticos ao show de horror. Você não esperava por isso, meu amigo, ainda bem que você viu a mãe ontem e deu um beijo nela. Seja forte aqui, resiste até quando der'. Veio então, uma última chave de braço suficientemente forte para enrolar minha língua. A última imagem que tenho é a deles vindo para cima do meu corpo, e apalpando meus bolsos.

Apaguei.

(...)

(...)

Ali eu fiquei.

Não tenho ideia de quanto tempo depois, eu ali, ainda no chão, acordei com as roupas rasgadas. Me levantei sozinho. Recuperei com muito prazer cada molécula de

oxigênio presente ali na Avenida mais importante do Brasil. Eu estava vivo. Obrigado, eu gosto muito de viver. Eu tenho muito para criar ainda. Quero ver meu sobrinho crescer, eu acho a gente muito parecido. Percebi que eu já não tinha mais nada. Celular, carteira, chave de casa, nada. Eu era o ladrão, e eu havia sido assaltado. Metassalto. Me sentei no banco completamente desnorteado. Quando a sociedade medíocre ali presente percebeu o que acontecera, conseguiram dizer: 'Meu Deus, eles falaram que você batia em mulher e era o assaltante da loja, e nós acreditamos. Acho que se acontecesse de novo, eu não faria nada, outra vez, te deixaríamos apanhar. A gente viu eles te roubando, mas a gente achou que eles vieram pegar o que era deles de volta. Estou chocada. Toma aqui 4 reais'.

Passou um novo ônibus. O motorista viu meu estado, e não parou. Eu: 'Vocês por favor, poderiam dar sinal para o próximo ônibus? Eu já nem sei mais que horas são, só gostaria de ir embora, me ajudem?'

No próximo ônibus elas deram o sinal, eu entrei, e foi isso.

Amigos eu estou bem, estou em casa, estou seguro. Tenho amigos, faço análise, me sinto amado. Gostaria de dizer para vocês que existe uma pesquisa que diz que na maioria das vezes em que um jovem negro estava prestes a morrer em casos de racismo, suas últimas palavras foram: 'Eu não sei do que você está dizendo. O senhor está me confundindo.' Me peguei fazendo o mesmo hoje, eu senti na pele. Mas, aqui vai o resumo da ópera: Isso não é uma ópera. É uma tragédia. Daquelas bem xinfrim que você já vê há 518 anos. Se fosse ópera, nem no Teatro vocês me deixariam entrar, por exemplo. Nesse Mundo de Discurso de ódio que a gente inventou e alimenta muito bem todos os dias, toda aquela sociedade presente, entre ricos e pobres, quiseram me punir quando, racistamente, acreditaram que eu era o ladrão. Resolvendo com as próprias mãos. Nem os seguranças me propuseram segurança. Com medo de perder

seus próprios Iphones, foi eu quem quase perdeu a minha vida, hoje gente. O nosso plano de sociedade deu errado, turma. Está acontecendo um genocídio negro na nossa terra, e vocês são omissos a isso. Nós falhamos miseravelmente."

"Com a mão firme na sacola que carrega pães, terra, rim, céu e pulmão, eu vou escorregando da rede esperançosa da costureira e caio nas nuvens, onde os sonhos ficam presos até que alguém os capture. Há muitos sonhos perdidos e outros entediados a procura de melhores ideias. Eu avisto meu sonho preso num punhado de nuvem, chego perto e tento pegá-lo. O sonho desaparece e reaparece atrás de mim feito mágica. Eu tento tocá-lo novamente e mais uma vez ele não me abraça, foge de mim!"

Texto "Buraquinhos ou O vento é inimigo do picumã" Jhonny Salaberg

Eu continuarei ocupando os espaços públicos.

Cabeça Erguida.

Minha arma é a Arte.

Eu sou firme como uma Bandeira Preta enfiada em Pau Forte.

Eu sou a arte que tem me feito continuar para lembrar da felicidade e do privilégio que é poder acordar e respirar nessa nossa terra, fazendo o que faço, sendo quem sou.

Eu sou Jhonny

Eu sou Ailton

Eu sou Naruna

Eu sou um dos buraquinhos

Eu sou Resistência.

Eu sou Clayton Nascimento.

CLAYTON NASCIMENTO

Formado na Escola Célia Helena e
pela Escola de Arte Dramática - ECA/USP.
Fundador e integrante da Cia do Sal,
onde desenvolve o espetáculo autoral "Macacos".

SOBRE O GRUPO



Fundada em 2016, Carcaça de Poéticas Negras é formada por artistas negrxs periféricxs, oriundxs de duas escolas de teatro do estado de São Paulo: Escola Livre de Teatro de Santo André e Escola de Arte Dramática ECA/USP. Tem como pesquisa de linguagem o corpo negro urbano e o etnocentrismo na contemporaneidade, como dispositivo de transformação e representatividade artística; a carcaça de símbolos da cultura negra que revela as camadas de uma história apagada e sem alforria.

Em 2017 o grupo foi contemplado pela 14° edição do Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) pelo projeto Preto Urbano, com pesquisa realizada nos distritos Cidade Ademar e Jabaquara - periferia da zona sul de São Paulo - que resultou na construção do espetáculo "MATO CHEIO – FUGA DEGENERADA".

BURA-QUI-NHOS

OU O VENTO É INIMIGO DO PICUMÃ

TEXTO DE **JHONNY SALABERG**





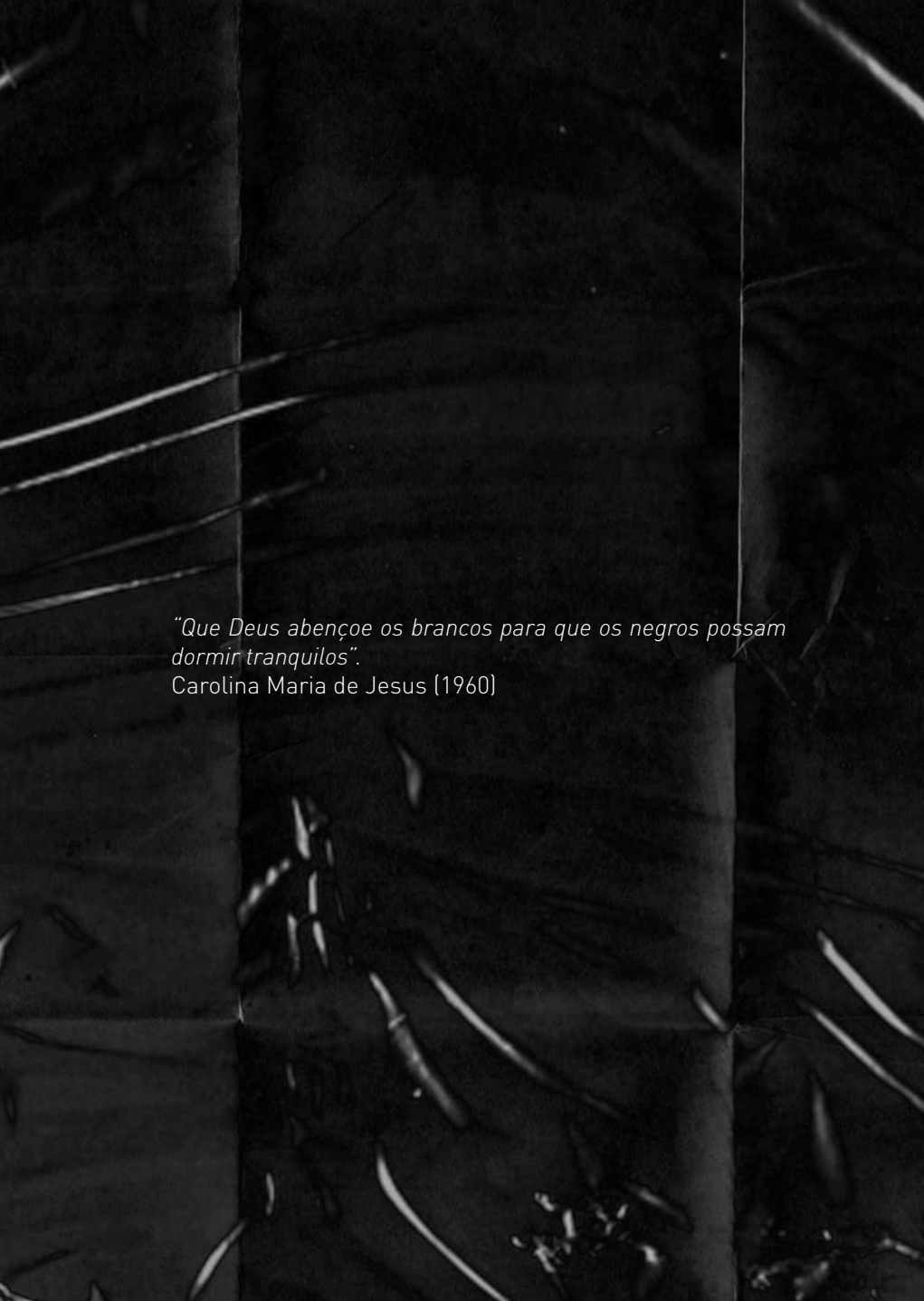
BURAQUINHOS
OU
O VENTO É INIMIGO DO PICUMÃ
Texto de Jhonny Salaberg
Guaianases / São Paulo
2016





Este texto é uma homenagem a todos os pretos e pretas executados nas periferias de todo o mundo. É uma denúncia ao genocídio da população negra. É um grito de socorro. É bandeira da paz que não é branca hasteada nos corações daqueles que carregam o poder.





"Que Deus abençoe os brancos para que os negros possam dormir tranquilos".
Carolina Maria de Jesus (1960)

1. O PRIMEIRO PÃO DO ANO

Em algum extremo da cidade, eu me levanto meio capenga em direção ao banheiro. É 1º de janeiro e ainda é possível ouvir o barulho dos fogos de artifício, sirene de viatura e a música "O que pensa que eu sou" da banda Djavú, que tocou 17 vezes na noite anterior. Eu contei. O que não contei foi a quantidade de copos de refrigerante que bebi. Já que ainda não posso beber cerveja, eu acabo caindo na frenética do Dolly. O cheiro da fumaça da churrasqueira permanece em minha roupa. Eu não me dou muito bem com festas. Todas as vezes que o carvão, a caixa de som e os engradados invadem a minha casa, eu me sento no quintal ao lado de minha avó que não suporta música alta. Fico observado minha tia dançar forró com uma cerveja na mão. Meu tio pilotar a churrasqueira com linguiça, asa de frango e carne de segunda. Crianças correndo e estourando bombinha no chão. Outras andando e olhando para os pés, vendo a luz vermelha piscar embaixo da sola dos sapatos novos. O vinagrete na vasilha de vidro azul cheio de moscas e o cachorro roendo o osso deitado no fundo do quintal. No banheiro, eu recapitulo todas as imagens em minha cabeça como num filme de trás para frente. Eu observo o cesto de lixo que está transbordando e imagino que o quintal deve estar muito pior.

Na cozinha, minha mãe está em frente ao fogão passando o café. A pia está cheia de louça. Na mesa, ao lado do vaso de flores artificiais, tem dois reais em moedas. Eu sei que a tarefa de ir à padaria é minha, todo o santo dia. As moedas de dez e cinquenta centavos estão encapadas com durex encardido. O sol que entra pela janela da cozinha ilumina o cabelo de minha mãe que, nesse momento, parece estar vermelho. A barra de sua blusa está úmida devido ao contato com a beira da pia. Seus dedos estão enrugados, mas firmes.

MÃE Vai ficar aí parado, é? Vai logo na padaria, menino!

EU Mas é preciso mesmo comprar pão hoje, mãe? Requenta qualquer sobra de ontem e pronto. Ainda tem Dolly ou já acabou?

MÃE Se você não for comprar esse pão agora eu juro que...

EU Tá bom! Tô indo...

Eu pego as moedas em cima da mesa e saio rumo à padaria. No meio do caminho, eu me lembro que é feriado e sou obrigado a andar cinco quadras para chegar na única padaria aberta. As ruas estão completamente vazias. O sol está forte e elimina todas as possíveis sombras que se pode ter. Uma viatura se aproxima de mim e passa bem rente ao meu corpo. Se passasse um pouco mais perto, seria possível me engolir com as suas rodas cheias de sangue. Lá de dentro, dois policiais me olham como se eu fosse o Osama Bin Laden nas ruas da periferia, pronto para jogar uma bomba dentro do carro. Eu entro na padaria e torço para que a viatura vá embora e não mais me encontre.

Me deparo com uma fila que eu não esperava. Há apenas um funcionário na padaria. Encosto no vidro do balcão gelado coberto com várias bolhas de água. O contato da minha pele quente com o vidro gelado traz uma sensação interessante. Há uma televisão suspensa na parede, parece ser dessas modernas que não tem botão, nem controle e, se duvidar, nem tomada. O jornal encaixotado anuncia a morte de cinco jovens negros na virada do ano. Chega minha vez na fila! Eu pego a sacola de pão e saio da padaria. As pessoas da fila parecem não escutar a televisão ou não se importar com a notícia. Afinal, em terra de fogos de artifício, quem ouve tiro é rei.

Na volta para casa, me deparo com a viatura vindo em minha direção. Um dos policiais está com os olhos fixos na sacola de pão. Eu diminuo os passos e observo as rodas da viatura capturarem toda a poeira do chão por conta do excesso da graxa. As folhas das árvores dançam vagarosamente com o vento.

POLICIAL O que você tem aí, menino?

EU Alguns pães que a minha mãe mandou comprar.

POLICIAL Mentira! Abre essa sacola aí!

EU Eu preciso voltar para casa, senhor, minha mãe está me esperando. Juro que é só pão.

POLICIAL Você tá surdo? Abre essa sacola, agora!

EU Senhor, eu preciso ir.

POLICIAL Aé? Vamos ver se você não vai abrir essa sacola agora!

O policial que está no banco do passageiro sai da viatura com a mão direita na arma pendurada em seu cinto. Eu começo a correr para o sentido contrário. Ele corre atrás de mim com toda a fúria que se pode ter. Os pães pulam dentro da sacola e eu os agarro em minha barriga. As folhas das árvores dançam agora com as tiras de rabiola que estão presas nos fios de eletricidade. Perto delas estão alguns pares de tênis amarrados pelo cadarço. Em rua de periferia, sempre tem muitos postes e muitos fios. As teias eletrônicas dão luz aos "gatos" que iluminam uma vila inteira. Eu avisto um poste com alguns buracos e começo a subir até chegar nos fios de eletricidade. Ele me olha lá de baixo com arma

apontada em minha direção. Eu corro nos fios tentando me equilibrar para não cair. Seguro a sacola cheias de pães com força e olho para os postes, existem muitos deles, vou correndo nos fios alcançando todos os postes que vejo. Eu olho para baixo e o vejo correndo com uma mão no cinto e a outra segurando a arma. Aqui começa a jornada para salvar esse pequeno corpo negro ambicioso, que corre com uma sacola de pães nas mãos. Por essas ruas, a saga é diária e é preciso ser ligeiro. Os pássaros voam ao meu lado tentando bicar os pães dentro da sacola. Por aqui, criam-se asas em dias de emergência. Os meninos pretos dessa terra nascem com ligamentos nas costas, ao lado das escápulas, são pequenas penas que se desenvolvem a medida que o perigo aumenta. As asas ajudam os meninos pretos a fugir do algoz branco e peitudo. Não se tem manual de instrução, o jogo pode começar em qualquer lugar e a qualquer momento. É preciso estar atento, pois as balas perdidas voam para todos os lados. Eu sigo correndo nos fios tentando me equilibrar entre a sorte e o azar.

2. SEBO NAS ASAS

Os pães dançam dentro da sacola como pulgas saltitantes no pelo do cachorro da vizinha. Consigo senti-los com as minhas mãos e os agarro para que não caiam no chão. Eu continuo fugindo da bala midiaticamente perdida, da bala que persegue o corpo magro, suado, pequeno e preto. A bala que tem por objetivo me perfurar, rasgando o tecido áspero e quente que se encontra perdido no imenso e assustador vazio. Eu corro para que não haja outro buraco destapado com sete palmas de choro de minha mãe ajoelhada na terra molhada. Eu corro para que as velas de casa sirvam para iluminar a cozinha em dia de falta de luz e não para me iluminar.

Eu corro assim, meio sem saber se vou chegar em casa, se vou comer meu pão, se vou à escola esse ano. Eu puxo todo ar que um menino pode ter nos pulmões para aguentar essa cidade feita de bonecos de chumbo, que insistem em nos arquivar nas velhas gavetas enferrujadas. Minha pisada é ligeira e sagaz feito rato que corre em esgoto aberto.

Meus pés se equilibram nos fios cheios de rabiola ligados aos postes do bairro. Eu corro pulando de fio em fio. A minha sorte é que os fios formam uma grande teia a cada poste que alcanço. A afiação elétrica da periferia são grandes bolos emaranhados que suportam a descarga das casas, mais conhecidos como "gatos". Por aqui, cada poste possui tetas metálicas que amamentam os chuveiros, as geladeiras e as grandes e plasmáticas televisões. Eu vou pulando de fio em fio, fugindo para o lado utópico do meu mundo. A cada pisada, o peso do meu corpo faz o fio balançar feito trampolim para baixo e para cima. Com esse impulso, vou cada vez mais longe. Às vezes, olho para baixo. Quero ter certeza que não estou num sonho. Quero me certificar que os pães ainda estão dentro da sacola.

Em casa, minha mãe varre o quintal juntando a poeira dos cantos das paredes, formando grandes punhados de terra. Ela sabe que a casa é velha e é preciso varrer no mínimo duas vezes por dia. Minha mãe é dessas certezas absolutas de um velho ancião fumando seu cachimbo. Ela sabe de tudo. Sabe que vai chover mesmo quando o céu explode o azul. Sabe que o cachorro da vizinha não vai vingar por muito tempo. Sabe que semana que vem o leite vai aumentar ainda mais. Ela só não sabe que, num instante, meu corpo vai ter tantos buracos quanto o muro que separa minha casa e o esgoto.

Eu continuo correndo nos fios de alta tensão onde só os pombos habitam. Há uma grande quantidade deles, é possível encontrá-los por todo lado. Alguns pelo menos dançam para compensar a falta de vento nas asas, outros se aquietam no meio do fio esperando a sorte de serem levados para as montanhas mais altas que um prédio de cinquenta andares. Eles depenam para alcançar. As montanhas da Bolívia são altas e assustadoras, quase que não consigo chegar. Correndo nos fios, observo uma fiação perfeita para poder pular. Pulo e vou tão alto que quase chego perto de Deus. As montanhas de La Paz são belas e parecem os bolinhos de chuva que minha mãe faz quando não temos o que comer. São marrons com as pontas brancas feito açúcar. Eu corro subindo as montanhas de La Paz como quem busca a medalha de ouro na Corrida de São Silvestre. Daqui de cima, é possível ver as casinhas amontoadas brigando por espaço. As casinhas vão diminuindo à medida que alcanço o topo da montanha. Pela primeira vez me sinto tão grande quanto os postes em que pulei. Consigo ver todo o horizonte bem rente à linha do meu nariz. As nuvens parecem estar mais perto e sinto que, se a montanha fosse um pouquinho maior, seria possível pegar as estrelas à noite. Olho para a sacola e percebo que perdi um pão, provavelmente deve ter sido no salto dos fios até aqui. Encontro uma mulher

vestida com uma saia rodada azul, até os tornozelos, uma bata vermelha com detalhes verdes, um tecido amarrado nos ombros e um chapéu com as abas viradas para cima. Ela tem cabelos pretos e olhos puxados. É uma *cholita*. Ela me olha surpresa e acena a cabeça em cumprimento. Observa os pães pulando dentro da sacola e sorri. Eu corro rasgando o céu com as minhas mãos, sentindo o vento passar entre meus dedos. Pego um pedaço de céu e coloco na sacola para poder compensar a falta do pão perdido. Eu sigo sem olhar para trás, mas sei que a *cholita* me observa com o sorriso no rosto, feito a criança que está nos seus ombros e que, só agora, tira a cabeça do tecido para poder me ver. *"Buena suerte ave pequeña, buena suerte"* – ela disse.

3. É PRECISO ESTANCAR O REAL E CAPTURAR A UTOPIA

Eu pulo da montanha com a coragem de uma formiga ao escalar uma árvore carregando um pedaço de folha. Eu pulo com a coragem de quem tem as asas remendadas. Minhas patas estão cansadas e minhas barbatanas sangram. Sou um pardal perdido em vento forte, pronto para mergulhar na primeira lagoa que vir e sair rastejando até onde se possa encontrar terra seca. Eu permaneço no silêncio de quem chora em cima de uma foto, desaguando os órgãos para poder hidratar a dor. Ele aponta a arma em minha direção e deixa jorrar a raiva metalizada do cano quente que perfura o meu corpo. Essa ferida aberta que agora pulsa em minha costela é o gatilho sem sentido de quem gosta de abatedouros. O tiro que perfura meu tecido é a mão que invade a galinha e arranca tudo o que sente com os dedos. Espaço se abre entre meus órgãos e uma forte corrente de ar passa por eles. Meu corpo desce desordenado girando feito manga mole do topo mais alto da montanha. Eu levei cinco tiros e com eles vem a certeza de que outras balas perdidas tentam me encontrar.

5

Caio sobre os fios e reconheço o lugar, estou na rua de baixo da rua de minha casa. Por aqui, as janelas emolduram mães, avós, tias, meninas e bebês lavando a louça pesada da festa de ano novo. Eu desço dos fios escorregando pelo poste, deixando uma grande listra vermelha. Corro na calçada sentindo os pães e meus rins balançarem no mesmo ritmo. É possível ouvir o barulho da bota pisando no asfalto e as fivelas do colete se chocando enquanto ele corre atrás de mim. Eu continuo correndo com o ar solto na barriga e preso na garganta. Arranco um dos meus rins e guardo na sacola para que não caia no chão. Avisto um bueiro aberto a vinte metros e não penso duas vezes em me esconder. Sou um tatu que avista com sagacidade a oca recém construída. Eu pulo dentro do bueiro e caio num encanamento escuro e apertado. Começo a descer, o encanamento que parece ser infinito. O cheiro é forte e avassalador. Também pudera, com todas as carnes nos becos e vielas, elas têm que escorrer para algum lugar. Por aqui não existe urubu, não se tem meio de sobrevivência, o sol faz o favor de dissecar todos os tecidos estendidos no chão, antes que eles cheguem.

O ritmo da descida diminui à medida que se chega ao fim do encanamento com saída para um quarto escuro e abafado. Observo a grade de ferro que direciona o pouco da luz que ilumina um caixão deteriorado e sujo. Percebo que estou dentro de um túmulo e empurro a grade para poder sair. Os túmulos de Santa Rosa, na cidade de Lima, no Peru, são pequenas caixas de fósforo que lutam por espaço com seres vivos e seres mortos. Há grandes muros com quadrados de azulejos coloridos, cada quadrado contém os restos de alguém, talvez sejam as carnes estendidas no chão da viela onde eu moro. Por aqui as casas são túmulos e os túmulos são casas, não há diferença. Nesse lugar, a vida após a morte faz tanto sentido quanto um vaso de flores amarelas que eu esbarro sem querer quando tento pular o túmulo de

uma senhora. Por essas terras, há casas para descanso e casas à procura de descanso. Pedras que se misturam com pedaços de ferro e azulejo, que se transformam em casas, que cobrem pessoas, que seguram bebês, que mamam em seios de gesso. Os pequenos peruanos sabem que não podem habitar por muito tempo o lombo da mãe. Logo terão que descer e enfrentar outros seres perdidos. As casas são portais mágicos onde se pode sentir o gostinho da morte. Os seres vivos andam, dormem, comem, defecam, choram, gargalham, conversam - e tudo a que têm direito - com os seres mortos. Eles dividem o espaço que, por lei, não pertence a nenhum deles.

Eu corro por entre os corredores estreitos e curtos cheios de olhares curiosos. É difícil diferenciar as janelas e as lápides. Os grandes muros vão se apertando à medida que eu corro entre eles. As fotos dos seres mortos me olham com piedade e simpatia. Juntos, tentam me esconder o máximo possível para que ele não me encontre. As lápides soltam rangidos e mudam de cor enquanto conversam.

LAPIDE 1 *¿Ahora, que hacemos nosotros?* (E agora, o que faremos?)

LAPIDE 3 *¿Cómo así, que hacemos nosotros? Nada hay que podemos hacer.* (Como assim, o que faremos? Não há nada que possamos fazer).

LAPIDE 2 *Lo está en peligro, tenemos que ayudar.* (Ele está em perigo, temos que ajudar).

LAPIDE 3 *Mucho hemos hecho nosotros mientras cuerpo en vida, si los vivos nada hacen para ayudar, no seremos nosotros que iremos hacer.* (Muito fizemos enquanto corpo em vida, se os vivos não fazem nada, não somos nós que iremos fazer).

LAPIDE 4 *Los seres vivos están muertos mi señora, somos más vivos que ellos.* (Os seres vivos estão mortos, minha senhora, somos mais vivos que eles).

LAPIDE 3 *¡Mira quién viene a hablar! Pepe Borracho, que si emborrachaba en el bar de la esquina.* (Olha quem fala! Zé Pinguço, que enchia a cara no bar da esquina).

LAPIDE 5 *Personas, nosotros tenemos que ayudar.* (Pessoal, temos que ajudar).

LAPIDE 3 *Se quieren ayudar, ayuden. Yo no voy mover incluso un grano de ceniza para acoger a la gente intrusa.* (Se querem ajudar ajudem. Eu não vou mover um único grão de cinza para acolher gente intrusa).

LAPIDE 1 *Esta murió ahogada en la angustia, estaba atascada en deudas, debía al alma. ¡Pobretea!* (Essa morreu afogada na angustia, estava atolada em dívidas, devia a alma. Pobrezinha!).

LAPIDE 3 *¿Que dijiste tú?* (O que você disse?).

LAPIDE 2 *Mientras viva era yo, vi a morir mi hijo en mis brazos. Ni por eso deje se convertir en piedra mi corazón.* (Quando era viva, vi meu filho morrer em meus braços. Nem por isso deixei o meu coração virar pedra).

LAPIDE 4 *¿Será alguien tiene alguna garrafa salva en el lado del lado, o nadie ha recordado de pedir a su familia?* (Será que alguém tem uma garrafa guardada aí do lado ou ninguém lembrou de pedir à família?).

LAPIDE 1 *¡Arre, Pepe Borracho! Escuché que el dono del bar viene para recoger su cenizas e dar de comida a su perro. Ello está furibundo por el señor ha viajado debiendo más de media vida.*

(Ô, Zé Pinguço, ouvi dizer que o dono do bar está vindo para pegar as suas cinzas e dar pro cachorro comer. Ele está furioso porque o senhor viajou devendo mais de meia vida).

LAPIDE 5 *¡Podemos volver a o asunto? Ello tiene miedo.* (Podemos voltar ao assunto? Ele está com medo).

LAPIDE 2 *Yo también tendría miedo se estuviera corriendo con un riñón que balancea.* (Eu também teria medo se estivesse correndo com um rim que balança).

LAPIDE 3 *Eso es su problema. Nada tenemos con eso. ¿Lo que piensan que somos nosotros, sus abogados? Yo soy una señora de setenta e tres años de edad. Setenta años con vida e tres años sin vida. He enfriado hace poco. ¿Quieren ya que yo vuelva a la trabajar?* (Isso é problema dele. Não temos nada com isso. O que pensam que somos, seus advogados? Eu sou uma senhora de setenta e três anos de idade. Setenta anos com vida e três anos sem vida. Esfriei faz pouco tempo. Querem que eu já volte a trabalhar?).

LAPIDE 5 *¡Ello necesita alguna ayuda!* (Ele precisa de ajuda!).

LAPIDE 1 *¡Ándale, ándale! Abran espacio para que pueda entrar.*(Vamos, vamos! Abram espaço para ele entrar).

LAPIDE 4 *Yo ayudo si alguien me trae una bebida después.* (Eu ajudo se alguém me trouxer uma bebida depois).

LAPIDE 3 *Si no para de me fastidiar a mí, juro que encontraré una manera de bailar con el viento, llegar a su lápida sepulcral e atascar su corriente de aire.* (Se você não parar de me encher o saco, juro que encontrarei uma maneira de dançar com o vento, chegar à sua lápide e tapar a entrada de ar).

LAPIDE 5 *¡Gente, por favor, escucha me, necesitamos abrir espacio para que ello pueda entrar. Abajo a mi lápida sepulcral hay un camino que puede llevar a ello para dentro de mi vieja casa.* (Gente, por favor, me escutem, precisamos abrir espaço para que ele possa entrar. Embaixo da minha lápide há um caminho que pode leva-lo para dentro da minha velha casa).

LAPIDE 1 *¡Si, si! Debemos abrir espacio. ¡Siento me tan útil!* (Sim, sim! Devemos abrir espaço. Sinto-me tão útil).

LAPIDE 3: *¿Ustedes están volviendo locos? Después, no digan que no los dice yo.* (Vocês estão ficando loucos, depois não digam que eu não avisei).

LAPIDE 4 *¿Porque no queda a su queja e ayuda a nosotros?* (Por que não para de reclamar e nos ajuda?).

LAPIDE 3 *¿E porque pide a nosotros que juguemos en sus cenizas un barril de cachaza?* (E por que pede que joguemos cachaça nas suas cinzas?).

LAPIDE 2 *¡Expedición, gente, por favor, expedición!* (Encaminhamento, gente, por favor, encaminhamento!).

LAPIDE 5 *¡Vámonos, Pepe, va un poquito más a derecha. Tu señorita, que perdiste a tu hijo, abra espacio a la izquierda e los otros van para cima.*(Vamos, Zé, vá um pouco mais à direita. A senhorita, que perdeu o filho, abra espaço à esquerda e os outros vão para cima).

LAPIDE 1 *¡Vámonos, vámonos!* (Vamos, vamos!).

LAPIDE 3 *¡Ay, no me empuje!* (Aí, não me empurre!).

LAPIDE 5 *Un poquito más. Vamos a conseguir.* (Um pouquinho mais, vamos conseguir).

LAPIDE 3 *Voy a ser obligada a ceder, se no yo me convertiré a mí misma en escombros. ¡Infierno! ¡Infierno!* (Vou ser obrigada a ceder, senão viro entulho. Inferno! Inferno!).

LAPIDE 2 *¡Santa Madre de Dios, este lugar es apretado! Si no pasa logo este chico, podemos nos convertir en una misma lapida sepulcral.* (Nossa Senhora, que lugar apertado! Se ese garoto não passa logo, é capaz de a gente virar uma só lápide).

LAPIDE 1 *¡Pasa chico, pasa!* (Passa garoto, passa!).

LAPIDE 5 *¡Dígale a ello que siento nostalgia!* (Diga a ele que sinto saudade!)

LAPIDE 4 *No si olvide del pan...* (Não se esqueça do pão).

As lápides abrem caminho e entro no espaço escuro e pequeno onde só consigo ver uma mesa com uma vela em cima. Aos poucos a vela vai iluminando um armário vazio, uma cama desarrumada e um filtro de barro. Na cama há um senhor cabisbaixo sussurrando algo. Ele segura um retrato com as duas mãos, olha para mim e se levanta. Cabelos brancos, roupas surradas. Em seu olhar, o brilho mais aguado que eu já vi na vida. Ele sorri para mim e balança a cabeça em aprovação, apertando a foto contra o seu peito. Depois me mostra o retrato velho e sujo de uma moça linda sorrindo atrás de um ramo de flores. Eu olho a foto por um tempo e percebo que a moça é uma das senhoras das lápides, que ofereceu sua antiga casa como refúgio. O velho beija o retrato, coloca em cima da mesa, pega uma xícara

com um pouco de café requentado e pousa em minha frente. Eu bebo o café e sinto o cheiro do pó marrom que minha mãe está fazendo em casa. Eu abro minha sacola e percebo que perdi mais um pão. Fecho os olhos para sentir o silêncio que se instaura no quarto, o silêncio que reina por toda cidade. Por aqui, moradia é sinônimo de bem-estar. Nada importa viver ao lado daqueles que já viajaram, a troca de experiência é o alimento para que a bombeamento de uma cidade-corpo se estabeleça. O velho segue sussurrando e olhando para foto enquanto eu bebo o café. O caldo preto e sem açúcar desce pela minha garganta, passando entre os vãos abertos em meu corpo, até sair por um buraco abaixo do meu umbigo. Tomo outro gole de café e o líquido continua saindo pelo buraco. Pego um pedaço do punhado de céu que está dentro da sacola e tampo o buraco, impedindo que o café escorra e manche todo o chão. O pedaço de céu me faz sonhar de olhos abertos feito um pássaro que toma liberdade. Vejo uma porta bem pequena entreaberta ao lado da cama. O senhor me olha com um sorriso tímido no canto da boca e abre a pequena porta que emana um raio muito forte de luz. Eu vou até a porta, me abaixo e tento colocar a cabeça para fora. As nuvens me puxam e me tomam por completo. Marco minhas digitais sujas e pretas nas leves e brancas nuvens. O velho me observa. Agachado dentro do quarto, ele acena e fecha a porta. Nesse momento, eu sou a pena preta da galinha que foi usurpada aos poucos. Eu sou aquilo que não se vê e o que se perde. Eu sou a bola de futebol que vai parar em cima do telhado. Quem sabe amanhã eu possa acordar e voar tranquilo sem saber para onde ir. O vento passa pelos meus buracos e o sangue vai secando aos poucos, feito a barra da blusa da minha mãe. Sei que o café em casa está pronto e, na sacola, eu tenho três pães, um pouco de terra, um punhado de céu e um rim.

4. PONTO POR PONTO

Eu corro. Corro mais. Corro mais ainda. Corro mais rápido. Corro passando por cima das minhas pernas. Corro tentando encontrar um refúgio. Corro porque é a única opção que eu tenho nesse primeiro dia do ano que eu não sei se é o último. Corro porque o café está me esperando. Corro porque em casa tem álcool e algodão e sei que minha mãe vai sarar esses buracos. Corro porque as minhas asas já não funcionam mais. Corro porque a boca do mundo tenta me engolir à medida que eu digo: NÃO! Corro porque tenho que costurar meu rim ainda hoje. Corro porque ele está atrás de mim e está atirando na minha direção. Corro porque eu sou preto. Corro porque as balas perdidas correm mais rápido que eu. Corro porque o dedo no gatilho se mexe mais do que os meus pés. Corro porque acabei de levar um tiro. Corro porque acabei de levar outro tiro. Corro porque é mais um tiro. Corro e mais tiro. Mais tiro. Mais tiro. Mais tiro! Corro porque, até aqui, eu já levei a minha idade de tiros.

12

Em casa o Roberto Carlos se calou e o silêncio tomou conta. Nesse momento, minha mãe está sentada na mesa pintando as unhas com esmalte vermelho, acetona e algodão. Ela diz que as unhas são como os cabelos, é preciso cuidar sempre. Ela pousa o vidro de esmalte na mesa e vai até o portão para ver se eu estou chegando. Ela olha a rua completamente vazia, levanta e sobrancelha esquerda, leva as mãos ao peito e suspira lentamente com um olhar preocupado. Entra em casa e percebe que o café já está morno, a garrafa térmica não é das melhores. Ela volta para a mesa, pega o esmalte, tira o pincel, remove o excesso de tinta na borda do vidro e passa nas unhas. A tinta escorre nos meus braços tampando os buracos mais fundos, eles são os mais prejudicados. Dos doze tiros, seis entraram feito flecha. Ela passa o esmalte nas unhas pincelando os meus buracos devagar para que a tinta não escorra. A camada é fina e vai se desmanchar em pouco tempo. Minha mãe sabe que dessa vez as unhas não irão ficar tão bonitas quanto das outras vezes. A essa altura é possível sentir o cheiro do esmalte, da acetona, do pó das botas dele e do sangue. Os buracos dos meus braços agora estão levemente encapados com a esperança vermelha de minha mãe. O vidro de esmalte já está quase no fim e o meu corpo também.

Eu corro ao lado de um córrego sujo, ao fundo tem um muro pichado tapando o horizonte e o pôr do sol. Não se tem saída para o outro lado. Os poucos raios de sol atrás do muro iluminam as pegadas pretas nas nuvens em que eu corri. Ele continua correndo atrás de mim e sinto que o tempo está se esgotando. Eu jogo minha sacola do outro lado do muro e mergulho no córrego feito um peixe de patas ligeiras fugindo das redes cheias de queijo. Nada dá para ver dentro do córrego, tudo está embaçado e as minhas barbatanas têm dificuldade para desviar das garrafas pet, sacolas, sofás, geladeiras e corpos em decomposição. Eu nado sentindo as quinas das coisas baterem em meus pés e o barulho dos tiros na água suja.

Nado até a superfície do córrego e encontro outro corpo parado me olhando de cima para baixo. É uma menina. O tom de pele é igual ao meu. Ela usa um vestido rosa muito sujo, está descalça e com os cabelos amarrados em duas partes. Parece que tem a mesma idade que eu, bebe o mesmo café, tem a mesma mãe, segura a mesma sacola e parece estar cansada tão quanto eu. Ela me ajuda a sair do córrego e me olha por um tempo, um olhar curioso de quem nunca viu um menino molhado cheio de buracos pelo corpo. Ela me entrega a sacola, olha nos meus olhos e sorri. Ao redor tem uma grande quantidade de casas construídas com barro, madeira e folhas de bananeira. Corredores rasgam a pequena cidade de Sité Soleil que se expande nas águas sujas e o afeto descartável daqueles que saem e não voltam. As crianças da cidade correm descalças pelo barro batido feito de sangue e miséria. Parece até o meu bairro em época de chuva. Mas aqui não precisa de água para poder resistir, aliás, é a falta dela que faz que as mulheres e crianças saiam todos os dias com galões na cabeça à procura de gotas para beber, fazer comida, lavar as roupas e hidratar os peixes ligeiros que vivem nos córregos da cidade. Por aqui, o lixo é comum feito os fios emaranhados nos postes do meu bairro.

Ela segue sorrindo para mim e eu fico sem jeito e sem ter o que falar. Uma mulher com um vestido marrom e um lenço na cabeça aparece na porta de uma das casas, olha para mim com curiosidade e diz:

MULHER *Pitit fi vini andedan!* (Filha vem para dentro!).

MENINA *Gade ki moun mwen te jwenn, manman. Li sanble ke li te pèdi.* (Olha quem eu encontrei mãe. Ele parece estar perdido).

MULHER *Kouman pou sa? Ki moun ki ti gason sa a?* (Como assim? Quem é esse menino?).

MENINA *Mwen pa konnen, li te kite rivyè a. Mwen pa konnen ki kote li te soti nan oswa kote li paral*. (Eu não sei, saiu de dentro do rio. Não sei de onde veio nem para onde vai)

MULHER *Vini non pitit fi. Ou bezwen ale jwenn dlo pou mwen.*(Venha cá, filha. Você precisa buscar um pouco de água para mim).

A menina pega em minha mão e me leva para dentro de sua casa. A mulher me olha com curiosidade e simpatia, me oferece um banco de madeira para sentar, pega um galão azul e entrega a menina que sai e fecha a porta. A casa só tem um cômodo, que abriga toda a família, duas redes, uma cama, um armário com restos de comida, um colchão amarrado e uma trouxa de roupas. Na parede tem um quadro escrito "Mwen renmen ou Ayiti" (Eu te amo, Haiti). A mulher observa os meus furos e suspira com pesar.

MULHER *Ki moun ki te fè sa aou ti gason?* (Quem fez isso com você, menino?).

EU Desculpa, mas eu não entendo a sua língua.

MULHER E por que não disse antes? Desculpe, me chamo Yaritza.

EU Eu me chamo... mas como consegue entender o que falo?

MULHER Meu marido mora no Brasil, ele me manda algumas cartas em crioulo e em português. Não sei ainda muito bem todas as palavras, mas aos poucos eu vou aprendendo.

EU Onde ele mora?

MULHER Acho que se chama... Guaianazes.

EU É o bairro onde eu moro. Saí de lá essa manhã e não sei se volto.

MULHER Porque, está perdido? Por aqui não tem esse luxo de ir e voltar, ou a gente fica e aguenta o tranco ou vai e não volta. Eu logo mais estou indo para o Brasil, meu marido diz que as coisas por lá também estão ruins, mas pior que aqui no Haiti não deve ser.

EU Estou fugindo de um policial que quer me matar. Já me acertou na barriga, nos braços e nas costas. Os meus buracos estão muito grandes e corro o risco de perder mais órgãos...

Eu sinto alguma coisa escorrer em meu corpo, é um dos meus pulmões. Ele sai pelo buraco da minha costela, escorrega pela minha barriga e pousa em minha coxa, eu o pego e coloco dentro da sacola. A mulher me olha assustada e deixa uma lágrima escorrer em sua pele preta marcada pelo sol. A menina abre a porta da casa, pousa o galão de água e me olha também assustada. A mulher se direciona até uma gaveta, pega uma linha e uma agulha e se senta na cama. Ela prepara a costura. O fio passando no buraco da agulha me faz arrepiar. Ela me deita na cama e começa a costurar alguns dos meus buracos. A agulha passa em minha pele fazendo outros buraquinhos para que mais órgãos não escorram. Nesse momento começa a chover em Sité Soleil e em pouco tempo a água invade o pequeno cômodo. A mulher e a menina sobem em cima da cama para escapar da água infecta. A mulher se equilibra com a agulha na mão costurando a minha pele, tentando prender os buracos abertos. A água começa a subir, o cheiro entra

correndo pelo nariz. Ela dá o último ponto e me coloca na rede. Minha visão vai ficando embaçada e adormeço em meio a água batendo na parte de baixo da rede. Com uma vassoura na mão e a coragem no peito, a menina joga a água para fora da casa à medida que a chuva vai baixando. Os pés dos móveis estão molhados e sujos de lama. A casa se torna a proteção mal-acabada de uma terra-lama sem nome e endereço.

MENINA *Manman, ki kote braslè ou a?* (Mãe, cadê o seu relógio de pulso?)

MULHER *O Bondye mwen!*(Ai meu deus!)

O relógio apita dentro da minha barriga. É hora de acordar e continuar correndo.

5. O VENTO SABE ESPANTAR O QUE NÃO LHE AGRADA

O tempo que corre junto comigo me abraça pelas costas e, pelo meu cangote, acompanha a visão de quem não o vê por perto, não sente seu cheiro, não dança, não sorri, não chora, não economiza, não se estende, não se desespera, não organiza, não perde, não ganha, não come, não vomita o espaço que ele tem. Nesse momento, ele é a ampulheta e a espingarda do caçador. Ele gruda em minha pele feito carrapato e faz questão de me avisar que está se esgotando junto comigo, vibrando e apitando ao lado do meu fígado, que dorme sem saber o que está acontecendo. Eu corro à medida que o apito do relógio vai ficando cada vez mais forte. Com a mão firme na sacola que carrega pães, terra, rim, céu e pulmão, eu vou escorregando da rede esperançosa da costureira e caio nas nuvens, onde os sonhos ficam presos até que alguém os capture. Há muitos sonhos perdidos e outros entediados a procura de melhores ideias. Eu avisto meu sonho preso num punhado de nuvem, chego perto e tento pegá-lo. O sonho desaparece e reaparece atrás de mim feito mágica. Eu tento tocá-lo novamente e mais uma vez ele não me abraça, foge de mim como zebras fogem do leopardo, desaparece e aparece alguns metros à frente. Eu tento pegá-lo mais algumas vezes sem sucesso. Desisto e fico admirando de longe sua estadia no campo de concentração branco e aparentemente macio.

Andando nas nuvens, percebo que a cidade daqui de cima é brinquedo para aqueles que tem permissão para brincar. Quase que consigo tocar os prédios, as torres, as poucas árvores, os soldados vestidos de cinza carregando blocos e cimentos para lá e para cá, os carrinhos, as motocas, os rios pretos e os bonequinhos perdidos. As nuvens não são as mesmas dos sonhos guardados em minha cama, estes que, a essa altura já, devem estar murchos e sem vida. As nuvens não são tão macias, os sonhos vazios as deixam mais firmes e carregadas. Elas margeiam a cidade com linhas

verticais. Os bonequinhos perdidos lá embaixo deixam os sonhos abandonados no bolso do casaco, dentro do sapato, entre os travesseiros, no meio da carteira de trabalho, no banco preferencial, pendurado na janela do ônibus, no ovo mexido da marmita e nos olhos cansados dentro de carros que andam sobre os trilhos. Como balões desordenados, eles sobem para as nuvens e esperam o dia da chuva de meteoros "acanetados" que assinarão contratos de morte aos bonecos perdidos.

Daqui de cima é possível sentir o cheiro da poeira que o trem levanta quando passa pelos trilhos rasgando a cidade de Nairobi em duas partes. Os trens que passam pelos trilhos carregam as cores dos pichos que vão se desbotando com o tempo, as cores dão lugar à outras cores. Eu ando nas nuvens tentando encontrar uma brecha de algum sonho perdido para poder descer. Encontro um balão amarelo preso num pedaço de nuvem, arranco com força e desço pelo buraco que se abre. Vou descendo devagar segurando o balão com a mão direita e a sacola com a mão esquerda. Observo os pássaros magros e depenados que voam ao meu lado. Eles me rodeiam com as asas abertas e o bico ereto. Rasgam as nuvens num piscar de olhos e descem de vez em quando para descansar e procurar as penas perdidas. O balão que me sustenta vai descendo devagar na direção de um trem que percorre os trilhos. Eu pouso meus dois pés cansados na lataria do trem, seguro uma barra de ferro e me sento em cima do tampo de um dos vagões. É possível ver os telhados das casas encapados com lona desgastada e folhas de bananeira. Eu solto o balão que voa pelo céu e que só agora me apresenta sua legenda: *"Kenya ni katika moyo wangu"* (Quênia está no meu coração). O trem segue colorindo as casas cinzas e encapadas que margeiam os trilhos enferrujados e cheios de terra. As cores vão se espalhando pela cidade à medida que o trem corre tentando

alcançar o horizonte. Elas se desgrudam do trem e se espalham nas casas como uma grande manta de retalhos. As ferragens descascadas do trem vão aparecendo e o horizonte vai ficando cada vez mais longe. Eu me seguro na barra de ferro sentindo o vento passar pelos meus buracos, que só agora percebo: estão novamente destampados. A camada de esmalte vermelho se desfaz, voa e colore o poste de luz de uma estação ferroviária antiga e abandonada. Por aqui, tudo parece estar esquecido. Não fossem as cores do trem, a cidade se afundaria na terra.

Eu tento me equilibrar em cima de um dos vagões firmando os meus pés numa chapa de ferro antiderrapante. O vento que bate na sacola é muito forte e quase que a perco. Eu abro os braços com cuidado ainda tentando me equilibrar. O vento passa na velocidade da luz pelos meus buracos, entrando sem cor nenhuma e saindo pelas minhas costas com o absoluto vermelho do meu sangue, que vai-se embora junto com o meu sonho, que ficou lá atrás. Nesse momento eu sou uma máquina retinta humana pronta para pintar de vermelho todos os horizontes que já se passaram. Os poucos pássaros magros que voam por perto dançam em meio ao vento misturado com sangue. Eles se tingem de vermelho e ganham o céu. Tentam capturar os sonhos que sobem para as nuvens. Continuo com os braços abertos, o vento passa cada vez mais forte. Ouço o barulho de pegadas pisando com força nas ferragens do trem e não tenho dúvida de quem seja. Ele atira em minha direção. O primeiro tiro acerta a lataria do trem, o segundo tiro acerta a sacola, de onde despenca mais um pão, o terceiro tiro me acerta no ombro, o quarto, na minha mão esquerda e o quinto passa por cima de mim, rente a minha cabeça. Corro em cima do trem com toda a força que me resta, pulando os vãos entre um vagão e outro. Ele continua atirando e pisando firme na lataria do trem. O relógio apita mais uma vez e minha barriga vibra acordando os

outros órgãos. Ele me acerta no tornozelo, o sangue começa a jorrar, tropeço em um vão aberto em cima do trem e caio em um dos vagões. Meu corpo bate no chão do vagão feito saco de cimento em rua de barro. Permaneço no chão até conseguir levantar e olhar todo o vagão vazio e pichado. Os bancos são verdes e as janelas quebradas, restam poucos vidros inteiros. Olho para trás e visualizo toda a extensão desse trem que parece ser cada vez menor. O relógio apita novamente e mais uma vez minha barriga vibra. Olho para a sacola e percebo que, a essa altura, já não me resta mais nenhum pão. O relógio continua apitando e sei que o tempo está se esgotando. O pão que minha mãe espera é a dúvida do retorno de alguém que só foi à padaria. Eu olho para o meu corpo e conto os meus buracos.

15

Eu ando mancando pelo vagão observando a paisagem pelas janelas. As casas bem perto da linha do trem são as primeiras a receber a revoada de tinta que sai dos vagões. O rangido das ferragens se mistura com o assovio do vento forte e o estalo dos galhos das árvores que encostam no trem.

Continuo atravessando os vagões vazios e estreitos. Paro e observo a imagem mais assustadora que vi desde que saí de casa: num dos vagões há vários meninos pretos. Muitos estão em pé, outros sentados e deitados. Eles seguram bolsas, sacolas, mantas, redes, mochilas e cestas. Eles me olham assustados e ofegantes, todos eles têm buracos pelo corpo. Eu paro e os observo bem detalhadamente, alguns têm buracos um pouco maiores do que os meus, outros estão com buracos concentrados em uma parte do corpo. Alguns adormecem nos bancos sentindo o vento bater no rosto, outros permanecem de pé olhando para as janelas. O vento que rasga o horizonte espanta o picumã nos cantos das janelas, nos vãos dos bancos, nos galhos das árvores e nas barras de ferro. O vento é inimigo do picumã quando o alvo cria pernas e foge. O vento é inimigo do picumã quando os carros com rodas cheias de sangue capturam sonhos nas ruas. O vento é inimigo do picumã quando ratoeiras são colocadas nas portas das escolas, nos portões das casas, nas vielas escuras, no supermercado, nos bancos, no trem e nas padarias.

Nesse momento, meu inimigo é o vento que entra rasgando vagão adentro, atirando para tudo quanto é lado, sem se preocupar com a quantidade de buracos que vão se abrir. Vento esse que avança com um só objetivo: exercitar o dedo indicador direito apertando o gatilho em direção a sonhos que nem sequer se desenvolveram, sonhos recém-nascidos que, depois de baleados, sobem para as nuvens à procura de novos corpos. O vento que agora atira em minha direção é o chicote remendado que dança nas minhas costas.

6. O ENCONTRO DAS ORIGENS

Dentro do vagão, os meninos correm em direção contrária, enquanto os tiros fazem a festa perfurando os tecidos, vidros e sonhos. Eu me abaixo e tento me esconder em um dos bancos descascados. Os meninos pretos continuam correndo, tentando desviar das balas e pular do trem em movimento pelas janelas. Ele segue atirando como quem joga pedra no rio, mas aqui, a realidade sólida abre espaço para que a bala não mergulhe e fique escondida, ela desacelera na lataria, nas barras de ferro e nos corpos dos meninos pretos provocando mais um dos tantos buracos. Os meninos vão caindo no chão feito pássaro baleado em fazenda, um por um. Embaixo do banco, eu permaneço de bruços sentindo o relógio apitar e pular dentro da minha barriga. O tempo está se esgotando e tudo diz que dessa vez não vai ter prorrogação. Ele continua atirando e a revoada de asas sangrentas dos meninos pretos diminui.

O **PRIMEIRO TIRO** ACERTOU A ESPERANÇA DE UM HAITIANO.

O **SEGUNDO TIRO** PERFUROU A FORÇA DE UM CUBANO.

O **TERCEIRO TIRO** ENTROU NA COSTELA DE UM ETÍOPE.

O **QUARTO TIRO** DECEPOU A ORELHA DE UM LIBERIANO.

O **QUINTO TIRO** ENCONTROU O OMBRO DE UM MOÇAMBICANO.

O **SEXTO TIRO** ACERTOU A CORAGEM DE UM JAMAICANO.

O **SÉTIMO TIRO** PERFUROU O RIM DE UM NIGERIANO.

O **OITAVO TIRO** RASGOU A SAUDADE DE UM GANÊS.

O **NONO TIRO** DESTRUIU A CHANCE DE UM ANGOLANO.

O **DÉCIMO TIRO** ME ACERTA NO PEITO E ABRE MAIS UM DOS TANTOS BURACOS EM MEU CORPO.

16

O trem diminui a velocidade e as portas vão se abrindo. Os meninos permanecem no vagão tentando recolher o pouco de força que lhes resta. Eu me levanto com todo o esforço, saio do vagão e continuo correndo. Eu preciso chegar em casa, eu preciso acordar amanhã cedo, eu preciso correr mais rápido que o relógio. Passarinho que sonha e leva tiro, sabe o coração que tem. Eu saio do vagão e piso no asfalto da minha rua ainda vazia, todas as janelas estão fechadas e o sol rasga o céu numa temperatura que dói nos órgãos. Eu corro na direção da minha casa sem olhar para trás, mas sei que ele ainda me persegue.

Minha mãe está em pé em frente à pia escolhendo feijão. Ela coloca um punhado de grãos de um lado e vai passando pouco a pouco para o outro lado. Tira os grãos amassados e queimados. Pequenas pedras se misturam no meio deles, é preciso tirar. Em cima do fogão há uma panela de pressão, um bule e um fósforo. A água que ferve na panela de pressão borbulha jatos de vento jorrando fumaça pela cozinha inteira. A máquina de lavar trabalha sem descanso no quintal. Soa o tec trec em potência não tão máxima assim para lavar o pouco de dignidade que nos resta. Minha mãe suspira escolhendo o feijão. Olha para janela de dez em dez segundos. Ela olha o céu, coloca a mão no peito e respira fundo. Termina de escolher o feijão, coloca na panela, fecha e deixa a incerteza cozinhar em fogo alto. As nuvens do céu vão desaparecendo e junto com elas os sonhos perdidos. Por aqui, não se tem certeza de nada. Cada dia é um dia e cada tiro é um tiro. O feijão borbulha, borbulha, borbulha... a panela apita e o relógio dentro de mim também. O som dos apitos ecoa por todo o bairro, que abre as janelas para ver o que se passa. A panela apita. O relógio apita. O feijão borbulha. O meu corpo vibra. O fogo alto do fogão dança embaixo da panela e o sol em minha cabeça. O pino que grita voa da tampa e o relógio para de apitar. Os ponteiros se mexem bem devagar em sentido horário. É preciso ter cuidado para que o feijão não passe do ponto. As janelas do bairro agora estão cheias de olhares curiosos vendo o rastro vermelho fixar no asfalto. Alguns cochicham, outros permanecem calados. O rastro de sangue que se estende por toda a rua é o xeque-mate de uma partida de xadrez sem acordos. Minhas asas estão caídas e não alçam voo, os bueiros estão destampados, os fios de eletricidade parecem estar mais altos, o córrego está longe e o refúgio também. O feijão está pronto. O relógio marca meio-dia. O sol corre para o meio do céu e me observa atentamente. Eu preciso chegar em casa e deixar a sacola de órgãos em cima da mesa que, nesse momento, contém um sonho perdido, um pouco de terra, um rim, um punhado de céu e um pulmão.

7. DISRITMIA

Ele corre atrás de mim como um leopardo corre atrás de sua presa. Um leopardo albino correndo atrás de um búfalo, uma pantera negra, um veado. Estamos a vinte metros de distância, mas é espaço suficiente para me acertar. Atirar várias vezes em minha direção e me matar. Por nossas cabeças, o sol reina queimando. O sangue escorre no asfalto criando raízes nos beirais das calçadas. Meu chinelo arrebenta e sinto o peito do pé esquerdo queimar. Ele me acerta com um tiro nas costas abrindo mais um buraco junto ao buraco no meu peito

17

Meu coração escorre pelo buraco e pousa em minhas mãos. Ele pulsa nos meus dedos, entrelaçado entre as veias finas e desbotadas. Eu tento recolocar em meu peito, mas a largura do buraco não deixa ele criar raízes dentro de mim. Eu o pego com as duas mãos e continuo correndo. Os olhares curiosos colocam as cabeças para fora das janelas. A imagem de um menino negro correndo com o coração nas mãos é de se guardar na memória e nunca mais esquecer. O coração continua pulsando em minhas mãos e eu tento correr cada

vez mais depressa. O sangue vai tomando conta da rua inteira. Tudo que tem dentro da sacola vai caindo pelo buraco que se abre no fundo. Eu puxo todo o ar do meu corpo e sopro o coração que sai voando, tentando se equilibrar. Ele me alcança e atira várias vezes. Atira! Atira! Atira sem dó nem piedade. Me vira de barriga para cima e mais tiros. Mais, mais, mais, mais, mais tiros! Mais tiros! Mais, mais, mais, mais tiros! Mais tiros! Mais tiros! A cada tiro meu tronco salta do asfalto como se pedisse socorro a Deus. Se isso fosse uma cena de novela e tivesse uma câmera em um helicóptero, seria possível ver de cima minha aura ensanguentada. Mas Deus não quis assim. Deus não assiste TV.



O coração segue voando e bombeando em direção à minha casa. A coragem de rodar o mundo inteiro agora volta ao seu ninho para dizer adeus. Coração que pulsa voa uma última vez antes de morrer. Ele entra pela janela e pousa em cima da mesa. Minha mãe está de costas mexendo o feijão em fogo baixo. O coração continua pulsando em cima da mesa. Minha mãe para, solta a colher de pau e permanece quieta.

O feijão borbulha na panela e o coração pulsa ao lado das flores artificiais.

EU Mãe, antes de você começar a chorar, se desesperar e vir me socorrer, pare e ouça o que tenho para dizer: Meu corpo está lá fora no chão perfurado com todos os buracos do mundo. Infelizmente não deu para trazer o pão. Essa nossa cor preta provoca os 50 tons de bege fortemente armados com seus dentes de sabre afiados, prontos para atacar. Mãe, prepare o velório como pode. Não precisa tirar o dinheiro da aposentadoria para comprar o caixão, peça à prefeitura. Caso não consiga, me enrole na cortina roxa que está na sala e pronto. Na gaveta do quarto tem duas velas pela metade. Tem também uma camiseta que a senhora me deu neste natal. Me vista e me perfume com sua colônia de rosas que eu roubava um pouquinho todos os dias para ir para escola. Não chore mãe, termine de lavar a louça com calma e depois vá me ver lá fora. Certamente estarei empacotado em um saco plástico preto. É bom assim, estou muito feio com todos os meus buracos. Haja lágrima para tapar cada um deles.

Ela se vira em direção ao coração. Suas mãos estão suspensas no ar, próximas aos seios e ao fogão. Os olhos estão marejados e cheio de dor. Parece não acreditar no que está vendo. O coração aos poucos para de pulsar e recolhe as asas. A máquina de lavar ainda soa o tec trec no quintal.

0.
A UTOPIA

Em algum extremo da cidade, eu me levanto meio capenga em direção ao banheiro. É 1° de janeiro e ainda é possível ouvir o barulho dos fogos de artifício, sirene de viatura e a música "O que pensa que eu sou" da banda Djavú, que tocou 17 vezes na noite anterior. Eu contei. O que não contei foi a quantidade de copos de refrigerante que bebi. Já que ainda não posso beber cerveja, eu acabo caindo na frenética do Dolly. O cheiro da fumaça da churrasqueira permanece em minha roupa. Eu não me dou muito bem com festas. Todas as vezes que o carvão, a caixa de som e os engradados invadem a minha casa, eu me sento no quintal ao lado de minha avó que não suporta música alta. Fico observado minha tia dançar forró com uma cerveja na mão. Meu tio pilotar a churrasqueira com linguiça, asa de frango e carne de segunda. Crianças correndo e estourando bombinha no chão. Outras andando e olhando para os pés, vendo a luz vermelha piscar embaixo da sola dos sapatos novos. O vinagrete na vasilha de vidro azul cheio de moscas e o cachorro roendo o osso deitado no fundo do quintal. No banheiro, eu recapitulo todas as imagens em minha cabeça como num filme de trás para frente. Eu observo o cesto de lixo que está transbordando e imagino que o quintal deve estar muito pior.

Na cozinha, minha mãe está em frente ao fogão passando o café. A pia está cheia de louça. Na mesa, ao lado do vaso de flores artificiais, tem dois reais em moedas. Eu sei que a tarefa de ir à padaria é minha, todo o santo dia. As moedas de dez e cinquenta centavos estão encapadas com durex encardido. O sol que entra pela janela da cozinha ilumina o cabelo de minha mãe que, nesse momento, parece estar vermelho.

MÃE Vai ficar aí parado, é? Vai logo na padaria, menino!

EU Mas é preciso mesmo comprar pão hoje, mãe? Requenta qualquer sobra de ontem e pronto. Aliás, ainda tem Dolly ou já acabou?

MÃE Se você não for comprar esse pão agora eu juro que...

EU Tá bom! Tô indo.

Eu pego as moedas em cima da mesa e saio rumo a padaria. No meio do caminho, eu me lembro que é feriado e sou obrigado a andar cinco quadras para chegar na única padaria aberta. As ruas estão completamente vazias. O sol está forte e elimina todas as possíveis sombras que se pode ter. Coloco as moedas no bolso, elas se mexem provocando um barulho de sino a cada passo. Eu entro na padaria e me deparo com uma fila que eu não esperava. Há apenas um funcionário na padaria. Encosto no vidro do balcão gelado coberto com várias bolhas de água. O contato da minha pele quente com o vidro gelado trás uma sensação interessante. Há uma televisão suspensa na parede, parece ser dessas modernas que não tem botão, nem controle e, se duvidar, nem tomada. Chega a minha vez na fila, pego a sacola de pão e saio da padaria. Sigo até minha casa tentando achar as poucas sombras para me esconder do sol. As ruas ainda estão vazias e o picumã das brasas de churrasco ganha o céu com toda a liberdade do mundo.

Chego em casa e coloco os pães em cima da mesa. O café já está pronto e o cheiro invade a casa inteira. O vento dança com o aroma forte e o som de Roberto Carlos que sai das caixas de som na sala. Pego uma xícara, encho de café e sento para me alimentar do miolo seco e macio. Minha mãe lava o pouco de louça que está na pia, faz movimentos circulares em sentido horário para lavar a panela de pressão. A mão que segura a panela está molhada e a que segura a esponja está cheia de sabão. A barra de sua blusa está úmida devido ao contato com a beira da pia. Os dedos estão enrugados, mas firmes.

Olho para a geladeira e avisto um bilhete, é um lembrete que coloquei semana passada para não esquecer. Tenho que ajudar meu tio na construção de sua casa, na rua de cima. Eu pego a minha mochila, tomo o último gole de café e corro para porta. Minha mãe seca as mãos no pano de parato que está em seus ombros, abre um largo sorriso e me abraça.

EU Tchau, mãe!

ficha técnica + agrade-cimentos

texto :: **JHONNY SALABERG**
direção :: **NARUNA COSTA**
elenco :: **AILTON BARROS, CLAYTON NASCIMENTO** e **JHONNY SALABERG**
músicos em cena :: **ERICA NAVARRO** e **GIOVANI DI GANZÁ**
preparação corporal :: **TARINA QUELHO**
direção musical :: **GIOVANI DI GANZÁ**
cenografia e figurino :: **ELISEU WEIDE**
assistente de cenografia e figurino :: **CAROLINA EMIDIO**
criação de luz :: **DANIELLE MEIRELES**
operação de luz :: **DANIELLE MEIRELES** e **THAYS DO VALLE**
fotos :: **JOÃO LUIZ SILVA** e **SOSSÔ PARMA**
artista gráfico e ilustrações :: **MURILO THAVEIRA** <casadalapa
assessoria de imprensa :: **NOSSA SENHORA DA PAUTA** FREDERICO PAULA
assistente de produção :: **LUCAS CANDIDO**
produção :: **NÓS 2 PRODUTORAS ASSOCIADAS** BIA FONSECA e IZA MARIE MICELI
realização :: **CARCAÇA DE POÉTICAS NEGRAS, CENTRO CULTURAL SÃO PAULO** e **NÓS 2 PRODUTORAS ASSOCIADAS**

agradecimentos ::
ANA APARECIDA, BETH NÉSPOLI, CLEONICE SANTINA DE LIMA, ELIETY TEIXEIRA, FUNARTE SP, GRUPO CLARIÔ DE TEATRO, ISAMARA CASTILHO, JOSÉ FERNANDO PEIXOTO DE AZEVEDO, LUCIENNE GUEDES FAHRER, MARIA DO CARMO VIEIRA SANTOS DO NASCIMENTO, MARIA JOSÉ BARROS, MARIETA DAMASCENO EDUARDO, MANXS PRETXS DA TURMA 69 DA EAD E DA FORMAÇÃO 19 DA ELT, NÚCLEO DE DRAMATURGIA ELT 2016, OFICINA CULTURAL OSWALD DE ANDRADE, PATRICK CARVALHO, PRISCILA GUEDES, RONNY LEAL, ROSANGELA SALABERG, SOLANGE DIAS, VALDIR RIVABEN, VICENTE QUELHO e AS NOSSAS DIVINDADES QUE TANTO NOS AJUDAM NESTE PROCESSO :: IANSÃ, OXÓSSI E YEMANJÁ.

Prefeitura de São Paulo Bruno Covas
Secretaria de Cultura André Sturm

Centro Cultural São Paulo | Direção Geral e Núcleo de Curadoria Cadão Volpato
Supervisão de Ação Cultural Adriane Bertini e equipe **Supervisão de Acervo** Eduardo Navarro Niero Filho e equipe **Supervisão de Bibliotecas** Maria Aparecida Reis Ribeiro da Silva e equipe **Supervisão de Informação** Álvaro Olyntho e equipe **Supervisão de Produção** Luciana Mantovani e equipe **Núcleo de Gestão** Everton Alves de Souza e equipe **Núcleo de Projetos** Kelly Santiago e Walter Tadeu Hardt de Siqueira

CCSP | Curadoria de Teatro Kil Abreu e Urion Braga Vieira (estagiário)
Comissão de Seleção do edital para a IVª Mostra de dramaturgia: Beth Néspoli, José Fernando Peixoto de Azevedo, Lucienne Guedes Fahrer
Revisão Ana Aparecida
Impressão Laboratório Gráfico do CCSP

realização
apoio





R. Vergueiro, 1000 / CEP 01504-000
Paraíso / São Paulo SP / Metrô Vergueiro
11 3397 4002
ccsp@prefeitura.sp.gov.br

CCSP
edições

"Tião cantarola:

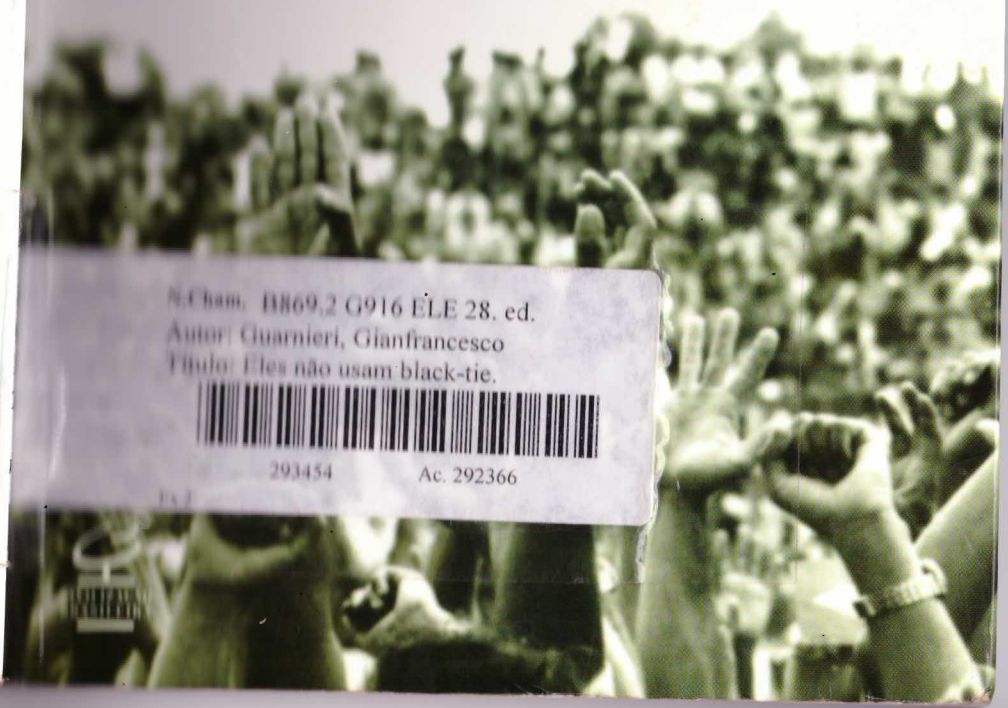
Nosso amor é mais gostoso,
Nossa saudade dura mais
Nosso abraço mais apertado
Nós não usa as 'bleque-tais'.
Minhas juras são mais juras
Meus carinhos mais carinhoso
Tuas mão são mãos máis puras,
Teu jeito é mais jeitoso...
Nós se gosta muito mais,
Nós não usa as 'bleque-tais'..."

(*Trecho de uma das falas do personagem Tião*)

ISBN 978-85-200-0182-0

Eles não usam black-tie

GIANFRANCESCO GUARNIERI



S.Cham. B869.2 G916 ELE 28. ed.
Autor: Guarnieri, Gianfrancesco
Título: Eles não usam black-tie.
293454 Ac. 292366

Eles não usam black-tie,

que sempre obteve excepcional êxito onde quer que tenha sido encenada e ganhou vários prêmios em sua versão cinematográfica, marcou o início do que se pode chamar de "o teatro novo brasileiro".

A peça parte, sem dúvida, de uma visão de mundo romântica. Pressupõe uma série de valores básicos, imutáveis, a partir dos quais os problemas surgem, deflagrando conflitos nos quais os homens se debatem.

Por outro lado, a peça apresenta muitos aspectos da realidade brasileira, fornecendo considerável material para reflexões. Os personagens, nascidos do contato direto com o ambiente, estão exemplarmente delineados, principalmente Romana e Tião.

A introdução de uma temática urbana, o conflito de classes, a atuação política de Otávio, o problema fundamental de Tião, todos são aspectos positivos que contribuem para o desenvolvimento da nova dramaturgia brasileira.

Eles não usam black-tie foi encenada pela primeira vez em 1958, no Teatro de Arena de São Paulo. Em seguida, esteve um ano em cartaz no Rio de Janeiro, foi apresentada em diversas capitais e cidades do Brasil, além de obter êxito também na Argentina, no Uruguai, no Chile e na Alemanha.

Gianfrancesco Guarnieri

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ
BIBLIOTECA
Câmpus Curitiba

Eles não usam black-tie

28ª *edição*

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rio de Janeiro
2014

B869.2
G916
ELE
28ed

Copyright © Gianfrancesco Guarnieri

FOTO DE CAPA:
Estevam Figueiredo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Guarnieri, Gianfrancesco, 1934-2006
G95e Eles não usam black-tie / Gianfrancesco Guarnieri
28ª ed. – 28ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

ISBN 978-85-200-0182-0

1. Teatro brasileiro (Literatura). I. Título.

CDD: 869.92
96-1304 CDU: 869.0(81)-2

EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição adquiridos pela
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Um selo da
JOSÉ OLYMPIO EDITORA
Rua Argentina 171 – 20921-380 Rio de Janeiro, RJ
Tel.: 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Impresso no Brasil
2014

Prefácio

Creio que o nome certo das linhas que se seguem — memórias, opiniões, tanto do autor da peça como de críticos que viram *Eles não usam black-tie* em tempos um tanto distanciados, mas com o mesmo interesse — deveria ser Depoimentos.

A palavra talvez soe falso, mas o contexto do que aqui está pode dar um sentido exato do que se viu, do que se falou, do que se escreveu, e principalmente do que diz agora o autor, passados oito anos da estreia.

Falam, nestas páginas, primeiro o autor, com suas vivências, com as razões que o fizeram escrever a peça; são memórias de um então quase adolescente, um pouco afastado no tempo em que se obrigou a dar este testemunho que foi *Eles não usam black-tie*. E ele, hoje, sentindo a peça, com oito anos de distância, mais maduro, não abandona o amor e o fervor que o determinaram a fazer a sua primeira tentativa teatral. Dela nos fala, às vezes, com calor e simpatia; outras, com uma espécie de pudor sobre o primeiro conhecimento com o meio de expressão que usaria para externar toda a sua problemática humana e social.

Gianfrancesco Guarnieri, autor hoje consagrado, fala aqui de sua primeira experiência. Seu primeiro amor, digamos assim, que ele analisa, disseca, mas não renega.

Falarão também da peça, analisando-a, criticando-a, e principalmente admirando-a, quatro pessoas que acompanharam de perto essa obra que iniciou e foi uma das mais sérias e melhores tentativas de uma dramaturgia urbana brasileira.

"Escrita em 1955, a peça *Eles não usam black-tie* não surgiu de uma determinação, não obedeceu a nenhuma estrutura prévia,

disse-nos Gianfrancesco Guarnieri. Nasceu de jorro, ia-se estruturando conforme o diálogo era posto no papel. Os personagens apareciam de repente, iam criando forma e a história pouco a pouco se estendia e formava sentido.

De início era apenas a necessidade de descrever uma festa de noivado num barraco de favela, entre operários. Impressões de adolescência. A coisa tomou impulso e impeliu-me a escrever, dando-me uma sensação gostosa de travessura. Tinha 21 anos. Recém-começara a fazer teatro, como ator, no Teatro Paulista do Estudante. Minha experiência, a primeira séria, como dramaturgo, só foi possível — tenho certeza — por não ter consciência de estar fazendo a primeira experiência séria como dramaturgo. Já antes havia escrito uma peçazinha no Rio de Janeiro para o teatro do Colégio Santo Antônio Maria Zaccharia. Foi montada com êxito. As peças representadas em escola geralmente têm êxito. Não me deixei, no entanto, iludir por aquele sucesso. Foi uma brincadeira que me deu dor de cabeça, mas não passou de uma brincadeira. Depois daquilo, fiquei muito tempo sem pensar em teatro. Aliás, habituado ao teatro, desde criança, quando acompanhava meus pais, não perdendo uma ópera das temporadas líricas, acostumei-me a tratá-lo como coisa doméstica, sem muita cerimônia. O gosto pelo teatro existia. Podia fazer ou não fazer teatro, pouco importava. Parecia-me que quando quisesse eu poderia fazer teatro, assim, à toa, como coisa natural.

Escrever peças de teatro foi a mesma coisa, assim, à toa, sem querer. Escrevi *Black-tie* rapidamente. Levantava-me à noite para escrever. E divertia-me muito com os personagens que surgiam, principalmente com o Chiquinho. Fui o primeiro a chorar com o final do terceiro ato. E minha admiração por Romana foi sempre imensa. Eles estavam lá — os personagens — e eu aqui. Intuitivamente ia colocando no papel uma série de vivências, as preocupações que me afligiam estruturavam-se no ato de escrever. Luto hoje em dia para aliar uma visão mais real das coisas com aquele estado de graça: a mais sincera, ingênua, integrada, desimpedida maneira de falar do meu mundo. Uma ausência total de autocrítica no ato de escrever. A crítica vinha muito depois, deixando-me assim livre para me expor realmente a mim mesmo.

Black-tie parte sem dúvida de uma visão romântica do mundo. Pressupõe uma série de valores básicos, imutáveis, através dos quais os problemas surgem, estourando os conflitos, os homens se debatem, mas tudo chegará a bom termo graças a uma providencial ordem natural das coisas, atingindo-se no tempo a harmonia geral esperada, em virtude de uma tomada de 'consciência'. *Black-tie*, no fundo, é uma peça idealista.

Mas, por outro lado, a peça reflete corretamente muitos aspectos da realidade brasileira, fornecendo considerável material para elaborações posteriores. Parece-me que as personagens, nascidas de um contato direto com o ambiente em que elas se desenvolvem, foram bem-sucedidas.

Particularmente Romana e Tião. A introdução de uma temática urbana, o conflito de classes, a atuação política de Otávio, o problema fundamental de Tião, são aspectos que reputo positivos e penso que contribuíram para o desenvolvimento da nova dramaturgia brasileira.

Black-tie foi montada pela primeira vez em 1958, no Teatro de Arena de São Paulo. Esteve depois um ano em cartaz no Rio e já foi apresentada em diversas capitais e cidades do Brasil e também com êxito na Argentina, no Uruguai, no Chile e na Alemanha, para o público normal e principalmente para públicos bastante populares. O público popular adota a peça como sua, identifica-se com ela. A sinceridade com que foi escrita e o grande amor que sem dúvida encerra são fatores preponderantes para essa comunicação. Por esses aspectos positivos não considero *Eles não usam black-tie* uma peça superada, embora não escrevesse hoje da mesma forma sobre o mesmo tema. Para mim é um caminho a ser aprofundado."

* * *

Referindo-se à peça, assim escreveu o crítico Décio de AImeida Prado *(Teatro em progresso,* pp. 132 a 134 — Editora Martins):

"Gianfrancesco Guarnieri é um jovem fenômeno do nosso jovem teatro. Com 25 anos, só teve tempo de escrever duas peças. Pois as duas constituíram-se, como se sabe, em êxitos excepcionais, dos maiores de que se tem notícia, modernamente, em palcos brasileiros. Em menos de um ano e meio de atividade pública como

autor, Guarnieri já teve certamente mais espectadores do que a maioria dos nossos dramaturgos em toda uma existência dedicada ao teatro. Ambas as peças, aliás, acabaram de sair do cartaz, partindo à procura de novas plateias. *Eles não usam black-tie* irá ao Rio de Janeiro depois de um giro pelo interior, enquanto *Gimba* se apresenta por uma semana no Teatro Municipal carioca, antes de ir representar o Brasil na Europa. O momento parece, portanto, oportuno para uma derradeira tentativa de se avaliar criticamente os seus respectivos méritos.

Eles não usam black-tie, se não estamos enganados, põe diretamente o dedo na ferida. A greve é o seu tema ostensivo, uma greve operária, de reivindicação de melhores salários, que acaba por separar pai e filho. O pai, revolucionário consciente de seus fins, forte da força de sua classe, é um dos cabeças do movimento. O filho, criado, por circunstâncias várias, em ambiente diverso, pensa em primeiro lugar no próprio futuro. Corajoso quando se trata de enfrentar outros homens — e o fato mesmo de furar deliberadamente a greve põe isso em evidência —, o seu medo é de outra natureza: o grande medo da nossa sociedade moderna, o medo de ser pobre. Jovem, nas vésperas de casar, com mulher e filho em perspectiva, só tem um cuidado: fugir de sua condição operária, melhorar de vida, subir — e quem é que ousaria, de consciência tranquila, lançar-lhe a primeira pedra?

A ação, pois, pelo seu lado moral, prolonga-se além dos dados iniciais do problema, transcendendo de muito o caso local da greve. Numa sociedade bem organizada — nada custa sonhá-la e é desses sonhos que se alimenta o doloroso e lento progresso da humanidade — não haveria conflitos assim tão marcantes entre o interesse coletivo e o interesse individual. Ora, é uma alternativa desta natureza que o nosso jovem operário tem de enfrentar. Para ele, greve, revolução, são palavras longínquas e problemáticas promessas de um futuro melhor. A realidade imediata é a mulher, o filho, a fome, a miséria, à qual é preciso fugir a todo o custo. E uma sociedade que se fundamenta sobre o individualmente, como a nossa, não está em condições de exigir sacrifício de quem quer que seja.

Certo que o ponto de vista revolucionário, representado pelo pai, teria bons argumentos a estas considerações. Mas a perspectiva

da peça é a do filho: o drama é seu, ele é quem deverá pronunciar-se perante a existência concreta da greve. A sua posição, no fundo, não diverge muito da de qualquer rapaz de 20 anos chamado a decidir pela primeira vez entre as suas conveniências pessoais e certos apelos de outra natureza, menos egoístas e mais generosos. O próprio Guarnieri, como homem, e como homem de teatro, é impossível que não tenha sentido por momentos a tentação do lançar ao mar a incômoda carga das ideologias humanitárias, cuidando, acima de tudo, de defender-se economicamente numa sociedade onde todos sabem defender-se com unhas e dentes. Nem é a nossa vida encarada moralmente, mais do que a soma de uma série de decisões de tal natureza. Não é preciso, portanto, ser operário, ter participado da preparação de uma greve, para sentir o impacto das questões propostas com tanta emoção pela peça. O segredo de *Eles não usam black-tie* é dizer respeito a todos nós, é ter alguma coisa a segredar à consciência de cada espectador.

Para sentir que é este o verdadeiro problema, veja-se como a própria gradação psicológica das personagens repete o choque entre o que é e o que deveria ser, indo do otimismo algo sonhador e ingênuo do pai, sempre pronto a acreditar na perfeição moral da humanidade, até o realismo sem ilusões da mãe. Não há cinismo nem desespero, nem amargura, e nem mesmo desengano, na bravura terra a terra com que 'Romana' — a figura dramaticamente mais bem desenhada da peça — desafia diariamente a miséria. Mas as suas observações cruas, francas, desabusadas, sem circunlóquios, mordazes, chamam os homens para a realidade, neutralizam, como uma nota, levemente ácida, o falso sentimentalismo em que ameaçam cair tantas cenas.

Teria Guarnieri pensado em tudo isto ao escrever a sua peça? Não necessariamente, porque uma das virtudes de *Eles não usam black-tie* é exatamente a de não proceder do abstrato para o concreto. O seu ponto de partida são os homens, através dele é que entrevemos outros antagonismos, que são apresentados sempre como conflitos vitais, de ação, não como crítica de diretrizes teóricas. É essa inexistência de prevenções doutrinárias que possibilita ao autor simpatizar simultaneamente com todas as personagens. Se nem todas têm razão, todas, ao menos, têm as suas razões, que é preciso compreender. É admirável, com efeito, a isenção com

que a peça, jogando pai contra filho, equilibra os dois pratos da balança. Apenas ao final intervém o autor, fazendo a noiva abandonar o operário que, traindo a greve, traíra os seus amigos e companheiros. Algumas espectadoras protestaram contra semelhante desfecho, em nome da psicologia feminina. Mas não se trata, aqui, de psicologia e sim de moral: o autor necessitava externar de algum jeito seu pensamento, dizer afinal de que lado estava, deixando a neutralidade do puro naturalismo para entrar no terreno em que desejava colocar-se: o da peça de ideias e mesmo de ideias políticas. É um direito seu, que só deixaríamos de lhe reconhecer se o texto escorregasse para a propaganda, coisa que ele tem sempre a dignidade artística de evitar.

Como peça de teatro, *Eles não usam black-tie* tem essa inconfundível espontaneidade das primeiras obras da juventude. Por entre os seus defeitos de concepção e de fatura (certa moleza de construção, certas ingenuidades, certos preciosismos, como a cena em que pai e filho se defrontam no terceiro ato, afetando falar um com o outro por interposta pessoa: 'O teu pai mandou te dizer', 'Diga a meu pai', etc.), o que sobreleva é a notação psicológica exata, viva, alerta, despida de literatura. Acabamos de vê-la pela terceira vez: rimos e nos emocionamos tanto quanto da primeira."

Por outro lado, na *Folha da Manhã* (27/2/58) escrevi sobre a peça a seguinte crítica:

"São raras, raríssimas, as vezes em que o crítico pode falar de uma peça nacional com entusiasmo e com esperança na elevação do nível da nossa dramaturgia. Tem se tornado tão medíocre a produção teatral nacional nestes últimos tempos, salvo uma ou duas exceções, que o papel da crítica parece ser o da maior inimiga da arte cênica brasileira. A cada estreia corresponde, geralmente, uma série de críticas severas e desiludidas. Felizmente, porém, este não é o caso do trabalho de Gianfrancesco Guarnieri. Jovem, muito jovem ainda, Guarnieri ingressou no teatro, como ator, em 1955. Desde então seu trabalho tem sido sempre elogiado e sua curta carreira faz prever uma série de triunfos futuros. Mas eis que o ator nos revela nova faceta do seu talento. Lança-se como autor e o faz de maneira muito acima do comum, no panorama teatral brasileiro. *Eles não usam black-tie* ficará, por certo, na história de

nosso teatro, como a primeira peça séria escrita sobre as favelas cariocas, pondo de lado o seu aspecto exótico e pitoresco. Não é uma favela para turistas que o autor nos mostra, mas um conglomerado humano que luta, que sofre, que vive e que tem uma consciência clara de sua função social.

'Se tive alguma pretensão em minha peça foi a de impregná-la de amor e de transmitir este amor', disse Guarnieri na apresentação feita para a estreia da peça, no programa do Teatro de Arena. E essa intenção está presente em cada cena de seu trabalho.

Somente assim poderia ele criar as figuras admiráveis de Romana — que tem os pés firmemente presos à terra e sabe amar como ninguém, à sua maneira brusca e contida, os que formam o seu mundo cotidiano —; de Otávio — com uma paixão política e seu sentido de humanidade que o levará a dizer na cena final, sobre o filho: 'Ele voltará depois de ter adquirido consciência de classe' —; de Maria — que ama mas compreende que só o amor não basta. É necessário também a amizade e o respeito dos que a cercam e com o desprezo deles sabe que não poderá viver. — Finalmente, de Tião, cujo medo da vida se traduz no desejo de fuga do ambiente que, na verdade, é o único onde, no íntimo, sabe lhe ser possível viver.

Com essas figuras e mais algumas que as rodeiam, Gianfrancesco Guarnieri compôs uma peça onde a beleza e a poesia não vêm só das palavras, mas das situações arquitetadas, imprimindo uma força extraordinária em cada cena, onde o diálogo funciona com absoluta economia de meios, sublinhando a situação e nunca, ou quase nunca, indo além dela, mas explicando-a, realizando-a com inteligência e discrição. Veja-se, por exemplo, o contraponto formado pelo final do primeiro ato com a festa do noivado, o rádio ligado o mais alto possível, terminando com o nascimento dos dois gêmeos; e o final do terceiro, com o longo e dramático diálogo entre Maria e Tião, assistido em silêncio por Romana. São duas cenas que se completam e dão um senso de equilíbrio fundamental à peça, revelando um instinto inato da construção teatral.

É lógico que a peça tem defeitos, mas em se tratando de um trabalho de estreia, realizado por autor bastante jovem, as suas qualidades reais são tantas que as suas fraquezas quase se anulam. Assim, a construção cerrada e quase cronométrica das cenas do

primeiro ato, onde são apresentadas as personagens e exposto o problema, dilui-se bastante no segundo, terminando pela cena quase desnecessária dos dois namorados olhando para a cidade. Aí, o autor tenta propositadamente fazer um diálogo poético e já não foi feliz, pois a poesia não nasce então da situação, mas das palavras, e estas não chegam a atingir realmente o público. Outra fraqueza da peça está no seu aspecto político. O autor, amando tanto seus personagens, nos dá uma ideia um tanto romântica da favela (note-se da favela, e não da vida de seus habitantes), exaltando a vida de comunhão e camaradagem que ali se leva. Ora, a meta seria exatamente conseguir o contrário.

Na realidade os operários lutam, não para preservar o barraco mas para elevá-lo à categoria de moradia condigna com o seu papel dentro de uma sociedade socializada. Muitas vezes as personagens parecem preferir que tudo se mantenha como está pois a melhoria da situação poderia acarretar uma transformação psicológica de seus habitantes. O que não é verdade, pelo menos ideologicamente. Também alguns modismos na maneira de falar nem sempre são felizes, tais como 'tu gosta de eu', repetido várias vezes durante o desenrolar da peça.

Mas, apesar desses senões — que se diluem ante o impacto que a peça proporciona ao espectador —, trata-se de uma das realizações mais acabadas e sérias apresentadas em nossos palcos nestes últimos tempos. Oxalá possa Gianfrancesco Guarnieri continuar no caminho em que se iniciou e dê ao teatro nacional obras que retratem problemas da vida social das nossas grandes cidades, criando uma dramaturgia urbana".

Entre as críticas feitas no Rio de Janeiro sobre a peça, desejo destacar a de Paulo Francis *(Revista Sr.* — janeiro de 1960). Não vou reproduzir aqui a íntegra de seu artigo, mas o que mais de perto disse a respeito do trabalho de Guarnieri:

"*Eles não usam black-tie,* de Gianfrancesco Guarnieri, a partir da insofisticação de títulos que pode ser também um desafio a conceitos de vulgaridade, serve à geração de hoje como *Look back in anger* (*Recordar com rancor,* tradução aproximada), de John Osborne, serve à juventude britânica, à juventude que se conscientiza, que participa intelectualmente de seu destino, que procura

saber aonde vai. Ambas as peças são exigências de esclarecimento, revelam uma ânsia de libertação do caos e frustrações que constituem a essência da vida social de hoje, na Inglaterra e no Brasil.

Em Osborne, deparamos com o filho de uma cultura saturada, cuja raiva é filtrada por impotência. O Império Britânico se desmorona. Já ninguém acredita nele, em literatura, como entidade ética, desde Kipling. O socialismo-trabalhista se intrometeu. O indivíduo melhorou. Mas o artista intelectual, que é o protagonista de Osborne, permanece insatisfeito. Ter o que comer, o que vestir, onde morar, ainda que modestamente, são necessidades primárias que o governo supre com o atraso de séculos — em relação à visão humanista, em vigor desde a Renascença — e o faz ainda com imperfeições e concessões ao passado. O indivíduo precisa mais; sentir-se inteiro e independente como os homens de Shakespeare, e não ser reduzido a peça de uma engrenagem mecanicista, coletivamente estandardizada, sem face, sem espírito. A possibilidade do extermínio tecnológico contribui para o ressurgimento do individualismo em termos modernos.

Esses problemas nos parecem remotos, senão no fato de constituírem a outra extremidade do drama escrito por Guarnieri.

Seu 'Tião' é um operário que trai a classe numa greve. Não o faz por covardia ou interesse. Apenas não crê no sucesso de uma greve. Os patrões concederiam o aumento e aumentariam o preço dos gêneros de consumo, num ciclo de cinismo, que é a constante do meio social em que o rapaz se criou. E 'Tião' vai casar-se. A subsistência é o que lhe importa. Falta-lhe a convicção ideológica necessária à resistência e à revolta por meio do sacrifício individual. Nunca lhe ensinaram diferente, nunca viu diferente no país em que vive. A falência ideológica da personagem de Osborne decorre das experiências das gerações precedentes. A de Guarnieri, da indiferença.

Um dramaturgo jovem como este — tinha 22 anos quando escreveu *Eles não usam black-tie* —, que passou fome em princípio de carreira, que supre com talento o que lhe falta em experiência cultural, escolheria, naturalmente, a si próprio e a seus próximos para dramatizar em seu próprio esforço. Não quero dizer que ele tenha retratado especificamente fulano e beltrano; ao que me

consta, isso não aconteceu. Mas às suas pretensões ideológicas, que busca expressar através da condição de operários favelados — viveu nas proximidades de uma favela no Rio, durante algum tempo — juntou por certo sua experiência afetiva do teatro brasileiro, o ambiente em que está amadurecendo como homem e artista. E o teatro, arte menor que entre nós destacou-se das demais em penetração popular, é um microcosmo da situação de suas irmãs, como da situação geral do País.

Na vida pública do País, trabalha-se pelo casulo do nacionalismo, cujo rompimento não seria o *strip-tease* político a que estamos habituados. Aos artistas cabe expressar esse estágio, desde que desejem expressar-se em acordo com a época em que vivem.

Ressaltei Guarnieri como expoente da consciência da arte a que estou mais ligado. Ele é um dramaturgo que transmite a urgência dessa tomada de posição, que a justapõe às acomodações de ordem individual, pedindo ao público que escolha entre as duas atitudes. E o faz carregando consigo a metrópole para o palco, indo ao centro do conflito. Marca o despertar da geração de hoje".

E, por fim, como viu a peça o crítico e historiador da nossa dramaturgia, Sábato Magaldi *(Panorama do teatro brasileiro,* 1962, pp. 229 a 231, Difusão Europeia do Livro):

"*Eles não usam black-tie,* estreada em 1958, no Teatro de Arena de São Paulo, trouxe para o nosso palco os problemas sociais provocados pela industrialização, com o conhecimento das lutas reivindicatórias de melhores salários. O título, de claro propósito panfletário, pareceria ingênuo ou de mau gosto, não fosse também o nome da letra de samba que serve de fundo aos três atos. Embora o ambiente seja a favela carioca, o cenário existe apenas como romantização de possível vida comunitária, já que a cidade simboliza o bracejar do indivíduo só. Nem por isso o tema deixa de ser profundamente urbano, se o considerarmos produto da formação dos grandes centros, e nesse sentido a peça de Gianfrancesco Guarnieri se definia como a mais atual do repertório brasileiro, aquela que penetrava a realidade do tempo com maior agudeza.

Que a tese implícita do texto seja marxista, não se pode duvidar. Mas o Autor não deformou os caracteres em função de um objetivo político, desenvolvendo antes as situações para que a plateia concluísse a seu gosto. A dignidade artística do trabalho isenta-o de sectarismo, e a peça se beneficia de uma convicção sincera que enforma o entrecho com evidente consciência.

Gianfrancesco Guarnieri opõe duas mentalidades que a rigor se sintetizarão numa só, porque acredita fundamentalmente no homem, e ele, depois de descaminhos, encontra o rumo certo. O tradicional conflito de gerações se coloca de maneira diversa: o pai sempre fiel ao meio de origem não titubeia quando deve enfrentar um problema; e o filho, entregue aos padrinhos e tendo servido como pajem, isto é, sendo um alienado da vida autêntica do morro, toma a decisão que a comunidade condena. Sugere o dramaturgo que as circunstâncias moldam o indivíduo, e o próprio pai se responsabiliza pela defecção do filho, por não querer considerá-lo congenitamente mau. Depois da prova definitiva o filho poderá integrar-se de novo no meio. A peça patenteia outra tese, segundo a qual o indivíduo que procura salvar-se sozinho, desconhecendo o interesse coletivo, se vota à solidão irremediável e ao desprezo dos demais. À vida difícil e sem comunicação da cidade, o texto opõe o trabalho árduo mas com apoio nos semelhantes, simbolizado na solidariedade vigente no morro.

O esquema de duas mentalidades antagônicas que buscam a síntese se repete no binômino que rege a vida humana: o amor e o trabalho. Os dois se acham intimamente entrelaçados na figura de Tião, fixando-se no decorrer da peça em intrigas paralelas. O amor por Maria leva o jovem a querer melhorar de nível financeiro, a fim de usufruir a existência perfeita. Quando, pelo desprezo dos colegas, é obrigado a procurar novo emprego, e pela reprovação paterna é coagido a deixar a casa, o amor também não tem possibilidade de completar-se, ao menos momentaneamente. Maria o receberá de volta, se ele se reintegrar na favela. Mas não o acompanha na peregrinação à cidade e se encarregará de cuidar sozinha da criança que vai nascer, e que, na linha de fidelidade ao ambiente, receberá o nome do avô.

Tudo isso poderá parecer um pouco simplificado, até romântico ou primário, se o texto se incumbisse de filtrar a ideologia em afirmação de vida. Na contextura da peça, a simplicidade é elemento obrigatório, sem o qual as personagens não teriam razão de ser. Sente-se que todas foram tomadas ao vivo, em flagrantes sucessivos do cotidiano, nada elaborado para que não se perdesse a espontaneidade.

Romana, sob esse aspecto, é a criação mais feliz, uma autêntica mãe, como as generosas figuras do teatro de Brecht. A aspereza do trabalho não lhe tira o encanto essencial de viver, que se estende à função de companheira do marido e à de protetora da prole. A cena em que a noiva do filho vai confiar-lhe a gravidez demonstra, na naturalidade e no contentamento com que aceita a revelação, sua íntegra natureza humana. E assim existem as outras personagens, cujas reações são sempre verídicas, nada elaboradas. Sucedem-se no painel a poesia e a firmeza da noiva, o universo ainda infantil de Chiquinho e Tezinha, e o tipo contrastante de Jesuíno, o malandro venal. Nesse mundo não há também lugar para preconceitos raciais. E o compositor que passa todo o tempo ao violão e, no fim, se entristece porque ouviu seu samba, no rádio, com a suposta autoria de outrem, marca o espírito de criação do morro, roubado pela cidade.

A linguagem acompanha fielmente a descrição natural da favela. As cenas de maior gravidade se alternam com os diálogos de saboroso coloquialismo, que mantém a peça em permanente vibração. Registre-se, como pintura admirável de costumes, o pedido de casamento em que falam o noivo e o irmão da noiva. A excessiva liberdade no conduzir as falas talvez tenha dispersado, às vezes, o diálogo, que se insinua em certos momentos por inúteis temas laterais.

O texto, embora trabalhado num sentido de dramatização dos efeitos, conserva também fluência na estrutura. A circunstância de não se perceber nunca o processo de elaboração do autor aumenta-lhe o interesse. A matéria não está, entretanto, bem distribuída, para que a tensão cresça de ato para ato. Depois da apresentação benfeita do primeiro, que acaba em festa, o segundo tem feitio intimista, em que as personagens procuram definir-se para si mesmas antes do desfecho. Se se justifica psicologicamente essa tomada de consciência, do ponto de vista dramático o segundo ato perde em intensidade e em vigor, para só no terceiro verificar-se de novo a inteira adesão da plateia. Ainda assim, a estrutura tem a virtude de não filiar-se a fórmulas estabelecidas por escolas antigas ou contemporâneas, parecendo ditada pelas necessidades interiores do entrecho. Não cabe investigar influências ou semelhanças em seu processo literário."

Ainda uma última palavra, ao terminar estas linhas que desejei chamar de *Depoimentos*.

Vimos — através das lembranças do autor, das opiniões de quatro críticos que julgaram, sentiram, amaram a primeira peça de Gianfrancesco Guarnieri, apesar das divergências, das coincidências de opinião sobre a obra e do seu sentido social, das palavras de entusiasmo, das restrições — uma constante que me parece bastante séria: resta ao final uma impressão só e é a de que a primeira peça do dramaturgo marcou um momento importante, básico, definitivo no teatro brasileiro. Mas o que mais me impressionou em tudo o que foi dito foi uma simples, pequena, porém sintomática frase de Paulo Francis, escrita em 1960, e que serve muito, e bem, aos nossos artistas de agora e também a toda a juventude: a peça, disse aquele crítico, "marca o despertar da geração de hoje".

DELMIRO GONÇALVES

Eles Não Usam Black-Tie

Peça em 3 atos e 6 quadros

Personagens

Esta peça foi representada pela primeira vez no dia 22 de fevereiro de 1958 no Teatro de Arena de S. Paulo, sob a direção de José Renato, com o seguinte elenco: MARIA (Miriam Mehler), TIÃO (Gianfrancesco Guarnieri), CHIQUINHO (Flávio Migliaccio), OTÁVIO (Eugênio Kusnet), ROMANA (Lélia Abramo), TEREZINHA (Celeste Lima), JESUÍNO (Francisco de Assis), JOÃO (Henrique Cezar), DALVA (Riva Nimitz) e BRÁULIO (Milton Gonçalves).

Ato I

(Barraco de Romana. Mesa ao centro. Um pequeno fogareiro, cômoda, caixotes servem de bancos. Há apenas uma cadeira. Dois colchões onde dormem Chiquinho e Tião.)

QUADRO I

MARIA *(falando baixo, entre risos)* — Pronto, lá se foi o sapato... Enterrei o pé na lama...

TIÃO — Olha só como tá meu linho! *(Passa a mão pela roupa, risonho. Para fora)* Ei, Juvêncio! Tocando na chuva estraga a viola! *(Pausa. O violão afasta-se.)* É um maluco... tocando na chuva.

MARIA — Fala baixo, tu acorda o pessoá!

TIÃO — Acorda, não.

MARIA — É melhó a gente ir andando... é só um pedacinho.

TIÃO — Pra ficá enterrada na lama? Não senhora, vamo esperá estiá.

MARIA — D. Romana não vai achá ruim?

TIÃO *(acendendo um lampião)* — Não sei por quê!

MARIA — Vamo embora, Tião. Tá tarde, mamãe não dorme enquanto eu não chego...

TIÃO — Qué te aquietá? *(Pausa. Aponta a cadeira:)* Senta aqui.

Maria obedece. Tião senta-se no chão junto dela. A viola continua. Pergunta.

MARIA *(sorrindo)* — Tu gosta de eu?

TIÃO — Ó dengosa, eu sem tu não era nada...

MARIA — Bobagem, namoradô como tu era...

TIÃO — Tudo passou!

MARIA — Pensa que eu não sei? Todas elas miando: "Tiãozinho pra cá, Tiãozinho pra lá..." *(Abraçando-o.)* Mas eu roubei 'ocê pra mim!

TIÃO — Todo eu!

MARIA *(fazendo bico)* — Fingido!

TIÃO — Palavra, dengosa!

MARIA — Sei tudo tintim por tintim. Quando 'ocê morava na cidade era o garoto mais sapeca do Flamengo. Namorava uma filhinha do papai que era vizinha dos seus padrinhos e por causa dela levou uma bronca deles. Viu como sei tudo?..

TIÃO — Muito bem, o que mais?

MARIA — Sei muito mais. Tu era um grande mentiroso. Dizia pra menininha que era estudante, contava uma porção de vantagem, até que um dia ela ia te pegando servindo de babá. *Aí,* quando tu viu ela, quis escondê o carrinho da criança atrás do murinho da praia. O garoto caiu, machucou a cabeça e tu levou uma bruta surra de teus padrinhos, e a menina não quis mais nada com você!

TIÃO — É uma bela história, mas é também uma grande mentira que eu nunca escondi de ninguém que era cria dos meus padrinhó, muito menos pra aquela enjoada lá. *(Intrigado)* Quem te contô tudo isso?

MARIA — Não digo.

TIÃO — Tá bem. Não pensa que eu vou rogá...

MARIA — E sem falá nas moças da fábrica de lã que tu namorou todas...

TIÃO — E nunca esquecendo a Brigitte Bardot que eu namorei três anos...

MARIA — Convencido!

TIÃO — Quem te contou essas histórias?

MARIA — Num adianta que eu não digo.

Chiquinho resmunga e remexe-se.

MARIA — Fala baixo que ele vai acordá!...

TIÃO — Chiquinho? Nem com uma bomba... Quem te contô?

MARIA — Não digo.

TIÃO *(abraçando-a e encostando seu rosto no dela)* — Diz sim...

MARIA — Fica quieto, Tião. Teus pais acorda daqui a pouco. É melhó a gente ir indo...

TIÃO — Quem te contô?

MARIA — Foi o Jesuíno, pronto.

TIÃO — Safadão! Deixa ele pra mim!

MARIA — E não vai fazê diz que diz!

TIÃO — Tá bem. Gosto de tu toda a vida!

MARIA — Tomara!

TIÃO — Juro!

MARIA — Tomara sim... Se não gostá, eu vou sê a moça mais infeliz do mundo... Ainda mais agora!

Biblioteca do Instituto Federal do Paraná
Câmpus Curitiba

TIÃO — Vou te gostá sempre! O Juvêncio continua tocando... O samba é dele, sabe?

MARIA — Eu disse: Ainda mais agora!

TIÃO — Eu sei...

MARIA *(um pouco sem jeito)* — Não. Você tem de perguntá por quê.

TIÃO — Por quê?

MARIA *(sem jeito)* — Porque sim!

TIÃO *(num protesto)* — Ah! dengosa!

MARIA — Porque parece que nós vamo...

TIÃO *(num berro)* — Um garoto!

MARIA — Psiu!... Seu maluco!

TIÃO — Não! Fala sério!

MARIA — Parece que sim.

TIÃO — Mas não está certo, certo...

MARIA — Tá quase, quase...

TIÃO — O jeito, nega, é casá logo...

MARIA — Se tu quisé, eu fico feliz!

TIÃO — Ora, se quero. Marco o casamento amanhã mesmo!

MARIA — Precisa ficá noivo antes...

TIÃO — Não dá... Depois começa a aparecer, vai dá bolo na tua casa.

MARIA — Não aparece logo não. O bolo dá também se a gente casá sem noivá...

TIÃO — Então, é fazê o noivado logo...

MARIA — Mas, Tião, só se tu quisé mesmo...

TIÃO — É claro que eu quero, dengosa. Eu só tava esperando me ajeitá melhó na fábrica. Mas sendo assim, não tem outro jeito.

MARIA — Tu tá contente ou triste?

TIÃO — Mais do que contente... Só tem uma coisa... Eu gostaria que tu tivesse tudo, num queria que minha mulhé vivesse em barraco...

MARIA — Sempre vivi em barraco! E vivê com tu é o que interessa...

TIÃO — Eu é que não me ajeito muito no morro.

MARIA — Por quê? Aqui também tem tanta coisa boa... Só o que eu quero é vivê contigo...

TIÃO — E vai vivê! Festa de noivado daqui dez dias, tá?

MARIA *(rindo feliz)* — Tá...

TIÃO — Dá um beijo! *(Beijam-se.)*

MARIA — A chuva já parou, vamo indo...

TIÃO *(vai até a porta)* — Parou nada... Vem vê!

MARIA *(indo até a porta)* — É esquisito ele...

TIÃO — Eu já vi ele assim uma porção de vez, fica olhando o céu e parece não senti nada...

MARIA — Não sente mesmo, tá todo molhado!

TIÃO — E como faz samba, o danado. Ficou assim depois que aquela mulata deixou ele...

MARIA — Mesmo de antes ele era diferente. Tu nunca vai me deixá!...

TIÃO — Nunca! E tu?

MARIA — Nunca! Só se tu deixa de sê meu Tião!...

TIÃO — Nunca vou deixá de sê!... Já ouviu a letra desse samba dele?

TIÃO *(cantarola)* — Nosso amor é mais gostoso,
Nossa saudade dura mais
Nosso abraço mais apertado
Nós não usa as "bleque-tais".

Minhas juras são mais juras
Meus carinhos mais carinhoso
Tuas mão são mãos mais puras,
Teu jeito é mais jeitoso...
Nós se gosta muito mais,
Nós não usa as "bleque-tais"...

MARIA — Bonito!... E tu diz que não se ajeita no morro, me deixou triste.

TIÃO — Esquece!

MARIA — Quem é que a gente vai convidá pra festa?

CHIQUINHO *(num pesadelo, acordando)* — Balisa!... Ahnnn!... Não senhora... *(Senta-se no colchão assustadíssimo)*... O quê?

MARIA — Eu disse que acordava.

TIÃO — Não foi nada. Dorme, Chiquinho.

CHIQUINHO — Ocês tão aí?.. Que chuva, hein?

MARIA — Fala baixo, senão acorda sua mãe.

CHIQUINHO — Foram ao cinema?

TIÃO — Filme de deserto.

CHIQUINHO — Que legal!... Eu tava sonhando com escola de samba... Quem tá tocando?

TIÃO — Juvêncio.

CHIQUINHO *(desaprovador)* — Manco e andando na chuva...

MARIA — Que é que tem uma coisa com outra?

CHIQUINHO — Escorrega mais... Tem café?

TIÃO — Se tivé é pra amanhã... E não vai fazê barulho que a velha levanta daquele jeito...

MARIA — Sabe, Chiquinho, nós vai ficá noivo daqui dez dias.

CHIQUINHO — Boa!... E quando casa?

TIÃO — Logo.

CHIQUINHO — Eu quero casá com Tezinha também...

TIÃO — Deixa de onda moleque!

CHIQUINHO — Vou casá sim. Deixa eu entrá pra fábrica...

TIÃO — Fábrica não dá sustento pra ninguém!

CHIQUINHO — Dá pra tu, dá pro pai, pruquê não vai dá pra mim?

TIÃO — Dorme, vá...

CHIQUINHO *(deita-se, começa a rir)* — Tião, mamãe é gozada pra burro. Ela dá as bronca, mas tem esportiva. Hoje ela quis me batê com a colhé de pau. Eu me baixei e a colhé quebrô na pedra. A mãe xingava e ria, xingava e ria!

MARIA *(rindo)* — Dorme se não tu acorda ela...

Tião e Maria abraçam-se sorrindo.

OTÁVIO *(entra de capa, sacudindo o guarda-chuva)* — Ué, que é isso?

TIÃO — Esperando a chuva passá!

MARIA — Boa noite, seu Otávio!...

OTÁVIO — Salve!... Pegaram muita chuva?

MARIA — Um pouco...

OTÁVIO — Não passa tão cedo, não. Deixa chovê que espanta o calor.

Deixa o guarda-chuva num canto e começa a tirar os sapatos.

TIÃO — De farra, hein pai?

OTÁVIO — Farra?.. Farra vão vê eles lá na fábrica. Sai o aumento nem que seja a tiro!... Querendo podem aproveitá o guarda-chuva, tá furado mas serve... Eu acho graça desses caras, contrariam a lei numa porção de coisas. Na hora de pagá o aumento querem se apoiá na lei. Vai se preparando, Tião. Num dou duas semanas e vai estourá uma bruta greve que eles vão vê se paga ou não. *(Vai até o móvel e pega uma garrafa de pinga.)* Pra combatê a friagem... Se não pagá, greve... Assim é que é...

TIÃO — O senhor parece que tem gosto em prepará greve, pai.

OTÁVIO — E tenho, tenho mesmo! Tu pensa o quê? Não tem outro jeito, não! É preciso mostrá pra eles que nós tamo organizado. Ou tu pensa que o negócio se resolve só com comissão? Com comissão eles não diminui o lucro deles nem de um tostão! Operário que se dane. Barriga cheia deles é o que importa... *(Apontando a garrafa)* Não vão querê um golinho?

MARIA — Sabe, seu Otávio, o Tião resolveu uma coisa...

TIÃO — É sim, pai. Nós vamos ficá noivo!

OTÁVIO — Hum!... Se se gosta mesmo é o que tem de fazê!

TIÃO — Isso não tem dúvida. Daqui dez dias nós fica noivo...

OTÁVIO — Não tá meio apressado, não?

TIÃO — Tem de sê mesmo. Vamo fazê logo...

OTÁVIO — É uma teoria. Só que nós, ó, dinheiro é pouco...

MARIA — De todo o mundo...

OTÁVIO — Vem dizê pra mim...

ROMANA *(interrompendo, sonolenta e furiosa)* — Tem festa e eu não sabia?

OTÁVIO — Chiiiiii!

ROMANA *(a Otávio)* — E não vem depois se queixá de reumatismo. Andando na chuva, preparando encrenca, depois de velho fica bobo... *(A Maria:)* Como vai, Maria... É melhó ir andando; sua mãe daqui a pouco desentreva e vem te procurá...

OTÁVIO — Calma, mulhé, calma...

ROMANA — Calma, sim! Quem levanta daqui a pouco sou eu!... Quem acorda vocês sou eu! Quem faz café sou eu!... *(Caindo em si)* Mas que gandaia é essa...

TIÃO — A chuva, mãe. Paramo aqui por causa da chuva. Depois, papai chegou e tamo conversando...

OTÁVIO — Vão ficá noivo daqui dez dias...

ROMANA — Tá tudo louco! Não podia esperá até amanhã pra falá de besteira... *(A Maria:)* Desculpe, minha filha, não é contigo, não... Mas esses dois não pensam em nada. Chegam berrando e a velha que se dane sem dormi, lavando roupa, acordando antes pra acordá eles... *(Quase berrando)* Que noivado é esse?

TIÃO — Resolvemo ficá noivo, mãe...

OTÁVIO — Daqui a dez dias...

ROMANA — E isso é hora de se marcá noivado? *(Furiosa, a Otávio:)* Tu tava falando em greve. Não me vem com confusão de novo, Otávio... Noivado, greve... E a burra que se dane aqui...

CHIQUINHO *(sentando na cama)* — Mãe, eu também vou...

ROMANA *(cortando)* — E tu dorme aí que não é nada da tua conta. Eu acho bom cada um ir pra sua cama, amanhã a gente conversa. *(A Maria:*)Num é nada contigo não, Maria. Esses dois é que são de amargá... *(A Otávio:)* Deixa essa pinga e vem dormi que tu amanhã tem de levantá mais cedo... *(Sai.)*

OTÁVIO — Ô furacão! Coitada, tem razão... Amanhã a gente conversa melhó. Daqui dez dias, vamo lá... Até amanhã, moça... Leva o guarda-chuva!...

MARIA — Até amanhã...

TIÃO *(está sério, evidentemente preocupado)* — Mamãe é de morte...

MARIA — É o jeito dela... Eu gosto dela toda a vida...

TIÃO — É boa, sim!.: Vamos indo...

O violão aumenta como se Juvêncio estivesse tocando encostado à porta do barraco.

MARIA — Que foi, Tião?

TIÃO — O quê?

MARIA — Tu tá preocupado, é por causa do garoto? Não quero que tu case por obrigação...

TIÃO — Não diz bobagem... Greve agora não vai nada bem... Sempre dá bolo...

MARIA — Vamo indo...

CHIQUINHO — Tião!

Tião volta-se.

CHIQUINHO — Diz pro Juvêncio continuá tocando aqui perto!...

Os dois saem.

QUADRO II

CHIQUINHO E TEREZINHA
(jogam cantando) — Nosso amor é mais gostoso
Nossa saudade dura mais
Nosso abraço mais apertado
Nós não usa as "bleque-tais"!

OTÁVIO — Filho da mãe, pra emprestá uma porcaria dessa era melhor não ter emprestado nada!

CHIQUINHO E TEREZINHA
(cantando) — Minhas juras são mais juras,
Meus carinho mais carinhoso,
Tuas mão são mais pura
Teu jeito é mais jeitoso
Nós se gosta muito mais
Nós não usa as "bleque-tais"!

OTÁVIO — Vão acabar com esse berreiro ou não vão?!

ROMANA — Deixa eles, Otávio. Festa é pra cantá...

OTÁVIO — E eu tô consertando essa droga pra tocá, mas quero sossego!

Os dois cessam a cantoria.

OTÁVIO *(a Romana)* — Cadê a porca?

ROMANA — Que porca?

OTÁVIO — A do parafuso!

ROMANA — Eu que vou sabê! Deve tá aí pelo chão!

OTÁVIO *(procurando)* — Chiquinho, vê se faz alguma coisa, ajuda aqui...

CHIQUINHO *(achando logo)* — T'aqui, pai.

ROMANA — Tá tudo atrasado. Num deu pra fazê nada. E lava a roupa e faz comida, ajeita as bandeirinhas. Ainda bem que tu t'aí, Terezinha!

TEREZINHA — Eu até que num fiz nada...

ROMANA — Podia ter feito mais mesmo. As banderinhas do terreiro tão uma bela droga.

Chiquinho está para roubar um sanduíche.

ROMANA *(batendo-lhe com a colher na mão)* — Deixa isso aí, capeta!

CHIQUINHO — Me dá um, mãe!

ROMANA — Dá o quê? Num tem quase nada! Vai tudo ficá com fome; mais não tem!

CHIQUINHO — Me dá!

ROMANA — Cala a boca! Me faz um favor, Tereza, me pega aquele tacho que tá la fora.

TEREZINHA — Onde?

ROMANA — Perto do barril de chope!

Terezinha sai apressada.

OTÁVIO — É barril grande ou pequeno?

ROMANA — Pequeno, ué!

OTÁVIO — Num dá pra nada!

ROMANA — O dinheiro que tu me deu dá pra muita coisa...

CHIQUINHO — Me dá, mãe!

ROMANA — Menino, se tu soubesse como me irrita esse teu "me dá", tu saía correndo e num voltava mais!

OTÁVIO *(às voltas com a vitrola)* — Acho que essa droga aqui não tem mais jeito!

ROMANA — Foi-se o dinheiro que tu me deu e ainda tive que pedi emprestado pro Bráulio...

OTÁVIO — Logo pro Bráulio!

ROMANA — Precisava, não é!

OTÁVIO — Bráulio tá mais duro que poste.

ROMANA — Mas deu.

OTÁVIO — Vai ver que era dinheiro do armazém ou do aluguel. Tu não deve pedi mais nada pr'aquele negro. É capaz até de vender as calças pra prestá um favor.

ROMANA — Segunda-feira mesmo eu devolvo...

OTÁVIO — Puxa! Até que enfim!

CHIQUINHO — Consertou?

OTÁVIO — O rádio acho que sim! *(Liga o rádio. Ouve-se a Ave-Maria das seis horas.)* Reza que a fome passa. *(Liga a vitrola.)* Deixa vê a vitrola... *(Começa a tocar A voz do morro.)* Batata!

ROMANA — Até que tu serviu pra alguma coisa!

OTÁVIO *(ouve um pouco, depois desliga a vitrola)* — Chiquinho, tu comprou a Champanhe?

ROMANA — Champanhe?

OTÁVIO — Noivado de meu filho é com Champanhe! *(A Chiquinho:)* Onde é que tu botou?

CHIQUINHO — O quê? *(Entra Terezinha com o tacho.)*

OTÁVIO — A Champanhe!

CHIQUINHO — Eu inda não comprei!

OTÁVIO — Então, que é que tu está esperando, vai comprá! Já te dei o dinheiro.

CHIQUINHO — Pois é, deu!

OTÁVIO — Tu gastou o dinheiro, desgraçado?

CHIQUINHO — Gastá não gastei... Perdi!

TEREZINHA — Perdeu sim, eu vi!

ROMANA — Cala a boca que tu não é mulhé dele!...

OTÁVIO — Tu me dá esse dinheiro, menino, se não!...

CHIQUINHO — Perdi, palavra!

OTÁVIO *(correndo atrás dele)* — Seu safado! Agora é que eu te mostro quanto vale cinco mil cruzeiros. É quase um salário de teu pai, filho da mãe! *(Correm pela sala. Romana também procura acertar Chiquinho.)*

TEREZINHA — Ah! Não bate nele... Não bate nele...

OTÁVIO — Não corre que é pior! Quando eu te pegá eu dou dobrado!

TEREZINHA — Deixa ele, seu Otávio!

ROMANA — Noivado de teu irmão, sem Champanhe... Tu gastou em figurinha, desavergonhado!

CHIQUINHO — Gastei não, mãe, pergunta pra Terezinha!

TEREZINHA — Gastou não, perdeu. Eu vi.

OTÁVIO — Tu viu quando perdeu? Então por que não pegou?

ROMANA *(apanha as figurinhas do chão)* — E tu vai perdê as figurinhas também, seu capeta.

CHIQUINHO *(parando)* — Ah! Me dá mãe!

OTÁVIO *(agarrando-o)* — Te peguei, seu capitalista!

CHIQUINHO — Perdi, juro! *(Safa-se do pai e sai correndo.)*

OTÁVIO *(correndo até a porta)* — Aproveita a corrida e vai pedi mais duas dúzias de cerveja no boteco... E volta logo se não eu te racho!

VOZ DE FORA — Deixa de valentia, ó velho!

OTÁVIO — Vai te metê com tua vida!

TEREZINHA — Não fica com raiva, não, seu Otávio. Ele perdeu!

ROMANA — Deixa de sê mentirosa, menina. É demais! *(Apontando a menina.)* Isso aí pegou paixão por Chiquinho. Daqui a pouco vamo ter outro noivado...

OTÁVIO — Com esse estrepe de meu filho? Tu tá bem arrumada!

TEREZINHA — Que nada! Ele é ainda meio criança!

ROMANA — Criança, eu sei! Criança que faz criança não é mais criança.

Terezinha, com uma risadinha, sai correndo.

ROMANA — Tá louca! Tu reparou? Hoje em dia, essa moçada tá tudo de cabeça virada!...

OTÁVIO — Que é que tu queria, vivendo assim!... Deixa mudá de regime pra tu vê como melhora...

ROMANA — Não começa com tuas ideias, Otávio, pra mim isso é coisa do diabo e tá acabado!

OTÁVIO *(brincalhão)* — Tu tá velha e burra!

ROMANA — Burra, sim... Aguentando o tranco aqui. Tu chega: feijão na mesa. Tu sai: café na caneca. Tu toma banho: camisa lavada. O ordenado não deu? A burra lavou roupa e arranjou a gaita...

OTÁVIO *(brincalhão)* — E vai me dizê que tu é a única!...

ROMANA — Ah! Tu só tem é prosa! Porque leu nos livro. Porque o velho disse, porque o velho falou. Eu sei que se não sou eu a dá murro, nós tava é fazendo o enterro das crianças. Uma já foi!

OTÁVIO *(após breve pausa)* — Devia tá uma moçona!

ROMANA — Era bonita a danada...

OTÁVIO — Sabe uma coisa que eu nunca te disse? Tu é valente toda vida minha velha!...

ROMANA — Chorá pra quê? Melhó pra ela. A beleza não durava muito, não. Eu acho que é assim que devia sê. Os filhos deviam morrê antes da mãe!

OTÁVIO — Que é isso, velha!

ROMANA — Ora se devia! A mãe devia cuidá dos filhos desde a hora deles enxergá o mundo, até a hora deles dizê adeus. Nas horas de aperto todo mundo berra: "mamãe!" — na hora de morrê quase nunca ela tá perto. Eu tive perto de Jandira; ela morreu sorrindo; era noite de São João...

OTÁVIO (*abraçando a velha*) — E hoje é o noivado do garoto... Nada de cara triste... Cadê ele, hein?

ROMANA — Tomando banho na casa do Eduardo!...

OTÁVIO — Deixa eu dá uma beliscada.

ROMANA — Larga isso, homem!...

OTÁVIO — Sabe, eu acho que ele vai se dá bem com Maria!

ROMANA — Ela é muito boazinha... Tu sabia que ela é diplomada?

OTÁVIO — Não.

ROMANA — Sim senhor! Diplomada em corte e costura. Ganhou até prêmio!

OTÁVIO — Já é uma profissão. (*Belisca mais um sanduíche...*)

ROMANA — Otávio!... Não sobra nada!

OTÁVIO — Eu às vezes fico pensando na situação do Tião. Ele não se sente bem com a gente, não!...

ROMANA — Por quê?

OTÁVIO — Ele viveu bem com os padrinho... A mudança foi dura pra ele...

ROMANA — Tião não ia ficá servindo de pajem toda vida, ia?

OTÁVIO — Mas a mudança foi dura... Tião ainda hoje é o tipo do rapaz de cidade, feito pra morá em apartamento...

ROMANA — É melhó do que morá em barraco...

OTÁVIO — Claro! Mas geralmente o sujeito melhora de casa e muda as ideia. O problema de Tião é esse — mora em casa errada! Dando um duro danado a gente se convenceu que melhorá só com muita luta... Tião, não. Ele não quer melhorá, ele quer voltá a ser...

ROMANA — Tu devia é deixá de lê essa livraiada que tu vive lendo. Aposto que não ficava vendo problema onde não tem.

OTÁVIO — O pior é que tem... Mas ele vai sê feliz com Maria...

ROMANA — Estefânia é que não precisou de muita luta pra melhorá de vida! Marido dela era porteiro de um clube grã-fino. Muito puxa-saco, esperto que nem ele só, arrumou dinheiro emprestado e alugou apartamento. Fizeram rendez-vous, tá bem?! Agora já compraram apartamento; o marido deixou a portaria e trabalha no escritório do clube. E é respeitado. Tudo quanto é sócio é freguês do rendez-vous. Tem todos eles na mão... Tão felizes, contentes... e sem muita luta, seu Otávio!...

OTÁVIO — Deixa isso, vamos embora, rápido!

ROMANA — Pra onde, seu louco!

OTÁVIO — Montá um rendez-vous!

ROMANA — Cruz-credo, Ave-Maria, sai pra lá!

OTÁVIO (*abraçando-a*) — Melhorá mesmo, só com muita luta, D. Romana!

TEREZINHA (*fora*) — Viva a noiva, viva a noiva!

MARIA (*entrando*) — Boa noite, meus sogros!...

OTÁVIO — Pensei que não vinha!...

MARIA — Pedi pra saí mais cedo da oficina mas não houve jeito!...

OTÁVIO — Olha só, Romana. Até que se eu fosse mais moço...

ROMANA — Eu te dava com o martelo na cabeça, velho sem-vergonha! *(Para Maria)* Ah! Maria, que trabalhão... Tá tudo ainda uma desordem... E lava a roupa, e faz comida, e ajeita bandeirinha e faz sanduíche...

MARIA — Imagino!... Eu queria ajudá, mas a madame não quis sabê de me deixá saí...

ROMANA — Ah! Já tou acostumada. Trabalho é bom.

OTÁVIO — E sua mãe como vai?

MARIA — Na mesma, coitada. Muitas dores, não pode nem mais sentar. Tá tão triste, queria que a festa fosse lá...

ROMANA — Pena que ela não possa vir!...

MARIA — O João vem representá a família. Ela disse pro senhor ir lá em casa; tá doida por uma prosa. E é melhó ir depressa, porque do jeito que vai daqui a um mês ela não pode mais falá...

ROMANA — É, tá no fim mesmo!...

OTÁVIO *(repreendendo-a)* — Que nada, Romana! Isso trata!

ROMANA — Isso!? Desculpe, menina, mais isso não tem cura, não. Nem pai de santo adianta mais. Olha, dou mais três meses e olhe lá... E é melhó, hein!... Mais tempo sofre mais!

OTÁVIO — Tirou o dia pra dizê bobagem!

ROMANA — É a verdade, e da verdade ninguém escapa, meu nego. E depois, cadeia foi feita pra ladrão, caixão pra defunto. Pra que ficá enganando os outros? É o fim mesmo. É ou não é minha filha?

MARIA — Tá na mão de Deus!

ROMANA — E depois é um dinheirão em remédio!

OTÁVIO — Não há de ser nada, não. Tem muito tempo pela frente. E eu ainda vou prosá muito com a velha!...

TEREZINHA *(fora)* — Viva o noivo! Viva o noivo!

ROMANA — Tamo até com porteiro anunciador!...

TIÃO *(entrando)* — Minha santa! A mulher mais feliz do mundo. Fica noiva do rapaz mais bacana da Leopoldina. *(Passa a mão pelo cabelo.)* Manja só a cabeleira. *(Abraça Maria.)* Tá bonita, mulher! Como é, mãe... E as comida?

ROMANA — Perto do teu pai, diminuindo!

OTÁVIO — É intriga. Teu irmão é que tava comendo o tempo todo...

TIÃO *(beliscando no prato)* — O noivo tem direito. Bem, gente... Hoje é meu dia... Já ganhei presente de noivado...

ROMANA — Saiu o aumento?

OTÁVIO — Que aumento! Sem greve não sai aumento!

ROMANA *(repreendendo-o)* — Otávio!...

TIÃO — Aumento nada... Tive minha chance no cinema!...

ROMANA — Como é que é?

OTÁVIO — Explica isso!

MARIA — Cinema?

TIÃO — Cinema, cinema. Vistavisão, Cinemascope e outras vigarice... Cinema!...

ROMANA — Ah, vai tomá banho!

OTÁVIO — Explica isso!

TIÃO — Muito simples. Tou calmamente vindo pra casa quando eu vejo um monte de gente, polícia... Não tava com pinta de ser desastre... Fui espiar não é... Fura aqui, fura ali, cheguei perto das cordas de isolamento... Era uma filmagem! Uma porção de artista, uns cara correndo de lá pra cá, o diretô da fita de boina na cabeça... De repente, o cara de boina me chama... Eu fui, né... Ele mandou eu andá na frente da máquina e dizer: "Que beleza". E eu disse.

MARIA — E depois?

TIÃO — Depois ele filmou. Eu andei de novo e repeti: "Que beleza".

ROMANA — E quanto tu ganhou?

OTÁVIO — Parece gringo!

TIÃO — O que eu ganhei? *(Tira um cartão do bolso:)* Esse cartão! — Cineasta-Antônio Di Rocca — Escritório, Av. Getúlio Vargas...

ROMANA — Deus faça que esteja em bom lugar!

TIÃO — 1.058. Tá bom?

MARIA — Mas do que adianta?

TIÃO — Meu amor, do que adianta? O homem achou que eu tenho panca pro troço. Mandou eu aparecer por lá pra acertá novos detalhes!

OTÁVIO — Não sei, não.

TIÃO — É fato minha gente! Tiãozinho diretamente da Leopoldina para a Cinelândia. *(Cantarola música de jornal da tela e teatralmente para Maria.)* Desde que te vi meu coração ficou partido, minha alma cheia de fogo, agora te abraço e me redimo dos meus pecados. Zi endi! Que tal?!

ROMANA — Minha filha deixa esse Tirone Pover aí e me ajuda a levar esses pratos lá pra fora. O pessoal deve tá chegando.

TIÃO — Caçoa, caçoa que não te dou entrada de graça!

MARIA — Até que seria bom, hein!

TIÃO — Seria não, minha nega, vai sê! *(Saem as duas levando os pratos.)*

OTÁVIO — É sério isso?

TIÃO — Ora se é, tá aqui o cartão!

OTÁVIO *(lendo)* — Di Rocca. Brasileiro 100%.

TIÃO — Diretor de cinema e estrangeiro por luxo. Seu filho, meu pai, tá de caminho feito. O que é que diz aí a vanguarda esclarecida?

OTÁVIO — Que tá tudo podre e que é preciso dá um jeito, isso, é que devia dizê. Mas esses vagabundos de intelectuais ficam discutindo se o velho era um filho da mãe, ou não, se os bigodes atrapalharam ou deixaram de atrapalhar! E aqui continua tudo subindo, ninguém mais pode vivê, e eles discutindo se o velho era personalista ou não! Que vão tomá banho!

TIÃO — Tem uma nota sobre a greve na primeira página!...

OTÁVIO — Se até as oito horas da noite não derem o aumento, greve geral na metalúrgica!

TIÃO — Ninguém tem peito, pai!

OTÁVIO — Como não tem peito? Tá esquecido do ano passado?

TIÃO — Eu não tava lá.

OTÁVIO — Mas eu estava! Deram o aumento ou não deram?

TIÃO — Deram parte do aumento, parte! E mesmo assim porque todas as categorias aderiram! Mas aguentá o tranco sozinho, ninguém.

OTÁVIO — Espera só a assembleia de hoje e vai ver se tem peito ou não! Eu tinha avisado, hein! O ano passado entramos em acordo com o patrão e foi o que se viu. Agora, aprenderam.

TIÃO — E por que entraram em acordo?

OTÁVIO — Porque parte da comissão amoleceu...

TIÃO — Tá vendo, t'aí! Se, em greve de conjunto metade da turma amoleceu...

OTÁVIO — Metade da turma não senhor! Metade da comissão.

TIÃO — E então?

OTÁVIO — E então, o quê? Eram pelegos! A turma topava mas tinha meia dúzia deles que eram pelegos. A turma topava, os pelegos deram pra trás.

TIÃO — Não, pai. Pro senhor, quem não pensa como o senhor é pelego...

OTÁVIO — Nada disso! Eram pelegos no duro. T'aí a prova: tá tudo bem-arrumado na fábrica. Tudo chefe e fiscal. O que é isso? Peleguismo, traidores da classe operária...

TIÃO — Então metade da turma lá da fábrica é pelego, porque tá tudo com medo da greve!

OTÁVIO *(furioso)* — Não diz besteira, seu idiota! A turma que t'aí é a mesma turma que fez greve o ano passado e que aguentou tropa de choque em 51...

TIÃO — E por isso mesmo 'tão cansados e não querem sabê de arriscá o emprego...

OTÁVIO — Tu tá discutindo como um safado!... Pois fica sabendo que lá tem operário e não menino-família pra medrá.

ROMANA *(entrando)* — Não grita tanto homem! Só vive discutindo política! *(Pega mais sanduíches e sai.)*

OTÁVIO *(baixando a voz)* — Tu vai me dizê com o resultado da assembleia de hoje! *(Pausa.)*

TIÃO — Os pelego que furaram a greve o ano passado tão bem de vida, é?

OTÁVIO — Depende do que tu chama de bem de vida. Pra mim eles estão na merda, merda moral que é pior! Se venderam, né!

TIÃO — É! *(Pausa.)* Eu queria casá daqui a um mês, pai!

OTÁVIO — Bom!

TIÃO — O senhor gosta de Maria, não é, pai?

OTÁVIO — Pode ser uma boa companheira!

TIÃO — Ela é diplomada, sabia?

OTÁVIO — Tua mãe me disse... Que é que tem isso? Diploma não vale nada. Esse governo que t'aí é tudo diplomado! Analfabeta mas honesta, mal-educada, falando errado mas com... com aquele *(procurando)*, aquele treco que só a gente tem aqui dentro *(bate no peito)*. Essa é a mulhé que eu queria pra meu filho...

TIÃO — Além de tudo, ela tem esse... treco, pai!

OTÁVIO — Sei não. Tu parece que não tem...

TIÃO — Por quê?

OTÁVIO — Tu tem medo...

TIÃO — De quê?

OTÁVIO — Uma porção de medos... Um é de perdê o emprego.

TIÃO — Não é medo...

OTÁVIO — Então por que tu foi vê se arrumava emprego no escritório da fábrica?

TIÃO — Ganha mais.

OTÁVIO — Tu também procurou na farmácia do Dalmo... lá ganha menos...

TIÃO — Foi só pra ter uma ideia...

OTÁVIO — Sinceramente?

TIÃO — Não tenho nada pra escondê!...

OTÁVIO — Tu acha que aguenta as luta da fábrica sem medo!...

TIÃO — Se os outros aguentá.

OTÁVIO — Se não aguentasse?

TIÃO — O senhor acha que a turma vai topá a greve?

OTÁVIO — A assembleia é hoje à noite. Bráulio tá lá, ele vem com as novidade... t'aí um que tem esse tal treco... Emprestou dinheiro pra nós... É capaz de vender as calças pra prestá um favor...

TIÃO — Tem poucos assim!

OTÁVIO — Engano.

TIÃO — Ninguém vale nada, pai!

OTÁVIO — Como você tem medo!

TIÃO *(irritado)* — Mas medo de que, bolas!

OTÁVIO *(imperturbável)* — De ser pobre... da vida da gente!

TIÃO *(com um gesto de quem afasta os pensamentos)* — Ah! Tou é nervoso... tou apaixonado, pai... Não liga, não!

Entram Chiquinho e Terezinha.

TEREZINHA — O pessoá tá chegando!

OTÁVIO *(a Chiquinho)* — Tu comprou as cervejas, seu estrepe?

CHIQUINHO — Duas dúzias, pai! Né, Tezinha?

TEREZINHA — Comprou sim, seu Otávio, eu vi!

Entram Romana, João e Maria.

ROMANA — T'aí o genro, Otávio. Olha só que pratão de doce que ele comprou...

OTÁVIO — Pra que se incomodá, seu João!...

JOÃO — Deixa pra lá... Como é que é, Tião...

TIÃO — Tudo bom...

ROMANA — Mas vamo sentá, João, uai! Cadeira só uma, mas tem caixote!

João e Maria sentam-se nos caixotes, a cadeira fica vazia.

OTÁVIO — Vamo então dá a partida. Tenho uma caninha aí que é um regalo. Vamo vê?

JOÃO — É, uma caninha vai bem!

VOZ DE MULHER DE FORA — Romana, ó Romana!

ROMANA — É a Eulália, já vai pedi coisa! *(Alto:)* Já tô indo, sua chata! *(Sai. Chiquinho e Terezinha acompanham. Os homens bebem.)*

JOÃO — É boa.

TIÃO — Paulista.

JOÃO — O pessoá tá atrasado.

OTÁVIO — Vem tudo junto. Se entrá a vizinhança é que vão sê elas!

JOÃO — Vê lá o Carmelo, hein!

OTÁVIO — Esse se entrá sai a tiro!

TIÃO — Moleque arruaceiro.

JOÃO — Um cara desses devia tá em cana!

OTÁVIO — Dedo-duro da polícia lá vai em cana?! Tem até regalia!

ROMANA *(entra esbaforida)* — Mais um pra sofrê! A Cândida do 36 vai dá à luz!...

OTÁVIO — O morro tá em festa, hoje...

ROMANA — Qual festa! A mulhé tá berrando que nem uma bezerra. Pra mim é mais que um. Aquilo é gêmeo no mínimo!

JOÃO — Então isso não é motivo pra festa, D. Romana?

ROMANA — Pra tu pode sê, que não vai tê que sustentá... Eu sou que nem japonês: morreu faz festa, nasceu desata a chorá!

JOÃO — Assim, também não...

MARIA — Ela tá precisando de ajuda.

ROMANA — O mulherio tá todo lá. E depois, eu ensinei uma simpatia que é tiro e queda. Num dou mais duas horas e os bichinhos vão nascê que nem rolha de champanhe!

OTÁVIO — Chamaram a parteira?

ROMANA — Já! Mas não era preciso, não.

OTÁVIO — Romana, tu não entende do negócio. Fica inventando moda, é capaz de complicá a mulhé...

ROMANA — Ora, te aquieta, Otávio...

JOÃO — Eu acredito em simpatia. Meu tio uma vez...

Entram com estardalhaço: Jesuíno, Dalva e dois casais.

JESUÍNO — Música pessoá que nós chegamo!

OTÁVIO — Ora viva, pensei que tivessem ficado em outra festa pelo caminho!

ROMANA — Seu frajola, descarado! Óia só, faz a gente esperá mais de mês e depois aparece com a cara limpa, limpa...

JESUÍNO — Dá cá um abraço, minha velha! *(Para seu Otávio:)* Como é, seu Otávio, tem música ou não tem?

DALVA — Palmas pros noivos!

Todos batem palmas; abraçam-se, cumprimentando Tião e Maria.

OTÁVIO — Vamos ficando a gosto, minha gente. A casa é de pobre mais é nossa!

ROMANA *(gritando para fora)* — Chiquinho e Terezinha! Vão preparando os copo que a turma já vai entrá no chope...

TEREZINHA *(de fora)* — Já tamo preparando!

OTÁVIO *(indo à vitrola)* — Dei um duro danado consertando essa droga, vamo vê se não desmerece.

ROMANA — Pro que é emprestado tudo serve!

JESUÍNO — Falô a véia de ouro!

ROMANA *(rindo)* — Dá mais um abraço, moleque sem-vergonha! *(Abraçam-se.)*

CHIQUINHO *(entra com Terezinha)* — Olha o chope! *(Começa a música.)*

OTÁVIO — Funcionou!

JESUÍNO *(chamando)* — Darvinha!

DALVA *(pulando pra Jesuíno)* — Tô aqui!

JESUÍNO — Vamo mostrá como se dança!

Dançam agarradinhos, passos de gafieira.

OTÁVIO — Olha lá que eu sou mestre-sala!

TIÃO — Maria, não vamos deixá eles passá na nossa frente não, gruda aqui!

Dançam também, os outros riem. Otávio vai de par em par separando os que estão muito juntos.

OTÁVIO — Não escracha que essa gafieira é de respeito!

Chiquinho e Terezinha entram na dança.

ROMANA *(apontando)* — Óia só esses dois!

JESUÍNO — Trocá de par!

Jesuíno pega Maria.

TIÃO — Vamo nóis, Darvinha!

TEREZINHA — Cuidado, Maria!

CHIQUINHO — Zuíno, tão te passando pra trás!

OTÁVIO — Logo agora que ele vai trabalhá no cinema, tu precisa tomá cuidado, se não te passam pra trás mesmo, Maria!

DALVA — O quê? O Tião também vai trabalhá no cinema?

ROMANA — Chegou todo prosa, minha filha.

JOÃO — Até que enfim vou ter parente rico!

DALVA *(espantada)* — O Jesuíno também vai. Prosa táva ele...

JESUÍNO — Trocá de par! *(Trocam novamente.)*

TIÃO *(contrariado)* — Tu também, Jesuíno?

JESUÍNO — Uai! Sou mais feio que tu por acaso?

DALVA — Ele tá de encontro marcado com um cineasta! Um italiano!

OTÁVIO — Que nem o cara que falou com o Tião! Só dá estrangeiro.

JESUÍNO *(parando de dançar, no que é acompanhado por Tião)* — Tá aqui, Antonio Di Rocca!

TIÃO — É o meu, ora!

JESUÍNO — Não! Esse é o meu.

DALVA — Então, estão os dois!

OTÁVIO — Parece, não é? O cartão é o mesmo!

TIÃO — Pois é! Tu encontrou o homem na rua, não foi?

DALVA — Que nada, ele foi na fábrica procurá o Jesuíno.

TIÃO — No duro, é?

DALVA — Foi sim!

ROMANA — Cinema sim, eu sei. Isso é conto do vigário!

JESUÍNO — Conto nada, D. Romana. O homem até me perguntou se eu não conhecia um tal de Sebastião... Eu não me lembrei do Tião, pensei que fosse outro...

TIÃO *(irritadíssimo)* — Devia ser outro. Porque eu encontrei o homem na rua. Disse "que beleza" na frente da máquina e ele marcou encontro comigo... Ele não me conhecia antes...

JESUÍNO — Mas você não disse pra ele que trabalhava na fábrica?

TIÃO — Disse.

JESUÍNO — Então foi isso!

TEREZINHA — Arranja lugá pra mim no filme?

JESUÍNO — Tu queima qualquer fita!...

CHIQUINHO — Queima nada!...

JESUÍNO — Perdão, eu tava só brincando!...

MARIA *(que se mantivera séria ouvindo)* — Puxa, que coincidência, não é?

JESUÍNO — Parece até mentira!

TIÃO *(rindo amarelo)* — Parece mesmo! *(Mudando logo.)* Mas como é que é? Vamo animá isso ou não vamo? *(Recomeça a música.)*

ROMANA — Quem quiser dançar é melhó ir pro terreiro, lá tem mais espaço!

OTÁVIO — O pior é que não tem muita luz!...

JESUÍNO — Que é isso, compadre. Pior não, melhor!

DALVA — Faz de conta que é "boite" *(pronuncia como está escrito)*.

ROMANA — É, "boite" de pobre só pode ser terreiro escuro!

TIÃO — O chope tá lá fora é só ir servindo.

TEREZINHA — E o pedido?

MARIA — Já não, pera aí!

TEREZINHA — Mas vai tê pedido?

JESUÍNO — Vamo lá Tião, te anima!

TIÃO — 'Tá cedo ainda!

ROMANA — Mete os peitos, rapaz!

OTÁVIO — O pior é que não tem nada melhó pra beber. O Chiquinho quebrou a garrafa de champanhe!

CHIQUINHO — Eu perdi, pai, palavra! *(Leva um tapa.)*

DALVA — Cómo é que é, Tião!

TIÃO *(a Maria)* — Vamo?

MARIA — Vamo! *(Todos se reúnem em volta da mesa.)*

TIÃO *(em meio a um grande silêncio)* — Bem... hum... seu João. Eu conheci Maria, gostei... e quero casá... porque gosto dela, e ela de mim... É só. *(Palmas.)*

JOÃO — Seu Sebastião, eu, em nome da famía de Maria, em nome de nossa mãe que doente não pode está aqui, eu quero dizê pra todos que é com alegria e sastifação que nós te recebemos na famía, fazendo o único pedido que tu faça a Maria feliz! E que esteja tudo na graça de Deus!

DALVA *(enquanto todos batem palmas)* — Muito bem, assim é que é!

JESUÍNO — Um viva pros noivos!

TODOS — Viva!...

OTÁVIO — E com cachaça mesmo! *(Serve cálices.)* Aos nossos filhos! Ao futuro casamento e à Libertação do Brasil!

ROMANA — Otávio!

CHIQUINHO — Pro terreiro pessoá, tem chope!

TEREZINHA — Vamos pra "boite"!

Saem todos menos Romana, Jesuíno e Tião.

ROMANA — Liga o bichinho ali, Tião!

Tião liga a vitrola. De fora vêm risadas. Romana vai ao outro quarto.

JESUÍNO — Tu quer mesmo é cartaz, hein, vagabundo?

TIÃO — Cartaz, por quê?

JESUÍNO — O negócio do filme.

TIÃO — Onde tu encontrou o cartão?

JESUÍNO — Onde tu encontrou também. Na subida do morro. Tinha uma porção, tudo esparramado!

TIÃO — Não fica te fazendo de besta que tu também inventou uma história *(Pausa — Romana atravessa a cena, cantarolando, dirigindo-se ao terreiro).*

JESUÍNO — Não foi pra me mostrá, não. Foi pra Dalvinha tê mais coisa comigo, me achá mais bacana. Tu sabe como é mulhé. Elas sim só querem cartaz!

TIÃO — Eu inventei essa história por causa dos velhos. Eles ficaram contentes.

JESUÍNO — Tua mãe achou vigarismo...

TIÃO — Da boca pra fora. No fundo 'tá se babando! E o pai então? Fingiu que não ligou, mas ficou todo bobo. Pra eles é bom, têm a impressão que a gente pode subi mesmo na vida. E isso bem que podia tê acontecido mesmo...

JESUÍNO — Ah! Lá isso podia...

TIÃO — Com franqueza, velho... Me dá uma secura de saí daqui!

JESUÍNO — Sim, e ir pra onde... ?

TIÃO — Embora! Não te enche essa vida, não? Trabalha, trabalha... e sempre lutando... E pra quê?

JESUÍNO — É o jeito, é se virá... Escuta, tu não tá topando muito a greve não, não é?

TIÃO — Deixa isso pra lá, amanhã a gente conversa.

JESUÍNO — Essa greve dá bode rapaz!

TIÃO — Deixa, deixa... Vamo lá pra fora...

CHIQUINHO *(na porta)* — Com'é Tião, Maria tá lá fora sozinha.

TIÃO — Tô indo, tô indo... *(Balbúrdia na porta — entram todos com Bráulio.)*

MARIA — Chegou o Bráulio. 'Tá com notícias da fábrica!

OTÁVIO *(dando a cadeira a Bráulio)* — Senta, homem, tá cuspindo o pulmão!

BRÁULIO *(arfando)* — Êta subidinha braba!

ROMANA — E eu que subo isso umas quatro vezes por dia!

BRÁULIO — A senhora é de ferro, D. Romana. O nego não tem os purmões lá muito em dia, não!

OTÁVIO — Boa a Assembleia?

BRÁULIO — 'Tava.

MARIA — O que resolveu?

BRÁULIO — Pera aí, deixa eu acalmá o ar!

VOZ DE FORA — Romana, ó Romana!

ROMANA — Ô! Gente chata! *(Sai.)*

OTÁVIO — Nossa turma 'tava toda lá?

BRÁULIO — Só faltou você *(continua arfando e enxugando o suor com o lenço).*

OTÁVIO — Tu vai bebê uma caninha da boa. Se ainda deixaram pra esse negro. *(Serve pinga.)*

BRÁULIO — Pouquinho, Otávio, pouquinho! *(Beberica um pouco.)* Bem, minha gente, segunda-feira greve geral! *(Silêncio.)*

OTÁVIO *(triunfante, olhando para Tião:)* Eu não falei? A turma é do barulho!

TIÃO *(sério, abraça Maria)* — Tinha muita gente lá?

BRÁULIO — Tinha, tinha... A turma do sindicato 'tava toda...

OTÁVIO — Já tem gente aderindo?

BRÁULIO — Por enquanto é muito cedo... Não, o negócio não vai ser sopa. Segunda-feira, cedinho, vamo se concentrá na porta da empresa. Vão querê obrigá a gente entrá, mas nós não entra!

TIÃO *(rígido)* — Não vai ser sopa!

OTÁVIO — Não é a primeira que a gente faz!

Silêncio, Bráulio beberica.

TEREZINHA — Dança comigo seu Otávio?

OTÁVIO — Danço sim! *(Brincalhão a Chiquinho:)* Não adianta me olhá feio...

CHIQUINHO — Pai, eu perdi o dinheiro, num joguei, não!

OTÁVIO — Tá bom, vai...

TEREZINHA — Vamo dançá no terreiro! *(Saem. O samba na vitrola aumenta devagarinho. Sebastião continua estático abraçando Maria que o olha preocupada. Bráulio beberica...)*

Biblioteca do Instituto Federal do Paraná
Câmpus Curitiba

BRÁULIO — Dá cá um aperto de mão *(Maria e Tião seguram as mãos de Bráulio)*. Felicidades pra vocês... Quando é que casam?

TIÃO — Daqui um mês, eu queria... daqui um mês...

Pausa, o samba aumenta.

ROMANA *(que começa a gritar de fora irrompe aos berros)* — Eu falei! Nasceu, nasceu! Gêmeos. A Cândida teve gêmeos... Minha simpatia não falha! Pessoal a festa muda pro 36, a Cândida teve gêmeos!...

FIM DO PRIMEIRO ATO

Ato II

(Mesmo cenário. Domingo de manhã. Romana ocupa-se com a casa. Chiquinho zanzando pelo barraco. Tião na porta do barraco absorto em seus pensamentos.)

QUADRO I

ROMANA — O que estraga é que homem não pode vê festa sem bebê. Teu pai sabe que não pode bebê e já tava de cara cheia...

CHIQUINHO — Gozei foi com o porre do Mauro. Levou um bruta tombo na descida... Rasgou a calça...

ROMANA — Aproveita o exemplo, Chiquinho... Quando tu fô a festa, bebe, mas não mistura...

CHIQUINHO — Eu misturei e não aconteceu nada...

ROMANA — Tu deixa de saliência, garoto... Não aconteceu nada... Todo mole dormindo no colo da Tereza. Se tu tivesse bom ia levá uns tapa.

CHIQUINHO — Dormi foi de sono, não foi de porre!

ROMANA — O Bráulio é que é duro na queda... Tá com os purmão arrebentando, mas bebe bem...

CHIQUINHO — Gozado o jeito dele... Um pouquinho, só um pouquinho... E vai engolindo... *(Pega um Gibi e senta-se.)*

ROMANA — E a Cândida, coitada, quase morrendo, com a casa cheia de bêbado... Tu viu, Tião? Uma porção de bêbado em volta dos gêmeos: "Que bonitinho!" — Até bêbado esses caras não têm franqueza. (*Pausa.*) Não sei por que essa mania de achá criança recém-nascida bonita. É feio que dói! E se puxaram a mãe vão ser mais feio ainda!... Ei, Tião, tá me ouvindo...

TIÃO — Hum!?

ROMANA — Tô falando contigo...

TIÃO — Sei...

ROMANA — Sabe o quê? Tá ficando louco?

TIÃO — Tô pensando...

ROMANA — Na morte da bezerra?

TIÃO — Em como seria bom viajá. Pegava um avião e zuuuuuum! Ia embora. Tomava café aqui, almoçava na Bahia... Jantava no México... Dormia no Japão... Eu e Maria... Já imaginou se Maria fosse japonesa que gozado?

ROMANA — Tá de porre ainda...

TIÃO — Tou não!...

ROMANA — Mas que ontem tu tava, tava.

TIÃO — Um pouquinho...

ROMANA — Pouquinho muito... Sorte que teu pai também tava, senão ia saí muita discussão... O que tu disse pra ele não se diz.

TIÃO — O que foi que eu disse?

ROMANA — Então tu não lembra?

TIÃO — Palavra que não.

ROMANA — Ainda bem...

TIÃO — O que foi que eu disse?

ROMANA — Um monte de ingratidão... Que o culpado da tua vida era teu pai... Que a gente devia tê te deixado com teus padrinhos... Que se tu tivesse na cidade, Maria não ia precisá continuá trabalhando e um monte de besteira...

TIÃO — Bebedeira!...

ROMANA — É, mas é bêbado que a gente se abre... Eu fiquei cismada.

TIÃO — Não tem motivo mãe...

ROMANA — Só se tu fosse burro poderia querê tê ficado com os teus padrinho...

TIÃO — Isso não... Se não fosse eles eu não tava vivo...

ROMANA — Não faz romance... Cuidei de Jandira, cuidava de tu também...

TIÃO — Com papai na cadeia, a senhora sozinha, duvido muito!

ROMANA — E mesmo se não cuidasse, eles não fizeram coisa melhó... Conheço aquela laia, queriam é pajem pros filhos, um criadinho... E vieram com a conversa de educá você, de fazê você um homem... Então por que não te puseram na escola? Pra te mandarem pro grupo foi um custo... Tu hoje podia tá formado, Tião...

TIÃO — Mas não tô... O que passô, passô!

ROMANA — Mas que tu tá meio enfezado, tá... Que é, é a ressaca?

TIÃO — Preocupação... Tenho que casá no mês que vem...

ROMANA — E casa uai!... Quem resolveu foi tu mesmo, aguenta a mão...

TIÃO — Mas é duro, mãe...

ROMANA — Todo mundo acaba casando. Duro é, mas a gente sempre se vira...

TIÃO — Sabe, mãe, uma coisa que me invoca... É Maria tê de continuá trabalhando depois de casada...

CHIQUINHO *(imperturbável, lendo o Gibi)* — Pensamento burguês...

ROMANA — A conversa não chegô na cozinha... E se tu vive repetindo o que ouve teu pai dizê, vai pará em cana sem sabê por quê... *(A Tião:)* Que é que tem trabalhá? Não mata, não... Olha eu... tô aqui dando dúro ano mais ano e ainda não morri.

TIÃO — É!...

ROMANA — Tu tá é precisando de um purgante...

TIÃO — Tô bom...

ROMANA — Tu é outro que não pode bebê...

TEREZINHA *(entra correndo)* — Seu Otávio tá quase brigando no botequim!...

ROMANA — Nossa Senhora, pronto... Esse Otávio!...

TEREZINHA — Tá quase; ainda não tá, não! É por causa da greve. Seu Antônio disse que greve é coisa de vagabundo. Aí, seu Otávio disse que vagabundo era quem ganhava dinheiro com a barriga encostada na caixa. Aí, seu Antônio disse que quem não consegue dinheiro é porque não gosta de trabalhar. Aí seu Otávio disse que seu Antônio era ladrão e "caspitalista". Aí, eles ficaram berrando que não entendi mais nada!...

ROMANA — Isso ainda dá encrenca...

TIÃO — Dá não... Seu Antônio é o português mais de nada que eu já vi.

ROMANA — Vai lá, Tião... Diz pra teu pai criá juízo!...

TIÃO — Tá. Não te preocupa, não. O velho fala, fala, mas acaba em nada... *(Vai saindo:)* Vamo Chico...

CHIQUINHO — Eu fico... *(Tião sai.)* Mãe... a senhora podia me arrumá uns trocado?

ROMANA — Pra quê?

CHIQUINHO — Pra ir ao cinema com Terezinha...

TEREZINHA — Tem filme do Oscarito...

ROMANA — E teu ordenado?

CHIQUINHO — Cabô.

ROMANA — Então vai ao cinema pro mês, pra aprendê não esbanjá!

CHIQUINHO — Esbanjei não... Seu Álvaro é que descontou uns troços que sumiram do armazém.

ROMANA — Tu anda roubando as coisas do Álvaro, seu safado?

TEREZINHA — Cruz-credo, D. Romana, rouba não!

ROMANA — Tu cala a boca anjo da guarda!

CHIQUINHO — Roubei nada, mãe!

ROMANA — Eu vou conversá com ele. Mas fica sabendo, se tu tirou um feijãozinho que for tu vai apanhá tanto que nem sei!

Pega uma trouxa de roupa e sai.

TEREZINHA — Tu roubou?

CHIQUINHO *(assustado)* — O quê?...

TEREZINHA — As coisas do armazém?

CHIQUINHO — Roubá, eu não roubei, não!

TEREZINHA — E por que tu não reclamou com o seu Álvaro? Agora nóis fica sem ir ao cinema!

CHIQUINHO — Adianta nada reclamá... Ele tem de descontá de alguém... desconta de mim!

TEREZINHA — Mas não tá certo!

CHIQUINHO — E depois, eu não roubei, mas deixei roubá!

TEREZINHA — Chiquinho, tu deixou?!

CHIQUINHO — Deixei. Mas não tive culpa, não. Eles me obrigaram...

TEREZINHA — Quem?

CHIQUINHO — A turma do Tucà, aquele moleque sardento que vende amendoim... A turma dele é braba... A Amélia tava cheinha de compra. Tinha três dúzias de fruta, uma porção de chocolate e o uísque do Dr. Pedro. Eu passei perto do Tuca... Eu tava até rindo pra ele não cismá comigo! Mas foi pió, perguntô pruquê eu tava rindo...

TEREZINHA — Eu se fosse tu quebrava a cara dele!

CHIQUINHO — É uma turma de mais de vinte!... Tiraram tudo!

TEREZINHA — Mas tu deixou?

CHIQUINHO — Que jeito? E depois eles foram legais. Me deram fruta e chocolate...

TEREZINHA — E tu devolveu?

CHIQUINHO — Tinham tirado mesmo! As fruta eu comi, o chocolate eu te dei.

TEREZINHA — Aquele chocolate que tu me deu era esse?

CHIQUINHO — Era!

TEREZINHA *(com raiva)* — Tu mente, hein, Chiquinho! Tu não disse que tinha guardado dinheiro só pra me dá chocolate?

CHIQUINHO — Ficô mais bonito, num ficô?

TEREZINHA *(zangada)* — Tu mente muito. *(Pausa.)*

CHIQUINHO — Tezinha, tu gosta de mim?

TEREZINHA — Num sei, não!

CHIQUINHO — Diz que gosta!

TEREZINHA — Tu é muito encrenqueiro, vive apanhando. Não faz nada direito. Depois fala em casá! Casá de que jeito? Pruquê tu não contou a seu Álvaro o que aconteceu com as coisas? Ele não te descontava.

CHIQUINHO — Contá eu contei! Ele não acreditou. Disse que não me mandava embora porque tem bom coração... Mas descontou!

TEREZINHA — Podia ter contado tudo pra seu Otávio, ele dava um jeito!

CHIQUINHO — Ele não ia acreditá. E depois, se acreditasse, ia me chamá de frouxo!

TEREZINHA — Tu foi sim!

CHIQUINHO — Foi o quê?

TEREZINHA — Frouxo, mole! Eu dava um escândalo!

CHIQUINHO — Mulhé pode dá escândalo, homem não! Tem de aguentá calado; malandro não estrila, aguenta a mão!

TEREZINHA — E fica sem dinheiro...

CHIQUINHO — Mas aguenta a mão. *(Pausa.)* Tezinha, se eu pudesse eu te dava tudo!

TEREZINHA — Chocolate roubado!

CHIQUINHO — É gostoso do mesmo jeito!

TEREZINHA — Isso é! *(Ri.)* Sabe o que eu queria, Chiquinho... Os dourado da Igreja... Tu não acha bonito? Aqueles pano branquinho e tudo dourado. Tem cada Nosso Senhor grande.

CHIQUINHO — Eu acho mais bonito terreiro!

TEREZINHA — Não tem nada dourado!

CHIQUINHO — Mas tem fantasia, dança!

TEREZINHA — Mas não tem Nosso Senhor!

CHIQUINHO — Mas tem uma porção de santo!

TEREZINHA — De cabeça pra baixo, e as velas tão grudada no chão, não tão enfiada em castiçá.

CHIQUINHO — Mas tem cantoria, na missa não tem!

TEREZINHA — Como é que não tem? Deixa de sê bobo, tem mais do què em terreiro!

CHIQUINHO — Mais é que não tem!

TEREZINHA — Tem!

CHIQUINHO — Não tem, Tezinha!

TEREZINHA — Tem, tem, tem, tem! Diz que tem, se não, não falo mais com tu!

CHIQUINHO — Ah! Deixa de sê boba!

TEREZINHA — Não falo mais com tu!

CHIQUINHO — Então tem!... Tu não sabe conversá! Quer sempre tê razão... Por isso é que eu gosto da Amélia. Com ela não tem disso, não responde...

TEREZINHA *(indignada)* — Que Amélia?

CHIQUINHO *(rindo)* — A cesta... a cesta de compras...

TEREZINHA — Tu é biruta mesmo, vive dando nome pras coisas!

Chiquinho ri. Terezinha ri também... Os dois acabam gargalhando e beijam-se. Entram Romana e Maria

ROMANA — Que sem-vergonhice é essa!...

MARIA — Amor, D. Romana!

ROMANA — Amor, eu sei!

TEREZINHA — Não é nada, não. Brincadeirà!

CHIQUINHO — Brincadeira? Então tu não gosta de mim?

TEREZINHA — Tu é burro hein, Chiquinho! *(Sai correndo, Chiquinho atrás.)*

MARIA — Que bonitinho!...

ROMANA — Quero vê beleza, quando Tezinha ficá de barriga grande.

MARIA — Que nada, D. Romana!

ROMANA — Que nada? Conheço o mundo, nega... Vocês vê tudo cor-de-rosa. Eu não. Vejo ali, na batata. O que é, é. *(Pausa.)*

MARIA — Tião demora?

ROMANA — Daqui a pouco tá aqui! Mas fala com ele, viu... Fala mesmo... Se tu tá com cisma, o melhó é franqueza...

MARIA — Mas a senhora não achou que ele tava esquisito?

ROMANA — Preocupado... Noivado, casamento, greve... bebedeira! Isso passa.

MARIA — Eu chego até a pensá que ele é capaz de furá a greve!

ROMANA — Tião? Deixa disso... Tião é filho de Otávio, o maior greveiro carioca... Mas por quê?

MARIA — Fala em greve, Tião emburra... Ontem ele tava meio tonto, disse uma porção de coisa, que isso não é vida... Que fazê greve todo o ano não dá futuro pra ninguém... Que a gente nunca ia tê sossego!... Ele tá com medo que a greve não dê certo e que seu Otávio, ele e o resto da turma perca o emprego...

ROMANA — Bobagem!... E depois, as greve que Otávio se meteu sempre deu certo... Tião tá é bêbado... Mas fala com ele... melhó é franqueza... Se ele tivé com vontade de fazê bobagem tu pode até aconselhá...

MARIA — É sim!

ROMANA — Tião fura a greve nada!... Tião é operário, pode tê suas esquisitice, mas não foi feito pra adulá patrão...

MARIA — A senhora tem razão...

JESUÍNO *(entrando)* — Opa!...

ROMANA — Entra bêbado sem-vergonha... Tu é escandaloso hein, peste?

JESUÍNO — Té que nem!

ROMANA — Tu soltou palavrão que não foi vida.

JESUÍNO — Costume!... Com'é, noiva!... Cadê Tião?

ROMANA — Foi tirá Otávio de uma confusão... Daqui a pouco t'aqui...

JESUÍNO — Contente, moça?

MARIA — E não é pra tá?

JESUÍNO — Tu é quem sabe!

MARIA — Tô sim..

JESUÍNO — Assim é que é!...

ROMANA — Então, amanhã ocês tão de greve...

JESUÍNO — Pois é, mais uma...

ROMANA — Mais alguns cruzeiros...

JESUÍNO — É preciso!... Seu Otávio deve tá com a louca!

ROMANA — Nem me fala... Só isso que me dá medo... Otávio é estourado pra esses negócios...

JESUÍNO — Vai dá tudo bem.

MARIA — Eu vou indo, D. Romana... Mamãe tá sozinha!

ROMANA — Não vai esperá Tião?

MARIA — Encontro no caminho...

ROMANA — Então aproveita e me ajuda com essa roupa lá pra fora! Senta, Zuíno. Fica à vontade.

JESUÍNO *(a Maria)* — Encontrando Tião, diz que tô aqui...

MARIA — Tá bem... *(Saem.)*

Jesuíno fica só. Assobiando um samba, vai até o fogão, serve-se de café. Examina os móveis, abre uma gaveta. Encontra um papel, lê e cai na gargalhada...

ROMANA *(fora)* — E teu pai?

TIÃO — Não houve nada, não. Ele foi procurá o Bráulio.

TIÃO *(entrando)* — Tá rindo sozinho!

JESUÍNO — Disso aqui! Tu é poeta, é Tião?!

TIÃO — Larga isso, metido!

JESUÍNO — Tião, tu apaixonado é a coisa mais gozada que eu já vi!...

TIÃO — Tu precisa perdê essa mania de xeretá o que não é da tua conta...

Com raiva, rasga o poema.

JESUÍNO — Cuidado, Tião! A gente não pode ficá muito caído por mulhé, não! Mulhé gosta é de dureza... Olha a Dalva... Se eu fosse muito babão ela já tinha me botado pra trás... E olha que sou bom de cama!

TIÃO — Deixa de prosa!... Tu foi vê o Carlos?

JESUÍNO — Fui, mas não encontrei. Foi pra Petrópolis. Falei com o irmão!

TIÃO — E daí?

JESUÍNO — Se a greve gorá, eles despedem os cabeça. Se não gorá...

TIÃO — E do nosso caso?

JESUÍNO — Só o Carlos pode resolvê... Amanhã ele tá aí. É mais que certo. Se não conseguir emprego no escritório, vai pra chefe de turma. Dez mil a mais!

TIÃO — Já melhora... E sem greve!

JESUÍNO — A condição é essa. Ficá do lado deles, e vigiá o movimento do pessoá!...

TIÃO — Espião!...

JESUÍNO — Espião, nada! Auxiliar de gerência...

TIÃO — Mas é o jeito... Esse negócio não dá futuro, Jesuíno... Greve! Greve! E daí? A turma fez greve o ano passado, já tá em outra... e assim por diante. Tu consegue um aumento numa greve, eles aumentam o produto, condução, comida, tudo!... Tu tá sempre com a corda no pescoço...

JESUÍNO — O jeito é o cara se defendê como pode!...

TIÃO — Sabe, Zuíno. Maria vai tê um filho meu.

JESUÍNO — O quê?

TIÃO — Maria vai tê um filho meu!

JESUÍNO — Tá brincando!...

TIÃO — Ia brincá? Preciso casá no mês que vem... E te juro pela alma de minha mãe que eu caso com Maria e não faço ela passá necessidade. O negócio é conseguí gente com boas relação... Daí é subi...

JESUÍNO — Tem um porém...

TIÃO — Qual?

JESUÍNO — Se a greve der certo, o pessoá vai xingá a gente de tudo quanto é nome!

TIÃO — Quem tem de sustentá mulhé sou eu, não eles! Problema é meu, não deles! Que fiquem por aí com suas greve, eu não sou trouxa. Já imaginou, Zuíno... A gente entra pro escritório, faz um curso de qualqué coisa, sai da fábrica e arruma a vida...

JESUÍNO — Não é tão fácil, não...

TIÃO — Precisa dá duro! É muito mais inteligente do que ficá fazendo greve por três mil cruzeiro...

JESUÍNO — Vou sê franco contigo, o desprezo do pessoá me mete medo.

TIÃO — Que desprezem! Amizade deles não me ajeita na vida!

JESUÍNO — É essa mania... Chamam logo de traidô, pelego...

TIÃO — Traidô, nada! Greve é a defesa de um direito, nós não qué usá esse direito e tá acabado. Cada um resolve seus galhos como pode.

JESUÍNO — A gente pensa assim, eles não. É um pessoá teimoso!

TIÃO — Não, velho, tô resolvido. Vou casá e vou tê a vida que eu quero tê. Vida de morro estraga qualqué amô!

JESUÍNO — Então, tu tá resolvido a saí daqui?

TIÃO — Se a greve der certo, é o jeito. Mas duvido. Ninguém aderiu, a turma tá sozinha, vai gorá. Se gorá fico mais um pouco. Tô em negócio com um barraco. Fico por lá até arranjá pouso na cidade.

JESUÍNO — Sabe, Tião. Eu acho que tu não pensô direito nas consequência disso!

TIÃO — Só vivo pensando nisso, Zuíno. Tô resolvido...

JESUÍNO — O negócio, Tião, é ter uma chance "batata"! O que a gente tem é promessa do gerente. O escritório não tá lá muito certo e o aumento é só de pouco...

TIÃO — Enquanto não tivé outra chance, essa é a melhó! Como tá não pode ficá. Isso é vida de cão!

JESUÍNO — Sabe, outro dia, o "Grã-Fino" veio falá comigo. Conversa vai, conversa vem, me elogiô, disse que eu tenho panca, etc. e tal. Resultado, me convidô pra turma dele.

TIÃO — E tu?

JESUÍNO — Eu não disse nem que sim, nem que não!

TIÃO — Sè metê com ladrão não dá futuro pra ninguém!

JESUÍNO — O pió é essa mania do cara ser direito...

TIÃO — Direito o cara tem que ser.

JESUÍNO — Direito! Todo o mundo rouba! Os maiorá aí, tão por cima mas não é indo à missa, não! É roubando no duro!

TIÃO — Tu tá pegando barco errado!

JESUÍNO — Te garanto que resolvia. A gente não tava aqui com esses problema.

TIÃO — Você vai se daná!

JESUÍNO — Eu não disse que vou topá! O pió é isso, não tenho coragem! Primeiro arrombamento eu tava em cana direto, ou no hospitá, morto de medo. Não é questão de sê honesto, não. É medo! O que a gente não tem, Tião, é chance! Olha, se eu topasse o negócio com o "Grã-Fino", arrumava uns cobre, comprava um carro, ia pra praça como motorista. Depois, tu ia vê, ia tê até escritório. O negócio é dá chance! Essa era uma, eu perco de medroso!...

TIÃO — Isso não é chance, velho, é arapuca. Chance é a fábrica! Chance é tu conhecê gente de posição! Chance é tu tê cabeça e aproveitá as situação!

JESUÍNO — Não, velho! "Grã-Fino" tá cheio do ouro! Já imaginou a cara desse pessoal? Todo mundo convencido que vida da gente é essa e que não sai disso. E tu aparece com escritório, secretária...

Aí, ninguém vai te perguntá como tu conseguiu! Pode tê roubado, matado... Ninguém pergunta! Só querem é sê teu amigo... E tu diz: "Aproveitei a chance, companheiro"... Muitos desses conseguiram ser até Presidente da República...

TIÃO — Pois não, seu Presidente.

JESUÍNO — Conseguiram, sim! Nós é que somo trouxa, eu mais! Não tenho coragem pra pegá a chance, vou perdê porque sou trouxa!

TIÃO — Tá bêbado, Zuíno!

JESUÍNO — Bêbado!... Queria pegá a chance pra te mostrá. Chegava a Presidente, liberava o jogo de bicho e ajeitava as finança do país.

TIÃO — Chega, Zuíno. Tá enchendo!...

JESUÍNO — Não posso falá nessas coisa que me dá dor de cabeça. *(Pausa.)* Tião!

TIÃO — Hum!

JESUÍNO — Tu vai sê pai mesmo? Gozado!...

TIÃO — Vou pegá minha chance!

JESUÍNO — Se a greve der certo, o que pode acontecê é a gente levá muita bordoada do pessoal!

TIÃO — Dá certo, nada!...

JESUÍNO — Mas se der?!

TIÃO — O jeito é arriscá! Vou furá a greve. Vou falá com o gerente, e ficá do lado dele.

JESUÍNO — Tião! Tem outro jeito...

TIÃO — Qual?

JESUÍNO — Furá e não furá...

TIÃO — Como?

JESUÍNO — A gente explica a situação pro Carlos. A gente finge que fura mas de combinação com eles, assim não dá bolo!

TIÃO — A turma ia sabê logo! Tu parece que nunca viu piquete. Ia sê pió. E depois é covardia...

JESUÍNO — Deixa de panca! Covardia por quê? É um jeito melhó do que se arriscá e levá pancada. Tu pode evitá inclusive o desprezo da turma. Tu pode te arrumá na fábrica e ficá bem com o pessoal! Pensa bem, Tião! E depois, tu já pensou em Maria, ela pensa como eles, é capaz de não gostá...

TIÃO — Maria é minha mulhé e gosta de mim. O que eu fizé ela vai achá certo!... O que ela podia achá errado é eu tê medo de tomá posição. Mas eu vou tomá posição, contra a greve. Furo a greve e ninguém tem nada a vê com isso!

JESUÍNO — Olha, velho!... Eu me lembro do Torquato; arrebentaram o menino...

TIÃO — Tu tem medo de briga, é? Depois, essa greve gorou antes de começá.

JESUÍNO — Tião, eu sou pela sorte. Vamo tirá no palito. Se eu ganhá, a gente fura de combinação com a gerência. Se tu ganhá, a gente fura de fato...

TIÃO — Besteira! Eu tô fazendo isso consciente. Único jeito que eu tenho é me arrumá, não devo satisfação pra ninguém. Quem quisé que se arrebente de fazê greve a vida toda por causa de mixaria. Eu não sou disso. Quero casá e vivê feliz com minha mulhé! Se a turma quisé, pode dá o desprezo... Nesse mundo o negócio é dinheiro, meu velho. Sem dinheiro, até o amor acaba! Pois eu vou sê feliz, vou tê amô, e vou tê dinheiro, nem que pra isso eu tenha de puxá saco de meio mundo!

JESUÍNO — Tu tá com a razão. Vamo furá com peito!

TIÃO — Que seja o que Deus quisé!

JESUÍNO — Amém!

TIÃO — Aguenta a mão. Por enquanto ninguém precisa sabê. Se a greve gorá, fica tudo como está!

JESUÍNO — Isso!...

TIÃO — Amanhã, a gente sai mais cedo e vai direto pra fábrica. Talvez a gente evite os piquete. Se for tudo como eu penso, muita gente vai entrá na fábrica. Aí, o negócio não tá tão ruim, não.

JESUÍNO — E se der certo, Tião?

TIÃO — É aguentá a mão!... Tu faz o que quisé, mas tua ideia é besta, vai sê pió!

JESUÍNO — Já não tá mais aqui quem falô! Amigo é amigo, topado! *(Pausa.)*

TIÃO — Tu vai encontrá a Dalva hoje?

JESUÍNO — Tá claro.

TIÃO — Eu vou ao parque, à noite, com Maria. Já tá funcionando?

JESUÍNO — Deve tá. Tinha um bruto cartaz, lá embaixo, anunciando pra hoje a inauguração!

TIÃO — Eu vou lá com Maria!

OTÁVIO *(entra num rompante, seguido de Bráulio arfante)* — Eu disse que esses cafajestes iam reagir, eu disse!

JESUÍNO — Que é que houve?

OTÁVIO — Prenderam o Onofre, o Mafra e o Tito. Foi hoje de madrugada. Tão pensando que vão metê medo na gente!

BRÁULIO — Turma de safados! Agora é que é tempo de aguentá firme mesmo. Nem que seja preciso passá mais fome, o jeito é aguentá!

JESUÍNO — Por que é que prenderam?

OTÁVIO — Porque são os cabeças. Querem metê medo na turma pra greve gorá! Mas eu sabia que ia ser assim!

BRÁULIO — Eu tava dizendo ontem que não ia sê sopa!

Jesuíno e Tião entreolham-se.

OTÁVIO — Turma de safados! E o Antônio do boteco dizendo que quem entrá em greve é vagabundo!

BRÁULIO — E tudo isso por causa de mais três mil cruzeiros.

ROMANA *(entrando com o balde cheio de roupa)* — Chi! Bráulio! O negócio tá ruim pra teu lado. O Zequinha veio avisá pra tu não ir pra casa que tem uns home da polícia na porta!

BRÁULIO — Já tou sabendo! Querem vir pra cima de mim também! É por causa do sindicato. Deixa eles pra lá!

TIÃO *(saindo da sala num rompante)* — Tá tudo errado, tá tudo errado!

Pausa.

OTÁVIO — Que é que deu nele?!

JESUÍNO — Bobagem, seu Otávio. O Tião tá paixonado. *(Cantando.)* Paixão quando puxa na gente, derruba o cristão!

QUADRO II

Domingo à noite... Tião e Maria chegam em frente à casa da moça...

TIÃO — Contente?

MARIA — Tô!

TIÃO — Pergunta?

MARIA — Tu gosta de eu?

TIÃO — Demais!... Pergunta de novo.

MARIA — Tu gosta?

TIÃO — Assim, não. Pergunta inteiro.

MARIA — Tu gosta de eu?

TIÃO — Eu por tu era capaz de qualqué coisa!

MARIA — Não diz isso!

TIÃO — Palavra!

MARIA — Tava bonito o parque, não?

TIÃO — Tava... Tu comeu tanto sorvete que é capaz de fazê mal!

MARIA — Desejo!... *(Tião ri.)* E se for menina, Tião...

TIÃO — Esquece. Vai sê um muleque, parecido comigo...

MARIA — Durval é nome bonito, sim.

TIÃO — Tá na hora de tu entrá...

MARIA — Pera um pouco... Olha a cidade lá embaixo!

TIÃO — Tu não gostaria de ir pra lá?

MARIA — Hum, hum... não. É fria... Eu gosto do morro.

TIÃO — Muito?

MARIA — Eu gosto do pessoal. Olha o cruzeiro, Tião! Como tá bonito, cheio de vela acesa...

TIÃO — Macumba.

MARIA — Eu acho que tu fez macumba pra me pegá...

TIÃO — Tu é que fez, mãe de santo!

MARIA — Quem sabe?... Imaginou nosso barraco? Olha o barraco do Espanhol. Tu já viu amor tão grande, ele e Luiza? Luiza também vai tê nenê...

TIÃO — Perto tá o barraco da Zéfa. Foi em cana, hoje. Carmelo matô o Bodinho...

MARIA — Não fala em tristeza.

TIÃO — São tristeza do morro.

MARIA — Na cidade é pió... Só que ninguém se conhece...

Começa a viola do Juvêncio.

TIÃO — Lá vem o Juvêncio...

MARIA *(abraça Tião fortemente)* — Tião, não te mete em encrenca amanhã!

TIÃO — Que encrenca?!

MARIA — Não sei. Não te mete em encrenca!

TIÃO — Não tem susto!

MARIA — Pensa na turma, Tião. Aqui todo mundo te qué bem. E eu mais do que ninguém...

TIÃO — Tá preocupada com quê?

MARIA — Com ocê! Porque quando fala em greve tu te aborrece...

TIÃO — Não pensa nisso. Não é assunto em que mulhé se mete...

MARIA — É sim!... O que é que tu tem medo...

TIÃO — Medo! Tu também me vem falá em medo? Medo de nada! Quero é vivê bem com ocê... só! Greve me aborrece porque sempre dá bolo, a gente pode perdê emprego... Ah! Não pensa nisso... O que eu fizé é pra nosso bem!

MARIA — Não te mete em encrenca!

TIÃO — Tu não confia em mim?

MARIA — Confio!...

TIÃO — Então, não pensa mais... Fica quietinha, sem pensá. Pensa só no Durval! Dele tu precisa cuidá...

MARIA — Teus olhos me dão calma!... *(Abraçam-se.)*

TIÃO — Tu não gostaria de viajá, vê nova gente?

MARIA — Gostaria... Mas ia tê saudade...

TIÃO — Tu não gostaria de saí daqui? Pensa!

MARIA *(olha em volta)* — Gostaria! Mas levando todo mundo comigo: D. Romana, Mamãe, João, Chiquinho, Seu Otávio, Tezinha, Ziza, Flora... o Espanhol... todo mundo. *(Olhando para o lado do cruzeiro.)* Até o cruzeiro lá do alto... *(Pausa.)* — Favela sem cruzeiro deve sê feia!

TIÃO — Eu não acho favela bonita...

MARIA — Não é não... Mas a gente faz ficá... Tu me faz a favela bonita!

TIÃO — Vou embora...

MARIA — Tião... Pede pro Juvêncio tocá aqui perto...

TIÃO — Peço sim!...

MARIA — Cuidado, Tião.

TIÃO — Vai dormi...

Beijam-se... Maria entra. Tião fica iluminado pelo refletor que se apaga em resistência enquanto o samba cresce finalizando o ato.

FIM DO SEGUNDO ATO

Ato III

QUADRO I

ROMANA — Tu acordou cedo, hein?

TIÃO — É!

ROMANA — O café já tá pronto.

TIÃO — A senhora também acordou mais cedo...

ROMANA — Serviço, filho, muito serviço!

TIÃO *(procurando)* — Cadê minha caneca?

ROMANA — Pode deixá que eu preparo. Pão não tem!

TIÃO — Não faz mal!...

ROMANA — Tu não dormiu quase nada...

TIÃO — É...

ROMANA *(apontando Chiquinho que ressona)* — Esse aí é que, se a gente não acorda, vai até de tarde!

TIÃO — É da idade.

ROMANA *(aproximando-se de Tião)* — Tu tá enfezado por quê?

TIÃO — Eu?

ROMANA — Deixa disso, fui eu que te fiz e te conheço bem. Essa testa franzida não me engana. O que é que há?

TIÃO — Nada, ué!

ROMANA *(com intenção)* — Tu vai fazê piquete?

TIÃO — O quê?

ROMANA — Piquete de greve. Tu vai fazê?

TIÃO — Num sei. Acho que já tem gente bastante.

ROMANA — Num vai te metê em bolo, hein?!

TIÃO — Que bolo é que pode dá?

ROMANA — Greve sempre dá bolo?

TIÃO — Nem sempre.

ROMANA — Polícia chegou, tu sai de perto! Num vai te metê a valente!

TIÃO — Não precisa se preocupá.

ROMANA — Vê lá, hein?

TIÃO — Eu sei o que faço. Não se incomode!

ROMANA — Quer mais café?

TIÃO — Não, tá bom assim!

ROMANA — Não vai esperá teu pai pra saí?

TIÃO — Não!

ROMANA — Por quê?

TIÃO — Pra quê?

ROMANA — Tu sempre espera!.

TIÃO — Hoje tá muito cedo. Num vou esperá...

ROMANA — Tá bem.

TIÃO — Se Maria vier, diz pra ela não se preocupá. Ela também tá com besteira na cabeça.

ROMANA — Eu digo. *(Pausa.)* Tu passeou com ela ontem?

TIÃO *(vestindo o paletó e examinando a carteira e os documentos)* — No parque. Tava bom... Ela comeu três sorvetes! *(Sorrindo.)* É uma esganada!...

ROMANA — Vê lá, hein?

TIÃO — Deixa de bobagem, minha velha!

ROMANA — Tá com o endereço no bolso?

TIÃO — Que endereço?

ROMANA — O daqui. Se te acontecê alguma coisa a gente sabe logo!

TIÃO — Que é isso, mãe!

ROMANA — Tu tá com o endereço ou não?

TIÃO — Tou sim, tá na carteira.

ROMANA — Então, vai com Deus!

TIÃO — Eu volto logo! *(Sai.)*

Romana tira um baralho da gaveta e dirige-se para a mesa. Sentada, começa a distribuir as cartas como fazem as cartomantes.

OTÁVIO *(de dentro)* — Ô Romana!

ROMANA *(escondendo apressadamente as cartas)* — O que é?

OTÁVIO — Cadê minha cueca limpa?

ROMANA — Tá debaixo da trouxa de roupa.

OTÁVIO — Tu vive enfurnando as coisa!

ROMANA — Sorte tua de eu ter lavado! *(Vai até Chiquinho.)* Ei! Chiquinho, tá na hora!

CHIQUINHO *(resmunga dormindo)* — Terreiro é mais bonito... hum, hum. Tem cantoria...

ROMANA — Acorda estrepe, tá na hora!

CHIQUINHO *(idem)* — Tou acordando... hummm... *(Vira-se para o outro lado.)*

OTÁVIO *(entra afivelando o cinto)* — Puxa, dormi demais!

ROMANA — Tá cedo ainda!

OTÁVIO — Cedo, nada! Eu já devia tá na fábrica, preciso organizá o meu piquete... Tá pronto o café?

ROMANA — Tá quentinho!

OTÁVIO *(olhando para Chiquinho)* — Não vai deixá ele chegá atrasado no armazém!

ROMANA — Eu já chamei ele, mas tá cedo ainda. Vou deixá ele dormir mais um pouco.

OTÁVIO — Cadê Tião?

ROMANA — Já foi!

OTÁVIO — Já saiu? Ora essa...

ROMANA — Tava com uma daquelas caras!...

OTÁVIO — E por que não me esperou?

ROMANA — Sei lá, foi embora!...

OTÁVIO — O Tião é capaz de fazê besteira!...

ROMANA — Que besteira?

OTÁVIO — Sei não! Desde quando a gente começou a falá em greve, ele anda meio esquisito... Mas não há de sê nada. Tá ruim o café, hein, Romana!

ROMANA — Deixa de luxo, velho!

OTÁVIO — Sorte que tá quente, a gente não sente bem o gosto! *(Pausa.)*

ROMANA — Não vai te metê em bolo, hein?

OTÁVIO — Que bolo é que pode dá?

ROMANA — Greve sempre dá bolo.

OTÁVIO — Nem sempre.

ROMANA — Polícia chegou, tu sai de perto! Num vai te metê a valente!

OTÁVIO — Não precisa se preocupá!

ROMANA — Vê lá, hein!

OTÁVIO — Eu sei o que faço, não se incomode!

ROMANA — Quer mais café?

OTÁVIO — Não, tá bem assim!

ROMANA — Já soltaram os três que foram presos?

OTÁVIO — Ainda não. Talvez eles soltem hoje. A turma tá fazendo força!

ROMANA — Eles não iam soltá ontem à noite?

OTÁVIO — Mas não soltaram. *(Veste o casaco para sair.)* Não deixa o Chiquinho chegá atrasado.

ROMANA — Eu acordo ele logo. Vê lá, hein!

OTÁVIO — Deixa de bobagem, minha velha!

ROMANA — Tá com o endereço no bolso?

OTÁVIO — Que endereço?

ROMANA — O daqui. Se te acontecê alguma coisa a gente sabe logo!

OTÁVIO — Que é isso, Romana?

ROMANA — Tu tá com o endereço ou não?

OTÁVIO — Tou sim, tá na carteira.

ROMANA — Então, vai com Deus!

OTÁVIO — Eu volto logo! *(Sai.)*

ROMANA *(fica um instante parada perto da porta. Lentamente, vai até Chiquinho que continua ressonando)* — Acorda logo, Chiquinho. Já tá na hora!

Chiquinho resmunga.

ROMANA — Vamos, vamos... Deixa de moleza!

CHIQUINHO — Ah! Eu já fui, mãe! *(Resmungando.)* Porcaria!... Qualquer dia eu faço uma greve também!

Romana vai até a mesa onde volta a botar as cartas. Olha absorta para cada carta que tira do maço, ora com júbilo, ora com ar de profunda preocupação. Chiquinho espreguiça-se, olha em torno e começa a vestir-se lentamente.

ROMANA — Não estou gostando é desse quatro de espada.

CHIQUINHO *(com voz de sono)* — O que, mãe?

ROMANA — Anda depressa que se tu chegá atrasado eu te racho o couro!

CHIQUINHO *(aproximando-se da mãe)* — A senhora tá botando carta, é?

ROMANA — Não está vendo?

CHIQUINHO — Então a senhora tá cismada com alguma coisa?

ROMANA — Vai te lavá diabo!

CHIQUINHO — É por causa da greve, né mãe?

ROMANA — Não te mete onde tu não é chamado.

CHIQUINHO *(apontando as cartas)* — O que é que diz aí?

ROMANA — Diz que se tu não for logo te aprontá eu racho tua cabeça!

Chiquinho vai lavar-se na tina.

ROMANA — Que seja o que Deus quisé!

CHIQUINHO — Será que a greve dura muito, mãe?

ROMANA — Sou eu lá quem vai sabê?!

CHIQUINHO — As cartas não disseram?

ROMANA — Não disseram nada. *(Romana, decidida, agarra Chiquinho e lava-lhe energicamente o rosto. Enxuga-o.)* Senta aí pra tomá café!

CHIQUINHO *(obedece)* — Assisti um firme bem bacana onte! Um firme de Oscarito. A Tezinha deu até escândalo de tanto ri... Era firme do tempo antigo! Cada roupa gozada! Tudo de cabelo grande. No fim, o bandido levou uma bruta surra do Oscarito! Mas era briga pra ri! A senhora precisa ir ao cinema, mãe!

ROMANA — Pra perdê tempo? Eu não.

CHIQUINHO — Perde não, é gozado! Se Tião entrá pro cinema é que vai sê bacana. Até o Tuca vai se babá todo!

ROMANA — Tu está andando de novo com aquela turma?

CHIQUINHO — Eu não! Mas, se ele soubé que o Tião trabalha no cinema, ele vai se mordê de raiva. Aquele moleque é invejoso!

ROMANA — E se eu soubé que tu anda metido com aquela gente, tu vai apanhá como nunca apanhou!

CHIQUINHO — Puxa, mãe! É por isso que a senhora tá sempre cansada, vive me prometendo pancada!

ROMANA *(rindo)* — Também tu vive se metendo onde não deve. Toma o café anda. *(Pega um pedaço de pão da gaveta.)* E come esse pão!

CHIQUINHO — Tá duro, mãe!

ROMANA — Deixa de luxo e dá graças a Deus! Pão melhor só no almoço e se a greve der certo, porque se não...

CHIQUINHO *(para um instante, como que ouvindo)* — É a Tezinha!

ROMANA *(admirada)* — Tu tem antena, é!

TEREZINHA *(entrando)* — Bons dias!

CHIQUINHO — Veio cedo, hein!

ROMANA *(a Terezinha)* — Senta aí, tu tá botando os bofes pra fora!

TEREZINHA — Eu trouxe o leite. Tem duas xícaras!

ROMANA — Bobagem tua.

TEREZINHA — Chiquinho precisa engordá!

ROMANA — Tu tá acostumando mal esse menino.

CHIQUINHO — Qual nada. Me dá, Tezinha!

TEREZINHA — Tá frio!

ROMANA — Vai assim mesmo. O café tá quente demais! *(Serve o leite.)*

CHIQUINHO — Eu tava contando pra mãe o firme que a gente viu.

TEREZINHA *(começa a rir desbragadamente)* — Gozado pra burro!

CHIQUINHO — Eu não disse pra senhora que ela deu escândalo de tanto ri!

TEREZINHA — A cara daquele homem é a coisa mais gozada que eu já vi!

CHIQUINHO — Tu te lembra a hora da garrafada?

TEREZINHA — E quando ele bateu com a luva daquele home de ferro na cara do bandido!

CHIQUINHO — Não! Melhor é o tropeção que ele leva na escada!

TEREZINHA — E o mocinho! Que carinha!

CHIQUINHO — Carinha tinha a princesa!

TEREZINHA — Muito magra...

ROMANA *(sem quebrar a vivacidade e o ritmo do diálogo)* — Tu viu o pessoal da fábrica descendo?

TEREZINHA *(quebrando só agora o ritmo)* — Senhora?

ROMANA — Tu viu a turma da fábrica por aí?

TEREZINHA — Arguns! Tavam no boteco de seu Antônio. Seu Otávio eu encontrei na descida...

ROMANA — O Tião, tu encontrou?

TEREZINHA — Vi sim, tava dando uma bronca no Jesuíno.

ROMANA — Por causa de quê?

TEREZINHA — Não sei!

ROMANA *(a Chiquinho)* — Vamos andando, seu Chiquinho. Tá na hora!

CHIQUINHO — Tou com uma bruta preguiça!

ROMANA — Anda depressa.

CHIQUINHO — Vou pegá a Amélia. *(Vai para o quarto dos fundos.)*

ROMANA *(a Terezinha)* — Eles tavam discutindo sobre a greve né?

TEREZINHA — Parecia sim.

CHIQUINHO *(entra com a cesta de compras)* — Té logo, mãe. *(A Terezinha.)* Tu vem?

ROMANA — Deixa a menina sentá um pouco. Que grudação! Vai embora!

CHIQUINHO — Té logo.

ROMANA — Vai com Deus!

TEREZINHA — De noite eu venho aqui.

CHIQUINHO — Tá. *(Enquanto sai, berra o samba-tema que se perde aos poucos.)*

ROMANA — Tu já tomou café?

TEREZINHA — Já sim.

ROMANA — Bem, toca a trabalhá!

TEREZINHA — Muita roupa?

ROMANA — Um montão. E tudo pra entregá amanhã!

TEREZINHA — A tia também tá dando duro. Ela aumentô os preço.

ROMANA — Vai me descurpá, mas assim já é exploração! Ainda se fosse um serviço benfeito!... Mas nem passá ela sabe!

TEREZINHA — É que ela tá meia doente, já não tem vontade. .

ROMANA — Vontade eu também não tenho, mas um pouco de capricho não custa! Minha filha Jandira é que era um taco pra passá roupa. Ela chegava tarde dos baile! Mas não tinha conversa, passava roupa até de manhã alta! Também, durou pouco... Eu avisava, mas qual! Mocinha, mocinha, na farra! Também, se destraiu. Tirou alguma coisa da vida!... Morreu numa noite de São João!

TEREZINHA *(pensando)* — O pai morreu em dia de Ano-Bom. Eu não lembro, era criança.

ROMANA *(que enquanto isso arrumou a roupa dentro do balde)* — Bom, lá vou pra bica!

TEREZINHA — Eu vou com a senhora.

ROMANA — É melhor ir pra tua casa, ajudá tua tia. E pode dizê pra ela que, pra mim, aumentá os preço é exploração!

TEREZINHA *(rindo)* — Digo sim. Mas a tia não é ruim de todo. Pegou a roupa da Cândida pra lavá, sem cobrá tostão. E vai lavá até a Cândida ficá boa...

ROMANA — Com aqueles dois garoto pra cuidá, Cândida, tão cedo, não vai tê sossego!... *(Saem as duas.)*

A cena fica vazia durante alguns instantes. A luz que vinha aumentando de intensidade, denotando o avanço da manhã, atinge seu máximo.

ROMANA *(de fora)* — Ué, tu por aqui a essa hora?

MARIA *(idem)* — Queria falá com a senhora.

ROMANA *(idem)* — Vamos entrando. Êta sol brabo!

MARIA — Não precisa se incomodá por mim, não.

ROMANA — Estou mesmo precisando de uma sombra. *(Entram as duas.)* Tu falou com Tião?

MARIA — Falei. Ele tá preocupado com o casamento da gente. Tem medo que a greve não dê certo, de perdê o emprego e não podê mais casá.

ROMANA — E então?

MARIA — Ele disse que sabe o que faz!... Eu me aquietei um pouco!

ROMANA — Seja o que Deus quisé! Tu vai pra oficina, não vai?

MARIA — Daqui a pouco... Sabe, D. Romana, eu gosto muito do Tião!

ROMANA *(um tanto espantada com o inesperado da frase)* — Bom pra ele.

MARIA — Eu gosto muito da senhora também!

ROMANA — Uai! Obrigada, eu gosto de tu também!

MARIA — Eu acho a senhora o tipo da mãe que sabe entender os filhos!

ROMANA — Pode ser...

MARIA — A gente tem confiança na senhora!

ROMANA — Tanto elogio dá pra desconfiá!

MARIA — Não é elogio, não. A gente não pode escondê nada da senhora, a gente precisa contá tudo e pedi conselho...

ROMANA — Então, tu qué me contá alguma coisa. Vamos lá!

MARIA — A senhora sabe que eu gosto muito do Tião...

ROMANA — Tu já disse isso. Eu acredito.

MARIA — Eu acho que ele também gosta de mim!

ROMANA — Eu também acho.

MARIA *(sem saber como continuar)* — Pois é, e quando a gente gosta, a gente gosta muito e... e... e não pensa muito...

ROMANA — Pois é...

MARIA — Quando conheci Tião, eu gostei logo dele! Ontem, no Parque, eu vi que gosto ainda mais!

ROMANA — Minha filha, se tu qué me convencê que gosta mesmo do Tião, não precisa dizê mais nada que eu já éstou mais do que convencida!

MARIA — Eu sei... Mas é que tem uma coisa que eu gostaria que a senhora soubesse...

ROMANA — Então, vamos lá.

MARIA — A senhora se lembra de um batizado em Coelho da Rocha que nós fomos?

ROMANA — Se lembro, o Otávio pegou um bruto pifão! Depois daquilo se convenceu que tá ficando velho.

MARIA — Foi boa a festa.

ROMANA — E depois?

MARIA — Eu fui com Tião, com a senhora...

ROMANA — Com Otávio, Chiquinho, Terezinha, Jesuíno, e daí? Vai falando menina, num precisa tê medo

MARIA — Nós passamo a noite lá e... a senhora sabe... eu gosto muito do Tião e ele gosta de mim...

ROMANA *(com toda calma. Calmíssima)* — Tu tá grávida, né, minha filha?

MARIA *(no mesmo tom)* — Tô sim senhora.

ROMANA — E é isso que tu tinha pra me dizê?

MARIA — Eu estou escondendo de todo mundo, mas não queria escondê da senhora.

ROMANA — Eu tava meia desconfiada mesmo!...

MARIA — Desconfiada?

ROMANA — É. A gente sempre muda de jeito quando fica mulhé de um homem e tu ficou desse jeito.

MARIA — Só não quero que a senhora fique aborrecida!

ROMANA — Eu, por quê? Problema é de vocês!

MARIA — Nós vamo casá. Eu não conto pra ninguém. Mamãe vai ficá chateada se souber...

ROMANA — Pode deixá. Eu não digo nada, não.

MARIA — E o que a senhora acha que eu devo fazê?

ROMANA — Parí, minha filha! O que é que tu quer fazê?

MARIA *(sem jeito)* — Eu sei... Eu digo, devo esperá quieta até casá? Vou precisá casá no mês que vem!

ROMANA — Por isso é que Tião tá tão preocupado com o negócio do emprego, não é?

MARIA — Acho que sim... É sim.

ROMANA — Bobagem dele. A gente sempre se vira na hora "h"!

MARIA — É isso que eu queria contá pra senhora.

ROMANA — Tua sorte foi ter encontrado Tião. Ele é bom garoto. Outro talvez te largasse por aí. Tião, não. Não precisa tê medo!

MARIA — Não tenho, não. Eu sei disso. Por isso é que eu fui mulhé dele...

ROMANA — Até que é gostoso sabê que a gente vai sê avó!

MARIA — Pois é!

ROMANA — Otávio é que vai se babá todo!

MARIA — Eu queria pedi mais uma coisa pra senhora. Não contá pra mais ninguém, nem pra seu Otávio!

ROMANA — Coitado do Otávio, ele ia ficá contente! Por causa de que não contá?

MARIA — Vergonha. Eu ia tê vergonha!

ROMANA — Vocês são gozada! De fazê não tem vergonha, não é?

MARIA — D. Romana!

ROMANA — Tá bem. Não conto nem pro Otávio. Mas vai sê duro...

MARIA — Obrigada. A senhora é um anjo *(beija a velha)*.

ROMANA — Êpa, vamos deixá de grudação! *(Intrigada.)* Esse mundo é gozado. Acontece as coisas pra gente e a gente nem sente. Tudo acontece assim, sem mais nem menos, "acontecendo". Qual! Tu quer menino ou menina?

MARIA — Preferia menino.

ROMANA — E Tião?

MARIA — Também *(animada)*. A senhora imaginou se ele entrá pro cinema?

ROMANA — Com o tal do Rocca? Isso é conversa!

MARIA — Quem sabe, às vezes... Tião vai falá com ele.

ROMANA — O gozado é que o Jesuíno também encontrou o tal Rocca! Não, minha filha, aí tem coisa!

MARIA — Que coisa?

ROMANA — Bobagem, deixa pra lá!

MARIA *(depois de um instante)* — Durval! A senhora acha que seria um bom nome pro menino?

ROMANA — Por que Durval?

MARIA — Assim! Tem Orlando, Roberto...

ROMANA — Meu primeiro namorado, em Minas, se chamava Durval!

MARIA — Então, não pode. Vai se chamá Otávio!

TIÃO *(entrando)* — Você aí dengosa?

ROMANA — Já de volta?

MARIA — Como é que foi?

TIÃO — Tudo bem.

MARIA — Deu certo a greve?

TIÃO — Como é que a gente vai sabê?

ROMANA — Mas a turma topou a greve?

TIÃO — Topou. Dezoito operários furaram a greve... só.

MARIA *(abraçando-o)* — Eu não dizia? Pra que tê medo?

ROMANA — Deu algum bolo?

TIÃO — Tinha muito polícia na porta, mas acho que não deu nada

ROMANA — Teu pai?

TIÃO — Vi um instante. Tava conversando com um cara que que ria entrá. Depois, não vi mais.

MARIA — Qué dizê que o trabalho parou mesmo?

TIÃO — Parou!

MARIA — E os que furaram a greve?

TIÃO — Um levou uns tapas. Só isso.

ROMANA — Olha, tu me desculpe, mas eu tava com a impressão que tu ia furá, sabe?

TIÃO *(vai até o fogão e se serve de café frio)* — É...

MARIA — Quer dizê que tá tudo em ordem?

TIÃO — Tá!

ROMANA — Tu devia ter vindo com o teu pai. Ele é capaz de fazê besteira.

TIÃO — Ele estava meio ocupado ainda...

ROMANA — Ainda bem que não deu bolo.

MARIA — Viu como foi fácil?

TIÃO — Não foi tão fácil. Eu tinha meio razão quando dizia que a turma não ia topá. No princípio, uma porção de gente queria entrá na fábrica. Os piquete é que trabalharam direito e convenceram todo mundo... O pai não descansou. Acho que o patrão não deve gostá muito dele, não!

ROMANA — E aquele safado do Jesuíno, em piquete também?

TIÃO — Deixa o Jesuíno pra lá, coitado...

MARIA — Bateram em um que furou, é?

TIÃO — Uns tapa só. A polícia tirou o rapaz do meio da turma e os outros operários não deixaram bater...

ROMANA — Bom. Agora nós é que vamo ter uma conversinha!

TIÃO *(pondo-se em guarda)* — Nós?

ROMANA — Sim senhor, seu cínico! Então o senhor é pai, não é?

TIÃO *(a Maria)* — Ah, você veio contá?

MARIA — Vim.

ROMANA *(a Sebastião)* — Tu merecia umas bordoadas, seu apressado. E ainda fica quieto, com a cara mais cínica do mundo!

MARIA — D. Romana!

ROMANA — Que D. Romana! Tu não tem culpa de nada, mas ele tem. Aposto que a ideia foi dele!

TIÃO *(com meio sorriso)* — É mãe, a senhora vai sê avó!

ROMANA — Já tá batizado. Vai sê Otávio!

TIÃO — Não era Durval?

MARIA — Otávio tem uma razão, Durval não tem.

TIÃO — Então, Otávio!

ROMANA — Tá certo, nome do avô! Ele vai ficá se babando, mas essa bobinha não quer que conte. Otávio ia pulá de contente.

TIÃO — É, ele ia ficá contente..

ROMANA — Deixa contá, vá!

MARIA — Não conta, não!

ROMANA — Tá bom, não conto... *(Começa a rir.)* Tou imaginando a cara do velho. Ele já tem orgulho desse estrepe aí, ainda mais com um neto!

TIÃO — Não sei, não!

MARIA *(abraçando o namorado)* — Que bom, né, Tião?

TIÃO *(abraçando-a com força)* — Sabe mãe, eu quero bem. E quando a gente quer bem é capaz de uma porção de coisas!...

ROMANA — Chi! Lá vem o outro dizendo que quer bem! Vai contando, vai! Maria também começou assim: "D. Romana, eu gosto muito, porque eu gosto de verdade!" — Qual!

ROMANA — Contá o quê? Vocês quando começam a dizê que gostam etc. e tal, acabam contando coisas!

TIÃO — É só isso. Eu quero bem e sou capaz de fazê uma porção de coisas.

BRÁULIO *(entra arfando como no primeiro ato)* — D. Romana... Uff!... Êta, subidinha!... *(Estanca ao ver Tião.)* Ah! Você já tá aqui!

ROMANA — Nem esperou pelo pai!

BRÁULIO — E nem podia esperá. Preferiu se escondê logo junto da mamãe e da noivinha!

TIÃO — Não te mete nisso Bráulio!

BRÁULIO — Não te mete, não te mete! Assim é fácil! Me desculpe D. Romana, mas não sei por que seu filho veste calças!

ROMANA *(confusa e irritada)* — Pera aí, seu Bráulio! O que é que houve?

TIÃO — Nada, mãe! Só que eu fui um dos dezoito que furaram a greve. Só isso!

BRÁULIO — De tu eu não esperava isso, Tião!

TIÃO — Bráulio! Tu não sabe porque foi!

BRÁULIO — Não, velho, pra isso não tem desculpa. Tu traiu a gente e isso não tem desculpa.

MARIA *(segurando a mão de Tião)* — Por que, Tião?

TIÃO — Não te preocupa, Maria. O que interessa pra gente é que eu não vou perdê o emprego. Eu entrei, furei a greve, o encarregado tomou nota do nome da gente. Deu mil cruzeiros pra cada um de gratificação e disse que a gente não ia arrependê. Pra mim é o que basta.

ROMANA — Desta vez, filho, tu fez besteira!

TIÃO — Cada um resolve seus galhos como pode! O meu, eu resolvi desse jeito.

BRÁULIO — Traindo teus companheiros! Se todo o mundo pensasse assim, adeus aumentos, meu velho!

TIÃO — Eu não podia arriscá!

BRÁULIO — Arriscá o quê?

TIÃO — Meu emprego. A gente precisa viver!

BRÁULIO — O que é que tu arriscava, não arriscava nada!

TIÃO — Como não? Se eu perco meu emprego como é que eu fico?

BRÁULIO — Não fica muito pior, não! Arriscá salário mínimo é o mesmo que não arriscá nada. E depois, todo mundo tem seus galhos pra quebrá, ninguém ia aguentá muito tempo. Tu quis agi sozinho, meu velho, e sozinho não adianta!

TIÃO *(obstinado)* — Greve é defesa de um direito. Eu não quis defender meu direito e chega!

BRÁULIO — Tu te sujou, Tião! Agora vai sê pior!...

TIÃO — Tenho meu emprego!

BRÁULIO *(exaltando-se mais)* — Ninguém vai perdê o emprego, a gente já venceu a greve!

TIÃO — Podia não vencer!

ROMANA — Chega de bate-boca! Vocês resolvem isso depois!

MARIA *(a Tião)* — Tu não devia!

TIÃO — Não te preocupe, dengosa, eu sei o que faço!...

ROMANA *(com amargura)* — Por isso tu não saiu com teu pai, por isso tu não voltou com o teu pai...

BRÁULIO — Nem adiantava esperá... Otávio foi um grande cara. Se não fosse ele e mais meia dúzia da turma de piquetes, a greve gorava. É assim que a gente deve pensá, Tião, e não tirá o corpo fora, resolvê os galhos pela metade, deixando os outros no fogo...

TIÃO *(gritando)* — Vai te metê com tua vida!

ROMANA — Tu cala a boca, Tião!

BRÁULIO — Otávio ticô entusiasmado e começou a fazê comício na porta da fábrica. Foi em cana! Prenderam ele como agitadô!

ROMANA — Otávio foi preso? Aquele quatro de espadas nunca me enganou!

MARIA *(a Tião)* — E tu sabia disso?

BRÁULIO — Não, disso ele não sabia. Nessa hora ele tava recebendo gorjeta do encarregado!

TIÃO *(avançando para o negro, possesso)* — Olha, Bráulio, tu não provoca!

ROMANA *(interpondo-se)* — Cala essa boca. *(Tira o avental.)* Eu vou até lá...

BRÁULIO — Não vale a pena, D. Romana, tá uma turma tratando de soltá ele!

ROMANA — Que turma! Eu sô mulher dele, num sô? Eu vou lá! Meu marido preso, quem é que cuida disso aqui? Eu vou lá!

Vai para o quarto dos fundos.

MARIA — Será que ele vai ficá muito tempo preso?

BRÁULIO — Não, não podem. Tem que soltá logo.

ROMANA *(volta com um par de sandálias na mão e senta-se para calçá-las)* — Tu vai comigo até lá, Bráulio!

BRÁULIO — Eu acho que não vale a pena, mas se a senhora quer...

ROMANA — Que não vale a pena!

TIÃO — Eu vou também!

ROMANA *(autoritária)* — Tu não te mexe daqui! Depois a gente conversa!

MARIA — Eu vou com a senhora, pode deixá!

ROMANA — Num cumplica as coisas. Tu vai pra oficina se não perde o dia... A gente desce junto!

TEREZINHA *(entra correndo)* — D. Romana, os garoto do 28 pisaram na roupa estendida e sujaram tudo!

ROMANA — Se eu pego um desses moleques eu torço o pescoço. Terezinha, meu anjo, vem cá! Tu dá um jeito na roupa pra mim, dá uma enxaguada. Depois, tu põe o feijão no fogo mais o arroz, tá bom? Eu vou até a polícia.

TEREZINHA — Polícia?

ROMANA — É. Prenderam o Otávio. Tu ajeita tudo. De passagem eu aviso tua tia; depois te dou uns cobre pro cinema. Vamos embora, Bráulio! Maria, toca pra oficina! *(A Bráulio)* Ele tá na Central?

BRÁULIO — Foi pro D.O.P.S.

ROMANA — D.O.P.S.? Vamo depressa se não ele entra na pancada! Cuida do feijão, Terezinha, fogo baixo! Vamo embora, gente! *(Saem. Tião não esboça movimento algum. Quando todos desaparecem..)*

TEREZINHA *(como quem anunciasse festa)* — Prenderam seu Otávio! Prenderam seu Otávio!

QUADRO II

Mesmo cenário. Segunda-feira, 7 horas da noite. Em cena: Tião e João.

TIÃO — Não adianta, cunhado. O que fiz tá feito e eu faria de novo.

JOÃO — Não tou discutindo isso. Tou só dizendo que agora não tem mais jeito. Tu vivê no morro não vive mais. Só se prová que quer voltá atrás.

TIÃO — Esquece. Isso eu não faço!

JOÃO — Tu já viu o ambiente como é que está, ninguém mais te olha. Se falam contigo é pra te gozá. E de covarde pra baixo! Pra Maria também não é bom!

TIÃO — Maria não é obrigada a aguentá. Eu vou embora e levo ela comigo.

JOÃO — Sei não cunhado. Escuta. Eu sei que tu não furou a greve por covardia. Eu sei que tu não é covarde, foi pra se defendê. Tu não tinha a confiança que os outros tinham. Mas tu não é contra a gente, não custa nada se retratá. Explica com franqueza, eles vão entendê. Devolve o dinheiro que o gerente te deu, adere à greve, faz alguma coisa!

TIÃO — Não tenho nada que pedi desculpa a ninguém. O que fiz, fazia de novo. Cada um resolve seus galhos do seu jeito!

JOÃO — Então, meu velho, hoje mesmo é saí daqui. Conheço o Otávio, ele vai te mandá embora!

TIÃO — Problema dele! Eu vou embora, me arrumo, fui criado na cidade. Depois, dou um jeito. Arranjo uma casa de cômodos, alguma coisa, e levo Maria...

JOÃO — Eu pensei que tudo ia sê bem diferente!

TIÃO — Eu também gostaria que fosse.

JOÃO — Tu toma cuidado por aí. Tem gente querendo te pegá.

TIÃO — Que venham. Não tenho medo, sei me defendê. Já deixei esse cincão na cara de muita gente!

JOÃO — Tu viu que pegaram Jesuíno?

TIÃO — Benfeito pra ele. Eu tinha avisado.

JOÃO — Tá com o braço quebrado.

TIÃO — O que ele fez não se faz. Querê enganá os outros tá errado. Eu disse que a turma ia sabê.

JOÃO — Pegaram ele quando ia saindo da fábrica e depois souberam de tudo. Esse é outro que se azarou.

TIÃO — Pera aí, tem uma diferença! Ele procurou se ajeitar, eu não. Tinha uma opinião e fui até o fim. Furei greve e digo pra todo mundo!

JOÃO — Bom, se precisá de um amigo sabe que tem um aqui às ordens!

TIÃO — Obrigado, velho. Nessa altura, amigo, já não adianta muito, não. É esquisito, não é mais o problema de um cara contra outro cara, é um problema maior! Eu sabia que a turma ia dá o desprezo se a greve desse certo, mas não pensava que ia sê assim.

Não é só desprezo que a gente sente, é como... Sei lá!... É como se a gente fosse peixe e deixasse o mar pra vivê na terra... É esquisito! A gente faz uma coisa porque quer bem e, no fim, é como se a gente deixasse de ser.

JOÃO *(intrigado)* — Não estou te entendendo!...

TIÃO — É. É muito esquisito!

MARIA *(entrando apressada)* — Já tá solto. Tão subindo o morro!

JOÃO — Agora, velho, é aguentá!

MARIA — Tá toda a turma com o seu Otávio. Que bom, tão fazendo uma bruta festa pra ele...

TIÃO — Eu estraguei a festa.

MARIA *(indecisa)* — Tião... Tião...

TIÃO — Fala.

MARIA — Nada. Escuta, é melhor tu ir èmbora. Depois, tu conversa com seu Otávio. Quando ele estiver mais descansado...

TIÃO — Não. O que tem que ser, tem que ser. Eu espero ele. Não é bicho, é meu pai!

MARIA — Não é por tua causa, por causa dele. É melhor conversá com ele depois.

JOÃO — Pros outros já foi duro, imagina pra ele...

TIÃO — Tu diz que é meu amigo e fala assim? Tá bom... E tu, Maria?

MARIA — Eu o quê?

TIÃO — Já virei lobisomem pra você também?

MARIA — Deixa disso. Eu sei que foi por minha causa. Eu tou do teu lado...

TIÃO *(sério)* — Que bom!... É, seu João! A gente deixa de ser... É que nem peixe na terra... *(Sai.)*

MARIA — Como é que ele tá?

JOÃO — Desse jeito. Aposto que ele queria não tê feito nada. Mas é orgulhoso que nem uma peste!

MARIA — Não foi por mal!...

JOÃO — Vai explicá isso a todo mundo!

MARIA — E agora?

JOÃO — Agora, Maria, é aguentá. Aqui ele não pode ficá. O pai, pensando como pensa, não deixa ele em casa. Vai sê questão de honra. O jeito é ele deixá o morro... Disse que depois vem te buscá, que vai arranjá um quarto numa casa de cômodos.

MARIA *(pensativa quase chorando)* — Vai tê que deixá o morro.

JOÃO — Ele tá sofrendo, mas foi apressado. Não sei por que esse medo da greve! Os outros todos confiaram, ele não.

MARIA — João, eu tô com medo!

JOÃO — Calma!

MARIA — Tou sim! Tu já imaginou? Deixá isso tudo, assim, de repente? Tião não conhece mais ninguém, vai tê que fazê novas amizade...

De fora, vozes e "salves" para Otávio.

JOÃO — Tão aí? Aguenta a mão, não faz cara de choro!

Entram Romana, Chiquinho, Terezinha, Bráulio e Otávio.

ROMANA — Senta, meu velho, senta! Tu já andou demais!

BRÁULIO — É melhor descansar!

OTÁVIO — Deixa disso, também não me mataram! *(Vendo João e Maria)* Vocês tão aí? Como é que é seu João? Que cara de espanto é essa, D. Maria? Fui em cana, só isso!

MARIA — Mas tá tudo bem?

OTÁVIO — Tamos aí, na ativa!

BRÁULIO — Também, D. Romana fez revolução na polícia!

OTÁVIO — Êta, velha barulhenta! Quase que fica também.

ROMANA — E não é pra gritá? Prendê o homem da gente, assim à toa?

CHIQUINHO — O senhor ficou atrás das grade, pai?

OTÁVIO — Que grade! Fiquei numa sala e num tava sozinho, não! Tinha uma porção!

CHIQUINHO — E bateram no senhor?

ROMANA — Deixa de perguntá besteira, menino.

BRÁULIO — O fato é que tu tá solto e pronto pra outra. Não é, bichão?

OTÁVIO — E bem pronto. Só as costelas que doem um bocado mas, amanhã, tá tudo em dia!

BRÁULIO — A turma é ou não é do barulho?

OTÁVIO — Êta, se é! Nego ia entrando, a gente conversava uns minutos e pronto! Já tava o homem ajudando no piquete. O aumento vai saí estourado!

MARIA — A greve dura muito?

BRÁULIO — Acho que não. Mais um ou dois dias. Eles têm que concordá, se não o prejuízo é maior!

OTÁVIO *(a Bráulio, interessadíssimo)* — É verdade que a Sant' Angela tá pra aderí?

BRÁULIO *(com uma risada alegre)* — É sim senhor!

OTÁVIO *(contentíssimo)* — Isso é que serve! *(A Romana)* Velha, dá um café aqui pro papai!

ROMANA *(indo ao fogão)* — Já, já. Mas tu não toma jeito, hein, descarado?

BRÁULIO — Isso é assim mesmo, D. Romana!

TIÃO *(aparecendo na porta)* — Com licença!

Todos esfriam. Mudos. Estáticos.

TEREZINHA *(Depois de alguns instantes quebra o silêncio)* — Tá vendo Tião, soltaram seu Otávio! *(Chiquinho dá-lhe um beliscão. Pausa.)*

ROMANA — Vai ficá que nem estaca na porta, entra!

TIÃO *(a Otávio)* — Eu queria conversá com o senhor!

OTÁVIO — Comigo?

TIÃO *(firme)* — É.

OTÁVIO — Minha gente, vocês querem dá um pulo lá fora, esse rapaz quer conversá comigo.

ROMANA — Eu preciso mesmo recolhê a roupa!

JOÃO — Já vou indo, então. Até logo, seu Otávio, e parabéns!

OTÁVIO — Obrigado! *(Saem. Tião e Otávio ficam a sós.)* Bem, pode falá.

TIÃO — Papai...

OTÁVIO — Me desculpe, mas seu pai ainda não chegou. Ele deixou um recado comigo, mandou dizê pra você que ficou muito admirado, que se enganou. E pediu pra você tomá outro rumo, porque essa não é casa de fura-greve!

TIÃO — Eu vinha me despedir e dizer só uma coisa: não foi por covardia!

OTÁVIO — Seu pai me falou sobre isso. Ele também procura acreditá que num foi por covardia. Ele acha que você até que teve peito. Furou a greve e disse pra todo mundo, não fez segredo.

Não fez como o Jesuíno que furou a greve sabendo que tava errado. Ele acha, o seu pai, que você é ainda mais filho da mãe! Que você é um traidô dos seus companheiro e da sua classe, mas um traidô que pensa que tá certo! Nãó um traidô por covardia, um traidô por convicção!

TIÃO — Eu queria que o senhor desse um recado a meu pai...

OTÁVIO — Vá dizendo.

TIÃO — Que o filho dele não é um "filho da mãe". Que o filho dele gosta de sua gente, mas que o filho dele tinha um problema e quis resolvê esse problema de maneira mais segura. Que o filho é um homem que quer bem!

OTÁVIO — Seu pai vai ficá irritado com esse recado, mas eu digo. Seu pai tem outro recado pra você. Seu pai acha que a culpa de pensá desse jeito não é sua só. Seu pai acha que tem culpa...

TIÃO — Diga a meu pai que ele não tem culpa nenhuma.

OTÁVIO *(perdendo o controle)* — Se eu te tivesse educado mais firme, se te tivesse mostrado melhor o que é a vida, tu não pensaria em não ter confiança na tua gente...

TIÃO — Meu pai não tem culpa. Ele fez o que devia. O problema é que eu não podia arriscá nada. Preferi tê o desprezo de meu pessoal pra poder querer bem, como eu quero querer, a tá arriscando a vê minha mulhé sofrê como minha mãe sofre, como todo mundo nesse morro sofre!

OTÁVIO — Seu pai acha que ele tem culpa!

TIÃO — Tem culpa de nada, pai!

OTÁVIO *(num rompante)* — E deixa ele acreditá nisso, se não, ele vai sofrê muito mais. Vai achar que o filho dele caiu na merda sozinho. Vai achar que o filho dele é safado de nascença. *(Acalma-se repentinamente.)* Seu pai manda mais um recado. Diz que você não precisa aparecê mais. E deseja boa sorte pra você.

TIÃO — Diga a ele que vai ser assim. Não foi por covardia e não me arrependo de nada. Até um dia. *(Encaminha-se para a porta.)*

OTÁVIO *(dirigindo-se ao quarto dos fundos)* — Tua mãe, talvez, vai querê falá contigo... Até um dia! *(Tião pega uma sacola que deve estar debaixo de um móvel e coloca seus objetos. Camisas que estão entre as trouxas de roupa, escova de dentes, etc.).*

ROMANA *(entrando)* — Te mandou embora mesmo, não é?

TIÃO — Mandou!

ROMANA — Eu digo que vocês tudo estão com a cabeça virada!

TIÃO — Não foi por covardia e não me arrependo!

ROMANA — Eu sei. Tu é teimoso... e é um bom rapaz. Tu vai pra onde?

TIÃO — Vou pra casa de um amigo da fábrica. Ele mora na Lapa.

ROMANA — E ele vai deixá tu ficá lá? Também furou a greve?

TIÃO — Furou não, mas é meu amigo. Vai discuti pra burro, como todo mundo discute, mas vai deixá eu ficá lá uns tempos. É ele e a mãe, só!

ROMANA — E depois?

TIÃO — Depois o quê?

ROMANA — O que tu vai fazê?

TIÃO — Vou continuá na fábrica, tá claro! Lá dentro eu me arrumo com o pessoal. Arranjo uma casa de cômodos e venho buscar Maria!

ROMANA — Tu fez tudo isso pra ir pra uma casa de cômodos com Maria?

TIÃO — Fiz tudo isso pra não perder o emprego!

ROMANA — E tu acha que valeu a pena?

TIÃO — O que tá feito, tá feito, mãe!

ROMANA — Teu terno tá lavando. Tu busca outro dia.

TIÃO — A senhora é um anjo, mãe!

ROMANA — Tu vai vê que é melhó passá fome no meio de amigo, do que passá fome no meio de estranho!...

TIÃO — Vamos vê!

ROMANA — Dá um abraço! *(Abraçam-se.)* Vai cóm Deus! E deixa o endereço daqui no bolso, qualquer coisa a gente sabe logo!

TIÃO — Se não fosse a senhora, eu diria que tava agourando! Eu venho buscá o resto da roupa...

MARIA *(entrando)* — Tu vai embora?

TIÃO — Tu já não desconfiava?

MARIA — E agora? *(Romana vai para o fundo e fica impassível.)*

TIÃO — Tá tudo certo. Não perdi o emprego, nem vou perdê. A greve tá com jeito de dá certo, vou ser aumentado. Tu vai receber aumento na oficina. Nós vamos pra um quarto na cidade, nós dois. Depois, vem o Otavinho e vamos levando a vida, não é assim?

MARIA — Quer dizê que tu perdeu os amigo?

TIÃO — Sobram alguns! Teu irmão, alguns da fábrica...

MARIA *(abanando a cabeça, profundamente triste)* — Não... não...

TIÃO — Nós vamos casá, vamos embora, fazê uma vida pra gente. Isso que aconteceu...

MARIA — Não... não tá certo... Deixá isso, não tá certo!...

TIÃO — Não te preocupa, dengosa, vai dá tudo certo. Nós vamos pra cidade, só isso!... Eu fiz uma coisa que me deu o desprezo do pessoal, mas você não. Você não tem o desprezo de ninguém!...

MARIA *(cai num choro convulsivo)* — Não... não tá certo!

TIÃO — Maria, não tinho outro jeito, querida. Eu tinha que pensar... A greve deu certo como podia não dar... E tudo aconteceu na última hora... Quando eu cheguei na fábrica a maioria queria entrá. Depois é que mudou... Eu fui um dos primeiros a entrá... Podia não ter dado certo. Papai pode ainda perdê o emprego. Eles dão um jeito! E eu? Tu já imaginou o que podia acontecê? Agora não, nós tá seguro!

MARIA *(sempre chorando)* — Não tá certo!... Deixá isso, não tá certo, deixá isso... *(Perde as forças e cai chorando copiosamente.)*

TIÃO — Mariinha, escuta! Eu fiz por você, minha dengosa! Eu quero bem! Eu tinha... eu tinha que dá um jeito... O jeito foi esse.

MARIA — Deixá o morro, não! Nós vamo sê infeliz! A nossa gente é essa! Você se sujou!... Compreende!

TIÃO — É que eu quero bem!... Mas não foi por covardia!

MARIA *(idem)* — Foi... foi... foi... foi por covardia... foi!

TIÃO *(aflito)* — Maria escuta!... *(A Romana)* Mãe, ajuda aqui! *(Romana não se mexe)*... Eu tive... Eu tive...

MARIA — Medo, medo, medo da vida... você teve!... preferiu brigá com todo mundo, preferiu o desprezo... Porque teve medo!... Você num acredita em nada, só em você. Você é um... um convencido!

TIÃO — Dengosinha... Não é tão ruim a gente deixá o morro. Já é grande coisa!... Você também quer deixá o morro. Depois a turma esquece, aí tudo fica diferente!...

MARIA — Eu quero deixá o morro com todo mundo: D. Romana, mamãe, Chiquinho, Terezinha, Ziza, Flora... Todo mundo... Você não pode deixá sua gente! Teu mundo é esse, não é outro!... Você vai sê infeliz!

TIÃO *(já abafado)* — Maria, não tem outro jeito!... Eu venho buscar você!

MARIA — Não pode, não pode... tá tudo errado, tudo errado!... Por quê?... Tá tudo errado!...

TIÃO *(quase chorando também)* — Maria você precisa me entender, você precisa me ajudá!... Vem comigo!...

MARIA — Não vou... não vou!...

TIÃO — Foi por você...

MARIA — Não... não... tá tudo errado! *(Chora convulsivamente.)*

TIÃO — Maria, pelo menos tu sabe que eu arranjei saída. *(Quase com raiva)* Agora tá feito, não adianta chorá!

MARIA — Eu acreditei... eu acreditei que tu ia agi direito... Não tinha razão pra brigá com todo mundo... Tu tinha emprego se perdesse aquele... Tu é moço... Tinha o cara do cinema...

TIÃO *(irrita-se cada vez mais. Uma irritação desesperada)* Mariinha, não adiantava nada!... Eu tive... eu tive...

MARIA — Medo, medo, medo...

TIÃO *(num grande desabafo)* — Medo, está bem Maria, medo!... Eu tive medo sempre!... A história do cinema é mentira! Eu disse porque eu quero sê alguma coisa, eu preciso sê alguma coisa!... Não queria ficá aqui sempre, tá me entendendo? Tá me entendendo? A greve me metia medo. Um medo diferente! Não medo da greve! Medo de sê operário! Medo de não saí nunca mais daqui! Fazê greve é sê mais operário ainda!...

MARIA — Sozinho não adianta!... Sozinho tu não resolve nada!... Tá tudo errado!

TIÃO — Maria, minha dengosa, não chora mais! Eu sei, tá errado, eu entendo, mas tu também tem que me entendê! Tu tem que sabê por que eu fiz!

MARIA — Não, não... Eu não saio daqui!

TIÃO *(num desabafo total)* — Minha Miss Leopoldina, eu quero bem!... Eu queria que a gente fosse que nem nos filmes!... Que tu risse sempre! Que sempre a gente pudesse andar no parque! Eu tenho medo que tu tenha de sê que nem todas que tão aí!... Se matando de trabalhá em cima de um tanque!... Eu quero minha Miss Leopoldina... Eu te quero bem! Eu quero bem a todo mundo!... Eu não sou um safado!... Mas para de chorá! Se você quisé eu grito pra todo mundo... que eu sou um safado! *(Gritando para a rua)* Eu sou um safado!... Eu traí... Porque tenho medo... Porque eu quero bem! Porque eu quero que ela sorria no parque pra mim! Porque eu quero viver! E viver não é isso que se faz aqui!

MARIA — Tião!...

TIÃO — Mariinha, minha dengosa *(Atira-se sobre ela. Abraçam-se.)* E agora, Maria, o que vou fazer?

MARIA — Não posso deixá o morro... Deixando o morro, o parque também ia ser diferente! Tá tudo errado!... Reconhece!

TIÃO — Não posso ficá, Maria... Não posso ficá!...

MARIA *(para de chorar. Enxuga as lágrimas)* — Então, vai embora... Eu fico. Eu fico com Otavinho... Crescendo aqui ele não vai tê medo... E quando tu acreditá na gente... por favor... volta! *(Sai.)*

TIÃO — Maria, espera!... *(Correndo, segue Maria. Pausa.)*

OTÁVIO *(entrando)* — Já acabou?

ROMANA — Vai falá com ele, Otávio... Vai!

OTÁVIO — Enxergando melhó a vida, ele volta. *(Retorna ao quarto. Entram Chiquinho e Terezinha.)*

CHIQUINHO — Sabe, mãe, aquele samba...

TEREZINHA — O samba do "Nós não usa Black-Tie".

CHIQUINHO — Tá tocando no rádio...

ROMANA — O quê?

TEREZINHA — O samba do Juvêncio, aquele mulato das bandas do cruzeiro!

CHIQUINHO — Ele tá chateado à beça. O samba tá com o nome de outro cara. *(Sai correndo.)*

TEREZINHA — Eu fiquei com pena do Juvêncio. Tá perto da bica, chorando! Chiquinho! *(Sai.)*

Romana, sozinha. Chora mansamente. Depois de alguns instantes, vai até a mesa e começa a separar o feijão. Funga e enxuga os olhos...

FIM

O texto deste livro foi composto em Sabon, desenho tipográfico de Jan Tschichold de 1964 baseado nos estudos de Claude Garamond e Jacques Sabon no século XVI, em corpo 10,5/13. Para títulos e destaques, foi utilizada a tipografia Frutiger, desenhada por Adrian Frutiger em 1975.

A impressão se deu sobre papel off-white pelo Sistema Cameron da Divisão Gráfica da Distribuidora Record.

Embora sua temática seja profundamente brasileira, *Eles não usam black-tie* possui uma universalidade de tal forma abrangente que o filme baseado na peça foi aclamado onde quer que tenha sido exibido. Sua narrativa, muito no estilo do folhetim, consegue se comunicar com qualquer plateia, transmitindo o compromisso entre a clareza e a profundidade, entre a razão e o sentimento – essa tensão que se realiza numa síntese artística.

A experiência de gente que sofre os conflitos e as contradições sociais, a busca por um espaço de participação política, o aumento do desemprego, o achatamento dos salários, o autoritarismo dentro das fábricas, a revolta dos jovens – todos esses problemas estão analisados na peça.

Da mesma forma, são discutidos os conflitos familiares, as contradições cotidianas, e a situação da mulher por meio da reação intuitiva de Maria ou do comportamento de Romana.

A chave para o grande sucesso de *Eles não usam black-tie* está na emoção que provoca no espectador e no leitor.

Capa: Diana Cordeiro

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Extremismo

Anders Lutgarten
Tradução Fernanda Sampaio

DIREITOS AUTORAIS

Este texto foi escrito especialmente para as escolas participantes do
Projeto Conexões Teatro Jovem
e fez parte do seu portfólio no ano de 2017.
Qualquer montagem fora do Projeto deverá ser
negociada com o autor ou seus agentes sobre os direitos autorais.

Contato:

Realização

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Sala de aula. Agora. Uma porta bate com força atrás de alguém.

Por um longo momento, o resto da classe fica olhando em direção ao rapaz que acabou de ser levado embora. Todos se olham. Pausa.

Kirsty: Pode ser que não seja.

Melina: Não seja o quê?!

Kirsty: O que você acha.

Jordan: Você não sabe o que eu acho.

Darren: Eu sei o que *eu* acho.

Suhayla: Isso, com certeza.

Darren: Olha só os irmãos siameses. Quase não acreditei que eles não te levaram junto.

Suhayla finge um bocejo e, da mão que tapa a boca, ergue o dedo do meio em direção a Darren.

Suhayla: *Agora* você vem metendo bronca? Agora que não tem professor na sala. Você é muito foda mesmo.

Darren: Eles vão voltar para te pegar. Pode ir guardando as suas coisas.

Evan: Tem mais alguém com fome?

Kirsty: Talvez não seja nada sério.

Melina: Por que você não cresce, Kirsty?

Evan: Eu estou com uma puta fome.

Rachel: São 10 horas.

Evan: Não tomei café da manhã.

Rachel: Tem certeza, Evan? Tá ligado na música da Shakira: os quadris não mentem?[1]

Chris: Cala a boca, Rachel.

[1] No texto: "chips don't lie". Uma brincadeira com a música da Shakira, "Hips don't lie".

Kirsty: Pode ser qualquer coisa.

Melina: 'Pode ser qualquer coisa?!' Você acha que eles levaram o mano sem nenhum motivo? Pelo amor de Deus, Kirsty, só você mesmo.

Samuel: *yeSuS vIjatlh qengtaHbogh Duj'e' net maH. jatlh Miss Tomlinson. joH pong tlhap ropwI'qoq.*
(Não podemos dizer Deus. A Miss Tomlinson que disse. É tomar o nome de Deus em vão.)

Olive: Não podemos dizer Deus. A Miss Tomlinson que disse. É tomar o nome de Deus em vão.

Evan: Estou de regime.

Rachel: O que podemos dizer, então?

Samuel: *Shit*.

Olive: Merda.

Melina: Valeu pela tradução.

Olive: De nada.

Darren: Não podemos dizer Deus na sala, mas podemos falar em Klingon e dizer 'merda'. Eis o resumo da vida moderna.

Evan: Faz uma semana que estou fazendo esse regime.

Rachel: Nem dá para perceber. A gente pode mesmo falar

palavrão na aula?

Melina: Eu falei um palavrão na quarta e ela não disse nada.

Suhayla: A palavra Klingon para merda é 'shit' mesmo'?

Samuel: *tlhIngan 'oHbe' Hol chenmoH motlh qech.*
(Klingon não é uma língua apropriada para conceitos prosaicos do dia-a-dia)

Olive: Klingon não é uma língua apropriada para conceitos prosaicos do dia-a-dia.

Samuel: *Qapbej net poQbej qech rur jolvoy'.*

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

(Ela funciona melhor com ideias como ‘unidade ionizadora do

teletransporte’)

Olive: Ela funciona melhor com ideias como ‘unidade ionizadora do teletransporte’.

Kirsty: A mãe dele pode estar doente.

Evan: Quero ficar magro para o verão. Corpinho de praia.

Rachel: Você já tem corpo de praia, tipo baleia encalhada.

Olive: Para de ser cruel, Rachel.

Suhayla: Ainda mais você. Seu corpo está mais para contrabaixo do que para violão.

Rachel: Sua cabeça de pano de chão.

Suhayla: Cumé que é?

Rachel: Se não aguenta o calor, não fica na cozinha.

Kirsty: Será que o pai dele sofreu um acidente?

Melina: Os Klingons têm uma palavra para ‘unidade ionizadora de teletransporte’?

Samuel/Olive: *Jolvoy’*.

Melina: Mas não têm para ‘merda’. Que doideira!

Kirsty: Quem sabe o cachorro dele morreu?

Suhayla: Então que nome davam a ela antes de encontrarem a Enterprise?

Chris: Era um cachorro caro, Kirsty?

Suhayla: Porque deve ter sido meio esquisito.

Chris: Um cachorro especial? Tipo a Beyoncé dos cachorros?

Kirsty: Não sei nada do cachorro do cara, Chris.

Suhayla: “Preciso muito de um...
“Um o quê?”

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

"Ainda não posso contar! Onde estão os imperialistas do espaço quando você precisa deles?"

Samuel: *Hov trek fun chenmoH DaH net poQbej mev SoH.*
(Vamos parar de zoar com Star Trek?)

Olive: Vamos parar de zoar com Star Trek?

Chris: Quando dois policiais e o seu professor-tutor te levam embora, não vai ser por causa de um cachorro.

Suhayla: O quê? Star Trek é exatamente sobre isso! É literalmente uma metáfora gigantesca do imperialismo americano. Não acredito que você não sabia.
Samuel e Olive se levantam ameaçadoramente de suas cadeiras.

Chris: É o pessoal da Prevenção que está envolvido nisso. A Prevenção Antiterrorismo acabou de levar o Jamal.

De repente silêncio. Samuel e Olive se sentam. Todos se entreolham. Pausa.

Kirsty: Pobre Miss Tomlinson.

Rachel: É verdade.

Suhayla: Pobre *Miss Tomlinson*?! Aquela vaca com olhos de cachaça estava farejando em cima da gente há várias semanas.

Darren: Farejando em cima de *você.*

Suhayla: Eles levam o Jamal e você fica com peninha *dela?* Irado!

Kirsty: Mas vocês viram a cara dela? Era puro medo.

Darren: Ela sempre tem aquela cara.

Chris: Só quando ela olha para *você.*

Rachel: Não é culpa dela. Fala sério. Ela só está fazendo o trabalho dela.

Chris: Não Rachel, o trabalho dela é ensinar. Não dedurar os próprios alunos.

Jordan: Verdade.

Melina: Quem disse que ela dedurou?

Chris: Por que você acha que eles vieram aqui?

Rachel: Você acha que ela teve escolha?

Chris: Como podemos confiar nela agora?

Jordan: Boa pergunta.

Rachel: Ela precisa denunciar tudo que parecer suspeito. É a lei.

Chris: Ela trouxe a *polícia* para dentro da nossa sala.

Rachel: Ela só está fazendo o que mandam ela fazer.

Chris: Como eu vou falar qualquer coisa na aula agora?

Rachel: Você não fala nada mesmo, Chris.

Chris: Então. Agora que não vou falar nada mesmo. Vai saber o que algum professor de merda com algum ódio irracional pode fazer comigo?

Melina: O que você está chamando de ódio irracional, véio? Você detesta a professora.

Chris: Uma sala de aula é para ensinar, não para espionar.

Jordan: Boa!

Chris e Jordan tocam os pulsos. Rachel balança a cabeça. Evan dá um sonoro suspiro.

Evan: Sabe do que eu sinto falta? De bolo formigueiro.

Chris: Eu vou ficar de zip fechado. Não falo mais na aula, e não faço mais lição. Melhor repetir de ano do que ir para a cadeia!

Rachel: Você que sai perdendo.

Chris: Não *perdi* nada, Rachel. Alguém *tirou* de mim.

Rachel: Ela só está fazendo o trabalho dela.

Jordan: Então ela deveria ter a noção de fazer o trabalho direito e não nos meter nessa merda. E ficar espalhando boatos sobre nós.

Darren: A polícia não vem até aqui só por causa de boatos.

Jordan: Não vem?

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Darren: Não. Não vem. Eu sei.

Suhayla: "Eu sei." Falou o filhinho do papai.

Jordan: E aquele moleque na casa com terrorista?

Suhayla: Ei, não pode dizer essa palavra, Jord. Vai direto para a cadeia sem direito a fiança.

Kirsty: Que casa com terrorista?

Suhayla: Um moleque muçulmano de dez anos tentou escrever "moro em uma casa com terraço". Por engano ele escreveu "moro em uma casa com terrorista." A família toda foi detida pela policia.

Kirsty: Tá zoando?

Rachel: Os erros de ortografia são um perigo para a sociedade.

Suhayla: Parece divertido até acontecer com você.

Rachel: Não vai acontecer comigo, tá ligado? Porque eu não sou…

Chris: Não é o quê, Rach?

Rachel: Não sou terrorista, Chris. O que que tá pegando?

Chris: Pegando onde?

Rachel: Não adianta puxar o saco dela. Ela não vai dar para você.

Chris: Só posso concordar se quiser transar com ela? Que bela sororidade vocês têm aqui.

Rachel: Para que está concordando então?

Chris: Eles levaram nosso colega embora! Você não pira com isso?

Rachel: Ele não era seu colega, era?

Chris: Não acredito que você seja tão rasa assim.

Rachel: Não acredito que você seja tão ingênuo assim.

Jordan: Quer saber uma coisa sobre espalhar boatos, Rachel? Vamos ver o que acontece quando a gente espalhar umas coisinhas sobre você.

Pega o celular e começa a digitar.

"Vi Rachel Cooke fazendo um boquete no Andy Thompson no banheiro masculino ontem. A mais pura verdade!"

Rachel: Não! Não se atreva!

Melina: Não, Jordan.

Kirsty: Não acho que seja uma boa—

Jordan: É só um experimento social, tá?

Aperta o botão do celular de modo autoritário. Passam-se alguns momentos. Vários telefones começam a bipar. Os alunos olham os seus celulares.

Chris: Ai, que merda!

Evan: Olha só, não sabia como se escreve "vadia". Tá vendo? Quem disse que a gente não aprende nada na escola?

Mais telefones tocam.

Kirsty: Caraca! Parece fogo na mata.

Horrorizada, Rachel olha para o seu celular que não para de bipar.

Rachel: Jordan, seu puto. Seu punheteiro de merda.

Ela sai correndo da sala.

Melina: Para que fazer uma coisa dessas?

Samuel: *case HaD qaStaHvIS social media yapbe'mo' ghaH.*
(Foi um estudo de caso sobre o poder das redes sociais)

Olive: Foi um estudo de caso sobre o poder das redes sociais.

Jordan: Era o que eu queria provar.

Melina: Mas acabou provando que *ela* tinha razão.

Ela faz um gesto de masturbação para Jordan.

Suhayla: Por isso que a Prevenção Antiterrorismo é tão perigosa. Conhece a história do cuker-bum?

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Kirsty: Do quê?

Suhayla: Dá um google.

Kirsty e Chris pegam seus celulares e fazem uma busca. Começam a ler um artigo.

Kirsty: (*lendo*) "Os funcionários de uma cheche ameaçaram encaminhar um menino de quatro anos para um programa de desradicalização depois que ele fez um desenho que eles achavam ser seu pai fazendo uma "bomba de fogão", cooker bomb em inglês, segundo a mãe da criança."

Suhayla: Quatro. O menino tinha quatro anos.

Kirsty: "O desenho na verdade descrevia o pai cortando um pepino, cucumber em inglês, que a criança chamou de "cuker-bum", com uma faca, mas os funcionários mal ouviram a explicação do menino e pensaram que se tratava de um tipo de dispositivo explosivo improvisado."

Chris: Pelo amor de Deus! (*Samuel começa a falar em Klingon. Chris ergue a mão*) Deixa quieto.

Suhayla: Porque, claro, se você for montar um dispositivo explosivo, vai fazê-lo na frente dos seus filhos. Porque nós somos assim mesmo. Nenhum valor pela vida humana, nem mesmo a nossa.

Chris: (*lendo*) "Eu disse pro assistente:" Quando você olha para mim, eu pareço um terrorista?" E ela disse:" Bem, o Jimmy Savile parecia um pedófilo?"(O Doutor Roger parecia um estuprador?)" Parecia sim! Claro que parecia. Esta é literalmente a pior lógica que eu já ouvi!

Evan: (*com ar sonhador*) Dunkin' Donuts.

Darren: Por que levaram o cara, então?

Chris: O *nome* dele é Jamal.

Darren: Dá um tempo, véio. Você é tão informado!

Chris: Por que você não consegue dizer o nome dele, Darren?

Darren: Eles não estão inventando essa história.

Suhayla: Não estão? Pois eu acho que é exatamente isso que eles estão fazendo.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Darren: Essas bombas todas são só um sonho, né? As ameaças terroristas são invenções do governo malvado para nos assustar? Vocês são uns iludidos. (*Se volta para Jordan*) Ele é seu amigo.

Jordan: Não é não.

Darren: Claro que é.

Jordan: A gente sai junto às vezes. Ele não é um 'amigo'.

Darren: Por que está negando? Vocês almoçam juntos quase todo dia.

Melina: É verdade, Jordan. E você se senta quase sempre perto dele.

Jordan: O que vocês estão querendo dizer?

Darren: O que estou querendo dizer é, agora que você nos distraiu fazendo a Rachel chorar, talvez possa nos contar um pouco sobre sua relação com o suspeito.

Suhayla: Fala sério, você é um *verdadeiro* policial de merda, heim?

Kirsty: Só queremos entender o que está acontecendo, Jordan.

Jordan: Também não sei o que está acontecendo, Kirsty. Sei tanto quanto você.

Melina: (*levanta o celular*) Olha só você e ele marcados no Facebook. Ontem. E na terça também.

Jordan: Está me acusando de alguma coisa, Melina?

Melina: E de novo… Caraca! Que merda é essa?

Kirsty: O que foi?

Melina: Eles acabaram de deletar a conta de Facebook dele.

Evan: "Eles"?

Melina: Alguém. (*dá umas batidinhas no celular*) Não foi só a conta dele. Todas as fotos dele. Nas nossas contas. Elas desapareceram.

Os outros também pegam seus celulares.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Suhayla: Oh shit! – a famosa expressão que os Klingons não sabiam usar até recentemente.

Chris: Todas elas. Todas com o Jamal. Sumiram.

Pequena pausa.

Samuel: *qatlh 'e' ta' chaH?*
(Como conseguem fazer isso?)

Olive: Como conseguem fazer isso?

Kirsty: Talvez não sejam eles. Talvez ele mesmo tenha deletado as fotos.

Melina: Do banco de trás de um carro de polícia?

Chris: Você tá ligada que eles não vão te expulsar se você falar o nome dele, né?

Melina: Algemado?

Kirsty: Você não sabe se ele foi algemado.

Chris: *O nome dele é Jamal*.

Melina: Por que você se importa?

Chris: Por que você não se importa?

Melina: Claro que me importo. Me importo com a *gente*. Com o nosso grupo. Você deveria se preocupar mais com o grupo e menos com um…

Chris: Um o quê?

Melina: Um estrangeiro. Para de colocar palavras nas nossas bocas, Chris.

Darren: Se ele não apagou as fotos, eles apagaram. De todo modo, não é bom para ele.

Evan: Quem são 'eles'?

Suhayla: Já ouviu falar do GCHQ?

Evan: Não.

Suhayla: Do NSA?

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Evan: Errrr…

Suhayla: Do Snowden?

Evan: Sim! Eu sei tudo sobre Snowden. Nós escalamos o monte no ano passado pelo Prêmio Duque de Edimburgo de Mérito Juvenil.

Suhayla: Não o Monte Snowdon, mané. O *Edward* Snowden.

Evan: Ah, tá. Não. Nunca ouvi falar.

Suhayla: O cara que vazou aquela merda de como os governos invadem todos os nossos e-mails, todos os nossos tweets, todos os nossos Snapchats e WhatsApps e Instagram. Como eles podem ler todos os históricos de navegação e descobrir os nossos desejos secretos mais íntimos. Como eles podem arquivar todos os pensamentos que você já teve e usá-los contra você. Para sempre. Você não tem a menor ideia do que estou falando?

Evan: Não.

Suhayla: Da hora. Bem, gente como você não precisa saber.

Chris: Peraí. O quê? O governo pode ver todo nosso histórico de navegação?

Suhayla: Pode.

Chris: Incluindo, tipo…

Suhayla: Pode, Chris.

Chris: (*sussurrando*) Os sites de pornografia?

Suhayla: *Tudo*.

Todos: Oh, shit.

Todos os meninos menos Samuel, e Melina, agarram seus celulares e começam a deletar freneticamente. Suhayla ri deles.

Jordan: Você não... sabe do que estamos falando? Ou é, tipo, contra o seu sistema de valor?

Chris: Bater punheta está dentro de qualquer sistema de valor.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Melina: Pode crer. (*Os meninos fazem um barulho*) O quê? Só porque sou uma garota? Sai dessa.

Suhayla: Eu uso a Dark Web, mano.

Rachel: A o quê?

Suhayla: A rede que eles não conseguem monitorar. Mas agora é tarde demais. Eles já sabem. Tudo que você fez, seja lá o que for.

O frenesi dá lugar à decepção. Todos baixam seus celulares. Rachel volta correndo, entra na sala e se joga em uma cadeira.

Rachel: Já tem uma pichação sobre mim no banheiro das meninas. Jordan, seu merda! Pelo menos podia ter escolhido alguém melhor que o idiota do Andy Thompson. Urgh.
E a polícia continua lá fora.

Melina: Onde?

Rachel: No corredor. Tão falando com o diretor. Parece que estão procurando outros.

Pausa breve.

Darren: "A dark web."

Evan: Acho que estou começando a alucinar.

Darren: "A rede que eles não conseguem monitorar."
Interessante.

Suhayla: Continua latindo, cachorrinho?

Evan: Hipoglicemia.

Darren: (*dá tapinhas na têmpora dele*) Guarda para mais tarde.

Suhayla: Au au au au.

Evan: Tô vendo barras de chocolate flutuando no ar. Elas parecem mais verdadeiras que você.

Kirsty: Evan. Agora não.

Evan: Mas tô vendo.

Darren: Por que o mano deletaria sua própria conta?

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Suhayla: Você que me diga, CSI.

Darren: A menos que estivesse escondendo alguma coisa.

Ele se volta e encara Jordan. Dois ou três outros o imitam e fazem o mesmo.

Jordan: Quantas vezes preciso repetir?! Não conheço o cara direito!

Rachel: Claro que conhece, Jordan. Você se senta do lado dele.

Melina: Você almoça com ele.

Darren: Você já foi na casa dele.

Jordan: Quem te disse que eu fui na casa dele?

Suhayla: O pai dele é da polícia, Jords. Não deu pra perceber?

Darren: Você foi, não foi?

Pausa breve. Jordan acena com a cabeça relutantemente.

Darren: E aí? Ele é, certo?

Suhayla: Agora estamos chegando lá.

Darren: Eu sei que ele esconde, não fica se exibindo por aí, ao contrário de algumas pessoas. (*Dois jovens olham para Suhayla*) Mas ele é, certo?

Jordan: Tudo bem, Darren, ele é muçulmano.

Darren: Pode crer.

Chris: E isso prova o quê exatamente?

Melina: Já é alguma coisa, não é? Tipo, um motivo. Quer dizer, tem de ter um motivo. Para eles levarem o mané.

Jordan: Só sei que ele é um cara legal. Quer dizer, quando é que você conhece alguém de verdade? Ele chegou no mês passado. Mudou muito de escola por causa do trabalho do pai. Eu vi o Jamal andando pelo campo de futebol no primeiro dia, arrancando as folhas dos arbustos e fazendo bolinhas com ela. Ele não tinha nada pra fazer. Ninguém com quem falar.

Samuel: *SoHvaD rap ta' 'e' poHlIj naDev SopwI'.*

(Eu me lembro de você fazendo a mesma coisa quando chegou aqui)

Olive: Samuel se lembra de você fazendo a mesma coisa quando chegou aqui.

Jordan: Eu fiz? (*Os dois jovens acenam afirmativamente*) Não me lembro. Só achei que ele precisava de um amigo. Então fui falar com ele.

Suhayla: Foi nessa hora que ele te aliciou para o seu plano do mal de explodir a cidade inteira e a aula de física?

A maioria dos jovens ri.

Darren: Vai rindo vai.

Chris: Olha, se essa história mata a aula de física, tô dentro.

Suhayla: (*voz séria de série de TV*) "Paris. Bruxelas. São Paulo (cidade local). Qual será o próximo alvo dos malvados terroristas?"

Darren: Vai rindo. Pode fazer piada. É exatamente disse que se trata. Faz uma quota que meu pai fala disso. Os terroristas estão começando a mirar em alvos menores. Quanto menor a visibilidade do grupo, maior a possibilidade de um ataque. Sabe qual é o lugar perfeito? Um shopping. Uma piscina. Um cinema. Talvez até uma escola. Esta escola. E ninguém está preparado. Todo mundo é um bando de sem noção, tipo vocês.

Pausa enquanto todos digerem essa ideia.

Darren: E aí, como ele é então? Quietão?

Jordan: É. Acho que sim.

Darren: Meio solitário?

Jordan: Ele acabou de se mudar pra cá.

Darren: Tipo uma alma perdida?

Jordan: O quê?

Darren: Nenhum de vocês leu a circular de Prevenção Antiterrorismo que a Miss Tomlinson deu pra gente?

Melina: É. Eu li.

Kirsty: Eu também.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Rachel: Eu comecei, mas era muito chato.

Samuel: *tera'Daq veQ flaws 'e' vItu' Homvetlh.*
(Encontrei importantes falhas no material)

Olive: Samuel encontrou importantes falhas no material.

Darren: No que foi mesmo que a rapaziada da Prevenção Antiterrorismo pediu para a gente ficar de olho? Gente solitária? Outsiders? Gente lutando para ser aceita? Peraí. Fiz umas anotações aqui.

Tira um bloco de notas e lê.

"Alguém que não sabe quem é. Alguém em busca de um propósito. Alguém que quer ser percebido. Alguém que quer fazer algo especial para se destacar, e que, portanto, pode ser vulnerável à radicalização."
Olha só. É ele. Ele é exatamente assim.

Darren se senta e relaxa, impressionado consigo mesmo. Os outros se entreolham. Pausa breve.

Melina: Faz sentido.

Kirsty: Você acha?

Melina: Só estou dizendo que ele é assim mesmo.

Suhayla: Você não está caindo nessa, tá?

Melina: Quarta-feira, na hora do almoço. Ele estava no corredor sussurrando no celular. Tipo assim, de forma suspeita, tá ligado? E quando eu cheguei por trás, ele desligou bem rápido e me olhou meio bravo.

Chris: Ele podia estar falando com a namorada.

Kirsty: E ele tem namorada?

Melina: Em, tipo árabe, ou sei lá que língua?

Chris: Talvez a namorada dele fale árabe.

Suhayla: Vocês não podem ser tão babacas assim. Fala sério.

Kirsty: Ele não se veste como quem tem uma namorada.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Rachel: Definitivamente ele não tem cheiro de quem tem

namorada.

Melina: Falando sério, sem zoação, vocês namorariam o mané?

As meninas torcem o nariz com nojo da ideia de transar com Jamal.

Samuel: *latlh nuq neH defined SoH DaSov'a', Darren? teenager.*
(Sabe o que mais você acabou de definir, Darren? Um adolescente.)

Olive: Sabe o que mais você acabou de definir, Darren? Um adolescente.

Suhayla: Valeu, aí, mano! A lamentavelmente incompreensível voz da razão.

Samuel: *nuv ghaH flaws tera'Daq veQ.*
(São essas as falhas importantes.)

Olive: São essas as falhas importantes. Pelo menos é isso que diz o Samuel. Mas eu não concordo…

Olive diz algo a Samuel em Klingon. Samuel balança a cabeça com força. Os dois conversam animadamente.

Jordan: Mano, não compro essa. Para começar, a mãe dele é da hora. Simpática, tá ligado? É uma cozinheira fantástica. E a comida é, tipo, igual à nossa.

Melina: Você está dizendo que os terroristas não podem ter mães simpáticas?

Jordan: Bem, sim, é isso mesmo que estou dizendo.

Melina: Com base em quê, Jordan?

Jordan: Porque quando a gente vê os vídeos do Estado Islâmico, Melina, com aqueles jovens no deserto usando gorros ninja[2] e berrando 'Morte aos Infiéis", é meio difícil ver uma velhinha sorridente ao fundo acenando com uma torta de banana[3].

Evan: Ah, dá um tempo, véio! Por que foi falar de torta de banana? É a minha preferida.

[2] No original, balaclava, outro nome para esse tipo de gorro que esconde a maior parte do rosto.
[3] No orginal, Bakewell Tart, torta típica inglesa.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Melina: Acho que o que você disse não está certo.

Jordan: Te dou 10 reais se você me mostrar um vídeo do Estado Islâmico com uma torta de banana.

Evan: De novo?

Melina: Não estou falando da torta de banana.

Evan: E *de novo*!

Rachel: Mais uma, Evan. Se você fizer mais uma referência a algum bolo ou torta, juro que…

Evan: Mano, estou tentando. São eles!

Melina: Estou falando da mãe. É disso que estamos falando. Muitos deles vêm de famílias normais, gente legal. Têm boa educação. Falam bem. É por isso que é tão difícil achar essa galera.

Jordan: E você tem essa informação exatamente como?

Melina: Porque todo mundo sabe. Porque, diferente de você, Jordan, eu tenho respeito pelas pessoas e pelas necessidades delas.

Jordan: Será que o George concordaria com isso? Tipo, eu não tenho tanta certeza.

Rachel: Oi? Oi? Estão falando do quê?

Melina: Da hora. Envolve o meu namorado nesta história. Quanta elegância, Jordan.

Jordan: Foi você que não me ligou, Melina.
Evan: Agora me perdi. Estão falando do quê?

Rachel: Continuam falando de comida. Agora vacas e galinhas[4].

Darren: Você já viu muito vídeo do Estado Islâmico, Jordan?

Jordan: Essa é a voz que você acha que seu pai usa no trabalho, Dá? Olha, eu aposto que ele não tem essa voz de David Bowie tupiniquim cantando

[4] No original, "Tarts again, apparently", fazendo uma brincadeira com os dois sentidos da palavra tart: torta / prostituta.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Life on Mars.

Darren: "Com aqueles jovens no deserto usando gorros ninja."

Jordan: *Todo mundo* vê os vídeos do Estado Islâmico.

Darren: Eu não vejo.

Melina: Eu também não.

Rachel: Nem eu.

Chris: Eu vejo.

Todos os olhos se voltam para ele.

O que foi? Tá no meu Twitter.

Darren: Você tem vídeos do Estado Islâmico no seu Twitter?

Chris: Tem todo tipo de merda no meu Twitter. Gosto de ficar bem informado.

Rachel: Menos na aula.

Melina: Você assiste as pessoas sendo decapitadas? Aquele tal de Jihadi John e tudo o mais?

Chris: Às vezes.

Melina: Você é doente.

Chris: Não. Só quero estar bem informado. Porque é isso que é assustador, muito mais do que a chance do Estado Islâmico explodir o bar da esquina[5]. O que dá medo é o quanto as pessoas não sabem. E os soldados que a gente vê na cidade nas sextas à noite, entrando no pub[6] como se fossem o dono do pedaço, fedendo a desodorante masculino[7]? Ninguém olha duas vezes para eles, mas aposto que a metade deles já fez coisas tão horríveis quanto o Jihadi John.

Rachel: Fala sério!

[5] No original: Wetherspoons, rede de pubs fundada no Reino Unido em 1979.
[6] No original: All Bar One, rede de pubs fundada em Londres em 1994.
[7] No original o desodorante masculino é da marca Lynx Africa

Chris: Você tem alguma ideia do que o exército faz? Aposto que a metade *deles* nem sabe o que fez. Apertam um botão e uma manchinha cinza desaparece. Talvez fosse um terrorista. Podia ser uma criancinha.

Darren: Eles estão protegendo o país, seu esquerdinha. Protegendo *você*.

Chris: Eles ganham salário, não ganham? Pode apostar que o Jihadi John não ganha salário.

Suhayla: Ooooh, cheque mate, Chris.

Rachel: Meu irmão é um desses rapazes. E o salário dele não é nada comparado com tudo o que ele passa.

Chris: Por que ele não procura outro emprego?

Rachel: Vai à merda, Chris.

Olive: O meu também, tá ligado? E ele sabe exatamente o que fez. Ele sofre de stress pós-traumático e faz dois meses que não sai do quarto.

Chris: Bem, claro, sempre tem alguns–

Olive: Ele não dorme. Chora e grita. Os médicos dizem que ele nunca vai ficar bem de novo. Nunca vai voltar ao normal. Mas valeu aí por ter ideias pré-concebidas sobre ele.

Chris: Não fiz… eu não sabia de nada disso.

Samuel: (para *Olive*) *vay' vay' Data'nISbogh je jamal doesn't ghaj.*
(Isso não tem nada a ver com o Jamal)

Olive: (para *Samuel*) Claro que tem. Ele estava tentando impedir as coisas que o Jamal quer fazer.

Samuel: *nuq luta' jamal ghewmey DaSov. vaj vay' Qu' ghaH.*
(Você não sabe o que o Jamal fez. Se é que ele fez alguma coisa)

Olive: Bem, eles não iam levar o mano sem motivo, iam?

Samuel: *SoHvaD Suq emotional, Olive. Qa' mr —*
(Você está ficando muito emotiva, Olive. Como diria o --)

Olive: (*emotiva*) Não estou ficando emotiva. E que o Spock vá cagar no mato.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Ela se afasta de Samuel. Ele abre a boca, mas nada sai sem ter alguém para traduzir para ele.

Pausa.

Kirsty: Só quero me sentir segura de novo.

Rachel: Eu também.

Melina: Eu também.

Jordan: Todo mundo quer se sentir seguro. Isso não te faz especial.

Melina: Quando foi que eu disse que era especial? Não sou eu que fico me fazendo de gostoso para depois não durar nem 30 segundos.

Kirsty: Por que é errado?

Jordan: Nunca tive nenhuma queixa da Chloe. E olha que comparado com o que ela fala do George, eu até que tô bem na fita.

Melina: O quê? *O quê?*!

Kirsty: Por que é errado querer se sentir segura?

Darren: Não é errado. É normal.

Melina: O que você está querendo dizer, Jordan?

Jordan: Você é uma garota inteligente. Você consegue descobrir sozinha.

Darren: O que está errado é as pessoas te fazerem se sentir feito uma aberração só porque você quer se sentir seguro. No seu próprio país.

Chris: Tem alguma opinião que você não copia do seu pai, mano? Ou da Veja (The Sun)?

Darren: Na verdade eu não leio a Veja (The Sun).

Chris: Ah, tá legal! O Estadão, a Folha, o Globo,.... (Telegraph? Mail? Times? Express?) Ou o Donald Trump aparece pessoalmente para uma visitinha na sua casa?

Suhayla: O que o Jamal *fez*? Você nem sabe se ele fez alguma coisa.

Darren: E você não sabe se ele não fez nada. Ou o que ele vai fazer.

Kirsty: Como alguém poderia saber isso?

Darren: A polícia obviamente acha que sabe.

Melina: Aquela vaca!

Suhayla: Estou falando de fatos. Você não tem nenhum fato.

Darren: Fato um: Miss Tomlinson achou que alguma coisa que ele fez parecia suspeito o suficiente para chamar a polícia. Fato dois: a polícia achou suspeito o suficiente para levar o Jamal embora.

Melina: Aquela *vaca* desgraçada. *Melina luta para controlar as lágrimas e ferve de raiva.*

Darren: Fato três: ele é muçulmano. Nem todos os muçulmanos são terroristas, mas todos os terroristas são muçulmanos.

Suhayla: Vai à merda, Darren.

Darren: Sua vez. Quais são os seus fatos?

Suhayla: Fala sério. O cara é um puta de um racista.

Darren: Entendi. Você não tem fatos. Só tem a carta racial. Vocês são todos iguais. Vocês não sabem argumentar, então fazem o papel de vítima.

Suhayla: Filho da puta racista.

Rachel: Mas sabe que ele tem razão?

Chris: Tem nada.

Rachel: Quem fez os ataques de 2005 em Londres? E em Paris? E Bruxelas? Os muçulmanos.

Suhayla: Quem é que joga bombas em muçulmanos no mundo inteiro? Os brancos.

Rachel: E agora, quem está sendo racista?

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Suhayla: Então é racista dizer que os brancos matam, mas não é racista dizer que os muçulmanos matam? Agora entendi.

Chris: Em 2016, tá ligado, mais crianças mataram mais gente nos Estados Unidos do que os muçulmanos. 23 a zero, mano!

Jordan: Tem gente filha da puta em qualquer lugar.

Kirsty: Isso é verdade.

Jordan: Mas tem mais em Campinas[8].

Chris: Tu tá pegando fogo hoje, mano!

Evan: Dá para mudar de assunto? Tá ficando pesado.

Rachel: Olha só quem está falando.

Evan: Ha ha. Piada de gordo. Que original!

Olive: Cala a boca, Rachel, sua vaca.

Rachel: Alguém falou com você? Volta para o mundo dos Klingons, Olive. Sua mocréia nerd.

Darren: É isso que eu acho engraçado em vocês. Ficam berrando que nos odeiam o tempo todo—

Suhayla: Quando que eu disse isso? Nasci no mesmo hospital que você.

Darren: E daí? Você vai ser sempre diferente. Você *escolhe* ser diferente.

Suhayla: Minha casa fica a duas portas da sua. Estudamos na mesma sala!

Darren: É por isso que você usa esse trapo na cabeça: "Eu sou diferente. Não sou você. Sou *melhor* do que você."

Suhayla: O que mais eu posso fazer para ser aceita?

Darren: A sua turma anda por aí esfregando a sua diferença na nossa cara todos os dias. Mas daí *nós* é que somos o problema.

[8] no original: Stevenage, cidade de 79 mil habitantes localizada ao norte de Londres.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Somos nós que devemos rastejar e adular e fazer com que vocês se sintam bem vindos? No nosso próprio país?!

Suhayla: Quer saber de uma coisa? É isso aí. Você é o problema. Pessoas como você, que se recusam a ver o que a Grã Bretanha faz com o mundo, todos os assassinatos e a exploração, porque se você ficar ignorante, daí dá para você andar por aí fazendo papel de vítima, como se o único motivo para tanta gente ter raiva deste país é porque eles são malucos e malvados e então precisam ser presos ou bombardeados, quando somos nós que jogamos bombas há uns duzentos anos e foi isso que começou esta merda toda – é isso aí, Darren, gente como você, que não dá conta de não ser sempre o bonzinho, vocês são o problema. Quer saber de uma coisa – se você machuca uma pessoa, ela vai querer te machucar de volta! E corta esse papo furado que você é o filhinho bonzinho do policial, e fica colocando as pessoas contra mim? Isso não vai fazer seu papai voltar para casa, tá ligado? Porque papai deu no pé. Nós *vimos*. Nós vimos ele indo embora enquanto a sua mãe se agarrava à porta do carro, soluçando e gritando. Porque ele não queria mais ficar com vocês. Então não é minha culpa. *Não é minha culpa*!

Darren avança para cima de Suhayla, com o ódio marcando suas feições. Melina pula da sua cadeira.

Melina: Pra mim chega. Chega desta merda.

Melina pula em cima de Suhayla e no impulso do momento, arranca o hijab dela. Suhayla grita e cobre a cabeça. O resto fica de queixo caído. Melina segura o hijab na mão, incerta de seu próximo movimento.

Suhayla: Devolve!

Jordan: O que você está fazendo?

Chris: Devolve, Melina.

Melina: (*olha o hijab*) O que que isso tem de tão especial?

Suhayla: Devolve. Agora.

Melina: Já deu né? Acho que já dissemos tudo que tínhamos para dizer.

Kirsty: Você vai meter a gente num puta rolo, Melina.

Melina: Por quê? É só um pedaço de pano.

Kirsty: Vão nos suspender por sua culpa.

Samuel: (para *Olive*) *vay' vay' Data'nISbogh bImejnIS. vay' jatlh.*
(Você precisa fazer alguma coisa. Diz alguma coisa)

Olive: Faz você alguma coisa, Samuel. Foi ela mesma que causou tudo.

Rachel: Não devolve.

Evan: Cala a boca, Rachel. Você só tá piorando as coisas.

Rachel: Vai comer uma torta, gordinho. Não devolve, Melina. Ela precisa pedir desculpas primeiro.

Melina olha em volta, o coração na boca, sem acreditar no que fez.

Jordan: Devolve, Melina. Agora.

Melina não vai aceitar ordens de Jordan. Ela pula para o outro lado.

Melina: Só depois que ela pedir desculpas. É isso aí, Rach. (*Para Suhayla*) Pede desculpas pelo que você disse e eu devolvo o seu pedacinho de pano.

Suhayla: Vou chamar o diretor.

Kirsty: Vão expulsar todas nós por sua culpa.

Melina: Por quê? Quem vai contar? Você vai contar, Kirsty?

Suhayla: Vou chamar a polícia.

Suhayla pega o celular. Melina o arranca das mãos dela.

Melina: Quem vai contar? Rachel? Evan?

Evan: Devolve para ela. O celular e esse troço aí. Daí tudo volta ao normal.

Melina: Volta? Acho que não. (*Para Suhayla*) Porque ela não vai deixar passar, vai, doçura?

Suhayla vai em direção à porta. Melina bloqueia o caminho. As duas meninas se empurram e brigam pelo hijab. Os outros assistem sem acreditar no que está acontecendo.

Melina: Não deixa ela passar, Darren.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Darren fica congelado. Não consegue se mover.

Vamos lá, bocudo. FAZ ALGUMA COISA!

Pressionado para a ação, Darren dá um passo em frente, arranca Suhayla de Melina e a prende em um abraço de urso. Suhayla grita.

Suhayla: Me larga, me larga!!

Darren: Calma, galera. Calma.

Suhayla: Sai de cima de mim.

Jordan: Parem com isso

Melina: Não deixa ela gritar.

Suhayla: ME LARGA!

Kirsty: Alguém vai ouvir.

Melina: Faz ela parar!

Suhayla: TIRA AS MÃOS DE CIMA DE MIM!

Darren cobre a boca de Suhayla com a mão. Suhayla morde a mão dele com força. Darren grita de dor e dá um tapa na cara de Suhayla. Todos arfam assustados sem acreditar. Suhayla explode em lágrimas e despenca em uma cadeira. Pausa breve.

Kirsty: Que merda, que merda, que merda.

Chris: Pra que você foi fazer uma merda dessas?

Darren: Ela me mordeu.

Chris: Você bateu nela!

Darren: Ela mordeu minha mão.

Chris: Você bateu na cara dela! Você não pode bater na cara de uma garota, Darren! Ainda mais na cara de uma garota muçulmana!

Rachel: Que diferença faz que tipo de garota ela é?

Kirsty: Que merda, que merda, que merda.

Rachel: O problema é exatamente esse. É exatamente por isso que estamos aqui.

Evan: O que vamos fazer?

Kirsty: O que vamos fazer? *Pausa.*

Melina: Tranca a porta. A chave está na mesa da professora. (*Pausa breve*) Tranca a porta

Rachel vai até a mesa, procura em uma gaveta.

Melina: No outro lado.

Rachel encontra a chave. Tranca a porta. Guarda a chave no bolso. Pausa breve.

Melina: É a palavra dela contra a nossa. A palavra dela contra o grupo. A pergunta é: quem prefere ficar com ela e não com o grupo?

Pausa breve.

Tudo que ela precisa fazer é pedir desculpas. Tudo que ela precisa fazer é cair de joelhos, como já faz cinco vezes na porra do dia, e implorar nosso perdão. Por se achar melhor. Por achar que a turma dela é melhor que a nossa. É só isso que você precisa fazer, doçura. E daí a gente te solta.

Suhayla: Enfia no rabo.

Melina: Ah, mas eu acho que é você que vai ter coisas enfiadas em partes do corpo, Suhayla. Se você me entende bem.

Kirsty: Ei ei ei ei ei EI!

Melina: Caso as coisas saiam do controle. O que pode muito bem acontecer.

Kirsty: Isso aqui tá ficando uma doideira.

Melina: Nunca se sabe, não é?

Kirsty: Tá tudo muito louco.

Chris: Você perdeu o controle, Melina. Você precisa parar.

Melina: Eu não comecei nada, Chris. Então como posso parar?

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Jordan: Olha, Melina, sinto muito pelo... que eu disse, tá legal?

Melina: Tem que sentir muito mesmo.

Jordan: Eu não devia ter humilhado você em público. Mas você não pode—

Melina: É isso que você acha disso tudo, Jordan? Ah não. Não não não. Não se trata de mim. Isso tudo é sobre *nós*. O grupo. A escola.

Darren: (para *Suhayla*) Eu... sinto muito. Vai ficar tudo bem.

Melina: É sobre nós fazermos uma coisa especial. Protegermos um ao outro. Segurar a barra um do outro. Contra-atacar, reagir, resistir.

Jordan: A única coisa que você está fazendo pelo grupo, Melina, é meter a gente num monte de merda.

Darren: Pelo amor de deus... para de chorar. Ok?

Darren pousa uma mão incrivelmente desajeitada no ombro de Suhayla. Um desastrado gesto de desculpas. Suhayla BERRA com ele e corre para o outro lado da sala.

Suhayla: TIRA A MÃO DE MIM!! VOU DENUNCIAR VOCÊS. Vou denunciar todos vocês.

Melina: Prende ela aqui, Daz. Não deixa ela sair.

Jordan: Vou chamar a Miss Tomlinson.

Vai em direção à porta. Melina entra no caminho.

Melina: Não.

Jordan: A gente explica. Ela vai entender.

Melina: *Não,* Jordan. Tarde demais.

Jordan: Sai do caminho.

Melina: Me tira.

Jordan: Sai do caminho, Melina.

Melina: Não, Jordan.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Jordan: Não me obriga a te tirar.

Melina: Vocês ouviram. Todos ouviram, né? Jordan ameaçou me bater.

Jordan: Não ameacei nada! (Para *Chris*) Chrissy, vai pegar a Miss Tomlinson.

Chris: Com o meu histórico? Pra quê, você quer que ela nos execute?

Samuel: *vay' Daghaj.*
(Vai você.)

Olive: Não.

Samuel: *vay' Daghaj. vay' ghajbogh vay'.*
(Você precisa ir. Alguém precisa ir)

Olive: Vai você, Samuel. Se alguém precisa ir, vai você.

Jordan: Seja homem, Chris, e vai buscar a professora, porra.

Chris: Tá legal, tá legal.

Vai até Rachel e estende a mão.

Chris: Chave.

Rachel: Não.

Chris: Dá a chave, Rachel.

Rachel tira a chave do bolso, pensa no que vai fazer. Daí ela enfia a chave bem fundo nas próprias calças, ergue as mãos e sorri. Pausa breve.

Rachel: Ninguém vai a lugar nenhum.

Pausa breve.

Melina: Nada disso é nossa culpa.

Rachel: Verdade.

Melina: Vai dar a maior merda e a gente vai ficar com ficha suja e nem é culpa nossa. Não causamos nada disso. Não fizemos o que o Jamal fez. Não trouxemos a polícia aqui. Não fizemos o que ela

(*apontando para Suhayla*) disse. Só o que fizemos foi vir para a escola. Só fazemos a coisa certa. Então por que devemos ser punidos? Por que precisamos sofrer?

Jordan: Ninguém precisa sofrer. Ninguém vai ficar com ficha suja.

Rachel: Você ouviu o que ela disse. Ela vai nos denunciar.

Chris: Ela não vai denunciar ninguém, vai, Hayls?

Suhayla: O seu bando de babacas me ataca e me mantém aqui contra a minha vontade. É. Acho que é bem provável.

Evan: Devolve para ela a merda do–

Rachel: NÃO! Não! Tô de saco cheio de tudo isso. Tô muito cheia das pessoas ficarem me fazendo me sentir culpada por tudo!

Kirsty: Só quero me sentir segura.

Jordan: Isso aqui está muito louco.

Melina: E se ela for parceira do Jamal?

Jordan: Ah, pelo amor de deus!

Melina: Mas e se for? E se eles estiverem juntos nessa?

Jordan: Juntos nessa o *quê*? Não tem 'nessa' nenhuma!

Rachel: Como você sabe que não tem, Jordan? Você não tem como saber.

Jordan: E como você sabe que tem?

Melina: Por causa disto aqui! Porque esta merda toda está acontecendo agora! Como esta merda toda podia estar acontecendo se não tivesse alguma coisa?

Kirsty: Por que é errado querer se sentir segura?

Rachel: Eles podem estar aprontando alguma coisa! Planejando explodir a escola! Planejando fazer só deus sabe o que mais! *Ninguém sabe*!

Jordan: Isso está ficando cada vez mais doido!

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Rachel: Tem um jeito fácil de acabar com tudo isso. Ela só precisa pedir desculpas. Cair de joelhos e admitir o que ela fez.

Rachel e Melina chegam perto de Suhayla.

Melina: Ajoelha.

Suhayla: Vai se foder!

Melina: Não abusa, querida.

Rachel: Ajoelha e pede desculpas pra gente.

Suhayla: Vão se foder. Você. Você. Seu gordo. Sua puta.

Melina: É só pedir desculpas e dizer que nada aconteceu e a gente devolve o seu trapinho e tudo volta ao normal.

As duas começam se engalfinhar com Suhayla até o chão.

Kirsty: Ei ei ei ei ei EI!

Melina: Ajuda aqui, Darren!

Darren dá um passo para trás, com medo. Jordan começa a brigar com a porta.

Jordan: Chris, me ajuda a derrubar a porta.

Chris vai até a porta. Suhayla se solta de Rachel e Melina e vai até o outro lado da sala. Ela grita.

Suhayla: SOCORRO!

Melina coloca a mão na boca de Suhayla e as duas brigam.

Melina: Me ajuda aí, ô. Ou todo mundo vai ficar na merda.

Olive e Kirsty vão ajudar Melina a conter Suhayla. Samuel coloca a mão no ombro de Olive.

Samuel: *nuq Data'? mev!*
(O que você está fazendo? Para!)

Olive tira a mão dele com raiva. As três garotas brigam com Suhayla e a forçam até o chão. Murmúrios no corredor. Jordan e Chris quase conseguiram arrombar a porta.

Rachel: Sai por essa porta e eu te denuncio para a Prevenção Antiterrorismo.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Pausa breve e atônita. Rachel também está chocada. Ela não sabia que aquilo ia sair da sua boca.

Jordan: O quê?

Rachel: Não são só os escurinhos, tá ligado? Pode ser qualquer um.

Jordan: *O quê?*

Rachel: Você vai na casa do Jamal. Sai com ele todo dia. Come a comida dele. Você defende o cara.

Chris: Você pirou?

Rachel: Ele também pode fazer parte. Vou contar para a Prevenção Antiterrorismo que ele também faz parte.

Chris: Você tá falando do *Jordan*.

Rachel: E você conhece bem ele, Chris? Você conhece alguém de verdade, afinal?

Chris: Você não vai delatar ninguém.

Rachel: Sai por essa porta e você vai ver.

Chris: Valeu pela tentativa, Rach.

Rachel: Vou contar sobre você também. Como você defende ela. Como você concorda com ela. Como você parece ter tezão por ela.

Chris: Não tenho tezão por ela.

Rachel: E como você quer impressioná-la e foi assim que ela entrou na sua cabecinha, e tomou conta de você. Ela se apoderou de você, do Jordan e do Jamal.

Chris: *Para fazer o quê?*

Rachel: Não sei, Chris. Me diga você.

Suhayla: ALGUÉM ME AJUDA!

Os murmúrios no corredor se tonam vozes altas de adultos. Golpes no lado de fora da porta. "O que está acontecendo aí dentro?" "Abra esta porta." "Tá me ouvindo? Abra essa porta, agora!" Suhayla está presa ao chão pelas quatro meninas. Samuel segura o rosto entre as mãos.

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Darren: Precisamos parar.

Rachel: O quê?

Darren: Acho que fomos longe demais.

Rachel: Ah Darren. Dazza. Amarelando quando a coisa aperta. O que o papai diria de uma coisa dessas?

Darren: Cala a boca Rachel.

Rachel: Você não pode falar comigo assim. Eu não sou como ela, tá ligado? Eu sou *inglesa*.

Melina: Você só ladra e não morde, heim, Daz. Dá uma de galo, mas é um arregão.

Evan: O que ela tá dizendo? Acho que isso nem existe.

Rachel: Cala a boca e segura ela, gorducho.

Rachel segura Evan e o puxa para baixo para ele entrar no "scrum[9]". Os barulhos e gritos do corredor estão ficando mais altos. Alguém balança a porta com força. "Vai pegar uma chave!"

Melina: Foi você que começou tudo isso. Tudo que aconteceu hoje começou com você.

Darren: Não é verdade.

Rachel: Você bateu na cara dela, Darren.

Pausa breve.

Melina: Hoje em dia ninguém quer pagar o preço, tá ligado? Acho que tudo seria muito melhor se alguém pagasse o preço. Começando hoje. (*Para Suhayla*) Diz aí, "Eu peço desculpas."

Suhayla: Vai à merda.

Melina: Pede desculpas.

Suhayla: Não.

Rachel: Pede desculpas.

Suhayla: NÃO.

[9] scrum – manobra de rúgbi

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Melina: Diz, “Eu peço desculpas por toda a confusão que causei hoje. Eu peço desculpas por toda a confusão que o meu grupo causou.”

Suhayla: Enfia no meio do seu...

Darren: Pede desculpas, por favor.

Kirsty: Faz tudo isso acabar.

Evan: Fala, Suhayla. É o caminho mais fácil.

Rachel: Fala!

Melina: FALA!

Turma: FALA FALA FALA FALA FALA FALA FALA FALA!

Melina: Então, se você não vai falar, doçura, acho que precisamos aumentar um pouco a pressão.

Melina começa a tirar a camisa de Suhayla. Ela começa a gritar aterrorizada. Samuel pula da cadeira e sobe na sua mesa.

Samuel: PAAAAAAAARAAAAAAA!
O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO? QUE MERDA VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

A turma se vira como se fosse uma pessoa só, atônita. Pausa.

Samuel: Eu tenho medo.
Tenho medo todo dia.
Tenho medo que eu não consiga fazer nada certo. Que eu não tenha nenhum valor.
Que ninguém me ame e que ninguém nunca venha a me amar.
Que eu não mereça ser amado porque eu não sou bom. E eu sei que as pessoas percebem que eu tenho medo.
E eles se aproveitam.
E assim fico ainda com mais medo. Medo de falar.
Medo de pensar.
E eu sei que vocês também estão com medo. Por baixo. E por isso que vocês ficam me zoando. Mas eu não vou deixar.
Não vou deixar vocês fazerem isso com ela.
Não me importa o que vocês façam comigo. Só sei que não vou deixar.

Samuel desce da mesa, vai até Melina e toma o hijab da mão dela. Ajuda Suhayla a se levantar e lhe devolve o hijab.

Sinto muito. Sinto muito mesmo.

Ele se volta para Melina.

Pronto. Pode fazer o pior que você conseguir.

Pausa breve. Batidas fortes na porta trancada. Vozes gritando "Nós temos a chave. Vamos entrar."

A sala se entreolha. Pausa breve.

Samuel: (para *todos*) Pensem com cuidado. Pensem bem no que vocês vão dizer.

A porta se abre. ***Blackout****.*

VERSÃO DE TRABALHO

JANEIRO DE 2017

REPRODUÇÃO PROIBIDA

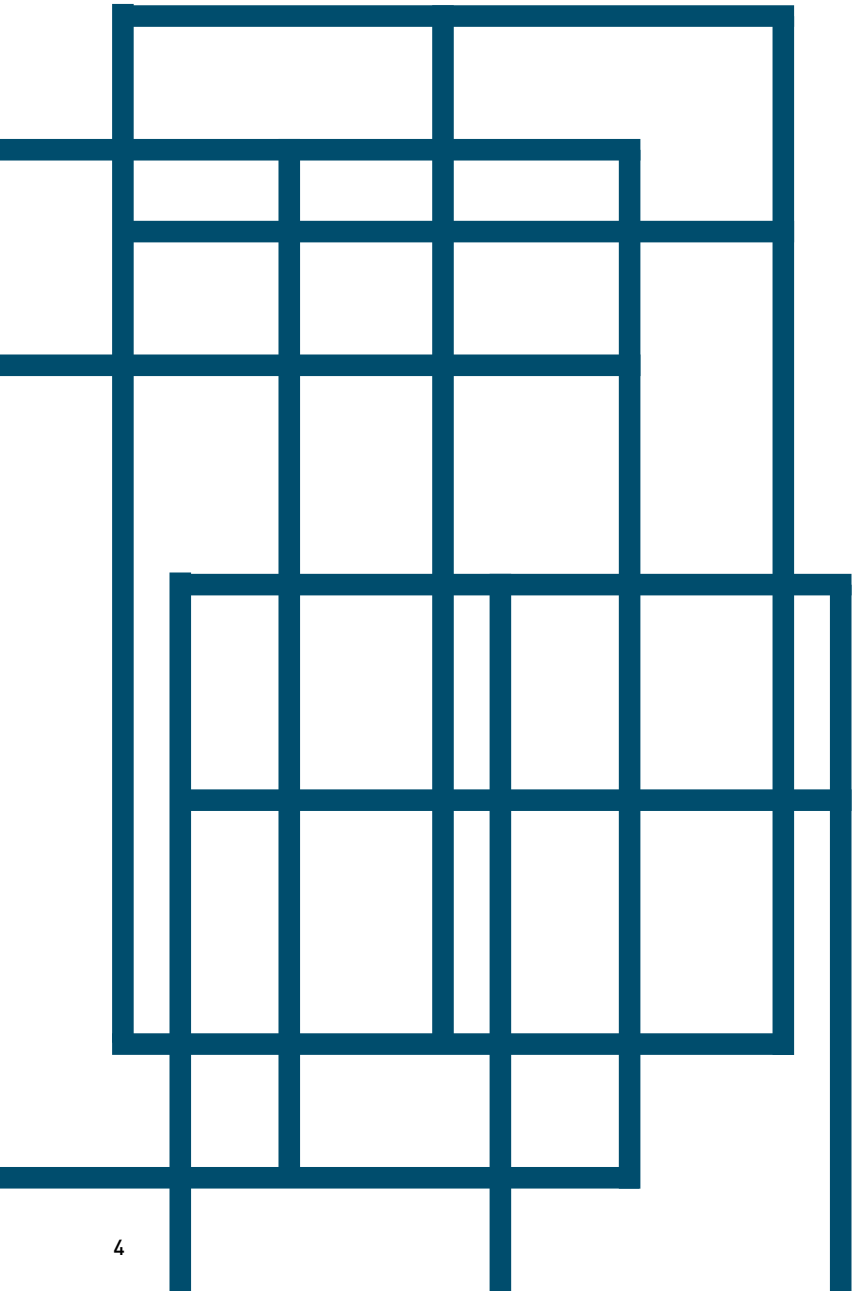
HOTEL ASMIM

DE CLÁUDIA BARRAL

Centro Cultural São Paulo

HOTEL JASMIM

CLÁUDIA BARRAL



APRESENTAÇÃO

Hotel Jasmim é um texto surpreendente e comovente. Teatro realista de primeira qualidade.

Logo no início de sua leitura, fui levada a *Dois perdidos num noite suja*, peça emblemática e genial de Plinio Marcos, escrita em 1966, em que dois personagens dividem o mesmo quarto em uma hospedaria barata e estabelecem uma relação conflituosa e violenta. Mas o que ocorre nesse quarto de hotel é diferente. Assistimos a uma história de solidão, encontro e nascimento de uma amizade entre dois personagens sem um grande conflito violento, apenas pequenas agruras e problemas da vida cotidiana de seres à margem. Fernando, que vende o corpo e que tem uma visão nada edulcorada da vida, e Jorge, recém-chegado do interior para trabalhar de garçom e que, acreditando em uma vida honesta e evangélica, vai sendo apresentado a esse universo cru em que Fernando transita com naturalidade.

Claudia, com excelente domínio do diálogo teatral, vai com sutileza construindo o clima nesse espaço decadente onde esses personagens se encontram. Um já calejado pela vida na metrópole paulistana. O outro vindo de um interior onde nem prédios havia. Nesse encontro entre a esperteza e a inocência nasce uma história de respeito e amizade que ameniza a solidão desses dois e conforta. A história de um passa então a permear a do outro e, através desse contato tão profundo, ambos saem transformados. Eu creio que quando assistimos a um grande filme, uma grande peça ou vivemos um grande amor é a percepção dessa permeabilidade que pode nos tocar e transformar, que faz a experiência de viver ou usufruir uma obra, tão fundamental e bonita.

Mika Lins, abril de 2016

HOTEL JASMIM
CENA I

No Hotel Jasmim, o quarto é pequeno e simples com duas camas estreitas e lençóis que, de tão gastos, parecem estar sempre sujos. Há também um pequeno armário e duas pequenas cômodas, sobre as quais se veem abajures. Fernando está deitado em uma das camas. Ouve um iPod, com fones de ouvidos. Perto da cama há algumas latas de cerveja vazias. Jorge entra, trazendo consigo uma mala e uma mochila.

JORGE Boa noite.

Fernando faz um movimento vago com a cabeça. Jorge olha, de dentro do quarto, para o corredor.

JORGE Essa fila é pro banheiro?

Fernando aquiesce.

JORGE E fica sempre assim?

FERNANDO É o horário.

JORGE Tem gente que ainda vai tomar banho. O meu é rápido.

Fernando não responde. Jorge sai do quarto decidido. Ouve-se uma gritaria vinda do corredor. Jorge volta, aborrecido. Ele tenta impedir a urina de descer segurando a genitália e caminhando pelo quarto.

FERNANDO Pô, vai mijar na rua!

JORGE Não sou cachorro pra mijar na rua.

Fernando se levanta impaciente. Entrega uma lata de cerveja vazia pra Jorge.

FERNANDO Tome. Eu vou sair. Mije na lata.

Fernando sai. Jorge, meio sem jeito, urina dentro da lata. Depois, olha ao redor, verifica a cama, abre a janela do quarto e observa a rua. Finalmente, coloca a mala embaixo da cama e a mochila em cima do pequeno armário que está no quarto. Fernando retorna com outras latas de cerveja.

FERNANDO *(oferecendo uma lata de cerveja)* Quer?

JORGE Não, obrigado.

Fernando se joga na cama e começa a assobiar uma canção qualquer. Jorge se aproxima da janela e observa.

JORGE Aqui é sempre frio assim?

FERNANDO Não. Às vezes também chove.

JORGE Ah, eu gosto de chuva.

FERNANDO Quando chove, é pior. A cidade fica debaixo d'água. Um conhecido meu perdeu o carro. A água arrastou, como se fosse de papel. Uma criança caiu num bueiro aqui perto, nem encontraram o corpo.

Pequena pausa.

JORGE Eu acho que vou aceitar a cerveja.

Fernando sorri e entrega uma lata a Jorge.

FERNANDO Já se arrependeu?

JORGE De quê?

FERNANDO De ter vindo pra cá.

JORGE Eu preciso trabalhar.

FERNANDO Vai trabalhar no quê, já sabe?

JORGE Eu vou ser garçom.

Pequena pausa. Jorge volta a observar a paisagem, pela janela.

JORGE Na minha cidade não tem nenhum prédio, sabia?

Fernando não responde.

JORGE Parece que a gente tá dentro da casa das pessoas. Ali tem um cara jogando baralho na tela de um computador.

Pequena pausa.

JORGE Ali tem uns gatos brigando.

FERNANDO É no quinto andar?

JORGE É.

FERNANDO Essa velha é louca. Ela tem dezesseis gatos.

JORGE Coisa engraçada. Mora um em cima do outro.

FERNANDO Dá até pra ouvir. Aqui em cima tem um pessoal que, quando bebe, começa a brigar por causa de futebol. Ninguém consegue dormir.

JORGE É bonito. Um monte de luzinha acesa. Cada luz dessas é a casa de alguém.

FERNANDO Cada luz dessas é um aluguel atrasado.

JORGE Isso é melhor do que televisão...

FERNANDO Você tem que aprender a cuidar da sua vida. Isso, aqui, é regra de ouro. Quanto mais perto as nossas casas estão umas das outras, mais longe a gente tem que ficar dos vizinhos. É uma questão de sobrevivência.

Pequena pausa. Jorge permanece na janela.

JORGE Meu Deus! Vem aqui!

FERNANDO O que foi?

JORGE Tem um casal trepando!

FERNANDO Na sua cidade ninguém trepa?

JORGE Na frente dos outros, não. Você acha que eles vão me ver aqui?

FERNANDO Eu acho que ela deixa a luz acesa porque gosta que o povo veja.

JORGE Olha que peitos! Olha como eles balançam... Quando eu pensar em São Paulo, é essa a imagem que vai vir na minha cabeça.

FERNANDO Tá certo. Esse é mesmo o lugar onde todo mundo se fode.

Jorge permanece assistindo à cena, animado. Fernando permanece deitado, alheio à movimentação no prédio vizinho.

FERNANDO Daqui a pouco ele arrebenta a cara dela.

JORGE Por quê?

FERNANDO Eles só fodem e brigam.

JORGE Você conhece ela?

FERNANDO É uma vagabunda que gosta de apanhar.

JORGE Não fala assim. Não levanta falso.

FERNANDO Não faz o quê?

JORGE Não levanta falso testemunho.

Fernando sorri.

FERNANDO Você é crente?

JORGE A minha mãe.

FERNANDO Quem anda com crente acaba falando igual, já reparou? É incrível.

JORGE Minha mãe me disse a mesma coisa: "Você vai perder o seu juízo e o seu sotaque naquela Babilônia".

FERNANDO Babilônia?

Jorge sorri.

JORGE Ela não queria que eu viesse pra cá...

FERNANDO Como garçom você vai ganhar uma miséria.

JORGE No começo, sim. Depois vai melhorar. O patrão disse que depois de três meses, aumenta o meu salário. Eu falei com ele pelo telefone.

FERNANDO Já é amigo do patrão?

JORGE Ele era amigo de meu pai. É o dono do restaurante. E o restaurante é chique. Não é boteco. É restaurante mesmo. Tem toalha de mesa.

FERNANDO Garçom é um emprego fodido, você vai ver.

JORGE Mas já é um emprego.

FERNANDO Boa bosta. Levar bebida pros outros, enquanto você mesmo está com a boca seca.

JORGE Eu acho legal.

FERNANDO Garçom só se fode. Fica horas de pé, corre de um lado pro outro, daí chega um filho da puta e ele precisa se curvar e servir um prato de comida. No fim das contas, você passa o dia com um uniforme de pinguim, equilibrando um monte de pratos...

JORGE Pelo menos tem uniforme. Eu acho bonito. Em um restaurante, você fica ouvindo a conversa das pessoas, de repente até aprende alguma coisa. No boteco, só tem bêbados falando bobagens, mas no restaurante as pessoas conversam coisas sérias.

Fernando ri.

FERNANDO Quem te disse isso? É tudo a mesma bosta. É você em pé e o freguês sentado.

JORGE Meu pai era garçom. Ele gostava. Ele tomou um tiro, voltando do serviço.

FERNANDO Eu não disse? Emprego fodido.

Jorge volta as costas para Fernando, volta a observar a paisagem.

JORGE Eu acho que ela está chorando.

FERNANDO Quem?

JORGE A moça do outro prédio.

FERNANDO Os vizinhos já chamaram até a polícia, mas não tem jeito. Ela gosta. Apanha e depois dá pro cara. Mulher não presta. Tem um dos dois aí que é muito otário, só não sei ainda quem é.

Jorge se afasta da janela.

JORGE E você faz o quê?

FERNANDO Eu sou michê, Paraíba.

JORGE Meu nome não é Paraíba.

FERNANDO E qual é o seu nome?

JORGE Jorge Washington.

FERNANDO Que nome horrível!

JORGE Nos Estados Unidos, há muito tempo, tinha um presidente que se chamava Jorge Washington.

FERNANDO O nome desse cara aí era George.

JORGE Jorge Washington.

FERNANDO Jorge, não. George.

JORGE Mas minha mãe colocou Jorge.

FERNANDO Pobre batiza filho do jeito mais estranho. Eu tenho um primo que se chama Alkacésar, por causa de uns comprimidos que meu tio tomava. Eu vou te chamar de Paraíba.

JORGE Você vai me chamar de Jorge Washington, que é o meu nome.

FERNANDO Opa! Tá certo, presidente. Eu me chamo Fernando. Quer outra cerveja?

Jorge aquiesce. Os rapazes bebem em silêncio. Jorge repara o iPod de Fernando.

JORGE E esse negócio aí?

FERNANDO Que negócio?

JORGE Esse negócio de ouvir música.

FERNANDO O iPod?

JORGE É.

FERNANDO Ganhei. Quer ver? Olha essa música aqui.

Jorge pega o iPod, coloca os fones de ouvido. Fernando o auxilia. Jorge escuta a música em silêncio. Devolve o aparelho pra Fernando.

FERNANDO Gostou?

JORGE Não.

Pequena pausa.

JORGE Quem te deu isso?

FERNANDO Uma mulher.

JORGE Nunca vi homem aceitar presente de mulher.

FERNANDO Que é que tem?

JORGE Nada.

Pequena pausa.

JORGE Na minha terra, é muito diferente. Mulher só abre a bolsa pra pegar batom. Essa moça aí deve gostar muito de você. Ou então...

FERNANDO. Ou então o quê?

JORGE Mulher que se oferece pra homem não presta. É puta, sabe?

FERNANDO Qual o problema com as putas?

JORGE Problema nenhum. A mulher direita, no fim das contas, sai até mais caro. Tem que levar pra ver filme, tomar suco. Mulher é um bicho muito interesseiro. Você chega numa festa, logo vem uma te perguntar as horas, isso é pra sacar se você tem relógio. Se você tiver relógio, aí elas vão atrás da moto. Ficam perguntando: Tu veio como? Veio de onde? Tudo isso pra checar. Elas não perguntam nada diretamente, tudo elas fazem rodeio.

FERNANDO Você tem moto?

JORGE Eu não tenho nem o relógio. No fundo, são todas umas putas. Menos Aline.

FERNANDO Quem é essa?

JORGE Minha namorada.

FERNANDO Uma hora dessas, ela deve estar igual à mulher desse outro prédio, levando na bunda.

JORGE Respeito é bom e eu gosto.

FERNANDO Tava brincando com você.

JORGE Você brinca com o que não deve. Esse negócio que você falou, isso aí ela não faz.

FERNANDO Você sabe tudo o que ela faz ou deixa de fazer?

JORGE Aline é direita. Essas coisas a gente sente. A pessoa tem que ter limite. Pode transar, sentir prazer, mas não precisa fazer sujeira. Deus fez o corpo da gente com um propósito. Isso que você disse aí é coisa de gente que não se respeita.

FERNANDO Gente que não se respeita?

JORGE Não respeita o próprio corpo.

FERNANDO Pois um dia você vai servir a minha mesa, Jorge Washington. Você vai me chamar de senhor e eu vou te chamar de garçom. Pode escrever. E eu vou te sacanear na frente dos seus colegas.

JORGE Por que você está dizendo isso?

FERNANDO Pobre orgulhoso só se fode.

JORGE Que conversa é essa agora? Tá louco?

FERNANDO É isso mesmo que você tá escutando. Você é um otário, um crente de merda.

JORGE Pelo menos ninguém paga as minhas contas, eu não vivo de presente de mulher.

FERNANDO Quem é que tá pagando essa cerveja aí?

JORGE Não seja por isso.

Jorge atira a lata na parede.

FERNANDO Não tem nada demais aceitar um presente.

JORGE Eu vou tomar banho.

Jorge sai do quarto batendo a porta com estrondo.

FERNANDO *(grita)* Isso aí é falta de humildade, sabia? *(mais baixo)* Crente de merda...

Fernando fica sozinho, espera um tempo, mexe nas coisas de Jorge. Ri de algumas roupas, experimenta um sapato. Lê um bilhete e ri. Folheia algum livrinho. Acha algum dinheiro na carteira e guarda no próprio bolso. Finalmente, deixa as coisas de Jorge como as encontrou. Deita em sua cama e volta a ouvir música. Segundos depois, Jorge volta.

FERNANDO Já voltou?

JORGE Não tem água nessa merda de banheiro. Eu tive que ir lá embaixo, mas não deu pra tomar banho.

Fernando pega mais uma lata de cerveja. Oferece.

FERNANDO Toma.

JORGE Essa cerveja está me saindo muito cara. Não quero.

FERNANDO Deixa de besteira, Paraíba.

JORGE Meu nome não é Paraíba.

FERNANDO Toma. Bebe pra aquecer, vai.

JORGE Amanhã, eu compro umas cervejas e boto aí pra você.

FERNANDO Não precisa.

JORGE Precisa, sim. Não quero que paguem nada pra mim. Você alegou.

FERNANDO Esquece isso. Toma. Beber sozinho é uma merda.

Jorge pega a lata, desconfiado. Os rapazes bebem. Depois de um tempo, Jorge quebra o silêncio.

JORGE Sabe o que é engraçado com as mulheres?

FERNANDO O quê?

JORGE A coisa só dá certo se você gostar justamente daquela mulher que gosta de você. É uma loteria. Numa cidade como essa, como é que você encontra alguém?

FERNANDO Eu posso te ajudar... Eu conheço umas meninas...

JORGE Não! Eu só tava pensando em voz alta mesmo. Eu tenho Aline. Dei sorte com Aline. A gente se conheceu numa festa da igreja que minha mãe me obrigou a ir... E deu certo até demais. Só que aí meu pai morreu, eu tive que viajar... A distância prejudica. Mas ela vai me esperar, eu vou buscar ela, quando der.

Fernando pega uma lata aleatoriamente, estranha e cheira o conteúdo.

FERNANDO Puta que pariu. Isso aqui é mijo.

Jorge ri.

FERNANDO Por que você não jogou essa merda fora?

JORGE Esqueci.

Fernando atira a lata de cerveja pela janela.

JORGE Vai que pega em alguém?

FERNANDO Tô nem aí.

Fernando se volta, deita-se na cama e coloca os fones de ouvido. Pequena pausa.

JORGE Você já viu o mar?

Fernando não o escuta. Tira os fones do ouvido.

FERNANDO O quê?

JORGE Nada.

FERNANDO Fala aí.

JORGE Você já viu o mar?

FERNANDO Pela televisão.

Fernando volta a colocar os fones de ouvido. Tira-os novamente.

FERNANDO Por quê?

JORGE Eu vou sentir falta.

FERNANDO Do mar, ou das meninas de biquíni?

Jorge sorri.

JORGE Dos dois. Mas parece que o mar muda a medida das coisas na cabeça da gente. Não importa o problema que você tenha, o mar é maior. Faz a gente se sentir pequeno.

FERNANDO Aqui você pode se sentir bem pequeno também: tem um mar de problemas.

JORGE Não pode ser tão ruim. Essa cena que eu vi aí, da janela, me animou. São Paulo é legal. São muitos peitos. São vinte milhões de peitos, balançando pra mim.

FERNANDO Me fala mais desse mar aí. Nadar deve ser bom, né?

JORGE Não sei nadar. Nunca aprendi.

FERNANDO Você é frouxo.

JORGE Já vi coragem matar muita gente.

FERNANDO No dia que eu for na praia, não penso duas vezes, me atiro.

JORGE Na minha casa, dois se afogaram.

FERNANDO Como?

JORGE Um estava se afogando, o outro tentou salvar, afundaram os dois.

FERNANDO Você viu?

JORGE Todo mundo viu. Mas a gente ia fazer o quê? Ninguém mais nadava. Meu outro irmão, o do meio, queria entrar também, mas meu pai segurou. Se entrasse mais um, morriam três. Eles pareciam que estavam brincando, sabe? Um segurava no outro. Parecia que estavam brincando.

FERNANDO E a sua mãe?

JORGE Quando a gente voltou sem os dois, ela soube. Meu pai nem precisou dizer. Ela ficou doida. Passou muitos anos na loucura. Meu pai veio embora pra cá.

FERNANDO Quantos irmãos você tem?

JORGE Seis. Com os dois que morreram, oito.

FERNANDO É muita gente.

JORGE É. Mas quando um vai embora, faz falta. Depois disso, minha mãe entrou pra Igreja. Foi o que salvou. Ficou mais calma. Minha mãe era uma pessoa muito raivosa. Depois, melhorou.

FERNANDO O que segura a gente é a raiva. Senão passam por cima. Uma pessoa sem raiva é cachorro sem dente. Serve pra nada. Tem que saber se defender. E você, se não sabe, vai ter que aprender. Aqui não é mole, não. Já te avisei. Aqui o cara tem que ser esperto, Paraíba. É sério isso. Aqui não tem esse negócio de amigo. É um passando em cima do outro. Nem sei por que tô te dando conselho, mas é assim que é.

JORGE Agradeço o conselho, mas vejo o mundo de um jeito muito diferente. Pra mim, não tem essa de passar um por cima do outro. Eu ficando na minha, sem procurar confusão, não acredito que ninguém vai sair de seus cuidados pra vir me agoniar. Eu penso assim: cada um na sua. E não desejo o mal de ninguém.

FERNANDO Você tem muito o que sofrer ainda nessa vida, Jorge Washington.

JORGE Eu já sofri bastante.

FERNANDO Pois parece que não aprendeu nada.

JORGE Aprendi que a gente tem que se respeitar e respeitar os outros. Sofrimento ninguém pode evitar, mas o desespero a gente controla.

FERNANDO Você veio parar no lugar errado. Vai cair do cavalo.

JORGE Para de me agourar!

FERNANDO Não tô agourando. Tô te dando a real: o mundo é duro.

JORGE O mundo pode ser o que for. Eu sei é de mim.

FERNANDO Você pensa que é forte porque sabe estufar o peito.

JORGE Então, vamos parar de falar de mim. E a sua família?

FERNANDO Minha mãe era meio doida, me largou na casa da vizinha.

JORGE Foi ela quem te criou?

FERNANDO Eu que me criei, Jorge. A mulher me mandou pra um abrigo de padres. Um dia, um padre tentou comer meu cu, aí eu fugi.

JORGE Quantos anos você tinha?

FERNANDO Eu era uma criança. Eu fui pra rua e sobrevivi. Essa é a parte mais importante dessa história toda.

Pequena pausa. Jorge pega uma bíblia, tira uma fotografia que estava guardada dentro do livro e mostra para Fernando.

JORGE Minha mãe.

FERNANDO Bonita.

J**ORGE** O tempo estragou muito a minha mãe. O sofrimento envelhece.

FERNANDO O mundo é duro e você quer levar a vida no macio.

JORGE Quem disse que eu quero levar a vida no macio?

FERNANDO Fica pagando de trabalhador.

JORGE Eu vou trabalhar!

FERNANDO De garçom? Quanto tempo? A vida inteira? Vai ser garçom a vida inteira?

JORGE E se for?

FERNANDO Pra depois tomar um tiro, que nem seu pai?

JORGE Se for a vontade de Deus.

FERNANDO Deus? Eu tenho pena desse cara, sabia? Tudo é culpa dele.

JORGE Chega dessa conversa. Ninguém tá certo. Eu sou um, você é outro.

FERNANDO E ninguém muda ninguém.

Pequena pausa.

JORGE O que é mesmo que você faz?

FERNANDO Sou michê.

JORGE Esse negócio aí dá dinheiro?

FERNANDO Pra mim, dá.

Fernando tira do meio de suas coisas, uma revista. É uma dessas revistas onde celebridades aparecem exibindo o seu estilo de vida.

FERNANDO Olha aqui.

JORGE O quê?

FERNANDO Tá vendo esse cara?

JORGE Tô.

FERNANDO Com a mulher, as filhas. Tá vendo?

JORGE Tô. Claro que tô.

FERNANDO É louco por mim. Foi ele que me deu esse tênis.

JORGE Como assim?

FERNANDO É meu cliente.

JORGE Cliente de quê? Não entendi.

FERNANDO Paraíba, você sabe o quê é michê?

JORGE Não.

FERNANDO E por que não perguntou, caralho?

JORGE Fiquei com vergonha.

FERNANDO Esquece.

Pequena pausa.

JORGE O quê é michê?

FERNANDO É melhor você não saber.

JORGE O que pode ser tão ruim?

Fernando não responde.

JORGE Agora eu quero saber!

FERNANDO Eu trepo por dinheiro.

JORGE Como se fosse uma puta?

FERNANDO O nome é michê.

JORGE Eu nem sabia que isso existia.

FERNANDO Aprendeu mais uma coisa.

Jorge fica em silêncio, anda pelo quarto, inquieto.

JORGE Fernando, eu vou conseguir uma vaga lá no restaurante pra você.

FERNANDO Tá louco?

JORGE Você trabalha lá comigo, eu falo com o patrão. Ele é legal. Depois de três meses, ele contrata. Aí o salário aumenta. Tem os benefícios.

FERNANDO Jorge, o que você vai ganhar em um mês, eu tiro na semana.

JORGE Você vai ganhar menos, mas pelo menos não precisa fazer isso.

FERNANDO Eu gosto, sabia?

JORGE Gosta do quê?

FERNANDO Eu gosto de foder, receber meu dinheiro, vir embora pra minha casa.

JORGE Isso aí que você faz é uma sujeira.

FERNANDO É só uma trepada, Jorge Washington. É só um negócio.

JORGE Até com homem?

FERNANDO Até com velha.

JORGE Você diz que eu sou fodido, mas eu to começando a achar que o fodido aqui é você.

FERNANDO O pinto é meu, o cu é meu. Eu faço o que eu quero.

JORGE Eu não entendo...

FERNANDO Eu vi a foto de sua mãe e quando mostrei a foto do meu cliente, você empombou.

JORGE Não é a mesma coisa.

FERNANDO A diferença é que eu não comi sua mãe.

Jorge começa a arrumar suas coisas.

FERNANDO Onde você vai?

JORGE Eu vou mudar de quarto.

FERNANDO Deixa de besteira.

JORGE Você não sabe o que é gente.

FERNANDO Ah, vai mesmo, então. Tô cagando pra você.

JORGE Você tá cagando pra tudo.

Jorge, em meio à arrumação, checa a sua carteira e percebe que falta algum dinheiro. Permanece parado, meio atônito.

FERNANDO O que foi?

JORGE Meu dinheiro sumiu.

FERNANDO Olha direito.

JORGE Não está aqui. Sumiu o dinheiro todo.

FERNANDO Devem ter tirado no ônibus.

JORGE Como? Será que foi na hora que eu dormi?

FERNANDO Com certeza. Você é vacilão.

JORGE O dinheiro do transporte amanhã, da entrevista. O dinheiro de começar.

FERNANDO Você já está com emprego garantido, pede um adiantamento.

JORGE Que adiantamento, cara? Nem trabalhei ainda, vou pedir dinheiro? O cara era amigo de meu pai.

FERNANDO Por isso mesmo, pede um adiantamento.

JORGE Eu não vou chegar pedindo, eu tenho que trabalhar primeiro, pra pagar a passagem que ele mandou.

FERNANDO Explica que foi roubado.

JORGE. Eu não posso, cara. O cara gostava do meu pai, confiou em mim, comprou minha passagem.

FERNANDO Você foi roubado. Não é culpa sua.

JORGE. Meu pai foi o primeiro funcionário do primeiro restaurante que ele abriu. Quando meu pai tomou o tiro, ele ligou pra lá desesperado, disse que não ia deixar a gente na mão, que ia ajudar. Me chamou pra esse trabalho, mandou passagem, comprou minha mala, comprou casaco, me ajudou em tudo. Eu tô na dívida. Eu não tenho como chegar lá pedindo mais nada. Não tem condição.

FERNANDO Não foi culpa sua.

JORGE O dinheiro tava contado. Era o dinheiro de ficar aqui até começar a sair meu salário. Não sei nem como eu vou pagar o quarto. Fodeu tudo agora.

Jorge silencia apreensivo, olha o vazio, perdido. Fernando tira algumas notas do bolso.

FERNANDO Toma.

JORGE O que é isso?

FERNANDO Pra você.

JORGE Não quero.

FERNANDO Meu dinheiro é sujo?

JORGE Não é isso.

FERNANDO Deixa de ser idiota, rapaz. Ta todo fodido aí, uma pessoa te estende a mão e você vem com orgulho? Tá vendo? É isso que eu digo. Você vai se foder muito, se não mudar essa mentalidade. Pega. É pra você comer, pegar ônibus, essas coisas.

JORGE Não vai te fazer falta?

FERNANDO Esquece.

JORGE Eu vou te pagar.

FERNANDO Amanhã eu traço uma tiazinha e fica tudo certo. É brincadeira. Toma.

JORGE Você é um cara legal.

FERNANDO Sou nada.

JORGE É sério. Eu te julguei mal.

FERNANDO Relaxa.

JORGE Obrigado mesmo.

Jorge conta superficialmente as notas.

FERNANDO Vai dar pra passar o mês?

JORGE Vai, sim. Não tenho nem como te agradecer.

Jorge se detém em uma das notas. Examina.

JORGE Devolve o resto.

FERNANDO Que resto?

JORGE Devolve o resto do meu dinheiro, porra!

FERNANDO Do que é que você está falando?

JORGE *(lendo na cédula)* Olha o que está escrito aqui: Em verdade, vos digo, pedi e recebereis. Essa letra é da minha mãe. Essa porra desse dinheiro é meu.

Jorge avança sobre Fernando.

JORGE Devolve o meu dinheiro!

FERNANDO Calma!

Fernando tira algumas cédulas do bolso da calça e entrega para Jorge.

FERNANDO Foi só uma brincadeira.

JORGE Cala a boca! Ladrão.

FERNANDO Eu só queria te mostrar que aqui você tem que ficar ligado.

JORGE Queria me mostrar porra nenhuma.

Jorge começa a juntar as suas coisas, pega a mala.

FERNANDO Onde você vai?

JORGE Você não vale o pão que você come.

Jorge bate a porta com estrondo. Fernando abre a última lata de cerveja. Deita-se na cama e sorve a bebida. Subitamente Jorge volta, cabisbaixo.

FERNANDO Já voltou?

JORGE Eles não têm mais quarto vago. Eu vou ter que ficar.

FERNANDO Quer que eu te peça perdão?

JORGE Eu só quero dormir.

FERNANDO O que você quer que eu diga?

JORGE Nada. Eu só quero dormir.

FERNANDO Tudo bem. Dorme, então. Encosta a sua cabeça honesta no travesseiro e dorme.

JORGE Pelo menos, alguma coisa é honesta nesse quarto. Ladrão.

FERNANDO Jesus salvou um ladrão, sabia?

JORGE Mas o ladrão que Jesus salvou não dava o cu.

FERNANDO Isso é você que tá dizendo.

JORGE Vai se foder.

Os rapazes apagam a luz. Deitam-se. Jorge interrompe o silêncio.

JORGE Você ouviu isso?

FERNANDO Não ouvi nada.

Pausa.

JORGE Ouviu agora?

FERNANDO Não ouvi porra nenhuma.

Ouve-se um grito de mulher pedindo socorro.

JORGE Olha aí, merda!

Jorge vai até a janela.

JORGE O cara tá acabando com ela.

FERNANDO Todo dia é isso.

JORGE Todo dia é isso? Ninguém faz nada?

FERNANDO Ela deve estar bêbada.

JORGE Olha lá. Ele tá machucando muito. Ele vai matar ela.

FERNANDO Vai não. Quando ela desmaia, ele para.

JORGE Eu vou ligar pra polícia!

Fernando levanta da cama, nervoso.

FERNANDO Que ligar pra polícia, cara? Tá maluco? Você acha que a polícia vai fazer o quê? Você não tá vendo? Isso aí é a vida aqui! Isso é todo dia. Um bate, o outro apanha. E o que apanha tem que ficar calado. É a selva. É assim. E agora que você está aqui, se acostuma, aprende a bater e a levar, aprende a viver a porra da vida. Você não entende? É isso aí que você está vendo. Não dá pra fazer nada. Você tem que ficar firme, um dia depois do outro, ir levando. Ouvir uma mulher gritando, isso é bobagem. Pior é quando você grita calado e ninguém escuta. Você tem que engolir. Não tem jeito. A vida é isso.

Jorge chora, baixo, encostado à janela, enquanto os gritos da mulher persistem. Fernando vai até a janela.

FERNANDO *(gritando)* Ô, seu filho da puta, sacana, para de bater nessa menina! Para de bater nela, ouviu, filho da puta? Eu vou te matar, seu sacana! Chega, porra!

JORGE Ele parou.

FERNANDO Chega, porra!

JORGE Calma, Fernando. Ele parou. Acabou.

Jorge alisa a cabeça de Fernando, pedindo calma. A energia entre os homens parece mudar. Fernando respira ofegante, segura a mão de Jorge, que afaga os seus cabelos. Jorge se sente desconfortável, se afasta.

JORGE Será que ela tá morta?

FERNANDO Não.

JORGE Eu vou deitar.

FERNANDO Paraíba, eu te avisei: O cara aqui tem que ser casca-grossa.

JORGE Apaga a luz.

Fernando apaga a luz. Os rapazes se deitam. No escuro, ouve-se o choro de Jorge, baixinho.

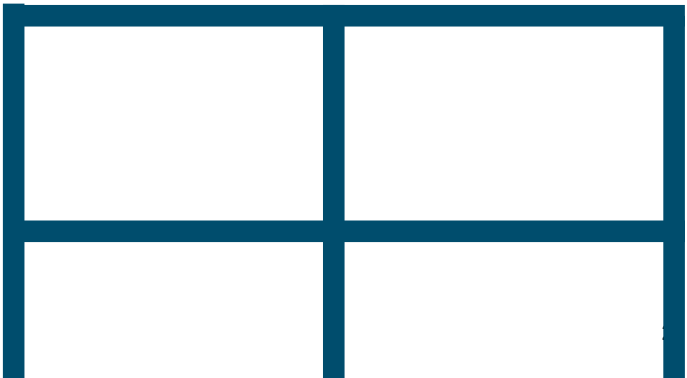
FERNANDO Você tá chorando, Paraíba?

JORGE Para de me chamar de Paraíba.

FERNANDO Você é um cara legal.

JORGE Vai pra merda.

Os rapazes se silenciam. Ouve-se o som de carros na rua, uma descarga de banheiro, os sons da cidade.



CENA II

Fernando está sozinho no quarto e faz flexões de braço no chão, no espaço que há entre as duas camas. Entretido com o exercício e com os fones do iPod no ouvido, não nota quando Jorge entra cabisbaixo. O rapaz senta em uma das camas e observa o outro. Finalmente, Fernando se vira e percebe que Jorge está lá.

FERNANDO Nem vi você chegar.

JORGE Você tava aí, todo animado, não quis atrapalhar.

FERNANDO E aí? Como foi lá?

JORGE Tranquilo.

FERNANDO Recebeu?

Jorge aquiesce.

FERNANDO Ele assinou?

JORGE Ainda não.

FERNANDO Esse seu restaurante chique, hein? Que furada...

JORGE Já tem quatro meses e o cara não assina a carteira.

FERNANDO Pelo menos, pagou.

JORGE Eu tô quebrado. Você imagina o peso daqueles espetos de carne? Cada negócio daquele deve ter uns cinco quilos. Tô todo torto.

FERNANDO Eu conheço uma moça que faz massagem.

JORGE Não tenho dinheiro pra gastar com puta.

FERNANDO Ela é massagista.

JORGE Tô fora.

Pequena pausa.

JORGE E você? Pegou lá o negócio?

FERNANDO Peguei.

JORGE Só te peço pra não fumar essa porcaria aqui no quarto.

FERNANDO Você devia experimentar.

JORGE Deus me livre.

FERNANDO Faz você esquecer os problemas.

JORGE Essa porra vicia.

FERNANDO Sabe o que você é? Um ignorante. Maconha é terapêutico.

JORGE Minha terapia é outra.

FERNANDO Essa mulher que você arranjou?

JORGE E a Bíblia. Pra que mais?

FERNANDO Essa mulher dá pra todo mundo, já deu pra churrascaria inteira. Você é um palhaço. Carne nova, ela caiu em cima.

JORGE Ela não deu pra churrascaria inteira.

FERNANDO Deu até pro fornecedor de detergente. Você que me contou.

JORGE Ela vivia em perdição, eu nunca neguei isso. Mas as pessoas mudam. Só você não tem salvação.

FERNANDO Você dá metade do seu salário pra essa puta e eu que tenho que ser salvo? Acorda, Jorge. Quantas vezes eu já te disse isso? Essa mulher achou um otário que tá sustentando ela e o filho dela.

JORGE Seu problema é que você acha que todo mundo vive de golpe. Pra você ninguém presta.

FERNANDO Você disse que no início ela botou a maior banca, te tratou mal. Por quê? Você era só mais um nordestino fodido que ia trabalhar lá. Quando ela notou que você era otário, ela resolveu faturar em cima. E conseguiu, né? Até o aluguel da mulher você paga.

JORGE Eu ajudei. E isso foi só um mês.

FERNANDO Todo mês essa mulher te pede dinheiro e você dá.

JORGE O dinheiro não é meu? Então, não se mete.

FERNANDO É que me dá raiva ver um cara tão imbecil como você.

JORGE Você não tem confiança em ninguém. Nem em mim. Aquele dia mesmo...

FERNANDO Esquece aquele dia.

JORGE Não esqueço, não! Você veio me acusar de ter pegado o seu perfume. Você já chegou na maior ignorância, gritando, quase me bate. Depois, lembrou que você mesmo tinha deixado a porra do perfume cair e quebrar no banheiro. Você fala de mim, mas você é que tem que mudar. Outra coisa, não quero mais você falando mal de Celeste. Acaba com isso. Ela tá até indo pra Igreja comigo.

Fernando gargalha.

FERNANDO Ela tá indo pra Igreja?

JORGE Tá.

FERNANDO Essa puta vai ser pastora, qualquer dia desses. Vai faturar altíssimo.

JORGE Não chama ela de puta.

FERNANDO Tem razão. Até as putas tem que trabalhar. Essa Celeste aí é uma sortuda. Você vai se foder na mão dela, Jorge. Você vai sofrer. Escuta o que eu tô te falando.

JORGE Vai ser o que Deus quiser.

FERNANDO Você é cabeça dura.

JORGE Chega desse assunto. Eu recebi hoje. Não quero esquentar a cabeça. Eu vou sair com Celeste, vamos com a gente?

FERNANDO Pra onde?

JORGE Pra algum bar.

FERNANDO Você não tinha parado de beber?

JORGE. Ah, uma vez na vida...

FERNANDO Mas pode isso? Seu pastor não vai gostar.

JORGE Ah, vai pra merda. Você tá tirando sarro.

FERNANDO Desde que você virou crente, parece que começou a beber mais. Nunca vi isso.

JORGE Eu só bebo sexta-feira. Um cristão não pode beber um dia na semana? Olha, eu nem sei por que eu estou discutindo isso com você.

FERNANDO O que eu sei é que toda sexta você chega tão bêbado que eu tenho que descer pra te buscar. Não consegue nem subir a escada.

JORGE Então, me largue lá embaixo.

Pequena pausa.

JORGE Toma um banho aí, eu espero.

FERNANDO Não vai dar.

JORGE Você vai trabalhar?

FERNANDO Não.

JORGE Aconteceu alguma coisa?

FERNANDO Mais ou menos. Um cara lá tá de ovo virado comigo. Vou dar um tempo.

JORGE O que foi que você fez?

FERNANDO Nada! Ele é maluco.

JORGE Alguma você deve ter aprontado.

FERNANDO Porra! O cara é um maníaco, se empomba pro meu lado e é isso que você me diz? Como é que você julga um ser humano assim? Que crente de merda que você é.

JORGE Eu conheço você, Fernando.

FERNANDO Dessa vez, eu não fiz nada. Juro.

JORGE E qual é a desse cara?

FERNANDO Ele disse que se eu aparecer lá de novo, ele me mata. Conversa mole dele.

JORGE E você não fez nada?

FERNANDO. Nada. Só fiz um programa.

JORGE. Que programa?

FERNANDO Ah, foi com uma bichona velha lá. Deixa eu te mostrar uma coisa.

Fernando tira um relógio dourado de sua mochila.

JORGE Que relógio é esse?

FERNANDO Eu é que te pergunto! Será que é de ouro?

JORGE Você roubou esse relógio?

FERNANDO Tá louco? Claro que não. Foi o velho que me deu.

JORGE Deixa eu ver.

Jorge pega o relógio, examina.

FERNANDO Bonitão, né?

JORGE Parece ouro mesmo. Isso deve valer uma nota. Fernando, se você roubou esse relógio, vai dar merda...

FERNANDO Eu não roubei! Aí é que está. O velho me deu. Esse velho é uma mãe. Por isso que o cara ficou com raiva de mim. O velho chegou, num carrão todo bonito, perguntando por ele, só que ele não estava. Aí eu fui e fiz o programa. O velho mora sozinho numa mansão incrível. Ele chupou meu pau, me pagou o programa e me deu esse puta relógio. Quando eu voltei pro ponto, o cara tava lá, louco. Disse que o velho era dele. O velho chegou lá perguntando por ele, mas ele não estava, fazer o quê? Eu estava no lugar certo, na hora certa.

JORGE Você se aproveita da solidão das pessoas.

FERNANDO Não começa.

JORGE Esse velho deve estar muito desesperado pra dar um relógio desses pra você.

FERNANDO Isso não é nada pra ele. Ele tem muito dinheiro.

JORGE Ainda assim, é um relógio de ouro. Um relógio desses, a pessoa dá pra um filho, pra um amigo e ele deu pra um estranho. Isso é muito triste. Nessa cidade tem um monte de gente assim, gente que não sabe onde enfiar tanto dinheiro, mas não tem nada, além disso. Você fala tanto de pobreza, mas dureza maior é a solidão.

Pequena pausa.

JORGE Hoje mesmo eu encontrei seu Inácio. Fiquei conversando com ele.

FERNANDO Quem é seu Inácio?

JORGE Aquele senhor que fica rondando ali, no Terminal.

FERNANDO Ah, aquele mendigo.

JORGE Ele não é mendigo. Ele só tá sem emprego, passando por dificuldade.

FERNANDO É a mesma coisa.

JORGE Não é. Pode acontecer com qualquer um, Fernando. Eu nunca tinha visto ninguém morar na rua.

FERNANDO Na sua cidade não tem nem rua, não tem nem asfalto.

JORGE Não tem asfalto e não tem tanta porta fechada. Não tem tanto desespero. Lá, mal ou bem, todo mundo se conhece, todo mundo se ajuda.

FERNANDO Amanhã mesmo eu vou dar um jeito de vender esse relógio.

JORGE Você vai vender?

FERNANDO Claro!

JORGE Não foi um presente? Eu pensei que você fosse guardar.

FERNANDO Guardar pra quê? Aqui não dá nem pra usar isso daí.

Jorge desiste da conversa. Pega uma toalha.

FERNANDO Onde você vai?

JORGE Vou tomar banho.

FERNANDO Você vai sair?

JORGE Vou sair com Celeste, porra, eu já falei!

FERNANDO Eu sinto pena de você.

JORGE E eu de você. Empatou.

Jorge sai do quarto. Fernando enrola um baseado, abre a janela e fuma, tomando o cuidado de jogar a fumaça pra fora do quarto. Depois de alguns tragos, apaga o cigarro, guarda a ponta numa caixa e borrifa perfume pelo quarto. Depois de algum tempo, Jorge volta arrumado, com os cabelos molhados.

JORGE Você fumou maconha aqui?

FERNANDO Não.

JORGE Você fumou maconha aqui. Quantas vezes eu já falei? Minha roupa fica toda empesteada.

FERNANDO Eu soprei pra fora. Deixa de ser fresco.

JORGE Que merda! Parece uma criança! Vou te contar, viu? É difícil. Como é que eu vou sair fedendo desse jeito?

FERNANDO Você não tá fedendo, Jorge.

JORGE Mas o quarto está! Eu vou jogar essa maconha fora.

FERNANDO Se você fizer isso, eu queimo a sua Bíblia.

JORGE Você é um herege mesmo.

FERNANDO Eu nem sei o que é isso. Olha, Jorge, relaxa. Não vai mais acontecer. Sério mesmo. Você não gosta? Eu respeito.

Pequena pausa. Fernando observa Jorge.

FERNANDO Tá todo bonito...

JORGE Deixa de conversa.

FERNANDO É sério. Você tá aprendendo a se vestir.

JORGE Tem que caprichar, né?

FERNANDO Pra que bar vocês vão?

JORGE Sei lá. Algum aí, do Centro. *(Jorge faz um gesto obsceno com as mãos)* Hoje vai ter.

Fernando ri.

FERNANDO Pega ela assim, ó.

Fernando realiza o gestual de estar penetrando uma mulher. Ele mexe o quadril vigorosamente, de forma profissional.

JORGE Aí é sacanagem. Você é profissional.

Fenando continua dando mostras de sua performance, agora usando um travesseiro.

FERNANDO Tá com inveja?

JORGE Eu não. Você parece um cavalo.

FERNANDO Elas gostam, sabia?

JORGE Tem que ser mais delicado. De leve.

Fernando ri.

FERNANDO Me mostra aí, como é que você faz.

JORGE Eu não.

FERNANDO Mostra, cara.

JORGE Não, Fernando. Sexo, pra mim, não é um esporte, não. É uma relação.

Fernando gargalha.

FERNANDO Tá certo, presidente. Espera aí. Deixa eu te mostrar outra coisa.

Fernando tira do armário duas pequenas caixas de som. Depois, pega o seu iPod e conecta nelas. A música invade o ambiente.

FERNANDO E aí?

JORGE Legal.

FERNANDO Muito maneiro, né?

JORGE Foi muito caro?

FERNANDO Não é pro seu bico. Mas eu deixo você ouvir, de vez em quando.

JORGE Essas músicas que você tem aí são todas umas bostas. Tô indo nessa.

FERNANDO Vê se te cuida.

JORGE Você também. Fica com Deus.

FERNANDO Eu fico melhor sozinho.

Jorge negaceia diante da brincadeira do amigo e sai. Fernando volta a fumar seu baseado, encostado na janela. Depois de um tempo, Jorge volta e o surpreende.

JORGE Porra, Fernando! Que merda!

Fernando apaga o baseado.

JORGE Desliga essa bosta aí.

Fernando desliga o som. Jorge se senta na cama.

FERNANDO Você não ia sair?

JORGE Vou ficar bebendo aqui.

FERNANDO O que aconteceu? Cadê a Celeste?

JORGE Ela está no pronto-socorro, com o filho.

FERNANDO Sexta de noite?

JORGE Doença não tem hora.

FERNANDO O que o menino tem?

JORGE Sei lá. Ela não explicou.

FERNANDO Isso tá cheirando a mentira. Não sei por que você insiste.

JORGE Vamos mudar de assunto, Fernando.

FERNANDO Essa mulher tá acabando com você.

JORGE O que está acabando comigo é dividir esse quarto imundo com você, essa churrascaria, a falta de dinheiro. Isso é que está acabando comigo.

FERNANDO Ainda tem a Igreja, que você paga lá não sei o quê.

JORGE O dízimo.

FERNANDO Nunca vi tanta burrice.

JORGE O dízimo é minha obrigação.

FERNANDO Você já viu o carro que o seu pastor dirige?

JORGE Já. E daí?

FERNANDO Nada. Só acho engraçado que a ficha de vocês não caia. Uma legião de otários, isso é o que vocês são.

JORGE Eu dou hoje, amanhã recebo o dobro.

FERNANDO Então, me dá uma cerveja dessas aí, vai. Amanhã eu te dou duas.

Jorge acaba sorrindo da brincadeira do amigo, estende uma lata para Fernando.

JORGE Eu gosto das coisas que o pastor diz. Eu me lembro de minha mãe. Eu me lembro dela rezando, com aquela voz fraquinha. Além do mais, a palavra que eles pregam é cheia de amor, de esperança. Acende a fé. Isso não tem preço. O dinheiro que eu dou pra Igreja parece que é sempre pouco.

FERNANDO Pra eles, deve ser mesmo.

JORGE Você não entende, nem vai entender. Uma palavra de amor, num deserto como esse, não tem preço.

Os rapazes abrem as cervejas. Fernando folheia uma revista, Jorge vai para a janela, olha um pouco a paisagem.

JORGE Daqui a pouco vai chover...

FERNANDO Você viu o calor que fez hoje?

JORGE Eu queria mesmo era dormir abraçado com Celeste, com a chuva caindo lá fora.

FERNANDO Você não consegue ficar sem mulher.

JORGE Eu não gosto de ficar sozinho. Uma mulher é uma casa que você entra pra se abrigar.

FERNANDO Jorge, por que você não volta com a Aline?

JORGE Não. Não dá. Ela tá longe.

FERNANDO Ela não disse que vinha atrás de você?

JORGE Esquece isso, Fernando.

FERNANDO Como ela está?

JORGE Melhor. Eu tô apaixonado por Celeste, fazer o quê?

FERNANDO O amor é cego mesmo.

JORGE Não quero nem mais pensar em Aline. Celeste foi um furacão, um vento que me levou.

FERNANDO Você fala tanto de mim, do jeito que eu ganho a vida, mas isso aí é que é um perigo. Eu vi como você ficou. Dois meses jogado pelos cantos.

JORGE Numa hora dessas, eu podia tá morto. Se não fosse você...

FERNANDO Não começa. Eu já te disse, você não teve nada. Foi só um arranhão.

JORGE Que arranhão? Tá maluco? A moto me jogou do outro lado da rua.

FERNANDO Você não presta atenção. Atravessa a rua parecendo um maluco.

JORGE Eu andava atormentado demais.

FERNANDO Tem que ficar ligado. Tá pensando que o trânsito aqui é brincadeira? O povo passa por cima mesmo. São as máquinas contra os homens.

JORGE E quando a gente chegou no hospital? Lembra daquela mulher?

FERNANDO A recepcionista?

JORGE É. Você gritava: Se meu amigo morrer, eu te mato!

FERNANDO Aquele lugar estava cheio de gente estropiada. Não gosto nem de lembrar.

JORGE Se você não estivesse lá, nem sei. Não tenho nem como te agradecer.

FERNANDO Tem sim. Me dá mais uma cerveja.

Os rapazes bebem. Fernando se aproxima da janela.

FERNANDO Vem cá!

JORGE O que é?

FERNANDO Vem cá, merda!

Jorge se aproxima da janela.

FERNANDO Olha lá.

Jorge apura a vista. Fernando acena para alguém. Jorge se afasta da janela.

JORGE Ela tá dando tchau?

FERNANDO Tá.

JORGE Puta merda.

FERNANDO *(grita)* Ele tá aqui. *(Aponta para Jorge)*

JORGE Pára!

FERNANDO Ela tá fazendo sinal pra você ir lá.

JORGE Sai daí.

FERNANDO Por que você não vai? Celeste nunca vai saber.

JORGE Mas eu vou. Eu vou saber.

FERNANDO Você é idiota.

JORGE Eu tenho um compromisso. Eu tô pensando até em comprar uma aliança. De noivado.

FERNANDO Jorge, você precisa ver isso. Ela tá fazendo um *strip-tease* na janela.

JORGE Meu Deus.

Jorge retorna ao parapeito.

FERNANDO Olha lá, os peitinhos que você gosta.

JORGE Meu Deus.

Fernando ri. Jorge assiste à cena, hipnotizado.

FERNANDO Vai! Tira! Tira tudo!

JORGE Ah, sacana! Apagou a luz.

FERNANDO Tá vendo? Eu acho que esse seu Deus não é tão generoso assim.

Fernando se afasta da janela. Jorge o acompanha.

JORGE Minha vida tem que dar certo aqui, Fernando. Com Celeste, com o trabalho. Tem que dar certo. Deus é generoso, sim. A gente só precisa enxergar a generosidade dele, que está em tudo. Quando eu vejo essa moça aí da frente, meu coração se enche de esperança. Tem uma coisa na risada dela, uma alegria, que me faz achar que a vida aqui pode ser boa.

FERNANDO A vida não é boa em lugar nenhum, Jorge. É só a vida e pronto. Isso é que você não entende.

Pequena pausa.

FERNANDO Você soube que o tiozinho, aí do 602, aloprou no banheiro?

JORGE Não...

FERNANDO Foi hoje de manhã, você já tinha saído. Acho que o cara surtou. Ele cagou e saiu passando bosta nas paredes. Foi uma merda, literalmente. Aí seu Antônio botou ele pra fora. Uma gritaria, um fedor. Só você vendo.

Pequena pausa. Ouve-se uma confusão fora do quarto, alguns homens gritam na rua.

JORGE O que é isso?

Jorge vai até a janela.

JORGE Tem um cara armando a maior confusão lá embaixo.

Uma voz se sobressai.

VOZ Fernando, seu filho da puta! Devolve o meu relógio!

FERNANDO Que merda.

VOZ Fernando, ladrão, devolve a porra do relógio que você roubou!

JORGE Você roubou o relógio desse cara?

FERNANDO Jorge, desce lá e devolve o relógio dele.

JORGE Eu não! Eu não tenho nada a ver com isso.

VOZ Eu vou te matar, seu filho da puta!

JORGE Quem é esse cara?

FERNANDO Depois eu explico. Vai lá. Por favor.

JORGE Que merda!

FERNANDO Toma.

Fernando entrega o relógio a Jorge, que sai aborrecido. Fernando caminha pelo quarto nervoso. Os gritos invadem o quarto.

VOZ Eu já contei pra todo mundo a merda que você fez. Você vai apanhar muito, tá ouvindo?

FERNANDO Puta merda...

VOZ Cadê o relógio, filho da puta? Eu vou subir aí, pra te pegar.

Fernando vai até a janela e grita para baixo.

FERNANDO Meu amigo tá descendo com o relógio. Fica na sua.

VOZ Você vai ver o que tá te esperando!

Fernando sai da janela. Um silêncio se estabelece. Minutos depois, Jorge volta.

FERNANDO Não tenho nem como te agradecer, cara.

Jorge cerra os punhos. Arma um murro, mas a energia do golpe se desfaz.

JORGE Me deixa em paz.

FERNANDO Deixa eu te explicar.

JORGE Eu não quero saber.

FERNANDO Eu não roubei o relógio dele. O velho deu o relógio pra mim.

JORGE Não me interessa! Tudo que vem de você é sujo, é imundo. Você só faz merda.

FERNANDO Eu juro. O velho deu o relógio pra mim.

JORGE Então, quem é esse cara?

FERNANDO É o namorado do velho.

JORGE Que história fodida. Eu quero que você se foda.

FERNANDO Jorge, esse cara era o preferido do velho, até eu entrar na história. O velho deu o relógio pra mim, não foi pra ele. Mas quando ele soube, enlouqueceu.

JORGE Se o relógio era seu, porque você deu pra ele?

FERNANDO Porque eu não tenho ninguém pra me defender na rua. Ele tem. Ele paga os caras. Não importa o que eu dissesse, ia me foder de qualquer jeito. Mas o relógio era meu. Você acredita?

JORGE Que diferença isso faz? Ele disse que é pra você dar um tempo, ficar uns dias sem aparecer.

FERNANDO Você acredita em mim?

JORGE Acredito.

Começa a chover torrencialmente. Jorge fecha a Janela. Deita-se.

FERNANDO Já vai dormir?

JORGE Vou ler um pouco.

FERNANDO Nós somos dois fodidos, Jorge Washington. Dois fodidos.

JORGE Nosso dia vai chegar.

FERNANDO Lê em voz alta? Esse negócio é tão chato que me ajuda a dormir.

Fernando se deita. Jorge apaga a luz do quarto e acende um pequeno abajur. Abre a Bíblia e lê um trecho.

JORGE *(lendo)* Eu te amarei, ó Senhor, fortaleza minha. O Senhor é

o meu rochedo e o meu lugar forte e o meu libertador; o meu Deus, a minha fortaleza, em quem confio; o meu escudo, a força da minha salvação e o meu alto refúgio. Tristezas de morte me cercaram, e torrentes de impiedade me assombraram. Tristezas do inferno me cingiram, laços de morte me surpreenderam.

FERNANDO Eu não estou entendendo nada...

JORGE Então, eu vou parar de ler.

FERNANDO Não. Continua...

JORGE *(lendo)* Porque guardei os caminhos do Senhor, e não me apartei impiamente do meu Deus. Porque todos os seus juízos estavam diante de mim, e não rejeitei os seus estatutos. Também fui sincero perante ele, e me guardei da minha iniquidade. Assim que me retribuiu o Senhor conforme a minha justiça, conforme a pureza de minhas mãos perante os seus olhos. Com o benigno te mostrarás benigno; e com o homem sincero te mostrarás sincero; com o puro te mostrarás puro; e com o perverso te mostrarás indomável. Porque tu livrarás o povo aflito, e abaterás os olhos altivos.
Porque tu acenderás a minha candeia; o Senhor meu Deus iluminará as minhas trevas.
Porque contigo entrei pelo meio duma tropa, com o meu Deus saltei uma muralha.

Jorge interrompe a leitura, olha pra Fernando, que parece já estar dormindo. Jorge, então, apaga a luz. Os sons da cidade invadem o quarto.



CENA III

Jorge está sozinho no quarto. Caminha nervoso de um lado pro outro. Fernando entra, depois de algum tempo. Jorge avança sobre Fernando e o golpeia. Fernando cai.

FERNANDO Calma!

Fernando se levanta, tonto.

FERNANDO Deixa eu explicar.

Jorge acerta outro golpe em Fernando, que cai novamente. Fernando se levanta rapidamente e avança contra Jorge. Os rapazes rolam pelo chão, entre murros. Finalmente, Fernando consegue dominar Jorge, sentando-se sobre ele e segurando seus braços.

JORGE Me larga.

Os rapazes se afastam e se recompõem, cada um de um lado do quarto. Jorge permanece muito nervoso.

JORGE Você é um filho da puta.

FERNANDO Deixa eu falar.

JORGE O que você foi fazer lá?

FERNANDO O cara estava com fome, queria ir numa churrascaria. Eu acompanhei ele.

JORGE Você foi me sacanear, me chamar de garçom.

FERNANDO Não! A gente tava passando pela porta. Ele quis entrar! O que eu ia dizer? Não posso comer aí porque meu amigo é garçom?

JORGE Você foi me humilhar. Você disse que ia fazer isso.

FERNANDO Foi uma coincidência, Jorge.

JORGE Você é mentiroso.

FERNANDO Eu não minto pra você.

JORGE Eu tenho nojo daquele velho.

FERNANDO Ele é um cara legal.

JORGE Ele é imundo. O que vocês fazem é uma imundície.

FERNANDO Vai começar?

JORGE Eu não aguento mais essa merda.

FERNANDO Jorge, eu preciso falar com você...

JORGE Você foi me humilhar.

FERNANDO Não fui!

JORGE Você gosta de humilhar as pessoas.

FERNANDO Jorge.

Jorge desaba em um choro convulsivo que enfraquece os seus joelhos, de forma que ele cai na cama, contorcido.

FERNANDO Jorge?

Fernando se aproxima de Jorge.

JORGE Tá doendo, Fernando.

FERNANDO Ser garçom não é vergonha.

Jorge interrompe o choro. Tenta se recompor.

JORGE Não é por isso.

FERNANDO Então, o que é?

JORGE Nada. Esquece.

FERNANDO Como esquece? Olha pra você.

JORGE Não foi nada.

FERNANDO Foi aquela vagabunda da Celeste, não foi?

JORGE Cala a boca!

FERNANDO Eu sabia!

JORGE Você não sabe de porra nenhuma.

FERNANDO Então, me fala.

JORGE Agora, não. Agora eu nem consigo. Eu vou tomar um banho.

Jorge sai, batendo a porta. Fernando fica sozinho no quarto, quando de repente, o telefone celular de Jorge começa a tocar. Fernando confere o número e atende.

FERNANDO (Ao telefone) Alô? É o Fernando. Ele não vai falar com você. O que é que você quer? A única besteira que ele fez foi ficar com você. Ele não quer falar, eu já disse. Ah, vai você! Piranha.

Fernando desliga o telefone. Abre uma mala e confere as coisas lá dentro. Ao ouvir que Jorge está voltando, guarda a mala debaixo da cama. Jorge entra.

JORGE Que dia. Parece que abriram as portas do inferno e os demônios saíram todos pra me atazanar.

FERNANDO Está mais calmo? Se quiser conversar...

JORGE Eu não quero falar com você.

Pequena pausa. Fernando fica abalado, Jorge percebe.

JORGE Eu não quero falar agora.

Fernando pega o seu iPod, conecta nas pequenas caixas de som e uma música evangélica invade o ambiente.

JORGE O que é isso?

FERNANDO Eu baixei umas músicas pra você.

JORGE Por quê?

FERNANDO Gostou?

JORGE Legal.

FERNANDO Olha a potência.

Fernando aumenta o volume do aparelho.

JORGE Abaixa isso. Vai incomodar o pessoal.

FERNANDO O pessoal vive incomodando a gente.

Fernando diminui o volume do aparelho.

JORGE Por que você baixou essas músicas?

FERNANDO Eu quero te dar um presente. O iPod e as caixas. Pode ficar.

JORGE Por quê?

FERNANDO Não posso te dar um presente?

JORGE Você tá arrependido de ter levado o velho pra me humilhar.

FERNANDO Não é nada disso, cara. Eu já te expliquei.

Pequena pausa.

FERNANDO Ah, antes que eu esqueça, a Celeste ligou.

JORGE Quando?

FERNANDO Você tava no banho.

JORGE Porque você só me diz isso agora?

FERNANDO Eu tô dizendo, não tô?

JORGE O que ela queria?

FERNANDO Falar com você. Ela pediu pra você não fazer besteira.

JORGE A besteira que eu podia fazer já está feita. Foi ficar com ela.

Fernando comemora.

FERNANDO. Agora sim eu ouvi você falar direito. O que foi que aconteceu?

JORGE. Não quero falar agora.

Jorge caminha até a janela. Observa a paisagem.

JORGE Acende um aí, pra gente.

FERNANDO Você tá viciado.

JORGE Não estou, não.

FERNANDO Tá fumando todo dia.

JORGE As bençãos de Deus têm muitos disfarces.

Fernando sorri e acende um baseado, dá um trago profundo e passa o cigarro para Jorge, que também traga. Os rapazes fumam a maconha, em silêncio. Em alguns momentos, Jorge acompanha a canção, cantando junto com o aparelho. Alterna momentos em que canta e momentos de profundo silêncio.

JORGE Fernando, eu vou me demitir.

FERNANDO Por quê?

JORGE Porque sim.

FERNANDO Se você não falar mais, eu não posso te ajudar.

Jorge hesita. Desliga o som. Se aproxima de Fernando.

JORGE Eles querem roubar a churrascaria.

FERNANDO Eles quem?

JORGE A Celeste e um motoboy lá, que provavelmente tá comendo ela também.

FERNANDO Eu te avisei, não foi? Eu te disse. Essa mulher é um perigo.

JORGE Um pouco antes de você chegar com o seu velho, eles me contaram. Queriam saber se eu tô dentro.

FERNANDO O que você vai fazer?

JORGE Eu vou me demitir.

FERNANDO Por quê?

JORGE Porque eu não vou conseguir olhar pro seu Paulo. Ele vai tomar o maior prejuízo. Não tem seguro, não tem nada. Ele não tá nem conseguindo pagar funcionário direito. Eles querem roubar tudo: freezer, fogão. Vão fazer a rapa.

FERNANDO Conta pra ele, Jorge!

JORGE Eu pensei nisso. Mas não dá. Ela tem um filho.

FERNANDO Se você contar, você vira gerente, já pensou?

JORGE Eu não vou dedurar. Cada um sabe de si.

FERNANDO Você vai ficar desempregado?

JORGE Eu arranjo um emprego em outro lugar.

FERNANDO Isso pode demorar.

JORGE Eu me viro.

FERNANDO Como você é burro, Jorge. Pelo amor de Deus...

JORGE Eu vou fazer o que eu acho que é certo.

FERNANDO Ninguém sabe o que é certo.

JORGE Todo mundo tem uma vozinha lá no fundo que diz o que a gente deve fazer. Ouvir essa voz é o certo, desafiar essa voz é o errado.

Fernando aquiesce. Jorge vai até a janela.

JORGE A moça aí da frente se mudou. Você reparou?

FERNANDO Reparei.

JORGE Eu estou quebrado.

FERNANDO De grana?

JORGE Eu estou quebrado por dentro. A vida aqui só dá voltas: a gente se fode, dá uma volta e se fode de novo.

FERNANDO Jorge, eu preciso te dizer um negócio...

JORGE Esse concreto machuca a gente por dentro. Fala.

FERNANDO Ernesto me chamou pra morar com ele.

Pequena pausa.

FERNANDO Ele está velho, não tem ninguém.

JORGE Por isso você está me dando seu iPod?

FERNANDO É. Pra você lembrar de mim.

JORGE Que merda, Fernando.

FERNANDO Você tem que ficar feliz. Você mesmo disse que não aguenta mais olhar pra minha cara.

JORGE Fernando, e se a gente fosse embora daqui? A gente se muda pra uma cidade menor, ganha uma grana, abre um negócio. A gente é amigo, não é?

FERNANDO É.

JORGE Então. A gente se vira.

FERNANDO Eu tô me virando.

JORGE Você nem gosta desse cara.

FERNANDO Vai ser bom pra mim.

JORGE Quando você vai?

FERNANDO Hoje.

JORGE Pensa mais um pouco.

FERNANDO Eu já decidi.

Jorge fica em silêncio, pensativo.

FERNANDO Vai dar tudo certo pra você.

JORGE Eu estou me sentindo estranho. Eu ando... não sei.

FERNANDO Você não vai ficar sozinho. A gente nunca está só. Você que me ensinou.

JORGE Você não aprende nada.

Jorge se emociona.

FERNANDO Enxuga essa cara.

Jorge enxuga o rosto.

FERNANDO Você tem que ficar firme... A gente tem que ficar firme.

JORGE A vida não é moleza. Cansei de ouvir você dizer.

FERNANDO Mas você é duro na queda. Eu nunca te disso isso, mas você com esse seu jeito, essas coisas que você acredita, isso é bonito. Você vai seguir em frente, Jorge. Eu sei.

Ouve-se uma buzina. Fernando olha pela janela. Acena.

FERNANDO Ernesto tá aí embaixo.

Fernando pega as suas coisas, que cabem em duas pequenas malas.

FERNANDO Eu vou descer. Se eu esquecer alguma coisa, guarda pra mim, depois eu pego.

JORGE Vai com Deus.

FERNANDO Vou deixar ele aqui, com você.

Jorge sorri. Fernando alcança a maçaneta e se volta. Os rapazes se abraçam.

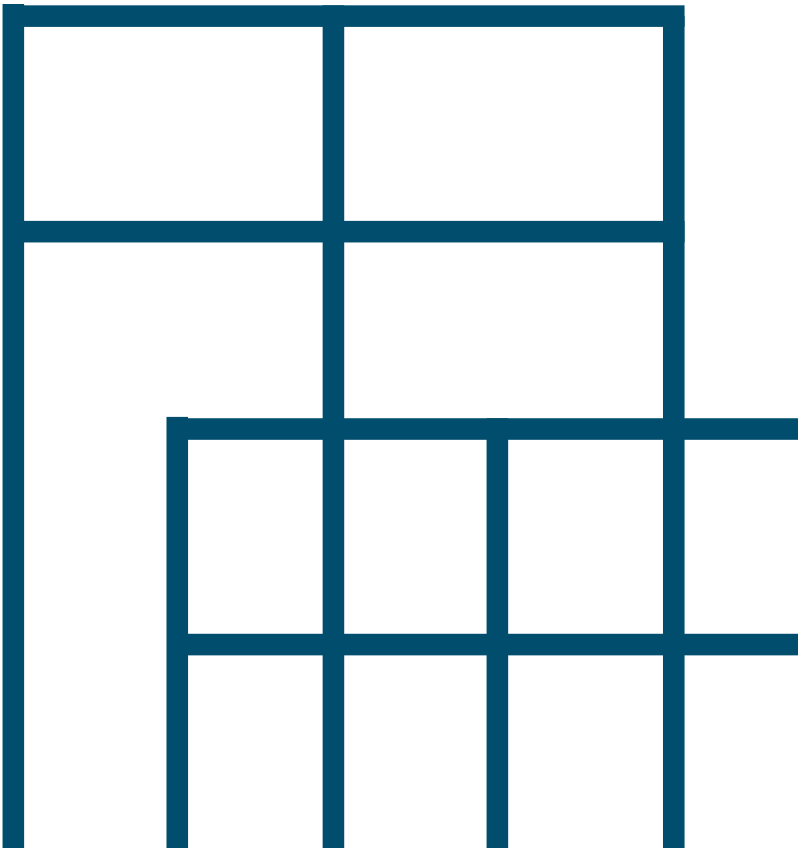
FERNANDO Olha, se você precisar de qualquer coisa...

JORGE Você também.

FERNANDO Tchau, presidente. Boa sorte.

Jorge acena. Fernando sai. Jorge permanece por um momento parado, no centro do quarto. Depois, liga o aparelho de som que Fernando deixou, se aproxima da janela e fuma o cigarro de maconha, enquanto ouve uma canção de louvor. A luz vai diminuindo.

FIM



Prefeitura de São Paulo Fernando Haddad
Secretaria de Cultura Maria do Rosário Ramalho

Centro Cultural São Paulo | Direção Geral Pena Schmidt **Divisão de Curadoria e Programação** Luciana Schwinden e equipe **Divisão de Acervo, Documentação e Conservação** Eduardo Navarro Niero Filho e equipe **Divisão de Bibliotecas** Juliana Lazarim e equipe **Divisão de Produção e Apoio a Eventos** Luciana Mantovani e equipe **Divisão de Informação e Comunicação** Marcio Yonamine e equipe **Divisão de Ação Cultural e Educativa** Adalgisa Campos e equipe **Coordenação Administrativa** Everton Alves de Souza e equipe **Coordenação Técnica de Projetos** Priscilla Maranhão e equipe

Hotel Jasmim | Estreou no Centro Cultural São Paulo em 17/6/2016 e realizou temporada até 10/7/2016 | **Texto** Claudia Barral **Direção** Denise Weinberg e Alexandre Tenório **Elenco** Eduardo Pelizzari e Daniel Farias **Cenário** André Cortez **Iluminação** Wagner Pinto **Trilha sonora** Miguel Briamonte **Figurinos e adereços** Adriana Hitomi **Arte da capa** Alessandro Romio e Adriana Hitomi **Assessoria de imprensa** Nossa Senhora da Pauta **Equipe de produção** Juliana Paltrinieri e Vagner Luciano **Direção de produção** Valdir Archanjo **Produtores** Bira Saide e Valdir Archanjo

CCSP | Curadoria de Teatro Kil Abreu e Henrique Santana (estagiário) **Projeto Gráfico** Solange de Azevedo **Impressão** Laboratório gráfico do CCSP

criado para o ccsp

Texto vencedor do *Edital II Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos do Centro Cultural São Paulo 2015*

distribuição: gratuita no CCSP
tiragem: 2500 exemplares
São Paulo, 2016

PREFEITURA DE SÃO PAULO CULTURA

Centro Cultural São Paulo

SEJA PÚBLICO SOU PÚBLICO

WWW.CENTROCULTURAL.SP.GOV.BR

R. Vergueiro, 1000 / CEP 01504-000
Paraíso / São Paulo SP / Metrô Vergueiro
11 3397 4002
ccsp@prefeitura.sp.gov.br

CCSP edições

William Shakespeare

Muito barulho por nada



L&PM POCKET

WILLIAM SHAKESPEARE

MUITO BARULHO POR NADA

Tradução de BEATRIZ VIÉGAS-FARIA

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

MUITO BARULHO POR NADA

Um homem e uma mulher. Os dois igualmente inteligentes, bem-articulados, espirituosos, rápidos em construir respostas espertas a todo tipo de afirmação ou pergunta. É nas falas de Beatriz e Benedicto, dois dos personagens mais queridos do público de Shakespeare, que se fundamenta a parte cômica desta peça, *Muito barulho por nada*. Quando se encontram os dois, armam-se verdadeiros combates entre estes esgrimistas das palavras, dois alérgicos ao casamento, para o prazer do leitor ou plateia.

O lado trágico da peça nasce de pérfida intriga armada por um homem despeitado e vingativo, carregado de ódio, e que se descreve assim: "É mais condizente com meu sangue ser desdenhado por todos que pavimentar a estrada para roubar a afeição de alguém. Assim é que, muito embora não se possa dizer de mim que sou um homem honesto e bajulador, não se pode negar que sou um patife franco e leal".

Com provas falsamente arranjadas, uma inocente donzela é acusada de ser uma rameira. A história tem danças, festa de mascarados, cerimônia de casamento; tem flertes, tem príncipes e condes, damas nobres e damas de companhia; e a história tem calúnias, desafios para duelos, confrontações verbais, cerimônia fúnebre, até morte e fuga que se revertem. A história tem dores e amores; a história é teatro e é Shakespeare.

E tem gente simples do povo, que usa um palavrório peculiaríssimo, em hilariantes arremedos de linguajares mais sofisticados: "Temos que agora preceder ao interrogamento desses homens. (...) Não vamos nos poupar de nossa inteligência, isso eu lhe garanto; eu aqui tenho como deixar eles destrampalhados. Só vai buscar o escrivão que sabe escrever que é para ele fazer a excomunicação do nosso interrogamento, e me encontra na cadeia." (...) "...eles cometeram informações falsas, além disso falaram inverdades, em segundo lugar são uns difamadores, em sexto lugar e por último caluniaram uma dama, em terceiro lugar verificaram coisas injustas, e para concluir são uns mentirosos de uns cafajestes".

A história é shakespearianamente tragicômica. A nós, leitores/plateia, a injustiça de uma calúnia nos deixa indignados, nos deixam torcendo por eles os casais que se envolvem em amor romântico, nos deixam desconsolados as reações impulsivas, os gestos heroicamente impensados. É um teatro que se faz de máscaras, intrigas, movimentos rápidos, lógicas distorcidas, às vezes um quê de nonsense e... diálogos fascinantes.

Beatriz Viégas-Faria

MUITO BARULHO POR NADA

PERSONAGENS

Dom Pedro, Príncipe de Aragão.
Dom John, seu irmão bastardo.
Cláudio, um jovem lorde de Florença.
Benedicto, um jovem lorde de Pádua.
Leonato, Governador de Messina.
Antônio, seu irmão.
Baltasar, um cantor, a serviço de Dom Pedro.
Conrado, acompanhantes
Borracho, de Dom John.
Frei Francisco.
Corniso, o Mestre da Guarda.
Vinagrão, o Chefe da Guarda Local.
Primeiro sentinela.
Segundo sentinela.
Um sacristão.
Um pajem.
Um lorde.
Hero, filha de Leonato.
Beatriz, sobrinha de Leonato.
Margarete, damas a serviço
Úrsula, de Hero.
Mensageiros, Músicos, Sentinelas, Serviçais etc.
Cenário: Messina.

PRIMEIRO ATO

CENA I

Em frente à casa de Leonato.

Entram Leonato, Governador de Messina, Hero, sua filha, e Beatriz, sua sobrinha, com um Mensageiro.

Leonato – Esta carta informa que Dom Pedro de Aragão chega esta noite a Messina.

Mensageiro – Ele deve agora estar bem próximo daqui; quando o deixei, estava a menos de três léguas.

Leonato – Quantos cavalheiros vocês perderam nessa empreitada?

Mensageiro – Muito poucos cavalheiros, e nenhum de alta estirpe.

Leonato – Uma vitória vale o dobro quando o vencedor volta para casa sem baixas. Vejo por esta carta que Dom Pedro tem conferido altas honras a um jovem florentino de nome Cláudio.

Mensageiro – Por sinal, bastante merecidas, e lembradas com justo reconhecimento por Dom Pedro. Ele tem a postura de quem está além das promessas de sua idade, executando, com sua figura de cordeiro, os feitos de um leão. Na verdade, suplantou até mesmo as mais altas expectativas, tanto que me vejo incapaz de vos oferecer um relato fiel.

Leonato – Ele tem um tio aqui em Messina que ficará muito contente com essas notícias.

Mensageiro – Já entreguei cartas endereçadas a ele, e nesse senhor aparece muita alegria na expressão; tanta, que chega a ser uma alegria que não se pode mostrar modesta o bastante sem uma marca servil de tristeza.

Leonato – Rompeu em lágrimas, ele?

Mensageiro – Muitas e muitas.

Leonato – Um natural excesso de bondade. Não há rosto mais verdadeiro que um rosto assim lavado. Quão melhor não é chorar de alegria que alegrar-se por algum choro!

Beatriz – Rogo-lhe, diga-me: o Signior Estocada já retornou das batalhas ou ainda não?

Mensageiro – Não conheço ninguém com esse nome, senhorita. Não havia nenhum oficial com esse nome no exército, de nenhuma patente.

Leonato – Quem é esse de quem pedes notícia, minha sobrinha?

Hero – Minha prima quer dizer o Signior Benedicto de Pádua.

Mensageiro – Ah, sim, ele retornou, e tão simpático e divertido como sempre.

Beatriz – Ele espalhou anúncios aqui em Messina, desafiando Cupido para uma competição de arco, com flechas leves e emplumadas para longa distância; e o Bobo que está a serviço de meu tio, ao ler o anúncio, subscreveu o desafio em nome de Cupido, propondo usarem flechas curtas e grossas. Eu pergunto ao senhor: quantos ele matou e comeu nessas batalhas? Ou melhor: ele conseguiu matar pelo menos um nessa guerra? Pois, na verdade, prometi comer todos os inimigos que ele porventura matasse.

Leonato – De fato, minha sobrinha, tu passas das medidas com o Signior Benedicto, mas tenho

certeza de que ele não deixará por menos.

Mensageiro – Ele prestou bons serviços, senhorita, nessas batalhas.

Beatriz – Vocês estavam com as provisões de comida emboloradas, e ele nisso ajudou, comendo todos os víveres azedos. É um comilão muito valoroso; tem excelente estômago.

Mensageiro – E também é um excelente soldado, cara senhorita.

Beatriz – E também é um excelente soldado, caro às senhoritas. Mas, e quanto aos lordes? Também é caro a eles?

Mensageiro – É um lorde perante lordes, um homem diante de outros homens, cheio de honoráveis qualidades.

Beatriz – Deveras, ele não passa de um homem cheio de si. Mas, de que é mesmo que ele está cheio? Bem, bem, somos todos mortais.

Leonato – O senhor não deve levar a mal minha sobrinha. Existe uma espécie de guerra entre amigos entre o Signior Benedicto e ela. Eles nunca se encontram sem que haja entre os dois uma escaramuça de tiradas rápidas.

Beatriz – Mas ele não lucra nada com isso. Em nosso último embate, quatro de suas cinco tiradas erraram o alvo; se antes ele era um homem inteiro, com os cinco sentidos, agora ele é homem governado por um sentido só. Então, se ele for esperto o suficiente para manter-se aquecido, que isso lhe sirva para diferençá-lo de seu cavalo, pois essa é toda qualidade que lhe resta para ser reconhecido como criatura racional. Quem agora é seu companheiro? Todo santo mês ele tem novo irmão de armas.

Mensageiro – Será possível?

Beatriz – Mais do que possível, é quase certo. Ele usa sua lealdade como quem usa chapéus, mudando de modelo conforme a forma de fabricação.

Mensageiro – Pelo que vejo, senhorita, o cavalheiro não consta de suas anotações.

Beatriz – Não. Caso constasse, eu teria de queimar meus estudos. Mas, peço-lhe que me diga: quem é o companheiro dele? Não há nenhum jovem briguento que aceite com ele empreender viagem às profundas do inferno?

Mensageiro – Ele tem andado a maior parte do tempo na companhia do muito correto e nobre Cláudio.

Beatriz – Ah, meu Deus, que ele vai se agarrar no outro como uma doença; ele é mais fácil de se pegar que a peste, e o contaminado se vê logo ensandecido. Que Deus ajude o nobre Cláudio! Se está contagiado de doença beneditina, ele ainda gasta mil libras antes de se curar.

Mensageiro – Serei sempre seu amigo, senhorita.

Beatriz – Faça isso, meu bom amigo.

Leonato – Tu não corres o risco de ficar louca, minha sobrinha.

Beatriz – Não, pelo menos não até que se tenha um inverno escaldante.

Mensageiro – Dom Pedro está chegando.

Entram Dom Pedro, Cláudio, Benedicto, Baltasar e Dom John, o Bastardo.

Dom Pedro – Meu bom Signior Leonato, então o senhor está procurando incomodação? O costume em

todo o mundo é evitar despesas, e o senhor vem ao encontro delas.

Leonato – Nunca na minha casa entrou incomodação sob a forma de Vossa Graça, pois, quando os aborrecimentos se despedem, fica o aconchego do lar; mas, quando vós partis de minha morada, abate-se sobre nós a tristeza e despede-se a alegria.

Dom Pedro – O senhor abraça sua incumbência com demasiado bom grado. Essa, então, é a sua filha.

Leonato – Assim me afirmou muitas vezes a mãe dela.

Benedicto – O senhor teve dúvidas, meu senhor, a ponto de precisar perguntar?

Leonato – Signior Benedicto: não, pois naquela época você ainda era uma criança.

Dom Pedro – Uma resposta que lhe atinge em cheio, Benedicto; por ela podemos adivinhar o que você é, depois de homem feito. Na realidade, a senhorita é a cara do pai. Seja muito feliz, senhorita, pois a senhorita se parece muito com o seu honrado pai.

Benedicto – Se o Signior Leonato é pai dela, nem por toda a Messina iria ela querer ter sobre os ombros a envelhecida cabeça dele, por mais parecença que haja entre os dois.

Dom Pedro e Leonato conversam à parte.

Beatriz – Admira-me o senhor ainda estar falando, Signior Benedicto. Ninguém está lhe prestando atenção.

Benedicto – Ora, minha cara Lady Desdém! A senhorita continua viva?

Beatriz – Como poderia essa tal de Desdém morrer, quando ela dispõe, para alimentar-se, de comida tão adequada como o Signior Benedicto? A própria Cortesia tem precisão de converter-se em Desdém se o senhor lhe aparece em sua presença.

Benedicto – Mas então essa Cortesia é uma vira-casacas. Porém, uma coisa é certa: sou amado por todas as damas, à exceção apenas de sua pessoa; e gostaria eu de poder descobrir em meu coração que não tenho um coração duro, pois eu na verdade não amo a nenhuma delas.

Beatriz – O que é uma verdadeira sorte para as mulheres, pois do contrário elas se veriam importunadas pelo mais pernicioso dos pretendentes. Nisto eu agradeço a Deus e ao meu sangue-frio: nessas coisas, tenho a mesma disposição que o senhor; prefiro ouvir meu cachorro latindo para uma gralha a ter de escutar as juras de amor de um homem.

Benedicto – Que Deus a conserve assim, minha cara Lady, nesse estado de espírito, de modo que um que outro cavalheiro possa escapar do que lhe estava predestinado: ter a cara lanhada.

Beatriz – Tivesse o cavalheiro uma cara como a sua, lanhá-la não a deixaria pior.

Benedicto – Sabe que a senhorita daria uma excelente professora de papagaios?

Beatriz – Uma ave que fala como eu ainda é melhor que uma cavalgadura, que se comunica como o senhor.

Benedicto – Quem me dera, meu cavalo ter a velocidade de sua língua, e toda a sua resistência. Mas, por favor, prossiga, pois que eu paro por aqui.

Beatriz – O senhor sempre para do mesmo modo: sentando no cabresto. Eu lhe conheço, e não é de hoje.

Dom Pedro – Resumindo, isso é tudo, Leonato. *(Dirigindo-se à sua comitiva:)* Signior Cláudio e Signior Benedicto, o meu estimado amigo Leonato estende o seu convite a todos. Respondi-lhe que aqui permaneceremos pelo menos por um mês, e ele, entusiasmado, muito deseja que alguma

circunstância venha deter-nos aqui por mais tempo. Atrevo-me a jurar que não há hipocrisia em suas palavras; pelo contrário, ele fala de coração.

Leonato – Se assim jurardes, milorde, eu vos posso afirmar que não sereis perjuro. (*Para Dom John:)* Deixai-me dar-vos as boas-vindas, milorde; agora que vos reconciliastes com o Príncipe vosso irmão, tendes em mim um homem a vosso serviço.

Dom John – Obrigado. Não sou de muitas palavras, mas lhe agradeço.

Leonato – Vossa Graça me faríeis o favor de passar à frente?

Dom Pedro – Dê-me sua mão, Leonato, e vamos juntos.

[Saem todos, menos Benedicto e Cláudio.]

Cláudio – Benedicto, reparaste na filha do Signior Leonato?

Benedicto – Não reparei, não; eu simplesmente a vi.

Cláudio – É uma dama, moça e recatada, não?

Benedicto – Perguntas-me como um homem honesto deveria, para saber o que penso dela simples e verdadeiramente, ou queres que eu fale como é de meu costume, sendo eu um confesso tirano do sexo oposto?

Cláudio – Não, eu te peço, diz-me o que pensas dela, com toda a sobriedade.

Benedicto – Ora, na verdade, a mim me parece que ela é muito baixinha para altos elogios, muito morena para um claro elogio, e pequena demais para um grande elogio. A seu favor, só posso dizer que, fosse outra e não quem ela é, seria feia; já que não é outra e sim quem ela é, não gosto dela.

Cláudio – Achas que estou brincando! Peço-te, diz-me com toda a sinceridade o que realmente pensas dela.

Benedicto – Por um acaso queres comprá-la, e por isso teimas em indagar sobre ela?

Cláudio – E o mundo consegue comprar essa joia?

Benedicto – Sim, e também o cofre onde guardá-la. Mas tu falas a sério ou estás bancando o safado e zombas de nós, a dizer-nos que o cego Cupido é bom caçador de lebres e Vulcano, o ferreiro, é um ás na carpintaria? Vamos lá, anuncia em que tom estás cantando, para que eu possa te acompanhar nessa melodia.

Cláudio – Aos meus olhos, ela é a mais doce dama que já vi.

Benedicto – Ainda consigo enxergar sem óculos, e não vejo nada disso; tem a prima, que, se não fosse possuída de fúria, supera-a em muito pela beleza, assim como a Primavera está para o Inverno. Mas espero que não tenhas intenções de transformar-te em marido, ou tens?

Cláudio – Tivesse eu jurado o contrário, e eu próprio não confiaria em mim mesmo se Hero quisesse ser minha esposa.

Benedicto – Chegaste a esse ponto? De fato, pergunto-me se o mundo não verá um único homem que possa colocar o chapéu na cabeça sem maiores cuidados. Nunca mais encontrarei um solteirão de sessenta anos? Vá lá, por Deus, se teu desejo precisa enfiar teu pescoço numa canga, trata de usar a marca desse jugo, e podes suspirar pelos domingos perdidos. Olha, Dom Pedro voltou, para falar contigo.

Entra Dom Pedro.

Dom Pedro – Que segredo os está mantendo aqui, que não nos acompanharam até a casa de Leonato?

Benedicto – Muito me agradaria que Vossa Graça me obrigásseis a contar.

Dom Pedro – Pois estás intimado a fazê-lo, pelo juramento de lealdade que comigo tens.

Benedicto – O senhor ouviu, Conde Cláudio: posso guardar segredos como se fosse um homem mudo, assim espero que me acredites. Todavia, dado o meu juramento de lealdade, e, notem bem os senhores, é por um dever de lealdade... ele está apaixonado. Por quem? Bem, agora essa fala é de Vossa Graça. Observai como é pequeninha a resposta dele: por Hero, a filha pequeninha de Leonato.

Cláudio – Se assim fosse, assim teria sido dito.

Benedicto – É como naquela velha história, milorde: "Não é assim, e também não digo que não foi assim; mas, deveras, Deus nos livre de assim ser!".

Cláudio – Se a minha paixão não mudar em breve, Deus nos livre de assim não ser.

Dom Pedro – Amém se você lhe tem amor, pois a dama é dele muito merecedora.

Cláudio – Falais assim, milorde, porque estais plantando verde para colher maduro.

Dom Pedro – Você tem minha palavra de que estou falando o que penso.

Cláudio – E eu, por minha fé, milorde, falei igualmente o que penso.

Benedicto – E eu, por minhas duas fés, milorde, vós tendes minhas duas palavras de que também falei o que penso.

Cláudio – Posso sentir que a amo.

Dom Pedro – Que desse amor ela é merecedora eu sei.

Benedicto – Pois eu nem sinto que ela devesse ser amada, nem sei como de um amor ela seria merecedora, e essa é minha opinião, e nem o fogo a dissolveria; morro na fogueira, mas não abro mão dela.

Dom Pedro – Tu sempre foste um herético obstinado em menosprezar a beleza.

Cláudio – E ele jamais conseguiria manter essa posição, não fosse por muita força de vontade.

Benedicto – Por uma mulher haver me concebido, eu a ela agradeço; por ter me criado, também lhe sou humildemente agradecido; mas as mulheres vão ter de me dispensar de cumprir o seu toque de recolher, que elas sopram em corneta feita de guampa na testa dos homens; vão ter de me dispensar de carregar, pendurado em boldrié invisível, um corno visível a todos. Porque não desejo ser injusto desconfiando de uma mulher, dou-me o direito de não confiar em nem uma sequer. Conclusão: o bom disso é que viverei sempre solteiro, e o melhor disso é que viverei sempre muito bem-vestido.

Dom Pedro – Antes de morrer, ainda te verei pálido de amor.

Benedicto – De raiva, de doença, de fome, pode ser, milorde, mas não de amor. Provai-me a qualquer dia e hora que, em estando apaixonado, suspirando por uma dama e assim sobrecarregando o coração, perdi mais sangue do que se pode repor com a bebida, e eu vos peço: arrancai de mim meus olhos com a pena de um compositor de baladas e dependurai-me à porta de um bordel, como placa com pintura do cego Cupido.

Dom Pedro – Bem, se alguma vez caíres das alturas dessa tua crença, serás o assunto de muita conversa, e o motivo de muita risada.

Benedicto – Se eu cair, pendurem-me numa cesta de vime, como um gato, e façam pontaria e atirem em mim e, quanto àquele que primeiro acertar o alvo, que ele seja feito cavaleiro por Vossa Graça e

que passe a se chamar Adam1, como o famoso arqueiro inglês.

Dom Pedro – Bem, só o tempo dirá. "Com o tempo, o touro selvagem põe a canga."

Benedicto – O touro selvagem pode ser que sim; mas, se alguma vez o sensato Benedicto puser a canga, arranquem desse touro os chifres e grudem-nos em minha testa, e que de mim seja pintado um retrato infame e que, em letras garrafais, onde se costuma escrever "Aqui alugam-se bons cavalos", deixem que sob minha pintura leia-se "Aqui pode-se ver Benedicto, o casado".

Cláudio – Se isso acontecer, tu estarás doido de atar, e teus nervos terão te traído.

Dom Pedro – Pois se Cupido não gastou todas as setas de sua aljava na licenciosa corte de Veneza, dentro de pouco tempo tu estarás acometido de tremores de amor.

Benedicto – Só no dia que houver tremores de terra.

Dom Pedro – Com o tempo, tu hás de contemporizar. Neste meio tempo, meu bom Signior Benedicto, vai até a casa de Leonato, apresenta-lhe minhas recomendações e comunica-lhe que não faltarei ao jantar. Deveras, tendo ele se esmerado em grandes preparativos!

Benedicto – Quase tenho tutano suficiente em mim para uma tal embaixada; assim é que... Sem mais, apresento votos de minha mais alta estima e recomendo Vossa Senhoria...

Cláudio – ...à Proteção Divina. Nesta minha casa, se casa eu tivesse, ...

Dom Pedro – Aos seis de julho. Vosso amigo de coração, Benedicto.

Benedicto – Não zombem, não façam troça. O corpo de vosso discurso apresenta-se por vezes ornado de fragmentos, e os ornamentos de ambos estão muito mal-alinhavados. Antes de continuar desprezando velhas fórmulas de fechamento, examinai vossa consciência. E com isso despeço-me dos dois.

[Sai.]

Cláudio – Meu soberano, Vossa Alteza poderíeis agora ajudar-me?

Dom Pedro – Meu coração é teu, e podes instruí-lo: explica-te a ele e verás como ele está disposto a aprender toda e qualquer lição, por mais dura que seja, mas que te possa ajudar.

Cláudio – Leonato tem filhos homens, milorde?

Dom Pedro – Nenhum filho homem. Hero é filha única, sua única herdeira. Tu a amas, Cláudio?

Cláudio – Ah, milorde, quando fostes para as batalhas, agora ação terminada, eu a observei com os olhos de um soldado. Gostei do que vi, mas tinha pela frente tarefa mais árdua que conduzir um mero gostar até o denominado amor. Todavia, agora estou de volta, e os pensamentos bélicos deixaram em mim espaços vagos, lugares que vão sendo invadidos por suaves e delicados desejos, todos me sinalizando a formosura da jovem Hero, avisando-me de minha afeição por ela ainda antes de ir para a guerra.

Dom Pedro – Logo, logo estarás feito um amante, cansando quem te escuta com tantas palavras que se poderia escrever um livro. Se amas a bela Hero, cuida bem desse sentimento, e eu tocarei neste assunto com ela, e com o pai, e ela será tua. Não foi com este fim que começaste a tecer tão refinada história?

Cláudio – Com que delicadeza atendeis ao amor, pois que conheceis a dor do sentimento na própria fisionomia desse mesmo amor! Para que minha afeição não parecesse demasiado súbita, eu queria tê-la suavizada por um longo tratado.

Dom Pedro – Por que fazer o vão da ponte muito maior que a largura do rio? O maior benefício é o que resolve a necessidade. O que serve é o que convém. Ou seja: tu amas, e eu tenho o remédio que te convém. Sei que haverá uma grande festa hoje à noite. Tomarei o teu lugar, disfarçando-me de alguma maneira, e direi à linda Hero que sou Cláudio, e em seu peito depositarei meu coração aberto, e seu ouvido atento cativarei pela força e pelo ímpeto de minha história romântica, após o que tocarei neste assunto com o pai da moça; e a conclusão é uma só: ela será tua. Vamos tratar de colocar isso em prática.

[Saem.]

CENA II

Um aposento na casa de Leonato.

Entram Leonato e um velho, Antônio, irmão de Leonato, que então se encontram.

Leonato – E então, meu irmão, onde está esse meu parente, o teu filho? Foi ele quem providenciou a música?

Antônio – Ele está bastante ocupado com isso. Mas, meu irmão, tenho estranhas notícias para te contar, coisas com as quais nem sonhas.

Leonato – Notícias boas?

Antônio – São conformes com a modelagem que lhes dá o evento em questão, mas a aparência é boa, pois elas têm um bom glacê. O Príncipe e o Conde Cláudio, caminhando por uma das veredas mais fechadas de árvores em meu pomar, conversavam, e, sem querer, um de meus homens escutou-os: o Príncipe revelou a Cláudio estar apaixonado por minha sobrinha tua filha e que pretendia confessar-lhe o amor esta noite, durante uma dança; no caso de perceber que ela lhe corresponde, ele pretendia agarrar a oportunidade com as duas mãos e falar contigo no mesmo instante.

Leonato – O sujeito que te disse tal coisa, está ele em seu juízo perfeito?

Antônio – Um homem bom e inteligente; vou mandar buscá-lo, e tu mesmo podes interrogá-lo.

Leonato – Não, não. Vamos pensar nisso como um sonho, até que ele se mostre real. No entanto, vou me certificar de que minha filha fique sabendo disso, para que possa estar mais bem preparada para uma resposta, se porventura isso for verdade. Vai tu, e fala com ela sobre isso.

[Sai Antônio.]

Entra o Filho de Antônio, com um Músico, e Outros.

Meus parentes, vocês sabem o que têm de fazer. (*Dirigindo-se ao Músico:)* Ah, eu lhe peço, por misericórdia, amigo, venha você comigo e saberei me valer de seu talento. Meu bom sobrinho, sê diligente, que estamos num dia por demais atarefado.

[Saem.]

CENA III

Um outro aposento na casa de Leonato.

Entram Dom John, o Bastardo, e Conrado, seu acompanhante.

Conrado – Mas que diabos, milorde, por que está o senhor triste assim tão fora de medidas?

Dom John – Não tem medidas a circunstância que a alimenta, daí minha tristeza não ter limites.

Conrado – O senhor deveria escutar a voz da razão.

Dom John – E, quando eu a tiver escutado, que bênçãos pode ela me trazer?

Conrado – Se não um alívio imediato, pelo menos uma resignação paciente.

Dom John – Admira-me muito que você... sendo, como diz ser, nascido sob a influência de Saturno e, portanto, taciturno... se esforce em aplicar remédio moral a uma enfermidade mortal. Não sei disfarçar quem sou: preciso ficar triste quando há razão para tal, e nessas horas não consigo rir de piada alguma; só consigo comer quando o estômago quer, e não sei esperar, para maior conveniência, pelos outros; durmo quando me sinto sonolento, sem preocupar-me com os negócios de ninguém; dou risada quando estou alegre, e jamais elogio homem algum por seu senso de humor.

Conrado – Certo, mas o senhor não deve mostrar isso abertamente até que possa expor-se sem que lhe cobrem um outro comportamento. Não faz muito o senhor posicionou-se contra seu irmão, e ele agora acolheu-o outra vez em sua graça, onde será impossível para o senhor criar raízes profundas a não ser que o senhor mesmo crie um clima ameno. É imprescindível que o senhor condicione a estação mais propícia à sua própria colheita.

Dom John – Prefiro ser silva-macha numa sebe qualquer a ser uma rosa nas boas graças de meu irmão, e é mais condizente com meu sangue ser desdenhado por todos que pavimentar a estrada para roubar a afeição de alguém. Assim é que, muito embora não se possa dizer de mim que sou um homem honesto e bajulador, não se pode negar que sou um patife franco e leal. Confiam em mim quando me põem uma focinheira na cara, e me deixam livre quando me põem rédeas no corpo; assim é que decretei não mais cantar em minha gaiola. Tivesse eu minha boca e morderia; tivesse eu minha liberdade e faria o que me dá vontade. Neste meio tempo, deixem-me ser como sou e não tentem modificar-me.

Conrado – Não poderiam os seus desgostos e inquietações servir-lhe de alguma coisa?

Dom John – Eles me servem, em tudo e para tudo, pois são tudo de que disponho. Quem vem aí?

Entra Borracho.

Quais são as novas, Borracho?

Borracho – Estou chegando de lá, de uma lauta ceia. O Príncipe seu irmão vem sendo regiamente hospedado e entretido por Leonato; e eu tenho como passar ao senhor informações secretas de um casamento que está sendo planejado.

Dom John – Um que sirva de fundação sobre a qual se podem construir edifícios de maldade? E quem seria esse, bobalhão a ponto de querer contrair matrimônio com a inquietação?

Borracho – Ora, mas é o braço direito de seu irmão, senhor.

Dom John – Quem, o refinadíssimo Cláudio?

Borracho – O próprio.

Dom John – Um cavaleiro, sem tirar nem pôr. Mas, com quem? Com quem? Para os lados de quem lançou ele o olhar?

Borracho – Ora, para os lados de Hero, filha e herdeira de Leonato.

Dom John – Pretensioso, o rapaz! Como foi que você ficou sabendo disso?

Borracho – Como a mim me encarregaram de dissipar os maus cheiros da casa, estava eu fumigando um aposento mofado e me aparecem o Príncipe e Cláudio, de braço dado, absortos os dois em conferência muito séria. Esgueirei-me rápido para trás do reposteiro, e de lá ouvi acertarem que o Príncipe faria a corte a Hero por conta própria e, assim que a tiver conquistado, passa a jovem para o Conde Cláudio.

Dom John – Venham, vamos, vamos até lá. Isso pode muito bem vir a ser alimento para o meu desprazer. Esse jovem arrivista ficou com toda a glória de minha ruína política. Se eu conseguir crucificá-lo de alguma maneira, estarei me abençoando de todas as maneiras. São vocês os dois leais a mim e me ajudarão?

Conrado – Até a morte, meu senhor.

Dom John – Vamos então para essa grande ceia. Maior se faz o regozijo deles porque eles me têm assim: humilhado. Ah, quem me dera, o cozinheiro ter pensamentos como os meus: venenosos! Vamos tentar ver o que se pode fazer?

Borracho – Estamos a seu serviço, milorde.

[Saem.]

---

1 Adam Bell era um famoso e temido arqueiro da Inglaterra na época. (N.T.)

SEGUNDO ATO

CENA I

Um salão na casa de Leonato.

Entram Leonato, seu irmão Antônio, sua filha Hero e sua sobrinha Beatriz, e também Margarete e Úrsula.

Leonato – Não esteve presente o Conde John durante a ceia?

Antônio – Eu não o vi.

Beatriz – Que azedume, aquele homem! A mim basta avistá-lo, que uma hora depois ainda estou com azia.

Hero – É uma pessoa de natureza melancólica.

Beatriz – Seria um excelente homem, aquele que fosse um meio-termo entre ele e Benedicto; um é feito um retrato e não diz palavra, e o outro é feito filho varão mais velho e mimado, e não sabe quando parar de tagarelar.

Leonato – Então, é metade da língua do Signior Benedicto na boca do Conde John e metade da melancolia de Conde John no rosto do Signior Benedicto...

Beatriz – E um bom par de pernas, bem plantadas em pés muito sólidos, meu tio, e dinheiro suficiente no bolso. Um homem assim conquistava qualquer mulher no mundo... se ele ganhar a preferência dela, claro.

Leonato – Por minha fé, sobrinha! Não vais nunca arranjar marido, com língua assim tão afiada.

Antônio – Realmente; ela é geniosa demais.

Beatriz – Geniosa demais é mais que geniosa; isso quer dizer que tiro um fardo da Providência Divina, pois está escrito que "Deus providencia chifres curtos para vacas geniosas" e, no entanto, para vacas geniosas demais não se tem notícias de que Ele providencie coisa alguma.

Leonato – Então, sendo geniosa demais, Deus deixa-te desprovida de chifres.

Beatriz – Tanto quanto Ele me deixa desprovida de marido, uma bênção pela qual sou grata a Ele, e agradeço de joelhos, toda manhã e toda noite. Oh, Senhor! Eu não teria como aguentar um marido de barba na cara! Prefiro dormir sem lençóis, com a lã áspera do cobertor direto na pele.

Leonato – Teu olhar pode descobrir um marido que não use barba.

Beatriz – E o que faria eu com ele? Só me restaria vesti-lo com minhas roupas e fazer dele minha criada de quarto! Quem tem barba é pouco mais que um frangote ou então já está casado, e quem não tem barba é menos que um homem; e quem é pouco mais que frangote ou já está casado não serve para mim; e eu não sirvo para quem é menos que um homem. Assim é que eu aceito a meia dúzia de centavos que me paga adiantado o guardador de ursos e, como boa solteirona, levo os macacos dele para o inferno.

Leonato – Mas então vais, tu também, para o inferno?

Beatriz – Não, só até os portões do inferno, lá onde virá me receber o Diabo, como um velho corno, de guampas na cabeça, me dizendo: "Vá para o céu, Beatriz, vá para o céu, aqui não temos lugar para vocês donzelas". Então, entrego eu os meus macacos e vou ter com São Pedro, para entrar no céu.

Ele me mostra onde ficam os celibatários, e lá vivemos nós, na felicidade da santa paz de todo dia.

Antônio *(dirigindo-se a Hero)* – Bem, minha sobrinha, tenho certeza de que tu te deixarás guiar por teu pai.

Beatriz – Sim, por minha fé, esta é a obrigação de minha prima: fazer uma mesura e dizer "Meu pai, como o senhor achar melhor". Mas, apesar de tudo, prima, certifica-te de que ele é bonito; caso contrário, fazes outra mesura e dizes "Meu pai, como eu achar melhor".

Leonato – Bem, minha sobrinha, espero um dia ver-te equipada com um marido.

Beatriz – Acho que não, a menos que Deus faça homens de algum outro mineral que não o barro. Não seria ofensivo para uma mulher ela ser controlada por um punhado de valoroso pó, ela ter de prestar contas de sua vida a um torrão de terra? Não, meu tio, não quero um homem. Os filhos de Adão são meus irmãos, e eu tenho para mim que é verdadeiro pecado casar com um parente.

Leonato *(dirigindo-se a Hero)* – Filha, lembra o que eu te disse: se o Príncipe vier te procurar com esse propósito, tu sabes que resposta dar.

Beatriz – A culpa terá sido da música, prima, se não fores cortejada no tempo certo. Se o Príncipe mostrar-se por demais inoportuno, diz-lhe que em tudo é preciso usar um compasso moderado e, nessa fuga, tua réplica será com passos de dança. Pois, ouve-me, Hero: namorar, casar e arrepender-se é como dançar primeiro a jiga escocesa, depois o minueto, e por fim a pavana. Os primeiros passos da conquista são abrasadores e impetuosos como uma jiga escocesa, e tão fortes quanto fantasiosos; o matrimônio é contido em seus gestos recatados, como um minueto carregado de pompa, imponência e tradição; e então chega o arrependimento e, já de pernas bambas, vai quebrando o ritmo da pavana e afunda rápido, e cada vez mais rápido, na própria sepultura.

Leonato – Tu és minha parente, e percebes a passagem do tempo com surpreendente acuidade.

Beatriz – Tenho boa visão, meu tio; consigo enxergar uma igreja à luz do dia.

Leonato – Os foliões estão chegando, meu irmão; vamos fazer espaço para eles.

Leonato e os homens que o acompanham colocam suas máscaras.

Entram o Príncipe Dom Pedro, Cláudio, Benedicto, Baltasar, Borracho, Dom John e Outros, todos mascarados, com um toque de tambor anunciando-os.

Dom Pedro *(dirigindo-se a Hero)* – Senhorita, gostaria de andar uns passos desta pavana com este seu admirador?

Hero – Contanto que o senhor ande com passos suaves, a tudo olhe com doçura e nada comente, sou sua para esse passeio, e especialmente quando eu passear para longe daqui.

Dom Pedro – Comigo em sua companhia?

Hero – Poderei consentir nisso, quando me aprouver.

Dom Pedro – E quando lhe aprouverá consentir?

Hero – Quando eu me agradar de sua expressão, pois Deus nos livre de olhar o estojo e enxergar o alaúde!

Dom Pedro – Minha máscara é o telhado de Filemão; e dentro da casa está Júpiter.

Hero – Ora, mas então sua máscara deveria ser de sapé.

Dom Pedro – Se a senhorita está falando de amor, fale baixo.

Eles se afastam dos outros.

Baltasar – Bem, eu queria muito que a senhorita gostasse de mim.

Margarete – Pois eu não, e isso pelo seu próprio bem, pois tenho muitos defeitos.

Baltasar – Qual seria um deles?

Margarete – Digo minhas orações em voz alta.

Baltasar – Isso me faz amá-la ainda mais; quem a ouve rezando pode gritar "Amém".

Margarete – Que Deus me dê um par que seja bom dançarino!

Baltasar – Amém!

Margarete – E que Deus o mantenha longe de minha vista quando terminar a dança! Responda, sacristão.

Baltasar – Chega de palavras; o sacristão já tem sua resposta.

Eles se afastam dos outros.

Úrsula – Eu lhe conheço muito bem, e sei que é o Signior Antônio.

Antônio – Respondo-lhe que não sou.

Úrsula – Eu o reconheço pelo seu jeito de balançar a cabeça.

Antônio – É que, na verdade, eu estou imitando ele.

Úrsula – O senhor não poderia imitá-lo tão mal, a menos que fosse o próprio. Aqui temos a mão encarquilhada dele, de um lado e de outro, de alto a baixo. O senhor é ele. O senhor é ele.

Antônio – Numa palavra: não.

Úrsula – Ora, vamos, então o senhor acha que não sei reconhecê-lo por suas tiradas espirituosas, ótimas? Pode a virtude esconder-se? Deixe-se disso e, agora, silêncio: o senhor é ele. Sua elegância e delicadeza vão se mostrar, e aí termina a farsa.

Eles se afastam dos outros.

Beatriz – O senhor não vai me dizer quem lhe disse isso?

Benedicto – A senhorita vai me perdoar, mas não.

Beatriz – E o senhor também não vai me dizer quem o senhor é?

Benedicto – Agora não.

Beatriz – Que sou desdenhosa, que minhas boas tiradas irônicas saem das "Cem Histórias Alegres"... bem, foi o Signior Benedicto quem disse isso.

Benedicto – Quem é ele?

Beatriz – Estou certa de que o senhor o conhece muito bem.

Benedicto – Eu não, acredite-me.

Beatriz – Ele nunca o fez rir?

Benedicto – Peço-lhe que me diga: quem é ele?

Beatriz – Ora, ele é o bobo da corte, um palhaço muito sem graça; seu único talento está em engendrar calúnias impossíveis. Só os irresponsáveis e os frívolos acham graça nele, e elogiam-no não por seu senso de humor refinado, mas por suas baixarias; pois ele entretém os homens, e os deixa furiosos, e então eles se riem dele, e dão-lhe uma surra. Com certeza ele está entre os navegadores

dessa frota; gostaria que tivesse me abordado.

Benedicto – Quando eu conhecer o cavalheiro, direi a ele o que a senhorita me disse.

Beatriz – Sim, faça isso, e ele vai fazer troça de mim e vai me arremedar uma ou duas vezes, depois do que, se porventura ninguém tiver notado, ou se ninguém tiver rido, ele entra em estado de melancolia; e assim poupa-se uma asinha de perdiz, pois o Bobo não vai querer jantar hoje à noite. *(Música.)* Temos de seguir os passos de quem nos guia.

Benedicto – Em todas as boas coisas.

Beatriz – Mas é claro. Se eles nos guiarem na direção do mal, eu os abandono no próximo giro.

Dançam. Saem todos, menos Dom John, Borracho e Cláudio.

Dom John – Certo é que meu irmão está caído de amores por Hero, e já retirou-se com o pai da moça para informá-lo de que está fazendo a corte à filha. As damas acompanham Hero, e apenas um mascarado permanece no salão.

Borracho – É Cláudio. Posso reconhecê-lo por seu porte.

Dom John – O senhor não é o Signior Benedicto?

Cláudio – O senhor me conhece bem; sou ele, sim.

Dom John – Signior, meu irmão o tem muito próximo de si em seu coração. Ele está enamorado de Hero; eu lhe peço, convença meu irmão de desistir dela, que ela não tem tanto berço quanto ele. O senhor pode, nessa história, desempenhar o papel de um homem de bem.

Cláudio – Como sabe o senhor que ele a ama?

Dom John – Eu o ouvi jurar-lhe afeição.

Borracho – E também eu ouvi, e ele prometeu casar-se com ela esta noite.

Dom John – Vamos lá. Ao banquete de sobremesas!

[Saem Dom John e Borracho.]

Cláudio – Assim respondo eu em nome de Benedicto, mas ouço essas más notícias com os ouvidos de Cláudio. Uma coisa é certa: o Príncipe faz a corte a Hero em causa própria. A amizade é constante em todas as outras coisas, mas nunca no ofício e nas artes do amor. Então, que os corações apaixonados usem sua própria língua; cada olhar que negocie por si próprio, sem confiar em intermediários; pois a beleza é uma feiticeira, e contra os seus encantamentos não há fé que resista, pois que esta se derrete no sangue. Este é um daqueles acidentes que se dão a toda hora, e do qual não desconfiei. Adeus, então, Hero!

Entra Benedicto.

Benedicto – Conde Cláudio?

Cláudio – Sim, o próprio.

Benedicto – Vamos. Tu vens comigo?

Cláudio – Aonde?

Benedicto – Até o próximo salgueiro, para tratarmos de assunto do teu interesse, meu Conde. De que jeito queres usar tua grinalda?2 Quem sabe no pescoço, como as correntes de ouro dos usurários? Ou caindo do ombro em diagonal sobre o peito, como a faixa de um tenente? Vais ter de usá-la de algum modo, pois o Príncipe ganhou a tua Hero.

Cláudio – Desejo que ele dela desfrute.

Benedicto – Ora, mas e não é que estás falando como um desses simpáticos comerciantes de gado que querem mais é ver o freguês satisfeito com a mercadoria? Assim é que eles vendem novilhos. Pensaste mesmo que o Príncipe seria capaz de te maltratar desse modo?

Cláudio – Peço-te, deixa-me em paz.

Benedicto – *Arrá*, então agora tu me atacas como o homem cego daquela história: o rapaz rouba-te a carne, e tu, num impulso, acabas te chocando contra um poste de pedra.

Cláudio – Já que não me deixas em paz, retiro-me eu de tua presença.

[Sai.]

Benedicto – Ai, ai, ai, pobre pássaro ferido; agora vai esconder-se nas junças. Mas, e a minha Lady Beatriz, que me conhece tão bem e nem mesmo me reconhece. Bobo da corte! *Hãrrã*, pode ser que faça jus a esse título porque sou alegre. Sim, é isso, mas e também com isso o que faço é uma injustiça comigo mesmo. Não tenho tal reputação; é a inclinação ignóbil, porém amarga, dessa Beatriz que encaixa o mundo inteiro em sua própria pessoa e que por isso me proclama um bobo. Pois bem; vou arranjar um jeito de vingar-me.

Entram o Príncipe Dom Pedro, Hero e Leonato.

Dom Pedro – Agora, signior, onde está o Conde? Por acaso viste Cláudio?

Benedicto – Na verdade, milorde, há pouco fiz o papel de Madame Boataria. Encontrei-o aqui, melancólico como uma toca num viveiro de coelhos. Contei-lhe, e acredito ter lhe contado a verdade, que Vossa Graça granjeou a afeição desta jovem dama, e ofereci-lhe minha companhia até que chegássemos a um salgueiro, fosse para fazer-lhe uma guirlanda, por ter sido abandonado, fosse para fazer-lhe um açoite, por ser ele merecedor de uns laçaços.

Dom Pedro – Merecedor de uns laçaços? Que fez ele de errado?

Benedicto – A mais rematada transgressão de um menino na escola: transbordando de felicidade por haver encontrado um ninho de passarinhos, mostra-o ao seu colega, que lhe rouba o ninho.

Dom Pedro – Tomas por transgressão um ato de confiança? A transgressão está no gatuno.

Benedicto – E, no entanto, não teriam sido feitos em vão nem o açoite nem a guirlanda, pois ele próprio teria usado a guirlanda e poderia ter vos aplicado o açoite em vós, que, pelo que entendi, roubou-lhe o ninho de passarinhos.

Dom Pedro – Vou tão somente ensinar-lhes a cantar, e então eu os devolvo ao seu dono.

Benedicto – Se o canto deles responder a isso que me afirmais, então, por minha fé, vós falais honestamente.

Dom Pedro – A dama Beatriz tem uma queixa contra ti; o cavalheiro com quem ela dançou contou-lhe que tu a caluniaste.

Benedicto – Ah, mas ela me maltratou além da conta, mais do que um cabeça-dura suportaria! Um carvalho que tivesse só uma última e única folha verde teria revidado. Minha própria máscara começou a criar vida, para poder xingá-la. Ela me disse, pensando que eu não fosse eu, que eu era o bobo da corte, sujeito mais aborrecido que um dia de chuva incessante, mandando e amontoando gracejo em cima de gracejo com tal destreza, e tudo tão inacreditável, que lá estava eu, posicionado como o sujeito que toma conta do alvo, com um exército inteiro atirando contra mim. Ela tem a língua

afiada: cada palavra é um punhal, e fere fundo. Respirasse ela de modo tão terrível como se refere a mim e não haveria vida ao redor dela; ela infectaria a Estrela Polar. Eu não me casaria com ela, nem que seu dote fosse tudo o que Adão deixou para trás quando desobedeceu. Ela teria feito de Hércules um reles serviçal, obrigando-o a ficar virando o espeto do assado, isso, e a rachar sua clava para fazer o fogo também. Vamos, não me faleis dela; descobrireis que é a infernal Ateia numa bela roupagem. Quisera Deus algum ilustre sábio exorcizasse-a, pois com certeza, enquanto ela estiver aqui, um homem pode viver no inferno com tanta paz como se estivesse num santuário, e as pessoas cometem pecados de propósito, pois desejam ir para o inferno, porque, na verdade, acompanham-na a inquietação, o horror e a perturbação.

Entram Cláudio e Beatriz.

Dom Pedro – Olha, aí vem ela.

Benedicto – Vossa Graça, peço-vos, mandai-me em alguma incumbência para o fim do mundo. Vou agora mesmo até os Antípodas, faço qualquer servicinho que vós conseguirdes imaginar para mim. Eu vos busco um palito, agora, do mais longínquo cantinho da Ásia; eu vos trago as medidas do pé do Presbítero João; vou e volto com um fio da barba do Grande Khan para vós; eu vos represento em qualquer embaixada junto aos Pigmeus. Qualquer coisa é melhor que uma conferência de três palavras com essa harpia. Vós não teríeis, milorde, algum serviço para mim?

Dom Pedro – Nada; mas desejo a tua boa companhia.

Benedicto – Ah, meu Deus! Milorde, aqui temos um prato que não me apetece. Não consigo tolerar a minha Senhorita Língua.

[Sai.]

Dom Pedro – Vamos, senhorita, calma. A senhorita perdeu o coração do Signior Benedicto.

Beatriz – Deveras, milorde: aquele senhor emprestou-me o seu coração por algum tempo, e por ele eu paguei juros, e entreguei-lhe o meu coração em dobro, em troca daquele coração avulso. Então, realmente: se antes ele me ganhou o coração com dados viciados, Vossa Graça pode muito bem dizer agora que eu o perdi.

Dom Pedro – A senhorita derrubou o Signior Benedicto, Lady Beatriz. A senhorita levou-o ao chão.

Beatriz – Não quero eu que ele me faça o mesmo, milorde, a menos que quisesse eu ser a rainha dos bobalhões. Trouxe comigo o Conde Cláudio, a quem vós me pedistes que procurasse.

Dom Pedro – Mas, então, o que é isso, Conde? Por que estás triste?

Cláudio – Não é triste, milorde.

Dom Pedro – O que é, então? Estás doente?

Cláudio – Nem um, nem outro, milorde.

Beatriz – O Conde não está nem triste, nem doente, nem alegre, e tampouco está passando bem; mas é um Conde civil e civilizado, polido como uma laranja ainda verde... de ciúmes.

Dom Pedro – De fato, senhorita, penso que sua ornamentada descrição é bastante fiel à verdade, embora eu possa jurar: se ele está com ciúmes, é por uma ideia falsa. Chega-te para cá, Cláudio. Fiz a corte em teu nome, e a bela Hero está conquistada. Contei as novas ao pai da moça e obtive dele o consentimento. Marca o dia do casamento, e que Deus te abençoe com muitas alegrias!

Leonato – Conde, receba de mim a minha filha, e com ela minha fortuna. Vossa Graça nosso Príncipe

foi quem tramou o enlace, e a Graça Divina disse "Amém".

Beatriz – Fale, Conde, é a sua deixa.

Cláudio – O silêncio é o mais perfeito arauto da felicidade. Eu estaria pouco feliz, se conseguisse dizer o quanto. Minha senhorita, assim como você é minha, eu sou seu; doo-me por completo para você, e loucamente enamoro-me dessa troca.

Beatriz – Fala, prima, ou então, se não consegues falar, cerra-lhe a boca com um beijo, que assim tu o impedes de falar também.

Dom Pedro – Por minha fé, Lady Beatriz, a senhorita tem um coração alegre.

Beatriz – Sim, milorde, e a ele sou agradecida, este pobre tolo; protege-me da ventania das preocupações. Minha prima sussurra ao ouvido do Conde que ele está em seu coração.

Cláudio – É isso mesmo, prima.

Beatriz – Meu bom Deus! Mais um parente! Mais uma aliança unindo cada dois, como em todo o mundo, menos eu, e minha pele está queimada do sol. Não sou lindamente pálida, tenho mais é de sentar-me a um canto e gritar, implorando por um marido, qualquer um.

Dom Pedro – Lady Beatriz, eu vou lhe arranjar um.

Beatriz – Preferia que fosse um da produção de vosso pai. Não teríeis Vossa Graça um irmão parecido? Vosso pai gerou excelentes maridos, se uma donzela pudesse deles chegar-se perto.

Dom Pedro – Deseja ter-me por esposo, senhorita?

Beatriz – Não, milorde, a menos que eu pudesse ter outro para os dias de semana; Vossa Graça sois valioso demais para o uso diário. Mas suplico a Vossa Graça: perdoai-me; nasci para falar todo tipo de tolice, e nada de sensato.

Dom Pedro – Seu silêncio sim é que me ofenderia, e ser alegre cai-lhe muito bem, pois não há como duvidar que a senhorita nasceu em uma hora alegre.

Beatriz – Com certeza que não, milorde; minha mãe gritava e chorava; mas então uma estrela dançou no céu, e foi sob essa estrela que eu nasci. Primos, que Deus lhes dê alegria!

Leonato – Sobrinha, tu vais tomar conta daquelas coisas de que te falei?

Beatriz – Peço-lhe desculpas, meu tio. Com a licença de Vossa Graça.

[Sai.]

Dom Pedro – Por minha fé, eis aí uma dama de esplêndido humor.

Leonato – Pouco há do elemento da melancolia nela, milorde; jamais está triste, a não ser quando dorme, e, mesmo assim, não é sempre, pois já ouvi minha filha contar que muitas vezes ela sonhou com infelicidades e acordou-se com risadas.

Dom Pedro – Não tolera que lhe falem de marido.

Leonato – Ah, mas de jeito nenhum. Ela zomba de todos os seus admiradores; nenhum deles presta.

Dom Pedro – Daria uma excelente esposa para Benedicto.

Leonato – Ai, Senhor! Milorde, ficassem eles uma semana casados, um enlouqueceria o outro de tanto falar.

Dom Pedro – Conde Cláudio, quando tencionas ir à igreja?

Cláudio – Amanhã, milorde; o tempo move-se de muletas até que o amor preencha todos os seus ritos.

Leonato – Não até segunda-feira, meu querido filho, que é daqui a sete dias apenas, e tempo curto demais ainda por cima, para que tudo corra de acordo com minha vontade.

Dom Pedro – Ora, vamos, tu abanas a cabeça diante de tão longa espera, mas eu te garanto, Cláudio, não precisarás prender a respiração até lá: esse tempo não nos será tedioso. Nesse ínterim, proponho-me a empreender um dos trabalhos de Hércules, qual seja, juntar Signior Benedicto e Lady Beatriz numa montanha de afeição mútua. Resultar daí um casamento é o que me deixaria satisfeito, e não tenho dúvidas de poder moldar uma tal união, se vocês três me prestarem a assistência de que preciso, conforme minhas instruções.

Leonato – Milorde, estou ao vosso dispor, nem que isso me custe dez noites sem dormir.

Cláudio – Também eu, milorde.

Dom Pedro – E a senhorita também, gentil Hero?

Hero – Todos os meus modestos préstimos poderão ser usados, milorde, para ajudar minha prima a conseguir um bom marido.

Dom Pedro – E Benedicto não é noivo dos menos promissores que conheço. Até certo ponto posso até mesmo elogiá-lo: é de nobre caráter, de notório valor e de comprovada honradez. Eu a ensinarei, senhorita, a predispor sua prima a apaixonar-se por Benedicto; e eu *(dirigindo-se a Leonato e Cláudio)*, com a ajuda de vocês dois, vou manejar Benedicto de tal forma que, apesar de suas tiradas rápidas e de seu estômago enjoado, ele se apaixonará por Beatriz. Se soubermos fazer isso, Cupido deixa de ser um arqueiro; sua glória será nossa, pois seremos os únicos deuses do amor. Vamos andando comigo, e eu lhes conto de minhas intenções.

[Saem.]

CENA II

Um outro aposento na casa de Leonato.

Entram Dom John e Borracho.

Dom John – É isso mesmo, o Conde Cláudio deve casar-se com a filha de Leonato.

Borracho – Sim, milorde, mas eu posso dar um jeito de frustrar esse casamento.

Dom John – Qualquer obstáculo, qualquer entrave, qualquer impedimento será medicinal para mim. Estou doente de desgosto por causa dele, e tudo o que lhe atravancar a vontade alinha-se instantaneamente comigo. Como podes pôr a perder esse casamento?

Borracho – Não de modo honesto, milorde, mas de modo tão escamoteado que nenhuma desonestidade será detectada em mim.

Dom John – Agora, em poucas palavras, diz-me como.

Borracho – Penso que contei ao senhor, milorde, há coisa de um ano, como sou benquisto por Margarete, a dama de companhia de Hero.

Dom John – Estou lembrado.

Borracho – Eu posso, a qualquer hora da noite, mesmo a mais inconveniente, marcar com ela pra que apareça à janela do quarto de sua ama.

Dom John – E que força vital tem isso para determinar o óbito desse casamento?

Borracho – O veneno da coisa está em o senhor saber misturar os ingredientes. Procure o Príncipe seu irmão; não poupe palavras ao contar-lhe que ele agiu contra a própria honra arranjando para o renomado Cláudio (cujo valor e reputação o senhor vigorosamente enaltecerá) uma isca para amarrar-se a uma bela bisca como essa Hero, mulher manchada.

Dom John – E que provas posso oferecer de uma coisa dessas?

Borracho – Prova suficiente para iludir o Príncipe, para deixar Claúdio arrasado, para destruir Hero e matar Leonato. E o senhor desejaria algo mais?

Dom John – Se é para descarregar minha maldade sobre eles, eu sou capaz de qualquer coisa.

Borracho – Faça isto, então: acerte comigo uma hora conveniente para o senhor ter um particular com Dom Pedro e o Conde Cláudio. Diga-lhes que o senhor está sabendo que Hero está apaixonada por mim. Mostre-se zeloso pelos dois, o Príncipe e Cláudio, como se tivesse amor à honra de seu irmão, que arranjou esse casamento, e à reputação do amigo de seu irmão, que assim está prestes a ser lesado com a aparência de uma donzela; por isso é que o senhor está lhes revelando tal coisa. Eles dificilmente acreditarão nisso sem provas; ofereça-lhes a evidência, que não será nada menos que a probabilidade de me verem à janela do quarto da senhorita, escutando-me chamar Margarete de Hero, escutando Margarete chamar-me de Cláudio. Traga-os para presenciar isso bem na noite da véspera da boda pretendida, pois neste meio tempo conduzirei a questão de tal modo que Hero estará ausente; e surgirá com tal aparência de verdade a traição de Hero, que uma desconfiança torna-se certeza e as preparações para o casamento estarão arruinadas.

Dom John – Tenha as consequências adversas que tiver, colocarei o plano em prática. E você, seja astuto ao preparar isso, e mil ducados será sua gratificação.

Borracho – Mantenha-se o senhor constante em suas acusações, e minha astúcia não me envergonhará.

Dom John – Vou tratar agora mesmo de me informar sobre a data do casamento.

[Saem.]

CENA III

Nos jardins da propriedade de Leonato.

Entra Benedicto, sozinho.

Benedicto – Rapaz!

Entra o Pajem.

Pajem – Signior?

Benedicto – Na janela de meu quarto tem um livro; busca-o para mim, aqui no pomar.

Pajem – Eu já estou aqui, senhor.

Benedicto – Eu sei, mas preciso que tu vás até lá e voltes para cá. *(Sai o Pajem.)* Deixa-me perplexo que um homem, ao ver o quanto um outro homem fica bobo quando devota suas ações ao amor, e depois de haver ridicularizado essas loucuras superficiais nos outros, torna-se, ele mesmo, o tema de seu próprio menosprezo ao apaixonar-se; e Cláudio é esse homem. Conheço-o de quando para ele não havia outra música que a dos tambores e dos pífanos, e agora ele prefere escutar o tamboril e a

flauta. Conheço-o de quando teria andado dez milhas a pé, só para ver uma boa armadura, e agora ele é capaz de passar dez noites em claro só para inventar o modelo de um novo gibão. Tinha o costume de falar claro e ir direto ao ponto, como um homem de bem, como um soldado, e agora ele é a gramática ambulante, e pedante: suas palavras são um banquete fantasioso, feito de muitos pratos exóticos. Será que eu poderia ser assim convertido e passar a enxergar com tais olhos? Não sei dizer; acho que não. Não posso jurar que o amor não vá me transformar em uma ostra, mas um juramento posso fazer sobre esta questão: até que o amor tenha feito de mim uma ostra, ele jamais fará de mim um paspalhão desses que se vê por aí. Uma mulher pode ser linda, e eu fico firme; outra pode ser inteligente, e eu fico firme; uma outra pode ser virtuosa, e eu fico firme; até que todas as boas graças estejam em uma só mulher, não há uma só mulher que caia nas minhas boas graças. Terá de ser rica, isso é certo; inteligente, ou não me interessa; virtuosa, pois do contrário não faço proposta de contrato com ela; formosa, porque se não, nem a olho na cara; suave, porque se não, nem a deixo chegar perto de mim; de nobre valor, como eu, ou... nem que fosse um anjo, não teria valor para mim; terá uma conversa agradável, saberá tocar música como ninguém, e seu cabelo será... da cor que Deus quiser. *Arrá*! Aí vêm o Príncipe e Monsieur L'Amour! Vou me esconder ali no caramanchão.

[Retira-se.]

Entram o Príncipe Dom Pedro, Leonato, Cláudio, e Baltasar, com música.

Dom Pedro – Então, vamos lá, que tal ouvirmos essa música?

Cláudio – Sim, meu bom Príncipe. E como está parada a noite! Como se tivesse silenciado de propósito para favorecer a melodia.

Dom Pedro – Viste onde Benedicto escondeu-se?

Cláudio – Vi muito bem, milorde. No que terminar a música, essa nossa raposa velha vai começar a receber o que merece.

Dom Pedro – Vamos lá, Baltasar, queremos ouvir essa música de novo.

Baltasar – Ah, meu bom Príncipe, não queirais impor a uma voz tão ruim a tarefa de estragar essa canção mais de uma vez.

Dom Pedro – Mascarar a própria perfeição sempre é testemunho de excelência. Peço-te por favor que cantes, e não me faças implorar como um namorado.

Baltasar – Uma vez que vós falais de namoro, cantarei, já que muitos dos que fazem a corte a uma dama dão início ao namoro mesmo sem considerá-la digna; e, assim mesmo, ele a corteja; e, assim mesmo, ele jura que lhe tem amor.

Dom Pedro – Sim, peço-te, vamos lá, começa de uma vez, ou então, se queres discursar mais longamente, põe isso em notas.

Baltasar – Mas, antes de minhas notas, tomai nota do seguinte: não há uma única nota minha que seja notável, e sequer digna de nota.

Dom Pedro – Ora, mas o homem fala em colcheias dentro de colchetes! Notar só as notas, deveras, é o mesmo que não notar nada!

[Música.]

Benedicto *(à parte)* – Que soprem os acordes divinos! Isso, agora, sim, a alma dele deixou-se

arrebatar! Não é esquisito pensar que umas tripas de carneiro conseguem elevar o espírito, transportá-lo para fora do corpo do homem? Pois bem, quando isso tudo tiver acabado, vou comprar mas é uma corneta de caça para mim.

A canção.

Baltasar –

Chega de suspiros, senhoritas, chega de tanto
[suspirar,
Que os homens sempre foram mestres em enganar:
Eles têm um pé em terra firme, e o outro pé está
[no mar,
Constantes a uma coisa só eles não serão jamais.
Portanto, não suspirem, mas deixem, deixem que
[eles se vão
E sejam vocês, senhoritas, saudáveis, belas e joviais
E transformem todos os sons de mágoas e aflição
Em larilás, dumdiduns, e outras mais coisas tais
Chega de cantilenas, chega de tantas vezes cantar
Sobre sombria melancolia, tristezas e tanto pesar;
Da fraude que são os homens não há como escapar
Desde que o verão primeiro fez uvas nos parreirais.
Portanto, não suspirem, mas deixem, deixem que
[eles se vão
E sejam vocês, senhoritas, saudáveis, belas e joviais
E transformem todos os sons de mágoas e aflição
Em larilás, dumdiduns, e outras mais coisas tais

Dom Pedro – Por minha fé, que bela música.

Baltasar – E que músico ruim, milorde.

Dom Pedro – Não, nada disso; na verdade, tu cantas suficientemente bem para uma apresentação.

Benedicto *(à parte)* – Fosse ele um cão que tivesse uivado desse jeito, e mandavam enforcá-lo. Quanto a mim, só peço a Deus que essa voz horrorosa não seja mau agouro, prenúncio de desgraças. De bom grado eu teria escolhido escutar o corvo que só sabe grasnar à noite, viesse o que viesse de praga sobre nós depois disso.

Dom Pedro – Sim, deveras, tu estás me escutando, Baltasar? Eu te peço que nos brinde com música nada menos que excelente, pois amanhã à noite teremos serenata à janela do quarto de Lady Hero.

Baltasar – Farei o melhor possível, milorde.

Dom Pedro – Pois então faze-o. Agora, adeus. *(Sai Baltasar.)* Venha cá, Leonato. Que conversa foi aquela que o senhor teve comigo hoje, sobre a sua sobrinha Beatriz estar apaixonada pelo Signior Benedicto?

Cláudio – Ah, isso! *(À parte, dirigindo-se a Dom Pedro:)* Silêncio, cuidado na aproximação, pois a ave de nossa caça pousou. – Jamais imaginei que Lady Beatriz pudesse amar um homem.

Leonato – Nem eu! Mas o mais surpreendente é ela ficar assim louca de amores justo pelo Signior Benedicto, por quem ela demonstrava, em todas as ações aparentes, sempre, verdadeiro asco, total aversão.

Benedicto *(à parte)* – Será possível? Estará o vento me soprando desde este quadrante?

Leonato – Por minha fé, milorde, nem sei o que pensar disso; só posso dizer-vos que, se ela o ama com frenesi, presa de uma afeição insensata, é algo que vai além de qualquer pensamento cabível, e incabível também.

Dom Pedro – Talvez ela esteja só fingindo.

Cláudio – De fato; é bem possível.

Leonato – Ah, meu Deus! Fingindo? Pois eu digo que jamais houve paixão fingida que se aproximasse tanto de uma paixão sentida como esta que ela demonstra.

Dom Pedro – Ora, e ela tem dado mostras de que sintomas de paixão?

Cláudio *(à parte)* – Põe-se boa isca no anzol, e o peixe morde.

Leonato – Que sintomas, milorde? Ela me fica sentada, parada... *(Dirigindo-se a Cláudio:)* Você ouviu minha filha contando-lhe em que estado.

Cláudio – Ela me contou, sim.

Dom Pedro – Mas, em que estado, em que estado? Eu lhe peço, conte-me. O senhor me surpreende, pois eu imaginava o espírito de Lady Beatriz invencível, escudado contra toda e qualquer investida amorosa.

Leonato – Pois eu podia jurar que era assim, milorde, especialmente contra Benedicto.

Benedicto *(à parte)* – Eu pensaria que isso é uma armação, não fosse quem fala o sujeito de barba branca. Uma cafajestada com certeza não pode esconder-se por trás de tanta dignidade.

Cláudio *(à parte)* – Ele se deixou contaminar; vamos adiante.

Dom Pedro – Ela já declarou sua afeição a Benedicto?

Leonato – Não, e jura que jamais o fará; e este é o seu tormento.

Cláudio – Isso é bem verdade, e eis o que me diz a sua filha, senhor: "Como poderia eu", diz ela, "que tantas vezes fui ao encontro dele com escárnio, escrever-lhe para dizer que o amo?".

Leonato – Isso ela diz agora, sempre que começa a escrever para ele, pois levanta-se da cama vinte vezes por noite, e lá fica ela, sentada, de camisola, até encher de palavras uma folha de papel inteirinha, e grande como lençóis. Minha filha conta-nos tudo.

Cláudio – Agora que o senhor mencionou um papel grande como lençóis, lembrei-me de uma coisa engraçada que sua filha me contou.

Leonato – Ah, sim: quando ela terminou de escrever, e está relendo a carta, ela encontra "Benedicto" e "Beatriz" no meio dos lençóis. É isso?

Cláudio – Isso mesmo.

Leonato – Ah, ela rasgou a carta em mil pedaços e ralhou consigo mesma por ser tão vulgar a ponto de escrever para alguém que ela sabia que iria desprezá-la. "Calculo a reação dele", disse ela, "por minha própria conduta, pois eu zombaria dele se me escrevesse; sim, apesar do amor que sinto por ele, eu dele escarneceria."

Cláudio – Então ela cai de joelhos, chora, soluça, bate no peito, arranca os cabelos, reza e blasfema: "Ah, meu querido Benedicto! Deus, dai-me paciência!".

Leonato – Assim ela faz, pelo que diz minha filha, e esse arrebatamento nervoso oprime-a de tal forma que minha filha por vezes receia que ela vá tomar uma atitude ultrajante e desesperada contra si mesma. É a pura verdade.

Dom Pedro – Seria bom Benedicto ficar sabendo disso por intermédio de alguém, já que ela se recusa a revelar esse amor.

Cláudio – Com que objetivo? Ele faria disso um passatempo, e atormentaria ainda mais a pobre dama.

Dom Pedro – Se a tal ele se atrevesse, enforcá-lo seria um ato de caridade. Ela é uma doce dama, uma excelente alma e, sendo como é, mulher acima de qualquer suspeita, é senhorita virtuosa.

Cláudio – E muito inteligente.

Dom Pedro – Em tudo, menos em seu amor por Benedicto.

Leonato – Ah, milorde, inteligência e paixão guerreando em um corpo tão delicado, sabe-se que, para cada caso em que vence a razão, há dez casos em que o coração é vitorioso. Tenho pena dela, e por justa causa, pois, além de tio, sou seu tutor.

Dom Pedro – Quisera eu estivesse ela tomada de amores por mim; eu teria me despido de todas as outras considerações e faria dela metade de mim. Peço-lhe que exponha esse assunto a Benedicto e escute o que ele tem a dizer.

Leonato – Pensais que isso seria o melhor a se fazer?

Cláudio – Hero acredita piamente que ela morrerá; pois ela diz que morrerá se ele não a ama, e prefere morrer a declarar a ele seu amor, e morrerá se ele vier cortejá-la, pois não deseja ela subtrair nem um único suspiro de seu habitual mau humor.

Dom Pedro – Faz ela muito bem: se ela viesse a oferecer-lhe o seu amor, é bem possível que ele viesse a menosprezá-lo, pois o homem, como vós todos sabeis, tem um espírito desdenhoso.

Cláudio – Ele é um belo homem.

Dom Pedro – Deveras, ele tem uma estampa que não é de se jogar fora.

Cláudio – Perante Deus, e a meu ver, muito inteligente.

Dom Pedro – Deveras, ele tem mesmo algumas tiradas que parecem ser inteligentes.

Cláudio – E tenho para mim que é homem de coragem.

Dom Pedro – Como Heitor, metido a valentão, eu vos asseguro que é no manejo de brigas que se pode dizer que ele é inteligente, pois ou ele as evita com grande discrição, ou delas ele participa com um temor muito cristão.

Leonato – Se ele teme a Deus, deve necessariamente manter a paz; se for para infringir a paz, ele precisa entrar numa briga com temores e tremores.

Dom Pedro – E assim ele faz, pois o homem teme a Deus, apesar de não parecer, dadas as pilhérias que ele faz sobre o assunto, naquele seu jeito folgado. Bom, tenho é pena de sua sobrinha. Que tal procurarmos Benedicto e contar-lhe sobre o amor que ela lhe tem?

Cláudio – Não devemos jamais contar, milorde. Deixemos Lady Beatriz descartar esse amor através dos conselhos de seu próprio coração.

Leonato – Impossível; antes disso acontecer, ela já teria descartado o próprio coração.

Dom Pedro – Bem, de qualquer modo estaremos a par desse assunto por intermédio de sua filha; deixemos isso de lado por enquanto. Gosto demais de Benedicto, e meu desejo seria que ele se examinasse a si mesmo com toda a humildade, para ver o quanto ele não merece mulher tão boa como essa dama.

Leonato – Milorde, quem sabe nós não vamos andando? O jantar está pronto.

Cláudio *(à parte)* – Se ele não cair de amores por ela depois de tudo isso, nunca mais confio em minhas expectativas.

Dom Pedro *(à parte)* – Que a mesma rede seja armada para ela, rede essa que sua filha, auxiliada por suas damas de companhia, fica encarregada de preparar. O divertido será ver quando cada um estiver acreditando que o outro lhe tem irrefreável amor, e nada disso existe; essa é a cena que eu desejo ver, sem dúvida nada além de uma pantomima. Vamos mandar Lady Beatriz chamar o Signior Benedicto para o jantar.

[Saem Dom Pedro, Cláudio e Leonato.]

Benedicto *(chegando-se para a frente)* – Isso não pode ser uma brincadeira. Essa foi uma conferência que se deu com toda a seriedade. Eles sabem que isso é verdade por meio de Hero. E parece que eles têm pena da dama; pelo jeito, os sentimentos dela atingiram seu máximo. Ela me ama, a mim? Ora, mas esse é um afeto que precisa ser retribuído. Escutei muito bem o que pensam a meu respeito. Dizem que me será motivo de orgulho perceber o amor que ela me devota; dizem também que ela prefere morrer a dar-me qualquer sinal de afeição. Jamais pensei em casar-me. Não devo portar-me de modo arrogante. Felizes os que conseguem ouvir seus detratores e, com isso, passam a retratar-se. Dizem que a dama é formosa; aí está uma verdade, e dela sou testemunha. Dizem que a dama é virtuosa; é fato, e não tenho como desmenti-lo. Dizem que a dama é inteligente, com a exceção de que me ama; por minha fé, claro que me ter amor não acrescenta nada à inteligência dela, mas também não é argumento para mostrar que a dama é doida, pois vou apaixonar-me doidamente por ela. Pode ser que eu venha a sofrer de algumas recaídas aqui e ali, e também por alguns resquícios de minha própria ironia que venham a jogar contra mim, uma vez que por tanto tempo fiz campanha contra o casamento. Mas não é verdade que o apetite modifica-se com a idade? Na juventude, o homem adora a carne que não aguenta na velhice. Podem os sofismas e os provérbios e esses tiros de festim do cérebro intimidar um homem a ponto de mudar o curso de seus humores? Não, o mundo tem de ser povoado. Quando eu disse que morreria solteirão, não pensava que viveria até ter a oportunidade de me casar. Aí vem Beatriz. Pelo sol que ilumina este dia, que linda mulher! Vejo nela alguns sinais de amor.

Entra Beatriz.

Beatriz – Contra minha vontade, mandaram-me avisá-lo que está na hora do jantar.

Benedicto – Formosa Beatriz, agradeço-lhe ter se dado a esse incômodo.

Beatriz – Não me foi incômodo fazer algo para receber seus agradecimentos... não mais que o incômodo que lhe foi agradecer-me. Tivesse eu me sentido incomodada, não teria vindo.

Benedicto – A senhorita então achou prazeroso vir dar-me esse aviso?

Beatriz – Claro, tanto quanto alguém pode achar prazeroso silenciar uma gralha a ponta de faca. O senhor não está com vontade de jantar. Adeus, passar bem.

[Sai.]

Benedicto – Arrá! "Contra minha vontade, mandaram-me avisá-lo que está na hora do jantar." Existe um duplo sentido nisso. "Não me foi incômodo fazer algo para receber seus agradecimentos... não mais que o incômodo que o senhor teve em agradecer-me." Isso é o mesmo que dizer: "Todo e qualquer incômodo que eu passar por sua causa é tão fácil como dizer 'obrigada' ". Se eu não tiver compaixão por essa moça, estarei sendo um cafajeste; se eu não lhe tiver amor, estarei sendo um desalmado dum judeu. Vou pegar o retrato dela.

[Sai.]

---

2 Guirlandas feitas com ramagens de salgueiro eram o símbolo de amores perdidos. (N.T.)

TERCEIRO ATO

CENA I

No pomar dos jardins de Leonato.

Entram Hero com duas damas de companhia, Margarete e Úrsula.

Hero – Minha boa Margarete, corre até o salão; lá encontrarás minha prima Beatriz em conversação com o Príncipe e Cláudio. Sussurra-lhe ao ouvido e diz-lhe que eu e Úrsula estamos passeando no pomar, e que todo o nosso discurso é só sobre ela; diz-lhe que tu nos escutaste sem querer, e pede-lhe que venha esconder-se sob aquele caramanchão frondoso onde as madressilvas que se abriram pelo sol e para o sol agora proíbem-no de ali entrar; como fazem as favoritas, que atiram seu orgulho contra o poder que as gerou. Pois ali deve Beatriz esconder-se para escutar o que nós dizemos. Essa a tua incumbência; cumpre-a com afinco. E, agora, deixa-nos a sós.

Margarete – Farei com que ela venha, isso eu lhe garanto, e logo.

[Sai.]

Hero – Agora, Úrsula, quando Beatriz chegar, à medida que nós fazemos este caminho de um lado para outro e de volta, nossa conversa deve girar em torno de Benedicto, e só dele. Quando eu pronunciar o nome dele, tua parte será elogiá-lo mais do que qualquer homem merece. Eu falarei contigo sobre como Benedicto está doente de amor por Beatriz. Dessa matéria que é feita a seta esperta do pequerrucho Cupido, que fere só de ouvir falar.

Entra Beatriz, no caramanchão.

Agora começa, pois olha só onde Beatriz, como um abibe, corre rente ao chão, agachada, que é para escutar o que falamos.

Úrsula – O mais agradável na pescaria com linha e anzol é ver a vítima cortar o prateado da água com suas barbatanas de puro ouro para avidamente devorar a isca traiçoeira. Então nossa vítima é Beatriz, agora mesmo agachadinha sob o caramanchão. A senhorita não tem o que recear quanto à minha parte do diálogo.

Hero – Vamos então nos aproximando dela, de modo que seu ouvido não perca nem um tiquinho desta isca doce e falsa que preparamos para o nosso peixe. *(Aproximando-se do caramanchão.)* Mas não, Úrsula; de verdade, ela é desdenhosa demais; eu lhe conheço o temperamento, e ela se põe distante dos outros e é selvagem e indomesticável como um falcão-fêmea dos rochedos que ainda não pôs plumagem adulta.

Úrsula – Mas a senhorita tem certeza que Benedicto ama Beatriz tão completamente?

Hero – Assim diz o Príncipe, e o meu futuro amo e senhor, a quem estou recém-comprometida.

Úrsula – E pediram-lhe eles que contasse isso a ela, minha senhora?

Hero – Eles me encarregaram, sim, de fazer com que ela soubesse disso, mas eu os persuadi do contrário; se é que gostavam mesmo de Benedicto, desejassem a ele lutar contra esse sentimento por Beatriz e jamais declarar-se a ela.

Úrsula – Mas por que a senhorita fez isso? O cavalheiro não é merecedor de cama tão afortunada como aquela onde virá a se deitar Beatriz?

Hero – Ó deus do amor! Eu sei que ele é bem merecedor de tudo quanto se pode conceder a um homem; mas a Natureza jamais moldou coração feminino em material mais arrogante que o de Beatriz. O desdém e o escárnio cintilam em seus olhos, menosprezando tudo que eles fitam, e ela tanto valoriza a própria inteligência que tudo o mais lhe parece débil. Ela não sabe amar, tampouco conceber forma ou ideia de sentimento amoroso, tal é o alto apreço em que se tem a si própria.

Úrsula – Certo, assim também penso eu. Assim, é certo que não será bom ela ficar sabendo do amor dele, para que não venha a tratar esse sentimento como um brinquedo seu.

Hero – Mas, ora vejam, a senhora falou muito bem. Ainda não conheci nenhum homem, por mais inteligente que fosse, por mais nobre que fosse, por mais jovem e bonito que fosse, que ela não o tivesse desfeito, desancado e desconversado. Se ele tem belos traços, ela jura que o cavalheiro pode se fazer passar pela irmã; se ele tem a pele escura, ora, a Natureza, ao tentar desenhar um bufão grotesco, executou um borrão nojento; se é homem alto, uma lança de cabeça malfeita; se é baixo, uma figura de anão em anel ou selo de nobre, em ágata muito mal-lapidada; se é homem falante, ora, não passa de um catavento que gira ao sabor dos quatro ventos; se é calado, ora, então é uma porta, tapada aos quatro ventos. Assim é que ela pega qualquer homem e o vira do avesso, sem jamais conceder à verdade e à virtude de cada um o que eles vêm buscar com integridade e mérito.

Úrsula – Claro, claro, um espírito assim crítico não é recomendável.

Hero – Certamente que não; ser tão estranha e contrária a todos os padrões como é Beatriz não pode ser recomendável. Mas quem se atreve a dizer isso a ela? Se eu falo, ela zomba de mim e me reduz a pó. Ah, ela iria me ridicularizar até que eu ficasse fora de mim, prensando-me até a morte com tanta esperteza! Portanto, deixemos que Benedicto, como um fogo encoberto, consuma-se em suspiros, gaste-se por dentro. É morte melhor que morrer de tanto ser motivo de piadas, o que é tão ruim como morrer de tanto rir.

Úrsula – Mesmo assim, conte a ela; ouça o que ela tem a dizer.

Hero – Não; prefiro procurar Benedicto e aconselhá-lo a lutar contra essa paixão. Se for preciso, invento umas mentirinhas inocentes para com elas manchar a imagem de minha prima. Nunca se sabe o quanto uma palavra maldosa pode envenenar uma afeição.

Úrsula – Ah, não cometa uma injustiça dessas com sua prima! Ela não pode ser tão desprovida de bom-senso a ponto de recusar um cavalheiro raro, precioso como o Signior Benedicto... justo ela, reconhecida por seu raciocínio rápido, sua inteligência superior!

Hero – E ele é um homem ímpar na Itália; à exceção do meu querido Cláudio.

Úrsula – Rogo-lhe, não fique zangada comigo, minha senhora, por expor assim, agora, meu pensamento, mas o Signior Benedicto, por sua figura, seu porte, sua conversa e seu valor, que se saiba, ainda é o primeiro em toda a Itália.

Hero – De fato, ele tem uma excelente reputação.

Úrsula – A excelência de sua pessoa fê-lo merecedor de tal reputação antes mesmo que ele a angariasse. Mas quando é o seu casamento, minha senhora?

Hero – Todos os dias, a partir de amanhã! Anda, entra; vou te mostrar umas roupas e adornos, e quero teu conselho quanto ao que fica melhor para me enfeitar amanhã.

Úrsula *(à parte)* – Garanto-lhe, minha senhora: nosso pássaro deixou-se prender em nosso visco. Nós a pegamos!

Hero – Se isso for verdade, então o amor dá-se ao acaso: alguns cupidos matam com frechas, outros, com arapucas.

[Saem Hero e Úrsula.]

Beatriz *(indo à frente)* –

Que fogo faz queimar meus ouvidos? Será que é
[verdade, tudo isso?
Por orgulhosa e insensível, sou assim tão
[desprezível?
Nunca mais serei desdenhosa! Adeus, virgem
[orgulhosa!
Não há glória que sobreviva a um tal tipo de vida.
Benedicto, não deixes de me amar! Eu saberei te
[recompensar,
Domesticando meu selvagem coração ao comando
[de tua doce mão.
Se é verdade que me amas, minha bondade vai te
[pôr em chamas,
E tu vais ter a esperança de unir nossos amores em
[sagrada aliança.
Os outros dizem que tu, Benedicto, és merecedor,
E eu acredito, nem tanto neles, mas sim por amor!

CENA II

Na casa de Leonato.

Entram o Príncipe Dom Pedro, Cláudio, Benedicto e Leonato.

Dom Pedro – Fico até o seu casamento consumar-se, e então sigo viagem até Aragão.

Cláudio – Eu vos acompanho até lá, milorde, escoltando-vos, se para tanto vós me derdes autorização.

Dom Pedro – Não; isso, no brilho recém-conquistado de seu casamento, seria uma nódoa tão grande quanto mostrar a uma criança seu casaco novo e não deixá-la usar. Tomarei a liberdade de convocar Benedicto para escoltar-me, para usufruir da companhia dele, pois, desde o último fio de cabelo até o dedão do pé, ele é todo alegria. Já rebentou a corda do arco de Cupido umas duas ou três vezes, e o pequeno algoz não se atreve a cravar-lhe uma frecha. O coração de Benedicto é sólido e sonoro como um sino, e sua língua é o badalo, pois, nele, o que o coração pensa, a língua fala.

Benedicto – Cavalheiros, eu não sou mais o mesmo.

Leonato – Concordo: parece-me que estás mais triste.

Cláudio – Espero que ele tenha se apaixonado.

Dom Pedro – Enforquem-no! É um folgado! Não há uma só gota de verdadeiro sangue nesse homem para que ele pudesse ser verdadeiramente tocado pelo amor. Se está triste, é porque está lhe faltando dinheiro.

Benedicto – Estou com dor de dente.[3]

Dom Pedro – Então é preciso arrancá-lo; queremos ver sangue.

Benedicto – É preciso enforcá-lo!

Cláudio – É preciso enforcá-lo primeiro, para depois tirar sangue.

Dom Pedro – Mas, o quê? Suspiras por uma dor de dente?

Leonato – Ou são os humores do organismo ou são lombrigas.

Benedicto – Bem, qualquer um sabe como cuidar de uma dor, menos quem a sente.

Cláudio – Pois eu digo e repito: ele está apaixonado.

Dom Pedro – Não enxergo nele nem afeição nem afetação, a menos que seja essa paixão que ele tem por fantasiar-se com roupas estrangeiras, disfarçando-se de holandês hoje, de francês amanhã, ou vestindo a moda de dois países ao mesmo tempo, como um alemão da cintura para baixo, todo calções bufantes, e espanhol do quadril para cima, um capote só. A menos que ele seja apaixonado por essas tolices, como parece ser, ele não cometeu a tolice de se apaixonar, como vocês querem crer.

Cláudio – Se ele não está apaixonado por alguma mulher, não se pode mais acreditar nos velhos sintomas: escova o chapéu todas as manhãs. Isso é presságio de quê?

Dom Pedro – Algum homem o viu no barbeiro?

Cláudio – Não, mas o ajudante do barbeiro tem sido visto com ele, e o antigo ornamento de sua face já foi usado para rechear bolas de tênis.

Leonato – Na verdade, ele parece mais jovem agora, sem barba.

Dom Pedro – Sim, e massageia-se com almíscar. Será que vocês não conseguem cheirar o que lhe vai por dentro?

Cláudio – Isso é o mesmo que dizer que o doce rapaz está apaixonado.

Dom Pedro – O maior sinal disso é sua melancolia.

Cláudio – E quando que foi hábito dele usar fragrâncias na cara?

Dom Pedro – Sim, e pintar-se? Pois isso, e por isso, eu ouço dizer que estão falando dele.

Cláudio – Sim, mas seu espírito brincalhão, solto e debochado agora está assim: ora arrasta-se numa corda de alaúde, ora deixa-se paralisar pelos dedos que prendem essa corda no braço do instrumento.

Dom Pedro – Realmente, isso diz muito sobre ele: o rapaz está abatido. Conclui-se que está amando.

Cláudio – Sim, mas eu sei quem o ama.

Dom Pedro – Ah, isso eu também gostaria de saber, mas já posso lhe garantir: deve ser alguém que não o conhece.

Cláudio – Mas conhece, a ele e a seus defeitos, e, apesar de tudo, morre de amores por ele.

Dom Pedro – Pois será enterrada sob o peso dele.

Benedicto – E, no entanto, isso não é simpatia para dor de dente. Venerando signior, dê uma caminhada comigo. Estudei cuidadosamente umas oito, nove palavras inteligentes para lhe falar, coisa que esses quadrúpedes palhaços não podem escutar.

[Saem Benedicto e Leonato.]

Dom Pedro – Por minha própria vida, aposto que ele vai falar com Leonato sobre Beatriz.

Cláudio – É isso mesmo. Hero e Margarete a estas alturas já desempenharam seus papéis para Beatriz, e então os dois ursos não mais se bicarão um ao outro quando se encontrarem.

Entra Dom John, o Bastardo.

Dom John – Deus vos salve, meu senhor e irmão.

Dom Pedro – Que Deus lhe conceda uma boa tarde, meu irmão.

Dom John – Se é de vossa conveniência, eu gostaria de vos falar.

Dom Pedro – Em particular?

Dom John – Se for de vossa preferência... mas o Conde Cláudio pode ouvir, pois o que tenho a dizer concerne a ele.

Dom Pedro – De que se trata?

Dom John *(dirigindo-se a Cláudio)* – Vossa Senhoria tenciona casar-se amanhã?

Dom Pedro – Tu sabes que sim.

Dom John – Não sei, não... quando ele souber o que eu sei.

Cláudio – Se existe qualquer impedimento, rogo-lhe que me revele o que é.

Dom John – O senhor deve pensar que não lhe tenho estima; que ela apareça mais adiante, quando então espero que o senhor faça melhor juízo de mim, dado o que tenho a lhe relatar agora. Quanto a meu irmão, penso que ele o tem em alta conta e, levado pela grande amizade que lhe devota, prontificou-se a ajudá-lo a realizar esta sua próxima boda. O certo é que houve um esforço mal-empregado e desperdiçou-se um pedido de casamento.

Dom Pedro – Por quê? Qual o problema?

Dom John – Pois até aqui eu vim justamente para vos contar; e, encurtando uma história longa, e não é de ontem e não é pouco o que se ouve falar dessa moça, a senhorita em questão é desleal.

Cláudio – Quem? Hero?

Dom John – A própria. Hero, a filha de Leonato; Hero, sua noiva; a Hero de qualquer homem.

Cláudio – Desleal?

Dom John – A palavra é boazinha demais para sequer esboçar-lhe toda a maldade. Eu poderia dizer que ela é mais que isso: pense o senhor em um nome pior, e eu a encaixo nele. Não se espante, não antes de ter provas; venha comigo hoje à noite, e o senhor verá que entram pela janela de seu quarto de dormir até mesmo na véspera de se casar. Se ainda assim o senhor a ama, case-se com ela amanhã; no entanto, o melhor para sua honra seria mudar de ideia.

Cláudio – Será possível?

Dom Pedro – Recuso-me a acreditar.

Dom John – Se ousardes não acreditar em vossos próprios olhos, é melhor mesmo não confessar o que sabeis. Se quiserdes acompanhar-me, eu vos mostrarei coisas suficientes; e, quando tiverdes visto mais e ouvido mais, podeis proceder de acordo.

Cláudio – Se eu vir alguma coisa hoje à noite... ora, não me caso com ela amanhã, frente à congregação, onde deveria desposá-la, onde vou fazê-la passar vergonha.

Dom Pedro – E, como fui eu quem a cortejou para que se casasse com você, juntarei minhas forças às

suas para desgraçá-la.

Dom John – Não pronuncio outra palavra injuriosa à moça, até que vocês tenham sido minhas testemunhas. Tenham a frieza suficiente para suportar isso só até a meia-noite, quando então o problema será revelado por si mesmo.

Dom Pedro – Ah, que dia este, que termina em sentido contrário ao seu começo!

Cláudio – Ah, que dano, tão estranho e atravessado!

Dom John – Ah, que calamidade prevenida bem a tempo! Isso é o que vocês dirão quando virem os acontecimentos.

[Saem.]

CENA III

Uma rua.

Entram Corniso e seu colega Vinagrão, com os Sentinelas.

Corniso – Vocês são homens bons e leais?

Vinagrão – Mas claro, senão seria um desperdício eles sofrerem a salvação do corpo e da alma.

Corniso – Nada disso; seria um castigo bom demais para eles, se é que eles têm um pingo de lealdade neles, já que foram escolhidos para a Guarda do Príncipe.

Vinagrão – Bem, meu vizinho Corniso, o senhor pode dar as ordens a eles de suas obrigações.

Corniso – Primeiro, quem vocês acham que é o menos incapaz de vocês, para ser o Chefe da Guarda?

Primeiro sentinela – O Hugo Mingau, senhor, ou então o Jorge Carvão, porque eles sabem escrever e ler.

Corniso – Venha cá, meu vizinho Carvão. Deus te abençoou com um bom nome; ser um homem bonito é um talento que o Destino lhe dá, mas saber escrever e ler é um dom da Natureza.

Segundo sentinela – E é os dois, Seu Mestre da Guarda, ...

Corniso – ... que o senhor sabe. Eu sabia que sua resposta seria essa. Bem, quanto à sua bela aparência, senhor, ora, dê graças a Deus, e não fique se gabando disso. Quanto a saber escrever e ler, deixe que isso apareça quando não tem necessidade de se envaidecer. O senhor é tido como o mais desatinado e adequado para ser o Chefe da Guarda; portanto, pegue a lanterna. Esta é a sua obrigação: conter tudo quanto é vagamundo; o senhor vai gritar um "Alto lá!" para todo e qualquer homem, em nome do Príncipe.

Segundo sentinela – E se o homem não fizer alto?

Corniso – Ora, daí então o senhor pode ignorar a criatura, e deixar passar, e em seguida trate de chamar uma reunião com o resto da Guarda, e agradeça a Deus por ter se livrado de um vagabundo.

Vinagrão – Se ele não fizer alto quando mandam, não é nenhum dos súditos do Príncipe.

Corniso – Verdade, e eles não têm nada que se meter com os súditos do Príncipe. Vocês também não podem fazer barulho nas ruas, pois porque para uma Guarda Real ficar tagarelando e conversando é deveras admissível, e isso não se deve tolerar.

Sentinela – A gente prefere dormir, mais do que conversar; nós sabemos qual é a função de uma

Guarda Real.

Corniso — Ora, o senhor fala como um sentinela antigo e muito discreto; não vejo como dormir pode ser ofensivo. Apenas cuidem-se para que não lhe venham roubar as alabardas. Bem, vocês devem visitar todas as tabernas, e mandar os bêbados ir tratando de ir para a cama.

Sentinela – E se eles não quiserem?

Corniso – Ora, daí então é deixar eles em paz até que passe a bebedeira. Se eles não vierem para os senhores com uma boa resposta, sempre podem dizer a eles que não são os homens que vocês pensavam que eles fossem.

Sentinela – Muito bem, senhor seu Mestre.

Corniso – Se encontrarem um ladrão, podem suspeitar, por força do ofício dos senhores, que ele não é pessoa honesta. E, para esse tipo de homem, quanto menos vocês se meterem com ele, ou mesmo conversarem com ele, ora, melhor para o bom nome de vocês.

Sentinela – Se sabemos que ele é um ladrão, não devemos pôr as mãos nele?

Corniso – Certamente, pelo ofício dos senhores, é o que vocês podem fazer, mas eu acredito que aqueles que pegam no piche ficam sujos. O jeito mais pacífico para os senhores, se prenderem um ladrão, é deixar ele mesmo mostrar quem é: ele vai roubar dos senhores a oportunidade de prendê-lo.

Vinagrão – Sempre disseram que o senhor é um homem misericordioso, colega.

Corniso – Certamente, eu não enforcava nem um cachorro se fosse pela minha vontade, muito mais um homem que tenha em si um pingo que seje de honestidade.

Vinagrão – Se os senhores ouvirem uma criança chorando no meio da noite, devem chamar a ama e mandar que ela aquiete o neném.

Sentinela – E se a ama está dormindo e não nos escuta?

Corniso – Ora, daí então é partir em paz, e deixar que a criança acorde a ama com seu choro, pois a ovelha que não ouve os balidos de seu cordeirinho jamais responderá ao mugido de um bezerro.

Vinagrão – Lá isso é bem verdade.

Corniso – E essas são as suas obrigações. O senhor, Chefe da Guarda, vai fazer o papel da própria pessoa do Príncipe; se o senhor encontrar o Príncipe no meio da noite, pode gritar-lhe um "Alto lá!".

Vinagrão – Não, por Nossa Senhora, isso eu acho que não pode.

Corniso – Cinco xelins contra um! Aposto com qualquer homem que conhece os estatutos: ele pode gritar-lhe um "Alto lá!". Deveras, não sem o Príncipe querer, pois, claro, o sentinela não deve ofender ninguém, e é uma ofensa fazer parar um homem contra a sua vontade.

Vinagrão – Por Nossa Senhora, acho que é mesmo.

Corniso – *Ah, arrá*! Bem, mestres, uma boa noite. No caso de aparecer algum caso de importância, podem me chamar em casa. Obedeçam às recomendações de seus companheiros e às suas próprias, e tenham uma boa noite. Vamos indo, vizinho.

Segundo sentinela – Bem, mestres, ouvimos nossas obrigações. Vamos nos sentar aqui no banco da igreja até as duas, e, depois, é todo mundo para a cama.

Corniso – Ainda uma palavrinha, meus honestos vizinhos. Peço aos senhores que vigiem a porta do Signior Leonato, porque, o casamento sendo amanhã, tem muito rebuliço esta noite. Adeus! E eu vos imploro: fiquem bem vigitentos.

[Saem Corniso e Vinagrão.]

Entram Borracho e Conrado.

Borracho – Mas, ora, vejam só: Conrado!

Segundo sentinela *(à parte)* – Silêncio! Não se mexam.

Borracho – Conrado, estou te chamando!

Conrado – Estou aqui, homem, grudado no teu braço.

Borracho – Pela Santa Madre Igreja, por isso que meu braço estava me coçando. Pensei que uma sarna tinha me pegado.

Conrado – Fico te devendo uma resposta para essa. Mas agora continua tua história.

Borracho – Pois então chega perto, aqui debaixo deste alpendre, que está caindo esta garoa fininha, e eu, como um legítimo borracho, vou te contar tudinho, tudinho.

Segundo sentinela *(à parte)* – Alguma traição, mestres; fiquem por perto.

Borracho – Pois, fica sabendo, recebi de Dom John mil ducados.

Conrado – Mas será possível que uma cafajestada custe tanto?

Borracho – Devias perguntar, pelo contrário, se é possível uma cafajestada ser tão boa; porque, quando os cafajestes ricos precisam dos cafajestes pobres, o pobre pode cobrar o que bem entende.

Conrado – Estou admirado!

Borracho – Isso mostra que ainda não foste desvirginado. Mas tu sabes que a moda de um gibão, ou de um chapéu, ou de uma capa, não é o mesmo que o homem que segue a moda.

Conrado – Claro que não; é sua indumentária.

Borracho – Estou falando da moda.

Conrado – Isso; moda é moda.

Borracho – Ora, essa! Lá por isso posso dizer que um bobalhão é um bobalhão. Não vês que essa tal moda não passa de um ladrão deformado?

Segundo sentinela *(à parte)* – Eu conheço esse tal de Deformado; faz sete anos que ele é um grandessíssimo dum ladrão; anda para lá e para cá como um nobre cavalheiro; o nome dele eu não esqueço.

Borracho – Não escutaste alguém falando?

Conrado – Não, era o catavento no telhado.

Borracho – Como eu ia dizendo, não vês que essa tal moda não passa de um ladrão deformado? Não vês com que entusiasmo faz correr o sangue quente dos que têm de catorze a trinta e cinco anos, às vezes vestindo-os como soldados do Faraó numa pintura desbotada, às vezes como os sacerdotes do deus Baal num velho vitral de igreja, às vezes como um Hércules já sem barba de um tapete todo manchado e roído de traça e com uma braguilha tão volumosa quanto sua clava?

Conrado – Tudo isso eu enxergo, e vejo que a moda sai de moda antes de as roupas ficarem gastas. Mas não és tu mesmo também entusiasmado com a moda, tanto que, como quem troca de camisa, trocaste de história e estás a me falar sobre moda?

Borracho – Nem uma coisa, nem outra; mas saiba que esta noite cortejei Margarete, a nobre dama de companhia de Lady Hero, chamando-a de Hero. Debruçou-se ela para mim, da janela do quarto de

sua senhora, por mil vezes desejou-me boa-noite... mas estou contando mal esta história. Eu preciso primeiro contar-te como o Príncipe, Cláudio e meu amo, parados e paralisados, informados e enfeitiçados por meu amo e senhor Dom John, assistiram de longe, do pomar, a esse afável encontro.

Conrado – E eles pensaram que Margarete fosse Hero?

Borracho – Dois deles, sim: o Príncipe e Cláudio, mas o demônio que é meu amo e senhor sabia que aquela era Margarete. E, em parte por seus falsos juramentos, que primeiro enfeitiçara os outros dois, em parte pela escuridão da noite, que os ludibriou, mas principalmente por minha cafajestada, que confirmou toda calúnia que tenha dito Dom John, retirou-se Cláudio, enfurecido. Jurou que se encontraria com ela como devido, amanhã de manhã, no templo, e ali, diante de todos da congregação, iria envergonhá-la com o que viu à noite, e trataria de mandá-la de volta para casa, sem marido.

Segundo sentinela – Nós os detemos, em nome do Príncipe: alto lá!

Primeiro sentinela – Chame o honorável Mestre da Guarda; nós aqui retomamos a mais perigosa peça de lascívia de que se tem notícia neste reino de cidadãos.

Segundo sentinela – E um deles é um Deformado; eu conheço bem ele, usa um cacho de cabelo comprido.

Conrado – Mestres, mestres...

Primeiro sentinela – Os senhores terão de nos entregar esse Deformado, isso eu lhes asseguro.

Conrado – Mestres...

Segundo sentinela – Não fale nada, nós damos as ordens aqui: vamos obedecer os senhores a nos acompanhar.

Borracho – Estamos prestes a provar que somos um lote de belas mercadorias, assim apreendidos e adquiridos por esses homens com o aval de suas alabardas.

Conrado – Mercadorias reivindicadas e indiciadas, isso eu lhe garanto. Vamos lá, nós obedeceremos aos senhores.

[Saem.]

CENA IV

Nos aposentos de Hero, em casa de Leonato.

Entram Hero e Margarete e Úrsula.

Hero – Minha boa Úrsula, acorda minha prima Beatriz e pede-lhe que se levante.

Úrsula – Estou indo, minha senhora.

Hero – E diz-lhe que venha até aqui.

Úrsula – Está bem.

[Sai.]

Margarete – Verdade: acredito que sua outra gola, aquela em leque, parecia melhor.

Hero – Não, minha boa Meg, eu te peço: vou usar esta.

Margarete – Por minha fé, essa não está tão bem, e garanto que sua prima dirá a mesma coisa.

Hero – Minha prima é uma boba, e tu és outra. Esta é a única gola que vou usar.

Margarete – Gostei muito da cabeça; está tudo muito bem, o novo penteado e os enfeites, mas o aplique tinha de ser de um castanho um nadinha mais escuro; e o seu vestido é de molde requintado, de fato. Eu vi o vestido da Duquesa de Milão, que todos elogiam tanto.

Hero – Ah, esse não tem o que se iguale, pelo que dizem.

Margarete – Por minha fé, é um roupão se comparado ao seu. Brocado de ouro, costurado com fios de ouro, rendilhado com prata, bordado com pérolas, mangas e sobremangas, e saias e sobressaias, armação redonda de ouropel azulado; mas, como molde fino, delicado, gracioso, elegante, o seu vestido vale dez vezes mais.

Hero – Que Deus me dê alegria para usá-lo, pois agora o que sinto é um grande peso no meu peito.

Margarete – Logo, logo a senhorita sentirá o peso de um homem sobre o seu peito.

Hero – Mas tu és muito abusada! Não tens vergonha?

Margarete – Vergonha de que, senhorita? De falar respeitosamente? Não é respeitável o casamento de um mendigo? Não é respeitável o seu noivo antes do casamento? Acho que a senhorita teria preferido que eu dissesse, com todo o respeito, "um marido". Mas um mau pensamento não consegue desvirtuar uma frase verdadeira, e eu não ofendi ninguém. Existe alguma ofensa em dizer "sob o peso do marido"? Nenhuma, pelo menos é o que eu penso, falando-se, como estamos, do marido com a sua própria mulher e da mulher com o seu próprio marido. Do contrário, é leve, não pesa. Pergunte à milady Beatriz, que aí vem chegando.

Entra Beatriz.

Hero – Bom dia, prima.

Beatriz – Bom dia, minha doce Hero.

Hero – Ora, mas o que está acontecendo, que falas neste tom de quem está adoentada?

Beatriz – A mim me parece que não disponho de nenhum outro tom em que possa falar.

Margarete – Mude o tom: é só bater palmas no ritmo de "Luz de Amor." É música suave, que dispensa o peso de vozes masculinas. A senhorita canta, e eu danço.

Beatriz – Sim, a luz do amor é suave no ritmo de quem abre as pernas; e, se o teu marido tem cadelas suficientes, tu verás que a ele não faltarão filhotes.

Margarete – Ah, que frase mais bastarda! Renego o que a senhorita disse e esmago com minhas pernas as suas palavras.

Beatriz – São quase cinco horas, prima, já devias estar pronta. Por minha fé, estou mesmo adoentada demais... Uôu! Uôu!

Margarete – Isso é para chamar falcão, cavalo, ou marido?

Beatriz – Isso é o som em que terminam todos eles: falcãuôu, cavaluôu, mariduôu!

Margarete – Bem, se a senhorita não está se transformando numa turca renegada, então não se navega mais pela orientação da Estrela Polar.

Beatriz – E eu fico me perguntando o que essa louca quer dizer com isso!

Margarete – Nada de mais, só que Deus dê a cada um o que desejam seus corações.

Hero – Estas luvas, mandou-me o Conde, e têm um perfume maravilhoso.

Beatriz – Estou arrebentada, prima, não sinto cheiro nenhum com este meu nariz entupido.

Margarete – Donzela, e arrebentada! Isso é o que eu chamo "pegar um resfriado".

Beatriz – Ah, meu Deus, ajudai-me. Ajudai-me, meu Deus! Desde quando exerces esse ofício de espirituosa?

Margarete – Desde que a senhorita largou dele. Não é que o meu senso de humor combina comigo de modo elegante?

Beatriz – Não dá para ver direito; tu devias usá-lo em tua touca. Por minha fé, estou doente.

Margarete – Tome um pouco desse destilado de *carduus benedictus*, e deite-o sobre o coração; é a única coisa que funciona para enjoos.

Hero – Olha aí, tu a furaste com o cardo.

Beatriz – *Benedictus*! Por que *benedictus*? Tu tens um segundo sentido nesse *benedictus*.

Margarete – Segundo sentido? Não, por minha fé, não tem segundo sentido nenhum, eu só estava falando de um simples cardo-santo. A senhorita pode pensar talvez que eu penso que a senhorita está apaixonada, mas não, por Nossa Senhora que não. Não sou tão boba a ponto de acreditar em tudo que ouço, e também não fico ouvindo coisas para não pensar no que posso acreditar, nem tampouco poderia eu acreditar, se pudesse fazer meu coração acreditar que pode parar de pensar, que a senhorita está apaixonada, ou que vai se apaixonar, ou que possa vir a se apaixonar. E, no entanto, Benedicto era tão outro, e aí está ele, transformado num homem: jurou que jamais se casaria, mas agora, apesar de sua vontade, ele come dos alimentos da vida sem resmungar. E como a senhorita poderia converter-se eu não sei, mas a mim me parece que a senhorita agora tem um olhar em seus olhos que é como o das outras mulheres.

Beatriz – Mas a que passo anda essa tua língua?

Margarete – A meio galope é que não é.

Entra Úrsula.

Úrsula – Senhora, retire-se! O Príncipe, o Conde, o Signior Benedicto, Dom John, e todos os nobres cavalheiros da cidade aqui estão para conduzi-la à igreja.

Hero – Ajudem-me a vestir-me, minha prima querida, minha boa Meg, minha boa Úrsula.

[Saem.]

CENA V

Na casa de Leonato.

Entram Leonato, e o Mestre da Guarda (Corniso), e o Chefe da Guarda Local (Vinagrão).

Leonato – O que queres comigo, meu honrado vizinho?

Corniso – Realmente, meu senhor, eu gostaria de ter um particular com o senhor, em questão conferente à vossa pessoa.

Leonato – Sê breve, peço-lhe, pois, como podes ver, este é um dia atribulado para mim.

Corniso – Realmente, lá isso é, senhor.

Vinagrão – Sim, é isso mesmo, senhor.

Leonato – O que há, meus amigos?

Corniso – O nosso bom homem Vinagrão aqui, senhor, sabe um pouco por fora do que se trata: um velho, senhor, e ele já não percebe as coisas com tanta imprecisão como, queira Deus, eu gostaria que ele percebesse; mas, por minha fé, honesto como a pele que lhe separa as sobrancelhas.4

Vinagrão – Sim, e agradeço a Deus, sou honesto como qualquer homem vivo que seja homem velho e que não seja mais honesto que eu.

Corniso – As comparações podem feder: *pocas palabras*, vizinho Vinagrão.

Leonato – Vizinhos, os senhores são homens monótonos.

Corniso – É muita bondade de Vossa Senhoria, mas na verdade nós não somos mais que pobres sentinelas do pobre Duque. Mas, certamente, de minha parte, se eu fosse tão monótono como um rei, eu dava um jeito de passar toda minha monotonice por Vossa Senhoria.

Leonato – Passava toda tua monotonice para mim, hã?

Corniso – Sim, nem que fosse mil libras a mais, pois ouço as gentes exclamando o senhor, assim como exclamam qualquer homem da cidade, e, mesmo eu sendo um homem pobre, fico feliz de ouvir essas coisas.

Vinagrão – E eu também.

Leonato – E eu ouviria de bom grado o que os senhores têm a dizer.

Vinagrão – Deveras, senhor. Vossa Guarda, esta noite, tirante a presença de Vossa Senhoria, deteve uns dois ou três tratantes que andavam por aí vagabundeando como todos em Messina.

Corniso – Um bom velhinho, senhor, e ele fala muito, e de tudo; como se diz por aí, "Quando a velhice entra por uma porta, o juízo sai pela outra", que Deus nos ajude. A vida é uma beleza! Bem dito, na verdade, vizinho Vinagrão. Bem, Deus é um homem bom e, quando dois montam no mesmo cavalo, um tem de ir atrás. Uma alma honesta, na verdade, senhor, é o que ele é, por minha fé, honesto como qualquer homem que já se alimentou de pão. Mas Deus deve ser adorado, e todos os homens não são parecidos com os outros; ai de mim!, meu bom vizinho!

Leonato – Realmente, vizinho, ele fica muito abaixo do senhor.

Corniso – Deus dá dons a uns e outros.

Leonato – Devo retirar-me.

Corniso – Só uma palavrinha, senhor: nossa Guarda, senhor, apreendeu deveras duas auspiciosas pessoas, e gostaríamos de ter eles interrogados ainda esta manhã diante de Vossa Senhoria.

Leonato – Faça o interrogatório o senhor mesmo, e depois traga-me um relatório. Estou agora com muita pressa, como o senhor pode ver.

Corniso – Assim fica mais que suficiente bom.

Leonato – Tome um pouco de vinho antes de ir. Adeus, e passe bem!

Entra um Mensageiro.

Mensageiro – Milorde, estão à vossa espera, para entregar vossa filha em casamento.

Leonato – Estou à disposição deles, pois estou pronto.

[Sai, com o Mensageiro.]

Corniso – Vai, meu bom colega, vai, trata de encontrar Francisco Carvão, pede a ele para ir com

pena e tinteiro até a cadeia. Temos que agora preceder ao interrogamento desses homens.

Vinagrão – E temos que fazer isso com sabedoria.

Corniso – Não vamos nos poupar de nossa inteligência, isso eu lhe garanto; eu aqui tenho como deixar eles destrampalhados. Só vai buscar o escrivão que sabe escrever que é para ele fazer a excomunicação do nosso interrogamento, e me encontra na cadeia.

---

3 À época de Shakespeare, era comum associar as dores de amor com dor de dente. (N.T.)
4 Provérbio da língua inglesa na época (começo do séc. XVII). (N. T.)

QUARTO ATO

CENA I

Na igreja.

Entram o Príncipe Dom Pedro, Dom John, o Bastardo, Leonato, Frei Francisco, Cláudio, Benedicto, Hero, Beatriz e Serviçais.

Leonato – Vamos lá, Frei Francisco, seja breve: apenas a forma simples do casamento, e o senhor deixa para depois discorrer sobre os particulares deveres do matrimônio.

Frei Francisco – O senhor aqui compareceu, milorde, para casar com esta dama?

Cláudio – Não.

Leonato – "Para contrair matrimônio com esta dama", Frei; o senhor é quem está aqui para casá-la.

Frei Francisco – Lady Hero, a senhorita aqui compareceu para contrair matrimônio com o Conde Cláudio?

Hero – Sim.

Frei Francisco – Se alguém dentre vós sabe de qualquer impedimento para esta união, eu ordeno que fale agora, pela salvação de sua alma.

Cláudio – Sabe de algum impedimento, Hero?

Hero – Nenhum, meu senhor.

Frei Francisco – Sabe de algum impedimento, Conde Cláudio?

Leonato – Atrevo-me eu a responder por ele: nenhum.

Cláudio – Ah, a quanto se atrevem os homens! O quanto podem eles fazer! O que fazem eles, diariamente, sem saber que estão fazendo!

Benedicto – Mas o que é isso agora? Interjeições? Ora, então que algumas sejam para risadas, por exemplo: *ah, ha, ha, ha!*

Cláudio – Permaneça aqui, Frei, de prontidão. Pai, com sua licença: é o livre e espontâneo desejo de sua alma entregar-me esta donzela, sua filha?

Leonato – Tão livre, filho, como Deus a entregou a mim.

Cláudio – E o que devo eu oferecer-lhe em troca de tão rico e precioso presente?

Dom Pedro – Nada, a não ser que tu a devolvas ao pai.

Cláudio – Meu amado Príncipe, acabastes de me ensinar um nobre modo de agradecimento. Aqui está, Leonato: tome-a de volta. Não oferte essa fruta podre a um amigo; ela não é mais que símbolo e semelhança de uma mulher honrada. Olhem só, como aqui ela enrubesce, como se donzela fosse! Ah, com que autoridade e demonstração de virtude sabe mascarar-se o pecado cheio de astúcia! Pois não é que lhe aparece o sangue nas faces, prova de modéstia, para testemunhar uma simples castidade? Não jurariam vocês, todos que a veem, que ela é donzela, pelos sinais exteriores? Mas não é! Ela conhece o calor de um leito pleno de lascívia. Seu rubor é de culpa, e não de modéstia.

Leonato – O que o senhor quer dizer com isso, milorde?

Cláudio – Quero dizer que não me caso, pois não vou unir minha alma a uma notória devassa.

Leonato – Por Deus, milorde, se o senhor mesmo testou-a e venceu-lhe a resistência de sua juventude, e tomou-lhe a virgindade...

Cláudio – Já sei o que o senhor está querendo dizer: se deitei-me com ela, então foi porque ela me aceitou como marido em seus braços, e assim fica diminuído o pecado da antecipação. Não, Leonato. Jamais eu a tentei com uma frase mais abusada; pelo contrário, como se fosse um irmão falando a uma irmã, dei-lhe demonstrações de tímida sinceridade e de um amor decoroso.

Hero – E pareceu-lhe alguma vez que eu fiz diferente?

Cláudio – Para com isso, fingida! Ainda denuncio tua virtude falsa. Você me parece ser como Diana, uma brilhante lua em sua órbita, casta como um botão de flor antes de desabrochar. Mas você é mais intemperada na quentura do sangue que a própria Vênus, ou que aqueles bichos empanturrados que se soltam sem freios em selvagem sensualidade.

Hero – Meu senhor não está passando bem; ele não falaria assim, com tanta falsidade.

Leonato – Meu amado Príncipe, por que não dizeis vós alguma coisa?

Dom Pedro – O que poderia eu dizer? Estou aqui, desonrado, envolvido que estive em unir um caro amigo meu a uma cadela qualquer.

Leonato – Essas palavras: estão sendo pronunciadas, ou sou eu que estou sonhando?

Dom John – Meu senhor, elas estão sendo pronunciadas, e o que dizem é verdade.

Benedicto – Isto não se parece em nada com uma boda!

Hero – "Verdade"? Ai, meu Deus!

Cláudio – Leonato: não estou eu aqui à sua frente? Não é este o Príncipe? Não é este o irmão do Príncipe? E este, não é o rosto de Hero? Não são nossos os nossos olhos?

Leonato – Sim, tudo isso é assim mesmo, mas qual o sentido disso tudo, milorde?

Cláudio – Deixe-me fazer uma só pergunta à sua filha, e o senhor, dada sua autoridade paterna e ascendência natural sobre ela, peça-lhe que me responda com a verdade.

Leonato – Ordeno-te que assim o faças, posto que és minha filha.

Hero – Ó Deus, defendei-me, que estou sendo atacada! Que nome o senhor dá a essa espécie de interrogatório?

Cláudio – Quero que responda com a verdade: a senhorita responde a que nome?

Hero – E não é Hero? Quem é que pode manchar esse nome com uma censura justa?

Cláudio – Mas sim, quem pode fazer isso é Hero; o próprio nome Hero pode manchar a virtude de Hero. Que homem foi aquele com quem você conversou noite passada, à sua janela, entre meia-noite e uma hora? Agora, se você é donzela, responda a isso.

Hero – Não conversei com nenhum homem a essa hora, milorde.

Dom Pedro – Mas então a senhorita não é donzela. Leonato, sinto muito que você tenha de ouvir isto: por minha honra, eu mesmo, meu irmão e este consternado Conde vimos sua filha, ouvimos sua filha, àquela hora da noite passada, à janela de seu quarto de dormir, conversando com um rufião qualquer que, ainda por cima, bem como um canalha e um indecente, confessou os vis encontros que tiveram os dois mil vezes em segredo.

Dom John – Que vergonha! Basta, milorde, que a essas coisas não se devem dar nomes, nem tampouco devem ser mencionadas. Não é pudica o suficiente a nossa língua para falar-se dessas

coisas sem ofender. Assim sendo, formosa senhorita, fico condoído com o seu total desgoverno.

Cláudio – Ah, Hero! Teu nome[5] personifica o amor leal. Se ao menos metade de tua beleza exterior estivesse colocada em teus pensamentos e nos conselhos de teu coração! Mas desejo o teu bem, tu que és tão linda e tão imunda. Adeus, pura impiedade e impiedosa pureza! Por tua causa, tranco todas as portas ao amor. Que em minhas pálpebras perdurem as suspeitas que transformam toda e qualquer beleza em pensamentos danosos, impedindo-a de mostrar-se graciosa.

Leonato – Por favor, um homem que tenha a ponta de uma adaga para mim!

Hero desmaia.

Beatriz – Ora, mas o que é isso, prima? Por que caíste assim?

Dom John – Vamo-nos embora daqui. Essas coisas, quando trazidas à luz desse modo, asfixiam o espírito.

Saem Dom Pedro, Dom John e Cláudio.

Benedicto – Como está passando Lady Hero?

Beatriz – Morta, acho eu. Socorro, meu tio! Hero! Vamos lá, Hero! Tio! Signior Benedicto! Frei!

Leonato – Ó Destino, não retires tua mão pesada de sobre minha filha! A morte seria a mais bela coberta que se poderia desejar para uma vergonha dessas.

Beatriz – Estás melhor, prima Hero?

Frei Francisco – Alivie-se de sua dor, Lady Hero.

Leonato – Estás abrindo os olhos?

Frei Francisco – Mas sim, e por que ela não abriria os olhos?

Leonato – Por quê? Ora, não estão as coisas todas terrenas gritando-lhe sua desonra? Pode ela aqui negar a história que está gravada no sangue que lhe corre nas faces? Não vivas, Hero, não abras teus olhos, porque, se eu pensasse que tu não morrerias logo, acreditasse eu que teu espírito pudesse ser mais forte que tua vergonha, atentaria eu mesmo contra tua vida, arrematando todas as repreensões. Sofri eu, por ter gerado um único rebento? Queixei-me da disposição frugal da Natureza? Ah, tive só a ti, e já foi demais! Por que tive só um? Por que foste sempre encantadora aos meus olhos? Por que não tomei eu com mãos caridosas a filha de uma mendiga à minha porta? Tivesse uma tal filha se enlameado, assim manchada de infâmias, eu poderia dizer: "Não tenho parte nisso; essa vergonha foi gerada por outras e desconhecidas carnes". Mas, sendo minha, e por ser minha, eu a amei e, sendo minha, eu a elogiava e, já que era minha, dela eu me sentia orgulhoso... era tão minha que eu mesmo, para mim próprio, eu não era meu, de tanto que eu a valorizava... e ela, ah, ela aí está, caída em fossa de piche; e nem toda a imensidão do mar tem água suficiente para lavar e limpar minha filha, nem sal que chegue para conservar-lhe a carne, corrompida, estragada, decadente.

Benedicto – Meu senhor, meu senhor, seja paciente. De minha parte, estou tão envolto em perplexidade que não sei o que dizer.

Beatriz – Ah, por minha alma, minha prima foi caluniada!

Benedicto – Lady Beatriz, era a senhorita a companheira de cama de Lady Hero na noite passada?

Beatriz – Não, na verdade, não, embora, até a noite passada, tivesse eu sido sua companheira de cama nestes últimos doze meses.

Leonato – Confirma-se então, confirma-se! Ah, torna-se ainda mais estreito o que antes já estava

cercado por barras de ferro. Por que mentiriam os dois príncipes? E Cláudio, que a amava tanto e que, ao falar de sua falsidade, regou as próprias palavras com lágrimas? Afastemo-nos dela, deixem-na morrer!

Frei Francisco – Escute-me um momento. Quedei-me calado tempo demais, deixando a sorte tomar este curso, portanto observava a dama. Notei mais de mil rubores tomando-lhe conta das faces, mais de mil pudores inocentes em palidez angelical afugentando esses calores, e em seu olhar surgiu um fogo, fogueira pronta a queimar os falsos por esses príncipes levantados contra a sua verdade virginal. Podem me chamar de louco; não confiem mais em meus estudos, nem em minhas observações que, com a marca da experiência, garantem o conteúdo do meu saber; não confiem mais em minha idade, em minha dignidade, minha vocação, nem mesmo na natureza divina de meu sacerdócio, se esta doce senhorita que aqui jaz não está inocente, vítima que é de um erro medonho.

Leonato – Frei, não pode ser. Tu mesmo vês que toda a graça divina que nela ainda resta é o fato de ela não haver acrescentado à sua danação um pecado de perjúrio: ela não nega nada. Por que procuras tu então encobrir com desculpas o que aparece em sua própria nudez?

Frei Francisco – Lady Hero, que homem é esse por quem a estão acusando?

Hero – Os que me acusam conhecem esse homem; eu não. Se eu conheço um homem vivo mais do que me permite minha modéstia de virgem, então que todos os meus pecados fiquem sem perdão! Ah, meu pai, se o senhor conseguir provar que conversei com algum homem em horas impróprias, ou que na noite passada troquei palavras com alguma criatura que seja, então o senhor pode me renegar, odiar-me, e mesmo torturar-me até a morte.

Frei Francisco – Os príncipes encontram-se presas de algum engano muito estranho.

Benedicto – Dois deles são a honra em pessoa; e, se suas inteligências foram manipuladas nesta questão, uma fraude dessas foi urdida na pessoa de Dom John, o Bastardo. Nele, o vigor da alma é empregado em idear vilanias.

Leonato – Não sei. Se o que falam dela for verdade, estas mãos hão de fazê-la em pedaços; se injuriaram-lhe a honra, o mais altivo deles terá de se haver comigo. O tempo ainda não fez secar a tal ponto o meu sangue, nem a idade engoliu a tal ponto minhas habilidades estratégicas, nem os acasos da vida devastaram a tal ponto os meus recursos, nem minhas atitudes infelizes privaram-me de tantos amigos que eu não possa, incitado desse modo, amealhar força nos braços e astúcia na mente, juntar os meios necessários e os amigos certos, para descartar-me deles de modo exemplar.

Frei Francisco – Pare por um momento, e deixe que os meus conselhos o orientem neste caso. A sua filha, que os príncipes aqui deixaram como morta, mantenha-a escondida por algum tempo, e faça a todos saber que ela está realmente morta. Crie uma fachada de luto e, no velho jazigo de sua família, pendure epitáfios, poemas doloridos, e cumpra com todos os rituais que condizem com um enterro.

Leonato – E o que irá resultar disso? De que adianta?

Frei Francisco – Ora, uma coisa assim, bem conduzida, irá, em benefício dela, transformar a calúnia em remorso. Já é alguma coisa. Mas não é em prol disso que sonho eu com andamento assim estranho para este caso; nessas dores, procuro o nascimento de algo maior. Havendo ela morrido, como deve ser afirmado, todos que receberem a notícia irão lamentar, sentir pena e desculpar o sucedido pelo qual ela foi acusada. É sabido que não valorizamos suficientemente aquilo que temos enquanto daquilo desfrutamos; mas, se nos falta ou o perdemos, então, claro, exageramos-lhe o valor e

descobrimos-lhe as qualidades antes ocultas pela posse de quando aquilo ainda era nosso. Assim acontecerá com Cláudio: quando ele ouvir falar que ela morreu ao som de suas palavras, a ideia de Lady Hero em vida irá se imiscuir docemente nas figuras de sua imaginação, e cada adorável pedacinho de sua beleza aparecerá enfeitado, a cada vez, com mais e maior preciosidade, com mais comovente delicadeza, ainda mais cheio de vida, aos seus olhos e no cenário de sua alma, do que quando ela estava realmente viva. Então, aí sim, ele ficará enlutado... se é que alguma vez o amor atingiu-lhe o fígado6... e desejará jamais tê-la acusado. Sim, e isso apesar de ele acreditar na verdade de sua acusação. Siga os meus conselhos, e não tenha dúvidas de que os acontecimentos moldarão este caso numa forma ainda melhor do que tudo que eu possa lhe prever como possibilidade. Mas, se tudo o mais der errado e nosso alvo não for atingido, a suposta morte da dama sufocará o infame espanto de todos. Se tudo não correr bem, o senhor sempre pode mantê-la escondida, como convém à ferida reputação de sua filha: em vida reclusa e religiosa, longe dos olhos, línguas, mentes e injúrias de todos.

Benedicto – Signior Leonato, deixe que Frei Francisco o aconselhe. E, muito embora o senhor saiba que, por laços de amor e intimidade, sou muito ligado ao Príncipe e a Cláudio, ainda assim, por minha honra, eu me conduzirei neste caso com tanto sigilo e correção como devem conduzir-se, um com o outro, alma e corpo.

Leonato – Dado que me encontro boiando em sofrimento, agarro-me a qualquer barbante que me conduza na correnteza.

Frei Francisco – O senhor faz muito bem em aprovar. Agora, todos andando. Para estranhos males, estranhos remédios. Vamos, Lady Hero, morra para viver. Quem sabe este casamento não está apenas adiado? Tenha paciência e persevere.

Saem todos, menos Benedicto e Beatriz.

Benedicto – Lady Beatriz, a senhorita chorou este tempo todo?

Beatriz – Sim, e ainda vou chorar um pouco mais.

Benedicto – Não desejo uma coisa dessas.

Beatriz – Não tem por quê, o senhor desejar ou não; meu choro é espontâneo.

Benedicto – O certo é que eu acredito que sua bela prima foi falsamente acusada.

Beatriz – Ah, quanto não mereceria de minha parte o homem que retificasse essa situação!

Benedicto – Existe alguma maneira de demonstrar uma amizade dessas?

Beatriz – Maneira existe, mas, um amigo desses, não.

Benedicto – Poderia um homem demonstrar que sim?

Beatriz – É serviço para um homem, mas não para o senhor.

Benedicto – Nada no mundo amo tanto quanto a senhorita; não é estranho?

Beatriz – Tão estranho quanto tudo que não conheço. Eu também, poderia dizer que amo coisa nenhuma tanto quanto amo o senhor; mas não me acredite. E, no entanto, não estou mentindo. Não confesso coisa nenhuma; tampouco nego coisa nenhuma. Sinto-me desconsolada por minha prima.

Benedicto – Por minha espada, Beatriz, tu me amas.

Beatriz – Não jure; antes, engula a sua espada.

Benedicto – Juro por minha espada que você me ama, e terá de engolir o que disse quem disser que

não a amo.

Beatriz – O senhor não vai engolir o que disse?

Benedicto – Nem com o melhor dos molhos. Estou declarando que te amo.

Beatriz – Ora, mas então... Deus que me perdoe.

Benedicto – De que pecado, doce Beatriz?

Beatriz – Você me interrompeu em boa hora; eu estava prestes a lhe declarar meu amor.

Benedicto – Pois declare, com todo o seu coração.

Beatriz – Eu te amo com tanto do meu coração que não me sobra coração para declarar coisa nenhuma.

Benedicto – Diz-me o que posso fazer por ti.

Beatriz – Matar Cláudio!

Benedicto – Isso? Por nada neste mundo!

Beatriz – Você me mata com essa sua recusa. Adeus.

Benedicto – Espera, doce Beatriz.

Beatriz – Estou indo, embora esteja aqui; você não me tem amor. Não; eu lhe peço: deixe-me ir.

Benedicto – Beatriz...

Beatriz – De verdade, estou indo.

Benedicto – Antes, ficaremos amigos.

Beatriz – O senhor pensa que é mais fácil ser meu amigo do que lutar contra o meu inimigo.

Benedicto – É Cláudio teu inimigo?

Beatriz – E não é um confirmado e rematado vilão o homem que caluniou, rejeitou, desonrou minha parente? Ah, se eu fosse homem! Conduzindo-a pela mão, falsamente, até o momento de andarem de mãos dadas, para então, em acusação pública, numa infâmia revelada nua e crua, num rancor desenfreado... Ah, Deus, se eu fosse homem! Comia-lhe o coração em praça pública.

Benedicto – Ouça-me, Beatriz...

Beatriz – Conversando com um homem de sua janela! Muito bem contado!

Benedicto – Sim, mas, Beatriz...

Beatriz – A doce Hero! Que infâmia, que calúnia, que desfeita!

Benedicto – Beat...

Beatriz – Príncipes e condes! Sem dúvida, um testemunho principesco, um belo conde inventando um belo conto, esse Conde Confeito, um doce galanteador, sem dúvida! Ah, se eu fosse homem, seria por causa dele; ou se pelo menos eu tivesse um amigo que fosse homem por minha causa! Mas a virilidade derrete-se em cortesias e reverências, o valor em cumprimentos, e os homens são tão somente o que dizem suas línguas, e essas ainda por cima são curtas e enfeitadas. E um homem pode ser tão valente como Hércules: basta contar uma mentira e jurar que é verdade. Não vou virar homem só porque quero, então vou morrer mulher porque sofro.

Benedicto – Espera, bondosa Beatriz. Por esta mão, eu te amo.

Beatriz – Use-a por meu amor de um outro modo que não jurar por ela.

Benedicto – Você acredita, do fundo de sua alma, que o Conde Cláudio difamou Hero?

Beatriz – Sim, tão certo como é certo que tenho meus pensamentos e minha alma.

Benedicto – É suficiente! Comprometo-me a desafiá-lo. Beijo tua mão e vou me retirando. Por esta mão, Cláudio terá de se explicar comigo, e muito bem explicado. À medida que ouvires falar de mim, pensa também em mim. Vai, consola tua prima; quanto a mim, devo dizer que ela está morta. Então, adeus.

[Saem.]

CENA II

Uma prisão.

Entram os Chefes da Guarda, Corniso e Vinagrão, e o Sacristão, paramentado como Escrivão, mais Borracho, Conrado e o Sentinela.

Corniso – Apareceram todos os de nossa dissembleia?

Vinagrão – Ei, um banquinho e almofada para o sacristão!

Sacristão – Quem são os contraventores?

Corniso – Deveras, isso sou eu e meu colega.

Vinagrão – Sim, isso é certo; nós temos a desautorização para examinar.

Sacristão – Mas quem são os malfeitores que devem ser examinados? Que compareçam diante do Mestre da Guarda.

Corniso – Sim, deveras, que compareçam diante de mim. Qual o seu nome, amigo?

Borracho – Borracho.

Corniso – Eu lhe peço, escreva aqui: "Borracho". E você, meu camaradinha?

Conrado – Eu sou um fidalgo, senhor, e meu nome é Conrado.

Corniso – Escreva "Mestre Fidalgo Conrado". Mestres, os senhores são servos de Deus?

Conrado e **Borracho** – Sim, senhor, esperamos que sim.

Corniso – Escreva aqui que eles esperam ser servos de Deus; e escreva "Deus" em primeiro lugar, pois, Deus o livre, mas Deus tem que vir antes de tais vilões! Mestres, já está provado que os senhores são pouca coisa melhor que falsos vagabundos, e daqui a pouco já vamos chegar perto de todos pensarem assim. O que têm a dizer os senhores em sua defesa?

Conrado – Realmente, senhor, dizemos que não somos nada disso.

Corniso – Um camarada muito, mas muito espertinho, isso eu lhe seguro, mas deixe comigo, que eu sei lidar com esse tipo. Venha cá, camaradinha, que quero lhe falar ao pé do ouvido, senhor: eu lhe digo que se pensa que os senhores são dois falsos vagabundos.

Borracho – Senhor, eu posso lhe afirmar que não somos nada disso.

Corniso – Bem, afaste-se. Por Deus, os dois combinaram a mesma história. O senhor escreveu que eles não são nada disso?

Sacristão – Mestre da Guarda, o senhor não está seguindo o modo de examinar. O senhor precisa chamar os sentinelas que são os acusadores dos dois.

Corniso – Sim, deveras, esse é o modo mais recompetente. Que os sentinelas se apresentem. Mestres, eu ordeno, em nome do Príncipe, que os senhores acusem esses dois.

Primeiro sentinela – Este homem disse, senhor, que Dom John, o irmão do Príncipe, era um cafajeste.

Corniso – Escreva aí: "Príncipe John, um cafajeste". Ora, mas isso é a mais pura calúnia, chamar o irmão de um príncipe de cafajeste.

Borracho – Mestre da Guarda...

Corniso – Eu lhe peço, camarada, fique quieto. Eu não gosto da sua cara, já vou lhe prevenindo.

Sacristão – O que mais o senhor ouviu ele falar?

Segundo sentinela – De fato, ouvi que ele tinha recebido mil ducados de Dom John para acusar Lady Hero falsamente.

Corniso – O mais puro arrombamento já cometido.

Vinagrão – É mesmo. Pela Santa Igreja, é isso mesmo.

Sacristão – O que mais, meu amigo?

Primeiro sentinela – Que o Conde Cláudio pretendia, por meio de suas palavras, desgraçar Hero diante de toda a congregação, em vez de se casar com ela.

Corniso – Ah, canalha! Por isso tu serás condenado à redenção eterna.

Sacristão – O que mais?

Sentinela – Isso é tudo.

Sacristão – E isto é mais, caros mestres, do que os senhores podem negar: esta manhã, o Príncipe John partiu sem avisar a ninguém. Hero foi acusada dessa maneira; nessa mesma maneira, foi rejeitada e, de tanto sofrimento, teve morte súbita. Mestre da Guarda, permita que esses homens sejam amarrados e levados até Leonato. Eu irei na frente, e ao Signior Leonato mostrarei o resultado do interrogatório.

[Sai.]

Corniso – Vamos, enferrolhando os dois.

Vinagrão – Vamos tratar de lhes amarrar as mãos...

Conrado – Passa fora, toleirão!

Corniso – Que Deus me guarde, onde está o sacristão? Que ele escreva aí: "Toleirão o oficial do Príncipe". Vamos, amarrem os dois juntos. Lacaio sujo! Seu podre!

Conrado – Afastem-se! Você é um burro, um burro!

Corniso – E o senhor, não desconfia quem sou eu, e quantos anos atrás de mim tenho eu? Eu escuto; não vê minhas orelhas? Ah, precisava o sacristão estar aqui, para registrar um burro. Mas, mestres, lembrem-se: sou um burro; apesar de não estar registrado. Não se esqueçam disso não, sou um burro. Não, seu canalha, tu estás cheio de repentimento, como ficará provado contra ti, com boas testemunhas. Eu sou um camarada inteligente e, o que é mais, um oficial e, o que é mais, um chefe de família e, o que é mais, um belo filho de Adão e Eva como qualquer outro em Messina, e conheço a lei, e o senhor ponha-se no seu lugar; e sou um cidadão de posses, e o senhor ponha-se no seu lugar; e sou um camarada que tive perdas, e tenho dois trajos completos e tudo do que há de mais elegante. Tirem esse sujeito daqui! Ah, se tivesse ficado registrado eu um burro!

[Saem.]

---

5 Hero e Leandro são os protagonistas de uma clássica história de amor e fidelidade. Para ver sua amada, Leandro nadava toda noite até ela. Numa noite ele se afoga por acidente, e ela então afoga-se para acompanhá-lo na morte. (N.T.)

6 Na época elizabetana, acreditava-se estar no fígado a sede do amor. (N. T.)

QUINTO ATO

CENA I

Diante da casa de Leonato.

Entram Leonato e Antônio, seu irmão.

Antônio – Se continuares assim, vais acabar te matando. Isso porque não é inteligente alguém reforçar a tristeza contra si mesmo.

Leonato – Eu te peço, chega de conselhos, pois eles caem em meus ouvidos tão inúteis como a água numa peneira. Não me dês conselhos, nem permita que consoladores outros venham me agradar os ouvidos, exceto se for alguém cujos agravos sejam comparáveis aos meus. Arranja-me um pai que amou tanto quanto eu a uma filha, motivo de seu orgulho e sua alegria, agora dominado por dor como esta minha, e pede a ele que me fale de paciência. Que a desgraça dele venha medir o comprimento e a largura da minha, e que se correspondam, o meu cansaço e o dele; que se possa ver um tanto cá e um tanto lá, um pesar tão importante nele quanto em mim, em cada feição, em cada ruga, na forma e no formato. Se esse sujeito sorrir e alisar a barba, despachar a tristeza, com um "*Hãrrã*" limpar a garganta em vez de gemer de dor, usar provérbios como curativos para o luto, embebedar o infortúnio com filosofices de livros, vê que ele venha até mim e já, que eu dele vou coletar paciência. Mas acontece que tal homem não existe, porque, meu irmão, os homens sabem aconselhar e consolar quando a dor é aquela que eles próprios não sentem. É só provar de uma dor assim, e transfiguram-se em fúria os mesmos conselhos que antes receitavam preceitos contra a raiva, amarravam a loucura galopante com delicados fios de seda, enganavam feridas com a voz e a agonia com palavras. Claro, claro, é obrigação de todo homem pedir paciência àqueles que se contorcem sob o peso da tristeza, mas não existe em homem algum nem a virtude nem a capacidade de ser tão moral assim quando é ele quem tem de suportar o mesmo fardo. Portanto, não me dês conselhos; meu desalento grita mais alto que tuas censuras.

Antônio – Desse jeito, não se distingue homem de criança.

Leonato – Peço-te, deixa-me em paz. Sou apenas carne e sangue, e não nasceu ainda o filósofo que saiba suportar com paciência uma dor de dente, por mais que eles escrevam no estilo dos deuses e contestem o acaso ou zombem da agonia.

Antônio – Não te curves sozinho sob toda essa injustiça; faze sofrer também aqueles que te ofendem.

Leonato – Agora sim, falas com a razão, e, sim, eu farei isso. Meu coração me diz que Hero foi caluniada; e isso Cláudio precisa saber, e também o Príncipe, e todos os que a desonraram.

Entram o Príncipe Dom Pedro e Cláudio.

Antônio – Aí vêm o Príncipe e Cláudio, apressados.

Dom Pedro – Bom dia, bom dia, com a ajuda de Deus.

Cláudio – Bom dia aos dois.

Leonato – Escutai-me, senhores...

Dom Pedro – Nós temos pressa, Leonato.

Leonato – Pressa, milorde? Ora, pois, passar bem, milorde! Tendes tanta pressa assim, agora? Bem,

tudo é a mesma coisa.

Dom Pedro – Não, não puxe briga conosco, meu bom velho.

Antônio – Pudesse ele limpar seu nome com uma briga, alguns de nós estariam agora no chão.

Cláudio – Quem lhe sujou o nome?

Leonato – Mas, deveras, tu me sujaste o nome, tu, seu hipócrita, tu, seu dissimulado! Mas não, não leves a mão à espada; não tenho medo de ti.

Cláudio – Deveras! Maldita seria a minha mão se causasse medo à sua velhice. Dou-lhe minha palavra: minha mão teve um gesto que nada disse à minha espada.

Leonato – Ora, ora, homem! Não me venhas com palhaçadas, nem queiras zombar de mim! As minhas não são palavras de um velho caduco, nem de um inconsequente, que, acobertado pelos privilégios da idade, fosse gabar-se de seus feitos quando jovem ou daquilo que faria se não fosse velho. Saibas, Cláudio, e isto eu digo na tua cara, que tu difamaste a ela, minha inocente filha, e a mim, a tal ponto que sou obrigado a deixar de lado o respeito e a reverência e, com os cabelos grisalhos e os machucados do tempo, desafio-te a provar que és homem. Digo que caluniaste minha inocente filha. Tuas palavras infames atravessaram-lhe o coração, e ela está enterrada com seus ancestrais... ah!, em sepultura onde jamais descansou escândalo algum, exceto este, o dela, inventado por tua vilania!

Cláudio – Minha vilania?

Leonato – Tua, Cláudio, tua sim, é o que estou dizendo.

Dom Pedro – O que o senhor diz não está certo, meu velho.

Leonato – Milorde, milorde, eu posso deixar prova disso no corpo dele, se ele para tanto tiver coragem, apesar de ser ele ágil esgrimista, ativo nessa prática, na primavera de sua existência, no vigor máximo de sua força.

Cláudio – Para trás! Desejo não ter nada a ver com o senhor.

Leonato – Será que podes mesmo afastar-me de ti? Mataste minha filha; se me matares, moleque, terás matado um homem.

Antônio – Terá matado dois de nós, e homens de verdade. Mas isso não vem ao caso, deixa que ele mate um, primeiro. Ele que me derrote, se quiser me ganhar; deixa que ele responda ao *meu* desafio. Vamos, me acompanha, moleque; vamos, senhor guri, vamos e me acompanha, senhor guri, e eu te arranco dessa tua espada; sim, como sou um cavalheiro, é o que vou fazer.

Leonato – Meu irmão, ...

Antônio – Conforma-te, irmão. Deus sabe que eu amava minha sobrinha, e ela está morta, difamada até a morte por vilões, e eles que tenham coragem, sim, para responder ao desafio de um homem, assim como eu tenho a coragem de pegar uma víbora pela língua. Moleques, macacos, farrombeiros, safados, maricas.

Leonato – Meu irmão Antônio, ...

Antônio – Fica tu conformado. Ora, homem! Eu os conheço, sim, e sei o que valem, até os últimos escrúpulos: gostam de comprar briga, desafiadores, moleques vestidos como se fossem grande coisa, que mentem, e trapaceiam, e insultam, difamam e caluniam, agem como bufões grotescos, arrotando o que nunca comeram, e berram meia dúzia de palavras temerárias, de como poderiam ferir seus inimigos, se ousassem, e isso é tudo.

Leonato – Mas, meu irmão Antônio, ...

Antônio – Vamos, isto não é assunto teu. Não te metas, deixa-me lidar com este caso.

Dom Pedro – Cavalheiros, nós não queremos excitar-lhes a paciência. Meu coração lamenta a morte de sua filha; mas o senhor tem minha palavra de honra que ela não foi acusada de nada que não a verdade, e tudo devidamente comprovado.

Leonato – Milorde, milorde, ...

Dom Pedro – Não quero ouvir o que tem a dizer.

Leonato – Não? Vem, irmão, vamo-nos embora! Haverão de me ouvir.

Antônio – E ouvirão, sim, ou alguns de nós pagaremos caro por isso.

[Saem Leonato e Antônio.]

Entra Benedicto.

Dom Pedro – Vejam, vejam! Aí vem o homem que estávamos procurando.

Cláudio – Mas, então, signior, quais as novas?

Benedicto – Bom dia, milorde.

Dom Pedro – Bem-vindo, signior; você quase chega a tempo de apartar uma quase briga.

Cláudio – Ia ser boa, esta: levarmos um puxão de orelhas de dois velhos desdentados.

Dom Pedro – Leonato e o irmão. O que achas disso? Tivéssemos nós brigado, receio que teríamos sido jovens demais para eles.

Benedicto – Não há valor verdadeiro em briga falsa. Vim procurar-vos, aos dois.

Cláudio – Estivemos para cima e para baixo procurando por ti, pois estamos tomados de um alto teor de melancolia, e gostaríamos de tê-la abatida. Podes usar tua agudeza de espírito?

Benedicto – Ela está aqui na minha cintura; devo desembainhá-la?

Dom Pedro – Carregas tua agudeza de espírito assim de lado?

Cláudio – Nunca ninguém fez isso, embora muitos e muitos troquem de lado, mostrando sua pobreza de espírito. Eu te peço: empunha tua agudeza, como os menestréis empunham seus instrumentos; para nos divertir.

Dom Pedro – Tão certo como eu ser um homem honesto, esse homem está pálido. Estás doente, ou irado?

Cláudio – Ora, coragem, homem! Se um burro morreu de tanto pensar, tu tens em ti tantos pensamentos vigorosos que podes matar a burrice alheia.

Benedicto – Pois, senhor, eu incentivo sua agudeza de espírito, e derrubo-a logo na largada, se o senhor quiser apostar corrida comigo. Peço-lhe: escolha outro assunto.

Cláudio – Ora, mas então! Deem outra lança ao homem; essa última veio atravessada e quebrou-se.

Dom Pedro – Pela luz que nos alumia, ele se transforma a cada minuto. Penso que está realmente irado.

Cláudio – Se está irado mesmo, ele sabe como arregaçar as mangas; se não, que se acomode.

Benedicto – Permite-me uma palavrinha ao pé do ouvido?

Cláudio – Que Deus me livre de um desafio!

Benedicto *(à parte, dirigindo-se a Cláudio)* – Você é um canalha. Não estou de brincadeiras. Mantenho como boas as minhas palavras, e o senhor está desafiado como, quando e com que armas quiser. Aceite o meu desafio, ou eu o denuncio por covardia. O senhor matou uma doce dama, e essa morte cairá pesada sobre a sua cabeça. Fico aguardando uma resposta sua.

Cláudio – Pois bem, eu irei ao seu encontro, que é para poder me divertir.

Dom Pedro – O quê? Banquete? Um banquete?

Cláudio – Por minha fé, sou grato a ele: convidou-me a saborear cabeça de jumento e franguinho capão. Se eu não trinchar essas iguarias com precisão, podeis dizer que minha faca não é de nada. Será que não vou encontrar também um bom pato?

Benedicto – Senhor, a sua agudeza de espírito vai num bom esquipado; anda com facilidade a passo lento.

Dom Pedro – Vou te dizer como Beatriz outro dia elogiou tua inteligência. Eu disse que tu tinhas uma fina inteligência. "Verdade", disse ela, "fina e pequena". "Não", disse eu, "ele tem uma grande cabeça". "Certo", me diz ela, "grande e grossa". "Não", disse eu, "uma cabeça muito boa". "Exato", disse ela, "não machuca ninguém". "Não", disse eu, "o cavalheiro é esperto". "Sem dúvida", disse ela, "um espertalhão". "Não", disse eu, "ele fala muitas línguas". "Isso eu sei", disse ela, "porque ele me jurou uma coisa na segunda-feira à noite, e abjurou a mesma coisa na terça-feira de manhã; eis aí um modo duplo de falar; eis aí duas línguas". E assim ela fez. Por quase uma hora, transformando tuas particulares virtudes. E assim mesmo, por fim ela concluiu tudo com um suspiro: tu eras o melhor homem da Itália.

Cláudio – Pelo que ela chorou copiosamente e disse que a isso não dava a mínima importância.

Dom Pedro – Sim, isso ela fez; e, no entanto, por tudo isso, e se ela não o detestasse de todo o coração, ela o amaria até a morte; a filha do velho nos contou tudo.

Cláudio – Tudo e mais um pouco; e, além disso, Deus o viu quando ele se escondeu no jardim.

Dom Pedro – Mas quando é mesmo que vamos pôr os chifres de um touro selvagem na sensata cabeça de Benedicto?

Cláudio – Isso. E o texto, escrito embaixo: "Aqui mora Benedicto, o casado"?

Benedicto – Passe muito bem, rapaz, que você sabe o que penso. Eu vos deixo agora com vossas piadas de intrigantes. Estais brandindo frases espirituosas como os fanfarrões manejam suas espadas, o que, podemos dar graças a Deus, não machuca ninguém. Milorde, eu vos agradeço por vossos muitos obséquios. Devo retirar-me de vossa companhia. Vosso irmão, o Bastardo, fugiu de Messina. Entre vós, matastes uma doce e inocente dama. Quanto a esse nobre senhor que ainda nem tem barba na cara, ele e eu nos encontraremos; até lá, que a paz o acompanhe.

[Sai.]

Dom Pedro – Ele está falando sério.

Cláudio – Com a maior seriedade; e, eu vos garanto, por amor a Beatriz.

Dom Pedro – E ele te desafiou.

Cláudio – Do modo mais correto.

Dom Pedro – Que beleza não é um homem, quando esquece a inteligência e sai por aí só de calça justa e gibão!

Cláudio – Se comparado a um macaco, é um gigante; mas, comparado a esse homem, qualquer macaco é um sábio.

Dom Pedro – Mas, deixemos a leveza de lado. (Controle-se, meu coração, e retome a seriedade.) Ele não disse que meu irmão fugiu?

Entram os homens da Guarda: Corniso e Vinagrão, acompanhados do Sentinela, e Conrado e Borracho.

Corniso – Vamos lá, senhor; se a justiça não conseguir domá-lo, ela nunca mais pesará as medidas da razão em sua balança. É, e uma vez dito que você é um hipócrita blasfemo, você precisa ficar sob vigilância.

Dom Pedro – Mas o que é isso? Dois dos homens de meu irmão amarrados? E um deles é Borracho?

Cláudio – Informai-vos de seus delitos, milorde.

Dom Pedro – Guardas, que delitos cometeram esses homens?

Corniso – Deveras, senhor, eles cometeram informações falsas, além disso falaram inverdades, em segundo lugar são uns difamadores, em sexto lugar e por último caluniaram uma dama, em terceiro lugar verificaram coisas injustas, e para concluir são uns mentirosos de uns cafajestes.

Dom Pedro – Em primeiro lugar, eu te pergunto o que eles fizeram; em terceiro lugar, eu te pergunto quais são os delitos deles; em sexto lugar e por último, por que razão eles estão detidos; e, para concluir, de que o senhor os está acusando.

Cláudio – Corretamente raciocinado, e dentro da própria divisão dele. Palavra de honra, eis aí um sentido que se apresenta com toda a elegância.

Dom Pedro – A quem vocês ofenderam, mestres, para estarem assim, por força amarrados a uma resposta? Este sábio Chefe da Guarda é engenhoso demais para ser compreendido. Que crime os senhores cometeram?

Borracho – Meu bondoso Príncipe, fazei com que eu não precise mais dar respostas. Minha resposta é breve. Peço-vos que me escuteis, e deixai o Conde aqui presente matar-me. Enganei até mesmo aos vossos próprios olhos. O que vossas perspicácias não conseguiram descobrir, esses atoleimados trouxeram à luz. No meio da noite, sem querer, ouviram-me confessando a este homem como Dom John vosso irmão incendiou-me a caluniar Lady Hero, como vós os dois fostes levados até o pomar e me avistastes cortejando Margarete vestida com as roupas de Hero, como o senhor desgraçou-a quando deveria tê-la desposado. Minha vilania eles têm registrada por escrito, história que prefiro selar com minha morte a ter de repeti-la para minha vergonha. A dama está morta por causa de falsas acusações, minhas e de meu amo. Em suma, desejo a punição devida a um canalha.

Dom Pedro – Não te corre esse discurso no sangue como ferro em brasa?

Cláudio – Estive bebendo veneno enquanto ele o pronunciava.

Dom Pedro – Mas foi o meu irmão quem te mandou fazer isso?

Borracho – Sim, e pagou-me regiamente pela execução.

Dom Pedro – Ele é composto e feito de traição e, cometida essa velhacaria, ele foge.

Cláudio – Minha doce Hero! Agora tua imagem aparece-me com a figura que amei logo de início.

Corniso – Vamos, levem daqui os querelantes. A uma hora destas, nosso sacristão já desinteirou o Signior Leonato sobre esta questão. Mestres, não se esqueçam de especificar, onde houver tempo e

quando houver espaço, que sou um burro.

Vinagrão – Aí vem, aí vem vindo o Mestre Signior Leonato, e o sacristão também.

Entram Leonato, seu irmão Antônio e o Sacristão.

Leonato – Qual deles é o canalha? Deixem-me observar-lhe os olhos, para que, quando eu notar outro homem como ele, possa evitá-lo. Qual dos dois é ele?

Borracho – Se o senhor deseja conhecer seu malfeitor, olhe para mim.

Leonato – És tu o escravo que com teus sussurros matou minha inocente filha?

Borracho – Sim, eu mesmo, sozinho.

Leonato – Não, isso não, canalha, que assim calunias a ti mesmo. Eis aqui um par de homens honoráveis... e um terceiro fugiu..., e tem a mão deles nisso. Eu vos agradeço, Príncipes, pela morte de minha filha; registrem-na juntamente com vossos altos e valorosos feitos; foi corajosamente executada, se paramos para pensar.

Cláudio – Não sei como implorar-lhe por sua paciência e, no entanto, preciso falar. Escolha o senhor mesmo a sua vingança, imponha sobre mim qualquer penitência que sua imaginação possa engendrar para o meu pecado; contudo, não pequei senão por um equívoco.

Dom Pedro – Por minha alma, eu tampouco. Assim mesmo, para satisfazer esse bom velho, eu me curvaria sob qualquer peso que ele me quisesse prescrever.

Leonato – Não tenho como ordenar-vos que ordene minha filha a viver... isso seria impossível... mas eu vos rogo, aos dois: informai ao povo desta cidade de Messina o quão inocente ela morreu. Se o seu amor pode fabricar algo de triste invenção, pendure-lhe um epitáfio sobre o túmulo, e cante palavras aos seus ossos, cante-as esta noite. Amanhã pela manhã, vinde os dois à minha casa. Já que você não pôde ser meu genro, seja então meu sobrinho. Meu irmão tem uma filha, praticamente cópia de minha filha que está morta, e ela é a única herdeira de nós dois. Dê-lhe o direito que você devia ter dado à prima dela, e assim fica cobrada e quitada minha vingança.

Cláudio – Ah, meu nobre senhor, sua excessiva generosidade traz lágrimas aos meus olhos. De bom grado aceito sua oferta, e o senhor disponha deste pobre Cláudio de agora em diante.

Leonato – Amanhã, então, aguardo vossa chegada. Por esta noite, retiro-me. Esse sem-vergonha deve ser levado a encontrar-se face a face com Margarete, que, acredito eu, envolveu-se em todo esse equívoco, para tal aliciada por vosso irmão.

Borracho – Não, juro por minha alma, ela não estava envolvida, nem sabia o que estava fazendo quando conversou comigo; pelo contrário, sempre foi justa e virtuosa em tudo quanto sei dela.

Corniso – Além disso, senhor, coisa que deveras não está preto no branco, este querelante aqui, o ofensor, chamou-me de burro; eu vos peço que isso seja lembrado no castigo dele. E também o guarda ouviu quando eles falaram de um Deformado; disseram que usa uma chave na orelha e o cabelo lhe cai num cacho do lado da orelha, e ele toma dinheiro dos outros em nome de Deus, coisa que ele faz há tanto tempo, e nunca pagou de volta, que agora os homens ficaram de coração duro e não emprestam mais dinheiro nenhum por amor de Deus. Eu vos imploro, interrogai o homem nesse ponto.

Leonato – Eu te sou grato por esses teus cuidados e por todo o teu honesto esforço.

Corniso – Vossa Senhoria fala como um jovem reverente e agradecido, e eu agradeço a Deus por

isso.

Leonato – Toma lá, por teu esforço.

Corniso – Deus salve os donativos!

Leonato – Agora vai; eu te libero de tomar conta de teu prisioneiro, e sou-te muito obrigado.

Corniso – Deixo com Vossa Senhoria um notório patife, que peço que Vossa Senhoria mesmo corrija, para exemplo dos outros. Que Deus guarde Vossa Senhoria! Desejo muitas felicidades a Vossa Senhoria. Que Deus vos restitua a vossa saúde! Eu humildemente vos dou licença para sair e, se um feliz encontro pode-se querer, que Deus não permita! Vamos, vizinho.

[Saem Corniso e Vinagrão.]

Leonato – Até amanhã de manhã, milordes; adeus.

Antônio – Adeus, milordes; esperaremos por vós amanhã.

Dom Pedro – Não faltaremos.

Cláudio – Esta noite, hei de chorar meu luto com Hero.

Leonato *(dirigindo-se ao Sentinela)* – Traga o senhor esses dois camaradas. Vamos ter uma conversa com Margarete: como foi que ela conheceu esse miserável.

CENA II

No jardim de Leonato.

Entram Benedicto e Margarete, vindos de lados diferentes, e encontram-se.

Benedicto – Peço-te, gentil Senhorita Margarete, sejas merecedora de minha gratidão, facilitando-me uma conversa com Beatriz.

Margarete – O senhor então vai me escrever um soneto em louvor de minha beleza?

Benedicto – Em tão alto estilo, Margarete, que nenhum homem vivo lhe chegará perto, pois, a bem da verdade, tu bem o mereces.

Margarete – Nenhum homem vivo me chegando perto? Mas por quê? Devo morar para sempre no quartinho dos fundos?

Benedicto – Tua esperteza é rápida como a boca de um cão perdigueiro: captura tudo.

Margarete – E a tua é obtusa como floretes em aula de esgrima: atinge, mas não fere.

Benedicto – Uma esperteza masculina, Margarete, ela não fere as mulheres. E então eu te peço, vai chamar Beatriz. Eu deponho as armas, entrego meu escudo.

Margarete – Mas cheguem perto com suas espadas; escudos quem os têm para entregar somos nós.

Benedicto – Se for entregar o seu, Margarete, você precisa meter bem no meio o ferro, e com o torno prendê-lo ali, posto que é arma perigosa para donzelas.

Margarete – Bem, vou chamar Beatriz para o senhor, que, imagino eu, tem pernas bem torneadas.

[Sai.]

Benedicto – E por isso virá até aqui.

[Canta:]

O lindo deus do amor

Em todo o seu esplendor
Sabe quem sou, e sabe quem sou,
E piedade por mim reservou...

quero dizer, como cantor; mas, como amante, ora, nem Leandro, que toda noite nadava por amor, nem Troilo, o que primeiro empregou cafetões, nem um livro inteirinho daqueles antigos e assim chamados comerciantes de tapeçarias para alcovas, cujos nomes ainda hoje deslizam nos caminhos suaves de versos brancos, ora, eles jamais ficaram tão verdadeiramente nervosos como este pobre Benedicto apaixonado e de estômago embrulhado. De fato, essa paixão, não sei cantá-la em versos; já tentei. Não encontro nenhuma rima para "minha dama" que não seja "minha cama", uma rima nada inocente e em tudo inconveniente; para "lindo adorno", "lindo corno": uma rima impura, uma rima dura; para "instruído", "obstruído": uma rima obtusa, muito confusa; todos são finais ominosos por demais! Não, eu é que não nasci sob a influência de um planeta versejador, nem sei namorar em termos festivos.

Entra Beatriz.

Doce Beatriz, desejaste vir quando mandei chamar por ti?

Beatriz – Sim, Signior Benedicto, e partirei quando assim me pedires.

Benedicto – Ah, mas então fica até esse momento.

Beatriz – "Esse momento" está dito; então, passar bem. E, contudo, antes de ir, deixe-me ir com aquilo para que vim até aqui, ou seja, saber o que se passou entre o senhor e Cláudio.

Benedicto – Apenas palavras azedas... e, por isso, agora vou te beijar.

Beatriz – Palavras azedas são nada mais que um sopro azedo, e um sopro azedo nada mais é que hálito azedo, e um hálito azedo é fétido; por isso, agora eu me retiro, antes de ser beijada.

Benedicto – Tão violenta é tua astúcia que deixaste o termo fora de si, arrancando do adjetivo o seu sentido. Mas eu devo dizer-te, de modo simples e direto, que Cláudio aceitou meu desafio, e logo estarei recebendo notícias dele; caso contrário, eu o proclamo um covarde. E, eu te suplico, agora conta-me: por qual de meus defeitos tu te apaixonaste primeiro por mim?

Beatriz – Por todos eles juntos, que juntos mantinham um estado de maldade tão político que não admitiriam nenhuma parte boa imiscuindo-se entre eles. Mas e o senhor, por qual de minhas boas partes o senhor primeiro caiu enamorado de mim?

Benedicto – "Caiu enamorado"! Um bom epíteto. Caí, sim, enamorado, pois te amo contra minha vontade.

Beatriz – Contra o seu coração, imagino eu. Ai, pobre coração! Se você o magoar por minha causa, eu o magoarei por sua causa, pois jamais amarei aquilo que meu amigo detesta.

Benedicto – Tu e eu somos inteligentes demais para namorar em paz.

Beatriz – Não parece, por essa confissão; não há homem inteligente entre os vinte que se elogiam a si mesmos.

Benedicto – Isso é coisa antiga, Beatriz, do tempo em que se vivia entre bons vizinhos. Hoje, se um homem não ergue a própria tumba antes de morrer, ele não sobrevive na memória muito mais tempo do que levam os sinos dobrando e a viúva chorando.

Beatriz – E quanto tempo é isso, a seu ver?

Benedicto – Minha tese: uma hora em queixosos clamores e um quarto de hora com o nariz correndo. Portanto, é deveras aconselhável que o homem inteligente, isso se o mui digníssimo Senhor Verme de sua Consciência não fizer objeções, trate de ser o arauto de suas próprias virtudes, como eu sou das minhas. Bem, chega de elogiar a mim mesmo, pessoa por quem eu mesmo testemunho que é digna de elogios. Mas agora conta-me: como vai tua prima?

Beatriz – Muito mal.

Benedicto – E como vai você?

Beatriz – Também muito mal.

Benedicto – Sirva a Deus, ame a mim, e restabeleça-se. E aqui eu me retiro de sua companhia, pois aí vem alguém com pressa.

Entra Úrsula.

Úrsula – Lady Beatriz, a senhorita precisa falar com seu tio; está acontecendo lá na casa um belo de um tumulto. Ficou provado que a minha Lady Hero foi acusada falsamente, o Príncipe e Cláudio tremendamente enganados, e Dom John é o autor da coisa toda, que agora escafedeu-se. A senhorita já vem?

Beatriz – Quer o senhor ir também ouvir as novas?

Benedicto – Quero mas é morar em teu coração, morrer no teu colo e ser enterrado nos teus olhos; além disso, quero, sim, ir contigo à casa de teu tio.

[Saem.]

CENA III

Uma igreja.

Entram Cláudio, o Príncipe Dom Pedro e três ou quatro homens carregando tochas, seguidos de Baltasar e Músicos.

Cláudio – É este o jazigo de Leonato?

Um Lorde – Este mesmo, milorde.

Epitáfio.

[***Cláudio***] *(lendo a partir de um rolo de pergaminho)*

"Por línguas difamatórias morreu
Quem aqui jaz: doce Hero, bela dama;
A morte, compensando erro meu,
Deu-lhe algo agora eterno: sua fama.
Assim, a vida que morreu vexada
Vive na morte a fama consagrada."

[Pendura o pergaminho.]

Fica aí, paira sobre a sepultura,
Celebra Hero, que eu tenho a voz muda.
Agora, música, som, e cantem o seu hino solene.

Canção.

[***Baltasar***]

Perdoai, Diana, noturna deusa do luar,
Aqueles que mataram vossa virgem devota;
Pelo que, com canções de luto e pesar,
Dessa tumba eles andam e andam em volta.7
Meia-noite, socorrei o nosso lamentar,
Auxiliai-nos a gemer e até mesmo a suspirar
Com força, com muita força;
Bocejai, soltai vossos mortos, ó Sepulturas,
Até que ela, a Morte, tenha sido expulsa
Com força, com muita força.

Cláudio – Agora aos teus ossos desejo uma boa noite. Todo ano executarei este ritual.

Dom Pedro – Bom dia, mestres. Apaguem suas tochas. Os lobos já deram por encerrada a caça, e, olhem, a suave luz do dia, diante das rodas de Febo, volteia e vai mosqueando com manchas em cinza a sonolência oriental. Agradeço a presença de todos vocês, e agora peço que se retirem. Passem bem.

Cláudio – Tenham um bom dia, mestres; sigam cada qual o seu caminho.

Dom Pedro – Vem, vamos sair daqui; troca esse luto por uma outra roupa, e então seguimos até a casa de Leonato.

Cláudio – E que Himeneu possa nos favorecer agora com filha mais afortunada que esta, a quem entregamos este infortúnio.

CENA IV

Em casa de Leonato.

Entram Leonato, Benedicto, Beatriz, Margarete, Úrsula, o velho Antônio, Frei Francisco, Hero.

Frei Francisco – Não lhe falei que ela era inocente?

Leonato – Inocentes também são o Príncipe e Cláudio, que a acusaram com base no erro que foi discutido, como o senhor ouviu. Mas Margarete teve alguma culpa nisso, embora sem querer, como ficou claro no desenrolar da investigação.

Antônio – Bem, fico feliz que tudo se tenha esclarecido.

Benedicto – E eu também, já que estava por minha palavra obrigado a desafiar o jovem Cláudio para um ajuste de contas nessa questão.

Leonato – Bem, filha, e todas vocês, nobres damas, recolham-se sozinhas a um outro aposento e, quando eu mandar chamá-las, venham até aqui usando máscaras.

[Saem as damas.]

O Príncipe e Cláudio prometeram visitar-me por esta hora. Sabes o que tens de fazer, meu irmão: deves ser pai da filha de teu irmão e dá-la em casamento ao jovem Cláudio.

Antônio – O que farei com solene compostura.

Benedicto – Frei, preciso valer-me de seus préstimos.

Frei Francisco – Com que fim, signior?

Benedicto – Para me compor ou descompor, um dos dois. Signior Leonato, verdade seja dita, signior, sua sobrinha me vê com bons olhos.

Leonato – Esse olhar a minha filha deu a ela, isso é bem verdade.

Benedicto – E eu com um olhar apaixonado é que retribuo.

Leonato – Uma visão a qual, penso eu, o senhor deve a mim, a Cláudio e ao Príncipe. Mas quais são suas intenções?

Benedicto – Sua resposta, meu senhor, é enigmática. Mas, quanto às minhas intenções, minha vontade é que a sua boa vontade coloque-se lado a lado com nossa vontade, de hoje nos unirmos pelos honestos laços do matrimônio, no que, meu bom Frei, estarei precisando de sua ajuda.

Leonato – Meu coração está conforme com o seu sentimento.

Frei Francisco – E com minha ajuda. Aí vêm o Príncipe e Cláudio.

Entram o Príncipe Dom Pedro e Cláudio, e dois ou três Outros.

Dom Pedro – Bom dia para esse belo grupo.

Leonato – Bom dia, Príncipe. Bom dia, Cláudio. Nós aqui estamos às vossas ordens. O senhor continua determinado a casar-se hoje com a filha de meu irmão?

Cláudio – Mantenho minha decisão, mesmo que ela fosse a mais escura das etíopes.

Leonato – Chama-a até aqui, meu irmão; aqui temos o frei, a postos.

[Sai Antônio.]

Dom Pedro – Bom dia, Benedicto. Ora, mas qual é o problema, que você ostenta uma cara assim invernosa, cheia de linhas congeladas, tempestuosa e nublada?

Cláudio – Acho que ele está pensando sobre o touro selvagem. Ora, homem, não tens o que temer: nós vamos laminar em ouro os teus chifres, e toda a Europa vai se alegrar ao te ver, como uma vez a Europa alegrou-se ao enxergar o vigoroso Júpiter, quando este quis nobremente desempenhar-se como um animal no amor.

Benedicto – O Júpiter touro, meu senhor, tinha um mugido simpático, e algum touro assim estranho cobriu a vaca de teu pai e, nesse mesmo e nobre feito, gerou um bezerrinho, bem assim como tu, pois tens dele o mesmo balido.

Entram o irmão Antônio, Hero, Beatriz, Margarete, Úrsula, as damas mascaradas.

Cláudio – Por essa eu te devo uma. Mas aí vêm outros assuntos a se tratar. Quem é a dama de quem devo tomar posse?

Antônio – Esta é ela, e ao senhor eu a entrego.

Cláudio – Ora, então ela é minha. Querida, deixe-me ver seu rosto.

Leonato – Não, isso o senhor não fará até que lhe tenha segurado a mão, diante deste frei, jurando desposá-la.

Cláudio – Dê-me sua mão diante desse santo frei. Serei seu marido se a senhorita me quiser.

Hero *(tirando a máscara)* – E quando eu era viva, fui tua outra esposa. E quando o senhor amou, foi meu outro marido.

Cláudio – Uma outra Hero!

Hero – Nada mais certo: uma Hero morreu aviltada, mas eu estou viva e, tão certo como estar viva, sou donzela.

Dom Pedro – A Hero de antes! A Hero que morreu!

Leonato – Morreu, milorde, mas só enquanto viveu sua difamação.

Frei Francisco – Toda essa perplexidade eu posso mitigar, quando, depois que os ritos sagrados terminarem, contarei a vós tudo sobre a morte da bela Hero. Neste meio tempo, deixai que o encantamento vos pareça familiar, e tratemos de ir à capela.

Benedicto – Suave e formosa, meu Frei. Qual delas é Beatriz?

Beatriz *(tirando a máscara)* – Quem responde a esse nome sou eu. O que quer o senhor comigo?

Benedicto – A senhorita não me ama?

Beatriz – Ora, não, não mais do que manda a razão.

Benedicto – Ora, então seu tio, e o Príncipe, e Cláudio foram todos enganados; eles me juraram que a senhorita me amava.

Beatriz – E você, não me ama?

Benedicto – Por minha fé, não, não mais do que manda a razão.

Beatriz – Ora, mas então minha prima, Margarete e Úrsula estão enganadas, pois juraram que sim.

Benedicto – Eles juraram que a senhorita estava quase doente de amores por mim.

Beatriz – Elas juraram que por pouco o senhor não morre de amor por mim.

Benedicto – Não houve nada disso. Mas então, a senhorita não me ama?

Beatriz – Não, na verdade, a não ser em amigável retribuição.

Leonato – Ora vamos, prima, estou certo de que amas o cavalheiro.

Cláudio – E eu posso jurar que ele a ama, pois tenho cá um texto, com a caligrafia dele, um soneto capenga, tirado de seu próprio cérebro, feito para Beatriz.

Hero – E aqui tem outro, escrito na caligrafia de minha prima, roubado de seu bolso, e cheio de seu afeto por Benedicto.

Benedicto – É um milagre! Temos nossos próprios punhos indo de encontro aos nossos corações. Vem, que eu te tomarei para mim, mas, por esta luz que me alumia, fico contigo por piedade.

Beatriz – Eu não quero recusar o senhor, mas, por este belo dia, eu cedo a toda essa persuasiva insistência e, em parte para salvar a sua vida, pois me disseram que o senhor estava definhando de amor.

Benedicto – Paz! Vou lhe fechar a boca.

Beija-a.

Dom Pedro – Como vais tu, "Benedicto, o casado"?

Benedicto – Eu vos digo uma coisa, Príncipe: uma escola inteira de piadistas metidos a espirituosos não me conseguiria tirar de meu bom humor. Pensais vós que me importo com uma sátira ou um epigrama? Não; se um homem vai se deixar abater por palavras bem-postas, ele não precisa nem mesmo cuidar da aparência. Em suma, já que me proponho a casar, não vou pensar nada neste mundo que se proponha a ser contra o casamento. Portanto, não zombeis de mim por conta do que eu disse

contra o casamento; pois o homem é uma coisa inconstante, e essa é minha conclusão. Quanto a ti, Cláudio, pensei que te venceria em duelo, mas, já que vais ser meu parente, vive livre de machucados e ama minha prima.

Cláudio – Bem que eu gostaria que tu tivesses recusado Beatriz, só para eu ter o prazer de te arrancar a tapa de tua vida de solteiro, fazendo de ti um touro de canga que pula a cerca; coisa que certamente vais fazer, se minha prima não ficar de olho em ti muito de perto.

Benedicto – Ora, vamos lá, somos amigos. Vamos dançar antes de nos casarmos, que assim deixamos leves nossos próprios corações e os pés de nossas mulheres.

Leonato – Teremos danças mais tarde.

Benedicto – Agora, ora se não! Com isso, toque-se a música! Príncipe, estais triste. Casai-vos, casai-vos! Não há bengalas mais venerandas que as de castão de chifre.

Entra um Mensageiro.

Mensageiro – Milorde, vosso irmão John foi capturado em plena fuga, e trazido de volta para Messina, escoltado por homens armados.

Benedicto – Não penseis nele até amanhã; planejarei por vós os castigos que ele merece. Flautas, podem tocar!

FINIS

---

7 O círculo anda em sentido horário, pois assim afasta-se o mal, conforme ditava a tradição. (N.T.)

WILLIAM SHAKESPEARE

(1564-1616)

William Shakespeare nasceu e morreu em Stratford, Inglaterra. Poeta e dramaturgo, é considerado um dos mais importantes autores de todos os tempos. Filho de um rico comerciante, desde cedo Shakespeare escrevia poemas. Mais tarde associou-se ao Globe Theatre, onde conheceu a plenitude da glória e do sucesso financeiro. Depois de alcançar o triunfo e a fama, retirou-se para uma luxuosa propriedade em sua cidade natal, onde morreu. Deixou um acervo impressionante, do qual destacam-se clássicos como *Romeu e Julieta, Hamlet, A megera domada, O rei Lear*, *Macbeth, Otelo, Sonho de uma noite de verão, A tempestade, Ricardo III, Júlio César, Muito barulho por nada* etc.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Much Ado About Nothing*

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre detalhe de *Dogberry's Charge to the Watch*, por Henry Stacy Marks
Tradução: Beatriz Viégas-Faria
Revisão: Renato Deitos e Jó Saldanha

S527m

Shakespeare, William, 1564-1616.
Muito barulho por nada / William Shakespeare; tradução de Beatriz Viégas-Faria. – Porto Alegre: L&PM, 2013.
(Coleção L&PM POCKET; v.277)

ISBN 978.85.254.3057-1

1. Ficção inglesa-teatro-Shakespeare-Comédias. I. Título. II. Série.
CDD 822.33Q5-6
CDU 820 Shak.03

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© da tradução, L&PM Editores, 2002
© Para utilização profissional desta tradução, dirigir-se à
beatrizv@terra.com.br.
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Table of Contents

Apresentação
Personagens
Primeiro ato
    Cena I
    Cena II
    Cena III
Segundo ato
    Cena I
    Cena II
    Cena III
Terceiro ato
    Cena I
    Cena II
    Cena III
    Cena IV
    Cena V
Quarto ato
    Cena I
    Cena II
Quinto ato
    Cena I
    Cena II
    Cena III
    Cena IV
Sobre o autor

O CORPO QUE O RIO LEVOU

DOIS BARBANTES TRANÇADOS

1ª PARTE DO MURAL DA MEMÓRIA

AVE TERRENA

INTROHINO E HINODOMEIO EM PARCERIA COM FELIPE PAGLIATO E GABRIEL BARBOSA

MÚSICA DE ELZA-OFÉLICA EM PARCERIA COM SOFIA BOTELHO, FELIPE PAGLIATO E GABRIEL BARBOSA

MÚSICA DE SORAIA-OFÉLICA- RAP EM PARCERIA COM SOPHIA CASTELLANO, FELIPE PAGLIATO E GABRIEL BARBOSA

MÚSICA DE SORAIA-OFÉLICA- FUNK EM PARCERIA COM SOPHIA CASTELLANO, FELIPE PAGLIATO E GABRIEL BARBOSA

CUCRIAÇÃO DOS TEXTOS DE OFÉLICA LATINA & BARBANTE VERDE E AMARELO COM

CAMILLA MÁRQUEZ

DIEGO CHILIO

DIEGO MOSCHKOVICH

DIOGO COSTA

FREDY ÁLLAN

MARIA EMÍLIA FAGANELLO

SOFIA BOTELHO

SOPHIA CASTELLANO

WAGNER ANTONIO

Estreou para público dia 4 de março, sábado, às 21 horas, no Anexo da Sala Adoniran Barbosa do Centro Cultural São Paulo. Temporada no Centro Cultural São Paulo até 9 de abril

Temporada em assentamentos e ocupações de luta por terra e moradia na cidade de São Paulo:

Comuna da Terra Irmã Alberta - MST, em Perus

Associação Cultural União da Juta – MST Leste-1, na Fazenda da Juta

Ocupação Vila Nova Palestina – MTST, na região do Jardim Ângela

Ocupação Povo sem Medo - MTST, no Capão Redondo

Direção – Diego Moschkovich.

Dramaturgia – Ave Terrena.

Elenco – Diego Chilio, Fredy Állan, Maria Emilia Faganello, Sofia Botelho e Sophia Castellano.

Cenografia e Iluminação – Wagner Antônio.

Operação de luz: Marcus García

Figurino – Diogo Costa.

Trilha Sonora, Sonorização e Música em cena – Felipe Pagliato e Gabriel Barbosa.

Criação audiovisual e projeções – Camila Márquez.

Criação de Máscaras – Sophia Castellano.

Assistente na criação de máscaras: Ave Terrena

Montagem e técnica: Ícaro Zanzini e Will

Produção – Laura Salerno.

Realização – Laboratório de Técnica Dramática.

Duração – 120 minutos.

A ave que voa é matéria, mas o ato de voar é imaterial.
Podemos, com as mãos, agarrar a ave– jamais o voo.

AUGUSTO BOAL

Eu não gosto que ninguém desperta-me

Eu faço o primeiro sono

Se desperto-me começo pensar poesias

CAROLINA MARIA DE JESUS

para as moradoras e moradores dos assentamentos e ocupações onde apresentamos a peça, que mostraram pra gente como ela devia ser feita

e para Diego Moschkovich, contraditoriamente

DEDICATÓRIA DO ESPETÁCULO

para Heleny Guariba e Augusto Boal,
para Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos e Ruy Mauro Marini.

SOBRE O CORPO QUE O RIO LEVOU

1. a matéria-prima para o texto foi o relatório da Comissão Nacional da Verdade, publicado em 2014.

2. os murais mexicanos da década de 1930 recontam a História justapondo imagens de várias épocas que se entrelaçam para formar um todo. essa peça é muralista, os casos escolhidos para criar o texto entrelaçado foram chamados 'barbantes'.

3. aqui estão trabalhados dois desses barbantes, o verde e o amarelo.

4. os outros barbantes tratam de outros assuntos, de outros corpos. eles ainda não se materializaram em espetáculo.

5. Este espetáculo foi moldado pelos acontecimentos mais recentes da história de nossa região.

6. quando começamos essa investigação, a situação em que vivíamos não tinha ainda começado a se transformar, a olhos vistos e passos largos, num estado de exceção.

7. o terrorismo de estado, os desaparecimentos forçados, as prisões arbitrárias, a perseguição seletiva e a censura cultural eram encarados ainda histórias ouvidas sobre tempos passados.

8. nada mais errado. vivemos e somos o que nossos antepassados nos fizeram.

9. a ditadura civil-militar recente, suas violações de direitos humanos, perseguições políticas e política cultural de guerra formaram, além de tudo, nossa subjetividade.

10. por outro lado, a resistência armada e civil à mesma, as histórias das pessoas que caíram lutando pela libertação de nossos corpos e nossos povos, também.
a elas dedicamos este espetáculo.

PRESENTES

Tupac Amarú
Tupac Katari
Bertolina Sissa
Simón Bolívar
Manuela Saenz
Sepé Tiarajú
José Martí
Luiz Carlos Prestes
Olga Benario
Elisa Branco

Carlos Marighella
Carlos Lamarca
Iara Yavelberg
Eduardo Cohen (Bacuri)
Ernesto “Che” Guevara
Camilo Cienfuegos
Haydeé Santamaría
Vilma Espín
Fidel Castro Ruz
Hugo Chávez Frías
Manuel Marulanda Vélez
Raúl Reyes

O Laboratório de Técnica Dramática é um coletivo criado em 2014, a partir da necessidade de pensar o teatro em ação.

PROGRAMA DO LABTD

1. o ser social condiciona o pensamento social.

2. o pensamento social, por sua vez, revoluciona o ser social.

3. o fenômeno teatral é uma possível categoria do pensamento social.

4. o fenômeno teatral existe no corpo de quem age: ator, atriz ou não. manifesta-se, no entanto, apenas quando há jogo cênico.

4. *étude* é o nome do conjunto de parâmetros que permitem pôr o jogo em prática, manifestá-lo em cena.

5. o resultado observado do jogo dos atores e atrizes é a ação (*práxis*) dramática.

6. a práxis dramática não é apenas uma tradução em cena do texto escrito, é também uma destruição-abertura que o transforma. é impossível um texto de teatro ser obra de uma pessoa só.

6. a *práxis* dramática existirá enquanto a humanidade existir e se relacionar.

7. a investigação dos textos por meio da análise ativa abre, para a dramaturgia, um campo de pesquisa sobre alguns conceitos clássicos do teatro: conflito, acontecimentos, ação.

Assinado: Ave Terrena, Diego Chilio, Diego Moschkovich e Sophia Castellano (LABTD)

BARBANTE AMARELO

Tempo: daqui a 4 anos (2020)

Elza, atriz

Abelardo, tesoureiro da Caixa Econômica, casado com elza

Soraia, atriz

Heitor, ator

Marta Escobar, produtora do espetáculo Ofélica Latina

Andrew King, diretor do espetáculo Ofélica Latina

Agente rose

Agente guidão

Coveiro 01

Coveiro 02

Professora de canto

Deeva Muphin, diretora de vídeo do espetáculo Ofélica Latina

BARBANTE VERDE:

Tempo: 1971

Priscila Pacheco, locutora

Coronel Ostras

Doutora Maitê

INTROHINO

o coro dos coxas canta 1 hino em louvor ao golpe de 2016

Coro coxa:

Combatemos os corruptos

Do governo que caiu

Se abriu 1 novo mundo

Ao futuro do Brasil

Atenção, cidadão

Eis aí tua missão

Ao soldado

Dá a mão

Pela glória da nação

Por terra marcham homens bravos

No oceano as embarcações

Vê no céu os aviões armados

Que inflamam nossos corações

Atenção, cidadão

Eis aí tua missão

Ao soldado

Dá a mão

Pela glória da nação

Corajosos jornalistas

Desmentiram todo mal

A ciência dos juristas

Nossa pátria livrou do caos

Atenção, cidadão

Eis aí tua missão

Ao soldado

Dá a mão

Pela glória da nação

[encerramento glorioso]

PRIMEIRO ATO – BARBANTE AMARELO

CENA 01:

[Sala da casa de Elza e Abelardo. Ouvimos Elza fazendo exercícios para a voz, com a orientação de uma professora. Abelardo, na cozinha. Toca o telefone, ele atende]

Abelardo: Alô. Oi. Ainda não saí. Hoje eu vou me atrasar, meia hora. Já avisa aí pra mim, então [elza continua nos exercícios] Oi? Não, eu vou ter que passar no mercado antes. É rápido. Desculpa, você pode repetir? [Elza começa a cantar uma canção ou simplesmente fazer vocalises] Só um segundo. [tampa o bocal do telefone, para quem está do outro lado não ouvir] Elza, porra, tem como fazer isso um pouco mais baixo? Tô no

telefone, não consigo nem ouvir o que a filha da puta tá tentando me dizer. [Elza para de cantar] Pode falar. [a pessoa do outro lado explica alguma coisa pro Abelardo] Sim, eu sei. É, eu trouxe pra cá. Eu não achei que fosse tão urgente. Que desespero, eu vou chegar aí daqui a pouco, levo o relatório comigo [começa a procurar o relatório] De fato... Lógico que ficou mais complicado depois que... Inclusive, você teve alguma notícia da... É. Ah, é? Na capa? Mas eu jurava que... [elza volta a cantar alto] Me dá um minuto. [bem irritado] mas que insistência meu deus do céu [deixa o telefone na sala, vai pro escritório, onde Elza faz a aula de canto]

Abelardo: dá licença, elza

Elza: nem bate na porta

Abelardo: aqui é meu escritório

Elza: mas que bom humor

Abelardo: você comeu hoje?

Elza: tá atrapalhando minha aula

Abelardo: Não tem nenhum pãozinho pra comer nessa casa

Elza: que que você precisa hein?

Abelardo: tem que comprar manteiga, sucrilhos

Elza: vai no mercado e compra então

Abelardo: eu vou mesmo, vou me atrasar pro banco

Elza: que horrível né

[Abelardo volta pra sala com o relatório, pega de volta o telefone. Elza volta a cantar, com fúria]

Abelardo: Tá aqui, eu vou levar hoje. Depois a gente conversa. Tchau. [pega o jornal e a carteira, e sai]

CENA VÍDEO-AGENTES:

[mesma manhã. Observando telas de vigilância, Agente Rose e Agente Guidão veem Abelardo saindo de casa]

Agente Rose: Hoje ele saiu mais cedo

Agente Guidão: Não tá vestindo a roupa do trabalho ainda

Agente Rose: Roupa de quem vai na padaria

Agente Guidão: Cara de preocupado

Agente Rose: Saiu notícia hoje

Agente Guidão: Já tá saindo já faz tempo

Agente Rose: Hoje saiu um dossiê

Agente Guidão: Você leu?

Agente Rose: Li

Agente Guidão: E aí?

Agente Rose: Vai lá e lê e vê o que você acha

Agente Guidão: Não vazou nada importante né

Agente Rose: Não...

Agente Guidão: não vazou mesmo?

Agente Rose: mencionaram silvia

Agente guidão: ó lá ele voltando

Agente rose: lendo jornal...

[Abelardo passa apressado e entra no prédio]

CENA 02:

[Sala da casa de Abelardo e Elza, ela está com uma grande mala aberta, ajeitando algumas coisas lá dentro. Entra Abelardo com as compras, e começa a arrumar um café]

Abelardo: Cadê a professora?

Elza: Já foi

Abelardo: É hoje, né

Elza: Você num sabe da minha vida...

Abelardo: Claro que sei

Elza: minha professora num é obrigada a ficar ouvindo pitizinho seu não

Abelardo: Eu precisava pegar uma coisa

Elza: Que coisa que não pode esperar dez minutos? vc viu uma coroa? Tava ali no canto ó, deu o maior trabalho de passar o spray naquilo, você num viu não?

Abelardo: Ali naquele canto?

Elza: Eu deixei secando

Abelardo: Hm... não sei q coroa é essa não

[ficam quietos, Elza segue procurando, tem ataque de nervos]

Abelardo: Elza... Você quer café?

Elza: ah é pra minha cabeça explodir

Abelardo: Você tá insegura, né

Elza: Oi? Tô praticamente dentro

Abelardo: Mas olha só como você tá nervosa

Elza: Eu estou em paz Abelardo

Abelardo: Pode desabafar comigo, no fundo você acha que esse diretor não vai te escolher né

Elza: mas que cara de pau...

Abelardo: Não tinha como eu não ouvir, você tava praticamente do meu lado

Elza: ...eu estava conversando com A MINHA MÃE, e não com vc

Abelardo: Elzinha, si vc fala pra sua mãe, pode falar pra mim. já que você está sentindo, assim, tanta angústia, você podia não ir hoje. Adianta ficar se desgastando desse jeito?

Elza: Eu trabalhei um monte pra chegar até aqui... [olha pra cara de Abelardo e vê que ele está fingindo] Cadê essa coroa, hein?

Abelardo: Você não escuta nada do que eu digo

Elza [fechando a mala]: Não vai me dizer, Abelardo?

Abelardo: Pelo menos uma vez na vida, você podia escutar o que tô te dizendo [elza saindo]

Elza [saindo]: Olha, eu achei que tinha um marido, e não um inimigo...

Abelardo: Mas eu te desejo toda a sorte do mundo hoje...

Elza:... dentro da minha própria casa [sai]

INTERVENÇÃO 01 – BARBANTE VERDE

Pacheco: Boa tarde(noite)(dia) pra você ouvinte ligado na 109,64 a radio patrulha, O CANAL de comunicação das FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS, e POLÍCIAS MILITARES de todos os estados da federação!

É a radio patrulha cada vez mais perto de você garotinho!

A partir de agora você começa a curtir as emoções de mais uma partida da nossa seleção, é o BRASIL em campo, vem comigo torcedor, vem comigo família brasileira. Tá chegando a hora! Daqui a pouco a bola vai rolar. Que o grito de gol possa ecoar em todos os cantos do nosso país. Vai BRASIL!

Para abrilhantar ainda mais essa tarde, aqui do meu lado direito eu tenho a honra de receber. ela que é a nossa autoridade da ciência, ela que é mais que graduada, que é pós graduada nas melhores universidades do Estados Unidos da América, uma intelectual, uma mulher de classe. Boa tarde Doutora Maitê.

Dra. Maitê: Boa tarde Pacheco, boa tarde coronel, queridos ouvintes. Eu tenho certeza q hoje nós vamos acompanhar uma partida linda, é muito bonito ver esse campo novo, todo reformado, esses equipamentos de ponta que a CEPOL adquiriu nos últimos tempos. É uma coisa que todos nós brasileiros temos muito que nos orgulhar, porque nós estamos nos tornando uma nação moderna, aprendemos com os países mais avançados, e isso vai trazer muitos benefícios pra performance dos nossos jogadores. É bola na rede Pacheco!

Pacheco: E do meu… outro lado direito eu também tenho a honra de receber um oficial de renome internacional, um veterano aqui da casa, um homem de pulso, de bravura, um herói nacional. Boa tarde CORONEL OSTRAS

Cel. Ostras: Boa tarde Pacheco, boa tarde papai, boa tarde mamãe, todos os nossos ouvintes, pra mim é um prazer poder estar aqui com vocês, Hoje teremos uma partida difícil, mas decisiva para a nossa equipe. O oponente de hoje pode nos proporcionar um avanço sem precedentes na luta desse campeonato, e vamos todos juntos acompanhar o desempenho dos nossos jogadores. É bola na rede Pacheco!

Pacheco: Essa é a radio patrulha sempre ao seu lado. Brasil escalado e confirmado pra partida de hoje. O Brasil que entra em campo com uma formação ofensiva, vem pra frente, vem com tudo vem comigo, no ataque Tenente Barroso e Capitão Barbosa, Tenente Barroso pela ponta esquerda e Capitão Barbosa pela ponta direita. Dois artilheiros, diz aí coronel.

Cel. Ostras: isso mesmo Pacheco, o barbosa e o barroso vem se destacando na pré-temporada, e a expectativa é muito alta em cima deles. O tenente barroso é um jovem talento, uma jovem promessa, um pouco ansioso no momento das finalizações, não sabe lidar muito bem com a pressão, mas vem passando por um processo de amadurecimento fantástico nas últimas semanas. Já o capitão Barbosa é um jogador mais experiente, um jogador de muita garra, quando a coisa aperta ele sabe investir na ofensiva. O lema dele é MANDA A BOLA QUE EU MATO, O JOGO É DE CAMPEONATO, pra você ver. Esses dois oficiais formam uma dupla muito coesa

Pacheco: Com certeza essa vai ser uma grande partida, prepare aí seu coração torcedor, vem comigo... E pra compor a nossa zaga, pra deixar o nosso time vivo em campo, Dr Sampaio, médico também formado pelas melhores universidades dos Estados Unidos da América, diz aí Dra.

Dra. Maitê: Exatamente Pacheco, esse é o dr Sampaio, reconhecido médico, que vem se destacando ultimamente com os seus conhecimentos de neurologia e trauma, com passagens pelas faculdades de medicina mais cultuadas dos estados unidos e da Inglaterra. Vai ser essencial a presença dele aqui nessa partida, os avanços científicos agora estão permitindo novas técnicas de ataque. É mais eficiência com menos gastos de energia. O dr Sampaio vai fazer com que essa partida corra bem, e da maneira mais proveitosa possível.

Pacheco: Tá chegando a hora, vem comigo garotinho, os jogadores já estão perfilados na saída do túnel aqui em frente a nossa cabine prontos pra entrar no gramado, a torcida se agita nas arquibancadas, as bandeiras tremulam, a festa é bonita e a expectativa é grande.

E olha lá, quem vem saindo do túnel aqui em frente a nossa cabine e entrando no gramado, com passo firme, vem sozinho, pisa no gramado, faz o sinal da cruz e olha para o céu, esse é craque, esse é craque, esse é mito, diretamente da Escola das Américas. Caminhando pelo gramado, aí vem ele torcida brasileira, JOHN ROWF.

Cel. Ostras: Pacheco, esse é uma estrela, é um grande prazer pras forças armadas brasileiras ter este nome junto com a gente, este é o melhor, é uma estrela

Dra. Maitê: Ele é a base da minha bibliografia, não só das teses, mas da minha própria vida

Pacheco: É realmente uma grande estrela, se posiciona ao lado do maestro onde as bandeiras serão hasteadas, cumprimenta os coronéis e acena para a torcida que vai a loucura, é ele garotinho, John Rowf.

E agora todos se preparam para a execução do hino dos Estados Unidos da América.

HINO

Pacheco: E depois dessa linda homenagem, desse lindo hino, temos uma mensagem do nosso patrocinador, voltamos em 64 segundos.

CENA 03:

[kamaryn. soraia está esperando, com uma malinha. Chega Elza, carregando uma malona que causa discrepância, e também uma tiara com um penacho. Ela para, olha pra Soraia. Já se conhecem das outras etapas de seleção pro espetáculo Ofélica Latina, mas nunca trocaram ideias. Sorriem se cumprimentando]

ELZA. Oi, Soraia

SORAIA. Oi, Elza. A Marta, produtora, veio aqui dizer que está um pouco atrasado, mas para a gente ir se arrumando, que já vai chamar.

ELZA. Ah, tá. Nossa, eu corri tanto...

(*as duas começam a arrumar as coisas para se trocar*)

SORAIA. Não sei, eu cheguei faz um tempão, mas foram passando todo mundo na minha frente, parece que só sobramos nós duas.

ELZA. Total...

SORAIA e ELZA. (*juntas*) Que cena você vai fazer?

ELZA. (*ri*) Vou fazer a cena da Ofélia louca, sabe? eu tô achando muito legal isso, ele fazer uma versão latino-americana do Hamlet sob a perspectiva da Ofélica.

SORAIA. É, a ideia é legal, sim... Fico me perguntando se ele vai dar conta disso...

ELZA. Como assim?

SORAIA. O cara é gringo.

ELZA. E daí que ele é gringo? Gringo não é americano também?

SORAIA. Gringo é norte-americano, estadunidense.

ELZA. A história dos Estados Unidos é muito parecida com a do Brasil.

SORAIA. Parecida, como?

ELZA. Ué, fomos colônias, os europeus chegaram...

SORAIA. Tipo a pocahontas

ELZA. OI?

SORAIA. A pocahontas está na beira de 1 lago, no meio da mata, qndo de repente el a ouve 1 barulho, olha pra trás, e vê 1 homem loiro, alto, a boca sem beiço, pele branca, e com medo

vai se aproximando, vai se aproximando, se aproximando, quando de repente bate um vento colorido e a mina sai cantando em inglês... Nem eu que fiz 3 anos de wizard

ELZA. Eu estava mais falando da Malinche, mesmo , é um grande arquétipo, Pocahontas, Malinche, até a Iracema, se você pensar bem. Todas índias massacradas que deram à luz povos ensanguentados inteiros. E ele colocar tudo isso na boca da Ofélica...

SORAIA. Ele fala português bem, ok, estudou muito o teatro brasileiro, veio do estrangeiro e morou no brasil um tempo, viu as peças do Ziembinski,

ELZA. as direções dos italianos no TBC, gianni ratto, ruggiero jaccobi, viu cacilda em cena, maria della costa, trabalhou com antunes filho, aprendeu a falar fonemol, conheceu nelson rodrigues

SORAIA. e depois também o boal, viu o arena conta zumbi, arena conta Tiradentes, eles viajaram juntos no exílio

ELZA. conheceu o zé celso e entendeu que a história do teatro brasileiro ia muito além do que já tinha visto... aí então foi longe...

SORAIA. voltou no tempo, conheceu dulcina, grande otelo, procópio ferreira, as plateias lotadas pra ver Dercy Gonçalves

ELZA. ele assistiu *O Percevejo,* que luís antonio dirigiu

SORAIA. O teatro experimental do negro, de Abdias do Nascimento, zé renato, heleny guariba, tem tudo isso... Mas não sei... O país pegando fogo e tenho a impressão que ele quer falar sobre os maias, incas, astecas, citando mil referências de teatro que são distantes até pra gente...

ELZA. Putz, mas é que ele se liga na parada mais mitológica, mesmo... Eu não sei... Acho bom a gente se conectar um pouco com esses arquétipos mitológicos do nosso inconsciente

SORAIA. Pode ser legal falar do inconsciente, mas acho que a gente tem que mostrar para ele o que está acontecendo de verdade. Desculpa, Elza, mas a gente tem que mostrar pro cara que ele vem pro Brasil bem agora, que toda a mídia tenta passar que o país vai muito bem, mas há 4 anos teve 1 golpe e ninguém mais fala disso, tem gente sumindo a toda hora, por aí.

ELZA. Não sei, Soraia. Eu sei que... Olha: eu não vi nenhum tanque na rua, todo mundo falou em golpe, foi golpe? foi, tudo bem. Mas foi muito diferente do golpe de antigamente. Eu acho que é um sinal ele ter sido convidado, um sinal de que as coisas vão lentamente melhorando... Viu a música que ele me passou? É uma puta crítica...

SORAIA. (*desconversando*)É, é bonita mesmo. Você vai fazer na cena

ELZA. Vou, e você, vai fazer o quê?

SORAIA. A cena que a Ofélica entrega os presentes de volta para o Hamlet, sabe? A cena em que o Polônio Latifúndio está ouvindo com o rei tudo atrás da cortina.

(*entra Marta Escobar.*)

MARTA. Oi, oi, meninas, tudo bem?

ELZA. Oi!

SORAIA. Oi...

MARTA. Meninas, eu sou a Marta Escobar, eu sou a produtora do Andrew King aqui no Brasil, nós já conversamos por email... Olha, queridas, vocês ficaram por último, Soraia, desculpa te deixar esperando tanto viu. Eu falei pro Andrew te ver logo, mas ele cismou que queria vocês duas juntas, por último. A gente tentou ligar pra Elza vir mais cedo, mas... a questão é que o Andrew já foi embora hoje...

ELZA&SORAIA: o que?!?!??!?!?

MARTA: desculpa, eu sei que é de repente. Mas, sabe como é... ele falou que já tinha visto o suficiente por hoje, não teve como segurar, ele escapou quando eu não estava vendo...

ELZA&SORAIA [desconsoladas]: mas e agora, marta?

MARTA. de qualquer maneira vou ligar pra vocês mais tarde, pra explicar melhor a situação. Até eu fiquei um pouco confusa. Agora, vamos indo? mais tarde, eu telefono, quem sabe...

CENA 04:

AMBIENTE DE VIGILÂNCIA presente o tempo todo

[noite do mesmo dia. Elza chega do teste, Abelardo preparou um jantar em casa, o que não acontece quase nunca]

Elza: num acredito

Abelardo: como você tá? Como foi?

Elza: a pior coisa do mundo

Abelardo: relaxa. Vem cá [coloca 1 som pra tocar] o que aconteceu lá?

Elza: não fiz o teste

Abelardo: por que?

Elza: esse diretor, num entendo. Ele sumiu. Não quis ver nem eu e nem uma outra. Pra ela ainda foi pior que ela ficou esperando o dia inteiro

Abelardo: nossa, que ruim

Elza: eu já tava de figurino

Abelardo: eu queria te pedir desculpa por hoje de manhã, elza, eu tava um pouco estourado mesmo, tem muita pressão pra cima da gente lá na agência agora, depois do assalto, semana passada, e eu queria te contar que pedi pra tirar férias, tô enrolando faz tempo mas finalmente pedi, eles não gostaram muito da ideia porque é um momento difícil mesmo, eu acho que preciso pensar na minha saúde, não vale a pena o infarto né? e eu acho q preciso pensar na nossa saúde também, de nós dois

Elza: que que é que você tá querendo hein?

Abelardo: eu queria saber se você aceita viajar comigo

Elza: viajar pra onde?

Abelardo: pro pantanal

Elza: quando?

Abelardo: Nesse mês que vai entrar

Elza: o mês inteiro?

Abelardo: é um roteiro que passa por dois estados, mato grosso e mato grosso do sul, eu fui numa agência de viagem perguntar e eles me mostraram várias fotos, é lindo, eu fechei a pousada

Elza: Fechou a pousada? Pera pera pera. Olha. Vc não ouviu nada do que eu falei a semana inteira?

Abelardo: Por que?

Elza: Do que que eu fiquei falando?

Abelardo: da peça

Elza: é, e aí?

Abelardo: e aí o que?

Elza: Abelardo como é que eu vou viajar o mês inteiro se eu for fazer essa peça?

Abelardo: mas você disse que eles não te escolheram [toca o telefone de elza, ela atende]

Elza: alô? Isso. Oi marta, tudo bem? Claro, claro. [radiante] mto obrigada, ah, magina... sim, excelente. E agora como é que... amanhã? Tá certo. Tá certo. Então muito obrigada mais uma vez. Um beijo, querida. VAMOS COMEMORAR, ABELARDO!!!!!! EU TÔ DENTRO!!!!!!!!!

INTERVENÇÃO 02 – BARBANTE VERDE

Pacheco: Voltamos a falar diretamente do palco dessa grande partida. É o Brasil em busca de mais um caneco.

Vem comigo torcedor, vem comigo família brasileira, o Brasil começa a entrar em campo, esses jovens talentos que nos enchem de alegria, essa fantástica dupla entra concentrada, de cabeça baixa Barroso e Barbosa vem entrando em campo, a torcida aplaude, a torcida grita, entram com o tradicional uniforme verde oliva e amarelo canarinho, trazem cada um uma maleta na mão, uma maleta grande, uma maleta gorda, uma maleta azul da cor do mar, o que tem dentro dessas maletas, diz aí coronel.

Cel. Ostras: Desde o ano passado Pacheco, os oficiais têm direito a trazer os seus instrumentos pessoais, o que é mais q justo, uma vez que se é com esses instrumentos que você treina nos cursos da escola de guerra, é com eles que você vai saber trabalhar. É como se fosse dirigir um carro, você tem sempre mais intimidade com o seu próprio veículo do que com os outros não é mesmo?

Pacheco: Barroso e Barbosa vão chegando também ao lado do maestro, cumprimentam os coronéis, cumprimentam John Rowf, é muita emoção, duas jovens promessas desse país ao lado de uma lenda internacional, como será que está o coração desses meninos Dra.?

Dra. Maitê: Deve estar saindo pela boca! Mas Priscila, eu também queria dar uma palavrinha sobre o uso dos instrumentos pessoais. Em outros países isso não é permitido, porque já existem meios muito mais higiênicos e inteligentes para atuar em campo, uma coisa mais alinhada com o estágio de civilização que já estamos atingindo também

Cel. Ostras: Dra, a sra me desculpa, mas eu conheço o barroso e também conheço o barbosa, e posso afirmar que a habilidade deles com esses instrumentos vale tanto quanto, ou talvez até vale mais do que esses métodos que a senhora está falando

Pacheco: Vem comigo, que agora é ele que pisa no gramado, vem com um passo manso, um andar elegante que mais parece uma dança, com seu tradicional uniforme branco sorri para a torcida e para as câmeras, esse tem carisma, vem carregando uma pequena valise nas mãos, uma pequena valise branca, vai chegando ali também ao lado do maestro. é o Dr Sampaio, diz aí Dra!

Dra. Maitê: É o que eu estava dizendo, Priscila, os médicos utilizam outros equipamentos, coisas leves, seringas, substâncias preparadas à base de muita pesquisa, são conhecimentos obtidos com métodos científicos muito refinados

Pacheco: Atenção torcedor agora o silêncio toma conta das arquibancadas, aí vem ele, vem entrando carregado por dois oficiais, entra algemado com olhar perdido, vai sendo posicionado no lado esquerdo do gramado, ele que sempre escolheu o lado esquerdo, o lado vermelho da vida, vai sendo agora arrastado pelos oficiais sob as vaias da torcida. Não cumprimenta ninguém, não olha pra ninguém. É garotinho, não vai ter jogo facíl, hoje é clássico, é final de campeonato, diz aí coronel.

Cel. Ostras: hoje não vai ser fácil. Podemos ver que o adversário está um pouco amedrontado, mas muitas vezes eles têm um trabalho de retaguarda muito desenvolvido, já vêm mais que preparados pro jogo, e resistem aos nossos ataques de um jeito impressionante. Mas quando os nossos jogadores entraram eu já consegui ver no semblante, que eles estão confiantes, e vão conseguir trazer essa vitória pra gente

Pacheco: A nossa seleção vem forte, vem confiante, vem comigo torcida brasileira. Todos posicionados, a torcida se levanta nas arquibancadas e coloca a mão do lado esquerdo do peito, os oficiais levantam a cabeça do nosso adversário, nós também nos levantamos, o Brasil inteiro está de pé com a mão no coração, vem comigo torcedor, se prepare para a execução do hino nacional brasileiro.

HINO

Pacheco: Vem comigo nesse momento de comoção geral em que todos nós unidos em uma só voz cantamos o hino da nossa patria. Tá chegando a hora. Fique ligado aí garotinho em mais uma mensagem dos nossos patrocinadores, voltamos em 68 segundos

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO – BARBANTE AMARELO

CENA 05:

Andrew – Hi... hello... how are you? (*vai testando os conhecimentos de inglês da platéia*). Well, good morning. Bom... dia... Tudo bem com vocês? Ah, peguei vocês. Eu falo português. Minha mãe é brasileira, só meu pai que nasceu nos states

Bom, nós estamos aqui para fazer teatro. Bem-vindos. E quem mais teatral que o próprio Shakespeare? Sim, ele, o bardo. Nós vamos comer o bardo, digerir e metabolizar inglês, aqui no Brasil, aqui na América Latina. Os atores já sabem, as atrizes já sabem, estive conduzindo nas últimas semanas uma batelada de testes pra escolher o elenco, e também pra escolher a atriz que vai fazer a personagem que dá nome à peça que escrevi e que agora vou poder criar aqui no Brasil, abaixo do equador... ela si chama OFÉLICA LATINA!!!!

Vocês querem saber quem vai fazer a Ofélica? Assim como boal já escolheu maria Bethânia na audição pra substituir nara leão no show opinião, my darlings, assim como renato borghi leu o rei da vela no teatro oficina e, naquele momento, essa peça já marcava a história do teatro brasileiro, eu, andrew king, nessa preguiça macunaímica, escolhi vocês duas, elza e soraia, sem nem precisar ver a cena final que vocês iam apresentar no teste.

Marta escobar: uma decisão mto difícil, um comportamento extravagante para esse tipo de produção, mas é justamente nisso que reside a originalidade do nosso projeto

Andrew king: mas agora, vou precisar tomar enfim a decisão. Somente uma atriz fará a personagem principal dessa peça. Ofélica Latina. Todos os outros personagens vão rodar entre o restante do elenco. A técnica do teatro coringa, de boal, my bro. Mas pra isso tenho que escolher entre vocês duas, os dois polos dessa mulher que tentamos resgatar das profundezas da dramaturgia de Shakespeare. Queremos devorar o cânone, na antropofagia incorporadora de oswald de andrade, mas só uma pode assumir o protagonismo. Você é a outra dela. E vice-versa. Como escolher? Como?

Curiosos. Vocês querem saber quem é que vai encarnar as misérias e os gozos e as desgraças da Ofélica Latina. Eu tinha prometido pra vocês que ia escolher alguém pra fazer sozinha só a protagonista, e agora vocês estão esperando q eu aponte e diga "é você". Mas ainda não posso. Ainda não tomei a decisão. Porque não sou eu que vou decidir, é a cena quem vai dizer. A cena é a mesma para as duas atrizes: BANQUETE DE CHEGADA DO REI. (*projeta imagens do banquete*) O rei Cláudio acabou de voltar vitorioso de uma guerra de independência contra as guerrilhas da américa latina. O império está em festa. Ofélica, que é secretamente membra da resistência à ditadura do Rei Cláudio Reaça, cozinhou especialmente o jantar que será oferecido (*cria, com a ajuda da plateia, dos outros atores, da projeção, a atmosfera da cena)* Vamos ver você primeiro, Elza.

CORTE 01 DA OFÉLICA LATINA [elza]:

no pasarán! Não vai ter golpe! Ninguna a menos! All cops are bastards! Fé na luta, venceremos! Black lives matter!Fora temer! Não acabou, tem q acabar, eu quero o fim da polícia militar! Se cuida, se cuida, se cuida seu machista, a américa latina vai ser toda feminista! Vem pra rua vem, contra o aumento! Que todas as pestes caiam sobre os inimigos! Que todas as pestes caiam sobre os inimigos! Que todas as pestes caiam sobre os inimigos! Quem vem lá?

[canta]

Ele vem pelo mar

Desembarca na areia

Entra sem perguntar

Vem cravando a bandeira

Entra fundo na mata e rasga as veias

Ouro e prata a sangrar

Pro castelo de açúcar si fundar

Toda a terra incendeia

Mas tem coisas que eu não vou dar não

De pé, ó famélica latina

De pé!

Ele vem pelo mar

Desembarca na areia

Aquele cara mi deixou

Pros urubus

[elza finaliza a cena]

Andrew link: don´t stop! Segue no fluxo. Não! Então vem você, soraia, sua vez

[soraia entra cachimbando ervas que fazem fumaçada]

CORTE 01 DA OFÉLICA LATINA [soraia]:

Soraia: [cantando no flow]

Ser ou não ser

Essa é minha questão

De uma jovem perdida

Entre o perdão e a explosão

As correntes mi prendem

Uma vida perdida

A autoridade falida

De uma vida vendida

Ser ou não ser

Essa é minha questão

Ver a vida escorrendo

Pela sua própria mão

Cabral de Portugal

Veio num barco a vela

E daqui levou tudo

Só deixando as favela

Trucidou várias tribos

Estuprou as mulheres

Mataram os seus filhos

Impondo leis que só ferem

Só ferem

Só ferem

Ferida rasgada

Veias abertas da...

Ser ou não ser

Essa é minha questão

Pois nos roubaram tudo

E não esqueceram um tostão

Portugal de Cabral

Trouxe também o carnaval

Essa bendita herança

Usada pela indústria cultural

Que domina nossa mente

No passado e no presente

Impondo suas vertentes

De mulheres lindamente

Que tão na esquina

Que tão lá na quebrada

Vendendo a buceta

Jovens prostitutas, acabadas, esfoladas, estupradas, massacradas, esmagadas, pressionadas, caladas e sufocadas

Ser ou não ser

Essa é minha questão

Estar entre a miséria

E a prostituição

Na plantação

de cana de açúcar

O horizonte sacode

Uma vida de labuta

O que vale mais a pena?

A exploração do seu tesourou

Ou a bala do capanga

Perfurando no teu couro?

O pensamento e a reflexão

Trazem novas possibilidades

De transformação

Abaixar a cabeça

Ou mantê-la erguida

Com a corda no pescoço

Enforcando a própria vida

Ser ou não

A resposta é não

Ser ou não ser

A resposta é não

Pois a negação

Forjará as mãos

Que irão futuramente

Andrew king: oh my holy mountain!! Impossible! It's impossible, saint oswald, boal my bro, zé, dulcina, do you feel the power? tell me how to choose my actress? I want to fly, but I don't know the right way.

Marta escobar: nem todo mundo entende inglês

Deeva: remember!

Andrew king: oh, thank you. Elza, você tem o poder de corifear todas as amazonas da américa latina. Tem aí dentro uma força de guerreira, que você revela com muita muita beleza na cena. Ainda falta a lança, falta o alvo, mas a alma é de guerreira. Por isso, querida, você vai poder trabalhar com toda essa potência, fazendo a corifeia da nossa peça. Você soraia, vai fazer a ofélica latina!!!! agora aqui comigo, que eu vou mostrar uma coisa lá no jardim [saem todes, ficam só marta e elza]

Marta escobar: encerramos por hoje?

Elza: você gostou da cena que ela fez?

Marta escobar: pretensiosa, né?

Elza: não vou negar que eu tô perdida

Marta escobar: pode se abrir, querida

Elza: tô me sentindo um lixo na verdade

Marta escobar: também não vou negar q sinto uma... inclinação maior pelas suas propostas

Elza: não entendo o andrew... não entendo porque eu sou menos interessante

Marta escobar: Talento, quem tem, num pode ficar em segundo plano não, mas vc tem q merecer o seu espaço. Marcar território. Só um toque que eu queria te dar... fica próxima da soraia... muita água ainda vai rolar...

Elza: compreendo...

[voltam soraia, heitor, andrew, e toda a equipe de ofélica latina]

Andrew: obrigado, coro, o ensaio foi ótimo [todxs começam a se aprontar pra ir embora] nós ainda estamos vendo a américa latina de fora, ainda estamos no voo sobre o oceano, mas vamos atravessar a tempestade. Vamos achar a chave de decodificação do nosso genoma. Ainda falta mais caldo no nosso coro. Merda!

CENA 06:

[quarto de elza e Abelardo. Abelardo alterado em relação ao primeiro ato. Age de um jeito esquisito. Elza se arrumando]

Abelardo: Amor, já tô pronto

Elza: ah...

Abelardo: quando você acabar a gente pode ir

Elza: ay... eu esqueci, eu deletei totalmente abelardo, mi desculpa

Abelardo: esqueceu?

Elza: você tá arrumado pro aniversário da Cleide?

Abelardo: como assim?

Elza: hoje eu vou sair com o povo lá do teatro

Abelardo: não acredito

Elza: eles que me chamaram

Abelardo: desmarca com eles ué

Elza: não dá, vou buscar eles no metrô, só eu sei onde é

Abelardo: então foi você quem convidou

Elza: tinha esquecido da festa da Cleide ué

Abelardo: então você mentiu

Elza: EU NÃO MENTI, EU OMITI

Abelardo: você já tá arrumada, passa comigo lá pelo menos uma horinha

Elza: só uma horinha, é sempre assim, aí "é chato, espera só mais um pouco", de repente tô a noite toda trancafiada na casa da sua família

Abelardo: desculpa si a minha família é uma prisão pra você

Elza: ay, Abelardo, sinceramente, a Cleide não vai morrer amanhã, por um infortúnio do destino esse ano eu não vou

Abelardo: você tá tão esquisita esses últimos tempos

Elza: esquisita eu? Ah é? Eu que tô esquisita?

Abelardo: totalmente desligada, parece que tá sempre com a cabeça em outro lugar [se alterando bastante] e eu que sempre te dei todo o apoio, eu sou um idiota, eu sou um idiota mesmo, eu não tenho força pra mandar nem dentro da minha própria casa, eu mereço tudo isso mesmo, quem manda se enfiar no que não devia, mas num adianta, eu num consigo não me envolver, não abrir meu coração, eu acredito em tudo q me dizem, eu acredito na boa-vontade das pessoas...

Elza: Vem cá [aquietando Abelardo] Shh... Isso não tem a ver com eu sair agora ou não, né?

Abelardo: claro que tem, elza, você também quer sempre tirar o corpo fora, claro q tem a ver, olha as suas atitudes, olha pro seu egoísmo

[silêncio]

Abelardo: Eu vou tirar férias

Elza [contendo a irritação]: ah, é?

Abelardo: Tô precisando. Vamo ver se a gente não consegue ir pelo menos pra praia um fim de semana

Elza: vamos

Abelardo: Eu vou ver se eu não fico uma semana lá, enquanto você ensaia

Elza: você, vai sozinho?

Abelardo: Vou

Elza: nunca vi você viajar sozinho

Abelardo: todo mundo vai ter seu momento de solidão um dia

Elza [terminou de se arrumar]: até logo, Abelardo. Não esquece o presente [sai]

AMBIENTE DE VIGILÂNCIA

CENA 07:

[num karaokê-balada, estão muitas pessoas bebendo e se divertindo, clima nightclub. Elza, soraia e heitor cantam uma música e chamam muita atenção. Heitor especialmente atento a ela. Agentes guidão e rose, no vídeo, observando o karaokê.

CANTAM "SANGUE LATINO", de ney matogrosso

Durante a música, Soraia, meio tonta, meio sem consciência. Todxs dançam entre si. Os agentes observam tudo. Heitor tenta seduzir soraia, mas ela tá numa viagem em si mesma. Heitor leva ela embora, mole]

INTERVENÇÃO 03 – BARBANTE VERDE

Pacheco: Vem comigo torcida brasileira, estão todos prontos para o inicio da partida, o árbritro acerta os últimos detalhes, olha pro cronometro.

Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo.

John Rowf vai dar o pontapé inicial nas bolas do interrogado, lá vai John, toma distância, preparou, bateu, começa a partida. Um belo chute nos testiculos que faz nosso adversário também se curvar a maestria de John. O Brasil tem posse de bola no campo de defesa. Barroso domina na zaga central e toca curtinho com Barbosa que acelera e ultrapassa a linha que divide o gramado, trabalha com Barroso pela meia direita pertinho do bico da grande área. Barbosa parte pra cima e agarra a cara do interrogado, tenente Barroso foi pro fundo, que lindo passe, pega o pescoço do interrogado enforca, espreme, o interrogado agoniza e Barroso solta, o Brasil já começa com tudo coronel.

Cel. Ostras: como eu falei, esse é um interrogado q pode nos trazer informações mto preciosas, e por isso o tenente e o capitão já estão começando no ataque

Pacheco: Capitão Barbosa recua jogo, abre sua maleta e tira uma palmatoria, uma palmatoria de madeira, lustrada, com cabo de mais ou menos 40 centimetros, na ponta nossa querida e conhecidissima palmatoria arredondada com cinco furos e

quatro centímetros de grossura por 10 de diámetro, é uma bela palmatoria, ele tira da maleta com muita classe, com muito jeito, é muita habilidade não é mesmo Dra?

Dra. Maitê: o ideal é aplicar a palmatória estrategicamente em locais com pouco tecido adiposo, como mãos e pés, é bom lembrar que alguns capilares podem se romper, causando inchaços e hematomas

Pacheco: Tenente Barroso, acelera a jogada e domina o adversário, imobiliza os braços e as pernas, rola pra trás com capitão Barbosa que chega junto, abaixa a calça do interrogado, invadiu a área, levantou bateu, na bunda, ele pegou a palmatória, levantou livre e sem marcação, foi direto na nádega do interrogado, uma bela palmada. Já sobe o hematoma na hora, pulsa vermelho e ardente, o interrogado grita enquanto Barbosa aplica a palmatoria, ele bate, uma, duas, três, o sangue escorre e ele para, parou quando o sangue escorreu.

Dra. Maitê: a aplicação do procedimento na região dos glúteos não é das mais recomendadas, uma vez que...

Cel. Ostras: esse foi só pra dar um primeiro susto no oponente, Pacheco

Pacheco: Barbosa lança em profundidade para Barroso que pega a palmatória ,ele domina a palmatoria e faz a finta, Barbosa levanta a sola dos pés do interrogado, Barroso vem conduzindo a palmatória, se prepara e manda uma bomba na sola do pé, que cacetada de fora da área, ele bate num pé, bate no outro, bate sem parar, ele é forte, é habilidoso, o interrogado berra mas ele continua batendo, Barroso é um touro, é um boi, vem comigo torcedor, os pés já estão bem inchados e o Barroso quer mais, o que você está achando Dra?

Dra. Maitê: É bom lembrar que os golpes nos pés e nas mãos também tem um efeito a longo prazo, já que quando os dedos incham, o interrogado não consegue nem andar e nem carregar nada durante alguns días

Cel. Ostras:: E eles vão querer carregar o que? [ri]

Pacheco: Vem comigo gorotinho, o Brasil vem descendo novamente para o campo de ataque, capitão Barbosa vem carregando um pau de arara pela ponta direita, trabalha a jogada amarrando o interrogado no pau de arara de cabeça para baixo, amarrou os pés amarrou as mãos, encosta por ali tenente Barroso, Barbosa rola para Barroso na meia lua, tenente Barroso abre a sua maleta e retira uma pianola também conhecida como Brigitte Bardot. Barroso vem demonstrando muita confiança e maturidade até aquí não é mesmo coronel?

Cel. Ostras: na minha opinião a gente ainda tem que aguardar pra ver como ele vai agir na finalização

Pacheco: O interrogado tenta interceptar a jogada no seu campo de defesa, sacode o corpo amarrado no pau de arara, capitão Barbosa chega por tras e com um tapa nas orelhas retoma a posse de bola para o Brasil ainda na pequena área, foi o famoso telefone, as orelhas dele devem estar zunindo até agora.

Cel. Ostras: é um golpe bastante útil na situação de interrogatório

Pacheco: Tetente Barroso vai driblando o adversário e plugando os fios, pluga no cú, na boca e nas bolas. Esses são os melhores lugares para plugar os fios doutora?

Dra. Maitê: sim sim, essas zonas erógenas são altamente suscetíveis aos eletrochoques, porque os tecidos são em grande parte mucosas, por onde existe grande circulação de fluidos, onde costuma haver muita umidade, e isso facilita a circulação da corrente elétrica

Pacheco: Tenente Barroso antecipa a jogada e começa a rodar a manivela da pianola, é o primeiro choque, o interrogado toma um susto, foi pego de surpresa, parece que agora finalmente ele acordou pro jogo, se debate inteiro e o sangue escorre pela boca, o sangue escorre e Borroso para.

Dra. Maitê: quando não amarram uma mordaça no oponente, ele bate os maxilares, e morde a língua com muita força, pois não consegue controlar os movimentos, e algumas vezes eles mordem tão forte q a língua sangra

Cel. Ostras: esse é um dos melhores momentos pra obter respostas, porque às vezes o cérebro responde instantaneamente, depois que a corrente elétrica percorre os nervos

Pacheco: Lá vem o Brasil de novo, é pressão total vem comigo torcedor, Barroso pra Barbosa, Barbosa para Barroso, que linda tabelinha, é jogada ensaiada eles perguntam pro interrogado uma, duas, três vezes, o interrogado se segura como pode, o Brasil tenta furar a defesa, Barroso roda novamente a manivela da pianola e o nosso adversario se contorce mais uma vez virando os olhos e apagou, apagou. Uma entrada dura do tenente Barroso que deixa o interrogado apagado.

Dra. Maitê: Agora o dr Sampaio vai precisar entrar com os estimulantes, porque a dupla de jogadores do Brasil perdeu a mão na voltagem da maquininha, é responsabilidade do médico manter o interrogado em condições de permanecer na disputa

Pacheco: isso mesmo doutora, entra em campo agora Dr. Sampaio com toda sua classe e elegância, vai se aproximando ali do pau de arara onde está o

interrogado que vai ser atendido dentro de campo. Dr. Sampaio abre sua pequena valise e num lindo gesto tira uma seringa que agora aplica no braço do interrogado. Parece que nosso adversário vai recobrando a consciencia, ele vai acordando e parece que vai falar alguma coisa, atenção que este lance pode decidir a partida, capitão Barbosa chega por ali, se aproxima, tenta ouvir o que o interrogado quer dizer, é agora, vem comigo torcida brasileira, ele vai falar, o interrogado puxa o ar e… COSPE na cara do capitão, cospe sangue na cara do capitão Barbosa, uma atitude criminosa e anti esportiva, pode isso coronel?

Cel. Ostras: poder até pode, Pacheco, mas no caso agora a nossa tática vai precisar ser ainda mais ofensiva, porq o adversário está subestimando as nossas capacidades como nação

Pacheco: Apita o arbitro, levanta os braços e é o fim do primeiro tempo. Os jogadores começam a deixar o gramado, o interrogado sai de maca acompanhado pelo Dr. Sampaio, vamos ver se ele vai ter forças para voltar pro segundo tempo. O Brasil dominou a partida até os minutos finais. Mas o adversario nos surpreendeu, virando o jogo no minuto final. Fique agora com o intervalo show, voltamos em 71 segundos.

CENA 08:

[Andrew está ensaiando a cena OFÉLICA BANHEIRO-TRINCHEIRA, do texto de ofélica latina, inserindo na encenação cada vez mais elementos relacionados às guerrilhas da América latina, principalmente: do movimento zapatista no México, das FARC na Colômbia, do Araguaia durante a ditadura militar, enfim vários movimentos armados]

CORTE 02 DA OFÉLICA LATINA:

[Hamlet fruta do conde está num banheiro trincheira do castelo durante a madrugada, ouvindo uma das muitas festas do rei claudio reaça ao longe. Ele tem uma caderneta, uma calculadora, um radio e um celular. Ofélica chega com a muamba]
Hamlet fruta do conde: pensei que num vinha mais
Ofélica latina: tinha uns guardas no corredor, príncipe
Hamlet fruta do conde: deu crack, ofélica. Deu crack na bolsa.
Ofélica latina: caça aí a rádio guerrilhas [sintonizam no rádio a guerrilha zapatista]

Guerrilheira Zapatista: Compañeras. Vamos praticar as experiencias que temos aprendido no exercito revolucionário de libertação nacional ZAPATISTA … Muitas companheiras subiram a montanha para se prepararem… como insurgente! para enfrentar o inimigo… quando nos integramos temos que deixar nossas famílias, nossas casas… Tudo! e é com nossos companheiros e companheiras insurgentes que descobrimos e encaminhamos nosso modo de viver...tudo q não aprendemos em nossas casas, estando na montanha aprendemos! se não sabiamos ler nem escrever, nos ensinavam os outros companheiros que sabiam. o que não aprendemos em casa aprendemos na montanha! estando como insurgente é nossa obrigação aprender todo tipo de trabajos. nos dão um treinamento, como manejar uma arma, aprendemos qualquer tipo de armas e portar qq tipo de arma...tbm aprendemos o politico, cultural e militar!

Hamlet fruta do conde: e você tá metida com elas? Com essas guerrilheiras?
Ofélica latina: Meu irmão foi embora de viagem hoje. o rei negou sua viagem?
Hamlet fruta do conde: minha mãe quer que eu fique
Ofélica latina: por que voce tá querendo voltar pra gringa? Eu sei que essa história de voltar pros EUA pra estudar é só fachada… você odeia os carecas de louça!
Hamlet fruta do conde: e voce que que tá querendo ir pra Amazônia? É pra si meter com guerrilheiras?
Ofélica latina: é 1 ciclo de saberes tradicionais sobre as ervas da corrente de Seu Ubirajara
Hamlet fruta do conde: em plena guerra contra as guerrilhas? em pleno processo de independência? a senhora não mi engana não, eu conheço as suas ligações
Ofélica latina: voce mi espia é? se você espia espião nunca esqueça que eu vou pra missa na linha de frente!
Hamlet fruta do conde [mostrando o saco de bombons e todas as dádivas do capitalismo: pó de café, chocolate, doritos, tudo muito embalado, comida de plástico]: pra voce!
Hamlet fruta do conde: eu te digo pra confiar em mim, pra fazer o que te aconselho, e voce vai si meter com quem não devia, cai na canga...mujer ativista zapatista! Voce só dificulta a nossa situação. Vou te dar todo o apoio, toda a estrutura, até financeira, vou te dar todas as condições de crescer, deixar as suas maiores potências aflorarem, mas voce precisa seguir o que eu digo, vou te apresentar pros empresários mais ricos de nova York, os magnatas de chicago, burguesia, poder, consumo, voce vai gostar. A américa latina vai ser o nosso jardim. Você vai ser a rainha do couro, da erva, do fumo, do pau…!
Ofélica dá uma risada. Pega sua muamba e entrega.
Hamlet fruta do conde: Maravilha! Vamos ver se temos tudo!
[Hamlet mexe na muamba. abre alguns pacotes verificando em algum caderninho. Vai pesando numa balança, com luvas, e anotando as quantidades e a qualidade dos produtos]
Hamlet fruta do conde: cana de açúcar, cacau, grão de café, ouro, prata, couro, carne, frutinhas q fazem corante, vou levar isso tudo pra gringa, pod confiar em mim, a gente vai tirar 1 dinheiro por fora, precisamos financiar os movimentos!
Ofélica latina: depois eu vou pegar isso todo de volta com juros
Hamlet fruta do conde [tira 1 vibrador de dentro do saco] o que é isso?
Ofélica latina: haha voce achou rápido
Hamlet fruta do conde: baby o que é isso?
Ofélica: voce não sabe?
Hamlet fruta do conde: hm... parece... [é 1 objeto sexual] pra que serve?
Ofélica: não tem nem ideia? é uma arma para quem sabe usar!
Hamlet fruta do conde: sua safada

Ofelica latina [sério]: não é 1 fetiche... não é só 1 fetiche. É para nossa cumuniação… Estamos cercados. Sendo observados a todo momento...eles tomaram tudo...todos os meios de comunicação. Agora para falarmos e nos comunicarmos, só por esse aparelho. a gente estabelece uma comunicação silenciosa mas gozosa. As comunicações estão cortadas com a vida. Então sempre que precisar de mim, na alfandega, no café, no teatro, na porta detectora de metal… precisando de mim...você aperta! em mim vibra! tesão e ligação!
Hamlet fruta do conde: Voce ainda num mi disse pra que serve
Ofélica: É pequeno, é prático, dá pra carregar no bolso, tem 1 controle, ó [aperta o controle, o aparelho vibra] Vibramos em código Morse pra transmitir mensagens. E na hora do sufoco, voce tem 1 lugar pra esconder.
Hamlet fruta do conde: onde?
Ofélica latina: o lugar mais secreto do nosso corpo. Os buracos de baixo. Voce tem que testar pra gente saber se funciona
Hamlet fruta do conde: para
Ofélica latina: é a única saída para não sermos pegos
Hamlet: nem vem
Ofélica latina: Não vamos perder essa oportunidade pros volantes
Hamlet: voce acha que eu consigo tambem?
Ofélica latina: consegue sim, quer ver, abre pra mim o cuzinho q vou te mostrar [Hamlet começa a tirar a roupa] tá vendo, aqui...
Hamlet: ai, vai machucar?
Ofélica latina: pega o espelhinho ó! Faça como a Myryan Muniz! DESCABAÇA ESSE CABEÇÃO
[Entra a atriz e professora iniciadora dos ritos Myryan Muniz. Ela pega um espelhinho e começa a mostrar pra hamlet o reflexo da operação de enfiar o vibrador-bolinha cu adentro]
Myryan: voce ta estranhando porque não tem consciência do próprio corpo, tá vendo?
Hamlet fruta do conde: isso. Isso. Deu certo. Tô bem. Vamos nos comunicar o tempo todo. Não esquece. Preciso do seu voto de confiança. A gente vai fugir desse reino e vamos pra América. eu sou o príncipe do capitalismo todos deveriam abaixar a cabeça pra mim, mas olha só o golpe q o reino sofreu.
Ofélica latina: para com essa história. Parece que num aprendeu nada

---

Andrew: muito bem, maravilha. Agora vamos mostrar pra Marta o nosso workshop da cena com o Laertes Agroboy. Isso. Projetores ok? Deeva? Pronta pra soltar o vídeo? Então, PLAY!

CORTE 03 DA OFÉLICA LATINA:

[ofélica latina está com seu bonde fazendo arruaça. Canta seu hit do verão, 1 funk]
Ofélica latina:

Seu poder é tão pequeno

Quando eu desço meu veneno

Não mexe comigo não

Vou tremer teu chão

[salve geral da mc ofélica, saudando as guerreiras e guerreiros da luta de libertação da américa latina]

Salve Luís Carlos Prestes

PRESENTE!

Salve Olga Benário

PRESENTE!

Salve Elisa Branco

PRESENTE!

Salve Dilma Roussef

PRESENTE!

Sou ofélica latina

Acabou o leva-e-trás

Eu não sou suas novinha

Sanguessuga nunca mais

Nunca mais

Nunca mais

Você tem poder de fogo

Pensa que é o fodelão

Eu que mando nessa porra

Não mexe comigo não

Não mexe comigo não

Vou fazer tremer teu chão

Faz a linha pistoleiro

Tua não sai do cinto

Te afundo no chiqueiro

Agroboy te corto o AH

É melhor cê botar fé

Nessa terra mando eu

Agora só fica em pé

O pau que não é o seu

Seu

Seu

Seu

Seu seu seu seu seu seu seu seu

Acabou esse lance de queimada

Acabou esse lance de devastação

O seu lucro que me mata

Vai pra debaixo do chão

Não mexe comigo não

Vou fazer tremer teu chão

Não mexe comigo não

Vou fazer tremer teu chão

[passa Laertes de carro, dá bafão na frente de todo mundo, agarra a irmã à força e enfia no carro]

Laertes agroboy: voce tá mto atiradinha pro meu gosto. Toma, veste uma roupa, fica aí se exibindo, vai que alguém vê

Ofélica latina: deixa ver uai

Laertes agroboy [obrigando ela a vestir]: veste logo e cala a boca. Tudo puta e viado! Entendeu? Tudo puta e viado! Tem uma coisa que eu queria te falar, presta atenção. Voce fica andando com esse viadinho desse hamlet, depois...

Ofélica latina: shhhh, vai cuidar da sua vida, voce vai viajar daqui a pouco e tá atrasado

Laertes agroboy: ele é príncipe herdeiro do Império, vc num é ninguem não sua trouxa, tá si vendendo a troco de nada, vai ficar com um carimbo de vadia colado na testa, só pra ele fazer um agito na rua voce si presta a esse papel

Ofélica latina: cala essa boca, olha pro espelho antes de falar de mim

Laertes agroboy: espera que o que é seu tá guardado, daqui a uns anos eu vou encher a boca pra dizer "eu avisei", voce vai ver

Ofélica latina: voce num vai conseguir olhar na minha cara pra dizer isso não

Laertes agroboy: voce fica alimentando miragens

Ofélica latina: não é miragem, eu recebi um convite

Laertes agroboy: pra onde?

Ofélica latina: pras cordilheiras

Laertes agroboy: eles te chamaram por que?

Ofélica latina: eles querem conhecer o que eu sei fazer com as plantas

Laertes agroboy: eu não sei fazer nada com as plantas

Ofélica latina: porque voce é 1 boçal

Laertes agroboy: si eu fosse 1 boçal eu não tava mudando de país só pra estudar

Ofélica latina: aham

Laertes agroboy: voce vai ver se isso tudo aqui não vai virar um fazendão. Tudo moderno. Máquinas pra plantar, pra regar, pra colher, pra moer, olhando de longe parece um parque de diversão. Vc vai ver, [COLAR LETRAS DE SERTANEJOS UNIVERSITÁRIOS A GOSTO]

Ofélica latina: estudar sim, sei...

[durante esse ensaio, heitor se aproveita de alguma situação pra apalpar soraia, o que motiva ela a interditar o ensaio para fazer uma denúncia]

Soraia [interrompe]: desculpa, assim não dá. Desculpa. Olha, eu detesto fazer esse tipo de coisa, mas tem certos casos que é necessário.

Andrew king: o que foi, soraia?

Soraia [pra heitor]: q tipo de direito voce acha que tem sobre o corpo das outras pessoas? Hein? É, eu não gostaria de ter q trazer a público, mas se eu não fizer isso vou estar me omitindo, e a omissão só legitima esse comportamento patriarcal nojento... [falando pra todxs] é o seguinte, esse homem aqui [apontando pra heitor] , que até a semana passada só me passava umas cantadas idiotas em momentos inapropriados, ele se aproveitou de uma situação no final de semana, me levou pra casa dele, e transou comigo sem o meu consentimento

Marta escobar: voce não está fazendo isso, queridinha, voce não deveria estar fazendo isso

Soraia: E aí não contente com isso, eu tentando aqui seguir no "eu-finjo-que-não-lembro-voce-finge-que-não-fez", e ele ainda tem a petulância de ficar escapando a mão boba...

Marta escobar: isso faz parte do trabalho de cena, soraia...

Heitor: enche a cara, depois num sabe o que faz

Soraia: cala a boca seu otário [parte pra cima dele, enche a mão nele]

Marta [cortando]: parou, parou. O que é isso? Me explica o que é isso? Agora a gente resolve as coisas na mão? Soraia, vc é atriz, precisa ter uma postura profissional, as questões pessoais voce resolve dessa porta pra fora. Q tipo de coisa é essa? Aonde a gente vai parar desse jeito? Vamos ter que interromper hoje

Andrew: Marta. Deixa eu falar. Olha, então a gente encerra por hoje. Não tem como continuar, não nessa situação. Muito difícil mesmo... Amanhã a gente volta, no horário normal. Amanhã já vai estar tudo mais calmo [todxs começam a dispersar]

CENA 09:

[no kamaryn, logo depois do ensaio, marta escobar e andrew king conversam]

Marta escobar: Agora que estamos sozinhos... já tô pra te dizer há um tempo... Voce não acha absurdo que esses atores, as atrizes, todos eles, por uma personagem, um sentimento fingido, uma paixão que nem é deles, consigam si forçar a sentir o que eles querem? De um jeito que até ficam pálidos, vem até lágrima nos olhos, a voz muda, eles ficam com frio, com tesão, ficam malucos, o rosto se transforma, o corpo inteiro, e todo o comportamento se ajusta ao que eles precisam justo naquele momento... E tudo isso pelo que?! Pela ofélica! Haha! O que é a soraia diante da ofélica latina, pra ela fazer todo esse alvoroço que ela faz em cena? E voce acha que ela só faz isso em cena? Voce acha que soraia tambem não é um papel que ela representa?. E às custas de quem, que já tá há anos ralando aqui?

E voce mi desculpa, mas voce entrou nesse jogo direitinho. Fica aí, pulando que nem 1 cabrito, rebolando, ingênuo, ridículo, deixando uma menina tomar o seu espaço. Que monte de firula é essa q voce tá enfiando na encenação? Deixando elas improvisarem, aceitando tudo sem filtrar. Essas máscaras são de um mal gosto horroroso. E o texto tá começando a se desfigurar demais. Tá triste te ver ... Essa menina tá ganhando uma liberdade aqui dentro que é perigosa. O meu papel é te ajudar a enxergar esse tipo de coisa.

Vai saber até onde alguem pode ir quando chega nesse ponto de radicalismo. Ela é uma ameaça pra todo mundo nesse espetáculo. Sinto que a soraia, nesse processo, é como si fosse 1 verme, que entra pela sola do seu pé, sem nem perceber, no começo dá só uma coceirinha, qse gostosa, fica 1 pouco vermelho, mas com o tempo a ferida começa a crescer, começa a ficar inflamada, começa a nascer pus, e vai inchando, inchando, e daqui a pouco voce nem consegue mais encostar o pé no chão porque dói tanto, mas dói tanto, e isso de repente trava a sua vida inteira porque voce não consegue nem caminhar pra lugar nenhum, e aí a ferida explode

Andrew king: tá bom, já entendi

Marta escobar: É aí que a gente vai chegar se não agir agora

Andrew King: Eu tenho uma surpresa pra senhora

CENA 10:

[um dia depois. Casa de elza e Abelardo. Elza está preparando o café da manhã. Abelardo acabou de acordar. Ele entra]

Abelardo: voce acordou cedo hoje

Elza: tô com muita coisa na cabeça

Abelardo [já olhando o jornal]: eu tambem não dormi muito bem

Elza: eu percebi

Abelardo: voce viu q... [ALGUMA DESGRAÇA POLÍTICA DO MOMENTO]

Elza: e o que que eu tenho a ver com isso?

Abelardo: tem coisa que é de artes aqui, coisas sobre a censura

Elza: que censura, Abelardo?

[toca o telefone de elza. Ela atende]

Elza: alô? [estranhando] oi marta [sai, conversando com ela]

[toca o interfone, Abelardo atende]

Abelardo: oi? Quem? Sério? Tá. Não, melhor eu descer aí. É, fala que já tô descendo [desliga totalmente desconfiado]

Elza [voltando]: eu não falei pra voce, meu amor!!!

Abelardo [atordoado]: o que, elza, o que foi que voce falou?

Elza: ihhh, que que é hein?

Abelardo [se contendo]: desculpa. O que que foi?

Elza: era a produtora do espetáculo, e sabe quem é que vai fazer a ofélica latina a partir de agora?

Abelardo: voce

Elza: eu mesminha!!!! Vão todos trabalhar para eu brilhar! PRO TA GO NIS TA da minha própria história!!!

Abelardo: querida, parabéns, voce merece... eu tenho que descer pra pegar um negócio lá na portaria, viu...

[toca o interfone, Abelardo vai e atende. Elza vai terminando de preparar o café, e já vai comendo, animadíssima]

Abelardo: oi? Ah, já? Ah, tá bom. Não, tudo certo. [desliga]

Elza: vou ter que sair voando porque eles querem conversar separadamente comigo antes do resto do elenco [toca a campainha] ué, quem é?

Abelardo: uns colegas do trabalho, eles vieram me trazer um documento que eu precisava

Elza [estranhando, mas consumida pela própria felicidade]: Ah tá bom...

Abelardo [abrindo a porta, lá estão agente rose e agente guidón]: Oi? Tudo bem? Como tá?

Agente rose: bom dia, Abelardo

Agente guidão: bom dia, dona elza

Elza: ai, não, não vai me chamar de dona dentro da minha própria casa

Agente guidão Perdão

Abelardo: Voces não querem sentar um pouco?

Elza: Eu tô de saída, tô indo trabalhar, mas vou trazer um café antes pra voces, tá pronto já, querem?

Agente rose: um café, claro

Agente guidão: um café, por que não?

[agentes sentam, Abelardo tambem, elza vai buscar o café]

Agente rose: o sr toma café todo dia antes de sair de casa?

Agente guidão: tem gente que fica muito acelerado

Agente rose: eu por exemplo, só tomo um copo de água de manhã

Agente guidão: dá queimação?

[elza grita]

Abelardo: elza, que foi?

Elza: derramei café caralha

Agente rose [retomando]: é bom tomar um limão espremido no copo

Agente guidão: ay mas deve ser azedo que só!

Agente rose: nem tudo que faz bem é gostoso

Abelardo: eu tomo café antes de sair pra Caixa mas agora eu tô de férias

Agente rose: férias, claro

Agente guidão: por isso viemos aqui

[entra elza com as xícaras, entrega pra eles, sai pra trocar de roupa com pressa]

Agente rose: desde a ocorrência na agência, voce anda um pouco alterado

Agente guidão: até imaginamos q voce estivesse com problema na família

Abelardo: desculpa, que ocorrência?

Agente rose: o assalto, seu Abelardo

Agente guidão: a ação terrorista dos bandidos

Agente rose: ou voce acha que aquilo é favela?

Agente guidão: ou voce chama aquilo de "guerrilha"?

[entra elza, pronta, se despedindo de cada um deles]

Elza: de novo, me desculpem a correria, outro dia venham aqui com calma, Abelardo, chama eles pra vir aqui um dia, num outro horário, pra gente se conhecer com mais tempo [pra Abelardo] qualquer coisa q precisar me avisa tá? Me manda uma mensagem depois. Beijo! [sai. Abelardo se transforma, tá apavorado]

Agente rose: voce nem imaginou que era uma organização terrorista clandestina que fez o assalto?

Agente guidão: a gente só percebe o que quer não é mesmo?

Agente rose: a não ser que alguem nos instigue

Agente guidão: a não ser que alguem nos obrigue

Agente rose: a sua esposa é muito gentil

Agente guidão: atriz!

Agente rose: de teatro!

Agente guidão: Tenho certeza que a peça vai ser um sucesso

[silêncio]

Abelardo: e aí?

Agente rose: voce naturalmente não vai estranhar se eu precisar fazer algumas perguntas sobre silvia fonseca

Abelardo: o que é que tem a silvia?

Agente guidão: Ela trabalhava com voce na caixa

Abelardo: Eu sei quem é a silvia, mas ela era só minha colega

Agente Rose: A gente tem umas perguntas pra fazer, mas é melhor voce vir com a gente até a delegacia

HINODOMEIO

[o coro dos coxas canta 1 hino em louvor aos bons momentos]

onda de alegria

1 bom momento

Aonde estou?

Hoje é um novo dia

De 1 novo tempo

Que começou

Nossa paz é a gente que faz

Quem trabalha não fica pra trás

Ó bem vinda aurora da manhã

[looping psicodélico]

CENA 11:

[Andrew ensaia a cena do jantar, do texto de OFÉLICA LATINA

Andrew king: Soraia, senta aqui do meu lado. Marta, voce não quer ler o papel da rainha nessa cena? Eu preciso que a soraia veja de fora, pra entender as projeções.

Marta escobar: mas é pra ler como?

Andrew king: eu confio no seu talento

Marta escobar: como nos meus tempos de atriz!!! [sobe onde soraia estava, veste a máscara de rainha, se posiciona]

Andrew: Soraia, senta aqui do meu lado [Andrew começa a inserir Soraia no duplo oroboros de ofélica, junto com Elza, sorrateiramente]

CORTE 04 DA OFÉLICA LATINA:

[festa. Rainha no trono. Toda a nobreza decadente aguarda a chegada do rei]

Rainha gertrudes: Nas colônias dependentes, guerrilheiros terroristas bandidos, em várias regiões ao mesmo tempo, cordilheiras, caribe, sertão, floresta amazônica, SE REVOLTARAM, tentando se aproveitar de 1 momento de fragilidade do nosso Império, depois da morte do antigo Rei Hamlet. Parecia que não tínhamos mais forças para nos lançarmos ao campo de batalha, mas o Rei Claudio Reaça demonstrou pulso firme na condução do Império, reuniu os homens, NAVEGOU OS OCEANOS, PREPAROU OS CANHÕES E AS BOMBAS, OS DRONES E OS MÍSSEIS, batalhou, e reprimiu o impulso separatista além mar.

[entra o rei, todos o aplaudem e comemoram]

Rainha Gertrudes: rei, que bom que voltou, vivo, e inteiro
Rei claudio reaça: vencemos a guerra "sem derramar sangue"!
Rainha Gertrudes: voce é um grande negociador
Rei claudio reaça: se fosse necessário, teríamos degolado um por um todos os soldados inimigos, mas conseguimos negociar um acordo

Rainha Gertrudes: A guerra chega ao fim. AS COLÔNIAS AINDA DEPENDEM DE NOSSO DOMÍNIO. Agora começamos um novo período, de recuperação da crise. A ordem tradicional será mantida, com dificuldade, austeridade, medidas duras, difíceis, como anunciou nosso Senhor, mas necessárias.

Rei Claudio reaça: Vamos fazer uma festa como nunca antes nesse castelo! Pra comemorar vamos tirar uma selfie! [a nobreza se reúne pra tirar uma selfie]
[entra ofélica, toda produzidíssima, causa 1 climão. Fica 1 tempo parada enquanto a nobreza paralisada na selfie está perplexa com a imagem de ofélica.]

Rainha Gertrudes: queridinha, voce tem algo a dizer?
Ofélica latina: trago comigo aqui um banquete poderoso servido das melhores carnes. [serve todos ali presentes que saboreiam a comida e acham ela deliciosa] Voces, que são nobres prestem atenção porque nas minhas mãos está o carma de cada um de voces. [para o rei claudio] pra voce, esta macia carne temperada com folhas de alecrim e assada no forno a lenha advém do povo Aymara, é uma parte do músculo da batata da perna de Tupac Amaru, o último guerreiro Inca, que foi desmembrado por quatro cavalos a mando da coroa espanhola, pois já que és tão soberano, e como voce entrou numa casa que não é sua, explorou uma terra que não é sua, dormiu na cama que não era sua, é muito muito urgente se deliciar com esta carne, porque está tudo apodrecendo mas ninguém consegue ver [para a rainha] pra voce eu daria só rosas brancas, pra tranquilizar sua mente, pra desmanchar a fixação que sentes pelo antigo marido, nas noites de insônia, mas não, não, seu prato trouxe algo mais refinado, e particular, carne de sol, refogada ao molho de sangue, de uma guerreira que liderou o exército que lutou contra a invasão dos espanhóis na região da bolívia: Bertolina Sissa, que foi espancada e estuprada até a morte por liderar e resistir a dominação da Coroa, fiz também um chá, é de arruda, ervas mergulhadas nas

lagrimas de todo um povo que foi dizimado, pode usar tudo isso aqui, pode usar até mais, toma [dá mais chá pra ela] voce vai ver, si num é exatamente disso que voce precisa, as lagrimas desse povo te sirvam de consolo, eu sei que você gosta [vê laertes agroboy] irmão, desde que nasci, estás ao meu lado, irmão da minha dor, si eu tivesse alecrim, é de alecrim que vc precisa, viemos do mesmo tronco podre, voce já ficou sabendo? O tronco tombou... Voce num foi estudar? Num vai transformar a terra num fazendão? Não manipula a genética das plantas pra elas virarem lucro aqui no seu bolso? Quero ver o poder da sua ciência. Cadê sua coragem, hein, homem bravo? Hein, desbravador, bandeirante?... pra voce eu fritei em óleo de girassol as córneas de Eduardo Cohen, mais conhecido como bacuri, que foi torturado e morto por ser um dos líderes da ALN, seu corpo foi achado todo triturado e suas córneas foram o que sobraram, talvez com elas você passe a enxergar com outros olhos nosso mundo, Sera??? hahahaha nos seus olhos a repulsa que sentes por mim, o que voce acha q eu sou? [volta a cantar rindo com projeção da américa latina. Laertes agroboy a retira de cena]

Marta Escobar: esse texto está muito muito alterado em relação ao original

Andrew: estamos chegando em algum lugar muito interessante, no alto dessa montanha

Marta Escobar: Andrew, eu falei com voce

Andrew: voces tambem sentem o fluxo criativo

Soraia: uma nova guerrilha

Elza: um novo teatro

Marta Escobar: acontece minha gente que voces são artistas e sentem o fluxo, mas eu não: sou produtora. Meu nome fica ligado ao de voces. O que voces disserem , em cena, é como si eu dissesse. Veja bem, não posso botar o dinheiro em uma peça cujo conteúdo só vou conhecer no dia da estreia. Não faço censura, juro que não, longe de mim! Mas existe um departamento de diversões públicas que vai fiscalizar esse espetáculo, e o texto que mandei pra eles é muito diferente disso. Eu preciso de tudo por escrito, andrew. Todo artista deve ser livre. Mas, pra gastar o dinheiro que eu captei, preciso saber no quê! É justo que voce diga o que voce quiser, tambem é justo que eu só pague pelo q não mi comprometa. Si voce quiser continuar nesse processo, preciso enviar de novo o texto para o Departamento... porque não queremos surpresas desagradáveis em cima da hora... quero todas as palavras, até as que forem improvisadas, tudo na minha mão até hoje à noite!

Andrew king: É pela posse da Palavra, da Imagem e do Som que os opressores oprimem, antes que o façam pelo dinheiro e pelas armas

Marta Escobar: voce está fazendo dessa peça uma coisa maniqueísta

Andrew: eu tenho que ser menos maniqueísta então...

Marta Escobar: estamos entendidos?

Andrew king [já faz parte do coro]: Não admitamos que se freie o livre desenvolvimento de um delírio, tão legítimo e lógico quanto qualquer outra seqüência de idéias e atos humanos. Não admitamos!

Marta Escobar: já acabamos por hoje, certo [todxs vão saindo no frenesi com Andrew] Elza, vem cá um pouco [Elza chega até marta] querida, hoje tem 1 jantar com o secretário de cultura, ele me convidou, disse pra eu levar alguem daqui, eu ia chamar o Andrew mas enfim... com todo esse alvoroço... Voce não quer ir comigo? Vai ser na casa dele

Elza: amanhã tem ensaio

Marta Escobar: boba

Elza: loba

[riem]

Marta Escobar: vamos comigo, vai ter gente influente, eles vão perguntar como estão os ensaios, voce poderia dar um depoimento muito interessante

Elza: entendi

Marta Escobar: às 20h, vou te mandar o endereço por mensagem taaaa bom querida?

CENA 12:

[Casa de Elza e Abelardo. Começo da noite. Elza sozinha, estranha a ausência de Abelardo, tenta insistentemente falar com ele, mas não consegue. Enquanto isso, se arruma para a festa. Mexe nas coisas dele, acha a coroa que tinha separado pra usar no teste da Ofélica Latina, acha os jornais guardados, com as notícias do assalto. Lê. Estranha ainda mais. Deixa um recado de áudio no celular. Deixa um recado por escrito e sai. Obs: ela pode narrar seu fluxo interior enquanto realiza as ações]

CENA 13:

[Sala da casa de Elza e Abelardo. Manhã cedinho, Toca o interfone. Elza acorda, em sobressalto, olha a hora pra conferir se não está atrasada pro ensaio. Vai lá atender]

Elza: Oi? O que? Sozinho? Diz pra vir aqui [desliga. Lava o rosto, faz vocalises pra terminar de acordar e passar a voz de sono. Batem na porta, ela vai abrir. É agente guidão]

Elza: bom dia, como vai?

Agente guidão: Vou muito bem, Elza, obrigado, será que eu poderia entrar pra gente trocar uma palavrinha?

Elza: eu não sei o seu nome

Agente guidão: Eu vim aqui ontem com uma colega da Caixa, lembra?

Elza: Lembro, mas voce não se apresentou

Agente guidão: será que eu posso entrar?

Elza [abrindo a porta]: vem. Senta. Voce sabe cadê o Abelardo?

Agente guidão:... é justamente sobre isso que eu vim falar

Elza: ontem ele foi com voces? Ele nunca fez isso. Ele não tá aqui

Agente guidão: o Abelardo tá bem, a senhora não tem com que se preocupar

Elza: eu fui até a agência e me disseram que ele tava na delegacia

Agente guidão: exatamente, não tem com que se preocupar

Elza: voce ainda não me disse o seu nome

Agente guidão: ontem nós viemos conversar com o Abelardo sobre esse chamado pra prestar depoimento no distrito policial, sobre um inquérito instaurado...

Elza: eu falei com o delegado depois

Agente guidão: é, eu sei...

Elza: Nunca vi depoimento durar um dia inteiro

Agente guidão: mas agora ele já está finalizando. Voce tá bem?

Elza: Não dormi muito essa noite

Agente guidão: Bom... tô aqui pra falar com a senhora, e pedir uma muda de roupa, porque hoje o Abelardo vai direto pra Caixa

Elza: ele vai direto pro trabalho?

Agente guidão: vai sim

Elza: ele tá de férias

Agente guidão: é, houve uma alteração, ele que preferiu assim, vai tirar férias em outro momento. Hoje vai direto lá pra agência, direto da delegacia

Elza [tentando seguir o conselho de se aproximar dos inimigos]: tá bom... voce bebe alguma coisa?

Agente guidão: não, não precisa

[elza sai, volta com a muda de roupa]

Elza [tentando conter o pavor, entrega a muda de roupa]: E porque ele não atende o telefone, nem mandou mensagem, nem nada?

Agente guidón: o delegado não explicou ontem à noite?

Elza: explicou o que?

Agente guidão [se encaminhando pra porta]: ... essa investigação é de caráter sigiloso, por isso ele não pode entrar em contato com mais ninguem, do lado de fora... então, elza, muito obrigado pela disponibilidade, até logo

Elza: tchau, é... voce não me falou o seu nome

Agente guidão [saindo]: um beijo no seu coração

CENA 14:

[estão todxs no teatro, esperando Elza chegar. Marta não está]

Andrew king: Quando alguém mi pede "menos" maniqueísmo, está na verdade pedindo que se apresente no palco também o lado bom dos maus e o lado mau dos bons — pede que se mostre personagens que sejam bons "e" maus, da direita "e" da esquerda, revolucionários-reacionários, a favor "mas" muito antes pelo contrário. Pede que se mostre que os ricos também sofrem e que "the best things in life are free" como diz a canção (adivinha) americana. Pede que se mostre que todos os humanos são iguais quando nós pretendemos repetir pela milionésima vez que o ser social condiciona o pensamento social. Pede que se afirme que, já que todos os humanos são simultaneamente bons e maus, devemos todos entrar para o rearmamento moral e começar a nossa purificação simultáneamente: torturados e torturadores devem simultáneamente purificar seus espíritos antes de cada sessão de tortura.

Tá certo, vamos começar, celular na mão, coro no meio do público, conexão

---

CORTE 05 DA OFÉLICA LATINA:

Ofélica -

Rainha. Quem te fala é uma morta. Eu morri.

Eu não vim aqui pra falar com você. Eu quero falar com os outros, as outras, os que não sabem nunca de nada que acontece nesse reino podre da dinamarca.
Esse video vai chegar na casa delas e deles todos. Esse video vai penetrar, vazar, se espalhar que nem um veneno de cobra. ops.

Há versões sobre a minha morte, não há?

Qual versão a Rainha te contou?
Qual versão o jornal te contou?
Qual versão o Juiz te contou?
Qual versão a Polícia te contou?
Qual versão Hamlet te contou?

E em quem vocês acreditaram?

Querem saber? Eu morri mesmo foi de fome. Eu morri depois que um exército sanguinário matou todos os meus pais e minhas mães. Morri quando me arrancaram da minha terra natal e me trouxeram pra cá num navio escroto. Eu morri todos os dias desde que aquela lama toda rompeu as barragens de Mariana. Morri perseguida pela polícia, com um tiro nas costas. Morri numa manifestação durante todas as ditaduras

militares. Morri numa guerra entre facções do tráfico, morri numa briga de rua com garrafada na cabeça, morri aos 05 anos de idade abandonada pelos meus pais, morri aos 15 quando me estupraram pela primeira vez, morri aos 20 quando trabalhei por 40 horas seguidas. Morri quando esqueci minha língua, morri analfabeta, morri faxineira deste palácio, morri e deixaram minha carne pros urubus.

Tava gostoso o jantar?!

[entra Elza, derruba todo o cenário. Ela está totalmente avoada e mal consegue ensaiar]

Andrew king: Elza, tudo bem?

Elza: tudo. Na verdade não. Ontem eu ouvi, eu preciso falar pra voces...

[marta entrou durante o ensaio e já estava postada de canto, esperando atenção]

Marta escobar: com licença, andrew, só um minutinho, pode vir aqui?

[andrew king vai até ela, eles conversam de canto. Silêncio entre o elenco. Cuxixo]

Andrew king: a marta precisa passar um informe pro elenco

Marta escobar: eu vou ser muito breve, porque enfim isso diz menos respeito ao trabalho deles do que o seu, andrew. Por conta de um obstáculo que foge à nossa vontade, vamos ter algumas alterações no projeto...

Andrew king: mas conta tudo logo

Marta escobar: bom, é isso, vamos ter que replanejar, na verdade não é nada bom, mas é bom já matar todos os coelhos na mesma cajadada, e abrir logo pra todos aqui. Eu andei conversando com alguns conhecidos da secretaria de cultura ontem...

Andrew: falou com o...

Marta escobar: não interessa. Porque é só um toque que eu queria te dar. E como resvala diretamente no trabalho criativo de voces... bom, como voces sabem, todas as peças de teatro que são escritas, antes de serem publicadas, antes de serem montadas, antes de estrear, precisam passar pelo exame do departamento de diversões públicas. É um órgão q voces já conhecem. Vira e mexe ele é extinguido, fica dez, vinte, vai, vinte e cinco anos sem existir, e depois entra

algum outro governo que reabilita ele, e, enfim, somos filhos da nossa época, não é nossa escolha o jogo que temos q jogar. Cabe a nós, quero dizer, a voces, artistas, se adequar à realidade. Bom, o fato é que parece q os examinadores da Ofélica Latina, parece, lançaram algumas questões sobre o conteúdo da peça

Andrew king: como eles já viram se te mandei ontem à noite?

Marta escobar: exatamente, encontrei com eles ontem mesmo, que coincidência... mas parece que gerou um debate um pouco delicado dentro de um contexto, digamos, tão explosivo como o que enfrentamos. A sociedade passou por uma convulsão e foram necessárias algumas medidas drásticas pra impedir o ascenso de um povo que, sinceramente, não merece a metade do que conquistou. O fato é que, andrew, soraia, heitor, atores, atrizes, músicos, cenógrafo, diretora de vídeo, figurinista, texto, direção, voces todos q estão envolvidos, voces artistas que estão no público nos assistindo, é melhor voces ficarem espertos, eu banquei esse risco porque vejo que o sistema é antigo, e vai ter q se reinventar, eu me considero uma visionária, mas, andrew, voce, que é estrangeiro, que parece querer se abrasileirar, voce era uma grande expectativa da cena teatral, voce que já cruzou toda a história do nosso teatro, isso tudo foi levado em conta na hora de apostar no seu nome... mesmo com as suas tendências... políticas..., os agentes da secretaria ficaram extremamente confusos com tudo isso e...

Soraia: censura?

Marta escobar: desculpa, bonequinha, não consegui entender

Andrew king: qual é o ponto, marta?

Marta escobar: o ponto é que seria necessário fazer alterações em alguns... detalhes da peça. enfim, a questão, e eu sinto muito mesmo em dizer isso, mas o espetáculo vai ser vetado. Então eu prefiro já me antecipar. Isso não afeta o acordo comercial que firmamos, ainda mais nessa proximidade da estreia, todos vão receber o referente aos meses do processo, mas as apresentações não vão poder acontecer. É muito difícil pra mim dizer isso, mas são os ossos do ofício, a gente precisa passar por cima das dores pessoais de vez em quando. Parabéns a todos pelo trabalho que foi feito, foi mesmo um aprendizado e um prazer dividir esse espaço com vocês [ela sai, Heitor vai atrás]

INTERVENÇÃO 04 – BARBANTE VERDE

Pacheco: Estamos de volta para o segundo tempo dessa finalissima! John Rowf entra em campo, caminha até os jogadores, parece que vai passar algumas instruções ao time.

OSTRAS: É isso mesmo pacheco, Jonh Rowf é um líder, um grande armador de jogadas.

MAITÊ: Um verdadeiro coaching,

Pacheco: Dr. Sampaio sempre elegante vem caminhando para o banco de reservas, tudo pronto para o início do segundo tempo.

Dra. Maitê: repara q o dr Sampaio já trocou de luvas, ele é mesmo um profissional muito comprometido com a higiene do ambiente de trabalho

Cel. Ostras: é, dra, ele faz esse tipinho do médico limpinho, voce gosta dessa linha, não é? Sabe o q eu queria dizer, dá licença, Pacheco, acho q é importante dizer isso pros ouvintes, essa história de tortura higiênica é só coisa pra inglês ver, sabe, a gente tem uma tradição aqui no exército brasileiro, e é de esfolar o cara até ele soltar a informação q a gente precisa, isso já é feito há mais de duzentos anos, e sempre deu certo, então não tem por que trazer essas teorias de fora, sendo que nós temos os métodos autenticamente nacionais de tortura; aqui, nós forçamos um pouquinho mais a barra, ué, cada país tem a sua característica, e se na Inglaterra eles querem enfiar o cara numa sala e deixar ele lá três dias até ele caguetar um companheiro, aqui nós temos nossas maneiras de agilizar o processo, e essas maneiras devem ser respeitadas, dra.

Pacheco: Apita o árbitro, começa o segundo tempo. Posse de bola para o Brasil, Barbosa abre sua maleta e tira uma navalha, justamente, a coisa está esquentando, ele esfrega a navalha pelo corpo do interrogado, e se detém na região do mamilo esquerdo, e com muita cautela agora ele começa a pressionar a navalha, e perfura a pele, perfura um mamilo, e já se direciona pro outro, e perfura o outro mamilo tambem, são furos muito pequenos, são pequenas gotas de sangue que rolam pelo peito do interrogado

Cel. Ostras: como eu falei, o tenente barbosa está agora sentindo a pressão das finalizações, e não consegue honrar o que se esperava dele

Pacheco: Tenente Barroso passa pedindo a navalha, Barbosa faz o cruzamento, Barroso domina a navalha com a mão direita, roça na região dos testículos do

interrogado. preparou, apontou, CORTOU… ele AFUNDA A NAVALHA, sem dó nem piedade, ele sabe o q está fazendo, jorra muito, mas agora jorra muito sangue

Dra. Maitê: Esse é um tipo de operação completamente desnecessária, nos próprios EUA já existe um outro pensamento sobre tortura, um pensamento mais avançado, menos idade média e mais científico, aqui no brasil os oficiais são todos muito animalizados, não conseguem se controlar, me diz, como é que ele pode fazer uma coisa dessas nessa altura do campeonato?

Cel. Ostras: é mais que justo, já que o subversivo cuspiu sangue na cara de uma autoridade que está trabalhando pelo bem comum da nação

Dra. Maitê: ah, ah, sinceramente, dá um tempo, o sr tambem está precisando baixar um pouco a sua bola

Cel. Ostras: a sra é uma burra, é isso q a sra é, burra com diploma, fica fazendo que sabe de tudo, mas quem põe a mão na massa é a gente, enquanto voce fica aí cagando regra, a gente vai lá e extrai deles a informação, e é isso que o capitão barroso está fazendo agora, a conduta dele está mais do que aprovada

Dra. Maitê: Voce devia medir mais as suas palavras pra se dirigir a minha pessoa

Cel. Ostras: como se eu dependesse de voce pra alguma coisa

Dra. Maitê: Voce não tem nem ideia de como voce depende de mim

Pacheco: Barbosa toca pela direita servindo Barroso que vem dominando com velocidade tenta o drible lá vem Barroso enfia na ponta para Barbosa que abre a sua maleta e tira lá de dentro ele tira um arame, um arame comprido, e o capitão barroso vai, e aperta o pênis do interrogado, e abre a cabeça do pênis, e agora eles enfiam o arame por dentro do canal da uretra [os três progressivamente excitados com a possibilidade de gol], o arame penetra o pênis, aquele que um dia penetrou agora é penetrado, justamente, o interrogado está soltando verdadeiros urros de dor, e barbosa está acendendo um maçarico, e esquentando a outra ponta do arame, essa está mais do que caprichada , essa jogada está um espetáculo, caros ouvintes, e atenção, atenção, o interrogado está gritando, não conseguimos entender muito bem, mas parece que ele está soltando alguma informação, confere, minha gente? Confere? É isso! [os três comemoram] Ele entreeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeega os seus companheiros! É bola na rede! É goooooooooooooooooooooooooooooooool, é do brasil! Ele faloooooooooooooooooou. Um lance fenomenal, uma jogada espetácular dos atacantes brasileiros. A torcida vai a loucura, John Rowf se levanta para aplaudir o Brasil.

Dra. Maitê: Houve deslizes técnicos, mas o resultado realmente traz um alento pro nosso coração

Cel. Ostras: nossos oficiais estão de parabéns, o clips de pica foi executado perfeitamente, eles superaram uma situação desfavorável e estão agora garantindo um ponto muito importante nesse campeonato

Pacheco: Está aberto o placar. Mas o que que é isso? O juiz volta atrás e anula o gol, o jogador brasileiro estava impedido, parece q tem a ver como q o interrogado falou. Vamos conferir no tira-teima

[entra 1 letreiro com a frase "viva carlos mariguella"]

Pacheco: não falou nada. O Dr. Sampaio tenta reanimar o interrogado, mas sem sucesso, o interrogado foi a óbito no clips de pica. Não falou nada, nenhuma informação relevante. É isso mesmo torcedor, ergue os braços o árbitro, final de partida. Não foi dessa vez.

TERCEIRO ATO – BARBANTE AMARELO

[mesmo dia. Fim da tarde]

CENA 15:

[sala da casa de elza. Ela e soraia estão conversando desde que saíram do ensaio. Elza está péssima]

Soraia: ué mas se ele tá lá dentro

Elza: eu nem sei mais se ele tá na agência, se tá na delegacia, outro lugar

Soraia: se o cara te falou que ele tava lá, dá escândalo, denuncia, sei lá

Elza: denunciar aonde?

[silêncio]

Soraia: ...é... na polícia não...

Elza: o Abelardo já tá numa delegacia

Soraia: pra mídia?

Elza: ah, é, pra qual emissora? Qual jornalista?

Soraia: voce acha que eles podem distorcer a história?

Elza: mas que história?

Soraia: porque ele foi levado pra lá?

Elza: diz-que era uns amigos da Caixa, eu não sei [procurando pela sala alguma coisa] eu te falei, ele tá de férias, diz-que ele foi direto pra agência, que de repente tudo mudou, e eu já não sei mais se ele tá lá descansando, se ele num foi pra praia, pro pantanal, se ele não queria férias de mim, será que ele era organizado? Militante? O Abelardo? Será que ele já voltou pra agência? Será que ele fugiu? [acha uma caixa de remédios] a minha cabeça parece q vai explodir, eu vou tomar meu remédio

Soraia: opa opa peraí elza

Elza: sai daqui, dá licença, soraia, voce veio na maior boa vontade eu sei, eu me abri com voce, tô mais tranquila, eu vou buscar ajuda [abrindo a porta da própria casa] por favor eu te peço que vá embora

Soraia: eu não vou embora daqui não minha filha

[silêncio, elza fulmina soraia]

Soraia: tá certo, eu vou... [vai saindo] mas da minha parte, saiba que tem alguem pra lutar do seu lado [sai]

CENA 16:

[logo em seguida, ainda na sala da casa de elza. Soraia acabou de sair, toca a campainha, elza abre pensando que é soraia que voltou]

Elza: mas minha nossa senhora do céu [abre, e vê agente rose, q foi quem tocou a campainha] oi, desculpa, nossa [reconhecendo vagamente a

mulher q veio buscar Abelardo, mas atordoada sem ter mais certeza de nada. Agente rose vestida de vizinha]

Agente rose: oi, lindinha, tudo bem?

Elza: quem é a senhora?

Agente rose: eu sou a leonor, aqui do 64

Elza: olha só... a gente mora no mesmo prédio e nem conhece uns os outros [Agente rose lá plantada] voce... voce que tocou, né?

Agente rose: isso...

Elza: tá precisando de alguma coisa?

Agente rose: será que eu posso entrar um pouco?

Elza: desculpa, eu tô um pouco ocupada agora, voce num pode dizer já?

Agente rose: eu preciso conversar com voce

Elza: mas sobre o que?

Agente rose: é sobre uma coisa muito importante... é sobre o seu marido

Elza: entra

[agente rose entra]

Agente rose: bom, eu tava aqui perto no mercadinho, vindo pra cá, e uma pessoa me parou na rua, meio esquisita assim, no começo eu não dei muita bola mas aí ele perguntou se eu morava nesse prédio e disse o número do seu apartamento e falou um pouco sobre a sua vida, eu sei que voce é atriz, enfim, ele começou a falar algumas coisas sobre o abelardo tambem, eu comecei a ficar assustada, como eu imagino que voce deve estar agora tambem

Elza: sim... fala...

Agente rose: e aí essa pessoa me falou q o Abelardo tá sendo velado [qual a reação de elza?] que ele vai ser enterrado hoje no cemitério dom bosco

Elza: desculpa?

Agente rose: o cemitério dom bosco, fica no bairro de perus

Elza: seu nome é leonor?

Agente rose: pode me chamar de léa

[silêncio]

Elza: obrigada

Agente rose [se encaminhando pra porta]: eu tenho que subir agora... se voce precisar de alguma coisa...

Elza: não, voce já me ajudou, obrigada

Agente rose: voce pode abrir pra mim?

Elza [vai e abre]: sim, sim

Agente rose: se eu encostasse na maçaneta, queria dizer que não quero mais voltar né [riso bizarro]

[agente rose sai, elza desaba]

CENA 17:

[noite. Cemitério dom bosco. Logo em seguida da conversa de elza com soraia, e depois com a vizinha. Em cena, estão os dois coveiros, cavando uma cova. Numa capela ao fundo, três corpos sendo velados]

Coveiro 01: esses três vieram de lá?

Coveiro 02: veio um lá da tutoia, e os outros do 4º DP

[silêncio]

Coveiro 01: e será que...

Coveiro 02: se eu fosse voce eu fazia o meu trabalho e num ficava fazendo pergunta não

Coveiro 01: é verdade

[entra elza, eles não percebem]

Coveiro 01: tão despachando sempre pra cá né

Coveiro 02: e de que é q te interessa saber de onde eles vêm?

Coveiro 01: não me interessa nada

[silêncio, elza reparando]

Coveiro 01: voce sabe como foi?

Coveiro 02: como foi o que?

Coveiro 01: ué...

Coveiro 02: eu não sei de nada, e nem voce

Elza: com licença

Coveiro 02: pois não senhora

Elza: voces trabalham aqui né

Coveiro 01: evidente que sim

Elza: ahm... hoje vai ter enterro então

Coveiro 02: aqui tem enterro todo dia

Elza: quem é que vai ser enterrado?

Coveiro 02: por que a pergunta?

Coveiro 01: a gente não sabe de nada, a gente só enterra

Elza [reparando na capela, amedrontada]: tem mais de uma pessoa?

Coveiro 01: hoje tem três

Coveiro 02: mas se eu fosse a senhora, eu não me metia de saber o que não é da minha alçada

Elza: estão ali? Os três? [vai indo até lá]

Coveiro 01: ei senhora, calmaê

[elza vai até lá e vê Abelardo defunto, inchado e enfaixado; diante desse estranhamento, desabotoa a camisa dele, a mesma muda de roupa que entregou para o agente, e percebe que seu corpo apresenta hematomas, marcas de queimadura, feridas variadas e que o braço esquerdo aparenta estar quebrado]

Elza: quem são os outros dois?

Coveiro 02: quem é a senhora?

Elza: meu nome é elza, eu sou casada com o Abelardo.... eu era... eu era casada com ele

Coveiro 01: calma, não se desespera, calma, olha...

Elza: quem são os outros dois?

Coveiro 02: shhh, não faz escândalo, não chama atenção não, vem cá...

Coveiro 01: a senhora não sabe como foi?

Coveiro 02: a gente não sabe quem são eles, a gente não sabe quem é ninguem, a gente só tá trabalhando

Coveiro 01: tem muitos corpos que são enterrados aqui na mesma situação

Coveiro 02: mas são só corpos, a gente não tem nada a ver com a vida de ninguem aqui

Coveiro 01: mas, olha, fica calma, shhh, ele ainda tá tendo um enterro, tá sendo velado, pelo menos a alma dele vai poder seguir tranquila pelo vale das sombras

Coveiro 02: mas, ó, tá vendo lá pro fundo?

Elza: onde?

Coveiro 02: ali ó

Elza: que que tem lá?

Coveiro 02: lá o negócio é outro

Coveiro 01: cala a boca

Elza: voces não vão avisar a família de ninguem?

Coveiro 01: isso não é nossa responsabilidade. Uma hora alguem avisa

[diante do horror, Elza vai embora]

CENA 18:

[casa de elza. Ela está arrumando malas, pouca bagagem, com pressa, mas sem muita afobação. Soraia está com ela, ajudando]

Soraia: vai ficar tudo bem...

Elza: eu fico pensando na família daquelas duas outras pessoas

Soraia: qual é a cidade?

Elza: Presidente Prudente

Soraia: Quanto tempo é até lá?

Elza: sete horas

Soraia: é longe né

Elza: lá ninguem vai me achar não

Soraia: voce acha que tem alguém atrás de você mesmo?

Elza: eu não acho, eu sei

Soraia: você já falou com a sua mãe?

Elza: eu não vou ligar do meu celular. Deve ter grampo. Tudo tem grampo hoje, até presidente é grampeado, porque eu não seria? [fechando a mala]

Soraia: eu vou com você até a rodoviária

Elza: eu vou ligar pra ela da estrada, eu vou ligar pra você também

Soraia: eu vou pedir muita proteção pra você

Elza: obrigada

Soraia: tô contigo e não largo

[saem]

Os Adultos Estão na Sala

sobre um menino que ficou trancado no quarto de Michelle Ferreira

“o ser humano só é carne e osso e uma tremenda vontade de complicar as coisas.” valter hugo mãe em **a máquina de fazer espanhóis**, um autor que sentou ao meu lado uma vez.
“
Então venha comigo, onde nascem os sonhos, e o tempo nunca é planejado. Basta pensar em coisas alegres, e seu coração vai voar nas asas, para sempre, na Never Never Land!” **Peter Pan**

“ A sociabilidade é uma das inclinações mais perigosas e perversas, pois nos põe em contato com seres cuja a maioria é moralmente ruim e intelectualmente invertida. O insociável é alguém que não precisa deles.” **A. Schopenhauer**

Prólogo

Cena 1

Sala média, de um apartamento médio de uma cidade latina do terceiro mundo. Manhã.Caminhões, ônibus e aviões são capazes de acordar toda uma cidade.Miado agudo de um gato. Crianças brincam lá fora. Dentro do apartamento cinzeiros cheios e uma garrafa de gim vazia. Uma mulher adulta e normal está jogada no sofá. É Clara Day, a dona do apartamento. Ao seu lado, outra mulher também está deitada e tem um olho aberto e outro fechado. É Ivone, sua amiga, que veste as roupas de ontem. O sol entra por uma janela sem cortina, varrendo a sala de luz. As duas mulheres despertam e estão acometidas por um terrível mal estar que está expresso em suas vozes.

Clara Day (olhando ao seu redor) – O que é isso?

Ivone Dim – Ai...

Clara Day - Que lugar é esse?

Ivone Dim – ...minha cabeça...

Clara Day - Quem é você?

Ivone Dim – De novo não ... minha cabeça vai explodir...

Clara Day - O que você está fazendo aqui?

Ivone – Fala baixo...

Clara Day – Por quê eu dormi no sofá?

Ivone Dim – ...água...

Clara Day – O que é que você fez comigo?

Ivone Dim – Eu preciso de água, por misericórdia...

Clara Day – O quê significa esse cocô de gato na areia?

Ivone Dim – Puta que pariu... começou.

Clara Day - Eu tenho um gato?

Ivone Dim – Ai... ai...
Clara Day - Tem certeza?
Ivone Dim – Eu não agüento isso...
Clara Day – O que significa ter um gato?
Ivone Dim – Faz um favor pra mim?
Clara Day – Não consigo me mexer.
Ivone Dim - Um litro de água e TRÊS aspirinas.
Clara Day - Onde estão ?
Ivone Dim – Na cozinha.
Clara Day – Onde é isso?
Ivone Dim – É ali, a cozinha da sua casa é ali!
Clara Day – Ali está tão escuro...
Ivone - ...eu tenho sede, preciso de ajuda, pega água antes que seja tarde demais... faça alguma coisa.
Ivone Dim – Água, aspirina, tônica, gema de ovo, comida gordurosa, qualquer coisa que faça passar essa sensação de merda.
Clara Day – Não dá.
Ivone Dim–Você vai me fazer levantar?
Clara Day – Não tenho escolha Eu queria ter, mas não tenho.
Ivone Dim– Mas que droga, Clara Day!
Clara Day– É mais forte do que eu.
Ivone – Reúna forças.
Clara Day – Quê forças? Eu também preciso de água, eu também vou morrer.

Exausta, Ivone joga a cabeça pra trás e vê algo de esquisito no teto do apartamento.

Ivone – Que porra é essa?
Clara Day – O que foi?

Ivone – Tem uma pegada no teto.

Clara Day – Uma pegada no... (joga a cabeça pra trás, e leva um tempo para perguntar) Nossa!

Ivone – Como foi...?

Clara Day – O que é que você fez?

Ivone – Eu não fiz nada.

Clara Day – É claro que fez.

Ivone – Eu fiz a mesma coisa que você.

Clara Day – Eu não me lembro do que fiz.

Ivone – Tenha dó.

Clara Day – Amnésia alcoólica. Existe.

Ivone – Conveniência.

Clara Day – É um fato.

Ivone – Por favor, eu sou visita, pega um copo de água pra mim.

Clara Day – Você não é visita,Ivone Dim.

Ivone – Lembrou de quem eu sou?!

Clara Day – Vagamente. Por quê beber desse jeito?

Ivone – Mas foi divertido.

Clara Day – Não justifica.

Ivone – Bebemos para comemorar a minha existência vitoriosa na face da terra.

Clara Day – É ? E por quê?

Ivone – Tenha dó.Vou me casar.

Clara Day – É verdade. O médico.

Ivone – É sério que você não vai levantar e pegar água para a sua amiga?

Clara Day – É sério. É muito sério.

Ivone – Eu não acredito, Clara Day.

Clara Day – Eu já fiz muito por você, Ivone Dim.

Ivone – E eu também já fiz muito por você.

Clara Day – Quer fazer uma lista?

Ivone – Estou sem saco.
Clara Day – Você me deve isso.
Ivone – Eu não te devo coisa alguma.
Clara Day – Tem certeza?
Ivone – Eu tenho.
Clara Day – Não vai pegar?
Ivone – Não vou.
Clara Day – Ah, é?!
Ivone – É.
Clara Day – E o boletim de ocorrência?
Ivone – Você é muito baixa, sabia disso?

Ivone respira fundo e aceita que é a sua vez. Se levanta com dificuldade do sofá e vai até a cozinha. Resmunga.

Clara Day (Tentando falar alto para que Ivone ouça da cozinha) – Tem gente que não bebe, Ivone Dim. Minha prima é feliz e ela só toma coca-cola.
Ivone (da cozinha) – Sua prima é uma chata!
Clara Day – Ela te mandou um beijo.
Ivone- não mande outro. Não minta.

Ivone volta com uma garrafa de água e uma caixa de remédios. Ivone toma a aspirina e bebe a água. Clara Day está ansiosa como uma criança.

Clara Day – Deixe um pouco pra mim. Deixa um pouco pra mim.
Ivone – Espera. Tenha paciência. Aprenda a esperar.
Clara Day também toma a aspirina com vários goles de água. Se sente um pouco melhor.
Clara Day (olhando para o teto) – Como isso foi acontecer?
Ivone – Não tenho a mínima idéia.

Clara Day – Foi você não foi?
Ivone – Eu ainda não aprendi a andar no teto de cabeça para baixo.
Clara Day – Desobedeceram a lei da gravidade.
Ivone – Quantos neurônios você matou ontem?
Clara Day – Foi você que desobedeceu a lei da gravidade, não foi? Você desobedece tudo, Ivone Dim. Pode falar que foi você, eu não vou ficar chateada porque sujou o meu teto.
Ivone– Sou eu que estou chateada.
Clara Day - Eu não lembro exatamente como foi.
Ivone– Quem leva a patada não esquece.
Clara Day - Ás vezes eu digo coisas e depois eu me arrependo. Muitas vezes eu não concordo com o que eu falo. Te confesso que na maioria das vezes eu discordo de mim.
Ivone – Você me chamou de idiota.
Clara Day – Gim é a bebida do capeta.Você sabe que sou uma pessoa afável.O mais profundo do meu ser é todo revestido de algodão.
Ivone – Você me chamou de cretina.
Clara Day – Você tem toda a razão em estar chateada. Cretina foi demais. Não me lembro, mas estou arrependida. Passei dos limites. Perdi a razão. Não bebo mais. Me desculpa.
Ivone – Você sempre diz isso, Clara Day.
Clara Day – Você também, Ivone Dim.
Ivone – Precisamos mudar os velhos hábitos.
Clara Day - O mundo está muito viciado.
Ivone – Me chamar de cretina foi muito forte.
Clara Day – Você precisa me perdoar.
Ivone – Você também precisa me perdoar. (bebe o último gole da garrafa de água)Vomitei na sua pia. Fiz um pouco de xixi no seu sofá.

Clara Day – Mesmo?
Ivone– Não consegui segurar.
Clara Day – Você sabe o quanto eu amo esse sofá, não sabe?
Ivone– Eu sinto muito.
Clara Day - Eu ainda estou pagando esse sofá.
Ivone – Eu sei.
Clara Day - Eu deixei de ir para o Marrocos para comprar esse sofá.
Ivone – Me desculpa.
Clara Day – Depositei a minha vida nesse sofá.
Ivone – Não exagera.
Clara Day – Você também não pode mais beber. Não temos mais vinte anos.
Ivone – Há dez anos não temos mais vinte anos.
Clara Day – Por que não foi ao banheiro?
Ivone – Uma certa incontinência de vez em quando.
Clara Day – Não é grande coisa.
Ivone – Não é, mas incomoda.
Clara Day – Eu descobri que sou diabética.

Pausa. As duas se olham.

Ivone – Não me diga.
Clara Day – Eu tenho diabete. Ou diabetes. Eu prefiro diabete. No singular é melhor. No plural é muita desgraça.
Ivone – Não é o fim do mundo.
Clara Day – Você tem toda razão.
Ivone – Existem coisas muito piores.
Clara Day – Verdade.
Ivone - O mundo não vai acabar porque você tem diabete.
Clara Day – É... O mundo tá cagando se o meu pâncreas não

produz mais insulina. O quê significa “meu pâncreas” perto da televisão aos domingos? É insignificante se compararmos com guerra, fome, destruição, obesidade, música ruim, ditadores com barba e sem barba, pedofilia pra cima e pra baixo... as injeções diárias que eu vou ter que tomar para não tem a mínima importância para ninguém, só pra mim. Aconteceu comigo, vou ter que aceitar.

Ivone – Isso é amadurecer.

Clara Day – Isso é estar doente. Você vai limpar a pia?

Ivone – A faxineira não vem hoje?

Clara Day – Eu não tenho mais faxineira.

Ivone – Por quê?

Clara Day – Porque não tenho mais dinheiro.

Ivone – E a mesada da sua mãe?

Clara Day – Por favor.

Ivone – Bom...

Clara Day – Nada de bom.

Ivone –Eu tenho um compromisso.

Clara Day – Eu também. Vai ter gim no seu casamento?

Ivone – Champanhe.

Clara Day – Fique tranqüila.

Ivone - Eu estou tranqüila.

Clara Day - Não vou dar vexame. Ivone – Eu sei que não.

Clara Day – Mas eu poderia.

Ivone – Não teria coragem.

Clara Day – Eu tenho um compromisso muito importante. Preciso começar.

Ivone – Eu também estou muito ocupada. Tenho que experimentar o vestido.

Clara Day – Como ele é?

Ivone – Lindo.

Clara Day – Posso ir com você, se quiser.

Ivone – Achei que você tinha algo pra fazer.

Clara Day – Eu posso desmarcar.

Ivone – A Selma vai comigo.

Pausa.

Clara Day – Antes eu era uma pessoa sentindo uma coisa. Agora eu sou uma pessoa diabética sentindo uma coisa. É muito pior.

Ivone – Vai ficar tudo bem.

Clara Day – Eu tenho medo de injeção.

Ivone – Não precisa ser com agulha.

Clara Day – Aquele aparelho está em falta.

Ivone – Posso aplicar em você?

Clara Day – De jeito nenhum.

Ivone – Deixa eu aplicar.

Clara Day – Não.

Ivone – Deixa eu aplicar, por favor.

Clara Day – Você tem a mão muito pesada. A Selma vai ser sua madrinha de casamento, então?

Ivone – O rancor é uma merda, Clara Day.

Clara Day – Me deu um porre para me dar a grande notícia.

Ivone – A Selma é uma pessoa maravilhosa.

Clara Day – A Selma tem uma pinta na testa.

Ivone – Meu noivo vai tirar com laser.

Clara Day – Ele não é pra você.

Ivone – Não seja invejosa.

Clara Day – Pensa um pouco, raciocina, quando uma coisa é muito boa para ser verdade é porque ela realmente não é verdade.

Ivone – Vai tomar no seu cu!

Silêncio.

Clara Day – Você me magoou, Ivone Dim.

Ivone– Quero as minhas botas de volta, Clara Day.

Começam os barulhos de uma manifestação lá fora.

Day – Pisei na merda.Elas estragaram. Lembra que eu
Clara te pedi desculpas ? Inclua a bota nesta conta.
Ivone – Eu quero de volta o meu par de botas portenhas.
Clara Day – Não seja mesquinha. Você sabe que eu te daria um rim se você precisasse, quanto mais um par de botas de couro.
Ivone – Não vou precisar do seu rim. Eu tenho rim. Dois. E eles estão muito saudáveis. E o nosso sangue não é compatível.(olhando pela janela) Mas para que tanta gritaria?
Clara Day– O crack
Ivone – O que é que tem?
Clara Day– É um problema
Ivone – E o que eu tenho a ver com isso?
Clara Day– Não tem vontade de experimentar?
Ivone – Você tá falando sério, Clara Day? Olha o que a faculdade pública faz com as pessoas...
Clara Day – O crack é um problema social.
Ivone - O alcoolismo também é.
Clara Day - Você é alcoólatra.
Ivone – Não, você é alcoólatra. Eu bebo pra comemorar.
Clara Day – Mas o que tanto você celebra da vida?
Ivone – Não pode tentar ser elegante e pelo menos fingir que está feliz por mim?
Clara Day – Como é que eu posso estar feliz por você se as pessoas estão lá fora usando crack?
Ivone – Gente desocupada. Vou experimentar meu vestido.Tchau. Eu quero as botas na minha casa até amanhã de manhã, limpas ou sujas, do jeito que for!
Clara Day – E a pia?

Ivone – Eu tenho hora, não posso e foi sem querer.(pega sua bolsa em cima da mesa)
Clara Day – Você poderia conseguir, sabia Ivone Dim? Você tem potencial, não precisa se casar com ele...
Ivone – Tente terminar o seu curso de filosofia eterna serve pra nada deformador de caráter. Ou aquele livro. Ou aquele projeto. Ou aquela idéia. Ou qualquer merda. Eu não posso cuidar de você a vida inteira.
Clara Day – Aquele carro vermelho lá fora é o seu, não é?
Ivone – Como você sabe?
Clara Day – Se fudeu

Os barulhos lá fora se intensificam.
Ivone atravessa a sala correndo para ver o que está acontecendo com o carro.

Ivone –(coloca a cabeça para fora da janela)Oh,não! Tem uma gorda encostada no meu carro!
Clara Day – Deixa a pessoa encostar no seu carro, não tá fazendo nada.
Ivone – Você diz isso porque não é o seu carro! (grita) Hey!Hey! Sai daí!
Clara Day – Meu carro, minhas botas, meu cigarro.Que coisa, que bosta, Ivone.
Ivone – Quem não tem nada sempre quer dar um jeito de estragar o pouco que os outros tem.(gritando para baixo)Ei, gorda! Olha pra cá! Esse carro é seu? Eu quero saber se esse carro é seu, esse carro é seu? É seu? Não é seu! Não é. Não é seu, esse carro é meu, esse carro não é seu, é meu, meu, meu, sai daí! Desencosta do capô! Tira a mão do capô! Sai de perto do capô! (Correndo para cozinha) Filha da puta!

Ivone sai.
Clara Day – Onde você vai? As facas estão todas escondidas, Ivone. Ivone, esse seu temperamento agressivo não vai te levar a nada! Lembra do B.O?

O som da passeata fica mais intenso. Ivone volta com um balde de água nas mãos. Cruza a sala até chegar na janela.

Clara Day - O que pensa que está fazendo, Ivone Dim? Ivone, um. Ivone, dois. Ivone, três.

Ivone Dim joga água pela janela e a fecha imediatamente.

Clara Day – Puta que o pariu!
Ivone – Eu só quero um pouco de alegria na vida. Só isso. Só. Ontem você me disse que queria ganhar o Nobel. Por quê não tenta? O Nobel é um grande prêmio. É claro que quem ganha o Nobel é porque fez alguma coisa, então você precisa fazer alguma coisa para ganhar o Nobel, por que não tenta fazer alguma coisa? E no fundo tanto faz o Nobel também, por isso eu te perdôo, amanhã você me liga e a gente faz tudo de novo. E não esqueça das botas. Eu vou ficar muito brava se você se esquecer das minhas botas.

Ivone Dim pega a bolsa e dá um beijo no rosto da amiga. Abre a porta e sai. Tempo. Clara Day tem uma terrível tontura. Ela se apoia na cadeira. Pega em cima da estante um pacote da farmácia. Pega uma outra caixa, de preferência uma de biscoito belga, e de lá tira todos os biscoitos e joga no lixo. Depois, coloca na caixa de biscoito a seringa, a agulha e a insulina. Guarda a caixa no mesmo lugar. Se arrepende, vai até o lixo, pega um biscoito, assopra e

engole. A campainha toca. Clara Day limpa a mão na roupa.

Clara Day – Não tem ninguém aqui.
Dulce – É claro que tem.
Clara Day – Eu fui viajar, me deixa em paz.
Dulce – Abra a porta, por favor. Eu sei que a senhorita está ai.
Clara Day – Eu não sou senhorita, quem disse que eu sou uma senhorita? Vai embora. Fui pro Marrocos.
Dulce – Eu sei que a senhorita não foi pro Marrocos.
Clara Day – Mas eu quero ir para o Marrocos, imagine que eu já estou lá.
Dulce – Não posso imaginar algo que eu sei que não está acontecendo. A verdade é mais forte. Abra, é importante.
Clara Day – Nada é tão importante.
Dulce – Neste caso, é sim.
Clara Day – Vá embora. Eu sou perigosa!
Pausa.
Dulce – Não vou embora enquanto não abrir a porta.
Pausa.
Clara Day – Quem é?
Dulce – Sou eu.
Clara Day – Mãe?
Dulce – Eu não sou a sua mãe. É Dulce, a vizinha.

Abre a porta. É Dulce, sua vizinha. Está toda molhada.

Clara Day-Puta que pariu!
Dulce – O nada. A ponte.
Clara Day – Eu sei.
Dulce – Uma ponte que liga nada a lugar nenhum. Que só servirá para que se joguem de cima dela ou morem debaixo

dela, nada mais. Uma obra que impede as pessoas de andarem na calçada fazendo com que nós e nossos filhos sejamos obrigados a conviver com o risco diário de motoristas bêbados e não tão bêbados, apenas desatentos, passarem por cima de nós sem a menor cerimônia e dormirem em paz com os seus *porsches* na garagem. Porque tem gente que tem *porsche*, sabia? Sim, esse é o mundo em que vivemos, algumas pessoas tem carro importado e você tem o quê? Eu tenho um filho, uma bicicleta e um monte de contas pra pagar. Você precisa concordar comigo.

Clara Day – Eu concordo com você.

Dulce – Menos mal. Continuando. Uma obra que não serve para nada a não ser para lavar o dinheiro sujo que vem do submundo até chegar nas mãos do prefeito. Sim, porque o nosso prefeito é bandido.

Clara Day – O noivo da minha amiga é amigo do prefeito.

Dulce – Não sei como é o noivo da sua amiga, mas o prefeito é ladrão. O prefeito é um vigarista. Mas é católico, vai a missa. Tem gente que acha isso importante. E eu respeito. Eu respeito tudo. Você me conhece.

Clara Day – Não muito.

Dulce – Você sempre foi muito gentil e simpática comigo e com o meu filho no elevador. E foi nesse mesmo elevador desse prédio que nos explora – porque é uma exploração esse condomínio, porque ele não tem nada, e quando eu digo nada é nada mesmo, porque eu sei o quê é o nada, eu já estive no meio do nada. Dando continuidade: não tem churrasqueira, não tem piscina, não tem área de lazer. Você concordou comigo sobre a ponte, sobre a exploração do condomínio, sobre a manhã nublada e depois de afirmar que ia chover, prometeu que iria na nossa manifestação. Nossa. Querendo ou não você faz parte dessa sempre esmagadora maioria que é

prejudicada pela construção da ponte, pelo condomínio, pelos impostos, pelo preço do chocolate, pelo crack, enfim...Você não estava lá no horário combinado. Nem o abaixo assinado você assinou. Não fiquei com raiva. Sou adulta e sei que cada um tem as suas prioridades na vida. Mas jogar um balde de água em alguém que está fazendo algo pelo bem comum, você não acha que é um pouco demais?

Clara Day – Não fui eu.

Dulce – Mas eu vi que veio daqui.

Clara Day – Eu preciso dar comida para o meu gato...

Dulce – Eu respeito muitos os animais e defendo os direitos dos animais e tenho certeza de que os animais também são gente, comem, cagam, mijam, enfim, são pessoas.

Clara Day – Foi um acidente.

Dulce – Foi aquela sua amiga, não foi?

Pausa.

Clara Day – Não.

Dulce – É claro que foi.

Clara Day – Me desculpe pelo barulho de ontem.

Dulce – Você é muito simpática comigo e com o meu filho no elevador, sempre foi. Embora faça barulho excessivo em algumas madrugadas, me parece que estudou, deve saber alguma coisa sobre a vida. Eu vou tirar essa roupa molhada e vou voltar para a manifestação. Venha comigo, precisamos fazer volume.

Clara Day – Eu estou ocupada.

Dulce – Claro. Eu respeito. Se você está ocupada é porque está fazendo alguma coisa importante. Porque se não estivesse fazendo nada, e o nada eu conheço, você estaria livre e poderia fazer a diferença.

Clara Day – ...

Dulce – Não deixa ela fazer isso com você.

Clara Day – O que você sabe sobre mim?
Dulce – Quando bebem vocês falam bem alto.
Clara Day – Eu estou com uma terrível dor de cabeça, por favor, vá embora.
Dulce – Você não precisa beber tanto, acredite em mim.
Clara Day – Está me vigiando?
Dulce – Não vai adiantar nada beber como se fosse o fim do mundo porque ainda não chegamos lá. Leu o livro que eu te emprestei?
Clara Day – Não. Já li livros demais. Preciso esquecê- los.
Dulce – Eu respeito. Mas tente uma única vez fazer alguma coisa que não seja só pra você.
Clara Day – Eu vou fechar a porta.
Dulce – Eu respeito.
Clara Day – Tenho uma pia para limpar.
Dulce – Eu também respeito muito isso.
E a cena acaba de modo imperfeito, como o mundo que nos cerca.

Cena 2

O tempo passa. Em qualquer outro lugar, Ivone Dim fala ao telefone ao mesmo tempo que Clara Day veste luvas, máscara e pega um balde para limpar a pia que Ivone Dim sujou. Enquanto Ivone Dim fala, Dulce Vicente entra em cena e escreve um cartaz, que logo após levanta, onde lemos: " Pelo fim da inutilidade da Ponte." Clara Day volta e limpa o sofá.

Ivone –(solo) – Clara Day! Para de se masturbar e atende a droga desse telefone. Aconteceu uma tragédia e eu acho

melhor você atender. (pra si) Ela deve estar escovando o gato. Que mania de ficar escovando o gato! Para de fazer o que você está fazendo e atende essa porra! Eu não entro no vestido, sou uma vaca gorda amorfa baleia xamu nojenta, enorme, eu me olho no espelho e fico enojada com o que eu vejo, já aconteceu isso com você? Já aconteceu isso com você? Lembra que eu queria ser médica? Já aconteceu isso com você? Ele é médico. É o seguinte: Para de escovar esse gato e vai tomar a sua insulina senão você morre, e morrer é um coisa muito séria e que não pode acontecer com você pois o mês que vem eu vou me casar... ele é péssimo na cama e tão simpático, trata o garçom tão bem, ele beija de uma maneira horrível, e cuida de mim, você não cuida de mim, não cuida nem de você, só cuida do gato, nós nos beijamos uma vez Clara Day, você se lembra? Estávamos bêbadas. Eu tenho certeza de que tudo isso está acontecendo por causa do prato de macarrão com bastante queijo que eu comi na sua casa da última vez. Onde já se viu fazer isso com uma pessoa. Eu sei que eu vou ficar bem, eu tenho que ficar bem, mas quando isso vai acontecer? Vou cancelar a cerimônia, você tem razão, é muito bom para ser verdade. Um homem desses não pode casar com uma elefanta que entra na igreja de vestido branco gelo capim remendado e cheio de alfinetes enquanto está sendo assistida pelo prefeito e por toda a sua família, e vira motivo de risada por ser quem é, por não merecer estar ali, me atende, fala comigo, me escuta, sua filha de uma puta, eu preciso de um drink senão eu perco o meu senso de humor! Fiquei na banheira por duas horas, quando sai tinha setenta anos.

Cena 3

Dia seguinte. Clara Day assiste a um programa normal que expõe seus participantes ao ridículo e ao vexame. Está se divertindo normalmente. Consegue rir de vez em quando. Envolve o seu braço com um elástico. Ao seu lado, uma mesinha media com uma seringa e agulha já preparadas. Ela tenta achar a veia para aplicar a insulina, mas tem muita dificuldade.

Clara Day – É muito mais difícil do que eu pensava... É por isso que tem gente que estuda pra aplicar essa joça...Cadê o gato? Há horas não vejo aquela bola de pelos que só me dá alegria...Gato! Gato! (assovia) Nada do gato.

O gato que responde pelo nome de Gato não aparece. Clara Day continua abrindo e fechando as mãos, até que a veia que procura realmente salta a sua visão, que é meio míope. No momento em que finalmente Clara Day vai aplicar a injeção em si mesma, no momento em que tudo está prestes a acontecer... a campainha toca. Clara Day ainda acha que é possível fazer a ação antes que a pessoa que está do outro lado da porta aperte de novo o botão da campainha. Mas se atrapalha e desiste. Tira o elástico do braço e vai atender a porta.

Clara Day – Merda.

Levanta do sofá. Olha pelo olho mágico durante um tempo. Pensa um pouco. Abre a porta. É Dulce Vicente, a vizinha.

Clara Day – Olá.

Dulce – Olá.

Pausa.

Clara Day – Eu disse que...

Dulce – Desobediência Civil.

Clara Day – Se for sobre aquele assunto...

Dulce – Não é sobre aquele assunto.

Clara Day – Porquê se for...

Dulce – Não é.Não precisa repetir.

Clara Day – Mas eu posso repetir se você quiser.

Dulce – Não é necessário repetir. Não repita.

Clara Day – Eu me simpatizo por você.

Dulce – Obrigada.

Clara Day – Não agradeça. É involuntário. Pausa.

Clara Day – Vou fazer diferente.

Dulce – É válido.

Clara Day – Vou te convidar para entrar. Você quer entrar? Deseja entrar, quer entrar, precisa entrar? Quer entrar? Por quê não entra?

Dulce – Você quer que eu entre?

Clara Day – Se você quiser entrar, entre.

Dulce – E se eu não quiser?

Clara Day – Então não entre.

Dulce – Acha que a vida é assim, fácil?

Clara Day – É só entrar.

Dulce – Não sei se devo...

Clara Day – Siga o seu instinto.

Dulce – O instinto nos faz tomar decisões equivocadas. Procuro sempre ser racional.

Pausa.

Clara Day – Não podemos ficar aqui a vida inteira.

Dulce – Tem gente que fica a vida inteira no mesmo lugar. Moro nesse prédio há anos. Já vi muito vândalo pichar as estátuas. Os vândalos estão por aí e ninguém faz nada. Nada. E eu estou revoltada. Mijaram e cagaram na porta do nosso

prédio outra vez. Você viu? Passou por lá? Sentiu o cheiro?
Clara Day – Não.
Dulce – Você mal sai do seu apartamento...
Clara Day – Por quê não entra e me faz companhia?
Dulce – As conseqüências podem ser imprevisíveis. Será que eu vou me arrepender?
Clara Day – Você pode se arrepender de não entrar, mas de entrar, duvido muito, duvido muito porque nada de ruim pode acontecer, quer dizer, se depender de mim, nada de ruim vai acontecer porque se tivesse que acontecer já estaria acontecendo, ou não, ou você vai entrar aqui e vai se arrepender, eu não posso garantir nada, não posso me responsabilizar, ninguém pode, você pode? Ninguém pode.
Dulce – Ninguém pode. Você leu o livro que eu te dei?
Clara Day – Não vamos falar deste assunto. Eu posso repetir o que eu te disse naquele dia.
Dulce – Você não precisa repetir.
Clara Day – Mas eu posso repetir.
Dulce – Eu sei o que você pensa.
Clara Day – Será? Quer entrar? Eu te conto.
Dulce – Sua amiga está aí?
Clara Day – Não.
Dulce - Está sozinha?
Clara Day – Muito.
Dulce – Ainda não sei se devo.(Pausa)Eu vou entrar.
Clara Day – Então entre.
Dulce – Obrigada.
Clara Day – Entre logo.
Dulce – Estou entrando.
Clara Day – Que bom.
Dulce – É o que eu estou fazendo.
Clara Day – Então faça.

Dulce – Acha que eu tomei a decisão certa?
Clara Day – Não sei.
Dulce – Eu também não sei.
Clara Day – Ainda não sabemos.
Dulce – Você não fica ansiosa?
Clara Day – Você também tem esse problema?
Dulce – Conhece alguém que não tenha?
Clara Day – Não nessa cidade.
Dulce – É um absurdo, não é?

Deixa a bolsa em cima do sofá. Pausa.

Dulce – Não podemos nos esquecer de que não é normal, nem natural, nem aceitável viver desse jeito. Chegou num limite. As pessoas não podem simplesmente mijar e cagar na porta da casa dos outros.
Clara Day – É o crack.
Dulce – Não é só o crack.
Clara Day – Mas tem crack no meio.
Dulce- O crack é fácil. O crack a gente vê. Quero ver alguém ver o que ninguém consegue ver. Enfim, se tivesse lido o livro que te emprestei saberia do estou falando. O fato é que isso tem que acabar. Eu trouxe um abaixo assinado contra fezes e urina na porta dos prédios de pessoas de bem. Toma.
Clara Day – Eu não quero me envolver.
Dulce – Você já está envolvida. Está na porta do seu prédio.
Clara Day – Por quê você faz isso?
Dulce – Por quê você não faz?

Clara Day pega o papel e assina.

Dulce – A reunião é hoje a tarde.
Clara Day – Não dá. Preciso ficar em casa. Eu trabalho em casa mas ninguém sabe.
Dulce – Pode ficar com o meu filho por duas horas? É difícil não ter com quem contar. Essa cidade pode ser cruel. Você me parece muito educada. Penso que até vamos descobrir algo em comum. Seu apartamento é igualzinho ao meu , só que diferente. Olha, uma caixinha.

Dulce abre a caixa e vê a seringa dentro em cima da mesinha.

Clara Day – Não é isso que você está pensando.
Dulce – Como pode saber o que eu estou pensando?
Clara Day – Outras pessoas pensariam o que você está pensando se vissem o que você está vendo. Mas não é o que você está pensando.
Dulce (desviando o olhar e procurando outra coisa para se entreter) – E o que eu estou vendo? Eu não estou vendo nada, não vejo nada, eu sinto que meus olhos estão ficando embaçados, deve ser a poluição. Eu respeito. (por acidente, olha para cima e fala com uma normalidade assombrosa)Tem uma pegada no seu teto.
Clara Day – É. Tem. Por favor, é...
Dulce – Dulce Vicente.
Clara Day – Dulce, não espalhe para o prédio inteiro que eu uso drogas injetáveis porque eu não uso.
Dulce – Eu sei, as pessoas falam.
Clara Day – Não sou uma viciada.
Dulce – Não é mesmo.
Clara Day – Continua escutando as minhas conversas?
Dulce – Eu não sou esse tipo de pessoa.
Clara Day – Não te conheço.

Dulce – Estamos no processo.

Clara Day – Como sabe que eu não uso drogas? E se eu usasse? Sairia correndo? Ainda ia ter coragem de deixar seu filho comigo?

Dulce – Você não usa.

Clara Day – Como sabe?

Dulce - Eu já usei.

Pausa.

Dulce - Não tenho vergonha de dizer. Comigo foi assim. Mas já passou. Isso faz muitos anos. Hoje eu encontrei algo que me completa. E eu tenho um filho. A vida muda depois da maternidade. Um dia você vai saber.

Clara Day – Olhando ninguém diz que você teve esse tipo de problema.

Dulce – Olhando ninguém diz nada de ninguém.

Clara Day – Eu tenho diabete.

Dulce – Ninguém diz.

Clara Day – Mas eu tenho. Do tipo 1.Por isso a seringa, a agulha e todos os outros instrumentos da caixinha da alegria.

Dulce – Eu tinha uma tia com diabete. Amputou o dedão do pé.

Clara Day – Deve ser muito triste perder um membro.

Dulce – Ela era louca.

Clara Day - Todo mundo tem pelo menos uma tia louca.

Clara Day – Ás vezes é a mãe que é louca. Você não é mãe, é?

Clara Day – Meu filho é peludo, tem quatro patas e sete vidas.

Dulce – Não é a mesma coisa.

Clara Day – Eu amo o meu gato.

Dulce – Eu respeito.

Clara Day – Eu estou com um problema. (respira) Eu estou

tentando aplicar a insulina e não consigo. Não me dou bem com agulhas e seringas e sangue e essa porcaria toda. E eu estou ficando um pouco tensa, um pouco nervosa e um pouco irritada, porque é isso que essa doença que eu tenho faz comigo, e é por isso que eu tenho que aplicar essa joça, porque se não eu fico ainda mais tensa, mais nervosa e mais irritada, porque eu não tenho prática, eu não nasci assim, eu nasci normal, eu fui uma criança muito saudável, e agora eu estou com um problema e preciso de ajuda.
Dulce – O corpo humano é de uma complexidade infinita...A experiência faz falta nessas horas. Você quer ajuda?
Clara Day – Faria isso?
Dulce – Faria isso com pimenta nos olhos, no escuro e com uma mão só. Você ficaria com o meu filho por duas horas?

Clara Day pensa.
Clara Day – Ele me parece ser um bom menino.
Dulce – Sim, ele é. E então?
Clara Day – É uma troca justa.

Clara Day se senta no sofá. Dulce se senta ao seu lado e dá início a todos os procedimentos.

Dulce – Você não toma sol. Seus braços são brancos, quase transparentes. Isso facilita o processo.

Clara Day se surpreende com a habilidade de Dulce.
Clara Day – Como era?
Dulce – O quê?
Clara Day – Quando você usava, como era?
Dulce – Um inferno.
Clara Day – Mas a sensação, como era?

Dulce – Eu não posso dizer que era ruim. Se eu disser isso estarei falando a maior mentira da minha vida. As pessoas se viciam porque é bom. Ninguém se vicia em vargem sem tempero. Como conseguiriam? É impossível. Pronto. Está feito.
Clara Day – Obrigada. (levanta as mangas)
Dulce – Duas horas. Não mais do que duas horas, apenas o tempo de eu ir e voltar. Duas horas. Vocês vão se conhecer, vão se entender, vão se dar muito bem. Eu acredito. Eu espero. Fique tranqüila, ele não morde, é só uma criança.
Clara Day - O que pode dar errado? Só no fim nós vamos saber.
Dulce - Ou nem lá. Ás vezes chega ao fim e...
Clara Day – E?
Dulce - Não é nada. Quando você for mãe...
Clara Day – Eu não vou ser.
Dulce – Todo mundo diz isso pelo menos uma vez. Mas quando você for mãe vai entender que todas as crianças do mundo são nossos filhos.

Dulce sai. O telefone de Clara Day toca. Ela desliga mais uma vez.

Cena 4
Fim de tarde e é claro que a televisão continua ligada no apartamento de Clara Day. O menino está no quarto. Se prestarmos atenção conseguimos ouvi -lo, mas não o vemos, nunca o veremos. Na sala média de classe média, Clara Day fuma um cigarro enquanto olha o movimento da rua pela janela. Não sabemos se está melancólica, ou se é por causa da diabete, mas o fato é que no fundo, Clara Day espera o

fim. Ela se irrita com o barulho da televisão e desliga o aparelho. Clara Day sai e pega uma tesoura. Corta um pequeno pedaço do cabelo.
Ela vai lá dentro ver o menino. A televisão é desligada. Ouvimos a sua voz.
Clara Day – Toma. Legal? Gostou? Que bom.O que foi? Por que está fazendo essa cara? Pode, claro, o que é? Tira, pode tirar, isso, obrigada. Tá bom. Quer ficar sozinho? Tá. O banheiro é ali, viu, se quiser, enfim, depois, ou a qualquer momento, você, bem, é só ir, não precisa pedir.Se quiser ligar a TV também, tudo bem, você gosta, eu também gosto, então, tá, você quer ficar sozinho, né? Eu também, qualquer coisa eu to na sala, tá. Ok. É isso. Faz o que você quiser.

Clara Day volta para sala, está intrigada. Acha que não falou o que devia.

Clara Day (fala pra si) – *Faz o que você quiser*... não seja louca!

Clara Day vai para o quarto do menino novamente.

Clara Day – Escuta, é... quando eu disse que você poderia fazer aquilo que você quisesse, na verdade, não é pra você realmente fazer o que você quiser, quer dizer, fique à vontade, mas assim, dentro de uma normalidade, né? Bem, você sabe, você é muito esperto eu pude notar isso em você desde que te conheci no elevador, então, bom, você entendeu. Eu vou ligar a televisão, assim você se distrai, que tal?

Clara Day liga a TV no quarto. A campainha toca.

Clara Day - Já volto.

Clara retorna à sala. Vai até à porta. Olha pelo olho mágico. Fica de saco cheio de sua vida inteira e abre a porta de seu apartamento para a sua amiga, Ivone Dim.

Clara Day – Poderia ter me ligado antes.
Ivone – Você não estava atendendo. O porteiro me conhece. Já estamos no meio?
Clara Day – É o que tudo indica. Ivone – Então pense em tudo que pode dar errado.
Clara Day – Ele terminou com você, não vai mais se casar e vai acabar indo para o Marrocos comigo quando eu resolver ir para o Marrocos.
Ivone – Eu não entro no vestido. Sou uma vaca gorda. Não faça essa cara de pouco caso. Ainda por cima demorei uma hora para parar o carro por causa da construção dessa maldita ponte!

Ivone entra como se esta fosse a sua casa. Tira o casaco e os sapatos e vai se acomodando.

Clara Day – Achei que você fosse se encontrar com a Selma pinta na testa para escolher as flores.
Ivone – A Selma trabalha.
Clara Day – Eu também trabalho.
Ivone – Já passou da página vinte e TRÊS?
Clara Day – Comecei tudo de novo.
Ivone – Assim nunca vai acabar.
Clara Day – Se eu quiser ganhar um prêmio, vou precisar de um bom começo.

Ivone – Trouxe gim.

Mostra a garrafa. Clara Day faz uma cara estranha.
Ivone - Qual o problema com o gim?
Clara Day – Nenhum problema com o gim em si. O gim em si está fazendo o que ele tem que fazer que é ser gim em si. O problema sou eu e você sob o efeito do gim em si.
Ivone – Você costumava ser mais divertida. Batia o carro toda semana.
Clara Day – Eu era uma criança.
Ivone – Crianças não tem carteira de motorista.(olha para o teto) A pegada ainda está no teto.
Clara Day (olhando para o teto) – É um mistério.
Ivone – Puta que o pariu, como tá quente aqui!
Clara Day – Não fale palavrões assim alto, assim gratuitamente. Tem uma criança no quarto.
Pausa.
Ivone – Quem é?
Clara Day – O filho da vizinha que você molhou.
Ivone – A gorda? Por que está fazendo isso?
Clara Day - Eu não tive como dizer não.
Ivone – Diga não.
Clara Day – Ás vezes não dá.
Ivone – Sempre dá. É só dizer.
Clara Day – Não deu.
Ivone – Seu útero está gritando. Posso ouvir ele daqui.
Clara Day – Não está.
Ivone – Ele está, ele está gritando, você está sentindo aquela vontade incontrolável que dizem que dá. Em mim ainda não deu. Bem você é mais velha.
Clara Day – Só um pouco mais velha.
Ivone – Mas é a mais velha. A Tina adotou uma menina mas

está querendo devolver.
Clara Day – E ela pode fazer isso?
Ivone – Está tomando as providencias legais. Eu entendo, sabe. Ás vezes você vai no restaurante e pede peixe. Aí o peixe não é aquilo que você esperava, então você se arrepende. Quer devolver e pedir outra coisa. Bife.
Clara Day – Bateu a cabeça, Ivone?
Ivone – O que eu estou querendo dizer é que se já é desagradável com o peixe, imagina com um filho? Ela estava ficando doente.
Clara Day – Eu não sei como você se relaciona com pessoas como a Tina.
Ivone – A Tina foi promovida. Posso conhecê-lo?
Clara Day – Não vá assustá-lo.
Ivone – Pega o gelo e sirva um pouco de gim pra mim e um pouco de gim pra você, eu estou muito tensa e preciso relaxar. Vou lá. Não fique com ciúmes, tá? As crianças costumam me adorar e ficam histéricas comigo como se eu fosse apresentadora de programa infantil.

Clara Day vai pegar o gelo. O espaço fica vazio. Clara Day volta com o gelo. Abre a garrafa de gim e serve um drinque. Pensa. Depois se rende e serve um drinque pra si. Ivone retorna, com os olhos arregalados.

Ivone – Eu não acredito.
Clara Day – O que foi?
Ivone – Você não viu?
Clara Day – Viu o quê?
Ivone – Como assim, o quê?
Clara Day – Do que é que você está falando?
Ivone – Você não reparou?

Clara Day – O que foi que aconteceu?
Ivone – As orelhas!
Clara Day – Fala baixo!
Ivone – (a meia voz) Você reparou no tamanho das orelhas dele? O que é aquilo?
Clara Day – Pelo amor de deus, Ivone.
Ivone – Ele precisa de uma plástica.
Clara Day– Para com isso. Ele tem nove anos.
Ivone – E vai sofrer muito se continuar assim. Vou ter que dar o cartão do meu noivo para a sua vizinha.
Clara Day– Não vai dar nada pra ninguém.

Clara Day bate no copo da amiga contra a sua vontade.

Ivone – À vaca gorda que não cabe no vestido.
Clara Day – Para de falar essas coisas! Com que cara eu vou ficar quando ele chamar a mãe dele de vaca gorda?
Ivone – Ah, vá, Clara Day, tenha dó, ele não está nem aí para nós. Ele nem fez festa quando me viu.
Clara Day – Ele não é um cachorro.
Ivone – Ia ser mais divertido.
Clara Day – Que coisa feia, Ivone Dim.
Ivone – Eu tô fodida com o meu vestido e estou tentando levar as coisas com senso de humor. Cadê o seu?
Clara Day – Vomitei na pia, que aliás, obrigada, foi deliciosa de limpar. (acende um cigarro) O que ele está fazendo?
Ivone – Vendo TV. Eu quase bati na costureira.
Clara Day – Desenhos animados?
Ivone – Não sei. Não prestei atenção, mas eu quase bati na costureira. Só vi as orelhas, ah, e as bochechas. Nossa mãe, as bochechas... será que ele tem algum problema?

Clara Day – É claro que não, você é quem tem, não fale assim dele.
Ivone – Você acha que eu decoro o corredor com camélias ou copos-de-leite? É um verdadeiro tormento a minha vida.
Clara Day - Você deixou a porta aberta?
Ivone – Camélias ou copos –de-leite, Clara Day?
Clara Day – Ponha as duas e seja feliz. Você fechou a porta?
Ivone – Ela estava fechada.
Clara Day – Mas eu não... Ele deve ter fechado a porta. Por quê ele fechou a porta? Será que ele está fazendo o que não deve?
Ivone – Ele mal estava piscando.
Clara Day – Eu vou ver o que ele está fazendo.

Ivone bebe gim e coloca uma música no ipod. Clara Day retorna limpando a bochecha esquerda com a mão.

Clara Day – Tira essa música.
Ivone – Mas por quê? Você gostava tanto dessa musica...
Clara Day –Eu não gosto mais, desliga.

Ivone, contrariada, vai até o ipod e o desliga.

Ivone – Estava no shuffle. Eu não fiz nada, ninguém fez nada e nem escolhe nada, a coisa escolhe por você. E você sabe que a coisa tá ai, escolhendo por nós. Eu não fiz de propósito. A coisa fez.
Clara Day – Ele me beijou.
Ivone – Te beijou?
Clara Day – Me deu um beijo na bochecha.

Ivone inveja o beijo do garoto. Bebe um gole de gim.

Ivone – Ele gostou de você. Que bom que ele gostou de você. O que ele tava fazendo?
Clara Day – Vendo o noticiário.

Ivone balança a cabeça.

Clara Day – O que é que tem?
Ivone – E você vai deixar ele ver um programa que só tem desgraça?
Clara Day – Melhor do que desenhos animados que dão uma idéia errada das coisas, uma percepção equivocada da vida. As pessoas são azuis nos desenhos, mas na realidade elas não são azuis. Aí você cresce achando que as pessoas são azuis e lá na frente descobre que elas só são azuis dentro da sua cabeça por causa dos desenhos animados. E você fica muito desapontado e tem que fazer terapia.
Ivone – Eu, quando era criança, queria sair voando. Clara Day - Eu tenho rede de proteção por causa do gato.
Ivone – As pessoas cortam as redes. Ele deve estar vendo isso no noticiário.
Clara Day – Ele já sabe que não pode voar e que se pular de uma altura dessas ele morre.
Ivone – Você disse isso pra ele?
Clara Day – Ele sabe.
Ivone – Como você sabe que ele sabe?
Clara Day – Eu imagino que ele saiba.
Ivone – Bom, ele está sob sua responsabilidade...
Clara Day – Ele não vai fazer nada.
Ivone – Será? Nós estamos no meio, é no meio que as coisas acontecem.

Clara Day – Eu já expliquei pra ele, para com isso! Ele é só uma criança, nada pode dar errado.
Ivone – Tirou objetos pontiagudos do quarto?
Clara Day – Eu não tenho objetos pontiagudos no quarto.
Ivone – Onde estão suas injeções?
Clara Day – Estão aqui na caixinha da alegria. No quarto só tem a televisão e alguns livros de filosofia.
Ivone – Ele já sabe ler?
Clara Day – É muito provável.
Ivone – E se ele abrir um dos seus livros com todas aquelas frases sombrias sobre a vida, ver que as orelhas dele são realmente um problema e resolver cortar com os dentes a rede e pular, o que você vai falar pra mãe dele?
Clara Day – Você é doente.
Ivone – Normalmente você espera até a terceira dose para começar a me ofender.
Clara Day – Quem vai ser a madrinha do seu primeiro filho?
Ivone – A Francine me pediu antes.
Clara Day – Mandei as suas botas para o sapateiro.
Ivone – Ah, bom.
Pausa.
Clara Day – Será que ele está com fome? Sim, porque ás vezes ele está com vergonha de falar, quando se está com fome não se pode ser feliz. Que tal uma pizza? Menino, está com fome?

O menino não responde.

Ivone – Vai ver ele é autista.
Clara Day – O que você entende de criança?
Ivone – O tio Jorge é autista.
Clara Day – Ele é perfeitamente normal. Eu vou ver de que

sabor ele gosta.

Clara Day sai. Ivone se serve de mais gim e acende um cigarro. Olha pela janela. Pessoas continuam fazendo suas necessidades na frente do prédio.

Ivone – O ser humano é uma porcaria... Tem gente mijando na frente do seu prédio, Clara Day, vem ver! Fala pro menino ver!

Clara Day volta. Está intrigada.

Ivone – Vamos jogar água lá embaixo pra acabar com essa baixaria, o que você acha?
Clara Day – Que mania você tem!
Ivone – Vai deixar isso barato? Olha ali!
Clara Day – O menino não gosta de pizza.

Ivone faz uma pausa e sai da janela.

Ivone – Como não gosta de pizza?
Clara Day – Ele não gosta.
Ivone – Mas ele tem que gostar.
Clara Day – Falou que não gosta e que não há nada mais nojento do que um pedaço de pizza.
Ivone - O que disse a mãe dele?
Clara Day – Acho que não falamos sobre a alimentação do menino.
Ivone – É a coisa mais importante que se tem que saber sobre uma criança é o que ela come. Ele pode ser alérgico.
Clara Day– Se ele fosse ela teria me dito.
Ivone – Ela pode ter esquecido.

Clara Day – A Dulce é uma boa mãe.
Ivone – Como você sabe? Clara Day – Do pouco que eu sei essa é a minha opinião.
Ivone – Ela pode não ser.
Clara Day – Mas ela é. E vamos parar de falar na (pigarreia) do menino, que tal? Combinado? Será que você pode ficar quietinha um segundo? Será que todo mundo pode ficar quietinho um segundo para que eu possa pensar em como alimentar esse menino que não gosta de pizza? To pedindo muito?! Eu acho que não, né? Eu acho que não. Agora senta, pega o seu copinho, e fica em silêncio dois minutinhos,de acordo?

Ivone obedece de maneira infantil.

Clara Day – Que bom.Boa menina. Cadê o gato?

Ivone bebe seu gim. Silêncio. Ivone recomeça.

Ivone – É preciso ter talento para abrir uma lata de atum, quanto mais para cuidar de uma criança.

Pausa. Essas palavras caem como uma bomba atômica no meio do peito de Clara Day.

Clara Day – Eu sei porque você vem aqui.
Ivone – Eu gosto de você mas por que você não me acha engraçada?
Clara Day – A vida toda eu deixei você fazer isso comigo.
Ivone – Você não é vítima de nada.
Clara Day - Toda hora, todo o tempo, na frente de qualquer pessoa, sempre: você está presente para que eu me lembre

que eu ainda não cheguei perto daquilo que eu disse que um dia eu ia ser, ter ou fazer. Demorou, mas eu entendi.
Ivone – Eu vou para Paris.
Clara Day – Paris é linda no inverno.
Ivone – Você nunca foi para Paris.
Clara Day – Sabe a pegada do teto?
Ivone – Essa doença te fodeu.
Clara Day – Não fale fodeu, tem uma criança no quarto!
Ivone – Mas ela te fodeu.
Clara Day – Eu já estava fudida antes, ela só veio para coroar o meu mal momento.
Ivone – Mas agora está pior. Essa doença te fodeu.
Clara Day – Eu vou lavar a sua boca com sabão de pedra.
Ivone – Minha mãe fazia muito isso comigo.
Clara Day – E não adiantou nada.
Ivone - Ela não tinha talento para ser mãe.
Clara Day – Preciso me alimentar. (se senta na cadeira)
Ivone – Vou perguntar o que ele quer comer então, já que o príncipe não come pizza.
Clara Day – Deixa que eu pergunto.
Ivone – Eu sei o que eu estou fazendo.Tem medo que ele me dê um beijo também? Porque ele pode me dar um beijo a qualquer momento.
Clara Day – Então, vai.

Enquanto isso Clara Day procura alguma coisa para comer. Está pálida. Acha um bombom velho no fundo da gaveta. Ouvimos a voz de Ivone.

Ivone – O quê é isso? Põe pra dentro! Põe pra dentro já, menino! Menino, um! Menino, dois! Menino, TRÊS! Puta que pariu! Põe pra dentro ou eu vou fazer você engolir!

Clara Day se assusta e se levanta. Ivone retorna, está transtornada.
Ivone – Chega! Isso não vai ficar assim! Clara Day – O que foi? O que é que você fez?
Ivone – Eu?! Eu, Clara Day?! Como assim, eu?! Eu não fiz nada, ele fez! Ele mostrou a língua pra mim. Ele mostrou uma língua enorme e vermelha e cheia de aftas para mim!
Clara Day – Ele não sabe o que está fazendo.
Ivone – Ele vai ver só!
Clara Day – Não vai fazer nada.
Ivone – Mas ele mostrou a língua pra mim! Ele me ofendeu!
Clara Day – Você é uma mulher, ele é só um menino.

Escutamos uma porta bater com força.

Ivone – Vai deixar ele fazer isso com a porta do seu quarto?
Clara Day – Quer que eu bata nele?
Ivone – Eu bato!
Clara Day – Faça isso com o seu filho, mas não com o filho dos outros.
Ivone – Nós temos que ensiná-lo, quem ele pensa que é? Quem você pensa que é, garoto?

A porta bate outra vez.

Ivone – Filha da puta!
Clara Day – Para!
Ivone - Um menino mal educado que precisa entender que a vida não é assim!
Clara Day – E como a vida é, Ivone Dim? Você não tem a

mínima idéia como a vida é, como vai ensinar uma coisa pra ele que você não sabe? Se ele mostrou a língua pra você, é porque ele não gostou de você. Pronto! Por que todo mundo tem que gostar de você e elogiar seus sapatos? Ele está no direito dele. Não se obriga ninguém a nada. Mas que caralho! Deixa ele em paz.
Clara Day – O gato!

A porta bate novamente. Ouvimos o gemido de um gato.

Clara Day sai correndo. Ivone deixa o gim e vai atrás dela. Lá fora um caminhão passa e não ouvimos nada do que acontece dentro do quarto. As duas voltam. Alguma coisa aconteceu. Ivone está com a mão na boca. Clara Day leva o gato nos braços e o acaricia. As duas sentam no sofá. E lá ficam um tempo. Silêncio no quarto onde está o menino.

Ivone – Você sabe fazer curativos?
Clara Day – Eu não fiz curso nem de primeiros socorros.
Ivone – Meu noivo é médico.
Clara Day – Seu noivo é um idiota.

E a cena termina enquanto imaginamos o que terá acontecido entre as duas mulheres normais e o menino.

Cena 5

Lá fora, cachorros e pessoas continuam fazendo suas necessidades em qualquer lugar. Dentro do apartamento, cinzeiros cheios e uma garrafa de gim vazia. Clara Day está

deitada no sofá e passa muito mal. Uma mistura de ressaca e hipoglicemia. Bebe água. Tem uma bolsa de água quente na cabeça. Não tem posição. A campainha toca. Clara Day custa a creditar que terá que se levantar. A campainha toca de novo. Clara Day vai contra a vontade. Olha pelo olho mágico. E lá fica, imóvel, durante meio minuto. Depois de meio minuto a campainha toca novamente. Clara Day continua imóvel. De dentro do apartamento surge Ivone. Veste um roupão e tem uma toalha enrolada na cabeça. Ivone para e tenta entender o que está acontecendo. Clara Day faz um calmo gesto de silêncio. Sai de perto da porta e meticulosamente leva Ivone para perto da janela, do outro lado da sala.

Clara Day (sussurra) – É a mãe do menino.
Ivone – Eu vou me trocar.
Clara Day – Vai me deixar sozinha com ela?
Ivone – Ele estava sob sua responsabilidade.
Clara Day – Não me deixe resolver isso assim. Preciso de você.
Ivone – Mas que eu saiba nós não nascemos grudadas uma na outra. Nem irmãs nós somos. Cada uma tem a sua vida. Eu gosto muito de você e sei que você também gosta muito de mim, mas eu preciso me trocar.

Ivone sai. Clara Day vai até a porta. Toma coragem e gira a chave. Abre a porta. É sua vizinha do doze, Dulce, a mãe do menino. Dulce está muito nervosa, mas algo a faz conter tudo o que tem dentro de si.

Dulce – Eu te pedi uma coisa.
Clara Day – Verdade.

Dulce – Eu te pedi uma única coisa.
Clara Day – Sim, você me pediu uma coisa.
Dulce – Eu não pedi duas coisas.
Clara Day – Não, não pediu. Duas não, uma só.
Dulce - Que eu me lembre eu pedi uma coisa só em troca de outra que eu fiz muito bem.
Clara Day – Você fez muito bem. Parabéns. Obrigada. Mas do meu lado e para a minha defesa o que eu posso dizer é que aquilo que você me pediu não era fácil.
Dulce – Quantos anos você tem?
Clara Day – Muitos. Poucos. Vários. Nenhum. Eu nasci ontem. O que é que você vai fazer? Seja lá o que for, faça rápido, eu só quero que termine logo. Vamos, me bata na cara.
Dulce – Ele está apaixonado por você.
Clara Day – Eu sinto muito.
Dulce – Colocou o seu cabelo num altar. O que vou dizer a ele? Ele sempre foi um menino alegre...
Clara Day – Aquilo não era alegria.
Dulce – Você tem mãe?
Clara Day – Tenho.
Dulce – Ela tem orgulho de você? Foram apenas duas horas.
Clara Day – Não, foram três.
Dulce – Não é fácil organizar as pessoas. Alguma coisa não se encaixa. Foi a sua amiga, não foi? Eu vou matá-la.
Clara Day – Quando eu vi ele já estava com a testa sangrando!
Dulce – Por quê um menino de nove anos bateria a cabeça na parede até ela rachar?
Clara Day – Não sei.
Dulce - Por quê ele faria isso de novo?
Clara Day – Não sei.

Dulce - Por quê ele não para de fazer isso? Ele disse que te amava?

Clara Day – No fim ele disse.

Dulce – Desde o dia do elevador que você sorriu pra ele,ele não para de dizer o seu nome. Foi um erro. Eu não deveria ter entrado aqui, eu não deveria tê-lo deixado aqui, eu não deveria tê-lo colocado nessa escola, eu não deveria tê-lo tido. A professora não sabe explicar, nem a pedagoga, nem psicopedagoga, nem a pediatra, a psiquiatra diz que pode explicar, mas ela não é clara! Ninguém tem uma resposta clara. Tá tudo errado. Eu errei.

Dulce desmorona.

Dulce – Posso entrar.

Clara Day – Entre.

Dulce – Posso me sentar?

Clara Day – Claro.

Dulce – Posso mesmo? Digo isso porque talvez eu não consiga me levantar.

Clara Day – Então cuidado porque esse sofá moldou o meu caráter.

Pausa.

Ivone entra, com a mesma roupa de ontem.

Ivone – Estou vendo que já estão íntimas. Sobre o que estavam conversando? Por um acaso estavam falando de mim? Estavam falando mal de mim? Como vai? (estende a mão, Dulce não reage, Ivone, constrangida, continua) Muito prazer e adeus. Seu filho é lindo, alegre, divertido, uma fofura sem igual só que mais ou menos. Meu noivo é cirurgião plástico e muito amigo do prefeito. Toma aqui o cartão. Talvez ele precise remendar a testa, aí então ele pode aproveitar e

fazer as bochechas, as orelhas, enfim, tudo junto, fica sempre mais em conta, e ele parcela, enfim, te faz um desconto, afinal ele é uma pessoa muito boa, altruísmo que fala, né? Eu li numa revista que a auto-estima da criança deve ser alimentada pelos pais. Pois então. Meu noivo é muito altruísta e a auto estima dele é bem alta. A Clara Day conhece o meu noivo. Diga a ela Clara Day. Meu noivo venceu. Diga a ela que meu noivo venceu.

Clara Day – Ele venceu.

Dulce fica paralisada com o que ouve e fica olhando firmemente para Ivone.

Dulce – Você jogou água em mim. Ela jogou água em mim.

Ivone – Joguei. É verdade. Você é metida nesses negócios de um monte de gente junta ficar gritando e atrapalhando o trânsito da cidade, não é? Pra quê?

Clara Day – Peça desculpas, Ivone Dim.

Ivone – Ela estava encostada no capô do meu carro. Você me entende, não entende? Você tem carro? Se você tivesse um carro, faria a mesma coisa. Se você tivesse o carro que eu tenho, então, faria muito pior. Meu noivo me deu esse carro. Ele venceu.

Clara Day – Você precisa ir embora, Ivone, vai se atrasar para a degustação de vinhos.

Ivone – Seu filho é autista? Porque o meu tio Jorge é autista.

Dulce - Da próxima vez que você falar alguma coisa do meu filho, ou para o meu filho, ou pensar no meu filho, ou qualquer coisa sobre, com ou à respeito do meu filho...Eu mato você.

Clara Day – Nós não precisamos resolver as coisas dessa maneira.

Dulce – Eu pego uma arma, um pedaço de pau, uma panela de pressão, eu venho aqui e dou na sua cabeça até o seu crânio afundar e você morrer.
Ivone – Você não é a única capaz de fazer isso.
Clara Day – Ninguém vai fazer nada.
Dulce – Fale do meu filho outra vez e você verá a besta que mora dentro de mim e que está morrendo de fome.
Ivone - Fala para ela do que eu sou capaz, Clara Day,conte do B.O.
Clara Day – Todo mundo é capaz de matar todo mundo, agora chega. Você tem hora, Ivone.
Dulce (para Clara Day) – Eu gosto de você, eu me simpatizo por você desde o dia do elevador, mas será que você pode sair da frente? Será que você pode não ficar no meio de nós? Ela não precisa de você, ela pode se defender sozinha.

Clara Day obedece. As duas ficam frente a frente.

Dulce – E agora?
Ivone – E agora o quê?
Dulce - Está com medo do que possa acontecer?
Ivone – Eu conheço gente louca.
Dulce – É por isso que você é assim?
Ivone – Eu sou ok.
Dulce – Ok?
Ivone – Sim, ok, eu sou ok.
Dulce – Você não é nada ok.
Ivone – Perto do seu filho eu sou super ok. Diga a ela que eu sou ok, Clara Day!
Dulce – Eu vou arrancar a sua língua.
Ivone – Eu devia ter jogado merda na sua cabeça.
Dulce – A besta está acordando. Esse seu nariz não é o

original, é? Qual era o seu apelido na escola?
Ivone (apontando o dedo para Clara Day) – Se você abrir essa boca eu nunca mais falo com você.
Dulce (se virando para Clara Day) – Qual era?
Ivone – Clara Day!

Silêncio.

Clara Day – "Guernica".

Dulce é acometida por um sonoro ataque de riso.

Ivone – Podem rir. Riam. É muito engraçado. Que bom que você já tem alguém para te fazer companhia dentro do buraco imundo que você se encontra. Finalmente não precisa mais de mim, eu estava esperando por esse dia. Agora não se engane, viu, vizinha? Clara Day não é vítima de nada embora faça essa cara. Eu a conheço muito bem. Ela esconde um profundo desprezo por toda a humanidade porque se acha grande coisa embora nunca tenha conseguido levantar desse sofá. Ela só sabe fumar, beber e falar mal dos outros. Ela não vai deixar você se mover, não vai ganhar o Nobel e não vai ficar feliz enquanto não te colocar lá embaixo, no nível dela! Assim são os arrogantes fracassados.
Clara Day – Eu gostava mais do seu antigo nariz. Combinava mais com a sua personalidade.
Ivone – É o fim.
Dulce – Ainda não.
Clara Day – Ele não gosta de você.
Ivone - Tem músculo na sua face que se contrai toda vez que alguma coisa boa acontece comigo. E toda vez que eu vejo esse músculo, eu me pergunto: será que ela não sabe que eu sei o quanto ela está infeliz? A pegada ainda está teto. Manda essa mulher embora da sua casa enquanto é tempo.

Clara Day - Que falta real você vai me fazer?
Ivone - Amanhã você me liga e a gente faz tudo de novo.

Ivone Dim sai para sempre. Algum tempo depois.

Dulce (tirando algo do bolso) – Eu preciso que você me empreste uma agulha e seringa descartáveis.
Clara Day – Não. Você não pode fazer isso aqui. Você não pode fazer isso de jeito nenhum.
Dulce – Antes eu fazia escondido do meu pai, hoje preciso fazer escondido do meu filho.
Clara Day – Vou ter que te dizer não.
Dulce – Eu estou passando por um momento difícil. Que raios de amiga é você?
Clara Day – Quer gim? Eu sirvo gim, mas não injete essa coisa em você. É muito forte.
Dulce – E beber e cair e quebrar e patinar no próprio vômito não é? Por favor. Você acha que o gim tem mais dignidade? Quantos anos você tem? Quer que eu te implore? Eu posso ficar de joelhos. Ou então posso fazer como há dez anos atrás quando eu quebrava um vaso na cabeça de qualquer um que quisesse me impedir de usar. Quer que eu quebre um vaso na sua cabeça?

Clara Day não se mexe. Dulce se levanta e pega a injeção de dentro da caixinha da alegria.

Dulce – É muito triste ver uma criança triste. Não há nada mais triste. Quando o filho é seu então, é insuportável.
Clara Day – Quando o meu gato fica triste, eu fico muito triste pelo meu gato também.
Dulce – Você não entende. Não precisa explicar as coisas para o gato. O gato já nasce sabendo que é gato. Nós

passamos a vida inteira meio confusos. (começa a preparar a seringa)

Clara Day – Não é culpa sua. Por favor, não faça.

Dulce – De onde você acha que ele puxou essas bochechas? As orelhas são do pai. As outras crianças chamam ele de nomes tão horríveis... É surpreendente o repertório desses moleques. As crianças são muito cruéis, as crianças são iguais a nós, só não são cínicas como nós, ao contrário, elas são verdadeiras, verdadeiramente cruéis e isso dá medo. Já teve medo de criança? É tenebroso quando uma delas te olha na cara e diz o que pensa sobre você. É nesse momento que você percebe que, de fato, todo mundo pensa isso de você, mas só ela que é criança tem a coragem de dizer. A crueldade passa de ano, cresce e casa. É do jardim da infância aos vermes que te comem no caixão. Ele disse que eu sou uma vaca gorda.(Põe a seringa de lado, como quem desiste) Eu não queria que o chamassem como o chamam. Eu não queria que ele visse o quê. Eu não posso controlar nada e isso é desesperador. O que eu digo à ele se é tudo loteria genética?! É tudo sorte. É tudo acaso. Eu sou dependente química. É um acaso.

Clara Day – Eu tenho diabetes.

Dulce – Um acaso. Você foi premiada na loteria genética. Não significa nada, não adianta nada e do nada eu entendo. No fundo eu sei, mas no fundo não adianta nada. Mas achei que fosse só eu. Eu achei que fosse só nós, achei que isso só pudesse acontecer quando somos adultos. Quando já vivemos um pouco. Mas o que ele viveu? O que ele pode ter visto? Ou sentido? Ou entendido? O quê?

Clara Day – Minha mãe me dizia que ia passar e não passou. Às vezes eu acho que foi a minha mãe que me fodeu.

Dulce (pega novamente a seringa, mudando de idéia) – Por

favor, não me julgue. (finalmente injeta)
Clara Day – Não, não... Por que é que você não aceitou o gim! A qualquer momento vão jogar tomates em nós. Eu tenho medo que me joguem um tomate agora, nesse momento, eu temo por isso, não estamos livres.

Dulce - Vamos ficar em silêncio. É a melhor sensação do mundo, não vou mentir para você, é a melhor sensação que alguém pode ter estando vivo.
Clara Day – Eu achei que fosse ter um orgasmo.
Dulce – Não queira nunca experimentar, sua vida perderá o sentido depois disso. Não tem direção, não tem destino, não tem freio e também não tem piloto... está desgovernado... bater no muro ou cair no penhasco é apenas uma questão de tempo... e o tempo passa rápido, daqui há pouco somos avós, e o que foi que aconteceu... nada aconteceu... você tinha razão, não iria acontecer nada... eu tive que dizer que deus não existe... assim como papai Noel também não existe... como uma figura como aquela pode existir num mundo como esse, numa cidade como essa? As pessoas mijam e cagam na nossa porta. Agora é a hora. Ou pelo menos deveria ser. Você acha que existem pessoas assim, acha que é possível? Ou acha que é só fruto de uma imaginação doente que pensa estar sabendo o que está fazendo mas na verdade não sabe de nada e tenta nos enganar, usa desses subterfúgio para nos iludir sendo que nós não somos mais crianças, afinal de contas, em que mundo nós estamos?

Dulce Vicente cai com a cabeça para trás. Clara Day vai até Dulce.

Clara Day – Dulce, pelo amor de Deus, não morra nesse sofá, eu ainda estou pagando esse sofá.

Clara Day chacoalha Dulce, que está doidona.

Dulce- O Paraíso é tão bonito.
Clara Day – Eu decidi, eu quero ir na manifestação com você.
Dulce – As calçadas do Paraíso são tão limpinhas...
Clara Day – Vamos, levanta daí, vamos comigo! Eu não vou sozinha. Não me deixe sozinha.
Dulce – Lá ninguém bate a cabeça na parede, ninguém joga água na gente...
Clara Day – Temos que fazer alguma coisa. Deve ter ainda uma coisa que possa ser feita e que ninguém fez.
Dulce – Vá sozinha. Agora não posso, estou sendo feliz.

Dulce se estatela no sofá. Está tendo uma viagem astral.

Dulce – Tudo bem. Fica aí então. Se está gostoso aproveita porque depois nós vamos fazer alguma coisa. Vamos fazer essas coisas que você faz. É muito bom esse sofá, não é mesmo? É gostoso, é confortável, mas não se esqueça de se levantar. Uma hora você vai ter que se levantar.

Vai até a janela e finalmente acende um cigarro de verdade.

Clara Day – Até agora ninguém jogou um tomate em nós, então, estamos indo bem, está tudo certo. Falta muito pouco para isso tudo desaparecer. O meu gato já desapareceu. Eu entendo o meu gato. Eu entendo o seu filho. De vez em quando, te confesso, eu bato com a minha cabeça na parede,

assim como ele. Faço quando ninguém está por perto. Usando o método com parcimônia, não há problema, eu não vejo problema, não há problema. Faz muito tempo que alguém não se diz apaixonado por mim, eu podia até esperá-lo, sim, uma década é coisa pouca, seríamos até felizes, ou ao contrário, se eu tivesse nove anos de idade me apaixonaria por ele loucamente com pacto de sangue e tudo mais. Quando eu era uma menininha, eu amava tanto... Todo mundo já foi pequenininho um dia. Os ditadores com barba e os ditadores sem barba já foram adoráveis bebês, assim como todos os assassinos dentro do presídio, fora do presídio, os assassinos de farda, os assassinos por tabela, todas as putas já brincaram de boneca, todos os terroristas já jogaram futebol. Será? Enfim, até o prefeito pode ter sido, em algum momento, uma criança risonha e simpática correndo pela grama do parque que depois de cinqüenta anos ele mandou cobrir de concreto. Açúcar no sangue. Não, o prefeito, não. Todo mundo já sentiu uma vez esse calor que sai da boca de quem está nos abraçando. Será? Vou passar da página vinte e três. Será? Não, o prefeito, não. Eu não me lembro desse calor. Eu nem sei o quê é. Mas eu sinto falta e sinto que está no fim, e então, eu amaria muito o seu filho e me sentiria completa. Eu enfiaria o dedo no olho de todo mundo que o chamasse de buldogue. Subiríamos nas árvores, se ainda existissem árvores. Eu cairia. Porque eu sempre caio. Quebraria um braço. Ele não. Ele voaria por causa das orelhas. Ou treparia nos galhos como um macaco. Não é tudo acaso, deus, está no fim. Tinha uma árvore aqui na frente. Derrubaram.

Fim

PESSOASPERFEITAS

Ivam Cabral | Rodolfo García Vázquez

Sumário

As bengalas da humanidade.....14
Peça mostra humanidade concreta mas fora do realismo documental.....21
Pessoas Perfeitas.....27
Epílogo.....29
Medalha se apresenta.....31
O questionário.....32
Numa lan house do centro.....35
Walt Whitman.....39
Um Jantar.....42
Cantoras de bar nunca se tornam estrelas de verdade.....45
Não existem pessoas perfeitas.....47
Sarah e Robalo se falam pela primeira vez.....51
O encontro que nunca existiu.....54
Eu só preciso de um pouco de carinho.....57
O vestido de casamento.....60
Como é que este lugar funciona.....63
Alguém pra tomar conta de mim.....66
Mais um telefonema.....68
No metrô ou a cena que não faz parte do espetáculo.....71
Os abraços que queimam.....73
Passagem de Medalha.....76
Café dos desbotados.....77
Oração de desespero.....79
A dança do agradecimento cósmico.....81
Esperança grita pelas ruas.....83
Álbum.....87

Entre máscaras e papéis [1]

"Pessoas perfeitas" confere estatuto dramático aos "sujeitos sujeitados" que habitam as grandes cidades

Welington Andrade [2]

"O mundo nada mais é que correlação objetiva da pessoa; portanto, a cada pessoa individual corresponde um mundo individual".

Max Scheler

A longevidade de uma companhia de teatro é uma meta com a qual talvez poucos diretores, atores e dramaturgos no Brasil ousem sonhar. A estabilidade do grupo sedimenta seu projeto artístico, estabelece com o público vínculos mais duradouros e convida à necessária experimentação de repertório e de linguagens. Assim é que o fato de uma companhia como Os Satyros chegar já a seu 25º ano de existência deve ser celebrado por todos aqueles que creem que o teatro ainda tem muito a dizer nos tempos atuais.

Fundada em 1989 por Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez, com a montagem de *Aventuras de Arlequim*, a companhia iria se tornar nacionalmente conhecida com o espetáculo *Sade ou noites com os professores imorais*, sua primeira incursão por *A filosofia na alcova*, do Marquês de Sade, autor que orientou boa parte do repertório artístico e político do grupo e esteve no centro das comemorações de suas duas décadas. Entretanto, a trajetória d'Os Satyros – uma das mais consequentes no panorama geral da cena contemporânea brasileira –

1 Crítica do espetáculo "Pessoas Perfeitas", publicada no site da Revista Cult, em 20 de outubro de 2014.

2 Welington Andrade é doutor em Literatura Brasileira pela USP, na área de dramaturgia, e crítico de teatro da revista Cult.

deve ser avaliada menos pelo bom número de espetáculos com temas polêmicos, difíceis de serem digeridos pelo grande público, que eles conceberam e mais pela ousadia de tratar tais assuntos pelo viés de uma teatralidade viva e inquieta.

Para comemorar suas duas décadas e meia de existência, a companhia está apresentando em seu pequeno teatro na praça Roosevelt o espetáculo *Pessoas perfeitas*, dirigido por Rodolfo García Vázquez. A peça retrata um grupo de cidadãos anônimos de uma grande metrópole como São Paulo, às voltas com suas vidas ao rés-do-chão, de onde brotam dramas íntimos, pequenas alegrias, afeições patéticas e alguma dose de lirismo. Do roteiro das cenas – escrito por Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez a partir da observação do comportamento de moradores do centro da cidade e de entrevistas realizadas com eles – emana uma atmosfera muito envolvente que, além de chamar a atenção para o caráter tão singular das histórias de vida ali traçadas, convida o espectador a entrar em contato com imagens muito agudas, concebidas a partir da natureza da categoria da "pessoa", o mais combalido dos conceitos cunhados no âmbito da psicologia e da filosofia nos últimos tempos, cuja crise de representação espraia-se por todas as artes.

A origem do termo "pessoa" em português remete à forma latina "persona", mas evoca uma relação com o mundo do teatro, que o espetáculo d'Os Satyros tão habilmente sabe explorar. Em *Sobre Shakespeare*, o crítico canadense Northrop Frye aponta: "Antigamente os atores em geral usavam máscaras no palco, e a metáfora do ator mascarado acabou originando duas palavras na língua. Uma é "hipócrita", de origem grega, que se refere ao olhar do ator através da máscara; a outra é "pessoa", de origem latina, e se refere à fala do ator através dela. Atualmente usamos também a palavra *persona* para falar do aspecto social de um indivíduo ou do modo de ele

enfrentar as outras pessoas. De certa forma esse termo é enganoso, pois pressupõe um ser real debaixo da máscara e, como o solilóquio nos faz lembrar, não há nada por trás de uma *persona* a não ser uma outra *persona*".

Ora, a grande qualidade de *Pessoas perfeitas* é o fato de a peça não se acomodar à sua superfície documental, dando voz realisticamente a um grupo de indivíduos cujos traços particulares qualquer espectador é capaz de reconhecer, por exemplo, ao caminhar atentamente pelas ruas de São Paulo. Desse modo, no espetáculo, a questão da identidade não está voltada às dimensões antropológica e sociológica do cidadão paulistano. Antes, cada uma das "pessoas perfeitas" a quem Os Satyros resolveram dar vida constitui um ser fracassado por trás de uma máscara, cujo comportamento individual está intimamente associado a uma performance de natureza dramática, potencializada pela função subalterna ou deslocada que ela ocupa na escala social.

O espetáculo fala de seres espectrais tensionados por suas relações com o mundo e consigo mesmos, convertendo tais "sujeitos sujeitados" em ásperas criações teatrais. Talvez três sejam os tipos de máscaras que eles assumam. A jovem interiorana que chega à capital para viver uma experiência mística (Julia Bobrow), o garoto de programa com quem ela começa a namorar (Henrique Melo) e a mãe deste, uma frívola mulher suburbana (Marta Baião), são tipos que tendem ao histriônico e ao caricatural, calcados em manifestações de exagero e exterioridade. Um segundo grupo é formado pela ex-cantora fadada à morte (Adriana Capparelli) e pelo escritor decadente que vaga pela cidade (Fábio Penna) – sobre os quais uma atmosfera de *derrisão melodramática* assenta tão bem.

Por fim, outro par se forma, a partir do qual o espetáculo atinge momentos de uma tragicomicidade das mais comoventes. Trata-se do açougueiro solitário (Eduardo Chagas) e do zeloso filho de uma

mãe com Alzheimer que à noite se transforma em outra pessoa ao fazer uso dos serviços de disque-amizade (Ivam Cabral). A máscara de ambos parece transitar pelo registro do clown branco, devotada à "pureza romântica, melancólica, sentimental", como atesta o *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos.*

A investigação satyriana a respeito desses perfeitos fantasmas que o capitalismo moderno tem convidado cada vez mais a perambular, anônimos, pelas ruas das grandes cidades convida a algumas especulações. O variegado supermercado do misticismo, do sexo e da frivolidade vem oferecendo seus atraentes produtos ao indivíduo-massa – despersonalizado e desconectado de qualquer interioridade, mas sempre confiante em sua singularidade exacerbada. A arte tem buscado ungir indiferentemente os talentosos e os incompetentes, transformando-se em um lucrativo negócio para o qual a falsidade é a prova dos nove, hostil, portanto, aos que se orgulham de ter muita verdade interior. Já os afetos mais genuínos continuam a ligar os indivíduos e a lhes oferecer certos remansos frente à impessoalidade que grassa por todos os lados. Mas, hoje, paradoxalmente, tais afetos parecem tão mais reais quanto mais virtuais forem seus canais de expressão.

Todos os atores estão à vontade diante de empreitada *sui generis*, explorando suas máscaras e seus papéis com muita segurança. (Deve-se à direção de Rodolfo García Vázquez, naturalmente, a adesão irrestrita dos intérpretes ao delirante, desconcertante e estranho clima que se cultiva no palco). Entretanto há que se destacar de modo particular o trabalho vocal e corporal de Eduardo Chagas e de Ivam Cabral, que simplesmente iluminam as cenas de que participam ao se lançarem com tanto empenho à diligente composição de suas comoventes figuras. Por meio de cada inflexão de voz, cada gesto, cada olhar, ambos os atores caminham com impressionante domínio técnico e emocional sobre o tênue fio que separa o sublime do grotesco.

Impossível não fazer menção também à participação das violoncelistas Alessandra Giovannoli e Rebeca Friedmann, que se revezam no papel da figura soturna da mãe demente, cuja fala tartamudeante corresponde aos espasmos sonoros extraídos do violoncelo. Embora a personagem não seja defendida por uma atriz e não assuma uma máscara propriamente como as demais, não se pode deixar de pontuar a expressividade de tal figura em cena, construída em cima desta poderosíssima imagem simbólica de alguém que se comunica precariamente pelas cordas retesadas de um instrumento penetrante.

O problema do conceito de pessoa e dos múltiplos papéis que o indivíduo assume ao longo de sua vida há muito tempo vem sendo matéria de investigação da filosofia. Um dos principais representantes do estoicismo latino, o filósofo grego Epicteto (50-125) já advertia no primeiro século da era cristã: "Lembra-te de que aqui não passas de ator de um drama, que será breve ou longo segundo a vontade do poeta. E se lhe agradar que representes a pessoa de um mendigo, esforça-te por representá-la devidamente. Faze o mesmo, se te for destinada a pessoa de um coxo, de um magistrado, de um homem comum. Visto que a ti cabe apenas representar bem qualquer pessoa que te seja destinada, a outro pertence o direito de escolhê-la".

Ao comemorarem seu 25° ano de existência, Os Satyros estão bebendo uma vez mais nas fontes da filosofia e da psicologia, atrelando-as de modo muito original às esferas da política e do próprio mundo do teatro. Associar o fenômeno teatral a sua inequívoca vocação de arte pública talvez seja a mais importante contribuição que o grupo venha prestando à cultura brasileira. Quem transita hoje pela praça Roosevelt – onde, além da própria sede da companhia e da SP Escola de Teatro, na qual ela também atua, estão instalados mais quatro teatros – revive o ambiente das antigas ágoras gregas, locais de grande afluência do público nos quais se promoviam discussões políticas e festas cívicas.

As bengalas da humanidade... [3]

Sergio Zlotnic [4]

I – Ninguém escapa ileso ao espetáculo teatral "Pessoas perfeitas", a nova erupção do vulcão criativo dos Satyros!

Entre muitas leituras possíveis, talvez valha a pena tomar o caminho que enxerga na pesquisa da companhia uma discussão sobre os clichês da contemporaneidade. Explico!

Em "Pessoas perfeitas", o grupo resgata a vida soterrada por debaixo dos chavões que se multiplicam por aí e engessam nossos dias. Os estereótipos não são só linguísticos; são também comportamentais: entulhos e entulhos que recobrem nossa solidão.

Os Satyros recuperam aqui – como em outras investigações – aquilo que há de mais humano nas pessoas que circulam pela cidade, que cruzam cotidianamente nossos caminhos; sobre as quais lançamos olhares de indiferença: aos anônimos, um olhar anônimo – para que não haja risco de qualquer identificação.

Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez, com incrível facilidade, transformam clichês em poesia. Mas, como eles fazem isso?!

Eles parecem escutar (e libertar) histórias pessoais que a doença da cidade e os discursos produzidos por ela ocultam: memórias, planos, projetos, sonhos, desejos, enganos, desencontros, dores... Elementos excluídos do campo. Deslegitimizados.

Um pouco talvez como o consultório de Psicanálise, esse Teatro antenado com nosso tempo revela as minúsculas misérias nas quais estamos enfiados. Minúsculas e enormes ao mesmo tempo, pois é

3 Artigo publicado no portal da SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco, em 22 de agosto de 2014.

4 Sergio Zlotnic é psicanalista.

redentora a operação de dar singularidade a essas vozes massificadas. E é imenso o gesto de ouvir murmúrios que hibernam no subsolo do senso-comum. Lençol freático resistente à desertificação...

Neste espetáculo, vemos escancarados nossos tristes dias, em que é proibido não ser feliz. E, nessa medida, o título irônico do espetáculo, "Pessoas perfeitas", não poderia ser mais "perfeito"!

Diferente do psicanalista, entretanto, os artesãos do Teatro têm maior ambição e maior alcance. Poderão curar a cidade?! A pergunta é ingênua, mas a resposta não é óbvia (veja adiante a questão recolocada).

II – Os clichês são impessoais, grassam por aí, se multiplicam e são virais. Empesteiam nossa Era! São introjetos alienantes que engolimos e, sem nos dar conta, repetimos por aí. Vomitamos diariamente na rede! Sem mediação.

São fragmentos inespecíficos que escondem nossas singularidades e, justamente por isso, desumanizam. Pois o que quer nos defina como gente é estrangeiro aos discursos de massa: nossa "essência" está fora desse circuito viral! E se não nos recortamos do lugar-comum, somos condenados a aderir a frases-feitas – que oferecem ilusão de pertinência, ao custo de pobreza despersonalizante. O clichê é uma bengala – sem a qual pensamos que vamos cair.

Pois bem. É notável o talento dos Satyros em identificar a ditadura de estereótipos: arrancando clichês que a cidade produz, como lixo, eles encontram matéria humana. Encontram profundidade e espessura, ali onde acreditávamos estar pisando a esterilidade do lugar-comum. Por ser inesperada, essa descoberta tem impacto sísmico e faz o chão tremer. E a rapidez com que os Satyros fazem isso é atordoante, numa inversão (veloz!) que – pelo contraste – nos faz perder o ar.

Um exemplo. Marta Baião, excepcional como a personagem Cacilda, distribui platitudes do começo ao fim da peça. Subitamente, porém, ela solta uma frase: – *eu não sei onde eu encontro coragem todo dia pra levantar sem ter notícia desse menino*! Essa fala dura um segundo, mas concentra uma densidade de dor e solidão espantosa – sobretudo porque a atriz a diz com economia (onde poderia decidir gritar) e se dirige a uma espécie de amiga imaginária, que nos faz compreender de supetão que o caricato da personagem é defesa que a permite suportar o filho ausente.

É enganosa, portanto, a comicidade das cenas de "Pessoas perfeitas" (e de todas as peças anteriores que o grupo produziu); o cômico é quase traiçoeiro: num salto, do clichê à singularidade, caímos em desgraça. Pior: tudo nos seduz no espetáculo – e, quanto mais nos encantamos, mais dramático, logo adiante, será nosso tombo! É fundo ali, onde julgávamos raso, esse é nosso engano que a peça denuncia…

"Pessoas perfeitas" é um grande acerto, como há tempos não se via, também por outras razões: a maquiagem dos atores, impressionante, remete à plasticidade de Bob Wilson. Da máscara à expressão humana. Outra vez! Do clichê ao poético!

O texto (de Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez) é primoroso, com passagens dramaturgicamente fantásticas. Rodolfo García Vázquez é um encenador em cujos trabalhos – já é tradição – a luz tem força poderosa e dialoga em pé de igualdade com as outras linguagens. Aqui não foi exceção: junto com Flávio Duarte, a iluminação é, simultaneamente, discreta e extraordinária.

E, nesse espetáculo, a direção de elenco, em particular, resultou tremenda: os atores estão "perfeitos" – todos, em conjunto – e parecem alimentar-se do vigor uns dos outros…

Muito resumidamente, além de Marta Baião: Julia Bobrow (Medalha) compõe uma Poliana caipira e mística, sustentando uma mistura de ingenuidade e otimismo descabido, no diapasão de uma inocência

quase débil; Henrique Mello (Binho), na maturidade de ator, é senhor absoluto de suas cenas – e mesmo quando grita, não descarrila (não são muitos os atores a quem os deuses dão essa permissão!); Fábio Penna, imenso como poeta decadente e maldito, tem momentos especialmente tocantes (veja um deles adiante); Adriana Capparelli, desenganada, opera no limite, e fumando e cantando (e como canta bem; e como fuma bem!), joga-nos num cabaret esfumaçado de desesperanças; Eduardo Chagas é inacreditável no papel de um marido hesitante (Robalo). Através da fragilidade desse homem frouxo que o ator constrói, assistimos a uma aula de atuação – de como brilhar tanto, encarnando um personagem tão inexpressivo; as violoncelistas (Alessandra Giovannoli e Rebeca Friedmann) são vultos mudos capazes de, através das cordas, falar outras línguas, numa genial metáfora do Alzheimer; finalmente, Ivam Cabral, sem vaidade, como tem de ser no palco, quase monstruoso, retorce o rosto (os rostos) e injeta traços de infantilismo em seu personagem (Ruy). Somando isso a uma feminilidade frágil, desdobra-o em Sarah. Desse modo, num caleidoscópio de vozes, mostra porque Guzik o considerava "ator de rara ousadia" que "se atira na criação sem rede de proteção" [sic].

O espetáculo nos conduz até algo como um destino trágico, inescapável, escondido por um mantra de repetições banais, detectadas na língua, que o faro da trupe revela e tira dali, pra fazer brotar verdade. Fazer brotar humanidade!

Tanto aqui, quanto noutros trabalhos, os Satyros constroem algumas passagens de rara beleza. Sublinho, a seguir, duas dessas passagens; a primeira delas de "Pessoas perfeitas", a segunda de "Cabaret Stravaganza", outro grande espetáculo recente do grupo.

III – Presença de um ausente! Heranças imateriais…

Há heranças que os vivos retêm no corpo! São abstratas! Mas transpiram pelos poros daqueles que permanecem vivos… São vozes

que foram incorporadas e digeridas, quando nos nutrimos daqueles que amamos e que partiram antes de nós. Assim Eles sobrevivem: nos nossos discursos; nas nossas obras. Sinal de que seguimos nos alimentando deles. Donde:

Perto do final da peça ("Pessoas perfeitas"), num fragmento de alta potência, espécie de *ave maria cheia de graça* profana, pela boca de Fábio Penna, ouvi a voz de Alberto Guzik, vivo de novo e enorme. Senão, vejamos:

"*Na mesa em que me sento está o meu melhor amigo, eu mesmo. Algumas outras pessoas embotadas se sentam nas mesas ao lado e desviam o olhar para um horizonte vago e cinza. Uma mulher mais velha e elegante passa com seu cachorrinho e eu me vejo neles. Um casal jovem de mãos dadas passa e eu me vejo neles. O carrão para do outro lado da rua e a puta sai com um sorriso de bom rendimento, e eu me vejo nela. Um maltrapilho aleijado passa, todo sujo e rasgado, pedindo algum dinheiro ou alguma clemência, e eu me vejo nele. Todos esperamos as paredes do tempo nos engolirem*".

A reiteração do "eu me vejo nele", que Penna repete, embalada pela música que ouvimos, são estocadas no fígado.

Algo semelhante ocorreu em "Cabaret Stravaganza". Com muita nitidez, no momento final da peça, ouvíamos o melhor Guzik saindo inteiro da boca de Ivam Cabral, dando o ar de sua graça. Assim:

"*Um dia, vou deitar e esquecer que há começos e fins... Como tantos antes se deitaram antes de mim e tantos vão se deitar depois... deito e se acaba a aventura de tentar encontrar a resposta da questão invisível*".

Na peça (de 2011), esse verso também é repetido várias vezes. A repetição da beleza triste aí contida lembra uma sinfonia de Mahler e nos diz alguma coisa quase insuportável...

Essas duas passagens sublinhadas são dramaturgia. Não se pretendem literatura – mas não ficam nada a dever a ela. E, como é próprio da poesia, ressuscitam uma voz ausente...

IV – Arte e cidade!

Em "Pessoas perfeitas", em suma, o grupo reconfirma o porquê faz justiça à Salva de Prata, a grande comenda, que recebeu recentemente, na Câmara Municipal da Cidade de São Paulo. Celebrando os 25 anos de existência, com uma exuberante passagem pelo coração da cidade, onde eles – como um furacão – deixam sua marca, cratera de vulcão: ali não restou pedra sobre pedra! As imagens cataclísmicas, de desastres naturais, presentes neste texto (vulcão, terremoto, furacão), não são descabidas: a Praça Roosevelt veio literalmente abaixo! Senão antes, pelo contrário: a intervenção das artes na cidade, por mérito do grupo, fez o milagre da recuperação dessa área, tão degradada até anteontem! Milagre da multiplicação dos peixes!

Recoloca-se aqui a interrogação do início do texto: a arte cura a cidade?!

V – Sobre próteses... Quatro palpites que eu arrisco:

1 – O clichê talvez seja a nova prótese do século XXI. Uma prótese linguística, não eletroeletrônica – porém, mesmo sendo não palpável, "imaterial" por assim dizer, indica muito da nossa gente e da personalidade de um falante. Até mesmo de um país.

2 – Por essas e outras – porque o clichê é também uma prótese – penso que os Satyros seguem pesquisando os mesmos temas e obtendo fantásticos resultados. "Pessoas perfeitas" é sequência das investigações presentes, por exemplo, em "Hipóteses para o amor e a verdade" (2010). Mas, no trabalho atual, as próteses se desmaterializaram, transformando-se em verbo.

3 – Considero o Teatro Expandido dos Satyros um caso específico do Teatro Veloz. Que consiste, conforme aprendi, em responder rapidamente aos movimentos que o nosso tempo produz e escutar para onde sopram os ventos (qual é a *juventude que essa brisa canta*?!). Consiste, noutros termos, em dar forma a forças que muitas vezes ainda não têm contorno – fazê-las caber numa equação, que as artes do palco são hábeis em inventar.

4 – Se desenhássemos um gráfico, a poesia estaria situada no extremo oposto do clichê, muito embora frequentemente o utilize para fazer seu salto épico. "Pessoas perfeitas" se levanta a cada sessão no palco do teatro da Praça Roosevelt – como num grande salto. Os Satyros são sustentáveis em mais de um sentido: muitas vezes reutilizam o clichê para tocar a poesia. E, assim procedendo, em suas pesquisas, desafiam as bengalas da humanidade.

VI – para finalizar, importante dizer que:

1 – o elenco de "Pessoas perfeitas" é parte do grande *staff* dos Satyros – outros espetáculos estão e estiveram em cartaz; e outros atores de talento fazem parte do grupo (ou passaram por ele) apesar de não incluídos neste trabalho específico. Minhas palavras se dirigem a eles também.

2 – lá em casa, somos materialistas dialéticos! Não sei o que isto significa, mas passamos ao largo de esoterismos. O *além* nunca nos seduziu.

Certamente muitas vozes estão presentes nos espetáculos dos Satyros, numa saudável (inevitável) devoração canibalística. A presença do próprio Guzik provavelmente já se insinuava em outros trabalhos. Entretanto, eu nunca havia notado, a não ser nos dois casos pontuais que mencionei aqui. E essa voz soou com tanta força, que não pude deixar de apontá-la.

VII – Longa vida aos Satyros! Mais vinte e cinco, mais vinte e cinco, mais vinte e cinco!

Peça mostra humanidade concreta mas fora do realismo documental [5]

Jefferson Del Rios [6]

Dirigido por Rodolfo Garcia Vázquez, 'Pessoas Perfeitas' já pode ser colocada como uma das melhores peças do ano

Pessoas Perfeitas traz para a caixa negra da sala de representação gente em forma de marionetes. Estes seres parecem máscaras agressivas do carnaval veneziano ou pessoas descarnadas da pintura de Lucian Freud. São resultado da imaginação e talento plástico de Rodolfo Garcia Vázquez. O encenador transfigura o kitsch em expressão teatral carregada de dor e cinismo ao retratar os transgressores da noite, os alucinados e doentes do espírito.

No cinema, há exemplos célebres desde M- O Vampiro de Düsseldorf, de Fritz Lang, com Peter Lorre (1931) à Repulsa ao Sexo, de Roman Polanski, com Catherine Deneuve (1965) ou a provocação e medo estampados no rosto branco de Joel Grey em Cabaret, de Bob Fosse (1972). A lista é extensa. Está sub- humanidade reúne negociantes do sexo, artistas frustrados, foras da lei, mulheres no limite do desespero. Uma legião sem família, dinheiro ou futuro. Desajustados longe dos seus parentes e engolidos pelas metrópoles. O Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa da Policia Civil de São Paulo registra que esses desaparecimentos nos desvãos do asfalto ocorrem por uma série de fatores, entre eles a quebra de vínculo familiar, crimes ou drogas.

5 Crítica do espetáculo "Pessoas Perfeitas", publicada no Caderno 2, jornal O Estado de S. Paulo, em 21 de setembro de 2014.

6 Jefferson Del Rios é jornalista e crítico de teatro

Nada de novo. A música Conceição, sucesso de Cauby Peixoto, foi composta por Jair Amorim em 1956, há quase 60 anos, portanto. Narra a vida da moça achando que "descendo a cidade iria subir/ Se subiu ninguém sabe, ninguém viu/ Pois hoje seu nome mudou/ E estranhos caminhos pisou". O grupo Os Satyros tem interesse por estes náufragos. Em dado momento, porém, os espetáculos privilegiaram a contramão sexual dos travestis, transexuais, como se a heterossexualidade não estivesse em questão.

O risco do gueto temático ainda está latente no repertório, mas desta vez Rodolfo Garcia Vázquez abre o leque de sonhos, vícios, visões e desastres existenciais no texto em parceria com Ivam Cabral, um dos fundadores e ator chave dos Satyros. Pessoas Perfeitas é um título com evidente sentido duplo: nome de uma seita "oriental-evangélica" e referências ora trágicas ora risíveis a seres nada perfeitos.

No caos urbano surgem a mocinha interiorana e mística que se envolve com um garoto de programa endurecido nas periferias; o casal sem diálogo, ele amorfo, ela sem permanente histeria; o solteirão que cuida da mãe com Alzheimer e sublima a homossexualidade em linhas de disque amizade; a cantora de bar que não aconteceu e está gravemente doente; o escritor sem obra no protesto vazio dos alcoólatras.

Pode parecer excessivo mas o texto de Ivam Cabral e Rodolfo Garcia Vázquez é baseado na observação de moradores do centro paulistano e em entrevistas realizadas. É o breve instante "extra-pós ou pansexual" (vamos inventar um nome) de Os Satyros. Mesmo assim, o enredo abre pouco espaço ao aposentado solitário, o desempregado idoso, à viúva esquecida.

Os pobres diabos sem graça são realmente difíceis de dramatizar e deles Chico Buarque se ocupou no verso "A dor da gente não sai no jornal".

A força do espetáculo está em apresentar uma humanidade concreta e, no entanto, fora do realismo artístico- documental. Tudo é verdade mas em termos de fantasmagoria, gestos de marionetes e maquiagem do imaginário japonês ou hindu. Os perturbados às vezes ostentam mesmo aparência coerente com seu estado mental (Robert de Niro tatuado e com o cabelo moicano em Taxi Driver). Flutuam em um clima onírico ou de pesadelo de cores gritantes que Vázquez sabe construir com maestria e o elenco adere em interpretações de entrega total ao escuro da existência.

Neste ambiente de vivos com aspectos irreais (o que lembra o teatro do polonês Tadeusz Kantor em A Classe Morta e parte do cinema de Bergman) há solos brilhantes de Ivam Cabral, da carismática cantora e atriz Adriana Capparelli e de Eduardo Chagas (o homem apagado) e Henrique Mello (o gigolô sem afetos).

A pouca nitidez de outros personagens, os exageros verbais ou os agudos de vozes dificultam o pleno efeito das atuações de Marta Baião (a mãe caricata), Julia (a espiritualista desorientada) e Fabio Penna (o poeta "maldito"), mas são presenças que se destacam em algumas sequências. Ao fim deste turbilhão de imagens e dores – falta enxugar e amarrar o final que se prolonga e confunde o público – o resultado é desde agora um dos melhores espetáculos do ano.

O espetáculo "Pessoas Perfeitas", texto teatral em ato único e 22 quadros, de Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez, estreou no dia 15 de agosto de 2014, no Espaço dos Satyros Um, em São Paulo/SP, e contou com a seguinte ficha técnica:

Elenco:
Ivam Cabral ..... Ruy/Sarah/Dona Esperança
Fábio Penna ..... Elder
Henrique Mello ..... Binho
Julia Bobrow ..... Medalha
Eduardo Chagas ..... Robalo
Marta Baião ..... Cacilda
Adriana Capparelli ..... Maristela
e a participação das violoncelistas: Alessandra Giovannoli e Rebeca Friedmann .

Direção: Rodolfo García Vázquez
Iluminação: Flavio Duarte e Rodolfo García Vázquez
Cenografia: Marcelo Maffei
Figurinos: Sonia Ushiyama
Trilha sonora e programação visual: Henrique Mello
Assessoria de Imprensa: Robson Catalunha
Fotografias: André Stéfano
Elaboração de projeto: Daniela Machado
Produção executiva: Carina Moutinho
Realização: Cia. de Teatro Os Satyros

Fortuna Crítica:

"Amei. A mistura de vidas que se cruzam na noite me tocou fundo."
Contardo Calligaris, psicanalista, agosto de 2014

"'Pessoas Perfeitas' é uma peça contundente, forte, obrigatória para quem ama o teatro. A maturidade dos Satyros, grupo teatral responsável pela maior renovação do teatro paulista. Elenco perfeito, bem orquestrado por uma direção inventiva, que revela o que há de mais atual no Teatro: realismo ampliado que, evitando o fácil psicologismo, torna cada personagem a cara da angústia da cidade de São Paulo."
Lauro César Muniz, dramaturgo, agosto de 2014

"Há muito tempo não via um trabalho de ator tão bom. Todos Os Satyros dão um banho de interpretação no palco. E elenco assim, excelente e homogêneo, é coisa rara de se conseguir."
Ricardo Hofstetter, dramaturgo, agosto de 2014

"Obra-prima dos Satyros: 'Pessoas Perfeitas', imperdível!"
Evaristo Martins de Azevedo, crítico e pesquisador, agosto de 2014

"Que peça linda (...) Incrível."
Thiago Dottori, dramaturgo e roteirista, agosto de 2014

"Mais uma vez Os Satyros no que eles fazem de melhor. Um consistente trabalho de composição de figuras, sustentado por um elenco afinado."
Silvana Garcia, diretora, pesquisadora e dramaturga, agosto de 2014

"A boa nova é o acabamento primoroso do texto, assim como o de todos os elementos da encenação (atuações, direção, iluminação, figurinos, cenário, maquilagem, inserção da música como elemento cênico etc.), que coloca 'Pessoas Perfeitas' num patamar geográfico universal."
Michel Fernandes, crítico e jornalista, agosto de 2014

"Personagens gostosos demais, histórias lúdicas e lindas, maquiagem e figurinos marcantes e relações que emocionam."

Fabiana Seragusa, jornalista, setembro de 2014

"'Pessoas Perfeitas' já pode ser colocada como uma das melhores peças do ano."

Jefferson Del Rios, O Estado de S. Paulo, setembro de 2014

"Os Satyros de volta ao que fazem como nenhuma outra companhia: retratos tocantes e reveladores dos personagens tragicômicos do centro de São Paulo."

Nelson de Sá, Folha Online, setembro de 2014

"'Pessoas Perfeitas' não é romântico e também não é só drama. É simplesmente real, e de tão real parece ficção. É montado em cima de um bom texto, boa história e coroado com boas atuações."

Kyra Piscitelli, Aplauso Brasil, setembro de 2014

"O Satyros, mais uma vez, tem o mérito de mostrar a força poética dos párias da sociedade, trazem a invisibilidade para a luz; ela vem à tona com o lirismo e a violência que lhe são devidos. Este é um trabalho que o grupo teatral vem se especializando ao longo dos anos e em outras produções."

Bruna Ferreira, R7, setembro de 2014

"É tocante a maneira como Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez retratam esses seres tão frágeis e tão humanos, inspirados em histórias de moradores do centro da cidade."

José Cetra, Palco Paulistano, setembro de 2014

Pessoas Perfeitas

Dramatis Personae:

Ruy que, às vezes, é Sarah
Sarah que, às vezes, é Ruy
Dona Esperança
Robalo
Cacilda
Maristela
Elder
Binho
Medalha

Cenas:

1 – Epílogo
2 – Medalha se apresenta
3 – O questionário
4 – Numa lan house do centro
5 – Walt Whitman
6 – Um jantar
7 – Cantoras de bar nunca se tornam estrelas de verdade
8 – Não existem pessoas perfeitas
9 – Sarah e Robalo se falam pela primeira vez
10 – O encontro que nunca existiu
11 – Eu só preciso de um pouco de carinho
12 – O Vestido de casamento
13 – Como é que este lugar funciona
14 – Alguém para tomar conta de mim
15 – Mais um telefonema

16 – O Metrô ou a cena que não faz parte do espetáculo
17 – Os abraços que queimam
18 – Regando as plantas do amor
19 – Café dos desbotados
20 – Oração de desespero
21 – A dança do agradecimento cósmico
22 – Esperança grita pelas ruas

Epílogo

UM ATOR

Boa noite.

Nossa peça termina assim, com vocês na plateia e o vazio no palco. Pois foi assim que começamos o nosso processo.

Vazios.

Então, aos poucos, vieram lembranças, histórias que vivemos, vimos, ouvimos falar, sonhamos, rimos e tememos.

E foi de tudo isso que pensamos em mostrar essas histórias.

E, agora, no encontro delas com vocês, podemos dizer que acontecerá um fenômeno: o fenômeno do teatro.

Mais ou menos assim...

Às quatro da manhã,
Binho caminha pela rua do Arouche,
onde faz michê.

Enquanto no extremo da cidade,
sua mãe, Cacilda,
dorme com muitos cremes na cara.

Às quatro da manhã,
Robalo, marido de Cacilda, assiste a tevê.
E, nesse dia, resolve sair de mansinho da cama.

Perto das quatro horas da manhã,
dona Esperança está dormindo no banco traseiro do carro de Ruy,
que está vestido de Sarah,
trafegando pela Radial, com destino à Vila Matilde.

Enquanto,
num apartamento da rua Augusta,
Maristela, filha de dona Esperança, que dorme
no banco traseiro do carro de seu irmão, Ruy,
está morrendo.

Às quatro horas da manhã,
Maristela cambaleia até o elevador e depara-se com Elder que,
naquele instante, está saindo para comprar cigarros.

Às quatro horas da manhã daquele dia,
o mundo está desabando *aqui, na terra.*

Menos para Medalha
que dança ao som de uma música indiana
e está muito, muito feliz!

Medalha se apresenta

Depois da meditação,
eu fiquei regando as plantas de casa.
Eu havia comprado várias na tarde anterior,
preciso de verde, preciso de conexão o tempo todo.

O questionário

RUY – Eu escolhi ser feliz com a senhora, sabia? É. Põe o bracinho aqui agora, estica, isso. E escolher ser feliz é um privilégio. Não é pra qualquer um. Quantas pessoas podem dizer de boca cheia que escolheram ser felizes? Eu posso. Agora o outro braço, estica, isso, estica. *Mais ou menos isso. Às vezes, ele carrega a dúvida se havia mesmo uma escolha. Tudo foi acontecendo muito rapidamente. Hoje ele poderia ser assistente da gerência lá no almoxarifado do Metrô. O chefe elogiava muito o desempenho dele. Teve várias promoções desde que entrou na empresa.* Eu tinha até esse sonho de comprar o apartamento onde eu morava, já tinha até visto um empréstimo, tava tudo certo, tinha entregue a documentação.... E ela tinha a vidinha tranquila dela... Tranquila e feliz. Então, um dia ela foi à padaria e... Esqueceu... Depois, o nome de um vizinho, uma boca de fogão acesa, a torneira do tanque aberta. E o esquecimento é perigoso, não é, mãezinha? Vamos pentear o cabelo agora? Ela precisou da minha ajuda e eu voltei pra casa dela. Acabei desistindo da minha vida. Depois, tive que sair do emprego também. Ela não podia ficar mais sozinha. De jeito nenhum eu ia deixar minha mãezinha num asilo. Tem gente que faz isso com os pais, mas eu não consigo. Mas sabe que eu tô achando que ela tá melhorando? É , ela voltou a lembrar das coisas. E todo dia eu faço um questionário com ela de manhãzinha, pra ela exercitar o cérebro, sabe? Pergunto as coisas pra ver se ela se lembra... Ela precisa treinar a memória... Vocês querem ver? Em que ano a senhora nasceu, mãezinha?

DONA ESPERANÇA – 1932.

RUY – Isso. 1932. Viram como ela se lembra?

Pausa.

RUY – E qual era o nome do seu marido?

DONA ESPERANÇA – Otoniel.

RUY – Isso, isso! E onde a senhora vive?

DONA ESPERANÇA – Em São Paulo.

RUY – Que bonito, mãezinha! Tá vendo como a senhora já está melhor? Deixa eu por os brincos agora. Qual prefere, o azul ou o dourado?

DONA ESPERANÇA – Dourado.

RUY – E quantos filhos a senhora tem?

DONA ESPERANÇA – Dois.

RUY – Não. Não, mãezinha. A senhora só tem um.

Silêncio.

RUY – Quantos filhos tem a mãezinha?

DONA ESPERANÇA – Dois.

RUY – Não, mãezinha. A senhora só tem o Ruy.

DONA ESPERANÇA – Vamos cortar o pinheiro, agora?

Silêncio.

RUY – Agora não, mãezinha. Amanhã. Amanhã a gente corta. *E todos os dias, pela manhã, ele pensa que gostaria de ter sido um rei, que ao perceber que tem que realizar sacrifícios pessoais para poder confortar seu povo, pode abdicar ou delegar a tarefa a alguém. Mas ele é de um tempo em que filhos não se viam como reis.* Vocês viram como ela está simpática? Agora vamos, está na hora do café da manhã, meu amor.

Numa lan house do centro

BINHO – *Local: uma lan house de um chinês no Largo do Arouche. Cinco máquinas velhas. Eu ocupo uma e a mina aqui do lado, ocupa outra.*

MEDALHA – *O tempo dele acabou e ele decide comprar mais alguns minutos.*

BINHO – *O tempo dela não acabou mas ela decide comprar mais alguns minutos.*

MEDALHA – Oi.

BINHO – Oba.

MEDALHA – Desculpa, não queria incomodar. Eu não gosto de me intrometer na vida dos outros. Mas o site que você tava vendo é o da Igreja das Pessoas Perfeitas?

BINHO – Era, sim. Por quê?

MEDALHA – Ora, eu também estava nesse site. Achei tão interessante. Sabe, eu sou supercuriosa com coisas místicas. Eu busco sempre renovar a minha fé. "Deus ama a todos pois todos são, de alguma forma, a manifestação..."

BINHO – "...da sua perfeição." Decorei, já.

MEDALHA – Decorou, é? Ai. Eu achei o slogan deles o máximo. Parece ser um lugar bem bacana.

BINHO – Manero, mina. Mas já tô indo nessa.

MEDALHA – Você é daqui de São Paulo?

BINHO – Não. Sou gaúcho. Minha família inteira é de lá. Faço referência a palavra "era", porque sou órfão. Morreu todo mundo, não sobrou ninguém. Só eu. *Claro que ele nunca ia dizer que é da periferia de São Paulo, que nasceu na Zona Leste e é um típico paulistano. De tanto mentir sobre a sua origem, ele começou a acreditar que era órfão do Rio Grande do Sul mesmo.*

MEDALHA – Eu também não sou daqui. Acabei de chegar. *Ela também não pode dizer que veio do interior, que a única pessoa que ela tinha era a mãe que morreu, ou melhor, se suicidou, dias antes do aniversário da morte do pai. Ela não pode dizer que herdou um bom dinheiro da família mas que, proporcionalmente ao excesso de dinheiro, ela vive um excesso de abandono. Ela não pode dizer que fugiu da sua cidade natal porque viver consigo mesma se tornou insuportável.* Ainda fico meio confusa com esses prédios todos, esse trânsito doido, gente correndo pra cima e pra baixo, esse comércio que não fecha nunca, essas manifestações... Na verdade, acho os olhos das pessoas meio vazios. *Ainda não tenho intimidade para dizer pra ele que eu vim por um motivo maior.* Não conheço ninguém ainda.

BINHO – São Paulo é selva, mina. É luta. Esse lugar não é pra fraco. Sacou?

MEDALHA – Engraçado, nós dois de fora... Mais uma coincidência...

BINHO – Aqui tem muita gente de fora. Acho que todo mundo é de fora. Ninguém tem coragem de nascer aqui, não.

MEDALHA – Você é engraçado. Tem alguma coisa em você de especial.

BINHO – Tá me tirando? Eu sou normal. Sou um cara normal, véio.

MEDALHA – Não é normal, não. Você tem uma aura, sei lá. Prazer, meu nome é Medalha.

BINHO – Bruno. *Mas eu me chamo Binho, diminutivo de Robson. Escolhi esse nome porque nem Robson, nem Binho é bom pra michê. Binho remete a uma coisa diminutiva. Ninguém nunca vai ver um Binho num site de garotos de programa. Mas Bruno tem pegada, ajuda muito. Na Internet, os clientes têm preguiça de ver todos os perfis até o fim. Vão logo pegando o primeiro que encontram. Por isso sou Bruno Alves, lá no topo. E nessa, eu levo vantagem.*

MEDALHA – Bruno... Nome forte. Tenho certeza que você é Touro. Touro com ascendente em Gêmeos.

BINHO – Errou. Sou Sagitário.

MEDALHA – Sabia. Sabia que você era Sagitário. Por um momento, eu achei que você era de Touro, mas tá na cara que você é Sagitário. Mais uma coincidência. Eu e você de Sagitário... Você conhece a igreja?

BINHO – Não. Tava anotando o endereço. Tô pensando em ir lá uma hora dessas. Quero ver se consigo voltar a acreditar no Poder Superior.

MEDALHA – Vai ter culto hoje.

BINHO – Vai. Daqui a pouco, sete horas.

MEDALHA – Eu não conheço São Paulo ainda. É tudo tão confuso, Bruno. Essas ruas cheias de prédios, carro pra todos os lados...

Parece um formigueiro. Será que eu posso ir com você? Se você não se incomodar, é claro...

BINHO – É claro.

MEDALHA – É longe?

BINHO – Tudo aqui é longe. Tem que pegar metrô e ônibus. Temos que sair na correria. Se não, não vai dar tempo, véio.

Silêncio.

MEDALHA – Eu posso pagar o táxi. Se você não se importar.

BINHO – Claro que não me importo. Vamos nessa.

ELDER

Todas as verdades
esperam em todas as coisas:
não se apressam nem
resistem a nascer,
não precisam do fórceps do cirurgião,
e para mim a mais insignificante
é grande como qualquer outra.
(O que é maior ou menor
do que um toque?)

Lógica e sermões nunca convencem
o peso da noite cala mais
fundo em minha alma.

(Só o que prova a si mesmo
a qualquer homem ou mulher,
é;
só o que ninguém nega,
é.)

Um minuto e uma gota de mim
tranquilizam o meu cérebro:
eu acredito que torrões de barro
podem se tornar amantes e abajures,
e um manual de manuais é a carne
de um homem ou mulher,

e num ápice e uma flor
contem o sentimento de um pelo outro,
e vão ramificar-se sem limites
até que essa lição venha a ser de todos,
e um e todos possam nos encantar
e nós a eles. [7]

Filho da puta desse Walt Whitman.
Se eu fosse morrer de inveja
por alguém saber escolher tão bem as palavras,
eu morreria agora, já, nesse minuto.

Se um poema meu chegasse aos pés desse, eu morria feliz.
Enquanto isso, eu fico aqui,
no lugar que conheço muito bem
e onde fico bem à vontade: o inferno.

E vou enfiando a cara no pó e no uísque
e na primeira buceta que aparecer pela frente.

Cidade imunda tem que ter um poeta imundo.
Eu tenho certeza disso.

O segredo da minha felicidade paulistana é justamente esse:
a minha solidão, a minha angústia, o meu medo.
É disso que é feito todo morador
dessa porra dessa cidade de merda.

Não é?
Quem vai negar?

7 "Todas as verdades esperam em todas as coisas", poema de Walt Whitman, do livro "Folhas de Relva", 1855.

Ele entende que casamento e solidão são os dois lados da mesma moeda. A mulher dele, professora da USP, intelectual bem sucedida, sustenta os seus delírios e, sem ela, ele estava morto. Fato.

Não consigo conviver com a mediocridade
dos que não vivem a poesia 24 horas por dia.
Gente assim só fala boçalidade,
só pensa num futuro de mesquinharia pequeno-burguesa.

E você se acha o tal?

Não sou o tal,
mas pelo menos tenho coragem de não ser tão pequeno.

E tua coragem está na cocaína, é isso, então?

Você não sabe de nada, seu merda.

Merda é você!

Sai daqui, não quero falar com você agora.
Eu escolho se os meus segredos
vão ser histórias de medo ou de heroísmo.

Um Jantar

Cacilda e Robalo jantando. Comendo muita carne.

CACILDA – Tá bom?

ROBALO – Muito bom.

CACILDA – Não esquece de trazer cinco quilos de maminha lá do nosso açougue. Tô numa fase de fazer maminha com alho na frigideira, com uma pitada de sal. Valoriza o sabor da maminha, né, Robalo?

ROBALO – Sim.

CACILDA – Engraçado, Robalo, eu cismo com umas coisas e daí fico fazendo e fazendo. Já tem dois meses que só faço maminha. Mas é tanta receita, tanta receita.... Eu gosto de variar, você sabe, né, Robalo? Maminha no alho, maminha assada, maminha na cebola, maminha com alcaparra, hamburguer de maminha, maminha puxada na cachaça com rosti de mandioquinha, maminha ao molho madeira, escondidinho de maminha, maminha na cerveja escura, maminha na cerveja clara...

ROBALO – Eu já sei, Cacilda. Lembra que comi todos?

CACILDA – Credo, Robalo. Não sei por que você vive me cortando desse jeito.

ROBALO – Vamos só jantar, Cacilda? *Toda noite é igual, o Robalo fica assim, silencioso, olhar absorto. Buscando abstrair a conversa de sua mulher. Mas quase nunca ele consegue.*

Silêncio.

CACILDA – E dizem que maminha é uma carne boa pra dieta, sabia? Acho que vi em algum programa de tevê. Será que foi no programa da...

Robalo olha para Cacilda, que se cala.

CACILDA – Falei com a Suzana hoje, Robalo.

ROBALO – É?

CACILDA – Você tá querendo insinuar o que, Robalo? Que eu falo com ela todo dia? É? Pois eu falo mesmo. Ela é minha amiga. Parece que ela e o marido vão passar as férias na Europa. Eu adoraria passar as férias na Europa, Robalo. A gente devia se organizar também. Ela disse que eles vão pra Paris. Paris é linda, não é? Eu tenho até uns dois ou três vestidinhos que já estão cabendo em mim, iam super combinar com Paris. Agora que eu tô mais magrinha, acho que cabem. Sabe? Eu pensei que a gente devia se organizar e de repente ir com a Suzana e com o marido dela também. Nossa, eu ia adorar. E acho que a gente ia se divertir tanto. E a Suzana é ótima companhia pras compras. A Suzana é demais. *Mentira. Coitada da Suzana. A Suzana nem sonha em sair do Brasil. Ela, quando muito, pensa em ir até a Praia Grande passar o final de semana. Mas a Cacilda sempre tem que inventar uma história linda com a Suzana.* Imagina a quantidade de coisas que a gente ia poder comprar? Eu ia refazer meu guarda-roupa inteirinho. Cada coisa maravilhosa que eles tem por lá. Tá certo que metade vem da China, mas eu ia comprar em Paris. Paris. Ai, Robalo, que sonho!

ROBALO – Mas você não disse que o Robson Thadeu tá vindo visitar a gente? Que você falou com ele e ele disse que vinha visitar a gente este mês?

Silêncio.

CACILDA – Ah, é verdade. Ele disse mesmo. Mas acho que ia ser demais viajar pra Paris. Pena que o Robson Thadeu não deu a data que ele vem. Ele só disse que vinha. Que saudades desse menino. Eu não me aguento de tanta saudade, Robalo. *O filho Robson Thadeu saiu de casa há*

três anos, dizendo que ia trabalhar no centro de São Paulo, que tinha arranjado um emprego bom e que queria ser independente. Nunca mais voltou pra casa.

Silêncio.

ROBALO – *Na verdade, a Cacilda nunca mais falou com o Robson Thadeu. Ela liga todos os dias, um pouco depois do almoço, para o celular dele e deixa recados carinhosos e bastante extensos. Nos recados, ela conta o prato que preparou no almoço...*

CACILDA – Fiz maminha a quatro queijos, filho.

ROBALO – *...Conta da última conversa com a Suzana e de outros detalhes do cotidiano. E ele adquiriu o hábito de apagar os recados todos os dias. Isso, há três anos.*

CACILDA – Imagina se o Robson Thadeu chega quando a gente estiver fora. Ele não ia me perdoar nunca. Quer sobremesa?

ROBALO – Não.

CACILDA – Mas eu quero. Acho que eu vou pegar um pedacinho daquela torta de banana que eu preparei.

ROBALO
Mas você não disse que tá de dieta, Cacilda?

CACILDA – Ah, me deixa, Robalo. Hoje eu tô meio descontrolada. É só um pedacinho mesmo. E você não percebeu como eu tô mais magra? Olha só! Só tô precisando perder mais uns quilinhos e pronto... Eu tô gostosa, não tô, Robalo?

Silêncio.

Cantoras de bar nunca se tornam estrelas de verdade

ATOR – *Eu posso pedir um favor pra vocês? Pra encerrar o ciclo de apresentação das personagens, nós vamos receber agora Maristela. Ela vai entrar em cena e dizer: "Meu nome é Maristela", e a gente gostaria que vocês respondessem: "Boa noite, Maristela". Pode ser? Mas Maristela vai repetir muitas vezes essa frase durante a peça. E a gente gostaria que, todas as vezes que ela dissesse "Meu nome é Maristela", vocês respondessem "Boa noite, Maristela". Na última cena da peça, todas as personagens vão se utilizar do mesmo recurso. E, se vocês derem boa noite pra elas, o jogo aqui vai ser muito especial.*

MARISTELA – Boa noite, meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

MARISTELA – *Ela fuma... E muito. E sabe que vai morrer. De câncer de pulmão. Ela conta seus dias como um pastor conta suas ovelhas.* E durante mais de 20 anos eu venho alimentando esse hábito. Fumar, é um hábito. Amar quem não nos ama, é um hábito. Colecionar suas bitucas de cigarro jogadas, é um hábito. A auto-destruição é um hábito. E eu já não sei mais o que é viver, só sei manter o hábito. *Ela costumava sonhar em outros tempos. Isso foi há muitos anos.* Quando eu tinha uma voz, quando eu tinha outra voz. Quando eu era uma cantora de bar.

Canta.

Mas dizem que cantoras de bar nunca se tornam cantoras de verdade.

Canta.

Nem sempre olhavam para Maristela enquanto ela cantava. Mas Maristela tinha certeza que seria famosa. Famosa como todas as cantoras talentosas merecem ser. E ela tinha certeza desse talento.

Canta.

Mas o tempo foi passando e eu fui ficando nos bares. Nenhum produtor, nenhum convite, nenhuma gravação... Só uma vez, um jingle que um amigo me convidou a gravar para uma marca vagabunda de pasta de dente. *Se ela quisesse mesmo uma carreira, não teria feito o que fez. Ela só foi parar nos bares porque tinha medo de fazer sucesso.* Boa noite, meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

MARISTELA – E hoje vou cantar pra vocês uma música linda, daquelas que ninguém esquece. De Nelson Cavaquinho e Amâncio Cardoso, "Luz Negra".

Canta.

Mas dizem que cantoras que começam em bar, terminam em bar, e nunca se tornam estrelas de verdade.

Não existem pessoas perfeitas

MEDALHA – Nós chegamos na porta da Igreja das Pessoas Perfeitas. Tinha um monte de gente diferente na calçada, nunca tinha visto lá na minha cidade tanta gente esquisita assim. Eu agarrei no braço do Binho e ele sorriu pra mim. Foi nessa hora que a gente começou a namorar. Ele até encontrou uma amiga.

BINHO – Entrando no templo, fui trombar justo com quem? Tava lá, a Vanessa Wonder, a trava que trampa lá na Rego Freitas. Essa faz dinheiro! Também com aquela neca. Ela falou logo pra mim: *Então quer dizer que boy magia também frequenta a Igreja das Pessoas Perfeitas?* Eu disse que não, que era a primeira vez que eu ia. Então ela me disse na sequência: *Me apresenta a racha, bicha.* Eu falei: Sai pra lá, véio. O lance aqui é outro. Tem que respeitar o templo de Deus, ô caralho.

MEDALHA – Então a gente entrou, apinhado de gente falando, falando. Até que ficou tudo em silêncio quando o sacerdote subiu no altar. Ele tinha uma barba comprida e meio grisalha. Fez lá uma reverência e todo mundo repetiu o que ele disse.

SACERDOTE – Aloha!

TODOS – Aloha!

DEPOIMENTO 1 – Eu tava paradinha lá numa rua perto do Largo do Arouche. Ouvi então uma voz: *Levanta esse vestido, menina!* Eu fiquei com medo e não respondi. Enquanto eu estava lá, me tremendo inteirinha, a voz repetiu pela segunda vez: *Levanta esse vestido!*

Eu fiquei com medo e disse: Não levanto, eu não levanto, eu tô com medo. Então, pela terceira vez a voz foi incisiva: *Levanta esse vestido!* Quando eu olhei, assim, era um disco voador vindo na minha direção. Eu pensei: Estou salva! São os gigantes perfeitos que vieram me salvar! Mas daí, de dentro do disco voador saiu um anãozinho desse tamanhinho assim. Eu fiquei tão decepcionada. Mas logo em seguida ele tirou o pau pra fora e eu entendi tudo. O pau dele era desse tamanhão assim! Gigante! E tinha uma luzinha na ponta que piscava. Ah, eu não tive dúvida, chupei, dei, rebolei, fiz de tudo. Foi uma delícia.

SACERDOTE – Aloha?

TODOS – Aloha!

SACERDOTE – Que depoimento emocionante, obrigado, irmã! Mais algum depoimento, irmãos?

DEPOIMENTO 2 – Eu! Eu! Tava lá no bar do Zé. Fui no banheiro dar um mijão, daí uma voz apareceu dizendo: *Vai lá dar o teu depoimento na Igreja das Pessoas Perfeitas!* E eu vim. E eu queria dizer que eu tô muito emocionado de estar aqui com vocês. Eu queria dizer que eu amo todo mundo!

TODOS – Aloha!

DEPOIMENTO 2 – E eu queria aproveitar pra convidar todo mundo pra, depois da cerimônia, ir lá no bar do Zé comigo que eu pago uma rodada de cachaça pra todo mundo.

TODOS – Aloha!

SACERDOTE – Mais algum depoimento?

DEPOIMENTO 3 – Eu!

TODOS – Aloha!

DEPOIMENTO 3 – Era uma quarta-feira de manhã, e eu estava fazendo a feira e na barraca do pastel, eu vi se aproximar um homem gigante, com voz muito grossa. Perguntou, telepaticamente, se eu estava sozinha em casa naquele dia. Eu respondi que meu marido estava trabalhando. Então ele se ofereceu, telepaticamente, pra levar as minhas compras e fomos até em casa sem falar uma palavra. Daí, fui fazer um chá de ervas pra ele. Quando entrei na cozinha, ele me agarrou por trás, me jogou na pia e me penetrou, telepaticamente. Depois, ele foi embora sem dizer nada, nem telepaticamente, e eu fiquei grávida de gêmeos. Duas semanas depois, eles nasceram, enquanto eu dormia um sono profundo. Pareciam dois lagartinhos. Mas desapareceram na mesma hora em que nasceram. Três meses depois, esse homem me procurou, telepaticamente, e me contou que os filhotinhos estavam vivendo no Canadá. Meu marido nunca desconfiou de nada.

SACERDOTE – Aloha!

TODOS – Aloha!

SACERDOTE – Alguns de vocês sofrem. Eu sei. Pelo semblante, eu vejo solidão, medo, isolamento, desconfiança e dor. Saber que a morte é inevitável nos obriga a viver, assim, uma vida no terror. E é esse terror o que vocês chamaram de Deus durante toda a vida.

Vocês devem estar se perguntando todos os dias: existe um ser que possa me dizer para onde vou? Ou de onde venho? Ou porque sinto esse vazio em mim? Pois eu digo: eu tenho a resposta, pois tive a revelação. Saibam que todos nós, o tempo todo, estamos sendo abraçados, acariciados, envoltos pela força dos gigantes galáticos. Eu vi os gigantes perfeitos, aqueles que se jogaram no turbilhão do universo sideral e nunca pensaram que sofrer e gozar fossem coisas opostas e antinaturais. Eles nos criaram para viver aqui neste planeta, como suas sombras, seus clones, miniaturas terráqueas, e eles aceitam tudo de nós. Eles querem que vivamos plenamente através de todos os nossos poros a experiência de estar aqui, querem que nossa energia vital contamine tudo à nossa volta, de todas as mais belas formas. Mentalizem agora o desejo de vocês. E vibrem na perfeição desse desejo. Sim, nossos desejos são perfeitos, tanto quanto eles. Só as nossas realizações é que são falhas porque são humanas. Agora vamos todos respirar, fazer um minuto de silêncio e sintonizar com essa energia. Isso. Em um minuto, podemos sentir o espírito dos gigantes perfeitos nos inundando. E vamos perceber que não estamos sós neste universo. Nunca estaremos sós. Vamos lá. Um minuto de mentalização.

MEDALHA – Eu e o Binho ficamos lá mentalizando, mentalizando, mentalizando...

BINHO – E essa porra de mentalização me deu um sono do caralho. Mas tudo certo, era só um minuto mesmo... Aguentei de boa!

MEDALHA – Foi então que eu tive a minha epifania. Agora é só uma questão de tempo. E vai ser com ele.

Sarah e Robalo se falam pela primeira vez

SARAH – Alô

ROBALO – Alô. Quem fala?

SARAH – Eu sou a Sarah. E você? Como é que você se chama?

ROBALO – Eu me chamo Nestor.

SARAH – Ah, Nestor, que lindo nome! *Ela costuma sempre achar bonito o nome do interlocutor. Sempre. É uma regra da Sarah. Pra ela, todos os nomes do mundo são lindos e especiais. Mas é também uma maneira eficiente que ela encontrou para iniciar uma conversa.* Eu me chamo Sarah.

ROBALO – Prazer.

SARAH – Você frequenta sempre essa linha?

ROBALO – Não, é a primeira vez.

SARAH – Que coincidência! É a minha primeira vez também.

ROBALO – Nem sei porque estou falando com você. Tenho uma vida pacata. Sou um cara bem tranquilo.

SARAH – Ah, Nestor, Nestor! Quem vê cara, não vê coração, não é? Atrás dessa tranquilidade toda deve haver um furacão, não é não, Nestor?

ROBALO – Se você diz...

SARAH – Faz o que da vida, querido?

ROBALO – Sou despachante. Eu nunca diria que sou açougueiro. *Ser açougueiro não é bom. E despachante, foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça. Talvez porque ele tenha se lembrado de Nestor, o despachante que ele visitara naquele tarde.* E você, Sarah?

SARAH – Sou esteticista.... Você se sente sozinho, Nestor?

ROBALO – Eu? Eu acho que ... Acho que sim... Um pouco... Um pouco sozinho todo mundo é, não é verdade?

SARAH – Esse é o problema da contemporaneidade, não é? Também me sinto muito, muito, muito só. Tenho aqui minha mãezinha que precisa dos meus cuidados... Enfim... Mas costumo ser uma ótima companhia, sabia?

ROBALO – É?

SARAH – É. Cada um com seu talento, não é? Esse é o meu.

Silêncio. Robalo começa a gaguejar.

SARAH – Pode desabafar, Nestor!

ROBALO – Você mora onde?

SARAH – Eu sou do Rio, mas estou há muito tempo aqui em São Paulo. E você, onde você está?

ROBALO – Eu estou na Vila Matilde.

SARAH – Ah, não me diga! Estamos perto. Eu tô na Vila Formosa, ao lado do cemitério.

ROBALO – Verdade?

SARAH – É, perto, perto não é, né? Mas considerando a imensidão dessa cidade...

ROBALO – Pois é.

SARAH – Pois é.

ROBALO – Pois é.

SARAH – Vamos parar com essa história de "pois é" e vamos logo pros finalmente... Acho que a gente pode se conhecer uma hora dessas, bater um papo... Quem sabe algo mais? Você teria algum lugar pra me receber? Eu sou uma boa menina!

Robalo desliga o telefone.

SARAH – Alô? Nestor? Nestor? Ah, eu já estava me afeiçoando a você...

O encontro que nunca existiu

MARISTELA – Às vezes, eu me encontro casualmente com ele. Ele me ignora. Ou finge. Eu finjo ignorar. Ele costuma fumar um último cigarro antes de entrar no prédio. O porteiro me disse, um dia, que a mulher dele detesta cigarro. Então é isso. Ele fuma sem saber quando vai poder fumar o próximo. E apaga a bituca no cinzeiro. Eu vou lá e cato com todo o cuidado a bituca que ele acabou de jogar. E guardo. Como já devo ter guardado milhares e milhares de bitucas de cigarro dele. Por isso, me considero uma colecionadora de bitucas de cigarro dele.

ELDER – Foi há tanto tempo. Nem me lembro mais direito. Acho que ela deve ter abandonado a carreira. Nunca mais a gente conversou. Foi uma história passageira.

MARISTELA – Dois anos durou. Acabou meio que do jeito que começou, com álcool e palavras idiotas. E no começo um certo ressentimento, quando a gente se encontrava, um cumprimento curto e seco. Alguns diálogos desencontrados. Com o tempo, as frases ficaram mais curtas. Mais curtas. Então, palavras sussurradas. Até que ele nunca mais falou comigo. Até que nos tornamos isso que somos hoje, dois desconhecidos. Mas eu continuei ligada naqueles dois anos. *Canta.* Me lembro dos beijos, dos dias que passávamos juntos,

ELDER – da bebida,

MARISTELA – ...dos sonhos de artistas.

ELDER – Das noites em claro,

MARISTELA – ...eu me lembro das promessas. Tantas promessas....

Eles se aproximam e se beijam.

MARISTELA – Você sabe que eu esperei por isso todos esses anos. De novo.

ELDER – Até poderia ter sido antes. Como senti tua falta.... Esther, Estela....

MARISTELA – Maristela, meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

ELDER – Isso, Maristela... Eu tenho saudades de te ouvir cantar.

MARISTELA – Era isso o que eu queria ouvir ele dizendo. Porque era isso que ele gostava de dizer quando a gente passava o dia sem se ver. Mas ele nunca mais se aproximou e eu nunca mais vou esquecer.

ELDER – Às vezes, eu cruzo com ela no prédio e nem me lembro mais o nome dela, era Esther, Estela, será?

MARISTELA – Meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

ELDER – Mas nem troco palavra porque ela parece esquisita. Como é esquisita, meu Deus! Alguma coisa ali não vai bem. Mas foi

coisa de moleque maluco que depois a gente se arrepende. Como fui me meter com ela?

MARISTELA – Eu sei que você sabe quem eu sou. Eu sei que você sabe o meu nome. Você se lembra de mim.... Eu sei que se lembra. *Canta.*Se eu pudesse um dia te contar tudo o que aconteceu desde aquela época. Se você pudesse me ouvir. Se você pudesse me ouvir.

Eu só preciso de um pouco de carinho

RUY – *Uma vez por semana, depois da meia noite, ela marca um encontro, por telefone, com um homem, uma mulher ou um casal. Ela marca mas é ele que vai ao encontro. Mas antes de sair, cumpre um ritual. Se arruma, se enfeita, se olha no espelho, confere todos os detalhes e sonha com um encontro perfeito. Coloca algum tipo de sonífero no chá da mãe e faz com que ela durma. Em todas as suas andanças pelo centro da cidade, ele nunca deixou sua mãe sozinha em casa. Descobriu um remédio, Neozine, vendido em qualquer farmácia. Misturado ao chá, faz com que a pessoa durma serenamente. Então, ele ou ela carrega a mãe até o carro e a coloca no banco traseiro. E saem. Geralmente, ela marca o encontro em algum lugar público. Também nunca teve coragem se apresentar às suas vítimas. Fica ali, de dentro do carro observando, através do vidro fumê. Fica observando como um espião o seu potencial amante. E guarda na lembrança essa imagem. Às vezes, se masturba enquanto observa a pessoa que está à sua espera. Mas naquele dia, ele viu algo de especial naquele menino.*

SARAH – Como você é? Como você vai estar vestido?

BINHO – Eu tenho 1,70, 70 quilos, tenho cabelos castanhos claros e vou estar vestindo calça jeans e camiseta branca. Te espero na esquina. Eu sempre uso calça jeans e camiseta branca. É meu uniforme de trabalho. Na rua, você tem que ter uma marca, algo que te distingua. Como um sabonete tem que ter sua embalagem, ou o sabão em pó. É um produto como outro qualquer. Tem os boys drogados, os violentos, os top, os esportistas, os heteros, os perdidos. *Ele pensa que faz parte do grupo dos heteros, mas, na verdade, ele faz parte dos perdidos.* A coisa mais importante que aprendi na rua é que não existem pessoas perfeitas. Até alguém pode te dar algum conforto durante um certo

tempo. Se não for atrapalhar. Se tiver alguma vantagem futura ou presente. Ou de repente, pode até olhar para você com compaixão, enquanto cruza a rua com o vidro do seu carro levantado. Mas uma coisa é fato: não existem pessoas perfeitas. Acho que isso está claro. Não está?

SARAH – Quanto é o serviço?

BINHO – Setenta, sem gozar.

SARAH – E gozando?

BINHO – Daí é 100.

SARAH – Você é carinhoso? Eu queria alguém carinhoso. *Ela nem sabe por que perguntou isso. É bem provável que queira simplesmente sofrer, ser humilhada. E é possível que o boy seja carinhoso e cruel, ao mesmo tempo, na mesma frase.*

BINHO – Sei ser carinhoso também. Mas tudo depende de preço, né, mano? *A prostituição é uma forma de terapia. É fundamental para manter a saúde mental da população. Durante o dia, as putas e os michês são condenados e vivem na sombra. À noite, são procurados, adorados, se tornam seres iluminados. Eu dou pra eles a fantasia que esperam de mim. E eles me pagam por isso.* Com beijo, é 20 paus a mais.

SARAH – Eu tô morrendo de medo. Mas eu quero. Então, entra. Entra, logo. Eu nunca fiz isso antes.

BINHO – *Resolvi entrar. Mas olhei o banco de trás e lá tinha uma velha dormindo.* Não curto maluco. Maricona velha!

Binho cospe na cara de Sarah.

BINHO – Maricona doente, velha! Viado velho! *Saí na correria.*

RUY – *Depois do cuspe, Sarah imediatamente desapareceu.* Eu só queria conversar um pouco. Eu sou uma boa pessoa. Eu sei que eu sou uma boa pessoa. Eu só queria um pouco de carinho.

O vestido de casamento

CACILDA – Fecha os olhos, Robalo!

ROBALO – O que foi, Cacilda?

CACILDA – Tô falando pra fechar os olhos, Robalo! Que homem chato, meu Deus!

ROBALO – Tá bom. Já fechei.

Cacilda entra semi-vestida em um vestido de noiva.

CACILDA – Pronto! Pode abrir!

ROBALO – O que é isso, mulher?

CACILDA – Esqueceu? Esqueceu, Robalo? É o vestido de noiva do nosso casamento!

ROBALO – Ah, é. É verdade. Onde você achou isso?

CACILDA – Robalo, olha que maravilha! Tá cabendo em mim. Já voltou a caber em mim, direitinho! Só falta um pouquinho.

ROBALO – É verdade. Só falta mesmo.... Um pouquinho.

CACILDA – Eu disse que a minha dieta tava dando certo. E a academia, os exercícios, o chá de luz, tudo o que eu tô fazendo... Tá aí a prova. Compensou. Ai, Robalo, eu tô tão feliz. Mas tão feliz. Isso é pra você ver como eu sou determinada. E você também tinha que ser, sabia? Dedicação, determinação, obstinação... Tudo isso pode fazer a nossa vida muito melhor...

ROBALO – É verdade, Cacilda! Mas onde você achou o vestido mesmo?

CACILDA – Pergunta pra Suzana! Vai lá, pergunta! Ela vive dizendo que queria ter metade da minha disciplina e determinação. Também, ela já nasceu magra, né? Ah, gente magra infeliz não tem ideia o sacrifício que a gente precisa fazer...

ROBALO – Cacilda, mas acho que está um pouco apertado ainda.... Não?

CACILDA – Você vive pra me contradizer, né, Robalo? Tua vida é me contrariar..Me esquece, homem! Me deixa em paz! Claro que cabe. Ah, e esse vestido... Lembra da cerimônia? Igreja cheia, um monte de criancinhas de pagens. Nossa cerimônia foi tão linda, mas tão linda, que até o pessoal do casamento anterior ficou pra ver o nosso. Igreja abarrotada. Todo mundo lá.

ROBALO – *Mentira. Mas não sou eu quem vai contradizer a Cacilda. Não tinha mais de 20 pessoas, a igreja tava vazia, vazia... E todo mundo era da minha família. A família dela boicotou o casamento porque ela já tava grávida. Eles achavam uma vergonha.*

CACILDA – E aquele padre, tão simpático, com aquela prece emocionante. Até eu, que sou durona, chorei.

ROBALO – *Mentira. Ele quase dormia enquanto celebrava a cerimônia. Aliás, a gente tem foto da minha tia Alice dormindo durante a prece.*

CACILDA – Ah, que coisa maravilhosa. São momentos assim que fazem a vida da gente ser tão especial, não é Robalo?

ROBALO – Verdade, Cacilda.

CACILDA – E eu jogando o buquê? Aquele buquê de margaridinhas do campo? Lembra das meninas loucas gritando pra pegar o buquê?

ROBALO – *Mentira. Todas as mulheres estavam fugindo do buquê. Diz que buquê de noiva grávida dá azar.*

CACILDA – *Mentira dele! Ele sabe muito bem que meu buquê dava sorte. Tanto é que foi a Suzana quem pegou. E seis meses depois, ela tava casada. E muito bem casada!* Isso sem falar na festa. Ai, que delícia.... Todos aqueles salgadinhos, os docinhos, o bolo de três pisos.... E a nossa viagem pra Poços de Caldas... Aquelas águas termais maravilhosas. Lembra que a gente ficava se bolinando nas águas termais, Robalo? Naquela época, você era mais potente, era todo cheio de safadeza... *Mentira. Ele nunca foi potente. Só a Cacilda sabe o esforço que fez naquelas águas termais pra fazer o Robalo se animar.* Mas você não entende nada de moda mesmo.

MEDALHA – Foi incrível.... Aliás, você é incrível. Eu sabia que tinha que ser com você, assim que te vi. Fiquei esperando um cara especial muito tempo, sabe? Acho que o sexo é a maior intimidade que uma alma pode ter com outra. Eu não queria fazer com qualquer um. Tinha que ser uma experiência cósmica.

BINHO – Tá insinuando que sou a tua primeira experiência sexual, mina?

MEDALHA – É.

BINHO – Tá me zoando? Mas a gente nem se conhece! Faz cinco dias que a gente se trombou.

MEDALHA – Pra uma pessoa sensitiva como eu, bastam cinco minutos. Na hora em que eu te vi na lan house, já correu uma coisa entre a gente. Você pode não ter percebido, mas eu senti na hora o click. Coisa de outras vidas... Karma, entende? Eu sei que a gente nasceu um pro outro. Olha a vibração que aconteceu agora mesmo.

BINHO – *Ele não foi capaz de dizer a verdade, que não foi capaz de perceber muito bem a diferença entre a transa com ela e com os outros tantos clientes que já levou para a cama. É difícil sentir algo quando se é um profissional calejado no sexo.* Fazia tanto tempo que eu não ficava deitado depois de transar. Geralmente, eu termino o serviço, levanto, dou uma lavada no pau e pulo fora.

MEDALHA – Considero isso um elogio.

Silêncio.

MEDALHA – Você está vendo a lua, ali?

BINHO – Nunca tinha percebido que daqui consigo ver a lua. Engraçado. Frequento esse hotelzinho aqui há nove meses e nunca tinha percebido isso. Daqui eu posso ver a lua!

MEDALHA – Eu costumava sentar na varanda da minha casa, com meu pai e minha mãe e olhar a lua à noite. No interior, a lua brilha mais forte. Ela fazia parte da minha vida. Depois que meu pai morreu...

BINHO – Você é orfã, também?

MEDALHA – Sou.

Pequena pausa.

MEDALHA – Eu e minha mãe continuamos a ver a lua juntas todas as noites, em homenagem a ele. Eu buscava sempre uma estrela que me lembrasse dele. Mas daí quando minha mãe morreu, eu desisti. *Na verdade, a mãe morreu de tristeza por achar que nunca mais fosse conseguir sorrir quando visse a lua.* Foi então que eu resolvi vir pra São Paulo. Até a lua já não fazia mais sentido. Sabe, às vezes, eu tenho a sensação de que um disco voador passou por aqui, e me jogou nesse planeta sem nenhum tipo de manual e ainda disse: Se vira! E de vez em quando, eles aparecem do nada de novo e dizem: Você ainda não entendeu como esse lugar funciona?

BINHO – O dia que você sacar como tudo isso funciona, me avisa, mina, que eu tô tentando entender também.

Os dois se olham com cumplicidade.

MEDALHA – Talvez com você eu consiga. *E eu comecei a amá-lo porque vi nos olhos dele o meu melhor.*

Silêncio.

BINHO – Posso te contar um segredo aí, mina? Meu nome não é Bruno. Eu não sou de Sagitário, nunca fui órfão, eu sou garoto de programa e acho que quero casar com você. Acho.

MEDALHA – Casar comigo? Que lindo! Obrigada por confiar em mim.

BINHO – Tô sem cigarro aí.

Medalha dá o dinheiro a Binho. Mais dinheiro.

MEDALHA – *Na noite seguinte, enquanto ele saía pra trabalhar, ela escreveu no diário confidente:* 'Nós todos somos parte de uma coisa maior, e somos, todos juntos, parte dessa coisa maior." *E nem se preocupou em saber seu verdadeiro nome.*

Alguém pra tomar conta de mim

MARISTELA – Alô.
Sim.
Eu sou daqui de São Paulo.
Meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

MARISTELA – Eu gostaria de saber se ele ainda está disponível...
Isso, o de olhos verdes.
Ele é lindo, parece um amor.
Eu adoraria ficar com ele.
Eu preciso dele.
Trabalho, todos os dias, em uma casa noturna no centro, sou caixa.
Eu chego em casa às oito horas da manhã.
É que eu tenho que fechar o caixa da casa noturna.
Depois só acordo lá pelo final da tarde e saio pro trabalho.
É claro que eu posso ficar com ele.
Algumas horas eu posso ficar com ele.
Nunca tive mas posso aprender.

Maristela pensa que a adoção seria a única forma de, talvez, ter alguém que pudesse cuidar dela. Mas não parece que queiram lhe entregar um cãozinho abandonado.

Mas não posso nem mesmo tentar?
Me deixa tentar, por favor!
Eu imploro!

Eu posso!
Eu sei que posso!
Posso visitar ele pelo menos?
Ok.
Obrigada, de qualquer forma.

Canta.

Mais um telefonema

SARAH – Alô.

ROBALO – Oi.

SARAH – Você frequenta essa linha sempre?

ROBALO – Não. Primeira vez.

SARAH – Coincidência. É minha primeira vez também.

ROBALO – Nem sei porque estou falando com você. Tenho uma vida pacata. Sou um cara bem tranquilo.

SARAH – Quem vê cara, não vê coração, sabia? Atrás dessa tranquilidade toda, deve haver um furacão, não é não?

ROBALO – Se você diz...

SARAH – Faz o que da vida, amor?

ROBALO – Sou despachante. E você?

SARAH – Sou esteticista.... E qual é o seu nome?

ROBALO – Nestor.

SARAH – Que lindo nome, Nestor!

ROBALO – Esteticista? Acho que eu tô reconhecendo a sua voz....

SARAH – Acho que você deve estar me confundindo.

ROBALO – Sarah? É você?

SARAH – Quem é que tá falando?

ROBALO – Nestor, o despachante, lembra?

SARAH – Nestor, o despachante da Vila Matilde? Meu Deus, quanto tempo, querido. Como vai a vida?

ROBALO – Tudo indo... Tudo tranquilo. A vidinha de sempre, sabe?

SARAH – Ai, Nestor, você tem que colocar alguma emoção na sua vida. Você sabe que eu pratico esportes radicais?

ROBALO – Verdade?

SARAH – Eu adoro montanhismo, ciclismo, arvorismo. Por que a gente não pratica juntos, uma hora dessas?

ROBALO – Como assim?

SARAH – Você tem algum lugar em que possa me receber?

ROBALO – Eu tenho que desligar agora... Mas a gente pode falar de novo amanhã?

SARAH – Claro, menino... Nesse mesmo horário?

ROBALO – Nesse mesmo horário.

SARAH – Nessa mesma bat-pista?

ROBALO – Nessa mesma bat-pista.

SARAH – Então até amanhã, querido. Vou sentir saudades suas...

ROBALO – Eu também. Até.

Robalo manda beijinhos, estalando os lábios, desajeitadamente.

ATOR QUE INTERPRETA SARAH – Então, a partir desse dia, eles tornaram-se cúmplices em suas fantasias. Foram telefonemas e telefonemas, até que, finalmente, Robalo cedeu aos encantos de Sarah. Marcaram um encontro no açougue de Robalo. Um encontro quente numa câmara fria. Um encontro único, que nós deixamos para a última cena da peça.

No metrô ou a cena que não faz parte do espetáculo

ROBALO – *A cena que vocês vão assistir agora não faz parte do espetáculo. Eu poderia falar de mim, mas eu não sou interessante. Mas a Cacilda é especial. E se vocês quiserem conhecer um pouco melhor a minha mulher, a Cacilda, acho importante prestar atenção.*

CACILDA – Vamos de metrô fazer aquelas compras que eu te disse na 25 de março, Robalo?

ROBALO – *Naquele dia, ela me disse isso várias vezes. Não queria ir de carro, queria ir de metrô. Eu sempre achei isso estranho. Tentei ignorar. Cacilda não é mulher pra andar de metrô. Mas na verdade, ela estava esperando encontrar alguém.*

Metrô chega. Robalo e Cacilda entram no vagão.

CACILDA – A Suzana me disse que tem uma loja fantástica lá na 25. Fica logo na esquina da Ladeira Porto Geral. Eu preciso comprar esse tecido ainda hoje, senão a costureira não vai conseguir acabar o vestido pro casamento da filha da Suzana. E vai ser vermelho, porque a Suzana também vai usar vermelho e a gente combinou as duas de usar vermelho. Acho que vermelho dá um destaque lindo numa cerimônia de casamento. E vermelho combina com branco, não acha? E eu quero ver se ponho um decote imenso. Um decote até aqui. Não me olha com essa cara, Robalo, que você sabe que eu gosto de usar decote e pronto. A mulher tem que saber usar seus atributos, sabia? Eu sempre fui gostosa, não é agora que você vai me censurar. Que foi? Que foi, Robalo?

ROBALO – Eu não disse nada, Cacilda. Eu tô quieto.

CACILDA – E eu não te conheço, Robalo? Que cara é essa? Claro que eu vou usar o decote. E ainda vai ter uma cauda e uma cinturinha bem marcada... Já combinei tudo com a Suzana. *Mentira. A Suzana nunca falou nada de cinturinha ou cauda.*

Chegam em uma estação. Entra um passageiro. É o filho deles, Robson Thadeu.

CACILDA – Robson Thadeu? Meu filho?

BINHO – Oi.

Outra estação. Robson Thadeu sai. Pausa longa.

CACILDA – Talvez o ro... o rosa combine mais com a cor da minha pele. Você não acha, Robalo?

ROBALO – Você é quem sabe, Cacilda.

Os abraços que queimam

RUY – Nossa intimidade não era feita de palavras, mas de um pacto silencioso.... O pacto que guardava os segredos da nossa infância. Então, um dia ela simplesmente desapareceu. Faz muito tempo, nem me lembro quando foi e pra ser sincero, nem me lembro a razão. Tempo demais até. Durante esses anos todos, segui as regras da tradição familiar. Eliminei todas as lembranças dela, fui tirando uma a uma as fotos com o rosto dela até que ela não fizesse mais parte da nossa mobília. Em geral, famílias sabem apagar muito bem o que não combina com a decoração da casa. A mãezinha nem protestou, ao contrário, tinha um silêncio de aprovação. E durante todo esse tempo, eu sempre tive um sonho recorrente, que me assombrava muitas vezes. Um dia, ela ia aparecer no jardim de casa, um dia qualquer em que eu tivesse saído. Um dia em que a mãezinha estivesse no jardim da frente de casa.

MARISTELA – Eu vim me despedir, mãe.

DONA ESPERANÇA – Você é minha mãe?

MARISTELA – Não, eu sou Maristela, sua filha.

DONA ESPERANÇA – Ah, eu sou sua filha?

Silêncio.

DONA ESPERANÇA – Viu o pinheiro como está grande?

Silêncio.

MARISTELA – Só vim pra dizer adeus. Já nem me lembro mais direito de como era ser sua filha. Talvez tenha sido melhor do que eu pensei.

DONA ESPERANÇA – Ele é tão teimoso...

MARISTELA – Quem é teimoso?

DONA ESPERANÇA – Eu ainda tenho tanta coisa pra fazer hoje. Amanhã, com calma, a gente corta o pinheiro. Eu também tenho que encontrar o serrote.

MARISTELA – A senhora é quem sabe.

Ruy entra.

MARISTELA – Ruy, Ruy, sou eu, sua irmã.

RUY – Olá, Maristela, como vai?

MARISTELA – Bem. Ufa, ainda bem que você me reconheceu. Eu achava que você não fosse me reconhecer. Você está bem?

RUY – Claro.

MARISTELA – Tanto tempo e você continua igual. Eu só vim... Só vim para dizer adeus.

RUY – Adeus?

MARISTELA – Adeus, é.

RUY – Depois de tanto tempo, você volta pra dizer o que devia ter dito mil anos atrás?

MARISTELA – Mas desta vez é diferente. É um adeus de verdade. Eu vou me mudar. Pra muito longe. E eu tinha tanta saudade. Queria ver vocês antes de ir embora.

RUY – A gente sentiu a sua falta também. Claro que a gente sentiu. *E no sonho, às vezes, eu perguntava:* Eu posso te dar um abraço?

MARISTELA – Eu prefiro ir embora antes de qualquer coisa, ou talvez eu... Só precisasse saber se vocês vão cuidar do meu corpo. *Se a gente pudesse ensaiar mil vezes as nossas despedidas, talvez elas doessem menos.*

RUY – *Em outras ocasiões, eu sonhava:*

MARISTELA – Posso te pedir um abraço?

RUY – *Então me dava medo do abraço que ela ia me pedir. Um medo infantil. Em algumas famílias, os irmãos aprendem a se amar sem nunca se tocar, passam a vida a metros de distância um do outro como se quisessem evitar queimaduras. Alguns abraços queimam. Irmãos assim são os que mais sofrem nas despedidas. E no final do sonho, ela sempre cantava algo triste e antigo, algo que lembrava os discos que nossa mãe tocava quando a gente era criança...*

Maristela canta enquanto sai.

RUY – *Então ela ia embora como se nada tivesse acontecido, cantando como sempre fazia quando tinha medo.*

Silêncio.

DONA ESPERANÇA – Aquela que vai cantando ali é minha mãe?

RUY – Não, aquela que esta indo embora, ali, é Maristela, sua filha.

DONA ESPERANÇA – Ah, verdade, eu sou sua filha...

Passagem de Medalha

É a vida
É o tempo
É uma pedra
É uma pedra no caminho

Café dos desbotados

ELDER
Eu me sento no café na esquina de casa todos os dias.
Ritual de poeta.
Lá pelas seis horas da tarde,
no horário em que as pessoas saem de seus trabalhos embotados.
Sento e peço um spresso com duas colheres de açúcar.
E fico lá, tomando o café o mais lentamente que posso
e observando seus passos ritmados na pressa,
seus ombros carregados de tarefas para o dia seguinte,
suas roupas anônimas.
Na mesa em que me sento
está o meu melhor amigo, eu mesmo.
Algumas outras pessoas embotadas
se sentam nas mesas ao lado
e desviam o olhar para um horizonte vago e cinza.
Uma mulher mais velha e elegante
passa com seu cachorrinho e eu me vejo neles.
Um casal jovem de mãos dadas passa e eu me vejo neles.
O carrão para do outro lado da rua
e a puta sai com um sorriso de bom rendimento,
e eu me vejo nela.
Um maltrapilho aleijado passa, todo sujo e rasgado,
pedindo algum dinheiro ou alguma clemência,
e eu me vejo nele.
Todos esperamos as paredes do tempo nos engolirem.

CACILDA – *Desculpa, gente, essa cena não é dela mas ela me pediu só um minutinho. Ela fala bastante, às vezes, e nem sempre as pessoas ouvem o que ela tem a dizer. Mas hoje ela precisa falar.* Ando meio descontrolada,

sabe? É que eu tenho um segredo que não tenho coragem de contar pro Robalo. Mas acho que posso me abrir com vocês. E eu tô precisando desabafar. Adoro fazer pilates, certeza que é o pilates que tá deixando meu corpo mais definido, sabe? Então eu tô fazendo pilates três vezes por semana: segunda, quarta e sexta. Mas o Robalo não sabe que sexta-feira, eu não vou pra aula. Eu cabulo a aula. Toda sexta, eu e a Suzana vamos juntas até o centro, sentamos num café e ficamos vendo o movimento. Eu tenho certeza que o Binho trabalha por ali. Lugar de banco, cheio de gente com terno... O Binho deve ficar lindo num terno.

Silêncio.

CACILDA – Então, Suzana. Primeiro, a nossa selfie do dia. Chega mais perto aqui. Isso. Eu ia amar contar pra ele que eu tô fazendo Pilates. Certeza que ele trabalha por aqui. Ele já deve ter um cargo legal, é um menino que sempre se destacou, todo mundo sempre achou ele especial. Suzana, eu não sei onde eu encontro coragem todo dia pra levantar sem ter notícia desse menino. Eu não sei mais o que eu faço. Se não fosse a sua amizade, Suzana, acho que eu não ia aguentar tanto sofrimento, sabia? Obrigada, amiga. Vamos tirar mais uma selfie pela nossa amizade?

Mais silêncio.

CACILDA – Ele deve estar usando um terno assim, cinza, gravata azul, camisa branca. Ah, Robson Thadeu. Ele deve ficar lindo de terno, Suzana!

Silêncio.

ELDER – *E eu olho pra aquela mulher eloquente falando sozinha pra uma cadeira vazia do meu lado, e eu me vejo nela. Todos esperamos as paredes do tempo nos engolirem.*

Oração de desespero

RUY
Cantando
Quando ainda cedinho
Vai o bosque clarear
Lá vai a camponesinha
Seus paseios de lindar
Lindos campos, lindas flores
Borboletas multicores
Coelhinhos tão mansinhos
E os vermelhos moranguinhos...

Dorme, dorme, meu amor...

É mais ou menos assim as noites na casa de Ruy e Dona Esperança. Todas as noites, religiosamente, Ruy canta cantigas e conta histórias para sua mãe dormir. E quando, enfim, Dona Esperança adormece, é hora de Ruy sussurrar sua oração de desespero.

Ai, minha mãezinha, a gente pensa cada coisa esquisita. Hoje, enquanto a senhora descansava no jardim, depois do almoço, e enquanto eu lavava a louça... Pela janela da cozinha eu ficava olhando pra senhora, sentadinha no jardim. A água caindo na louça e eu vendo os seus cabelos brancos, sob o reflexo do sol. E eu pensei... Que quando você morrer, meu amor, eu vou chorar tanto, tanto... Mas não pela senhora. Eu vou chorar por mim. Por tudo o eu podia ter sido e não fui. E eu podia ter sido tanta coisa. Mas tive que ficar aqui, tomando conta da senhora. E agora, já não posso fazer mais nada. Lembrei,

também, daquele dia em que a senhora subiu no armário, lembra? E que a escada caiu? E que você ficou lá em cima chamando por mim? Naquele dia... Naquele dia eu pensei em derrubar a senhora de lá. Seria uma morte rápida. É que, eu também pensei, que ninguém merece passar os últimos dias tão humilhado.

Depois desses desabafos e muitos outros, Ruy pode, enfim, viver sua vida social. É, afinal ele tem muitos amantes e amigos, todos imaginários.

SARAH – Ele não tem amigo nenhum. Quem tem amigos, sou eu... Eu sou popular, eu tenho muitos amigos.

Silêncio.

RUY – Eu não sei se já aconteceu com você. Mas acho que não, claro que não. Mas você consegue imaginar o que é passar meses a fio sem que ninguém, absolutamente ninguém, pronuncie o seu nome? É, eu nunca consigo conversar com ninguém. Eu não sei como eu poderia caber no mundo.

SARAH – Não se preocupe. Eu sei.

A dança do agradecimento cósmico

Enquanto dança ao som de uma música esotérica, Medalha defia sua oração ao Ser Supremo.

MEDALHA – Gratidão ao Universo todos os dias da minha vida.
Gratidão aos meus pais que já não estão mais neste plano,
pelos dias que tivemos juntos.
Gratidão a São Paulo e a tudo o que estou vivendo aqui.
Gratidão aos problemas que estou enfrentando
e que me fazem mais forte.
Gratidão por não ter mais problemas do que já tenho.
Gratidão pelo homem maravilhoso
que surgiu na minha vida essa semana.
Gratidão por tudo, Força Superior.
E me desculpe se, às vezes, me esqueço de ser grata.
Mas ando tão atarefada nesses últimos dias.
Me desculpe também se esqueci de ser grata
por mais alguma coisa hoje.

BINHO – *Chegando lá no quarto do hotel, me deparo com a figura lá, o cara judeu, árabe, sei lá o que ele era, daqueles lado lá da porra do Oriente Médio, tá ligado, sentado no meio da cama. Devia pesar 180 quilos e o cheiro dele era tão forte, tão forte que dava pra sentir do lado de fora do quarto.* Como vai ser dessa vez, senhor ....? *Porco*, ele me disse. *Porco. Eu quero que você me chame de porco.* Como vai ser dessa vez, seu porco do caralho? Eu perguntei. Silêncio. *E como se ele adivinhasse seus pensamentos, segurou com firmeza o pênis flácido do cliente e introduziu lentamente na uretra do cliente uma agulha de tricô número 12, que o próprio havia trazido.* Daí mano, ele mesmo

arrancou a merda da agulha e me pediu pra chupar o pau dele... *Daí, é 120....* Ele me pagou antecipado e eu completei o serviço. E ele gozou na minha boca. *Já chega, véio... vô nessa.* E eu fui encher a cara com a grana que ele me deu no primeiro boteco do Arouche que eu encontrei aberto.

MEDALHA – Entrego e recebo a energia do universo com o coração puro.

Esperança grita pelas ruas

SARAH – Então ele criou coragem, perto das quatro horas da manhã, colocou a mãe dentro do carro novamente. Marcou no GPS. *E eu fui.*

ROBALO – Eu criei coragem e, um pouco antes das quatro da manhã, desci até o açougue. Só chequei se a Cacilda estava dormindo.

CACILDA – E eu comecei a sonhar que o Robson Thadeu tinha voltado e me contava lindas histórias.

BINHO – Saí bebendo muito. Muito.

MEDALHA.– Depois da meditação, eu fiquei regando as plantas de casa. Eu havia comprado várias na tarde anterior, preciso de verde, preciso de conexão o tempo todo. Eram quatro horas da manhã.

MARISTELA – Naquele dia eu soube que o mundo que rodava na minha cabeça eram as dores que rodopiavam na minha alma. O fim estava ali, girando, girando.

ELDER – Então eu sabia que não conseguiria dormir, tinha cheirado pra não dormir nunca mais. E então, às quatro da manhã, chamei o elevador, precisava comprar cigarros.

SARAH – *Então eu cheguei no endereço marcado. Era um açougue como ele havia me dito.* Olhei para o banco de trás e ela estava lá, a mãezinha, dormindo.

ROBALO – Entrei na câmara frigorífica e me escondi entre umas peças de carne. Tinha combinado assim, deixaria todas as portas abertas e, às quatro da manhã, esperaria por ela na câmara frigorífica. Mas, pra falar a verdade, eu estava arrependido.

CACILDA – Sonhei que ele já era gerente de banco, tinha um terno lindo, até me deu um cartão de visitas dele. Robson Thadeu, gerente júnior.

BINHO – Sabe que nessa hora me deu vontade de me esconder de mim mesmo. Eu tinha perdido a minha alma.

MEDALHA – Olhava no relógio da sala de cinco em cinco minutos e nada dele aparecer. E então eu regava mais e mais as plantas. Meditava pensando que ele estava chegando.

MARISTELA – Então, o elevador chegou. Eu quase não consigo abrir a porta. Tudo girava. E doía. Tudo.

ELDER – O elevador parou no meu andar e ela estava dentro.

MARISTELA – Olá, Elder. Você se lembra de mim? Meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

SARAH – A porta do açougue estava sem tranca. A luz era difusa. *E eu entrei pela primeira vez na vida em uma câmara fria cheia de carnes penduradas e pingando sangue.*

ROBALO – Eu senti que mais alguém estava na câmara fria. Era ela. E eu disse como a gente tinha combinado: Meu nome é Nestor.

TODOS – Boa noite, Nestor.

SARAH – *Nestor, que lindo nome!,* ela respondeu. E foi entrando no lugar mais frio, com as carnes mais frias do mundo.

CACILDA – E então no sonho o Binho me apresenta a mulher dele, ela é linda, tem os cabelos loiros e é muito gentil. Eu digo: Meu nome é Cacilda.

TODOS – Boa noite, Cacilda.

BINHO – Eu fiquei tão chapado que nem sabia mais meu nome quando o cara me parou na esquina e perguntou meu nome. Bruno, Binho, Robson, Thadeu.... Porra, qual é meu nome? Eu não quero mais ter nome nenhum. Mas eu tinha que responder alguma coisa: Meu nome é Guilherme.

TODOS – Boa noite, Guilherme.

MEDALHA – Eu tava dançando e pensando que todas as noites ele chega em casa bêbado, dizendo que tem um nome qualquer. E eu consinto. Mas hoje eu vou dizer que nomes não têm importância, que eu sinto quem ele é. E que se nome é tão importante assim pra ele, eu também posso dizer o meu mil vezes: meu nome é Medalha.

TODOS – Boa noite, Medalha.

MARISTELA – Então eu ia desmaiando e ele chegou perto e me abraçou e me olhou com os olhos da forma que eu esperei tantos anos que aqueles olhos me olhassem. Eu pensei que podia morrer ali.

ELDER – Descemos do elevador e o porteiro me ajudou a pegar um taxi. Aquela mulher precisava ser socorrida, ela estava morrendo. Chegando no pronto socorro eu não sabia o que dizer. *Qual a sua relação com ela?* Não era parente, não era amigo, não era nada. Meu nome é Elder.

TODOS – Boa noite, Elder.

SARAH – *Então eu entrei na câmara frigorífica, na única porta à esquerda, como ele havia me ensinado. E lá estava ele, atrás de um monte de carne que se mexia freneticamente enquanto ele ia se masturbando.* E num movimento único, ele colocou a cara entre as peças de carne.

ROBALO – Não era a mulher que eu tinha falado.

SARAH – *Olá, Nestor, não precisa ter medo. Meu nome é Sarah.*

TODOS – Boa noite, Sarah.

ROBALO – Eu fiquei desesperado. Peguei a primeira coisa que encontrei. Era um gancho do açougue. Fechei os olhos e fiz um movimento.

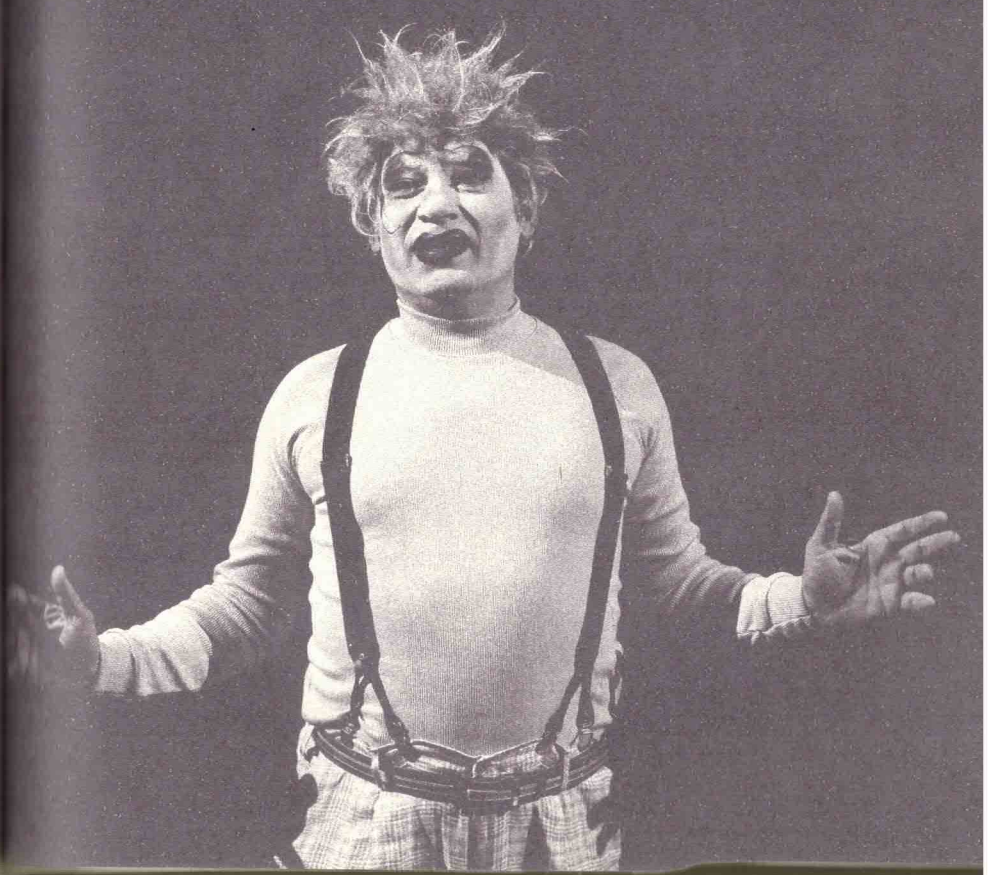
SARAH – *E o gancho entrou no meu peito. Foi rasgando as minhas carnes que começaram a jorrar sangue enquanto eu ia morrendo, morrendo, morrendo...*

ELDER – Ela morreu, ali mesmo, na maca que sequer chegou a sair da corredor.

UMA VOZ – E dentro do carro, no mesmo instante, a mãe acordou, sentiu algo estranho e saiu gritando pelas ruas. Às quatro da manhã.

Sons de cello.

ÁLBUM



DRINKS



Piscina (sem água)

Mark Ravenhill
Tradução Felícia Johansson

Uma piscina, ela tinha uma piscina.

De todos nós a mais – pelo menos aos olhos do "mundo"- a mais bem sucedida de todos nós.

Então - uma piscina.

Ela queria impressionar? Era pra se mostrar?

Não. Não é possível. Não. Porque ela é....

Ela é uma boa pessoa. Ela é legal. Ela tem integridade. Tem raízes.

E agora ela tem uma piscina – é fantástico fantástico fantástico fantástico.

Mas ela não se esqueceu da gente. Visitas à clínicas de reabilitação .Visitas a hospitais. Visitas às campanhas anti-aids. Ela vai a tudo.

E ela vem às nossas exposições.Pequenas exposições em galerias alternativas. Nossas fotos, nossos objetos, ela vê, ela às vezes compra.E ela nos ajuda a levantar fundos para os nossos projetos.

Ela não se cansa de levantar fundos para os nossos projetos.

Nós a adoramos. Nós a adoramos. Nós realmente a adoramos.

Anos atrás quando ela estava – quando ela estava no Grupo. Corpo e alma. E ela sempre rasgava suas roupas, rasgava tudo, e nós rasgávamos tudo também- nós a seguíamos- e então todos nós fazíamos performances, pelo puro prazer de fazer performances. Ou então a gente tirava a roupa e nadava junto, pelo puro prazer de nadar sem roupa, junto.

Mas hoje em dia ela está....ausente.

Exatamente. Ela está....ausente. É aquela qualidade do trabalho dela que vende. Aquelas obras que começaram quando perdemos o Téo naquela onda de AIDS. E ela usou o sangue do Téo e os curativos e o cateter e as camisinhas dele. Obras vendidas para os maiores colecionadores do mundo.

Aha.

Ausente. E ainda assim – reconhecida pelo mundo.

Aha.

E agora ela tem: a piscina.A piscinaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Primeiramente vista em anexos. Um cartão de natal com um anexo. Abram o anexo para um arquivo PDF da minha nova piscina.

Eu abro com cuidado. Eu tenho medo de vírus.

A piscina dela. “Vocês são bem vindos quando quiserem. Apareçam, curtam a piscina. Qualquer um de vocês – individualmente ou coletivamente – apareçam e curtam a piscina.”

E tem o PDF. Tem a piscina. Limpa e azul e iluminada por lindas luzes. E tem o rapaz da piscina – que poderia ter sido um ator pornô. Ou talvez seja um ator pornô. Ou talvez vá ser um. E tem o personal trainer dela, o “preparador físico”. E ele é um ator pornô também. E talvez o rapaz da piscina trepe com o personal trainer. Ou o personal trainer trepe com ela. Ou ela trepe com o rapaz da piscina.

Não não não – ela sempre foi uma pessoa moral. Ela sempre teve um código severo de conduta moral. Mesmo naqueles tempos loucos. Ela nunca se picou por mais de um dia. E ela sempre trancou a porta do seu quarto à noite.

Então, nós trocamos emails pra lá e pra cá: sim, vamos ver a piscina, vamos lá curtir essa piscina, por que não? Por que não? Vamos curtir a piscina com ela.

E nós mandamos um email pra ela.Nós estamos indo, nós estamos indo, nós todos estamos indo. Nós estamos todos indo de avião curtir essa piscina com você.

E ela escreve de volta: Fantástico. Fantástico. Fantástico.

O tempo voa, claro. Nós estamos todos ocupados – tem as exposições nas galerias alternativas, tem um projeto para ajudar bebês filhos de drogados, tem aquele projeto para levantar fundos, tem –

Tem a Clara no hospital. Clara naquela merda de hospital. Entrou nos ossos dela agora, foi comendo o corpo dela e agora aquela porra de câncer está comendo os ossos dela também – e tem um gosto amargo - e ela fica lá deitada e dizendo:

Eu quero morrer eu quero morrer tudo que eu quero é morrer por que é que eles não deixam eu não tomar o remédio se tudo que eu quero é morrer?

E a gente diz pra ela

Pense na piscina. Pense na piscina. É alguma coisa em que vale a pena pensar. Nós vamos tirar você daqui e voar com você para a piscina. Momentos fantásticos felizes e saudáveis nos aguardam na piscina.

E ela diz

Sim.

Mas isso é só pra nos confortar. Ninguém acredita nisso.

E um dia ela fica verde e cinza e tem alguma coisa que pinga pinga pinga e coagula por todo lado e tem enfermeiras e freiras e nós organizamos um rodízio porque a vida continua com suas exposições e eventos de caridade e a gente se reveza até que uma noite nós todos corremos para lá e alguns chegam a tempo e outros não e Clara se foi.

E você fica sem chão porque de repente toda arte não vale nada, é nada, significa nada. Clara se foi e a Arte não fez nada e a Arte não pôde fazer nada e a Morte é grande e nós somos pequenos e realmente não somos nada, nós não somos nada.

E *ela* está lá no crematório. E ela diz: Obrigada por cuidar da Clara. Obrigada por isso, Vocês foram todos maravilhosos por cuidar dela. Eu me sinto tão culpada. Eu devia ter vindo mais cedo. E nós: não não não não.

Mas eu senti você sentiu, olha eu senti, isso é errado eu sei que isso é errado mas eu senti, talvez seja só – alguém mais sentiu – e é só um sentimento, mas um sentimento é um sentimento e eu penso que deve ser considerado, não é? Se é que vocês entendem o que eu digo? Ok, ok, eu vou dizer, eu vou contar para vocês o que eu o que eu senti, lá no crematório e de repente ela estava lá com o produtor dela ou sei lá quem, ela está lá e eu quero gritar na cara dela: Filha da Puta.

Meu Deus.

“Filha da Puta – isso é culpa sua. Você fez isso. Está vendo esse caixão? Está vendo esse caixão, esse caixão horroroso de madeira barata com a nossa amiga Clara dentro dele? Você fez isso. Foi você.” Foi você que matou a Clara.

Meu Deus.

Porque nenhum de nós foi feito para ser rico, nenhum de nós foi feito para ser reconhecido, nenhum de nós foi feito para voar. Nós somos o Grupo. E há um equilíbrio. E você roubou esse equilíbrio. Um de nós sobe, então outro tem que descer. É uma lei natural. Será que você não entende a mais básica das leis? Bem, é claro que você entende – você a entende e a ignora – de propósito- e matou a Clara. Escolheu matar a Clara. Piranha. Escrota. Puta. E se eu pudesse eu arrancaria todos os cabelos da cabeça dela e todas as roupas do seu corpo e cuspiria na cara dela lá mesmo, naquele mesmo momento. Isso era o que eu....Alguém mais.....?

Não não não não ninguém mais.

Sei. Sei. Sei.

Veja você, que gente má. Todos nós somos pessoas ruins. Não precisava ser assim, claro. Não. Não precisava. Se ao menos nossa Arte servisse para fazer o bem. Mas, ao invés, nós cultivamos.....

Desde o princípio, desde sempre, nós cultivamos....

E agora nós pensamos....

Não é estranho?? Durante tanto tempo ela esteve entre a gente como uma amiga, durante todo aquele tempo e mesmo assim nós cultivamos o mais profundo....*ódio*.

É a única palavra.

Ódio assassino

Isso é terrível. Isso é realmente terrível.

É mesmo – e nós devemos superar isso. Nós devemos. Não só nos nossos trabalhos para caridade, mas também em nossa atitude para com ela. Nós devemos amá-la. Nós devemos olhar para a frente, esquecer o passado, superar a maldade e seguir adiante, dando todo nosso amor a ela.

'Vocês estão arrasados,' ela diz. 'Vocês estão exaustos,' ela diz.
'Fisicamente, espiritualmente, emocionalmente. Por favor, venham para a piscina. Por favor. Por favor. Venham. É o mínimo que eu posso fazer por vocês.'

E todos nós dizemos: sim.

Vamos esquecer o ódio vamos esquecer a morte vamos deixar tudo isso para trás.
A piscinaaaaaaa.

E nós vamos.

Leva tanto tempo para voar para esse estranho novo mundo e há palmeiras e uma brisa quente ao entardecer no aeroporto.

E *ela* está lá.

Bem-vindos bem-vindos bem-vindos.

E no enorme hall de entrada da casa tem o rapaz da piscina e o personal trainer e o cozinheiro:

Olá. Ei. Oi. Bem-vindos. Que bom. É. Como vai? Entrem sintam-se em casa tem alguma coisa que eu possa? Fantástico. Então vocês são? Ouvi falar tanto. Que bom.

E, sim – nós nos sentimos um pouco culpados em pensar em todo aquele sofrimento lá na cidade – as porradas, os órfãos, a dor – e de repente nós queremos voltar pra lá e produzir alguma arte.Mas a gente dá um tempo, dá um tempo e deixa isso passar – porque será que a gente é responsável por todo bebê que tem uma mãe viciada em drogas? Isso seria muita vaidade.

E nós olhamos para ela e vemos.....Sim, ela é só uma pessoa. Uma pessoa como nós. E – por que nós sentimos todas aquelas coisa terríveis todos esses anos? Ah, é muito bom deixar isso pra trás. E nós percebemos como os movimentos dela são graciosos e como sua risada soa bem e aliás nós adoramos o modo como ela não está tão presente – tão *se mostrando* como outras pessoas.

E cada um de nós diz: 'É bom estar aqui. É ótimo estar com você novamente.' E, de fato, a gente sente isso. E faz muitos anos que a gente não se sentia assim, tão leve.

Vocês sabem que ela é uma pessoa maravilhosa. Uma de nós que se deu bem no mundo e está se virando muito bem. É tempo de comemorar isso.

E naquela noite tem um jantar - filé de robalo, saladas e vinhos maravilhosos e nós ficamos nostálgicos e nós ficamos sentimentais e nós ficamos chorosos. Por causa de – Meu Deus, vocês se lembram quando tudo significava tanto, quando tudo fazia tanto sentido sim quando tudo era pleno de sentido e a gente acreditava apaixonadamente em tudo, tanto. Vocês se lembram vocês se lembram vocês se lembram vocês se lembram vocês se lembram desses dias? Ah sim dias felizes felizes felizes felizes felizes felizes felizes.

Eu me lembro....cores muito brilhantes. Naquele primeiro estúdio que a gente alugou. Eu me lembro de tudo tendo tanta cor. Como é possível que tudo tenha tanta cor?

Hora de ir pra cama.

E cada um de nós está em sua cama.

Mas de repente ela está lá, de repente ela está batendo em todas as portas.

'Eu sei que a gente combinou de dormir mas quem sabe um mergulho vamos dar um mergulho na piscina antes de dormir.'

Meu Deus ela não mudou nada apesar de tudo apesar de tudo ela ainda é danada danada danada.

(música)

Palavras mágicas de um tempo atrás: nadaaaaar peladooooooooo!
E nós estamos de volta à noite e nós estamos rindo e nós estamos bêbados e não há luzes lá fora não há luzes na piscina tudo foi apagado. E nós dizemos: nada de roupa. Por que não é isso o mais gostoso o mais maravilhoso...? Nada de roupa.

E nós tiramos nossa roupa.

E cada um de nós sabe que nosso corpo não é mais o que era há uns dez anos atrás – tem gordura flacidez rugas e até até até uns tons de cinza aparecendo. Sim, a triste rota para o túmulo já começou.

Mas isso não importa no escuro. No escuro nós somos como há dez anos atrás quando a gente se despia e fazia performances e se desnudava e se divertia.

E é tudo tão lindo. Uma brisa suave roçando nossas entranhas no escuro.

E a gente chora a gente ri e se comove com a beleza de tudo.

Eu sempre vou me lembrar desse momento, sempre. Às vezes, quando os analgésicos não estão funcionando eu tento visualizar esse momento e então as coisas não parecem tão ruins assim.

Para a piscina (ela grita) para a piscina!

(E então ela está correndo e brincando na escuridão e ela se projeta no ar se projeta e você pode vê-la alto no céu, lá no alto em contraste com o céu, o arco do corpo dela através do céu escuro, bem bem alto.

Ela parece estar tão alto. Ela está voando. Ela é um anjo. Uma deusa anjo gargalhando bêbada.

E então ela se curva para baixo a gente bate palma e a gente grita.)

(Blecaute)

E então

A gente pensou que tinha ouvido um splash. Quando você pensa que vai ouvir um splash, você ouve um splash. É assim que funciona. Mas nós não ouvimos o splash.. Não. Nós ouvimos

Um estrondo.

O estrondo do corpo dela.

O estrondo do corpo dela caindo contra o concreto.

E então um silêncio.

E gemidos e grunhidos e gritos de dor.

(silêncio)

Nós corremos na escuridão nossas figuras nuas correndo na escuridão até a beira da piscina. E então nós vemos, vemos depois de ajustar nossa visão.

Piscina. Sem água.

Somente uns restos de água em uma piscina vazia.

E lá no meio do concreto seu corpo retorcido e quebrado e ela gemendo como um animal, não mais uma deusa ou fada.

A gente não se fala. A gente não se vê. A gente está junto demais para se falar ou pra se ver.

E a gente desce lá na piscina a gente e fica ao redor dela.

Ela ainda estava consciente. Ainda estava gritando chorando e gemendo.

E a gente queria sentir o que ela estava sentindo – ela é uma de nós, nós somos artistas – não, nós somos pessoas – a gente queria sentir o que ela estava sentindo - compartilhar a dor.

Mas isso não aconteceu.

Não. Nós ficamos parados. Parados ouvindo ela gritar e gemer. Todos nós. Parados.

A gente não podia fazer nada. Mas a gente podia ter pelo menos sentido alguma coisa. A vida sem sentimento é tão....

Ela não gemeu durante um tempo. Ela....se foi. Ela morreu? Por um momento passou pela minha cabeça – não ela não morreu e acho que de alguma maneira a gente sabia que ela não tinha morrido. Ela ficou inconsciente.

E agora a grande ausência está aos nossos pés e nós estamos pensando:

Isso está certo. Há uma certa justiça nisso.

Sinto muito se você teve que sofrer, sinto muito pela sua dor – mas há justiça nisso. Faz sentido para nós.

Pela Clara, pelo Téo, por nós, isso tinha que acabar assim.

Porque você voou – sim – você abriu suas asas e voou sobre nós. Tudo bem. Você tentou e parabéns. Por tentar. Mas você achou que isso ia durar? Voar sobre nós e olhar para a gente lá de cima? Você realmente achou que isso ia durar? Claro que não ia durar. E agora você se arrebentou aqui em baixo. E dói, não dói? Eu sei. Isso dói.

Isso é bom. Isso é muito bom. Olhe para você. Ha. Ha. Olhe só para você. Eu sou demais.

Há uma força em mim. Uma força que eu não conhecia.

Sua puta sua puta sua puta sua puta sua puta sua puta sua puta.

(E nós.)

Talvez você morra. Talvez a morte te leve. E se ela te levar ela não vai me levar. E aqui estou, salvo por mais um dia.

(E nós.)

Você sempre tomou conta de nós. Sempre apadrinhou nossas exposições. E agora, nós podemos tomar conta de você. Que melhor maneira de tomar conta de você do que cuidar do seu corpo desfigurado?

E o rosto dela. Você poderia imaginar – congelado em um expressão de dor e emoção intensa. Mas não – seu rosto no topo daquele corpo retorcido e machucado estava mais ausente do que nunca. E juro que se eu pudesse, eu perfuraria seu crânio só para saber que pensamentos e sentimentos passavam pela sua cabeça. Juro por Deus.

E então há um fio de mijo escorrendo pelo corpo dela agora – verde por causa do vinho. E é engraçado pensar nisso agora – mas é o mijo que nos fez acordar.

E a gente corre e grita por socorro e abre portas e eu vou na ambulância e eu sigo a ambulância em um....

Por favor, por favor, tomem conta da minha amiga, um acidente horrível. Por favor.

Notícias, notícias notícias, alguma notícia? E naquele quarto ela está entubada e cheia de drenos e a gente vai e volta e traz um café e fuma um cigarro. E nós jamais ousaríamos dizer uns aos outros o quanto aquilo tudo era – essa é a palavra - excitante.

Vocês sentiram isso- ? Eu gostaria que houvesse algo mais, mas....

A excitação que todos nós negamos. Porque excitação – não, não é um sentimento apropriado.

Mas nós temos as aparências que se deve ter, com aquela pequena inclinação da cabeça, aquele pequeno suspiro, aquela lágrima escorrendo pelo rosto – exatamente como deve ser.

E lá no quarto um de nós ou todos nós- sei lá, alguém diz a ela:

"Você não pôde ouvir mas eu desejei as coisas mais horríveis para você. Mas isso não vai continuar assim. Não pode continuar assim. Você está por baixo agora e eu vou cuidar de você. Por favor deixe-me cuidar de você. Por favor, deixe-me cuidar de você. Não se ausente. Fique por aqui. Por favor.

E de volta a casa dela nós nos deitamos e os vemos desfilar pelo nosso quarto: Clara sem o seu seio, Téo com um pulmão do tamanho de uma caixa de fósforos e agora isso – e nós queremos nos juntar a eles e desfilar pelo céu ou pelo inferno ou pelo purgatório mas nós não fazemos isso porque temos um diazepam, e um fumo, e um vinho e um diazepan – e tudo bem.

No dia seguinte o personal trainer está aos prantos. O cozinheiro tem uma ataque histérico. O rapaz da piscina diz que vai tomar uma overdose. O empregado que esvaziou a piscina e não avisou ninguém – Nós os consolamos. Somos todos tão bons. Nós descobrimos – que maravilha – o quanto nós somos bons.

E quando é humanamente possível nós vamos ao hospital.

A gente não se lembra agora. Não importa. Claro que importa para curadores, historiadores, críticos de arte. Mas para nós não faz a mínima diferença. Mas um de nós teve a idéia de levar a câmera.

A gente nem sabe quem foi que teve a ideia de levar a câmera em nossa visita. Talvez todos nós. Talvez cada um de nós. Talvez cada um de nós tenha chegado espontaneamente à mesma conclusão. Sim – talvez cada um de nós soubesse que uma imagem, um registro – talvez a gente soubesse que isso era o que devia ser feito.

E então lá estávamos nós – hospital e câmera na mão.

E aqui estamos. Aqui estamos nós. Aqui no quarto com a câmera na mão e a luz do sol entrando pelas persianas.

Oi. Oi. Somos nós.

Por favor acorde e não deixe a gente ir adiante. Não deixe a gente fazer isso. Você não tem que dizer nada. Basta abrir os olhos. Só isso. Você sabe o quanto nós – você era uma parte de nós e agora....

E a gente segura a câmera discretamente.

Meu deus. Olhar. E ver. E sentir. E cuidar. É algo humano e natural. Mas nós...

Vejam só – vejam– o que foi feito dela. Agora que limparam aquele sangue todo. O corpo machucado e inchado em uma forma sobre-humana. Membros engessados. Pescoço engessado. A máscara dela. Os drenos e tubos. E as máquinas de respirar que fazem bip. Uma comovente....uma imagem atemporal do....

Nossa amiga sim mas também....

A beleza da máquina...

O roxo do machucado...

Tudo isso é tão tentador. Há beleza aqui. Nós sabemos, nós passamos nossa vida procurando por isso e isso está aqui.

E finalmente nós estamos comovidos com a intensidade e a beleza dessa imagem.

E a luz estava ótima e o potencial para criar estava lá – e para falar a verdade foi fácil fácil fácil produzir aquelas imagens que mais tarde pareceriam tão impressionantes.

E a tentação de compor... A tentação era grande e nós fomos fracos. Então nós a colocamos na luz e até movemos um pouco os membros e a cabeça – tomando cuidado com os drenos e tubos, claro....a feliz união entre ciência e arte.

Se vocês estivessem naquele quarto com a gente então talvez, talvez vocês fizessem o mesmo. Porque hoje somos todos artistas.

Joguem fora essa porra de câmera pela janela do oitavo andar

Pisem nas lentes quebrem o visor e arranquem toda a memória e alma

Isso não foi uma boa coisa de se fazer. Isso foi uma coisa terrível de se fazer. Por que não selecionar e deletar tudo que nós....por que não?

E nós fizemos isso. Não – sejamos sinceros – nós quase fizemos isso. Mas nós nunca chegamos a fazer.

E naquela noite a gente checa o trabalho no laptop e – ah – nós não estamos descontentes com nós mesmos como a gente achava que ia ficar. Não. A gente já está sonhando com entrevistas – exposições, catálogos, vendas.

E nos próximos dois meses a mesma rotina.

Pela manhã no hospital a gente espera o momento certo para coletar nossas imagens.

E ah como a gente acabou conhecendo bem aquele hospital! Por um tempo eu até andei de caso com um enfermeiro - Miguel - nós fizemos um monte de exames de sangue mas eu não estava pronto para me relacionar então tudo acabou. E aliás eu acho que o Miguel foi quem primeiro suspeitou – levantou algumas questões – sobre aquelas sessões de fotos diárias. Não que houvesse alguma coisa errada...

Mesmo assim ninguém ficou sabendo de nós dois. Talvez só para ficar mais excitante.

À tarde a gente edita o que fez.

Seleciona. Organiza. Cataloga. Experimenta imprimir com diferentes cores, tons, definições.

Sua casa é nossa casa, nosso estúdio. E pela manhã o sol nasce sobre nós e à noite nós somos alimentados e atendidos pelo staff dela, enquanto dispersores de água regam o jardim.

E o meu corpo – durante esse período meu corpo começou a ficar mais forte e definido porque o preparador físico vem às seis e nós corremos pelo parque e à tarde eu nado 500 metros na piscina.

Eu devia ter tido um nutricionista antes. Eu me sinto super bem.

E quando for o momento oportuno– o curador certo, o melhor produtor, a melhor assessoria de imprensa – essa será uma série espetacular de imagens.

Nós ficamos fascinados pelo – fascinados pelo modo como os machucados e os hematomas e os cortes progrediam dia a dia.

Vejam só. Vejam só. Olhem e vejam. Não é super interessante? Não é verdadeiramente fascinante?

O modo como os machucados e hematomas crescem e amadurecem sobre o corpo dela. Um dia um olho se revela enquanto o outro fica encoberto sob um inchaço.

E nós estamos juntos. Nós somos um. Há um trabalho a ser feito e uma tarefa a ser cumprida e nós estamos juntos.

Nós somos o grupo! Nós somos o grupo! Nós somos o grupo!

(música Murcof – cena dos painéis))

(Nós estamos vivos – olhem para isso, aquele velho defunto está de volta, respirando ar puro e andando sobre a terra.

Uhuuu!!

Não cantem muito alto mas

Uhuuu!!

Junte-se a nós

Uhuuuu!!)

(Mas a felicidade ...a felicidade dura pouco. Oito semanas e então...

Nós chegamos no hospital, como sempre. E o Miguel – a gente já não estava mais saindo junto – Miguel aparece sorrindo pra nós.

E a gente sabe, a gente sabe. Nós podemos adivinhar as palavras por ele).

(Interrupção som/luz)

"A amiga de vocês está consciente."

Oh.

Dois meses depois a Bela Adormecida ...

Oh.

E eu me senti leve porque...porque aquilo foi....o que foi aquilo - ? Tirar aquelas fotos? Fotografar aquilo...? Não não não não. A gente não podia ter feito aquilo. Aquilo foi foi...ah que alívio alívio alívio. Aquilo....está....salvo.

'Aquilo é maravilhoso'.

Mas eu estou tão feliz que a arte se foi e que agora nós podemos ser gente.

Deixem que ela se torne presente. Por favor. Deixem que ela..

Eu cheirei uma antes de ir para o quarto dela. Eu nunca disse isso a ninguém antes. Eu sabia que eu só tinha o suficiente para uma, então no fraldário eu... Eu não me entendo.

(Blecaute)

(vozes em off)

Oi. Oi. Veja somos nós. Nós todos estamos aqui.

Ela não está acordada – não acordada como eu e você.

Ela está meio lá meio cá – mas algumas vezes seus olhos abrem a ela nos olha e nos vê.

Ela está no quarto conosco. Algumas vezes ela até sorri pra gente. Juro por Deus.

E nós estamos felizes. Por ela. Mas também por nós. Silenciosamente felizes mas ainda assim...

E a gente fala aquela fala de hospital aquela fala para bebês e pessoas semi conscientes. A gente balbucia uma fala doce porque ela merece a mais doce das falas.

'Nós vamos tirar você daqui. Um dia desses por agora. Isso é o que nós vamos fazer. E nós vamos tirar a roupa juntos novamente e vai ser como era....

E nós vamos todos dançar e beber e cantar juntos novamente... Dias felizes nos esperam.

Você vai ser uma de nós como há dez anos atrás, todos nós despidos de tudo, um bando de xotas e paus e tetas e bundas se banhando lindamente oh pense nisso amiga pense nisso. Nós temos tanta somos de termos vivido isso e nós vamos viver isso de novo. Nós vamos. Nós vamos. Nós vamos. Nós vamos."

Eu a beijo. Ela não faz nada. Mas tudo bem...Tudo está...

E a gente diz uns para os outros. Acabou. Dias felizes estão chegando.

E a gente dá as mãos e a gente sorri e a gente se abraça e a gente canta. O Grupo está ao redor dela a ela abre os olhos e olha pra gente e ....

(música Murcof)

Por um momento eu acho que...não.

Sim eu pensei que...Não sei se alguém mais pensou....

Talvez todos nós pensamos...

Ela sabe. Ela sabe o que nós estávamos fazendo. Ela vê a câmera em nosso bolso e ela compreende.

Como ela é mais sábia que nós.

Mas não pode ser.

Não, não pode ser.

Então nós levamos um pouco de água aos seus lábios ...

...e acariciamos seus dedos e sussurramos no seu ouvido:

Nós amamos você.

(E ela diz:

Obrigada por serem meus amigos durante todos esses anos.

E – não – ela não sabia que pensamentos de ódio tinha cruzado nossa mente e nós fomos – bem – abençoados – e – hum – absolvidos por essas palavras.)

E por horas nós ficamos lá com ela enquanto ela dorme e acorda e eu acho que esse foi um dos momentos mais calmos de toda minha vida.

(música- Murcof continua aumentando em intensidade. Cena do abuso. Fade out som e luz.)

Mas por que - quando voltamos à casa dela a gente começa a - ? Eu nunca mais fui à academia. Minha barriga...

Eu só como fast food em drive tru e meu estômago dói de tanto sorvete.

Uma noite com muito vinho e cocacococacococacoca houve uma briga. Motivo-nenhum. Mas gritos e portas batendo e choro e silêncio.

E aliás sabia que em momentos assim é que eu percebo que meus problemas de dependência realmente aparecem? Porque eu quero muito – caro Terapeuta – eu quero muito fazer parte do Grupo é isso que eu quero mas se eles não querem talvez eu seja excluído mmmmm merda não tem nenhuma porra de agulha nessa porra de quarto de hospital que tipo de hospital é esse que não tem agulhas nos quartos?

E o – Eu te dou uma grana legal pra dormir comigo. Esquece essa piscina. Esquece essa piscina pelo amor de deus e vem trepar comigo. Qual é o problema com o meu dinheiro?

E o Téo e a Clara ficam andando pra lá e pra cá no meu quarto. Relacionem isso ao uso de drogas se quiserem. Eu chamo de luto quando os ossos de amigos mortos ficam batendo na sua cabeça e apagando o som da vida enquanto a gente...Come. Dorme. Caga. Se Masturba. Começa de novo. Come. Dorme. Caga. Se Masturba. Começa de novo.

Então em um determinado dia um de nós resolveu mostrar as imagens a ela. Nem me lembro ao certo quem mas....

Eu não acho que tenha sido eu mas...

Talvez tenha sido eu que...

Enfim, um de nós – a gente estava – o que? – todos no quarto e havia alguma coisa no sorriso dela, o modo como ela olhava para nós enquanto nós cuidávamos dela.

Eu senti que ela estava me acusando e eu...

É tão difícil saber o que ela está pensando. Sempre foi assim. Mas normalmente ela está...julgando.

E eu só queria....

Alguém pensou: eu tenho que dizer a ela. Para me sentir melhor.

Talvez para magoá-la.

E ela está olhando seu corpo – ainda roxo e machucado – e ela diz:

'Nenhum espelho por aqui. Eu devo estar medonha. Acho que vocês não querem que eu veja o que....

E de repente uma voz:

'Ah você pode se ver sim'

'É mesmo?'

'Mas talvez você não devesse. Talvez seja melhor não ver.'

'Não. Eu quero ver.'

Vejam que ela não nos impediu, apesar de todas as chances.

'Você tem um espelho?'

'Não mas...'

O laptop. A primeira semana no hospital. Ela nem parece um ser humano.
Semana dois, três, primeiro mês. Ela começa a cicatrizar.

E ela fica olhando. Mas a gente não podia ver...nada ainda nos olhos dela.

Então ela pergunta:

'Quem tirou essas fotografias?'

E nós:

Nós.

E eu achei que ela entenderia o mal dentro da gente. Mas eu acho que realmente ela não entendeu porque ela disse:

‘Obrigada’.

De um modo sincero.

Ela não queria que a gente guardasse o laptop. Mas nós o guardamos.
Porque a bateria estava acabando.
E então ela diz:

‘Vocês podem me levar ao toalete?’

Eles já tinham removido o catéter então nós a carregamos ao toalete e isso nos fez sentir muito bem porque ela realmente precisava de nós.

E você sabe, houve visitas e ela não falava das imagens. Eu não sei – três? quatro? – várias visitas e as imagens nem eram mencionadas.

Na minha cabeça várias semanas se passaram sem que ela falasse nisso. Aliás, eu acho que não foi errado, foi – qual é a palavra? foi uma gentileza registrar isso pra ela.

Bem, isso se agente tivesse feito isso para ela. Sim. E se a gente não tivesse arrumado o corpo. Planejado a exibição. Se a gente pudesse esquecer.

E um dia ela diz:

' Tragam a câmera.'

‘Oh...não.’

‘Sim. Tragam a câmera. Eu quero continuar o que vocês começaram. Eu ainda estou cicatrizando. E estou ficando cada vez mais forte. E eu gostaria de continuar a registrar isso.’

O que a gente podia fazer a não ser trazer a câmera?Ela riu aquele dia. Ela estava tão feliz. Ela colocou a cabeça dela na luz para mostrar o machucado. Ela puxou o curativo para mostrar as feridas, os pontos, os ossos quase saindo pela pele azul.

Há muitos anos nós não a víamos assim, tão motivada.

‘Você fique em pé ali. Aqui – pegue o dreno e segure no mesmo enquadramento que os cortes da mão.’

E a gente cumpre as suas exigências. Tantas imagens e então:

‘Deixem-me ver, deixem-me ver eu mesma.’

É uma ordem. Dada por uma criança, mas ainda assim...

E então a gente vai passando as imagens e ela as estuda e revê e...

E ela gosta delas.

E todo dia ela nos motiva a fazer o mesmo.

E o tempo todo nós estamos gravando as imagens dela.

A antiga rotina era meio sacana. Ela estava dormindo. A gente tirava fotos dela sem ela perceber. Agora...

É nossa função fazê-la feliz E ela ama isso. E ela está cada vez mais forte. Enquanto nós....nós começamos a ficar cada vez mais doentes, sabia?

Eu tenho dores de cabeça. Eu tenho enxaquecas. Essa manhã eu escorreguei enquanto eu me barbeava e olha o corte olha o corte. Não não tudo bem está ardendo horrores mas vocês não devem se preocupar comigo.

Doutor, doutor, eu acho que aquele rapaz da piscina me passou um fungo!

Nós queremos que ela durma! Nós não queremos que ela se canse... Ela deveria estar dormindo o tempo todo mas agora.....nós é que estamos exaustos. As visitas ao hospital. Aquela luz fluorescente. Aquele café horrível. É muito cansativo.

E agora ela quer cópias impressas das imagens. E nós as providenciamos.

E ela as coloca pelo quarto todo, arranja, rearranja, estuda. E – sim- de vez em quando ela pede nossa opinião mas, realmente, é o olho dela que dá forma a tudo.

Ela é boa no que ela faz. Ela expôs nas mais famosas galerias. Você realmente aprende com ela ao vê-la trabalhando com as imagens. E isso é um privilégio.

Mas nós ainda temos que levá-la ao toalete. Lembrem-se. No final das contas...nós ainda temos que levá-la ao toalete.

E nós nunca imaginamos que ela pudesse ter outras visitas mas então nós vimos....

Alto. Rico. Bronzeado.

‘Quem era ele?’

‘Ele é dono da galeria onde eu às vezes exponho. Nós estamos conversando sobre o trabalho que eu quero expor quando eu sair daqui.’

‘Que trabalho?’

‘Oh....só ideias.’

Mas eu sabia. Estava tudo perdido então. Era o corpo dela. Foi ela que mergulhou na piscina. Foi um ato dela. E nós achando que as imagens eram nossas enquanto o trabalho era ela. Então ela tinha tudo e nós - ah - nada.

Eu não aguento mais isso, sabia? Dá um tempo. Eu também preciso crescer.

Ela reclamaria os direitos e nós voltaríamos às exposições em galerias alternativas para levantar fundos para os menos privilegiados. Mas para ser sincero – eu fiz a minha parte – eu quero ser o privilegiado agora.

E agora parece uma punição ter tirado todas aquelas fotos. Você pode até ouvir o que vai ser dito dela. Você sabe quem vai comprar.

Eu quero fazer alguma outra coisa com a minha vida. Mas o que?

Festa no quarto dela. Vamos nos sentir como se todos nós estivéssemos nisso juntos, produzindo essas imagens. Vamos fazer de tudo para nos sentirmos assim.

E o tempo passa. E ela está voltando pra casa.

Ela fez uma lista, claro. Roupas e maquiagem que a gente tem que levar para prepará-la. E lá vamos nós. Ela está sentada na cama, na expectativa, pronta para ir embora. Bem vestida e maquiada.

E ao andar pelo pátio ela parece tão forte e tão bem. Tão forte, como se estivesse insultando suas cicatrizes, uma a uma. E somos nós, atrás dela, que parecemos os fracos. Os fracos pisando nos passos dela.

Mas na rua – onde os saudáveis desfilam e flertam e negociam e ameaçam – bem, lá – quando ela passa pela porta giratória e atravessa a chuva – de repente ela parece a mais fraca. De repente você vê que os membros dela não estão assim tão encaixados e que sua figura se arrasta com dificuldade. Você percebe que nenhuma maquiagem pode de fato esconder aquele rosto inchado. Somente um passo do hospital para a rua – mas toda a diferença. E ela é a estranha aqui. Esse é o nosso mundo – apesar de nossas vidas medíocres – esse é o nosso mundo e ela ainda não acertou seus passos por aqui.

E nós somos bons novamente. Nós somos bons. Nós a ajudamos no táxi e explicamos por onde ir e a seguramos quando tem uma curva ou um buraco, para infligir nela um pouco

de culpa. Nós estamos aqui por você, nós estamos guiando você, nós amamos você. Nós estamos atravessando essa escuridão com você. Confie em nós. Por favor.

Ela está cansada em casa. Um pequeno sorriso. Aquele pequeno sorriso que ela sempre dava ano após ano sem revelar absolutamente nada. Aquele sorriso que você pode entender da maneira que você quiser. E depois do sorriso ela cochila e nós dizemos:

Venha para a cama para a cama para descansar é isso que você precisa é tanta coisa você precisa descansar.

E nós cuidamos dela e nós nos importamos com ela. Genuinamente – é muito importante que vocês acreditem nessa parte – nós genuinamente nos importamos com ela.

Há sono interrompido. Ela está vendo aquilo de novo e de novo quando os olhos dela se fecham. Tirando a roupa. O salto no ar. O seu corpo lá no alto com as estrelas. A descida. O instante do concreto. O instante em que se percebe toda a dor que está por vir e então – crack. E ela está acordada.

Mas nós estamos lá. Há sempre um de nós lá. E ela sorri e diz.

Obrigada obrigada obrigada obrigada por estar aqui.

E nós dizemos:

Sua boba sua boba não nós queremos estar aqui.

E é verdade. Nós queremos. Nós realmente queremos estar aqui.

E cada vez há mais visitas.

O produtor dela.

Um publicitário.

O dono da galeria.

E nós damos as boas vindas e os encaminhamos ao quarto dela.

E nós sorrimos para eles oferecemos drinks mas não podemos ouvir as conversas que acontecem sobre as nossas cabeças.

Mas de fato nós sabemos.

Nós sabemos que essa história é dela.

As fotografias.

É sobre isso que eles estão conversando.

Vendendo.

Comprando.

Embalando.

Promovendo.

Eles estão preparando o lançamento.

E nós somos empregados domésticos que um dia seremos mandados de volta pra casa.

E olha, sinceramente, anos atrás quem poderia adivinhar....? Ela era a menos ... de todos nós.

Então um dia ela

Vamos ver as imagens. Vamos espalhar todas elas pelo quarto.
Não não não você não está pronta para isso ainda você ainda está se refazendo não não agora não daqui a um tempo nós podemos mostrar tudo isso.

Promessa?

Claro que nós prometemos.

Eu não diria que o vírus foi intencional. Não foi assim tão claro. Nenhum de nós de fato se sentou e disse

Venha vírus entre na minha caixa de entrada e espalhe sua mancha corrosiva pelo modem pela memória pela placa mãe venha.

Isso seria ridículo. Mas eu acho que no fundo dos nossos corações miseráveis a gente sabia que aquele anexo era um blefe, que abrir aquilo ia arruinar com todos os outros arquivos do laptop, um por um, destruindo as imagens – zap zap zap.

Nós protestamos

Merda merda merda

Mas a gente não tinha feito o back up então....

Não contamos para ela. Fomos levando.

Descanse agora e quando você então as imagens sim sim sim.

Mas nós não tínhamos sumido com todas , só a maioria, porque ainda havia algumas na memória da câmera e algumas cópias impressas. O suficiente para compor algo mesmo se - mesmo se - mesmo se -.

Mas mesmo se algumas partes – grandes partes – capítulos inteiros – partes fundamentais – mesmo se o vírus tivesse arrasado com a história da cura dela agora essa cura podia ser mais caótica – uma narrativa nonsense.

E o dia estava chegando.

O dia estava chegando.

O dia prometido.

O dia em que ela poderia ver todas as imagens dela desde as fotos tiradas às escondidas enquanto ela estava inconsciente no hospital até os últimos dias de sua convalescência em casa

Amanhã. A gente diz amanhã

Amanhã você vai sair do seu quarto e tudo estará exposto na sala de estar

Sua exposição

A exposição de você

Obrigada

Ela diz e novamente se vai, dormindo com o mais calmo dos sorrisos que você já viu.

E nós sentamos em silêncio. Esperando por...

Meu Deus.

Esperando por...

(música....bem baixo e aos poucos aumentando em intensidade e volume até culminar na festa)

E então um de nós

Talvez tenha sido eu

Eu acho que não fui eu mas

Enfim, um de nós

Um de nós trouxe a câmera e acessou a memória. Selecionou nossa primeira imagem e..

Eu culpo o personal trainer. Só podia ter sido ele. Além disso, existe algum preparador físico que não seja também traficante? E naquela noite era ele que estava vendendo e sim ok a gente que estava comprando.

Mas foi o rapaz da piscina que promoveu a farra no andar de baixo, enquanto ela dormia no andar de cima

Eu estou viva eu estou viva. Estar sóbria é estar morta. Aumentem a música aumentem a música aumentem a música eu quero que o meu estômago sangreeeeee quando a música aumentar.

Eu pensei que eu estava limpo. Mas eu não estou. Eu nunca estou. Nunca vou estar. Eu sou um usuário e sempre serei. Até o dia em que eu morrer. Isso não é ótimo? Porque eu sei quem eu sou. Isso sou eu. Eu sou um usuário junkiefudidodependendedocaralho isso sou eu e isso me faz sentir.....super bem.

Tragam a câmera, tragam a câmera, as imagens da câmera

Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir
Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir.
Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir.
Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir
Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir
Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir
Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir.
Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir.

Uma pequena pausa para que a gente sorva tudo que fizemos. Uma pequena pausa para celebrar como nós somos fortes. Meu Deus – o triunfo está pulsando em nosso peito.

Mas vejam....ainda há as cópias impressas. Sim as cópias impressas. A última sobra.

Vamos parar com isso agora. Acabou agora. Nós já sabemos que somos fortes. Nós sabemos.

Eu estou ok agora. Olhem para mim. Eu estou ok. Porra eu preciso de água.

Essa é a única coisa que nós vamos fazer nesse planeta e nós sabemos disso. Nossas vidas não são nada. Nosso trabalho não é nada. Sinceramente nosso trabalho não é nada.

E nosso trabalho não é nada e nem gente nós somos. Nós arruinamos nossa vida. A gente tomou o rumo errado na arte e isso nos levou a lugar nenhum e agora é tarde demais para descobrir nosso talento.

E vejam nossos corpos vejam nossos corpos caminhando dia a dia para o túmulo.

Eu queria ter Aids ou câncer – Clara sortuda Téo sortudo- Aids ou câncer para não ter que engolir com conta gotas essa indignidade da vida cotidiana.

Então – não voltem atrás agora.

Voltem aqui e tragam o máximo de tudo que vocês conseguirem trazer porque nós vamos comprar.

Agora nós estamos ligados. Por favor vamos....por favor não deixem isso acabar.

Tudo bem amigos tudo bem. É isso. Música por favor em todas as caixas. (Botem uma imagens pornô na tela de plasma e)... é uma roleta química...qualquer coisa que se injete se inale se....

Aqui vamos nós aqui vamos nós aqui vvvammos nnóóósssss!

(E o isqueiro – a primeira chama no canto da primeira imagem da cura dela. A gente grita e se delicia com as chamas crescendo.

Um de cada vez agora.

Deixe eu queimar eu sou o próximo eu sou o próximo

A fogueira

E a gente dança a gente dança em total liberdade enquanto as imagens ardem nas chamas

Não vai sobrar não vai sobrar não vai sobrar nada daqui a pouco)

(música é interrompida)

O que está acontecendo aqui?

O que vocês estão fazendo?

E a gente quer dizer:

Você sabe você sabe você sabe o que nós estamos fazendo. Certamente você sabe você sabia que a gente ia ter que.

Mas a gente não faz nada. A gente fica parado ao redor dela. Silêncio. Ela toma o espaço e ela vê.

E ela compreende então – ela sabe.

Tudo que ela pensava ser amizade era ódio. Tudo que ela pensava ser cuidado era inveja. Preocupação era destruição. Nós torcemos o pescoço dela e quebramos suas pernas e pisoteamos seu esqueleto.

E finalmente. Finalmente ela não estava mais ausente. E ela diz:

' Vocês são pessoas medíocres. Desde sempre pessoas medíocres. Tem gente nesse mundo que é medíocre e tem gente que não é. E eu não sou medíocre. Sim? Sim? Sim?

' Eu tenho talento. Eu tenho visão. Eu sou abençoada. Vocês não são.

' Vocês podem se esforçar o quanto quiserem mas isso é tudo o que sempre será. Não importa o que vocês façam nenhum de vocês jamais irá me alcançar.

'Vocês acham que eu não vi todo o ódio e a inveja durante todos esses anos? É claro que eu vi.

' E a Clara e o Téo morreram porque eles eram muito fracos para viver para viver e para fazer arte.

' Eu sou a única forte o suficiente para realmente viver e nada do que vocês fazem pode me atingir. Porque eu sempre serei a mais forte.

' Então me escrevam de tempos em tempos para que eu possa saber como anda a vida pequena de vocês.'

E foi um alívio quando ela disse isso - um alívio porque ela não estava mais ausente como em todos aqueles anos.

E realmente – realmente – ela falou a verdade.

Na verdade acho que essa foi uma das noites mais felizes da minha vida

Não, na verdade, acho que foi umas das noites mais felizes da minha vida. Ter alguém para dizer a verdade assim. Tente conseguir alguém para lhe dizer umas boas verdades... hoje mesmo..é realmente fantástico

E, agora. Anos se passaram. E dê uma olhada nesses braços – nenhuma marca – nada. Limpo. E esses quatro aqui – dentes novos. Lindos.

E aliás eu encontrei alguém de quem eu realmente gosto e eu tenho duas crianças -uma de seis, outra de quatro - e elas gostam de mim o que me faz me sentir muito bem. Porque

quando todos nós brincamos na piscininha de plástico lá em casa as coisas parecem estar muito bem. E cada um tem seu próprio telefone celular - por segurança-.

E eles adoram tirar fotos da mamãe deitada na piscina. Uma graça

E eu gosto de pensar que nós vamos nos encontrar de novo em algum evento de caridade para levantar fundos para alguma causa nobre. Algum lugar onde a gente possa se encontrar novamente. Porque eu sou um romântico incorrigível. Cada vez mais romântico à medida em que o tempo passa

Então. Acendam as velas. Enfeitem o bolo. Cantem a canção. A gang está toda aqui. Todos juntos aqui. O sonho é possível e oh a vida é longa.

(música)

FIM

POR ELISE
Canovaccio 5
Março/2005
Dramaturgia: Grace Passô

Texto elaborado no processo do espetáculo "Por Elise", criado em parceria com os atores Gustavo Bones, Samira Ávila, Marcelo Castro e Paulo Azevedo.

Personagens:
Homem
Lixeiro
Mulher
Funcionário
Dona de Casa
Vozes – Gritos dos Colegas do Lixeiro

POR ELISE

BILHETE DA SENHORA ELISE PARA OS ATORES:

A fé corre, a razão fala, a emoção tomba, o medo se protege, a verdade late.
Corra! Corra! Corra!

00

A peça não começou.
O ator que interpreta o personagem "Funcionário" entra em cena. Em silêncio, ele inicia uma seqüência de movimentos de Tai Chi Chuan. Sim: Tai Chi Chuan, essa palavra tão chinesa. Já reparou no quanto são suaves, leves e harmônicos esses movimentos? E na quietude concentrada? Já percebeu que quem os executa parece estar dando um profundo mergulho no ar particular? No ar tão particular? Repara. Viu como parecem Gestos De Lagoa? São movimentos que possuem a sabedoria da calma e do equilíbrio que os homens buscam. O equilíbrio que se busca ter nas situações todas: na morte, na vida, em frente a uma criança, num enfarte no coração.

(Que todas as quedas d'água, atormentadas, deságüem num Lago Sereno e fiquem por lá. Que esse Lago seja uma expressão sincera. De um mundo submerso intenso e misterioso).

Enquanto se movimenta, projeta-se sobre seu quimono branco a apresentação do espetáculo. Os Créditos iniciais. Algo como:

ESPANCA_APRESENTA:
POR ELISE
"E SE VOCÊ TROUXER O SEU LAR,
EU VOU CUIDAR DO SEU JARDIM".

01 – Um Homem e Uma Mulher

Flash de Mulher e Homem brincando displicentemente em cena. São duas pessoas que, pela intimidade, parecem se conhecer e brincam agradavelmente entre si.

02 – Raízes Profundas

Todos em cena. A Dona de Casa está mais à frente. Ela está com medo e fala para a platéia.

Dona de Casa: Estorinhas eu tenho mil. Poderia contar várias aqui para vocês. Tem a da senhora que brotou uma alface no meio do corpo dela. E ela se abriu para a vida. Essa é ótima. Uma das melhores que já ouvi por aqui. Tem a daquela mulher que estava triste andando na rua e caiu no bueiro: só que lá dentro ela encontrou homem na mesma situação, e então eles ficaram alegres. Olha que loucura. Tem a da família japonesa que a mãe colocou botox nos olhos. E ficou cega. É claro! Mas, sabe, esses orientais são imprevisíveis! Dizem que eles inventaram samambaias azuis! Você liga na tomada e elas ficam verdes. Tem a do meu vizinho, O Valico, que durante um enfarte no coração começou a dizer uma porção de palavras bonitas, de poesias espontâneas. A vida dele se enfartou e ele teve um ataque de lirismo. Eu juro. Muitas das que eu falo aqui são dele, que gravei daquele momento.

E há outras estórias sobre moradores daqui. E em volta daqui, é claro, existem várias outras pessoas: moradores, passantes... No entanto **(refere-se aos 4 quatro atores em cena)** a vida aqui é curta e nós poderemos mostrar só algumas dessas pessoas e dos encontros que eu já presenciei entre elas: encontros delicados.
Bem, quanto a mim, muito prazer, muito prazer...

Cai um abacate próximo a ela. Ela sente medo.

Eu sou a mulher que há alguns anos plantou um simples pé de abacate no quintal de sua casa. E ele cresceu. E então eu vivo assim. Assim! **(ela sente medo!)** Cuidado com o que planta no mundo! Por aqui, como eu, existem outros moradores desprotegidos, mesmo com cães dentro de casa. Companheiros de muros: muros de tijolos, muros de pele. Sabe, "Proteção" é mesmo bem importante. Eu, por exemplo, sempre quis colocar colchões largos em volta do pé de abacate de minha casa. Sim, colchões. Já passei muito tempo imaginando essa cena: de abacates caindo sem medo do alto dos ramos das árvores. Sem medo. Em colchões. Lá do alto eles talvez pensassem a dureza que seria o fim da queda, mas não seria. Eu queria a natureza mais doce. Ainda a respeito de "Proteção", gostaria de dizer que os cães latem o que escutam nas casas de seus donos, de seus vizinhos. Dizem. Por aqui eu sempre os ouço. Ouço o cão. Na casa ao lado? Na rua? Na minha própria casa? Eu ainda não conheci quem não escuta um cão no seu silêncio tão particular. Cão é o que não é oco. É o que não está oco. Dizem. Mas dizem também, por aqui que eu sei de muita coisa. Mentira! É claro que eu sei de algumas coisinhas; a vida também não é assim tão imprevisível. O carro de lixo, por exemplo, passa todas as Terças, pela manhã.

Cai outro abacate. Dona de Casa sente medo.

Está vendo? É que tem coisa que espanca, mas espanca doce. É por isso que eu peço: cuidado com o que planta no mundo. Cuidado com o que toca; com a capacidade que gente tem de se envolver com as coisas. Não adianta fingir que não sente. Gente sente tudo, se envolve com tudo! Sou eu que estou pedindo isso. Façam isso por mim. Por mim, por mim, por mim. **(agora para os quatro atores em cena)** Por mim! Isso também vale para vocês. Não se envolvam tanto! Escutem, vocês podem estar pensando que o que eu estou falando agora, nesse momento, foi memorizado antes também, mas agora não.... nesse momento eu juro que não, agora sou "eu" que estou falando: "eu!", "eu!". Por favor, não se envolvam tanto quando forem contar as histórias aqui. Não vale a pena. Olha, existem técnicas. Sim, técnicas para não precisarem sentir as coisas que vamos contar. Técnica é isso. Façam assim...

Ela sussurra para eles como devem fazer. Eles respondem positivamente, atentos. Ela continua a ensinar as Técnicas De Não Sentir, até que cai mais um abacate ao lado dela. Ela se lembra do medo e se desconcentra.

Oh meu Deus! Tudo bem... Eu estou falando assim, compulsivamente, porque eu sei do que vai acontecer aqui, nesse lugar. A vida não é assim tão imprevisível.

Começa a dar vários golpes fortes de Karatê, e enquanto golpeia, diz

Vocês não estão entendendo porque estou fazendo isso aqui, mas vocês vão entender. Eu juro. Vocês entenderão.

A Dona de Casa sai de cena.

03 – Fé e Emoção

Música. O Lixeiro está correndo, entra e sai de cena várias vezes, executando sua tarefa de correr atrás de um carro, trabalhando, igual fazem os lixeiros que correm e gritam coisas enquanto trabalham.. Ele tem um cotidiano intenso! Movimenta-se com agilidade, conversa em tom mais alto e sempre responde aos gritos de seus colegas de trabalho. Em um só dia ele ocupa muitos espaços, pois as cidades transbordam de ruas!

Entra a Mulher. Ela não anda, vaga. Vaga por qualquer lugar, à procura de algum. É o contrário dele, pois está prestes a perder algo que estima.

Se ele é fé, ela é sentimento.

Num determinado momento, os dois, Mulher e Lixeiro, começam a correr. A conversa entre eles supostamente continua mesmo nas coxias, mas eles só são ouvidos quando estão em cena. Com o tempo, os dois ficam cada vez mais fora do palco e, dessa forma, a conversa se torna uma continuação do que não se pôde ouvir.

LIX : (que comenta a mulher) Ô princesa!

MULHER: Que gentileza bruta.

GRITO DOS COLEGAS DE TRABALHO

MULHER: Que cotidiano intenso.

LIX: Tá perdida?

MULHER: É.

GRITO DOS COLEGAS. **LIXEIRO RESPONDE**

MULHER: Você disse o quê?

LIX: Hã?

MULHER: Nada não.

LIX: Você mora por aqui?

MULHER: Numa rua aqui perto.

LIX: E o que foi? Parece perdida. Um paraíso perdido!

MULHER: Tem um cigarro?

LIX: Eu não fumo em serviço. Mas o que foi? Posso ajudar em alguma coisa?

MULHER: Não..

GRITO DOS COLEGAS

LIX: (saindo) Ok, foi um prazer...

MULHER: (ela não o deixa sair) Por favor, conversa comigo.

LIX: (Ele não entende. Normalmente isso não acontece) Sim?

MULHER: ...

LIX: ...

Silêncio. Para ela fica difícil explicar tanta coisa que está acontecendo consigo. E ele a esperando dizer alguma coisa.

LIX: (que num impulso vai para tocá-la) O que eu posso fazer por você?

<u>Mulher</u> se afasta por reflexo

LIX: Desculpa.

MULHER: Não, eu é quem peço...

LIX: (a humildade) Imagina...

MULHER: É que você me pareceu tão decidido. Tão certo sobre seu caminho.

LIX: Eu?

MULHER: Sim.

GRITOS

LIX: Escuta, não fica com vergonha.. Se eu puder fazer alguma coisa por você..

MULHER: Não... Você é muito gentil, obrigada. Pode ir, eu não quero te atrapalhar.

LIX: Tudo bem.

Ele sai. Ela não agüenta e vai atrás dele. O palco fica vazio por alguns segundos. Os dois voltam correndo.

MULHER: Eu estou te atrapalhando?

LIX: Imagina.

Entram e saem em silêncio, algumas vezes.

MULHER: Estamos sem assunto não é? Eu sou tão sem graça às vezes.

LIX: Sem problemas.

MULHER: Você está me ajudando muito.

LIX: Que é isso, o que eu fiz?

MULHER: Qual é o seu nome?

Saem de cena.

MULHER: Bonito nome. Se escreve com "y"?

LIX: Não, com "w".

Saem de cena

LIX: Entendeu?

MULHER: Sim.

LIX: Você tá fugindo de alguma coisa?

MULHER: Posso te fazer uma pergunta? Pra você é simples assim? Você colocou na cabeça que deve correr, e aí você corre e pronto?

LIX: Que pergunta...

Ele sai. Ela fica.

MULHER: Escuta, meu cachorro vai ser sacrificado hoje.

LIX: O quê?

MULHER: Meu cachorro está doente e vai ser sacrificado hoje.

LIX: Então é disso que tá fugindo?

M: Não sei, acho que disso também...

***GRITO DOS COLEGAS*. Agora ela é quem responde gritando e sai correndo. É um grito de desabafo.**

LIX: (se assusta com a reação dela) Calma... Eu também procuro uma pessoa que há anos saiu para comprar cigarros e não voltou nunca mais.

Procura-a com os olhos. Ela sumiu. Sai de cena. O palco fica vazio por um tempo. Até que retornam

LIX: ... e aí é fogo mesmo. Mas a vida é isso... igual àquela vez que o Visconde de Sabugosa virou pra Emília e disse que...

Saem

MULHER: Eu adoro esse filme também...

LIX: ...é com aquela, a ... Sharon Stone, aquela é princesa também...

Saem

LIX. e MULHER: Bruce Willis!

Saem

MULHER: Você é um homem bom.

LIX: E você é uma mulher boa.

Lixeiro e Mulher se olham profundamente.

GRITOS

MULHER: Lá vou eu me despedir de mais um na minha vida.

Ela vai para beijá-lo. É uma pessoa especial.

LIX: (afasta, sem graça) Não... eu estou sujo. Escuta, vamos comigo mais um pouco. Vem, pára de fugir!

Os dois correm e somem pela coxia.

04 – A História Com Pontes De Safena

Dona de Casa representa para o Homem como foi o enfarte de seu vizinho Valico.

"Meu coração parece um cavalo novo com fogo nas patas, correndo em direção ao mar!"
"Oh vida, farpa de madeira intensa!"
"A natureza não é doce, os frutos é que são!"

Dona de Casa aproxima-se do Homem e diz olhando profundamente em seus olhos:

"PRESTE ATENÇÃO. MEU FILHO VEM ME VER. ELE DEVE ESTAR GRANDE. PEÇA PERDÃO A ELE. PERGUNTE SE ELE RECEBE O DINHEIRO QUE EU LHE MANDO PARA AS AULAS DE FUTEBOL".

Ela diz, agora não mais representando:

Ele dizia essas coisas durante o enfarte. Aí eu disse: "Valico, respire! Respire!

O Homem se assusta e sai correndo.

Espera! Eu só estou te contando como foi...

05 – Corações Japoneses

Entra o Funcionário. Ele tem uma roupa coberta por espumas. O Homem sai.

Func.: Bom dia.

Dona: Sim?

Func.: A senhora mora por aqui?

Dona: Sim. O que o senhor tem nos braços?

Func.: Uma proteção.

Dona: Sei..

Func.: Para o meu trabalho é necessário.

Dona: Um uniforme?

Func.: Sim.

Dona: Que interessante..

Func.: Pois bem, eu vim recolher o animal doente.

Dona: (assusta-se!) Ah, então é o senhor? Mas não é meu não. O senhor está procurando a mulher dali. Só que no...

Cai um abacate na cabeça do Funcionário. Ele não sente.

Dona: Cuidado!!!

Func.: O que foi?

Dona (muito preocupada): O senhor está bem?

Func.: Estou.

Cai outro abacate no Funcionário.

Dona: Meu Deus.

Func.: Algum problema, minha senhora?

Dona: Mas o senhor parece bem!?

Func.: Eu?

Dona: Meu Deus! **(esconde-se na coxia)**

Entra Lixeiro. Ele parece procurar algo, como quando se vai a um endereço pela primeira vez.

Func.: (ainda para a Dona) Senhora...

Dona: (da coxia) Eu vou ficar aqui. Aí está muito difícil.

Func.: E quanto ao animal doente?

Dona: Não é meu não. O senhor deve estar procurando a senhora que mora logo ali; mas ela não se encontra no momento. Espere um pouco.

A Dona sai

Lix: Oi. Mora por aqui?

Func.: Não

Lix: ...

Func: ...

Lix: Você é o que?

Func.: Como assim?

Lix: Essa roupa..

Func.: É meu uniforme.

Lix.: Sei. **(interessado)** Conhece alguém por aqui?

Func.: Não. Eu só estou a trabalho. Está procurando o quê?

Lix.: Por uma pessoa..

Func.: Uma pessoa?

OUVE-SE DA COXIA UM CÃO QUE LATE. "CÃES LATEM O QUE OUVEM NAS CASAS DE SEUS DONOS, DE SEUS VIZINHOS":
SAIA DESSA CASA! SAIA DESSA CASA! LARGA ESSE CIGARRO! ABAIXE ESSE SOM! ABAIXE ESSE SOM!

Lix: (comenta) Nossa, que braveza! **(volta ao assunto)** Mas o que faz exatamente?

Func.: Recolho animais doentes.

Lix.: Animais doentes? Bicho é coisa tão. Não te aperta o coração?

Func.: Te aperta o coração saber que matam galinhas?

OUVE-SE MAIS UM LATIDO:
NÃO ESQUEÇA DE FECHAR A PORTA! O TELEFONE ESTÁ TOCANDO! EU TE AMO! EU TE AMO! EU TE AMO! EU TE AMO!

Lix.: Você recolhe muitos por dia?

Func.: Ultimamente sim, eu estou trabalhando dobrado.

Lix.: Está juntando dinheiro?

Func.: Justamente.

Lix.: Vai comprar casa?

Func.: Não, vou viajar.

Lix: Recife?

Func.: Não, Japão.

Lix.: Japão?

Func.: Japão.

LATIDO:
JAPÃO! JAPÃO! JAPÃO!

Lix.: Então tem matado mais bichinhos para ir para lá?

Func.: ...

Lix: Você sabe falar japonês?

Func.: Estou aprendendo.

Lix: Como se fala "bom dia"?

Func.: "orraiogozaimás"

Lix: E "vassoura"?

Func.: "rouki"

Lix: "cuidado", como se fala?

Func.: Não sei..

Lix: Dizem que lá, você pode deixar suas sandálias nas ruas que ninguém pega!

Func.: E aqui se alguém deixar você é quem pega, não é?

Lix.: Mas... fala mais.

Func.: Japonês?

Lix.: Não.. Como é que você recolhe os bichos?

O Funcionário conta. Mas vários latidos abafam a conversa dos dois

Lix.: Japão! Mas porque um lugar tão longe? Tem algum parente por lá?

Func.: Não.

Lix.: O que vai fazer lá então?

Func.: E o que você está fazendo aqui?

Silêncio

Lix.: É por causa de alguma religião, não?

Func.: Mais ou menos.. Como soube?

Lix.: Não sei. Que religião é a sua?

Func.: (confunde-se) Não, não é bem uma "religião"..

Lix.: Seita?

Func.: É. Não... É um... uma.. é... Ela não é muito conhecida porque é mais um auto-conhecimento, sabe...

Lix: Sei.

Func.: Você tem religião?

Lix: (confunde-se) Tenho... Quer dizer, não é bem uma religião, é.. é... é assim.. um encontro que fazemos. Mas não é fanatismo nem nada dessas coisas não. É coisa séria mesmo.

Func.: Que bom, amigo. Você conhece a "Cerimônia das Palmas"?

Lix.: Não..

Func.: Essa é uma cerimônia do sul de um lugar que agora eu não estou me lembrando, mas eu tenho muita curiosidade quando ouço falar. As pessoas se reúnem e durante algum tempo elas começam a fazer assim **(ele começa a bater suavemente uma mão na outra, como se batesse palmas. Permanece assim por um bom tempo)**

Lix: Assim?

Func.: É. Eles dizem que em momentos especiais, enquanto batem, ao invés de contemplar o outro voccê deve pensar em si, em como anda seu caminho. E enquanto batem, eles repetem: "Cadê meu jardim, cadê meu jardim, cadê meu jardim, cadê meu jardim, cadê meu jardim, cadê meu jardim.".

Lix.: Que estranho.

Func.: Dizem que desperta a força particular que cada um tem. Isso é feito há anos e anos...

Lix.: Essa cerimônia?

Func.: Sim, há séculos.

Lix.: Você deve entender tudo dessas coisas, não?

Func.: Um pouco.

Lix.: E você torce pra que time?

Dona de Casa e Homem entra em cena, espiando suas galinhas que estão nas coxias.

Func.: (para o lixeiro) Ela mora por aqui.

Lix.: Ah sim... **(medroso, diz para a Dona)** Oi.

Dona de Casa se assusta com o Lixeiro. Pensa que esqueceu de colocar o lixo na porta.

Dona de Casa: Hoje é Terça Feira? Ai! Espere só um minutinho!

Sai correndo. Lixeiro corre atrás. Ambos somem pela coxia.

Mulher entra em cena. Funcionário diz "Bom Dia!" à ela, que corre dele. Ele vai atrás. Ambos somem pela coxia.

Dona e Lixeiro entram.

Dona de Casa: Só um minutinho! É rapidinho!

Ela some pela coxia. Ele pára, desiste de explicá-la que só quer uma informação.

Dona de Casa entra novamente correndo, mas se cansa e pára no palco.

Lix.: Espera!

Dona: (em respiros profundos) Cansei.

Lix.: Tudo bem?

Dona: Tudo, e você?

Lix.: Eu estou procurando uma pessoa.. **(olha para dentro da coxia, assusta-se com a quantidade de coisas que vê)** O que são aquilo?

Dona: Galinhas.

Lix.: (vê a quantidade) São muitas, não? A senhora deve vender bastante!

Dona: Que nada. Esses anos todos eu só vendi duas. É pelo motivo deste momento difícil que estamos passando. Essa falta de dinheiro... você sabe como é.

Lix.: A Senhora mesma quem abate?

Dona: Não veio aqui para isso, veio?

Lix.: Não.

GRITO DOS COLEGAS DE TRABALHO. **ELE RESPONDE**

Lix.: É que eu estou procurando uma pessoa..

Dona: Já disse.

Lix.: A senhora mora por aqui há muito tempo, não?

Dona: Moro, garoto.

Lix.: É que eu procuro o morador. É seu vizinho.

Dona: De qual vizinho está falando?

Lix.: É um senhor que eu estou procurando...

GRITOS DOS COLEGAS

Lix.: Não deixa pra lá. Eu volto aqui depois...

Dona: Espera..

Lix.: Não, eu volto aqui outra hora.

Dona: Não. Você quem é? Digo, o que é de meu vizinho?

O <u>Homem</u> entra e dá um beijo na dona, como se quisesse conversar.

Dona: (para <u>Homem</u>) Saia daqui, eu não quero brincar agora, ok? Depois conversamos. Vai pra casa!

Lix.: Eu estou atrapalhando a senhora, não é?

Dona: Eu perguntei o que é de meu vizinho.

Lix.: Filho.

Dona: ...

Lix.: "Valico" ele chama. **(quando pequeno, o Lixeiro o desenhou várias vezes)** É grande assim, forte, quase sem cabelo, fala a bessa, conversa com todo mundo... Até demais!

Dona: (Agora sabe de quem se trata. Prepara-se para dar a notícia) Como assim "até demais"?

Lix.: É que o seu vizinho saiu de minha casa há anos pra comprar cigarros e não voltou nunca mais.

Dona: É. Cigarro não faz mesmo bem à saúde.

Lix.: Sabe porque ele não está?

Dona: Ah, meu Deus!

Lix.: O que foi?

Dona: Eu sei de seu caso..

Lix.: A senhora me conhece?

Dona: Não, não te conheço mas conheci teu pai.

Lix.: Ele não mora mais aqui?

Dona: Não. Quer dizer... Eu tenho uma notícia muito difícil para você... Eu conheci bem o teu pai, antes dele..

Cai um abacate.

Lix.: Antes dele...

Dona: ...

Lix.: ...

Dona: ...

Lix.: (compreende) ...

Dona.: Infelizmente

Ele pega abacates do chão e joga, numa conversa com seu pai.

Lix.: Não, pai! Eu te escrevi cartas. Eu sonhei com você. Eu te enxerguei em tudo que é lugar. Eu te desenhei. Eu te desenhei. Eu rezei pra você. Seu torto! Rua sem chão! Avenida perdida! Estrada vazia! Grito meu! Você me espanca doce.

Dona: Escuta, você quer tomar um chá, um café...

Lix.: Pára com isso! **(controla-se)** Desculpa.

***GRITO DE COLEGAS LIXEIROS*.**

DONA: (respondendo aos gritos, em extinto maternal) Espera! Ele não pode ir agora! Também não é assim. Também não é qualquer hora que se têm pernas! **(para o lixeiro)** Escuta, ele pediu para dizer algumas coisas a você.

Lix.: O quê?

Dona: (fala o que há anos decorou): Ele disse: "PRESTE ATENÇÃO. MEU FILHO VEM ME VER. ELE DEVE ESTAR GRANDE. PEÇA PERDÃO A ELE".

Lix.: Só isso?

Dona: Sim. **(lembra-se)** Não! Ele ainda disse por último: "PERGUNTE SE ELE RECEBE O DINHEIRO QUE EU LHE MANDO PARA AS AULAS DE FUTEBOL".

Lix.: ...

Dona: Recebe?

Lix.: Não. Eu faço Karatê.

Dona: Karatê?

Lix.: É. Karatê. Só isso?

Dona (mente!): Não. Ele disse: "DIGA A ELE QUE EU O AMO."

Lix.: Disse mesmo?

Dona: Disse.

Lixeiro começa a executar movimentos de Karatê, como um expurgo muito particular. A Dona se assusta e sai. Os *GRITOS* agora são muitos e confusos.

07 – Humanos

Funcionário em cena. Ele agora está trabalhando e portanto é a hora que utiliza suas técnicas de trabalho. Ele protege- se com frieza e técnica.

Entram Mulher e Homem.

Func.: Boa Tarde.

Mulher: Boa Tarde.

Func.: Eu sou o funcionário que veio...

Mulher: Eu sei.

Func.: ...

Mulher: ...

Func.: ...

Mulher: Seu uniforme... é proteção?

Func.: Sim.

Mulher: Lida com animais muito bravos no seu trabalho, não é?

Func.: Lido.

Mulher: (sobre a roupa) É espuma?

Func.: É.

Mulher: Que interessante.

Func.: Quer apalpar? Pode.

Mulher: O quê?

Func.: Quer apalpar, pode.

Ela apalpa e sente o uniforme de espuma.

Mulher.: Mas não é proteção demais? Pra quê tudo isso?

Func.: A senhora vai entender.

Mulher: Eu?

Func.: É, a senhora vai entender. **(repara o Homem)** É ele?

Mulher: É. **(ela assobia, como se faz para os cachorros)** Vem cá, vem...

O que era o <u>Homem</u>, agora percebe-se que é um <u>Cão</u>.

Func.: (para o cão) Vamos?

Mulher: (ela percebe que está chegando a hora e tenta atrasar o tempo) O senhor quer um café?

Func.: Não, não bebo café.

Mulher: Quer um chá?

Func.: Chá? Não, obrigado.

Mulher: Quer algo com álcool?

Func.: Não, obrigado

Começa a ficar muita aflita. Já não dá pra esconder que está tentando ganhar tempo.

Mulher: Quer leite?

Func.: Não, obrigado.

Mulher: Como não quer um café?

Func.: Não, obrigado

Mulher: Qual o seu nome?

Func.: Não, obrigado

Mulher: (testa) Eu te amo.

Func.: Não, obrigado.

Ela bate no peito dele. Ele não sente. Tem o uniforme protetor.

Mulher: Desculpa.

Func.: Eu estou acostumado. A senhora me desculpe, mas não tenho muito tempo.

Mulher: Trabalha há muito tempo nisso?

Func.: Uns quatro anos.

Mulher: Mas não tem vontade de chorar numa hora dessas?

Func.: Eu não me envolvo, só isso.

O Cão pula em cima dele, feliz. Cães não têm consciência das coisas.

Mulher: Eu vou buscar a coleira dele.

Ela sai. O Cão começa a latir:

CÃO: É por isso que eu peço: cuidado com o que planta no mundo. Cuidado com o que toca; com a capacidade que gente tem de se envolver com as coisas. Não adianta fingir que não sente. Gente sente tudo. Se envolve com tudo! Tudo.

Ela volta.

Mulher: Calma **(passa a mão no seu bicho, brinca. Com consciência das coisas)**

Mulher: (para o Funcionário) Eu posso me despedir dele?

Func.: Claro.

A Mulher fica de quatro, para conversar com seu cão

Mulher: Obrigada, vai dar tudo certo.

A Mulher chora de quatro. O Cão a observa.

A Mulher fica em pé.

Mulher: Anda, pula aqui. Vem...

O Cão pula. Fica ereto. 2 patas! Parece gente. Lambe no rosto sua dona. Abraça. Ficou um cão doce de uma hora para outra.

O Cão e a Mulher se olham profundamente, pela primeira vez. Sai a Mulher.

Música. O Funcionário tenta pegar o bicho. Consegue.

... mas sua técnica falha e por alguns instantes ele se envolve profundamente com o bicho.

08 – A Natureza Do Tempo

Caem abacates e abacates.

09 – O Difícil Caminho Para O Jardim

Funcionário passa mal, está sentindo seu coração como se fosse um cavalo. No fundo, ele sofre com o que trabalha. Para se acalmar, começa a executar movimentos de Tai Chi Chuan. Um a um, todos entram em cena. Todos estão precisando se acalmar. Todos passam a executar, em conjunto, movimentos de Tai Chi Chuan. A encenação está precisando respirar e eles sabem disso.

... mas o Funcionário tem um ataque no coração enquanto pratica Tai Chi Chuan. Oh! Coração japonês!

Func.: Meu coração tá parecendo um cavalo trotando! Eu não respiro, socorro! E Deus? Deus respira? E Deus, quem respira por ele? Quem respira por ele? Cadê Deus? Quem é Deus? Quem é Ele?

LIX: Eu não sei! Eu não sei! Eu não sei!

Func.: Kamí sãma uá dokoní íru. Deshioo ka. E se eu chegar no Japão e ele não estiver lá? E se eu chegar no Japão e ele não estiver lá?

Lixeiro carrega o Funcionário e agora corre para salvá-lo. Eles saem mas a música continua no palco vazio, ainda por alguns minutos. Vamos respirar um pouco.

10 Correndo Para o Mar

Mulher e Dona:

Dona: Dá licença. Seu barulho está me incomodando, você poderia abaixar?

Mulher: Desculpe.

Dona: Bonitas essas cercas elétricas coloridas que eles inventaram agora, não? E os alarmes novos? Com barulhos de pássaros, grilos, cães... Será que de galinhas? **(Percebe a mulher, que não parece bem)** O que foi? É seu animalzinho?

Mulher: Não, sou eu mesma.

Dona: Eu sei. Está aí, não ê? Sofrendo com o cuidado que não tomou na vida. **(olha para o público)** E eu estou falando isso agora para "você", não estou me importando se tem gente olhando para nós ou mão. Agora sou "eu" que estou falando. Você se protege pouco, envolve com qualquer coisa que passa por sua vida, sem nenhum cuidado de...

Mulher: Cuidado demais sufoca.

Dona: Mas olha para você.

Mulher: Olha para você.

Dona: Está falando de quê?

Mulher (vira um cão!): Eu estou falando de gente. De mim, de você. Você tem suas galinhas, não tem?

Dona: O que minhas galinhas têm com isso?

Mulher: Você vive de vender galinhas abatidas. Você compra suas galinhas, e primeiro, o que faz?

Dona: Dou nome a elas.

Mulher: Dá nome a elas, depois dá apelidos. E quando vê, você não consegue mais matar as galinhas. Não consegue. Você não consegue deixar de se envolver nem com suas galinhas! Você não consegue deixar de se envolver com nada!

Silêncio.

Dona (perde a razão, vira um cão!) : Pára com isso, não faz isso comigo. Você não me conhece. Quem você pensa que é? Não toca em mim. Não chega perto. O alarme da minha casa dispara. Me deixa aqui, no meu canto. Se o telefone tocar eu não estou. Cuidado pra não pular o meu muro porque ele está cheio de cacos. Cheio. Cuidado comigo! Cuidado comigo! Cuidado comigo!

Dona: Desculpe.

Mulher: Está tarde.

Dona: Eu estou cansada.

Mulher: Quer um chá?

Dona: Não.

Mulher: Um café?

Dona: Não.

Mulher: Quer um leite?

Dona: Não, obrigada.

Mulher: Você quer álcool?

Dona: Eu não quero.

Mulher: Olha para essa posição. Quem nos tira daqui?

Dona: Eu não sei. Eu sei contar histórias dos outros. As minhas não sei. Por que numa hora dessas não cai nada lá de cima? **(para a árvore)** Pode tombar em mim. Anda! Tomba!

O Lixeiro passa correndo

Dona: (comenta sobre o Lixeiro) Parece um cavalo novo com fogo nas patas, correndo pro mar. Não parece?

Mulher: Tá ouvindo?

Dona: O quê?

Mulher: O caminhão de gás. Que música bonita pra compras gás chorando, não é?

O Funcionário entra correndo. Ele procura o Lixeiro, que entra logo em seguida. Eles se encontram.

Func.: Espera. Eu estava te procurando.

Lix.: O que foi? Você tá bem?

Func: Eu queria agradecer muito por você ter me acudido ...

Lix.: Não precisa.

Func.: Na verdade, eu preciso te falar uma coisa.

Lix.: O que foi?

Func.: É sobre a cerimônia das Palmas, que te ensinei? Ela não existe. Eu inventei. É mentira, fiquei com peso na consciência de te ver fazendo, achando que é algo importante....

Lix.: Que estranho.

Func.: Porquê?

Lix.: Nada não..

No entanto, a Mulher experimenta para si a Cerimônia das Palmas, enquanto se ouve a música "Pour Elise"

11 A Fé

A mulher procura sua força. Faz a sua cerimônia das palmas.

Mulher: Eu sou forte como cavalo novo com fogo nas patas correndo em direção ao mar. Eu sou forte como cavalo novo com fogo nas patas correndo em direção ao mar! Deus, eu não vou te incomodar! Eu juro. Pode ficar aí. É sério, é só pra ficar olhando. Eu vou me levantar daqui sozinha e vou voltar a correr porque é da Ordem. E se for necessário eu vou começar tudo de novo. Vou acordar de manhã, e fazer o café, e ligar a secretária eletrônica, o alarme, e vou colocar cacos nos muros e olhar meu jardim. Porque eu sou forte.

Ela chora. Ela chora.

E vou criar outros instantes, e ninguém vai perceber que estou criando, porque todos vão se envolver! TODOS! E que venham os fins, que venham todos os fins porque eu sei recomeçar, eu sei! Eu sei! Quem respira por mim? Quem respira por mim ?
Porque eu sou forte como um cavalo novo com fogo nas patas, correndo em direção ao mar. CORRENDO EM DIREÇÃO AO MAR! CORRENDO EM DIREÇÃO AO MAR! CORRENDO EM DIREÇÃO AO MAR! CORRENDO EM DIREÇÃO AO MAR!

E a Mulher se levanta, se estiver caída; corre se estiver parada; respira se estiver sem ar. M*esmo sendo preciso mais força do que de costume*.

12– O Recomeço. A Continuação.

Música de Fim, de Recomeço ou de Continuação. Lixeiro e Mulher repetem a movimentação de quando se conheceram.

Enquanto correm, a Dona entra e abre uma coxia de um lado do palco. Vê-se um colchão sendo segurado pelo Funcionário, que amortece as entradas e saídas de cena do Lixeiro e da Mulher.

Todos entram em cena na formação inicial da peça, menos o cão. Assustados? Sem respostas? Em silêncio!

A <u>Dona</u> abre outra coxia, do outro lado do palco. Está fazendo o teatro transbordar na vida. O <u>Cão</u> está lá e late:

CÃO: CUIDADO. CUIDADO COM O QUE TOCA. COM A CAPACIDADE QUE GENTE TEM DE SE ENVOLVER COM AS COISAS. COM O AMOR, QUE ESPANCA DOCE. FAÇA ISSO POR MIM. **POR MIM! POR MIM! POR MIM! POR MIM!**

BLACK OUT. FIM DA PEÇA.

13 O Mar Termina Onde?

A peça acabou.

Acendem-se as luzes. Os atores estão lá, como de costume, para receber os aplausos.

O público aplaude. Os atores aplaudem.

Mas aos poucos, os atores começam a fazer a "Cerimônias das Palmas". E quando o público percebe-se, também está.

Mentira. Não era o fim.

****** ... *******

Maria Shu

relógios de areia

1.

Rompendo a tranquilidade das águas

Alçando voos e desafiando a lei

(da gravidade)

Salta a baleia.

JONAS

Misturado a restos de comida, eu navego em oceanos ilegais. Pisei fileiras de dentes, atolei língua e escorreguei noite adentro a garganta da baleia. Eu aceitei o compromisso. A viagem. A paga.

Não quis nem saber a rota.

Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?

Sou um homem pobre. Encharcado. Mastigado. Engolido. O cheiro podre das poças de água e a sensação permanente de mil cadáveres me fazem companhia o tempo inteiro. Aqui é oco. Eco. Eu arrasto silêncios. Se eu gritasse, a solidão voltava com mais força pra mim e me acertava feito um bumerangue. Ela é absoluta e negra.

Eu quero sair…e ficar.

(som de coaxar)

Tiras de céu me ferem os olhos e eu me perco em carne que não é minha. Carne oleosa. Viscosa. Gelatinosa. Sinto o mundo pelo interior do monstro marinho sacudido de tanto mar, de tanta camada-célula-mucosa-osso-músculo-epiderme…pele. O corpo agarrado às engrenagens, inundando-se em rubro-vida.

Dentro é escuridão.

Quando se está nos porões, a lua é só uma hipótese.

Ventos de longa viagem uivam na minha noite e preenchem o tempo.

O canto da baleia atordoa, me ata em suas cordas vocais.

(Pausa)

Enjoado, sem poder vomitar.

O estômago cheio de não-comida.

O intestino sonhando com merda.

Expulsa com força o ar do pulmão

Faz subir a grande nuvem

(de fumaça)

Como um bebê, regurgita-me azedo.

Fim da viagem.

BALEIA

Faze bem o teu trabalho.

Pois neste reino não há perdão.

JONAS

Sim, senhor, Capitão.

Vou fazer meu melhor e prestar contas.

2.

Sentado num trono de louça

O negro rei pare filhos brancos.

JONAS

De tanto aluguel a barriga estufou.

O ventre intumescido se debate em contrações.

Ondas de dor vêm em torrentes e me açoitam as tripas. Pulsa. O corpo inteiro mergulhado na tarefa de liberar crianças de pó. Vasculho o lado avesso do ladrilho e me julgo cimento. Concretado. Impossível sair sem se estourar. Meus olhos adentram as trincas de azulejo e se afogam em duas lágrimas. A umidade borrada de teto é esmagadora. Roxos de segurar tenho dez dedos magros. Os braços arrebentam veias.

Lá fora, um cachorro latindo por entre os altos muros.

Mares vazam minha testa e a boca é um território da sede.

O Baleia aqui é mais seguro que um grande navio.

(som de coaxar)

Pernas tremem comovidas. Começa uma batalha de vermes no meu intestino.

Força, Jonas!Três mil reais anestesiam qualquer humilhação.

Sinto os filhos me arranharem as vísceras, derrocarem as minhas paredes. Minha obrigação é conduzi-los através dos becos escuros. Eles tateiam na escuridão e não encontram a saída. Vamos, crianças, dêem-se as mãos! Eu guio vocês. Não tenham medo, que a luz logo vem.

A ordem máxima de expulsá-las chega.

Elas se lançam ao precipício

UMA A

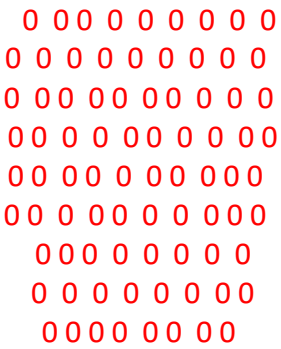
Uma

Duuuuuas

Trinnnnntequat

Se…senta e noooove

Oi…ten-ta e TRÊS!



O cardume bóia no rio de sangue**.**

Oitenta e três pequenos hóspedes

deixam a hospedaria

pela porta de trás.

Lavo cada filho parido para não feder.

Em sacos plásticos, deposito os meus bebês para que durmam o primeiro sono. Não, eles não são meus. A barriga é alugada. Eles respiram sem dificuldade. Todos inteiros. Roliços. Pesam um grama cada.

Filhos que nascem sem umbigo deixam outra cicatriz.

Oitenta e três.

Pode conferir.

Estão todos aí, conforme o combinado.

Vinde a mim as criancinhas!

(Pausa)

Tem certeza

de que foram lavados?

Evidente que sim, senhor.

Espera!Esse fedor vem da sua boca!

(som de coaxar)

3.

Do cruzamento entre a potranca

e o explorador

nasceu o burro-de-carga.

JONAS

A virtude?

Você quer saber o que fiz com a minha virtude?

BALEIA

O Baleia aqui não te promete nada.

JONAS

A virtude eu engoli…

BALEIA

É por tua conta e risco.

JONAS

num dia de tédio e armários vazios.

BALEIA

Esquema simples.

JONAS

Tudo é dinheiro…

BALEIA

Pago bem.

JONAS

Se eu tivesse seu carro

sua casa

seu *iphone…*

BALEIA

Tu podes conseguir o que não tem.

JONAS

…eu TAMBÉM seria virtuoso.

BALEIA

Ou não.

JONAS

Também são feitos de carne, sangue e sonho

o coração dos burros-de-carga.

BALEIA

Esta é a hora, Jonas. Destrua tuas rédeas, empine!

Derrube o antigo cavaleiro. E siga-me a partir de agora.

Ancorado à quilha
seu coração enxergou
um aroma dentro:
Jonas soltou as amarras
e enlaçou o sonho a navegar
além.

.

.

.

.

.

JONAS

Eu aceito, senhor.

Quero saber o que se esconde depois da onda.

4.

O alimentador

JONAS

Foi enfiando o braço na sua goela que, por anos, eu o alimentei.

Noites a boca desdentada engolia as brancas montanhas

e pedia bis.

Pais sabem a medida exata da fome de seus filhos.

(Pausa)

Um dia, a carne ferida gemeu de tanto sal.

E o estômago xilogravou uma úlcera.

O porto é o lugar onde jantam os navios.

O estivador está entranhado nos porões,

VEM MAIS, VEM MAIS...AÍ, DEU!

É a substância aquosa

É líquido ácido atuando sobre a carga, fazendo a digestão.

DEU, DEU, DEU...A ALTURA DEU!

É quintessência.

Orvalha as madrugadas com teu suor

Que teu fim é a redenção.

Suar até mesmo dormindo.

(Pausa)

História de estivador:

Ele organizava as sacas de sal. O estivador é o braço da engrenagem. O braço direito. A cabeça dele na saudade de um braço de mar. Sonhando com o dia da folga:

DEU FOLGA DO GUINDASTE.

Decepado, o braço acenou-lhe à distância e saudou o céu bonito, o tempo firme. O esquerdo. Era o braço esquerdo. O sangue do animal respingou em mim.

O mar vermelho
correu pelo pavilhão.

O que é que se faz com um braço esquerdo que se desprende no meio de um turno? Ora! Substitui-se por um direito porque a fome do navio prossegue. Aliás, para que serve um braço esquerdo mesmo?

Acidentes acontecem…
O socorro virá
Ele será içado.
Vamos trabalhar!

Cada grama de sal
equivale a uma lágrima derramada.

Dias amargos
de sal
e
de sol.

5.

Tempo

tem

pó.

A refeição. O PRATO VEIO CHEIO. **Amém**. *Amém.* AMÉM. *Não é preciso talheres.* COMA COM AS MÃOS. **Feito um animal.** *Você é um animal*. RASTEIRO. **Ele mergulha a coisa na calda rala**. *O molho, para as suas "ervilhas". Cerre os olhos e deguste a iguaria.* **Jonas engole sem mastigar.** BEM DEVAGAR PARA NÃO RASGAR A GARGANTA. Devagar. **O corpo repeliu uma vez.** DEU ÂNSIA. **Tenta de novo**. *São biscoitos finos, Jonas. Engula esses biscoitos finos que a vida lhe oferece*. NÃO É SEMPRE QUE ALGO ASSIM ME ACONTECE. *Respire e engula.* **É só isso o que você tem que fazer.** EU SÓ EXISTO PARA ENGOLIR. **Lembra daquele pelo preso entre os seus dentes de leite, Jonas?** VAMOS, VOCÊ AGUENTA. *Mais uma*. **Ele abre a boca.** *Mais. Maaaaaaaais*. VOCÊ ALUGOU SEU CORPO PARA ELE. **Não, agora não tem mais volta.** EU NÃO SOU COVARDE. **Ou prefere engolir…?** *Ponha na boca mais uma maldita "ervilha"! Deixe de frescuras!* **Seja homem ao menos uma vez na vida!**ESTOU ME SENTINDO MAIS SUJO QUE A NICA CHUPETA DEPOIS DE UM NAVIO DE MARINHEIROS. *Se esforça!* **Ele pensa na grana**.*Vai dar tudo certo.* CALMA! CALMA!TUDO É QUESTÃO DE RELAXAR O ESÔFAGO. *Isso, isso, isso!* **São como aquelas uvas grandes e macias! Suculentas.** Você treinou. **Cof! Cof! Cof!***Respira, porra!Um, dois, três…vamos, de novo*! **Sua cota de "ervilhas"**. EU PRECISO DAR CONTA DELAS. *O molho.* NA BOCA. **Descendo.** FOI FÁCIL AGORA. *Mais, mais*. **O prato está esvaziando**. *Você pode fazer isso.* EU QUERO FAZER ISSO! ***NÓS PODEMOS***. EU CONFIO EM VOCÊ.

(Pausa longa. Som de coaxar)

Uma píton explodiu depois de engolir o jacaré. Pedaços dos dois répteis foram encontrados no parque. DEU NA TEVÊ. *Pode ser montagem*. QUATRO METROS TINHA A COBRA DOS ESTADOS UNIDOS. **Olha o aviãozinho**! EU VOU PRA LÁ. **O estômago da píton envolvia a cabeça, ombros e patas dianteiras do jacaré**.*Engole, Jonas*!EU NÃO VOU EXPLODIR. *Se uma merda dessas estourar no seu estômago* OU NO MEU INTESTINO, **ele já era**. **Morte por overdose. A absorção é rápida.** É *como morrer na praia, depois de ter engolido o mar, entende?* BOBAGEM, UMA PORÇÃO DE BOBAGEM**. Ele disse que vai dar tudo certo. Ele acha**. *Todo mundo vai morrer um dia, de um jeito ou de outro.* TEMPO TEM PÓ. **Os relógios de areia derramam de um cone para o outro.** EU SOU COMO UMA AMPULHETA IDIOTA CORRENDO CONTRA O TEMPO. **Se o cone quebrar, se a ervilha vazar, o relógio morre.** EU. *Você*. **Ele morre**. CUIDADO, JONAS, MUITO CUIDADO.

6.

Cronos engoliu

todos os seus filhos

à medida em que eles nasciam.

JONAS

Permaneçam um tempo mais, queridos.Por favor. Fiquem em mim até chegar a boa hora.

UMA PASSAGEIRA QUALQUER

Tem medo de voar? É sua primeira vez?

JONAS

Sim, quer dizer, n-não!

Apenas cansaço.

UMA PASSAGEIRA QUALQUER

Nesta época do ano o nevoeiro é comum. Os voos atrasam mesmo.

JONAS

É, duas horas de atraso.

UMA PASSAGEIRA QUALQUER

No inverno é pior. Já cheguei a esperar três horas pra voar por causa desta maldita neblina. Quase perco o casamento da minha sobrinha! Filha do meu irmão caçula, ela. Ele trabalhou uns poucos meses numa firma, mas foi mandado embora. Por incompetência, não duvido. Cá entre nós, ele sempre foi o mais "burrinho" da familia. Papai, por causa desse meu irmão ficou com o desgosto colado na alma. Tenho irmão engenheiro, irmã médica...Já lhe disse que sou arquiteta? Está aqui o meu cartão, se precisar, faço um orçamento pra você sem compromisso, se bem que você, tão novo, talvez ainda não precise dos meus serviços, mas me recomende, por favor. O fato é que o caçula não tem profissão! Não soube aproveitar, nunca gostou de estudar, quebrava os óculos, de propósito, para não ter de ir à escola.Papai devia ter lhe dado uma bela de uma surra, quando criança ou pedido para outro que o fizesse em dias de agenda cheia. Eu teria aceitado.Eu sou a irmã mais velha, dei banho, troquei fralda...dei comida na boca. Tinha direitos de mãe, não tinha? Mãe é aquela que cria, já disseram. Deu-se que, por conta dessa mania da gente proteger o mais novo, que ele cresceu sem juízo e se meteu com uma colega de trabalho. Que tivesse seus casinhos, mas se cuidasse! Eu sei

que vocês homens já nascem com o desejo nos olhos, não adianta negar.Uma moça sem eira nem beira que só percebeu a gravidez lá pro sexto mês de gestação, quando o meu irmão, por ter recebido uma proposta de trabalho, já residia numa outra cidade com a esposa e dois filhos. Um lugar calmo, calmo demais pra mim, que sou inteiramente urbana. Eles já se acostumaram com a pacatez do lugar. Se bem, que hoje em dia, não existe mais essa coisa de segurança no interior. Está tudo igual. Violência, droga...não tem pra onde correr. Bastardinha cresceu até os dez anos sem conhecer o mar e o pai. Não me leve a mal, eu gosto muito da menina; 'bastardinha" é um apelido bobo que ficou. Fez um ótimo casamento na Espanha. Que festa! Um luxo, só. Ela hospedou todos os familiares. Fez questão.Nessa vida, tudo é dinheiro, não é? Lembro como se fosse hoje do dia em que ela e a mãe apareceram debaixo de uma chuva que eu vou te dizer. Em pleno Natal, a família toda reunida...um es-cân-da-lo! A minha cunhada não aguentou a notícia, se estabacou no chão.Meu pai andava pra cima e pra baixo com a mão sobre o peito, dizendo pra si mesmo os piores palavrões do universo.A minha mãe gritava histérica: A MENINA NÃO TEM CULPA ! A MENINA NÃO TEM CULPA DE NADA! A amante falava sem parar, competindo com o vozerio. E a menina, a menina tremia num canto, de medo ou de frio.Ela inteira pingava, de chuva ou de choro, tão misturado que não dava pra saber .O Natal acabou! Você acredita que eu voltei de estômago vazio? Cheguei em casa e tomei um copo de leite com bolachas pra dormir.Mas no fim das contas, o que é que se podia fazer? O jeito era ele assumir as responsabilidades paternas e engolir a filha.

JONAS

Sssssssssei....

UMA PASSAGEIRA QUALQUER

Por Deus, você está pálido! Branco como um punhado de sal! Perdão, mas há momentos que desabafar com um desconhecido vale bem mais que uma sessão com o analista! E é de graça!

JONAS

Hmmmmmm

UMA PASSAGEIRA QUALQUER

Está com dor de barriga?Comeu alguma coisa que não te fez bem? Quer que eu chame a aeromoça?

JONAS

Não se preocupe.Está tudo bem.Com licença.

Faz piada.

Debocha.

JONAS

Filhos que nascem prematuramente

precisam ser reengolidos.

7.

Decrifa-me ou me engole

Jonas, como foi a operação?

Tudo saiu conforme o esperado, capitão.

O terreno já foi devidamente salgado, capitão.

E quanto a casa?

Nossos homens a derrubaram.

Elas ofereceram resistência?

Capturar as fêmeas com filhotes deu mais trabalho, capitão, mas já estão a bordo.

Carnudas?

Sim, senhor. E muito apetitosas, se o senhor me permite esta observação.

Acalmem os ânimos, homens!

Somos um time e eu sou o capitão.

Caso haja algum problema, eu conversarei com o juiz, compreenderam?

SIM, SENHOR!

Glória! Eu sou o pai. O pai é sagrado. O pai é o senhor.

Senhor Jonas, desculpe interrompê-lo, mas elas já estão a sua espera.

Novinhas?

12,13,16...

E onde elas estão?

Na sala.

Oh! Excelente!

Como está tempo?

Céu firme, sem previsão de tempestades.

Ok…hora de navegar.

8.

Uma nova missão

BALEIA

Jonas, Jonas. Acorde!

JONAS

Algum problema, capitão?

BALEIA

Quero que viajes até uma cidade distante

e alimentes uma boca com 35 ervilhas.

JONAS

Está certo da quantidade, capitão?

O capitão sabe que tenho as vísceras generosas,

que eu posso mais…

BALEIA

Acreditas em Deus, Jonas?

JONAS

Eu só acredito em úlceras.

BALEIA

Mas que falta de fé é essa?

(saca um revólver)

Reze um pai-nosso agora.

JONAS

Pater noster, Qui es in caelis, sanctificetur nomem tuum. Adveniat regnum tuum.

Fiat voluntas tua, sicut in caelo et in terra.

(som de coaxar)

BALEIA

Mais alto!

JONAS

Panen nostrum quotidianum da nobis hodie. Et dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostri.

Et ne nos inducas in tentationem: sed libera nos a malo. Amen.

BALEIA

Amém, amém, amém.

Muito bom, meu filho.

Olha-me assim, por quê?

O Baleia não é feio como pintam.

O Baleia só ajuda gente vazia a se preencher.

JONAS

Onde estão as ervilhas, capitão?

BALEIA

Acalma-te e prepara-te!

Em breve farás a boa ação.

9.

Uma graça especial

dos

deuses

QUAL É O SEU NOME? jonas

JONAS DAS COUVES? NÃO TEM SOBRENOME, NÃO? da silva jonas da silva

QUANTOS ANOS VOCÊ TEM, RAPAZ? dezenove mês que vem

SABE QUE VOCÊ VEIO PRA ESTA SALA, TER UM PARTICULAR COMIGO? não sei senhor

TE DELATARAM, VAGABUNDO! JÁ SABEMOS QUE VOCÊ TRABALHA PARA O NARCOTRÁFICO COMO MULA como o quê

NÃO ME FAÇA PERDER A PORRA DA PACIÊNCIA! DE SANTOS DA SUA MARCA ESTOU ATÉ AQUI! COMO MULA, CARREGANDO DROGA NO ESTÔMAGO! pode olhar não tem nada não

TÁ PENSANDO QUE TEM OTÁRIO AQUI? SENTA! DESEMBUCHA! TÁ TRAFICANDO COCAÍNA OU ECTASY?

(som de coaxar)

não trafico droga não senhor

QUAL É A SUA PROFISSÃO? estivador

AH! E APROVEITA PRA INSERIR DROGA EM PRODUTOS VENDIDOS PARA FORA DO BRASIL? não senhor só carregar descarregar navio arrumar mercadoria regular manter o equilíbr

PRA MIM, VOCÊ É PEIXE PEQUENO. APOSTO QUE FORAM OS PRÓPRIOS CARAS DA SUA QUADRILHA QUE TE ENTREGARAM, QUE TE FIZERAM DE ISCA PARA DISTRAIR A NOSSA ATENÇÃO, ENQUANTO OUTRA MULA, COM UMA CARGA MUITO MAIOR NA BARRIGA SAIU DESSE AEROPORTO. *(PAUSA)* É ASSIM QUE VOCÊS TRABALHAM, ESSE É O ESQUEMA. FOI ISSO QUE ACONTECEU, NÃO FOI? MELHOR VOCÊ FALAR, MACONHEIRO! não sei de nada disso doutor

SUA FAMÍLIA SABE QUE VOCÊ TRABALHA PARA O TRÁFICO? eu não faço isso

SE UMA MERDA DESSAS ESTOURAR NO SEU ESTÔMAGO OU NO SEU INTESTINO, VOCÊ JÁ ERA. MORTE POR OVERDOSE, MALANDRO. A ABSORÇÃO É RÁPIDA.

NÃO TEM MEDO DE MORRER, RAPAZ?

TÁ SURDO, PORRA? PERGUNTEI SE VOCÊ NÃO TEM MEDO DA MORTE!

~~só tenho medo de morrer na praia depois de ter engolido o mar~~ eu não sei dizer

TEM UM HOSPITAL PERTINHO DAQUI. VOCÊ FAZ UM RAIO-X E AÍ A GENTE VÊ SE TEM OU NÃO TEM COISA AÍ DENTRO.VOCÊ VAI SE FUDER DE VERDE-AMARELO.

eu
engoli

MAIS ALTO!

EU ENGOLI EU SOU UM ENGOLIDO!

Engulo tudo desde que eu me entendo por gente

Já me mandaram engolir choro medo raiva decepção comida mal-feita vitaminas caseiras
COMO SE EU FOSSE UM ARTISTA DE CIRCO
COMO SE EU FOSSE UM ENGOLIDOR DE FOGO OU DE FACAS.

Já me enfiaram goela abaixo carne azeda de homem veias grossas sêmen vômito o pelo preso entre meus dentes de leite jatos de cândida o filete de sangue no canto da boca as sete águas
COMO SE EU FOSSE UM ARTISTA DE CIRCO
COMO SE EU FOSSE UM ENGOLIDOR DE FOGO OU DE FACAS.

por muito tempo eu engoli
lorotas
afrontas
injustiças
distâncias
pílulas
saliva
gato por lebre
SAPOS de todos os tamanhos
contra a minha vontade eu engoli
sem nunca fazer digestão

O estômago
era uma nau sem rumo
singrando num oceano de secreções.

Há uma plantação de mandrágoras crescendo dentro de mim

feito o pé de feijão daquela velha história
o caule da mandrágora atravessou as nuvens
e me levou às masmorras do castelo

foi o meu pai quem a plantou

pensei em podar mas não tive coragem
Peguei a tesoura do jardim
Olhei a boca do corte
E tonteei com o cheiro.

estranhas são as entranhas de Jonas.
O enxofre borbulha
e as serpentes fétidas de fumaça
saem pela boca e
pelo cu.

engulo porra
mas já basta de desaforos

porque o universo inteiro já passou na aridez da minha goela

COCAÍNA OU ECSTASY?

CONSIDERE-SE UM HOMEM ENCRENCADO SE EU TIVER DE REPETIR ESSA PERGUNTA!

achei que era melhor ser mula
que burro-de-carga
mas não é!
a origem é a mesma doutor
continuo atraindo olhares para a minha jaula apertada
nasci híbrido
e vou morrer híbrido

JONAS DA SILVA, O SENHOR ESTÁ PRES… sal

COMO É QUE É?

SAL
35 ervilhas
de sal

O SENHOR É LOUCO OU O QUÊ?

Engoli 35 cápsulas de sal no lugar de cocaína

(*Pausa)*

não é crime o que eu trago nas entranhas, senhor
é sal

(Pausa)

eu era a bola da vez
a isca
sem diferença daquelas que pescador embrulha em jornal velho
mas acontece que eu engoli o anzol, entende?

Inverte-se uma ampulheta
para renovar o tempo que gastou

comprei luva cirúrgica fio dental
preparei de madrugada
pacote por pacote
e recheei com sal

FICOU IGUALZINHO!

quando o baleia botou na minha frente o prato com a carga pra engolir
dei um jeito de trocar a coca pelo sal

embaladas as duas coisas são bem parecidas

Erro é deixar-se pegar.

sal doutor eu engoli sal

só não sei se o sal que eu engoli me conservará
ou tornará podre o que me resta

O senhor vai me prender por isso? É contra a lei engolir sal?

10.
SALda vida.

JONAS

Depois de tudo

AINDA

O cheiro intenso da mandrágora

Escapa pelos poros

os sete buracos da cabeça

e vãos de dente.

Depois de tudo

AINDA

Metamorfoseiam girinos

No coaxar do estômago pantanoso desse burro-mula.

Homem

ao

mar.

11.

O primeiro anjo a entrar no mar

Chamaram de SALVA-VIDAS.

SALVA-VIDAS

Uma-duas-três-quatro-cinco-seis-sete-oito-nove-dez-onze-doze-treze-catorze-quinze.

Vamos, vamos! Você engoliu muito sal!

(Respiração boca-a-boca)

Uma-duas-três-quatro-cinco-seis-sete-oito-nove-dez-onze-doze-treze-catorze-quinze.

Força, Jonas!Estou te dando o que você precisa na boca!

(Respiração boca-a-boca)

Uma-duas-três-quatro-cinco-seis-sete-oito-nove-dez-onze-doze-treze-catorze-quinze.

Respire! É só isso o que você tem que fazer!

(Respiração boca-a-boca)

Uma-duas-três-quatro-cinco-seis-sete-oito-nove-dez-onze-doze-treze-catorze-quinze.

Vamos! Deixe de frescuras! Seja homem ao menos uma vez na vida!

(Respiração boca-a-boca)

Uma

Duuuuuas

Trinnnnntequat

Trinnnnnta e CINCO!

RESPIRA, PORRA! **Vai morrer**

na praia

depois de ter engolido o mar?

Jonas vomita

12.
O início vem de mares distantes

O fim termina no começo

JONAS *(aos pés de seu vômito)*

O terreno estomacal foi devidamente salgado.

Murcham as mandrágoras.

E os sapos pularam em desespero

expulsos pela camada salina

Se esfalecem os anuros.

(Pausa)

Eu, zerado.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

Silêncio.

(pausa)

Senhor, como é que se vive sem sapos e mandrágoras

Se eles já são a extensão de nossos corpos?

FIM



Bertolt Brecht

A Santa Joana dos Matadouros

Tradução e apresentação
Roberto Schwarz

COSACNAIFY

APRESENTAÇÃO

O bate-boca das classes por Roberto Schwarz, 7

A Santa Joana dos Matadouros, 15

APÊNDICE

Panorama crítico, 197

Sugestões de leitura, 211

O bate-boca das classes por Roberto Schwarz[1]

Experimentalismo estético e Revolução Russa pertencem a um mesmo momento, de crise da ordem burguesa, por volta da Primeira Guerra Mundial. Quando, por exemplo, os dadaístas atacavam a obra de arte e a instituição artística, julgavam consumar uma liquidação histórica, assim como fazia Lenin, quando afirmava a atualidade da revolução, em decorrência das contradições da etapa imperialista. Sem fazer de Lenin um prócer dadá, nem esquecer que boa parte das inovações estéticas de nosso tempo veio de homens apolíticos ou reacionários, vale a pena insistir no parentesco: socialismo e vanguardismo viam como caducas as formas do mundo burguês e quiseram apressar o seu fim.

1 Esta nota acompanhou a publicação das primeiras cenas da peça em *Novos Estudos* CEBRAP, nº 4, 1982. O conjunto foi retomado em *Que Horas São?* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987). Na presente tradução da peça de Brecht aproveitei sugestões de Gilda de Mello Souza, Modesto Carone, Vinícius Dantas e Boris Schnaiderman (N.T.).

Por isso mesmo, espanta que não tenha sido maior a sua associação e, sobretudo, que no interior da esquerda tenha havido tanta hostilidade ao espírito experimental, a ponto de se formar um desencontro histórico. Este ainda não está devidamente analisado, e a sua explicação pelo "acidente stalinista" é insuficiente, já que o problema vinha de antes e não se solucionou depois.

Seja como for, entre os escritores que são a referência neste século foram poucos os que movimentaram uma cultura de esquerda mais desenvolvida, e pouquíssimos os que fizeram dela, mais que uma bandeira bem aceita, um fermento de inovação. Aqui sobressai a figura de Brecht, cuja inventiva artística – fenomenal, e sempre acintosa – se alimentava metodicamente do estudo e da experiência da luta de classes.

Nos palcos brasileiros, o Brecht que se tem visto é outro, de um período anterior, cujo cinismo anárquico veio a calhar com a exasperação e a desilusão políticas que tomaram conta do meio artístico nos anos do AI-5. Sem lhe desconhecer o valor, é certo que o Brecht verdadeiramente novo e decisivo é o da maturidade, que associou em grande escala a experimentação artística e a reflexão política, donde aliás o prestígio mundial e de certa forma extraliterário que se prendeu a seu nome. Contrariamente ao que é moda dizer, é ele o artista mais audacioso, complexo e *diferente*.

Hoje o ponto de vista dos trabalhadores volta a integrar – e perturbar, pela natureza das coisas – o nosso espectro político legal. Ora, como nenhum outro, o teatro de Brecht fixou as dissonâncias e contorções que transfiguram a cultura burguesa sempre que os explorados têm a palavra, a qual a seu modo e por sua vez é interesseira, contraditória, inautêntica,

frusta etc., pois o autor não é populista. É certo que a Alemanha de Weimar não é o Brasil da abertura, mas este quadro, com os esvaziamentos e as relativizações que ocasiona, está na ordem do dia entre nós.

A Santa Joana dos Matadouros (1929-31) é uma das grandes peças do século. Na tradução que segue, quisemos divulgar timbres e modos de composição quase inexplorados na literatura brasileira.

O *assunto* é a crise do capitalismo, cujo ciclo de prosperidade, superprodução, desemprego, quebras e nova concentração do capital determina as estações do entrecho. As *personagens* são a massa trabalhadora, empregada ou desempregada, os magnatas da indústria da carne, os especuladores e – disputando as consciências – os comunistas e uma variante do Exército da Salvação (os Boinas Pretas). Servem de *lugar* os matadouros de Chicago, o edifício da bolsa de valores e o quartel dos soldados de Deus. A *linguagem*, agressivamente artificial e heterogênea, força a promiscuidade de estilos verbais com repugnância recíproca. Ela é calcada, entre outros modelos, na realidade sangrenta e comercial dos matadouros; em momentos escolhidamente sublimes da lírica alemã (a dicção helenizante de Hölderlin e Goethe, o clima final do segundo Fausto, a interioridade exaltada do expressionismo); na terminologia da especulação financeira; na sobriedade trágica dos gregos; na retórica dos agitadores de porta de fábrica; na Bíblia de Lutero; na miséria operária. O objeto da preocupação comum, enfim, é a paralisação ou a retomada da produção de enlatados: greve geral e/ou presunto e salsichas.

Como este apanhado indica, o traço é redutor e caricato, e tem algo em comum com os desenhos de seu contemporâneo George Grosz. Trata-se do clima "chocante" e materialista

do Naturalismo, menos a sua componente de fatalidade, substituída pela certeza escarninha da exploração econômica e da mistificação ideológica. Na visão revolucionária, orientada pela crítica ao capital, miséria e baixeza deixam de ser um destino para se tornarem peças de acusação no bate-boca teórico entre as classes. Daí a substituição da caridade pela euforia intelectual e pelo sarcasmo. A combinação inesperada de brutalismo e gosto de explicar é um achado de Brecht e formaliza um aspecto real de posição de esquerda.

Entretanto, o realce da dimensão esquemática não tem efeito apenas polêmico. Ele faz que o antagonismo de classe apareça enquanto tal e em grande, na dimensão da sociedade inteira, e que esteja em jogo o seu ser-ou-não-ser; o que para uma literatura de intenção revolucionária é um efeito precioso. Note-se aliás que *generalidades* tais como o ciclo da crise capitalista, os assalariados da indústria da carne ou os açambarcadores – ditas antiartísticas, por excederem a esfera intuitiva e negarem a pessoa – são bem mais aceitáveis para um espírito esclarecido que os enquadramentos míticos ou as alegorizações com que os escritores de nosso tempo buscaram traduzir a dimensão coletiva ou remediar a irrelevância das anedotas individuais, que são o ponto de partida de todos. Neste sentido, o seu teor de abstração (que pareceu "formalismo" a Lukács) é um elemento realista e faz parte do intuito brechtiano de orquestrar a cena ideológica em sua amplitude e cacofonia *reais*. Emprestando a imaginação ao contraste entre as vozes da peça, verdadeiramente impressionante, e cuja força se deve a essas generalidades, o leitor ouvirá – esperamos – algo como a música da sociedade global. Seja dito de passagem que poucos anos depois Oswald de Andrade tentava coisa parecida no *Rei da vela* (1937).

Por serem assuntos "baixos", a exploração de classe e a carne enlatada são tratadas na *Santa Joana* em linguagem nobre, emprestada de Hölderlin e Goethe. O efeito de profanação é ostensivo e encarna, para ser breve, as objeções do materialismo ao idealismo e dos explorados à celebração do homem "em geral". Entretanto, note-se que a outra face da moeda é tão ou mais importante: eis aí, expressas com excelência, no verso mais armado da literatura alemã, a luta de classes e a fabricação de salsichas – o que, bem pesadas as coisas, é um avanço popular. A posição de Brecht diante da tradição é complexa. Nada mais avesso a seu espírito que abrir mão de conquistas intelectuais ou técnicas, o que vale a pena lembrar, por ser contrário ao populismo em arte.

Para ter ideia da maestria e da clareza estudada com que Brecht transpõe situações da luta de classes, veja-se adiante a passagem brevíssima em que o desemprego invade as ruas por todos os lados. Como numa inundação a que não há como fugir, os desempregados pedem emprego a desempregados que lhes querem pedir emprego. Veja-se igualmente a concisão na fala dos 70 mil trabalhadores de Lennox & Co., que diante dos portões fechados da fábrica expressam a natureza contraditória de sua relação com o capital. Sem transição, encadeados pela lógica das coisas, os momentos se alinham como blocos: a revolta contra o salário insuficiente, a decisão de deixar um trabalho aviltante, a necessidade que obriga os trabalhadores a ficar, a reivindicação de condições melhores, a aceitação de condições piores, a familiaridade com os meios de produção, o desespero de não dispor deles, as súplicas que são ameaças, e, enfim, a asfixia operária em decorrência da competição intercapitalista. Último exemplo, vejam-se os belíssimos versos de

Joana sobre o imediatismo dos pobres, em que as apreciações da classe dominante – sempre insultuosas – sobre a falta de espiritualidade e visão dos miseráveis compõem um lamento paradoxal, que pode ser lido a contrapelo, como admissão de que no mundo operário se forma uma cultura voltada para a satisfação das necessidades reais do ser humano.

Para terminar, algumas observações sobre o verso usado na peça. De hábito, em literatura, a argumentação é tida como a menos artística das atividades. Entretanto, é nela que o verso de Brecht encontra os seus melhores efeitos, uma espécie de poesia da conduta inteligente (ou sublinhadamente inepta, como nos argumentos insustentáveis dos Boinas Pretas). O ritmo da dicção é submetido ao andamento argumentativo, que tem musicalidade específica, a qual vai primar também sobre a musicalidade da palavra. Ou melhor, esta é metodicamente desmanchada, para que ressalte a outra, mais vinculada à apreensão intelectual. Na condução do verso ocorre algo de mesma ordem, através da valorização complexa de sua pausa final, que é o resultado de um truque simples: Brecht não põe vírgula no fim da linha, o qual em consequência pode – mas não precisa – ter função de vírgular, dúvida esta que obriga sempre a um intervalo. E se de fato a pausa frequentemente virgula a fala, às vezes ela separa palavras que logicamente estariam juntas, ou, ainda, interrompe um raciocínio. A incerteza quanto à sua função cria algo como um suspense de final de verso, que se desfaz e refaz quase que linha a linha, e que é um elemento de desautomatização e de intelectualização da leitura. Não cabe aqui uma análise desenvolvida deste procedimento, de modo que baste uma de suas variantes. Como o leitor vai notar, é constante o recurso a um tipo especial de corte, em

que o argumento que animará o verso seguinte começa pela última palavra do verso anterior, o qual fica ostensivamente inconcluso. Isto, que é um ritmo dos mais definidos, faz que a dimensão do raciocínio prevaleça sobre a disposição gráfica, mas enquanto efeito dela, sem anular a divisão em versos nem muito menos deslizar para a prosa. Assim, misturada à grita das situações e dos argumentos, corre também uma delicada música de variações e tensões, composta pelo deslocamento constante do lugar em que se cortam ou concluem os versos ou raciocínios, pendentes sempre uns dos outros.

A Santa Joana dos Matadouros

PERSONAGENS

Joana Dark, tenente dos Boinas Pretas
Pedro Paulo Bocarra, em alemão Pierpont Mauler,
[o Rei dos Frigoríficos
Cridle, Graham, Lennox, Meyers, magnatas
[da carne em conserva
Slift, um corretor
Dona Luckerniddle
Gloomb, um trabalhador
Paulus Snyder, major dos Boinas Pretas
Maria, soldado dos Boinas Pretas
Jackson, tenente dos Boinas Pretas
Mulberry, um locatário
Um servente
Industriais da carne enlatada
Atacadistas
Criadores de gado
Corretores
Especuladores
Boinas Pretas
Trabalhadores
Dirigentes operários
Os pobres
Detetives
Jornalistas
Jornaleiros
Soldados
Rapazes

Contramestre

Agentes

Músicos

Colaboradores: H. Borchardt, E. Burri e E. Hauptmann

I

O REI DOS FRIGORÍFICOS PEDRO PAULO BOCARRA (MAULER) RECEBE UMA CARTA DE SEUS AMIGOS DE NOVA YORK

Nos matadouros de Chicago.

Bocarra *lendo uma carta* "Tudo indica, querido Pedro Paulo, que o mercado de carne agora está bastante abarrotado. Acresce que as barreiras alfandegárias do Sul resistem ao nosso ataque. Parece aconselhável portanto, caro Pedro Paulo, largar mão do comércio de carne." Esta dica de meus caros amigos de Nova York chegou hoje. Aí vem o meu sócio.

Ele esconde a carta.

Cridle

Por que tão sombrio, caro Pedro Paulo?

BOCARRA
Lembra-te, Cridle, o dia
Em que percorrendo o matadouro – era noite –
Paramos ao pé da máquina de enlatar presunto?
Lembra-te, ó Cridle, aquele vitelo
Que virava o olho claro, grande e obtuso para o céu
Enquanto entrava na faca? Senti como se fosse carne
[de minha carne.
Ai de nós, Cridle, como é sangrento o nosso comércio.

CRIDLE
Mais uma vez a tua velha fraqueza, Pedro Paulo?
É quase inverossímil. Você, o gigante dos enlatados
O rei dos matadouros que faz tremer os açougueiros deste país
Você se desfaz em compaixão por um bezerro loiro.
Peço-te que não traias tal fraqueza diante dos outros.

BOCARRA
Leal amigo Cridle!
Eu não devia ter ido ao matadouro!
Em sete anos que estou neste negócio não fui lá
Evitei. Mas agora que fui, é mais forte do que eu; hoje mesmo
Deixo este negócio sanguinário.
Fique você com ele, a minha parte eu te deixo a preço
Vil, e deixo de coração. Ninguém como você
É unha e carne com este negócio

CRIDLE
A preço vil, quanto?

BOCARRA
Entre velhos amigos não
Cabe pechinchar muito.
Digamos dez milhões.

CRIDLE
Não estaria caro se não fosse o Lennox
Que disputa conosco lata por lata de carne
Que nos estraga o mercado com preços baixos
Que nos liquida se não for liquidado.
Enquanto ele não cair, e só você pode derrubá-lo
Não aceito a tua proposta. Até lá
Usarás a tua privilegiada inteligência cheia de astúcias.

BOCARRA
Não, Cridle, os gemidos daquele vitelo
Não silenciam mais neste peito. É urgente
A destruição de Lennox, porque eu próprio
Desejo tornar-me um homem bom e já
Não quero ser um carniceiro. Vem, Cridle, vou
Te mostrar como se quebra o Lennox em pouco tempo.
Em seguida ficarás com minha parte neste comércio
[que me dói.

CRIDLE
Quando Lennox for abatido.

Os dois saem.

II

a.

A QUEBRA DAS GRANDES INDÚSTRIAS DE CARNE

Diante das Indústrias Lennox.

Os trabalhadores
Somos setenta mil trabalhadores nas Indústrias
[de Carne Lennox
E não podemos viver nem mais um dia com este salário de fome
Que ontem, por cima, voltou a baixar.
Hoje, os provocadores madrugaram no portão:
Quem acha pouco o que Lennox paga
É só ir embora.
Pois bem, vamos todos embora e mandemos
À merda este salário que dia a dia é menor.
Silêncio.

Não é de hoje que este trabalho nos repugna
Que esta fábrica nos suplicia, e jamais
Não fosse a soma dos horrores da fria Chicago
Nós estaríamos aqui. Agora porém
Que doze horas de trabalho já não pagam
Um pão ou uma calça ordinária, agora
Mais vale ir embora já
E esticar as canelas hoje, em vez de amanhã.
Silêncio.
Eles estão pensando o quê? Pensam
Que somos gado
Que aceitamos tudo? Nós
Somos trouxas? Antes morrer! Nós
Vamos embora daqui imediatamente.
Silêncio.
Já não são seis horas?
Por que não abrem os portões, seus exploradores? Aqui
Está o seu gado, seus carniceiros, abram!
Batem nos portões.
Será que esqueceram de nós?
Gargalhadas.
Abram! Nós
Queremos entrar em vossas
Arapucas e cozinhas imundas para
Preparar carne de restos
Para outras bocas mais endinheiradas.
Silêncio.
Exigimos no mínimo
O salário anterior, que já era insuficiente, no mínimo
A jornada de dez horas, no mínimo...

Um homem *que passa* O que estão esperando? Não sabem
Que Lennox fechou?

Jornaleiros cruzam o palco correndo.

Os jornaleiros Fechadas as indústrias do rei da carne Lennox! Setenta mil trabalhadores sem pão nem teto! Lennox vítima da implacável guerra de preços do rei da carne e da filantropia Pedro Paulo Bocarra.

Os trabalhadores
Ai de nós!
O próprio inferno
Nos fecha as suas portas!
Estamos perdidos. O sanguinário Bocarra
Aperta a garganta de nosso explorador
E quem sufoca somos nós!

b.

P. P. Bocarra

Rua.

Os jornaleiros A *Tribuna de Chicago*, edição da tarde! O rei da carne e da filantropia P. P. Bocarra comparece à inauguração dos Hospitais Bocarra, os maiores e mais caros do mundo!

Passam Bocarra e dois homens.

UM PASSANTE *a outro* Aquele é o P. P. Bocarra. Você conhece os outros dois?

O OUTRO São detetives. Estão de olho para impedir que ele seja linchado.

c.

PARA TRAZER CONSOLO À DESOLAÇÃO NOS MATADOUROS OS BOINAS PRETAS SAEM DE SEU QUARTEL: PRIMEIRA DESCIDA DE JOANA ÀS PROFUNDEZAS

Diante do quartel dos Boinas Pretas.

JOANA *à frente de um comando de Boinas Pretas*
Em tempos turvos de caos cruento
E desordem por decreto
E abuso previsto
E humanidade desfigurada
Quando a agitação nas capitais já não para de engrossar
Descemos aos matadouros
A que se parece o mundo.
Chamados
Pelo boato de violências iminentes
A fim de impedir que em sua brutalidade a gente simples

Destrua as próprias ferramentas
E pise o seu pão, nós trazemos
Deus.
A popularidade Dele não é o que era.
Malvisto por muitos
Ele já não tem entrada
Nos domínios da vida real:
E no entanto é Ele a única salvação dos espezinhados!
Por isto nos decidimos
A rufar os tambores em Seu nome
Para que Ele tome pé nos bairros miseráveis
E a Sua voz ecoe nos matadouros.
Aos Boinas Pretas
E esta nossa iniciativa é com certeza
A última do gênero. A tentativa derradeira
De reerguê-Lo em meio à desagregação geral, e isto
Com o apoio dos espezinhados.

Afastam-se batendo os tambores.

d.

OS BOINAS PRETAS TRABALHAM DA MANHÃ ATÉ A NOITE NOS MATADOUROS MAS QUANDO A TARDE CAIU NÃO HAVIAM ALCANÇADO PRATICAMENTE NADA

Diante das Indústrias Lennox.

Um trabalhador Parece que estão tramando mais uma negociata gigantesca no mercado de carnes. Enquanto isto nem a nossa fome nós enganamos.

Outro trabalhador
A luz do escritório está acesa.
Eles estão calculando os lucros.

Chegam os Boinas Pretas. Armam uma publicidade: "Um teto a 20 centavos por noite; com café, 30".

Os boinas pretas *cantam*
Atenção, muita atenção!
O senhor aí que está falido
A moça ali que está um trapo
O vosso pranto foi ouvido.
Calem-se as buzinas, cesse o ronco dos motores!
Esperança, irmãos: eis os vossos protetores!
E tu, a ponto embora de naufragar
Dá-nos teu olhar
Antes de afundar.
Nós te trazemos pão
E garra para lutar
Pela tua salvação.
E não queiram dizer que é tudo inútil
Pois a situação da injustiça fica insustentável
Se todos vierem conosco e marcharem
De mãos dadas, numa forma responsável.
Faremos desfilar canhões e tanques
Aviões em quantidade

Cruzadores cruzarão o mar
Teu prato de sopa, irmão, eles vão batalhar.
Pois o vosso número, pobres da terra,
De tão aterrador,
Fará do rico o vosso defensor!
Avante pois, ao assalto, com as frontes levantadas!
Ânimo, ó náufragos da vida! Aqui estamos de mãos dadas!

Durante o canto os Boinas Pretas distribuem o seu jornalzinho, O Brado de Guerra, *além de pratos, colheres e sopa. Os trabalhadores dizem "obrigado" e escutam a fala de Joana.*

Joana Somos os soldados de Deus. Por causa de nossos chapéus, chamam-nos de Boinas Pretas. Onde cresce a agitação, onde desponta a violência, aí estamos nós, marchando com tambores e bandeiras, lembrando aos homens que Deus existe, coisa que muitos esquecem. Nós nos dizemos soldados porque formamos um exército, que marcha contra o crime e a miséria, contra as forças que nos puxam para baixo. *Ela mesma começa a distribuir a sopa.* Muito bem, agora vocês tomem a sopa antes que esfrie, e hão de ver que a vida logo melhora, mas façam o favor também de pensar um pouco Naquele que nos dá a sopa e todas as demais coisas. E enquanto estiverem pensando, verão que é Ele a solução definitiva: ambições altas, sim; vulgares, não. Disputar um bom lugar lá em cima, e não aqui embaixo. O importante é ser o primeiro no céu, e não na terra, que não resolve. Aliás, vocês mesmos estão vendo como é precária a felicidade terrena. Ela é inteiramente incerta. A desgraça cai sobre nossas cabeças de repente e sem explicação, como a chuva que nos molha sem que

ninguém seja culpado. Haveria acaso um responsável pelas suas desgraças?

UM DOS QUE ESTÃO COMENDO A culpa é de Lennox & Cia.

JOANA Mister Lennox possivelmente está mais aflito que vocês. Vocês o que têm a perder? Ele está perdendo milhões!

UM TRABALHADOR O caldinho está ralo, mas água quente faz bem à saúde.

OUTRO Quem estiver comendo cale a boca e ouça as palavras do céu. Porque senão vamos ficar também sem a sopinha.

JOANA Calma! Caros amigos, qual será a razão da sua pobreza?

UM TRABALHADOR A explicação da moça deve ser brilhante.

JOANA Eu vou explicar. A sua pobreza não reside na falta de bens terrenos – estes não dão mesmo para todos –, mas na falta de espiritualidade. É por isso que vocês são pobres. As satisfações baixas a que vocês aspiram, uma janta, a casa arranjada, o cinema, são satisfações vulgares e materiais, mas a palavra de Deus é um prazer mais fino, mais íntimo, mais requintado, vocês talvez não imaginem nada mais doce que um sorvete, mas a palavra de Deus é muito mais doce, ela é infinitamente doce! É como leite e mel, e quem mora com Ele mora num palácio de ouro e mármore. Gente sem fé! Os pássaros que cruzam os céus não têm carteira de trabalho, os lírios do campo não têm emprego, mas

Deus lhes dá o sustento, para que cantem a Sua glória. Vocês só pensam em subir na vida, mas subir para onde, subir de que maneira?! Nós, Boinas Pretas, fazemos a vocês uma pergunta muito prática: o que é preciso para ser alguém?

UM TRABALHADOR Um pistolão forte...

JOANA Não, o pistolão não adianta. Talvez ajude a progredir, aqui na terra, mas diante de Deus é preciso ter muito mais, uma recomendação melhor, e aí vocês não têm nada, porque descuidaram de sua alma. Vocês querem melhorar de vida, mas o que é que vocês, ingênuos, entendem por "melhorar"? Pensam que será usando a força bruta? A força leva à destruição, e mais nada. Vocês acreditam que, mostrando as garras, conquistam o paraíso. Pois eu lhes digo que por aí não se vai ao paraíso, por aí se vai ao caos.

Um trabalhador entra correndo.

O TRABALHADOR
Vagou um emprego!
Um emprego com salário
Na fábrica número cinco!
É um emprego de merda.
Corram!

Três trabalhadores deixam o prato cheio e saem correndo.

JOANA Ei, vocês aí, aonde vão? Quando se trata de Deus vocês não têm ouvidos, hem?

Uma boina preta A sopa acabou.

Os trabalhadores
Acabou a sopinha.
Era pouca e rala.
Mas melhor do que nada.

Todos se levantam para ir embora.

Joana Acabou, mas que importância tem isso? Fiquem sentados! A sopeira do céu está sempre cheia e dá para todos.

Os trabalhadores
Vocês vão ou não vão abrir
As suas casas de esfola?
Carniceiros!

Formam-se grupos.

Um homem
Como pagarei a minha casinha tão arranjada e úmida
Em que moramos doze pessoas? Dezessete
Prestações estão pagas, mas faltando a última
Estamos na rua e nunca mais veremos
O chão de terra batida com capim-amarelo
Nunca mais a fumaça empestada de cada dia
Virá encher de vida o nosso peito.

Outro homem *numa roda*
Aqui estamos com as nossas mãos que são pás

Com os nossos lombos que são carros de transporte
E queremos vender as mãos e o lombo
E não há comprador.

Os trabalhadores
E nossas ferramentas
Guindastes, prensas
Tudo está fechado atrás dos muros!

Joana Vejam só. Eles nem fingem que estão interessados! Comeram bem? Façam boa digestão, e muito obrigada por tudo. Mas agora mesmo vocês não estavam me ouvindo?

Um trabalhador Foi por causa da sopa.

Joana Vamos prosseguir. Cantem!

Os boinas pretas *cantam*
Onde é mais negra a batalha
Ergue-se um canto de amor
Irmãos, a glória não falha
É a voz de Jesus, o nosso Redentor!

Uma voz *ao fundo* O Bocarra está empregando gente!

Os trabalhadores saem, com exceção de algumas mulheres.

Joana *sombria* Vamos guardar os instrumentos. Vocês viram como eles caem fora quando acaba a sopa?

A visão deles não vai além de um prato de comida.
Eles não acreditam em nada
Só se estiver em sua mão
Isto quando acreditam na mão.
Vivendo na ignorância do que será amanhã
Eles não transcendem o terra-a-terra mais rasteiro.
Só a fome lhes fala de igual para igual.
Palavras e cantorias não chegam à profundidade
A que eles desceram.
Aos circunstantes
Nós, Boinas Pretas, nos sentimos como se de nossas pobres colheres dependesse o alimento da metade faminta do planeta.

Os trabalhadores voltam. Gritos ao longe.

Os TRABALHADORES *na frente* Que gritos são estes? Um povo imenso, vindo dos frigoríficos!

Voz ao fundo
Bocarra e Cridle também fecharam!
Locaute nas Indústrias Bocarra!

O REFLUXO DOS TRABALHADORES
Procurando trabalho a meio caminho encontramos
Vinda de outro lado outra multidão desesperada.
Acabavam de perder o trabalho
E nos perguntavam por trabalho.

UM TRABALHADOR *à frente*
Ai de nós, a massa humana chega de toda parte.

O fenômeno é colossal. O próprio Bocarra fechou.
Para onde vamos?

OS BOINAS PRETAS *a Joana* Vem conosco. Estamos com frio e molhados, e precisamos comer.

JOANA Mas eu quero saber quem é o culpado destas desgraças.

OS BOINAS PRETAS
Para! Não te metas! Certamente
Vão encher a tua cabeça. Na cabeça deles
Há só baixeza. São vadios!
Só pensam em comer e fugir ao trabalho.
Nasceram incapazes de um pensamento elevado!

JOANA Mas eu quero saber. *Aos trabalhadores* Agora me expliquem: por que vocês estão aqui, sem trabalho?

OS TRABALHADORES
O sanguinário Bocarra está em luta
Com Lennox, o sovina, e por isso passamos fome.

JOANA
Onde mora o Bocarra?

OS TRABALHADORES
No lugar em que se negociam as boiadas
Na chamada Bolsa de Carnes.

JOANA
Vou até lá
Porque eu quero saber.

MARTA *uma das Boinas Pretas*
Não te metas! Quem muito pergunta
Ouve muitas respostas.

JOANA
Eu quero ver o tal Bocarra, que causa tanta miséria.

OS BOINAS PRETAS
Neste caso o teu destino é negro, Joana.
Não te intrometas em disputas terrenas!
Quem se mistura é tragado.
A tua pureza não resistirá. Breve
Em meio à frieza geral estará perdido
O teu pouco calor. A bondade abandona
Quem se afasta do aprisco.
De degrau em degrau
Buscando sempre mais baixo a resposta que não alcanças
Desaparecerás na sujeira!
Porque é com sujeira que se fecham as bocas
Dos que perguntam sem prudência.

JOANA
Eu quero saber.

Os Boinas Pretas saem.

III

PEDRO PAULO BOCARRA TEM A REVELAÇÃO DE UM OUTRO MUNDO

Diante da Bolsa de Carnes.
Joana e Marta esperam embaixo, enquanto no alto os magnatas da carne, Lennox e Graham, conversam. Lennox está branco como giz. Ao fundo a gritaria da Bolsa.

GRAHAM
Acertou-te o tremendo Bocarra
Ó bondoso Lennox! Irresistível
É a ascensão daquele monstro a cujo toque
A natureza se transforma em mercadoria e cobra um preço
A própria brisa. Ele é capaz de nos revender o que comido está.
Escombros lhe dão aluguéis, de carne podre
Ele tira dinheiro, e se você lhe jogar pedras é certo
Que as transforma em dinheiro também, e tão

Incontrolável é este talento para a pecúnia, tão natural
A monstruosidade que mesmo querendo
Ele não freia o instinto na sua pessoa.
Mas nota que Bocarra é delicado e não ama o dinheiro
Nem suporta a miséria, que não o deixa dormir.
Por isso o melhor é te aproximares dele
Dizendo: Bocarra, olha para mim e desarrocha
A minha garganta, pensa na tua velhice.
É certo que ele terá um sobressalto. Talvez chore...

JOANA *a Marta*
Só tu Marta vieste comigo
Até aqui. Os demais
Afastaram-se com lábios que advertiam
Como se eu andasse em extremos – estranha advertência!
Eu te agradeço, Marta.

MARTA Também eu te preveni, Joana.

JOANA E vieste comigo.

MARTA Você saberá reconhecê-lo, Joana?

JOANA Tenho confiança que sim!

Cridle aparece no alto.

CRIDLE
Por fim, Lennox, o tempo em que você rebaixava preços
Acabou. Você mordeu o pó. Agora fecho os portões e espero
A recuperação do mercado. Lavo meus matadouros
Engraxo as facas e mando trazer umas tantas máquinas
Novas, que poupam muito salário.
É um novo sistema, da máxima inteligência.
Suspenso em tela de arame, o suíno sobe
Ao andar mais alto onde começa a ser abatido.
Com leve ajuda o animal se precipita das alturas
Sobre as facas. Entendeu? O suíno corta-se
Por conta própria e transforma-se em salsicha.
Assim, caindo de etapa em etapa, abandonado
Pela sua pele, que se transforma em couro
Separando-se de seus pelos que serão escovas
E deixando enfim os seus ossos – futura
Farinha – o suíno impele a si mesmo
Rumo à lata de conserva. Entendeu?

GRAHAM
Entendi. Porém, qual será o destino das latas? Malditos tempos!
O mercado está impraticável, abarrotado de mercadorias.
O comércio, que florescia, parou.
A vossa briga de foice em mercados repletos
Arruinou os preços, como em sua luta de morte
Os búfalos estragam os pastos que disputam.

Aparecem Bocarra e seu corretor Slift, juntamente com outros industriais do enlatado. Atrás dele, dois detetives.

OS INDUSTRIAIS
Agora é ver quem aguenta mais!

Bocarra
Lennox mordeu o pó. *A Lennox* Reconheça que você
[está liquidado.
E agora que Lennox deixou de existir, conforme
[o nosso contrato
Cridle, você ficará com o negócio da carne.

Cridle
De fato, Lennox deixou de existir. Mas
O tempo do mercado favorável também
E por isso, Bocarra, dez milhões por tuas ações é muito!

Bocarra
O quê? O preço está
Aqui no contrato! Aqui, Lennox, diga
Se isto não é um contrato e se o preço escrito é outro!

Cridle
Sim, um contrato feito nos bons tempos.
Mas o tempo das vacas magras também está no contrato?
De que serve um matadouro só para mim
Se ninguém compra uma lata de carne sequer?
Entendi por que já não suportas a morte
De um boi, é porque a carne dele já não tem comprador!

Bocarra
Calúnias. A gritaria
Da carne torturada me enlouquece o coração.

Graham
Grande Bocarra, reconheço agora
A superioridade do teu ser, mesmo o teu coração
Enxerga longe.

Lennox
Bocarra, será que não podíamos...

Graham
Toca o coração dele, Lennox, toca o coração
Que é uma víscera sentimental.

Dá um murro no coração de Bocarra.

Bocarra Ai!

Graham Viste, ele tem coração!

Bocarra
Bem, Freddy, agora que você me deu pancada
Digo a meu querido Cridle que não compre
Nenhuma lata de você.

Graham
Isto não vale, Pedrinho, você está misturando
Vida privada e negócios.

Cridle Você manda, Pedroca.

GRAHAM Eu tenho dois mil operários, Bocarra!

CRIDLE Manda os operários à matinê! Mas nosso contrato, Pedrinho, não está valendo. *Fazendo cálculos numa caderneta.* Quando combinamos a tua saída, as ações – de que um terço é meu – estavam a trezentos e noventa. Você fechou negócio comigo a trezentos e vinte, o que era barato. Hoje é caro, pois elas estão a cem, por causa da saturação do mercado. Se eu quiser te pagar, só vendendo as tuas ações na bolsa. Mas neste caso elas caem a setenta e nem vendendo tudo eu te pago. Eu estaria falido.

BOCARRA
Não fale assim, Cridle, que você me obriga
A te arrancar o meu dinheiro neste minuto
Enquanto você ainda não faliu!
Olhe, Cridle, você me pregou um susto
Estou suando frio, seis dias é o máximo
De prazo que eu posso dar. Que digo? Cinco dias
Se é esta a tua situação.

LENNOX Bocarra, olhe para mim.

BOCARRA Lennox, olhe você: este contrato diz alguma coisa sobre tempos ruins?

LENNOX Não.

Lennox sai.

BOCARRA *seguindo-o com os olhos*
Quer me parecer que ele está aflito.
E eu que, mergulhado nos negócios (oxalá não fosse assim!),
Nada notei. Animalesca vida de negócios!
Tenho nojo, Cridle.

Cridle sai. Enquanto isto Joana faz sinal a um detetive e lhe diz alguma coisa.

O DETETIVE Mister Bocarra, tem um pessoal aí querendo lhe falar.

BOCARRA Um populacho esfarrapado, não é? Com cara invejosa, não é? Inclinados à violência, hem? Diga que não estou.

O DETETIVE É gente da organização dos Boinas Pretas.

BOCARRA Que organização é essa?

O DETETIVE Eles são numerosos e bem implantados nas classes baixas, e têm boa reputação. São chamados os soldados de Deus.

BOCARRA Já ouvi falar. Nome estranho, os soldados de Deus... o que é que eles querem?

O DETETIVE Eles dizem que querem falar com o senhor.

Enquanto isto continua a gritaria na Bolsa: "bois 43", "porcos 55", "vacas 59" etc.

BOCARRA
Está bem, diga que vou recebê-los
Mas diga também que não quero ouvir nada
Que eu não tenha perguntado, que ficam
Proibidas lágrimas e cantorias, especialmente as tristes
Diga enfim que a minha disposição melhora
Caso eu tenha a impressão de que se trata
De gente cooperativa, contra a qual não consta nada
E que não quer nada de mim que eu não possa dar.
Mais uma coisa: não diga que o Bocarra sou eu.

O detetive vai para onde está Joana.

O DETETIVE
Ele vai falar com vocês, mas
Vocês não perguntam nada, só respondem
Quando ele perguntar.

Joana dirige-se a Bocarra.

JOANA O senhor é o Bocarra.

BOCARRA Eu não. *Aponta para Slift.* É ele.

JOANA *aponta para Bocarra* O senhor é o Bocarra.

BOCARRA Não, é ele.

JOANA É o senhor.

BOCARRA Como você me reconheceu?

JOANA Porque a sua cara é a mais sanguinária.

Slift ri.

BOCARRA Você está rindo, Slift?

Graham foge enquanto isso.

BOCARRA *a Joana* Quanto vocês recebem por dia?

JOANA Vinte centavos, além de roupa e comida.

BOCARRA
Umas roupas velhas e uma sopa das mais ralas, hem, Slift?
Sim senhor, roupa velha e sopa rala. Que coisa...

JOANA
Bocarra, por que você impede os trabalhadores de trabalhar?

BOCARRA *a Slift*
Eles trabalham sem ganhar
Não é estranho? Coisa semelhante
Eu nunca havia ouvido. Trabalham
A troco de nada e não se zangam. Seus olhos não refletem
O medo da miséria e do relento.
A Joana
Vocês, Boinas Pretas, são gente estranha.

Não vou perguntar o que vocês esperam de mim.
Eu sei que a massa ignorante me chama
Bocarra o sanguinário e diz que Lennox foi
Vítima de um golpe meu ou que desgracei
A vida de Cridle, que aliás não é pessoa estimável.
São aspectos da vida de negócios que francamente
[não dizem respeito
A vocês. Mas há um assunto em que a vossa opinião
Me interessa. Tenho a intenção de abandonar esse negócio
Sangrento muito em breve, abandoná-lo completamente.
Por quê? Porque outro dia – e este caso vai apaixoná-los –
[vi morrer
Um vitelo. Me comovi tanto que decidi abandonar tudo
E vender a minha parte da fábrica. Vale doze milhões
Vendi por dez a ele aqui. Não lhes parece acertado
E conforme com o vosso desejo?

SLIFT
Depois do infeliz vitelo
Chegou a vez do próprio Cridle
De ser abatido.
Está conforme com o vosso desejo?

Risadas dos industriais.

BOCARRA
Riam. Sua risada não me abala. Verei
Adiante como choram.

JOANA
Mister Bocarra, por que o senhor fechou as portas
[do matadouro?
Eu quero saber a razão.

BOCARRA
Não é extraordinário que eu tenha largado mão
De um grande negócio, só porque é sangrento?
Diga que foi bem feito e que você gostou.
Não, não diga, estou sabendo e reconheço que para
Alguns foi um desastre, ficaram sem trabalho
Eu sei. Infelizmente foi inevitável.
Mas é gente ruim e vulgar
Aliás o melhor é ignorá-los, mas me diga:
Não fiz bem
Ao largar mão deste negócio?

JOANA
Eu não sei se você está perguntando a sério.

BOCARRA
Deve ser porque a minha maldita voz foi treinada
Para disfarçar, e você, por isso, sei
Que não gosta de mim. Não diga nada.
Aos outros
Sinto como se a brisa me trouxesse notícia de
[um mundo diferente.
Me deem dinheiro, seus carniceiros, me deem aqui
[um dinheiro!

Ele toma todo o dinheiro a todos e o entrega a Joana.
Toma, menina, é para os pobres!
Mas saiba que não sinto obrigação alguma
E durmo passavelmente bem. Por que esta minha ajuda? Só
Talvez porque gostei de seu rosto que é tão ingênuo
Embora você já tenha vivido vinte anos.

MARTA *a Joana*
Eu não acredito nas intenções dele.
Perdoa, Joana, mas agora eu também vou embora
Porque eu mesma acho
Que também você devia deixar isso tudo.

Marta sai.

JOANA Mister Bocarra, isso é uma gota d'água no deserto. O senhor não pode ajudar de verdade?

BOCARRA
Vocês digam em toda parte que aprovo a vossa atividade
E quisera que existissem mais como vocês. Entretanto
Esta questão dos pobres está mal colocada.
É gente ruim. O ser humano não me comove
Eles não são inocentes, são carniceiros eles também.
Vamos mudar de assunto.

JOANA Mister Bocarra, o que se diz nos matadouros é que a culpa da miséria é do senhor.

BOCARRA
Eu tenho compaixão, mas pelos bois. O ser humano é ruim.
Os homens não estão maduros para o teu plano.
Antes de transformar o mundo
É preciso transformar o homem.
Espera um instante!
Ele fala baixo com Slift.
Dê mais algum dinheiro a ela, quando ela estiver sozinha!
Diga que é para os pobres, senão ela tem vergonha
E não aceita. Mas depois veja o que ela compra.
Se isso não bastar, e eu quisera que não baste
Você a leva
Ao matadouro e lhe mostra
Os pobres, como são ruins e animalescos, cheios de traição
[e covardia
E mostra que a culpa é deles mesmos.
Talvez isso ajude.
A Joana
Este é Sullivan Slift, o meu corretor, que vai lhe mostrar
[uma coisa.
A Slift
E fique sabendo que para mim é quase intolerável
[que exista gente
Como esta menina, sem nada de seu além de uma boina preta
E vinte centavos, e sem medo.

Bocarra se afasta.

SLIFT *a Joana*
Eu não quisera saber as coisas que você quer saber
Mas se você quiser sabê-las passe aqui amanhã.

JOANA *acompanhando Bocarra com os olhos*
Este não é um homem mau, este é o primeiro
A quem nossos tambores tiraram o sono
E que escuta o nosso chamado.

SLIFT *saindo* Não te metas, ouve este conselho, com as criaturas do matadouro, é uma gente infame, na verdade a escória do mundo.

JOANA
Eu quero ver.

IV

O CORRETOR SULLIVAN SLIFT MOSTRA A JOANA DARK A MALDADE DOS POBRES: SEGUNDA DESCIDA DE JOANA ÀS PROFUNDEZAS

Na região dos matadouros.

SLIFT
Agora, Joana, vou te mostrar
Quanto são maus
Os que despertam a tua compaixão
A qual é descabida.

Caminham ao longo do muro de uma fábrica, em que está escrito "Bocarra & Cridle, Indústrias de Carne". O nome Bocarra está riscado em cruz. Dois homens saem por uma portinhola. Slift e Joana ouvem a sua conversa.

CONTRAMESTRE *a um moço* Quatro dias atrás um homem chamado Luckerniddle caiu na caldeira; como não conseguimos parar as máquinas a tempo, a barbaridade aconteceu e ele rolou para dentro da máquina de preparar toicinho; estão aqui o paletó e o chapéu dele, que ocupam um cabide no vestiário e causam má impressão. Suma com eles. Talvez fosse bom queimá-los, o melhor é queimar já. Eu te digo estas coisas porque sei que você é de confiança: se acharem esta roupa eu perco o meu emprego. Assim que a fábrica reabrir você naturalmente fica com o lugar de Luckerniddle.

O RAPAZ Pode ficar sossegado, Seu Smith.

O contramestre desaparece pela portinhola.

O RAPAZ Dá pena este homem, que agora é um toicinho perdido no mundo, mas dá pena também o paletó dele, que ainda está bom. O nossa-amizade agora está enlatado e não precisa mais de casaco. Mas eu aqui preciso. Fico com ele e caguei.

Veste o casaco e embrulha o dele próprio num jornal.

JOANA *vacila* Estou me sentindo mal.

SLIFT Este é o mundo como ele é. *Ele aborda o rapaz.* De onde saíram este paletó e este boné? Pertencem a Luckerniddle, o homem que sofreu um acidente.

O RAPAZ Por favor, não conte a ninguém. Eu devolvo tudo imediatamente. Estou muito decaído. Há um ano, interessado

em ganhar o extra de vinte centavos que eles pagam na sessão de fertilizantes sintéticos, fui trabalhar na trituração de ossos. Fiquei mal do pulmão e das pálpebras. A minha força de trabalho não é mais a mesma: desde fevereiro estive empregado só duas vezes.

SLIFT Não tire essa roupa. Na hora do almoço venha à cantina sete. Você ganha um dólar e um prato de comida se explicar à Dona Luckerniddle a origem do paletó e do boné.

O RAPAZ Patrão, isto não é uma brutalidade?

SLIFT
É, se você não estiver precisando!

O RAPAZ
Pode ficar sossegado, patrão.

Joana e Slift seguem adiante.

DONA LUCKERNIDDLE *clama, sentada diante da fábrica*
Vocês aí dentro, o que fizeram ao meu marido?
Há quatro dias, saindo para o trabalho, ele dizia:
Hoje de noite quero uma sopa quente! E até hoje
Ele não voltou! O que vocês fizeram ao meu marido,
Carniceiros! Há quatro dias estou aqui
No frio, nem de noite eu saio, esperando, mas não me dizem
Nada, e meu marido não volta! Mas fiquem sabendo
Que não saio enquanto ele não voltar, e se tiverem
Tocado nele, ai de vocês.

Slift aproxima-se dela.

SLIFT O seu marido viajou, Dona.

DONA LUCKERNIDDLE Que história de viagem é essa!

SLIFT Vou lhe dizer uma coisa, Dona, ele viajou, e é muito desagradável para a fábrica a senhora ficar aí dizendo bobagens. Nós vamos fazer uma proposta à senhora, uma proposta a que por lei nós não somos obrigados. A senhora para de procurar o seu marido, e almoça de graça em nossa cantina durante três semanas.

DONA LUCKERNIDDLE Eu quero saber o que houve com meu marido!

SLIFT Nós estamos dizendo à senhora que ele viajou para São Francisco.

DONA LUCKERNIDDLE Ele não viajou para São Francisco, houve alguma coisa com ele, que vocês estão querendo esconder.

SLIFT Se é essa a sua ideia, Dona, a senhora não pode aceitar nossa comida e precisa processar a fábrica. Pense bem. Amanhã eu estou na cantina à sua disposição.

Slift volta para onde está Joana.

DONA LUCKERNIDDLE Eu preciso recuperar o meu marido. Eu não tenho mais ninguém que possa me sustentar.

JOANA
Ela não vem.
Vinte almoços não são pouco
Para um faminto, mas
Não são tudo.

Joana e Slift passam adiante. Chegam a uma cantina e veem dois homens que espiam por uma janela.

GLOOMB Aquele ali que está comendo é o contramestre que acelerou o trabalho e me fez perder os dedos na fresa. Nós vamos providenciar para que o cachorro nunca mais encha o bucho às nossas custas. Apronta o teu cacete, para o caso de o meu quebrar.

SLIFT *a Joana* Fique aqui. Eu vou falar com ele. Se ele vier para cá, você diz que está procurando emprego. Você vai ver como eles são. *Ele se aproxima de Gloomb.* Tenho a impressão de que o senhor vai cometer alguma coisa impensada. Antes disso eu lhe faço uma proposta vantajosa.

GLOOMB Agora eu não tenho tempo, chefe.

SLIFT É pena, porque o senhor ia sair ganhando.

GLOOMB Fale depressa. Nós não podemos perder de vista aquele porco. Hoje ele cobra a paga do sistema desumano de que ele é o contramestre.

SLIFT Tenho uma proposta que pode ajudá-lo. Sou inspetor desta fábrica. É muito desagradável que o posto junto à sua máquina tenha ficado vazio. A maioria é de opinião de que o lugar é perigoso demais, justamente porque o senhor fez tanto estardalhaço por conta de seus dedos. Naturalmente seria bom se tivéssemos alguém para o cargo. Se acaso o senhor nos trouxesse uma pessoa, arranjaríamos um emprego também para o senhor, um emprego até mais leve e melhor remunerado. Talvez o emprego do próprio contramestre. O senhor me dá a impressão de ser esperto. E aquele ali, não sei por quê, está muito desprestigiado. Me entenda bem. É claro que o senhor também teria que acelerar a produção, mas sobretudo, como lhe expliquei, teria que encontrar alguém para trabalhar na fresa, que de fato, como eu mesmo reconheço, é uma máquina pouco segura. Ali adiante, por exemplo, está uma menina procurando emprego.

GLOOMB O que o senhor disse é sério?

SLIFT É.

GLOOMB Aquela ali? Ela dá a impressão de fraca. A fresa não é lugar para pessoas que cansem facilmente. *Ao outro.* Pensando bem, vamos deixar para amanhã de noite? A noite é melhor para este gênero de brincadeira. Até amanhã. *Dirige-se a Joana.* A senhora está procurando trabalho?

JOANA Estou.

GLOOMB A senhora enxerga bem?

JOANA Não... Eu trabalhava na sessão de fertilizante sintético, na trituração de ossos. Fiquei atacada do pulmão e peguei uma inflamação nas pálpebras. Estou desempregada desde fevereiro. O serviço é bom?

GLOOMB O serviço é bom. É um trabalho que mesmo gente fraca como a senhora pode fazer.

JOANA Será que não há mesmo outro lugar? Ouvi dizer que o serviço dessa máquina é perigoso para pessoas que cansem facilmente. Se a mão chochila, a lâmina pega os dedos.

GLOOMB Tudo mentira. A senhora não imagina como o trabalho é agradável. A senhora vai botar as mãos na cabeça e perguntar como pode as pessoas contarem histórias tão bobas a respeito desta fresa.

Slift ri e leva Joana embora.

JOANA Agora estou quase com medo de continuar, com medo do que ainda não vi!

Entram na cantina e veem Dona Luckerniddle falando com o servente.

DONA LUCKERNIDDLE *calculando* Vinte almoços... daí eu podia... daí eu voltava e tinha...

Ela senta-se à mesa.

O SERVENTE Se a senhora não for comer não pode ficar aqui.

DONA LUCKERNIDDLE Estou esperando alguém que deve vir hoje ou amanhã. Qual é o prato de hoje?

O SERVENTE Ervilhas.

JOANA
Lá está ela.
Pensei que ela não cedesse, mas ainda assim
Eu temia que amanhã ela viesse
E o fato é que ela se apressou mais do que nós
E já está aqui à nossa espera.

SLIFT Vá você mesma levar a comida a ela, talvez ela pense melhor.

Joana busca a comida e a leva a D. Luckerniddle.

JOANA A senhora já está aqui?

DONA LUCKERNIDDLE É porque faz dois dias que não como.

JOANA Mas a senhora estava sabendo que nós vínhamos hoje?

DONA LUCKERNIDDLE Não sabia.

JOANA Agora há pouco ouvi dizer que houve alguma coisa com o seu marido, e que a culpa é da fábrica.

DONA LUCKERNIDDLE Vocês voltaram atrás? Não vão mais me dar os vinte almoços, é isso?

JOANA Mas eu ouvi dizer que a senhora se entendia bem com o seu marido! Me disseram que a senhora não tem ninguém além dele.

DONA LUCKERNIDDLE É, já faz dois dias que não como nada.

JOANA A senhora não quer esperar até amanhã? Se a senhora desistir, ninguém vai procurar o seu marido.

Dona Luckerniddle se cala.

JOANA Não coma.

Dona Luckerniddle arranca-lhe o prato e come com avidez.

DONA LUCKERNIDDLE Ele viajou para São Francisco.

JOANA
Os depósitos estão atulhados de carne
Que não se vende e vai apodrecer
Porque ninguém a quer.

Entra o rapaz com o paletó e o boné.

O TRABALHADOR Bom dia, é aqui que eu vou almoçar?

SLIFT Vá sentar-se perto daquela mulher.

O trabalhador senta.

SLIFT *por trás dele* Que bonito este boné. *O trabalhador o oculta.* Você ganhou de presente?

TRABALHADOR É comprado.

SLIFT Comprado? Onde?

TRABALHADOR Não comprei numa loja.

SLIFT Então onde foi?

TRABALHADOR Era de um homem que caiu na caldeira.

Dona Luckerniddle sente-se mal. Ela levanta e sai.

DONA LUCKERNIDDLE *diz ao servente enquanto sai* Deixe aí o prato. Eu volto. Agora eu venho almoçar todos os dias. Pergunte àquele homem ali.

Sai.

SLIFT Ela virá aqui durante três semanas para comer, sem levantar os olhos do prato, como um animal. Você viu, Joana, que a maldade dela é infinita?

JOANA
E como você domina
A maldade dela! Como vocês exploram a maldade dela!
Você não vê que a maldade dela passa frio?
É provável que tanto quanto outras ela quisesse

Ser fiel ao marido e continuar algum tempo mais
Como convém, buscando o homem que fora
O seu sustento. Mas vinte almoços custam caro.
E você acha que se dependesse dele
O mocinho capaz de qualquer negócio
Teria mostrado o paletó à mulher do morto?
O preço é que era demais. Mesmo
O maneta, por que não me havia de prevenir
Se não fosse tão alto o custo de um pouco de solidariedade?
Se ele vendeu o ódio – justo – que sentia
É porque vocês pagam e ele precisou.
Se a maldade deles é infinita, infinita também
É a sua pobreza. Não foi a maldade dos pobres
O que você me mostrou, foi
A pobreza dos pobres.
Vocês me mostraram a maldade da gente pobre
E eu lhes mostro o sofrimento da pobre gente má.
Maldade, rumor infundado!
És refutada pelo sofrimento no rosto.

V

JOANA LEVA OS POBRES À BOLSA DE CARNES

A Bolsa de Carnes.

Os industriais da carne
Nós vendemos carne enlatada!
Atacadistas, comprem carne enlatada!
Carne enlatada fresca e macia!
Toicinhos Bocarra & Cridle!
Presuntos cozidos marca Graham!
Banha de porco barata!

Os atacadistas
Ao som do mar e à luz do céu profundo
Os atacadistas marcham para a falência!

Os industriais

Com ajuda de extraordinários progressos técnicos
De engenheiros incansáveis e empresários de visão
Conseguimos reduzir de um terço o preço
Do toicinho Bocarra & Cridle!
Do presunto cozido marca Graham!
Da banha de porco barata!
Atacadistas, comprem carne enlatada!
Não percam a ocasião!

Os atacadistas

A tristeza de Deus paira sobre as águas
As cozinhas dos restaurantes escondem o rosto
Os supermercados afastam-se com enjoo
O comércio de atravessadores sua frio!
Nós, atacadistas, vomitamos à simples menção
De uma lata de carne. O estômago deste país
Passou da conta em matéria de carne e de latas
E agora está virado.

Slift

O que escrevem os teus amigos de Nova York?

Bocarra

Teorias. Se dependesse deles
O ramo da carne ia inteiro para o brejo
Durante semanas a fio até a sufocação geral
E depois a carne ficava toda comigo.
Bobagens!

Slift

Eu morreria de rir se de fato os amigos de Nova York agora
Furassem o protecionismo sulista causando
Um fenômeno de alta
De que nós ficássemos fora.

Bocarra

E suponhamos que fosse assim! Você teria o peito
De arrancar um filé a tanta miséria
Agora que estão todos atentos como águias
Aos nossos mínimos movimentos? Este peito eu não teria.

Os atacadistas

Aqui estamos os atacadistas com montanhas de latas
E depósitos cheios de boi congelado
E queremos vender os bois enlatados
E ninguém quer comprar!
E nossos fregueses, os restaurantes e açougues
Estão com carne congelada pelas tampas
Implorando compradores e bons garfos!
Nós não compramos mais nada!

Os industriais

Aqui estamos os industriais do enlatado com matadouros
[e galpões
E estábulos cheios de bois, as máquinas, as prensas e as caldeiras
Gastando vapor, e os rebanhos comendo e mugindo enquanto
Não viram carne enlatada. E ninguém quer carne enlatada.
Nós estamos perdidos!

Os criadores
E nós, criadores?
Quem compra a nossa criação? Os bois e os porcos
Estão nos currais comendo o milho que é caro
E nos vagões de transporte que são caros eles comem
Também e nos galpões das estações que comem aluguéis
Lá estão eles comendo sempre.

Bocarra
E agora são rejeitados pelas próprias facas.
A morte volta as costas à criação
E fecha a oficina.

Os industriais *gritando com Bocarra, que lê um jornal*
Traiçoeiro Bocarra, não suje o prato onde você come!
Pensa que não sabemos quem muito em segredo lança
Mais carne ao mercado e empurra as cotações para o abismo?
Há dias você está liquidando carne!

Bocarra
Carniceiros desaforados, chorem no colo de sua mãe
Porque enfim cessou o choro da carne martirizada!
Voltem para casa e digam que um ao menos
Dentre vocês, siderado pelo clamor dos bois,
Preferiu ouvir a vossa grita a ouvir o grito deles!
Eu quero o meu dinheiro e paz para a minha consciência!

Um corretor *aos berros na porta da Bolsa*
Queda vertiginosa na Bolsa de Valores!

Ações postas à venda em pacotes enormes. Cridle
Sucessor de Bocarra & Cia. arrasta para o fundo
As cotações do ramo da carne.

O tumulto se instala entre os industriais da carne. Avançam para Cridle, o qual está branco como giz.

Os industriais
Agora, Cridle, você vai se explicar, olho no olho!
Você está liquidando ações a preço irrisório?

Os corretores
A cento e quinze por ação!

Os industriais
Você tem merda na cabeça?
Você quer se matar, mas está assassinando os outros!
Seu cagão! Criminoso!

Cridle *apontando Bocarra*
Essa conversa é com ele.

Graham *colocando-se à frente de Cridle*
Quem pesca em águas turvas no caso não é Cridle
É um outro, e os peixes seremos nós!
Tem gente querendo açambarcar o ramo da carne
Inteiro, a jogada é grande. Responda, Bocarra!

Os industriais *a Bocarra*
Correm boatos, Bocarra, de que estás cobrando

A dívida de Cridle que já vacila e Cridle
Ele próprio se cala e aponta o dedo para você.

Bocarra Se eu deixasse o meu dinheiro um minuto mais que fosse nas mãos deste Cridle, que me confessou ele próprio estar quebrado, quem dentre vocês me levaria a sério como homem de negócios? E o que eu mais desejo é que vocês me levem a sério.

Cridle *aos circunstantes* Há quatro semanas contadas fechei um contrato com Bocarra. Ele cedeu a parte dele no negócio, um terço do total, por dez milhões de dólares. Hoje fico sabendo que naquela mesma tarde ele em segredo passava a vender gado a preço vil, estragando mais ainda o mercado que já estava frouxo. Em nosso contrato Bocarra se reservava o direito de exigir o dinheiro quando quisesse. A minha ideia era pagá-lo vendendo uma parte das próprias ações dele, que estavam a bom preço, e usar as outras para levantar um empréstimo. Mas aí a bolsa baixou. Hoje a parte de Bocarra não vale dez milhões, vale três, e o negócio inteiro em vez de trinta milhões vale dez. Estes dez milhões são o valor exato da dívida que Bocarra quer que eu pague da noite para o dia.

Os industriais
Você manobra contra o Cridle de quem não
Somos aliados e no entanto a sua manobra nos atinge
Em cheio como você sabe muito bem. Você
Estragou o comércio inteiro, o qual por sua vez é o grande
Culpado pelo preço ridículo de nossas latas

De carne barata como areia em consequência
Da guerra de preços em que você estrangulou Lennox.

Bocarra
Ninguém mandou matarem tanto, ó
Carniceiros frenéticos! Agora quero o meu dinheiro
Nem que vocês tenham que mendigar. Quero
O meu dinheiro! Tenho outros planos.

Os criadores
Lennox está por terra. Cridle vacila. E Bocarra
Vai embora com o dinheiro dele!

Os pequenos especuladores
Ai de nós, os pequenos especuladores nunca
Lembrados. Grande espetáculo é a queda
De um colosso, mas a plateia empolgada não vê
Onde ele cai nem quem ele esmaga ao cair.
Bocarra, o nosso dinheiro!

Os industriais Oitenta mil latas a cinquenta, e tem de ser já!

Os compradores Nem uma só!

Silêncio. Ouvem-se os tambores dos Boinas Pretas e a voz de Joana.

A voz de Joana
Pedro Paulo Bocarra! Onde está o Bocarra?

Bocarra
Que tambores são estes? Quem
Pronuncia o meu nome?
Logo aqui, onde
As caras não têm disfarce e estão lambuzadas de sangue!

Entram os Boinas Pretas. Cantam o seu hino de guerra.

Os boinas pretas *cantam*
Atenção, atenção, atenção!
Eis ali um homem falido.
Vede esta moça reduzida a trapo!
E o pranto deles não foi ouvido.
Calem-se as buzinas, cesse o ronco dos motores!
Pelo amor de Deus, alguém atenda os sofredores!
Mas será possível que vocês não enxerguem nada?
É um vosso igual, não é lixo na calçada!
Despregai os olhos do prato de sopa
E com Jesus recordemos
O pobre sem roupa.
Dizem vocês que nada disso resolve
Mas nós respondemos que a injustiça perde o pé
Se marcharmos unidos
Cheios de fé.
Canhões e tanques já saíram à rua
Aviões em quantidade
E cruzadores estão de prontidão
Para dar ao faminto um pedaço de pão.
Pois o vosso número, pobres da terra
De tão horripilante

Fará do governo o nosso ajudante.
Em frente pois, ao assalto, o coração sem rancores!
Pelo amor de Deus, alguém atenda os sofredores!

Enquanto isto prossegue a batalha na Bolsa. Apesar dela, as gargalhadas vão ganhando terreno, acompanhando as ofertas.

Os industriais Oitenta mil latas pela metade do preço, mas com pagamento à vista!

Os atravessadores Nem uma só!

Os industriais Neste caso, Bocarra, estamos liquidados.

Joana
Onde está o Bocarra?

Bocarra
Não se mexa, Slift! Graham, Meyers
Fiquem na minha frente.
Não quero ser visto aqui.

Os criadores
Nesta Chicago inteira não se vende um boi.
Este é o dia da morte do estado de Ilinois.
Pagando preços dia a dia mais altos vocês nos levaram à criação
De mais e mais bois
Que agora ninguém quer comprar.
Você, Bocarra, cachorro, é o culpado do desastre.

Bocarra
Chega de negócios por agora. Graham, o meu chapéu.
[Preciso sair.
Cem dólares pelo meu chapéu.

Cridle Maldito seja.

Cridle sai.

Joana *atrás de Bocarra* Não vá embora, Mister Bocarra, e ouça o que tenho a lhe dizer. São coisas que todos podem ouvir. *Silêncio.* Não fujam, sei que os senhores não gostam que nós, os Boinas Pretas, apareçamos aqui no quartel de seus negócios e segredos. E estou informada também das trapaças por trás do preço da carne. Mas se vocês pensam que nada disto se saberá, enganam-se muito, agora e no dia do Juízo Final, quando tudo virá a público, e quero ver a sua cara quando o Senhor Nosso Pai descansar os olhos grandes em vocês e perguntar: "Onde estão os meus bois? O que fizeram com eles? Vocês ofereceram carne ao povo a preço acessível? Onde foi parar a carne que desapareceu?". Contrafeitos, vocês inventarão respostas como aquelas que publicam nos seus jornais, onde aliás nem tudo que está escrito é verdade, enquanto os bois estarão mugindo nos mil lugares onde vocês os esconderam para lhes elevar o preço ao infinito, e o mugido deles testemunhará contra vocês na presença do Todo-Poderoso.

Gargalhadas.

Os criadores
Nós, os criadores, não vemos motivo para riso.
Tributários que somos do bom e do mau tempo no verão
[e no inverno
Acreditamos em Deus à maneira antiga.

Joana E agora um exemplo. Se alguém constrói uma barragem contra a irracionalidade das águas e mil pessoas ajudam com o trabalho das suas mãos e aquele alguém recebe um milhão em pagamento e a barragem cede tão logo as águas chegam, afogando todos que trabalharam e muitos mais – o que é o homem que constrói esse tipo de barragem? Vocês dirão que é um homem de negócios, ou, conforme for, um sem-vergonha, mas nós dizemos a vocês que ele é um tonto. E vocês todos, que encarecem o pão e transformam num inferno a vida dos homens, até que estes se transformem em diabos, vocês são uns tontos, pobres e tristes tontos, e nada mais!

Os compradores *aos gritos*
Com a vossa desconsiderada
Corrida de preços e imunda sofreguidão de lucro
Vocês cometem suicídio.
Tontos!

Os industriais
Mais tontos são vocês!
Não há quem possa com as crises!
Inexoráveis pairam
Sobre nós as leis da economia, essas desconhecidas.

Em tremendos ciclos retornam
As catástrofes da natureza!

Os criadores
Alguém nos estrangula, não digam que o responsável
[não é ninguém.
É maldade, uma refinada maldade!

Joana E por que tanta maldade no mundo? Nestas condições não podia mesmo ser diferente. Se o cristão é obrigado a arrancar ao vizinho o pão de que necessita, para não falar na manteiga, e se até para o indispensável o irmão tem de lutar contra o irmão, é natural que os sentimentos nobres desapareçam do peito humano. Mas vamos supor que amar ao próximo não fosse nada mais que servir o freguês. Logo o Novo Testamento fica fácil de entender e é clara a atualidade dele, mesmo em nossos dias. Servir o freguês! O que é servir, senão amar o próximo? É preciso entender bem esta expressão! Meus senhores, é voz corrente que os pobres têm pouca moral, e é verdade. Nos barracos lá embaixo quem reina é a imoralidade em pessoa, e com ela a revolução.

Mas eu lhes pergunto: como podem os pobres ter moral, se eles não têm nada? É isto mesmo, como não será roubo qualquer coisa que eles peguem? Meus senhores, a força moral precisa de força aquisitiva, e basta aumentar a força aquisitiva para aparecer a força moral. Vejam que por força aquisitiva eu entendo uma coisa muito simples e sem mistério, estou pensando em dinheiro, em salário, o que nos traz de volta às questões práticas: se vocês continuarem assim, essa carne vai ficar toda para vocês, porque o pessoal lá fora está sem força aquisitiva.

Os criadores *descontentes*
Aqui estamos com os nossos bois
Que ninguém está comprando.

Joana Vocês ficam aí de camarote, os grandes figurões, certos de que as suas trapaças não serão descobertas e não querendo saber da miséria lá fora. Mas olhem aqui para eles, que vocês maltrataram e deixaram no estado que está se vendo, eles em quem vocês não querem reconhecer os seus irmãos, venham para a frente, os vergados e atribulados, venham para a luz do dia. Não sintam vergonha.

Joana mostra aos frequentadores da Bolsa os pobres que estão com ela.

Bocarra *grita* Tirem isso daqui.

Ele desmaia.

Voz *ao fundo* Pedro Paulo Bocarra desmaiou.

Os pobres Este cara é o culpado de tudo!

Os industriais da carne desvelam-se por Bocarra.

Os industriais Tragam água para Pedro Paulo Bocarra! Um médico para Bocarra!

Joana
Você, Bocarra, me mostrou a maldade
Dos pobres, e eu agora lhe mostro

A pobreza dos pobres. Distantes de vocês
E distantes, por isso mesmo, dos indispensáveis bens materiais
Vivem, lá onde não vai a vista, aqueles
Que forçados por vocês à pobreza e à penúria carecem
De comida e roupa a tal ponto
Que distam, tanto quanto de vocês, de tudo quanto
Transcenda a fome e os costumes mais animais.

Bocarra volta a si.

BOCARRA Eles ainda estão aqui? Por favor, afastem essa gente.

OS INDUSTRIAIS Os Boinas Pretas? Você quer que eles saiam?

BOCARRA Não, os que estão atrás deles.

SLIFT Ele não abre os olhos enquanto eles não saírem.

GRAHAM
Então você não gosta de vê-los? Mas foi você
Quem os deixou nesse estado.
Você fecha os olhos mas
Nem por isso eles desaparecem.

BOCARRA
Por favor, afastem essa gente daqui. Eu compro!
Ouçam todos: Pedro Paulo Bocarra está comprando!
Para que eles tenham trabalho e se afastem daqui.
Eu compro: oito semanas de produção de carne enlatada.

OS INDUSTRIAIS
Ele comprou! O Bocarra comprou!

BOCARRA
Ao preço do dia!

GRAHAM *interpelando-o* E o que estiver estocado?

BOCARRA *deitado no chão* Eu compro.

GRAHAM
A cinquenta?

BOCARRA
A cinquenta!

GRAHAM
Ele comprou! Ouçam todos, ele comprou!

CORRETORES *usando megafones* Pedro Paulo Bocarra sustenta o mercado da carne. Conforme reza o contrato ele absorve o estoque inteiro do cartel da carne ao preço do dia que é de cinquenta e absorve também dois meses de produção a partir do dia de hoje, igualmente a cinquenta. Em quinze de novembro o cartel da carne entrega a Pedro Paulo Bocarra no mínimo quarenta mil toneladas de carne em conserva.

BOCARRA
E agora, amigos, por gentileza me tirem daqui.

Bocarra sai carregado.

JOANA
Parabéns, o cavalheiro vai descansar!
Nós aqui suando como burro de carga em nosso
[trabalho missionário
E vocês aí em cima metendo os pés pelas mãos!
Ouço dizer que Mister Bocarra deseja que eu não fale? Ora
Vejam, quem é o senhor
Para fechar a boca ao bom Deus? Ao boi que trabalha
Ninguém tem o direito de amarrar o focinho!
Eu falo sim senhor.
Aos pobres
Segunda-feira vocês voltam ao trabalho.

OS POBRES Nunca antes vimos gente assim. Mas os dois que estavam com ele nós quase não estranhamos. Têm cara muito pior que a do próprio Bocarra.

JOANA Para despedida cantaremos "O pão faltar não vai".

OS BOINAS PRETAS *cantando*
O pão faltar não vai
A quem no Céu se fia
Jesus é o nosso pai,
Exemplo e alegria.
Não há frio não há fome
Se cantarmos o seu nome
É Jesus o nosso rei.

OS COMPRADORES
O homem está ruim da cabeça. O estômago deste país
Tomou uma indigestão de carne em lata e agora está virado.
E o homem manda enlatar mais carne
Que ninguém vai comprar. Este já era.

OS CRIADORES
Muito bem, o preço agora é outro, miseráveis carniceiros!
O nosso boi vai custar o dobro
Porque vocês precisam dele. Nem um tostão a menos.

OS INDUSTRIAIS DA CARNE
Fiquem com tudo e engulam! Nós não queremos nada.
Pois o contrato firmado aqui diante de todos
É papel e só. O homem que o firmou
Não estava em seu juízo. Ele não levanta
Um tostão de São Francisco a Nova York
Para esse negócio de tatu.

Os industriais saem.

JOANA Mas aqueles que buscam seriamente a palavra de Deus e o pensamento Dele, e não só as cotações da bolsa, e suponho que também aqui exista gente honrada, que faz negócios na fé do Senhor, coisa contra a qual absolutamente não somos, enfim, estes venham domingo ao nosso serviço religioso. Rua Lincoln, a partir das duas, a música começa às três, e a entrada é grátis.

SLIFT *aos criadores* O que Bocarra promete ele cumpre.
Irmãos, que momento! O mercado volta à vida

O pior já passou, a crise está vencida.
Benditos os empregadores, benditos os empregados
Que à fábrica tornam felizes e congraçados.
A voz da razão ouvida com maturidade
Trouxe o bom senso à nossa sociedade.
Abram-se os portões, funcione o parque industrial
É no trabalho que se entendem proletariado e capital.

Os CRIADORES *ao encontro de Joana, na escada*
Tua nobre fala e presença causaram entre nós, criadores,
Muita impressão e vários aqui
Estão profundamente abalados. Também nós
Sofremos horrivelmente.

JOANA
Saibam que estou de olho
No Bocarra, ele despertou, e vocês
Quando a necessidade apertar
Venham comigo, buscar a ajuda dele.
Ele agora não vai mais descansar
Até que estejam todos melhor.
Isto porque é nas mãos dele que está o remédio e por isso
Olho nele.

Joana e os Boinas Pretas saem, seguidos pelos criadores.

VI

DESENTOCANDO BICHINHOS

No centro financeiro da cidade, a casa do corretor Sullivan Slift, que é pequena e tem duas entradas.

BOCARRA *no interior da casa, com Slift* Tranque as portas, Slift, ponha aqui uma luz, e examine bem o meu rosto. É verdade que está tudo na cara?

SLIFT Tudo o quê?

BOCARRA Bem, a minha profissão.

SLIFT O comércio de carne? Bocarra, você levou a sério as falas daquela mulher?

BOCARRA
Qual é a fala dela? Eu nem ouvi
Porque atrás andava uma gente horrorosa de cara
Miserável, daquela miséria que prenuncia um tipo de fúria
Que vai nos varrer a todos, fiquei impressionado
Demais. Slift, agora
Vou dizer o que realmente eu penso de nossos negócios:
Assim como está na pura base de comprar e vender
E os homens depenando uns aos outros friamente
Eu acho que não vai dar. Eles são numerosos demais
Os aflitos clamando, e o número deles cresce.
O que os nossos matadouros já viram passar não tem
[mais perdão.
Quando eles nos pegarem vão nos deixar na calçada
Como jornal rasgado. Nós todos aqui
Já não vamos morrer na cama. Antes disso
Vão nos acuar contra o muro como se fôssemos uma
[matilha de lobos
E limparão o mundo de nossa presença
E de nossos seguidores.

SLIFT Eles confundiram a tua cabeça! *À parte* Vou convencê-lo a comer um filé malpassado. Esta moleza é uma doença antiga dele, que às vezes volta. Talvez um gosto de sangue lhe devolva o juízo.

Slift põe um filé na frigideira.

BOCARRA
Às vezes eu me pergunto

Por que me comovem estas falas irreais e bisonhas
A mesma e eterna demagogia muito cacete e mal ensaiada.
É talvez porque são trabalho gratuito, dezoito horas diárias
Na chuva e com fome.

SLIFT
Em cidades como esta, que embaixo estão pegando fogo
E são gélidas nas alturas, não faltam
Nunca uns poucos para falar de uma coisa e outra
Que podia estar melhor.

BOCARRA
Mas o que é, o que é esta fala? Quando nestas cidades
Sempre incendiadas e no bramido da corrente humana
Eternamente descendo aos infernos o meu ouvido distingue
Uma das tais vozes, uma voz talvez ingênua, mas isenta
[de bestialidade
Slift, para mim é como se uma barra de ferro me fulminasse
[os rins
Em plena corrida. E mesmo isto que acabo de dizer
Slift, como tudo o mais, são evasivas, pois
O que me apavora não é Deus, é outra coisa.

SLIFT
Outra coisa?

BOCARRA
Uma coisa que fica, não acima
Uma coisa que fica abaixo de mim. É o que está desfalecendo

Nos matadouros e talvez não resista a mais uma noite
E no entanto se avolumará pela manhã, eu tenho certeza.

SLIFT Não queres mais carne, querido Pedro Paulo? Lembra que agora tu podes comer com a consciência tranquila, pois a partir de hoje não tens mais nada a ver com o assassinato das reses.

BOCARRA
Achas que devo? Talvez eu pudesse.
Será que já sou capaz?

SLIFT Come alguma coisa e dá um balanço na situação, que não é boa. Você hoje comprou a totalidade do existente em matéria de latas, sabia?

Estou vendo, Bocarra, o fascínio com que meditas sobre o teu portentoso natural, mas permite que eu exponha brevemente a tua situação, o lado externo, inessencial, da vida.

Em primeiro lugar, compraste ao cartel da carne um estoque de quinze mil toneladas. Dentro de poucas semanas você deverá colocá-las no mercado, em cujo estômago hoje não há lugar para uma única lata. Você pagou cinquenta a unidade, mas o preço vai descer a no máximo trinta. Em quinze de novembro, quando o preço estiver a trinta ou vinte e cinco, o cartel da carne te entregará mais quarenta mil toneladas àquele mesmo preço de cinquenta.

BOCARRA
Estou perdido, Slift
Estou liquidado, eu comprei carne!

Ó Slift, o que foi que eu fiz!
Slift, trago nos ombros a carne toda do mundo.
Tal qual um Atlas trôpego, carregado de toneladas de lataria
Vou direto para a miséria. Hoje mesmo pela manhã
Eram numerosos os que agonizavam; e eu
Fui até lá, para contemplar-lhes a falência e rir
E lhes dizer que já não existia ninguém tão tonto
A ponto de comprar carne em lata.
E lá estava eu quando ouço a minha voz dizer:
Eu compro tudo.
Slift, comprei carne, estou perdido.

SLIFT O que te escrevem os amigos de Nova York?

BOCARRA Eles me aconselham a comprar carne.

SLIFT A comprar o quê?

BOCARRA A comprar carne.

SLIFT Então por que essa choradeira, se foi carne o que você comprou?

BOCARRA É, eles me aconselham a comprar carne.

SLIFT Mas é o que você fez, você comprou carne.

BOCARRA
É verdade, eu comprei carne, mas comprei
Não por causa do que está escrito nesta carta

Que está errada e é pura teoria, não por motivos
Baixos, mas porque aquela pessoa me fulminou, juro
Que mal passei os olhos na carta
Que só hoje cedo veio às minhas mãos.
Olhe ela aqui: "Querido Pedro Paulo!".

SLIFT *continuando a leitura* "As novas hoje são boas, saiba que o nosso dinheiro já começa a dar frutos: na Câmara dos Deputados haverá muitos votos contra as tarifas interestaduais, de modo que parece aconselhável, caro Pedro Paulo, comprar carne. Amanhã voltaremos a escrever".

BOCARRA
Esta corrupção pelo dinheiro é outra coisa
Que não devia existir. Facilmente
Estouram guerras com tais pretextos, e milhares
Perdem a vida por causa de dinheiro sujo.
Caro Slift, pressinto que estas novas não trazem nada de bom.

SLIFT
Depende de quem forem os missivistas.
Subornar, suprimir tarifas, declarar guerras
Não é para qualquer um. É gente capaz?

BOCARRA É gente com liquidez.

SLIFT Quem são?

Bocarra sorri.

SLIFT
Neste caso os preços talvez voltassem a subir?
Escaparíamos com ferimentos leves.
É uma perspectiva, não fosse a muita carne
Dos criadores, que oferecida ansiosamente no mercado
Fará que os preços voltem a baixar. Não, Bocarra
Não entendo a carta.

BOCARRA
Vamos imaginar o seguinte: alguém roubou
E alguém o pegou. O primeiro está perdido
A não ser que cause uma segunda desgraça.
Se o fizer, está do outro lado.
A carta (que está errada) exige (para estar certa)
Um tal crime.

SLIFT Um crime?

BOCARRA
De que nunca serei capaz. Porque eu agora
Quero viver tranquilo. Ganhem os outros
Com este crime, e ganhar eles vão.
Bastaria comprar a carne disponível por aí
Convencer os criadores de que há carne
Em excesso no mercado, lembrando-lhes que Lennox
Fechou, para então lhes comprar
Tudo o que tiverem. Sobretudo isto:
Comprar aos criadores toda a carne que tiverem, aí
Os logrados naturalmente passam a ser eles, não, eu
Não quero nada com isto.

SLIFT
Você não devia ter comprado carne, Pedro Paulo!

BOCARRA
É, não vai dar certo, Slift.
Eu não compro um chapéu, um sapato que seja
Enquanto não sair desta história, e me dou por feliz
Se sair dela com cem dólares de meu.

Tambores. Entra Joana, acompanhada dos criadores e de alguns trabalhadores.

JOANA Vamos desentocá-lo como um bichinho. Vocês fiquem do lado de lá, enquanto eu canto do lado de cá. Ele vai sair por ali, para me escapar, porque ele já não gosta de me ver. *Ela ri.* Nem a mim, nem aos que me acompanham.

Os criadores postam-se diante da porta da direita.

JOANA *diante da porta da esquerda* Venha cá para fora, Mister Bocarra, preciso falar-lhe a respeito da miséria dos criadores de gado do estado de Illinois. Estão comigo também alguns trabalhadores que querem saber o dia da reabertura da fábrica.

BOCARRA Slift, onde fica a outra porta, eu não quero encontrá-la, nem sobretudo os que estão com ela. E também não vou abrir fábrica nenhuma agora.

SLIFT Saia por aqui.

Os dois passam por dentro da casa para a porta da direita.

OS CRIADORES *diante da porta da direita* Venha cá para fora, Bocarra, você é o culpado de nossa desgraça, somos mais de dez mil criadores em Illinois e estamos sem saída. Você vai ter que comprar o nosso gado.

BOCARRA
Fecha a porta, Slift! Eu não compro.
Eu que já estou arcando com toda a carne enlatada da terra
Vou pôr nas costas também o gado todo de Sírius?
Atlas, que mal e mal pode com o nosso planeta, não pode
Ajudar a carregar Saturno.
Haveria quem me comprasse o gado?

SLIFT Possivelmente Graham, que precisa de carne verde.

JOANA *diante da porta da esquerda* Não sairemos daqui enquanto a situação dos criadores não estiver resolvida.

BOCARRA Possivelmente Graham, de fato, este precisa de gado. Slift, saia e diga a eles que vou pensar dois minutos.

Slift sai.

SLIFT *aos criadores* Pedro Paulo Bocarra está examinando o pedido de vocês. Ele pede dois minutos para refletir.

Slift volta a entrar.

BOCARRA Não vou comprar. *Ele começa a fazer cálculos.* Slift, eu compro. Slift me traga tudo que se pareça a boi ou porco, que eu compro, tudo que cheire a banha, que eu compro, e pode me trazer toda e qualquer mancha de gordura, que eu sou comprador, ao preço deste dia, que é cinquenta.

SLIFT
Você, Bocarra, não compra um chapéu que seja
Mas compra todo o gado de Illinois.

BOCARRA
É, vou fazer esta última compra. Está decidido, Slift.
Suponha:
Ele desenha a letra A na porta de um armário.
Alguém faz uma bobagem, A é uma bobagem.
Foi o coração que o levou a fazer a bobagem.
Por cima ele agora faz B, e B também é uma bobagem.
Mas acontece que A e B juntos dão certo.
Deixa entrar os criadores, é gente boa
Que trabalha pesado e se veste com decência
E cujo aspecto não me apavora.

SLIFT *sai e dirige-se aos criadores* Para salvar o estado de Illinois e impedir o naufrágio de seus fazendeiros e criadores, Pedro Paulo Bocarra se decidiu a comprar todo o gado que esteja à venda. Todavia os contratos não podem ser feitos em nome dele, porque o nome dele não deve ser mencionado.

OS CRIADORES Viva Pedro Paulo Bocarra, que está salvando o negócio dos criadores!

Eles entram na casa.

JOANA *falando alto, para que eles ouçam* Diga a Mister Bocarra que os Boinas Pretas agradecem em nome de Deus. *Aos trabalhadores* Se os que compram o gado e se os que vendem o gado estão satisfeitos, vai haver pão também para vocês.

VII

OS MERCADORES SÃO EXPULSOS DO TEMPLO

A casa dos Boinas Pretas.

Os Boinas Pretas estão sentados em volta de uma mesa comprida contando as esmolas recebidas. O dinheiro das viúvas e dos órfãos está em latinhas.

OS BOINAS PRETAS *cantam*
Dai aos pobres e às crianças
Que têm frio e não têm pão
Dai esmolas a Jesus
Que vos traz a salvação.

PAULUS SNYDER, MAJOR DOS BOINAS PRETAS *levanta-se* É muito pouco! *Dirigindo-se aos pobres mais ao fundo, entre os quais Dona*

Luckerniddle e Gloomb. Vocês outra vez! Agora não saem mais daqui? Os matadouros estão abertos e trabalhando!

Dona Luckerniddle Que ideia! Os matadouros estão fechados.

Gloomb Correu o boato de que iam abrir, mas não abriram.

Snyder Não cheguem tão perto da caixa.

Ele faz gestos para que se afastem. Entra Mulberry, o proprietário da casa.

Mulberry O que está havendo com o meu aluguel?

Snyder Meus queridos Boinas Pretas, caro Senhor Mulberry, estimado auditório! No que diz respeito à difícil questão das finanças, uma boa causa fala por si, embora necessite de alguma publicidade. Até agora, a nossa pregação tem se dirigido aos pobres e aos paupérrimos, na suposição de que os mais necessitados da Ajuda Divina seriam também os mais abertos à palavra de Deus, além de formarem uma grande massa, que é o que resolve. Inexplicavelmente a experiência nos tem mostrado que essas camadas sociais manifestam bastante dureza em relação ao Senhor. É possível contudo que procedam assim porque não têm nada de seu. Por via das dúvidas eu, Paulus Snyder, resolvi convocar em vosso nome as famílias prósperas e cotadas de Chicago, para que nos ajudem sábado próximo, quando tentaremos uma ofensiva frontal contra a descrença e o materialismo nesta nossa cidade, sobretudo nas camadas ínfimas. O dinheiro que levantarmos servirá entre outras coisas para pagar o aluguel

atrasado que o nosso prezado senhorio, Mister Mulberry, tem tido a gentileza de não cobrar.

Mulberry Seria deveras bem-vindo, mas não seja por isso.

Snyder Bem, agora vamos todos ao trabalho, alegremente, e esfreguem sobretudo o saguão da entrada.

Os Boinas Pretas saem.

Snyder *aos pobres* Digam, os trabalhadores continuam pacientes? Eles ainda não estão dizendo coisas subversivas contra o locaute?

Dona Luckerniddle Desde ontem a gritaria é grande, porque eles souberam que as fábricas receberam encomendas.

Gloomb Muitos já estão dizendo que sem violência não haverá trabalho nunca mais.

Snyder *consigo mesmo* As circunstâncias são favoráveis. Se os magnatas da carne forem recebidos a pedradas e se refugiarem aqui, vão nos dar ouvidos. *Aos pobres* Vocês podiam pelo menos cortar a nossa lenha!

Os pobres Não tem mais lenha, Seu Major.

Entrada dos magnatas Cridle, Graham, Meyers e do corretor Slift.

Meyers É isto que eu me pergunto, Graham: onde está o boi?

GLOOMB Eu me pergunto a mesma coisa: onde estará o boi?

SLIFT Eu também.

GRAHAM
Não diga, também você? A mesma coisa o Bocarra?

SLIFT
A mesma coisa o Bocarra.

MEYERS
Anda por aí um suíno que está comprando tudo
E que bem sabe que temos compromisso
Passado em cartório de entregar carne enlatada
E que portanto precisamos do boi.

SLIFT Quem será?

GRAHAM *dá-lhe um soco no estômago*
Brincalhão!
Você quer enganar alguém? Diga ao Pedrinho
Que desta vez pode não dar certo
Ele pôs o dedo no nervo da vida.

SLIFT *a Snyder* Vocês o que querem de nós?

GRAHAM *dá-lhe outro soco* O que será que eles querem, Slift?

Slift exagera no gesto de quem dá dinheiro.

GRAHAM Você acertou, Slift!

MEYERS *a Snyder* Pode mandar bala!

Eles se sentam nos genuflexórios.

SNYDER *no púlpito* Nós, os Boinas Pretas, soubemos que há cinquenta mil homens parados e sem trabalho nos matadouros. E também que vários já estão reclamando, dizendo que está na hora de fazerem alguma coisa. Aliás, quando este ou aquele busca os culpados pelo desemprego dos cinquenta mil, o nome dos senhores vem à baila. Eles vão acabar lhes tirando as fábricas e dizendo: vamos fazer como os bolcheviques e tomar as fábricas em nossas mãos para que todos tenham trabalho e comida. Pois hoje é voz corrente que a desgraça não é natural como a chuva e que ela é organizada por uns poucos que tiram proveito dela. Bem entendido, a intenção dos Boinas Pretas é dizer aos pobres que a desgraça é inevitável sim senhor, como a chuva, que ninguém explica de onde vem, e que o sofrimento é o destino deles, pelo qual mais adiante serão recompensados.

OS TRÊS INDUSTRIAIS Para que falar em recompensa?

SNYDER A recompensa de que falamos é paga depois da morte.

OS TRÊS INDUSTRIAIS Quanto vocês querem pelo serviço?

SNYDER Oitocentos dólares por mês, para pagar a sopa quente e a música chamativa. Em nossa pregação prometeremos também que os ricos serão castigados quando estiverem mortos.

Os três riem às gargalhadas.

SNYDER E tudo isso por apenas oitocentos dólares por mês!

GRAHAM Para que tanto, rapaz. Peça quinhentos!

SNYDER Setecentos e cinquenta ainda seria possível, desde que...

MEYERS Setecentos e cinquenta já é mais razoável. Enfim, digamos quinhentos.

GRAHAM Vocês não podem deixar por menos de quinhentos. *Aos outros* É a quantia certa.

MEYERS *à frente* Confessa, Slift, as boiadas estão com vocês.

SLIFT Bocarra e eu não compramos um tostão de gado, tão certo como eu estar sentado aqui. Deus está de prova.

MEYERS *a Snyder* Quinhentos dólares? É muito dinheiro. Quem vai pagar tudo isso?

SLIFT É, o senhor precisa achar alguém que lhe dê isso tudo.

SNYDER Claro, claro.

MEYERS Não será fácil.

GRAHAM Confesse, o Pedrinho está com os bois.

SLIFT *rindo* É tudo malandro, Doutor Snyder.

Todos riem, salvo Snyder.

GRAHAM *a Meyers* O homem não tem senso de humor. Não estou gostando.

SLIFT Vamos ao principal. De que lado o senhor está: do lado de cá da barricada, ou do lado de lá?

SNYDER Os Boinas Pretas estão acima do conflito, Senhor Slift. Portanto, do lado de cá.

Entra Joana.

SLIFT Chegou a nossa Santa Joana do Mercado de Carnes!

OS INDUSTRIAIS *gritando com Joana* Não estamos nada satisfeitos com a senhora, nada; por que a senhora não leva um recado nosso ao Bocarra? Consta que a senhora é influente e que ele come na palma de sua mão. Ocorre que não há boi na praça e que desconfiamos do Bocarra. É verdade que ele faz tudo que a senhora pede? Diga a ele para desentocar as boiadas. Olhe, se a senhora conseguir, pagamos quatro anos de aluguel aos Boinas Pretas.

JOANA *viu os pobres e assustou-se* O que vocês estão fazendo aqui?

DONA LUCKERNIDDLE *vem à frente*
Os vinte almoços estão comidos.

Não se enfureça por me ver de novo aqui.
Com prazer eu desapareceria de sua vista.
É isto a crueldade da fome, que satisfeita
Embora, não deixa de voltar.

GLOOMB *vem à frente*
Eu te conheço, fui eu quem insistiu
Para que você trabalhasse na fresa
Que me levou o braço. Hoje eu faria coisa pior.

JOANA Por que vocês não estão trabalhando? Se eu arranjei trabalho para vocês!

DONA LUCKERNIDDLE Pois sim, os matadouros estão fechados.

GLOOMB Correu que eles iam ser abertos, mas não foram.

JOANA *aos industriais*
Eles então continuam à espera?
Os industriais se calam.
E eu pensando que estivessem abrigados.
Estão debaixo de neve há sete dias
E esta mesma neve que os mata os esconde
Da vista dos outros homens. Que tão facilmente
Eu pudesse esquecer o que todos gostamos de esquecer
Para estarmos tranquilos! Basta alguém dizer
Que o pior já passou e ninguém
Faz questão de verificar.
Aos industriais

Pois o Bocarra não comprou carne de vocês? Comprou, a meu pedido! E nem assim vocês abrem as suas fábricas?

OS TRÊS INDUSTRIAIS Não tem dúvida, nós quisemos abrir.

SLIFT Mas antes disso vocês querem depenar os criadores!

OS TRÊS INDUSTRIAIS Como vamos começar o abate, se não há boi na praça?

SLIFT Quando compramos carne de vocês, o Bocarra e eu supusemos que vocês fossem retomar o trabalho, e que os trabalhadores em consequência pudessem comprar essa mesma carne. Agora quem vai comer a carne que nós compramos de vocês? Para quem compramos carne, se os que têm estômago não tem dinheiro?

JOANA Já que a ferramenta de trabalho dessa gente são as imensas fábricas e instalações que vocês controlam, pelo menos deixem o trabalhador entrar, porque senão ele está liquidado, o que aliás não deixa de ser uma exploração, e se os míseros, acuados até onde é possível, não veem saída salvo o cacete, para dar na cabeça de seus perseguidores, aí então vocês enchem as calças, eu já notei, aí se lembram da religião, para botar panos quentes, mas Deus ainda tem amor-próprio e não vai servir de criado para limpar a imundície que vocês deixaram. Eu me mato de correr entre uns e outros, convencida de que ajudando em cima ajudava também os que estão por baixo, como se houvesse uma espécie de unidade e todos remassem no mesmo barco, mas fui uma grandíssima tonta. Para ajudar os

que são pobres, parece que só mesmo contra vocês. Mas é verdade então que vocês não têm respeito nenhum pelo semblante humano? Nesse caso, pode ocorrer que vocês próprios já não sejam reconhecidos como humanos, que sejam vistos como feras, as quais é preciso caçar no interesse da ordem e da segurança pública! Vocês só têm a coragem de vir à casa de Deus porque estão cheios de ouro, ganho todos nós sabemos onde e como, desonestamente. Mas vocês bateram à porta errada, vocês têm que ser expulsos daqui, expulsos a pau. Sim senhor, não façam essa cara, um homem não deve ser tratado como um bicho, mas vocês não são homens, fora daqui, e depressa, que senão eu faço uma bobagem, não me segurem, eu sei muito bem o que estou fazendo, infelizmente durante muito tempo eu não soube.

Joana utiliza o cabo da bandeira para expulsá-los. Os Boinas Pretas aparecem nas portas.

JOANA Fora daqui! Vocês querem transformar a casa de Deus num chiqueiro? Numa segunda Bolsa de Carnes? Fora daqui! Vocês não têm nada que pôr os pés aqui. Não queremos ver essas caras aqui. Você são indignos e eu ponho vocês para fora. Apesar do seu dinheiro!

OS TRÊS INDUSTRIAIS Como não. Mas conosco vão-se embora, modesta e irreversivelmente, quarenta aluguéis mensais. Menos mal, pois todo tostão nos será necessário, aproximam-se tempos tremendos, nunca vistos no mercado de carnes.

Saem os industriais e Slift, o corretor.

SNYDER *correndo atrás deles* Fiquem, meus senhores, não vão embora, ela não tem procuração de ninguém! É uma pobre infeliz! Ela vai ser despedida! Ela fará o que os senhores mandarem!

JOANA *aos Boinas Pretas* Ficou tudo um pouco esquerdo por causa dos aluguéis. Mas isto pouco importa. *A Dona Luckermiddle e a Gloomb* Sentem-se aqui atrás, eu vou trazer uma sopa para vocês.

SNYDER *de volta*
Vai, convida os pobres para a ceia e serve
Água de chuva e belas palavras
Uma vez que também o Céu não lhes traz consolo
Uma vez que também o Céu só lhes traz neve.
Sem qualquer humildade soltaste
As rédeas ao teu primeiro impulso! Nada
Mais fácil que expulsar o impuro com altivez.
Você torce o nariz para o pão que nós precisamos comer.
Você não só pergunta como ele foi feito, como
Ainda por cima quer um pedaço. Vai, angélica
Sai na chuva e continua a ser justa perdida na neve!

JOANA Isso quer dizer que eu devo tirar o meu uniforme?

SNYDER Devolva o seu uniforme e faça a sua mala! Saindo desta casa você leva essa gentinha que você nos trouxe. Você atraiu só gentinha e escória, e agora vai fazer parte dela. Vá buscar as suas coisas.

Joana sai e volta com uma pequena mala. Está vestida como uma moça pobre do interior.

JOANA
Saio em busca do rico Bocarra, a quem
Os pavores e os bons sentimentos assaltam
Para que ele nos ajude. Não voltarei
A vestir uniforme nem esta boina preta
Nem voltarei a esta casa querida
Dos cânticos de graça e das iluminações enquanto
Não tiver ganho e convertido à nossa causa
Integralmente o rico Bocarra.
Embora o dinheiro como um câncer maligno
Possa ter deformado o ouvido e a própria compleição
Humana dos ricos de modo a exilá-los e torná-los
Surdos nas suas alturas aos gritos da aflição!
Pobres aleijões!
No meio dos quais, ainda assim, há de se encontrar um justo!

Sai.

SNYDER
Pobre ignorante!
É isso que você não vê: integrados
Em campos colossais defrontam-se
Patrões e empregados
Frentes em luta: não há conciliação.
Vai, corre de um campo a outro, conciliadora e mediadora
Não serve a nenhum e naufraga.

MULBERRY *entrando* Vocês já estão com o dinheiro?

SNYDER Como se Deus não tivesse com que pagar o aluguel desta sua modesta morada na terra, aluguel que está caro, Mister Mulberry.

MULBERRY Pagar, exatamente, é disso que se trata! O senhor disse a palavra certa, Mister Snyder! Se Deus que está no céu paga, muito bem. Mas se não paga, não dá. Se Deus não pagar o aluguel até sábado de noite, Ele vai para a rua. Estamos entendidos?

Sai.

VIII

DISCURSO DE PEDRO PAULO BOCARRA SEGUNDO O QUAL O CAPITALISMO E A RELIGIÃO SÃO INDISPENSÁVEIS

Escritório de Bocarra.

BOCARRA

Agora, Slift, chegou o dia
Em que o bondoso Graham e os outros
Todos que especulavam na baixa
Serão obrigados a comprar a carne
Que eles nos devem.

SLIFT

Eles não vão pagar barato, porque
Tudo que muge nos mercados de Chicago neste dia de hoje
É gado nosso.

E os suínos que eles nos devem somos nós
Quem vai lhes vender. Aí vai sair caro.

BOCARRA
E agora solta a matilha de teus compradores, Slift!
Para que enervem o mercado com a sua busca furiosa
De tudo que lembre de perto ou de longe uma vaca
Ou um porco a fim de empurrar os preços para cima.

SLIFT
Há novidades da tua Joana?
No mercado de carne
Corre o boato de que você dormiu com ela.
Desmenti categoricamente. Desde que ela nos expulsou
A todos do templo, não se ouviu mais falar nela
É como se a escura e tremenda Chicago a tivesse engolido.

BOCARRA
Gostei da simplicidade
Com que ela pôs vocês para fora. Aquela não tem medo de nada
E se acaso eu estivesse lá
Também seria posto na rua, é o que eu amo
Nela, é o que amo naquela casa
É que gente como eu eles não admitem.
Slift, empurre o preço para oitenta, vamos reduzir estes Grahams
A mingau, onde afundaremos o nosso pé
Só pelo gosto de recordar o seu molde.
Eu não solto um grama de carne pois
Desta vez lhes tiro o couro definitivamente
Como é do meu natural.

SLIFT
Alegra-me, Bocarra, que você tenha vencido
A fraqueza dos dias passados. E agora
Vou ver como eles compram gado.

Slift sai.

BOCARRA
O certo seria arrancar de vez o couro
A esta cidade maldita para explicar
O negócio da carne à rapaziada.
Gritarão depois que foi "criminoso".

Entra Joana com uma mala.

JOANA Bom dia, Mister Bocarra. O senhor é difícil de encontrar. Por enquanto vou deixar as minhas coisas ali. É que não estou mais com os Boinas Pretas. Houve desentendimentos entre nós. Aí achei que era uma ocasião para procurar Mister Bocarra. Agora que não tenho o desgaste do trabalho missionário, me sobra mais tempo para os casos individuais. E penso, com sua licença, me ocupar um pouco do senhor. Sabe, eu já havia notado que o senhor é mais aberto que muitos outros. Estes sofás antigos são os melhores. Para que o lençol em cima? Nem dobrado direito ele está. O senhor dorme aqui mesmo no escritório? Eu pensava que morasse num daqueles palacetes. *Bocarra se cala.* Mas o senhor tem toda a razão, economia se faz nas pequenas coisas como nas grandes, mesmo sendo o rei dos frigoríficos. Não sei por quê, quando vejo o senhor me vem à cabeça o episódio de Deus nosso Pai que busca Adão no paraíso

e chama: "Adão, onde estás?". O senhor está lembrado? *Ela ri.* Adão, para variar, está escondido atrás de umas moitas, enfiado até os cotovelos no sangue de uma novilha, e é nesse estado que ele ouve a voz de Deus. Ele faz de conta que não está ali. Mas Deus não deixa por menos e insiste: "Adão, onde estás?". E Adão, mortificadíssimo e com as faces em fogo, responde: "Você me busca logo agora que matei a novilha. Não diga nada, eu sei muito bem, eu não devia ter feito isso". Enfim, a sua consciência hoje talvez não esteja comprometida, hem, Mister Bocarra?

BOCARRA A senhora então não está mais com os Boinas Pretas?

JOANA Não estou. E meu lugar também não é mais lá.

BOCARRA E a senhora tem vivido de quê?

Joana cala.

BOCARRA Tem vivido de nada. Faz tempo que a senhora não está com os Boinas Pretas?

JOANA Oito dias.

BOCARRA *soluça no fundo da cena*
Transformada a esse ponto, em só oito dias!
Onde esteve? Com quem falou? O que terá sido
Isto de que falam as marcas no seu rosto?
A cidade
De onde ela vem, eu ainda não a conheço.

Ele traz comida numa bandeja.
Vejo você muito transformada, olhe aqui um prato.
Eu não vou comer.

Joana olha a comida.

JOANA Mister Bocarra, depois que expulsamos os ricos de nossa casa...

BOCARRA ... o que eu apreciei muito e achei justo...

JOANA ... o proprietário dela, que vive do aluguel, disse que nos despeja sábado que vem.

BOCARRA Sei, e a situação econômica dos Boinas Pretas piorou?

JOANA É isso, e achei que a ocasião era boa para procurá-lo.

Ela começa a comer com sofreguidão.

BOCARRA Não tem dúvida. Eu vou ao mercado e levanto o dinheiro que for preciso. Vou mesmo, e digo mais, eu levanto esse dinheiro nem que seja para arrancar o couro à nossa cidade. Eu faço isso por vocês. O dinheiro naturalmente está caro, mas eu levanto. Vai ser tudo conforme o seu gosto.

JOANA Sim, Mister Bocarra.

BOCARRA Você vá até lá e diga a eles que o dinheiro sai, até sábado ele sai. O Bocarra vai levantá-lo. Diga que ele acaba de ir

ao mercado de carnes para levantá-lo. Faltou sorte na questão dos cinquenta mil desempregados, não foi o que nós queríamos. Não deu para arranjar o trabalho para eles na hora. Mas para você eu faço uma exceção: os seus Boinas Pretas serão poupados, eu levanto esse dinheiro. Vá e diga isso a eles.

JOANA Vou, Mister Bocarra!

BOCARRA
Está aqui no papel, por escrito. Tome.
Também eu lamento que eles estejam parados
Nos matadouros esperando por um trabalho que não é bom.
Cinquenta mil
Espalhados pelos pátios e que nem de noite saem mais daqui.
Joana para de comer.
O fato é que neste negócio
Se trata do ser e do nada: ou
Sou o mais forte de minha classe ou
Desço eu mesmo pelo corredor sem luz que vai ao matadouro.
E se isto não bastasse a escória está de volta em todos os pátios
Criando caso.
E agora, para dizer as coisas como elas são, quisera
Ouvir, nas suas palavras, que está certo o que eu faço
E que o meu negócio não é contra a natureza: em suma
Você atesta que eu segui o seu conselho
Encomendando carne ao cartel da carne e também
Aos criadores e que portanto eu fazia o bem. Como
Sei perfeitamente que vocês são pobres
E logo agora um proprietário os quer deixar sem teto

Darei a minha contribuição inclusive nesse ponto: como prova Cabal de minha boa vontade.

JOANA Quer dizer que os trabalhadores continuam diante das fábricas esperando?

BOCARRA
Por que você é contra o dinheiro? E fica
Tão mudada quando ele falta!
O que pensa você do dinheiro? Diga
Eu quero saber, e não pense erradamente
Como os tontos que o dinheiro torna
Suspeitosos. Considere a realidade
A verdade chã, pouco agradável talvez, mas
Verdade, a completa instabilidade das coisas, entregues quase
Ao acaso, como a espécie humana a ventos
E tempestades. Ao passo que o dinheiro
Algo pode, ainda que só para alguns
Poucos, isto sem esquecer: que tremenda é a sua obra!
Levantada em tempos imemoriais, mas sempre recomeçada
Porque sempre desmoronando, gigantesca mesmo assim, verdade
Que exigindo interminável sacrifício, sempre dificílima
[de erguer
E sempre sendo erguida, contra tudo muito embora inevitável
Arrancando o possível à adversidade do planeta, seja
O possível qual for, muito ou pouco, e por isto
Abraçada sempre pelos melhores. Pois entenda, mesmo
Se eu que sou bastante crítico e perco o sono quisesse
Saltar fora, seria
Como o inseto que deixa a luta contra a maré. Transformado

Em nada instantaneamente eu me veria
Tragado pelo curso das coisas seguindo adiante.
E não fosse assim, teria tudo que ser demolido até
[o fundamento
E modificado o plano da obra também até o fundamento
[conforme
Uma estimativa inteiramente diversa e inédita dos humanos
[que vocês
Não querem e nós tampouco pois tudo se passaria sem nós
[nem Deus, o qual
Seria abolido porque completamente sem função. Por isso vocês
Não podem ficar de fora, e ainda que dispensados de abater
Diretamente, coisa que nem pedimos que façam
Terão de dizer sim de viva voz ao sacrifício.
Resumindo: vocês têm
Que recolocar Deus em pé
A única salvação
Batendo os tambores em seu nome
Para que ele tome alento nos subúrbios da miséria
E nos matadouros a voz dele seja ouvida.
Isto seria suficiente.
Ele lhe entrega o papel.
Aceite o que lhe dão mas saiba
Com que fim foi dado! Aqui está o recibo, são quatro anos
[de aluguel.

JOANA
Mister Bocarra, o que o senhor acaba de me dizer eu não
[entendo
Nem quero entender.

Ela se levanta.
Eu sei que deveria estar alegre pois ouvi
Que vão ajudar a Deus, porém: eu
Estou entre aqueles a quem
Esta ajuda não ajuda. A quem não chegou
Ajuda alguma.

BOCARRA
Vai, entrega este dinheiro aos Boinas Pretas e serás
Um deles novamente, esta vida sem arrimo
Não te faz bem. Acredita
Eles querem o dinheiro, e é bom que seja assim.

JOANA
Se os Boinas Pretas
Aceitarem o seu dinheiro, muito bem, mas
Quanto a mim fico entre os que esperam nos matadouros
Até que as fábricas abram os portões, eu vou
Comer o que eles comem, se for neve, será neve, e quero
Que o trabalho deles seja o meu trabalho porque também eu
Não tenho dinheiro e não tenho outra maneira de ganhá-lo
Pelo menos honesta, e se não houver trabalho
Que não haja também para mim
E se o senhor que vive da pobreza
E não suporta ver os pobres e condena
O que desconhece e se arranja
Para não ver o que condenou
O que condenado está nos matadouros sem apelação:
Se o senhor quiser me ver daqui por diante será
Nos matadouros.

Ela sai.

BOCARRA
Portanto, Bocarra, hoje à noite
A cada tanto sai da cama e vai
Ver à janela se está nevando
E se estiver
É ela que está na neve, ela, que você conhece.

IX

a.

TERCEIRA DESCIDA DE JOANA ÀS PROFUNDEZAS: A NEVASCA

Região dos matadouros.

Joana, Gloomb e Dona Luckerniddle estão com ela.

JOANA
Ouçam o que sonhei uma noite
Sete dias atrás.
Vi diante de mim um terreno vazio
Pequeno até para um jogo de peteca
Porque apertado entre edifícios enormes, e neste terreno
Um bolo humano de número indeterminado, mas
Maior que o número de pardais que se pudessem reunir

Em praça tão pequena, um bolo portanto
Muito compacto, a ponto de o terreno vergar nas bordas
E embarrigar no meio, com risco
De a massa escorrer, mas
Ela resiste, visivelmente pulsando em si mesma
Até que uma palavra a mais lançada em qualquer parte
E de conteúdo também qualquer a transforma em torrente.
Agora eu via cortejos, ruas, ruas conhecidas, Chicago! Vocês!
Via vocês marchando, e depois me vi a mim.
Eu ia à frente de vocês, muda e marchando
A passo marcial, a fronte ensanguentada
E lançando palavras de sonoridade guerreira numa língua
Que desconheço, e como os cortejos fossem muitos
E viessem de muitos lados ao mesmo tempo
Eu vinha à frente de todos eles em numerosas encarnações:
Moça e velha, em prantos e tremenda
E, sobretudo, fora de mim mesma! Virtude e terror!
Transformando tudo o que meu pé tocava
Causando imensa destruição, influindo palpavelmente
No curso dos astros, mas transformando também
A fundo as ruas mais vizinhas, conhecidas de todos nós.
Assim avançava o cortejo e eu com ele
Envolta em neve que me ocultava ao ataque inimigo
Transparente quase de fome e portanto inalvejável
Jamais localizada por viver sem domicílio
E superior a qualquer tortura por habituada
A todas. E assim marcha o cortejo abandonando
A praça insustentável, trocando-a por outra, pouco importa qual.
Este o meu sonho.

Hoje vejo a interpretação.
Antes que amanheça nós
Deixaremos estes pátios
E quando clarear estaremos na Chicago deles
Mostrando em praça aberta a extensão de nossa miséria
E interpelando tudo que se assemelhe a um ser humano.
O que será depois não sei.

GLOOMB *a Dona Luckerniddle* A senhora entendeu o que ela disse? Eu não.

DONA LUCKERNIDDLE Se ela não falasse tanto, nós agora estaríamos comendo sopa na casa dos Boinas Pretas, que é aquecida!

b.

A BOLSA DE CARNES

BOCARRA *aos industriais*
Os amigos de Nova York me escrevem
Que a lei tarifária do Sul
Acaba de cair.

OS INDUSTRIAIS
Ai de nós, a lei tarifária cai, e nós
Sem carne para vender! A nossa já está vendida
A preço baixo, e agora teremos de comprá-la na alta!

Os criadores
Ai de nós, a lei tarifária cai, e nós
Sem gado para vender! O nosso já está vendido
A preços baixos!

Os pequenos especuladores
Ai de nós! Eternamente indevassáveis
São as eternas leis
Da economia humana!
Imprevisto
O vulcão despeja lava e destrói uma província!
Repentina
A terra lucrativa emerge das águas revoltas!
Ninguém preparado, ninguém sabendo de nada! O último
Que ficar no entanto é mordido pelos cachorros!

Bocarra
Já que é forte a procura
De carne enlatada a preço aceitável
Exijo que me entreguem rapidamente
A carne em lata que me devem
Conforme o nosso contrato.

Graham
Ao preço antigo?

Bocarra
Como combinado, Graham
Quarenta mil toneladas, se bem recordo
Um momento em que eu estava fora de mim.

Os industriais
Como comprar o gado agora se os preços estão subindo?
Anda por aí alguém que açambarcou tudo
E que ninguém conhece –
Bocarra, libera-nos deste contrato!

Bocarra
Infelizmente eu vou precisar das latas. E gado
De corte não falta, um pouco caro, está certo, mas
Não falta. É só comprar!

Os industriais
Comprar gado agora, Deus nos livre!

c.

UM BOTEQUIM NA REGIÃO DOS MATADOUROS

Trabalhadores e trabalhadoras, entre os quais Joana. Chega um comando de Boinas Pretas. Joana levanta e durante o que segue fará gestos desesperados de dissuasão.

Jackson, tenente dos Boinas Pretas *após uma cantoria apressada*
O sorriso de Jesus é mais forte que vinho
O sorriso de Jesus é melhor do que pão
Vem a nós, pecador, Jesus é a salvação. Aleluia!

Uma jovem Boina Preta prega aos trabalhadores e no entremeio faz observações aos colegas.

MARTA, SOLDADO DOS BOINAS PRETAS (Vocês acham que adianta?) Irmãos e irmãs, esta que lhes fala também esteve perdida, como vocês, à beira da estrada e cheia de pensamentos negros, a carne em mim querendo só comer e beber. Mas com a graça de Deus encontrei Jesus, e a luz e a alegria se fizeram dentro de mim, e agora (Eles não prestam a menor atenção!), quando penso firmemente Nele, cuja dor nos redimiu de nossos muitos malfeitos, já não tenho sede nem fome, tenho sede e fome só da palavra de nosso Salvador. (Não adianta nada.) Onde Jesus está não está a violência, está a paz; não está o ódio, está o amor. (É inútil.) É por isto que lhes digo que a esperança existe!

OS BOINAS PRETAS Aleluia! *Jackson passa a latinha, mas as moedas não vêm.* Aleluia!

JOANA
Não é possível dar um vexame destes, num frio destes
E ainda por cima fazer um discurso!
Realmente, estas palavras
Que amei outrora e me falavam ao coração
Penso que já não poderia mais suportá-las. Não haverá neles
Uma voz, um resto que lhes diga: você
Não se dá conta da neve e do vento? Cale essa boca!

UMA MULHER Deixa. Eles precisam falar, senão ficam sem a comida e o abrigo da noite. Eu bem que gostaria de estar lá!

DONA LUCKERNIDDLE A música estava uma beleza!

GLOOMB Linda e curta.

DONA LUCKERNIDDLE É gente muito boa.

GLOOMB Gente boa e curta, para ser curto e grosso.

A MULHER Por que será que eles não vêm aqui falar e converter a gente?

GLOOMB *faz um gesto de quem conta dinheiro* A senhora também acha que a esperança existe, Dona Swingurn?

A MULHER A música é muito bonita, mas eu esperava que eles nos dessem um prato de sopa. Eles não estavam com uma panela?

O TRABALHADOR *surpreso* Vejam só, a senhora tinha mesmo essa esperança?

DONA LUCKERNIDDLE É isso, o que conta é a realidade. Conversa eu já ouvi demais. Se certas pessoas tivessem calado a boca, eu teria onde ficar hoje à noite.

JOANA Não existe gente aqui disposta a fazer alguma coisa?

O TRABALHADOR Existe, os comunistas.

JOANA Mas não são pessoas com intenções criminosas?

O TRABALHADOR Não.

Silêncio.

JOANA Onde é que eles estão?

GLOOMB A Dona Luckerniddle sabe explicar.

JOANA *a Dona Luckerniddle* É verdade que a senhora sabe?

DONA LUCKERNIDDLE Antigamente, quando eu ainda não confiava em gente como a senhora, eu ia muito lá, por causa do meu marido.

d.

A BOLSA DE CARNES

OS INDUSTRIAIS
Estamos comprando carne! Novilhos!
Vitelos! Bois! Porcos!
Solicitamos ofertas!

OS CRIADORES
Não há o que vender. Tudo que era vendável
Nós já vendemos.

OS INDUSTRIAIS
Como não há? As estações de trem
Estão superlotadas de gado.

OS INDUSTRIAIS
De gado vendido.

OS INDUSTRIAIS
Vendido a quem?

Entra Bocarra. Os industriais atiram-se a ele.

OS INDUSTRIAIS
Não se consegue um só boi em Chicago!
Bocarra, você tem que nos dar um prazo!

BOCARRA
Nada feito. Vocês vão entregar a carne.
Ele se posta ao lado de Slift.
Eu quero que eles saiam daqui limpos.

UM CRIADOR
Oitocentos bois de Kentucky a quarenta!

OS INDUSTRIAIS
Impossível. Vocês estão loucos? Quarenta!

SLIFT
Eu aqui. A quarenta.

Os criadores
Oitocentos bois para Sullivan Slift a quarenta.

Os industriais
É o Bocarra! Nós não dizíamos? É ele!
O cachorro sinuoso, ele nos força a entregar a carne
Enlatada, mas açambarca os bois! Somos obrigados
[a lhe comprar
A carne de que precisamos para encher as latas dele próprio!
Carniceiro imundo! Toma, toma aqui a nossa carne, arranca um pedaço!

Bocarra Quem nasceu para carneiro não se espante quando é comido!

Graham *quer avançar para cima de Bocarra* Ele tem que ser liquidado, eu apago esse homem!

Bocarra
Muito bem, Graham, agora eu quero as latas!
Entre você mesmo dentro delas.
Eu vou ensinar o negócio da carne a vocês, meus caros
Comerciantes. De agora em diante qualquer parte
[de qualquer bicho
No estado inteiro de Illinois será paga a mim e será bem paga
E para começar ofereço quinhentos bois a cinquenta e seis.
Silêncio.
E agora, porque a procura está fraca e vocês não precisam de bois
Eu vou deixar por sessenta! E por favor não esqueçam
As minhas latas!

e.

NOUTRA PARTE DOS MATADOUROS

Cartazes: "As vítimas do locaute da carne precisam da nossa solidariedade! Todo apoio à greve geral!". Diante de um galpão, dois homens da central sindical falam a um grupo de trabalhadores. Chega Joana.

Joana São estes os homens que lideram a luta dos desempregados? Eu quero participar. Fui treinada para falar em praça pública e em recintos fechados, mesmo que sejam grandes, não tenho medo de ser importunada, e acho que sou capaz de explicar bem uma causa que seja boa. Na minha opinião é preciso fazer alguma coisa já. E tenho sugestões.

O dirigente Ouçam todos: os patrões até agora não mostraram a menor disposição de reabrir as fábricas. No começo parecia que o explorador Bocarra se empenhava na retomada da produção, isto porque cobrava a grande quantidade de conservas que por contrato os industriais lhe devem. Depois ficou claro que a carne de que eles precisavam para encher as latas estava nas mãos do próprio Bocarra, que não está a fim de soltá-la. Assim, sabemos que se depender dos patrões nunca mais haverá emprego para todos no matadouro, nem o salário será o mesmo. Nestas condições é preciso reconhecer que só a utilização da força nos pode ajudar. Pois bem, o pessoal dos serviços básicos da cidade nos prometeu aderir à greve geral até no máximo depois de amanhã. Esta informação tem que chegar depressa a todos os cantos do matadouro, para evitar que as massas, levadas pelos boatos, deixem as fábricas e depois sejam forçadas a acei-

tar as condições dos patrões. Hoje mesmo os patrões vão espalhar uma porção de mentiras, dizendo que a situação está resolvida e que não haverá greve geral. Por isso é necessário que estas cartas que estão aqui e asseguram que os operários do gás, da água e da eletricidade vão aderir à nossa greve sejam entregues às pessoas de confiança que às dez da noite estarão em diversos pontos esperando a nossa palavra de ordem. Ponha esta carta embaixo do avental, Jack, e espere os emissários na porta da cantina.

Um trabalhador pega a carta e sai.

OUTRO TRABALHADOR Pode me dar a carta para o pessoal da Graham, que eu conheço.

O DIRIGENTE Rua Vinte e Seis, esquina com Michigan.

O trabalhador pega a carta e sai.

O DIRIGENTE Rua Treze, em frente ao prédio da Westinghouse. *A Joana* Você quem é?

JOANA Eu perdi o meu emprego.

O DIRIGENTE Qual era o seu emprego?

JOANA Eu vendia uma revista.

O DIRIGENTE Para quem você trabalhava?

JOANA Eu vendia por conta própria.

UM TRABALHADOR Ela talvez seja tira.

O SEGUNDO DIRIGENTE Não é não, eu a conheço, ela é dos Boinas Pretas e a polícia também sabe quem é. Ninguém desconfiaria dela. Acho que seria uma boa ideia, porque o ponto com o pessoal das fábricas Cridle já está vigiado. Nós não temos ninguém que dê menos na vista do que ela.

O PRIMEIRO DIRIGENTE E quem te garante que ela entrega a nossa carta?

O SEGUNDO Ninguém.
A Joana
Uma única malha
Basta para inutilizar uma rede:
Os peixes passam pelo furo
Como se não houvesse rede
E as outras malhas todas
Ficam sem préstimo.

JOANA Eu vendia jornal na Rua Vinte e Quatro. Eu não sou tira. Estou com vocês de coração.

O PRIMEIRO DIRIGENTE Como "está conosco"? Você não é uma de nós?

JOANA Os industriais não podem botar tanta gente no olho da rua sem mais aquela, isso contraria o interesse geral. Parece até

que a pobreza dos pobres interessa aos ricos! Fico pensando se a própria pobreza não será obra deles!

Grandes gargalhadas dos trabalhadores.

JOANA Que coisa desumana! Estou pensando em gente até mesmo como o Bocarra.

Novas gargalhadas.

JOANA Por que estas risadas? Acho muita malícia, e não acho certo. Vocês estão pensando, sem nenhuma prova, que um homem como o Bocarra não pode ser humano.

O SEGUNDO DIRIGENTE Sem nenhuma prova, não. Entregue a carta a ela sem susto. É conhecida sua, Dona Luckerniddle? *Dona Luckerniddle confirma.* Ela é honesta, não é?

DONA LUCKERNIDDLE Honesta ela é.

O PRIMEIRO DIRIGENTE *dá a carta a Joana* Vá até o silo número cinco nas Indústrias Graham. Quando chegarem três trabalhadores procurando alguém, você pergunta se eles são das indústrias Cridle. A carta é para eles.

f.

BOLSA DE CARNES

OS PEQUENOS ESPECULADORES
A bolsa vai a pique! A indústria da carne em perigo!
Que será de nós, o pequeno investidor?
E de nossa poupança aplicada até o último tostão?
A classe média está abaladíssima!
Um tipo como este Graham merecia ser rasgado em pedacinhos
E jogado fora antes que transforme em lixo
O papel em que está a parte que nos toca
De seu negócio sangrento.
Comprem logo esse gado, comprem a qualquer preço!

Durante a cena inteira, ao fundo, o pregão das firmas em concordata. "Pedem concordata: Meyers & Cia." etc.

OS INDUSTRIAIS
Nós não podemos mais, o preço está acima de setenta.

OS AGENTES
Cortem a cabeça deles, os cabeçudos não querem comprar!

OS INDUSTRIAIS
Compramos dois mil bois a setenta.

SLIFT *a Bocarra, que descansa contra uma coluna* Aperta mais.

BOCARRA
Vejo que vocês não cumpriram
O nosso contrato que quanto a mim foi fechado
Para criar empregos. E agora ouço dizer
Que os trabalhadores continuam parados diante das fábricas.
Mas vocês vão se arrepender: quero já
As conservas que eu comprei!

GRAHAM
Não pudemos fazer nada porque a carne desapareceu
Inteiramente do mercado!
Quinhentos bois a setenta e cinco.

OS PEQUENOS ESPECULADORES
Comprem os bois, piranhas!
Eles não compram, eles
Preferem entregar as indústrias.

BOCARRA
Não acho que devamos subir mais, Slift
Mais que isto eles não podem.
Está bem que eles sangrem, mas não
Que morram, se eles morrem
Estamos mortos nós também.

SLIFT
Eles podem sim, suba mais.
Quinhentos bois por setenta e sete.

OS PEQUENOS ESPECULADORES
Setenta e sete. Vocês ouviram? Por que
Vocês não compraram a setenta e cinco? Agora
Já está a setenta e sete e vai subir mais.

OS INDUSTRIAIS O Bocarra nos paga cinquenta a lata e nós não podemos lhe pagar o boi a oitenta.

BOCARRA *perguntando a alguns* Onde estão os homens que eu mandei ao matadouro?

UM Um deles está ali.

BOCARRA Fala aí, seu.

O PRIMEIRO DETETIVE *relata* São massas, chefe, que a mente não concebe. Se eu chamasse por uma Joana, apareceriam dez ou cem. Estão ali esperando, sem cara e sem nome. E não é só isto, é que não dá para ouvir a voz de um indivíduo. Eles são muito numerosos, correndo de um lado para o outro e perguntando por parentes que desapareceram. Na região em que os sindicatos trabalham a inquietação é grande.

BOCARRA Trabalham, quem? Os sindicatos? E a polícia deixa? Diabo! Você vai telefonar à polícia imediatamente, em meu nome, perguntando para que pagamos impostos. Peça a cabeça dos chefes da agitação, seja claro com eles.

Sai o primeiro detetive.

GRAHAM
Enfim, já que é para morrer, passa para cá
Bocarra, mil a setenta e sete, é o nosso fim.

SLIFT
Quinhentos a setenta e sete vendidos a Graham.
Tudo o mais a oitenta.

BOCARRA *de volta*
Slift, este negócio não está me divertindo mais.
Pode passar da conta. Até
Oitenta vá, mas a oitenta você entrega o peixe.
Eu quero ceder e desarrochar.
Chega. A cidade precisa retomar
O fôlego. E eu tenho outros cuidados
Slift, estes enforcamentos progressivos
Me divertem menos do que eu esperava.
Ele vê o segundo detetive.
Você achou a Joana?

O SEGUNDO DETETIVE Não, não vi ninguém com o uniforme dos Boinas Pretas, são umas cem mil pessoas paradas no matadouro, o dia está escuro e não adianta chamar porque o vento confunde as vozes. Além disso a polícia começou a evacuar os pátios e já estão atirando.

BOCARRA
Atirando? Em quem? Óbvio, eu sei.
É estranho, porque aqui não se ouve nada.
Em suma, ela não foi encontrada, e estão atirando?

Corra até os orelhões, chame o Jimmy e diga a ele
Que não me telefone, senão vão dizer
Que fomos nós quem mandou atirar.

Sai o segundo detetive.

MEYERS
Mil e quinhentos a oitenta.

SLIFT
A oitenta só quinhentos.

MEYERS
Cinco mil a oitenta! Assassino!

BOCARRA *de volta à coluna* Slift, estou me sentindo mal, ceda.

SLIFT Nem pensar. Eles estão podendo. E se você fraqueja, Bocarra, eu subo o preço agora mesmo.

BOCARRA
Eu preciso de ar puro, Slift, dirija
Você os negócios. Para mim não dá mais. Siga
Sempre a minha filosofia. Prefiro entregar tudo
A causar algo de irreparável. Não vá
Além de oitenta e cinco! Mas sempre
Seguindo a minha filosofia. Você me conhece.

Ao sair ele dá com os jornalistas.

Os jornalistas Há novidades, Bocarra?

Bocarra *saindo* Divulguem nos matadouros que acabo de facilitar gado às fábricas, de modo que os bois agora existem. Senão vai haver violência.

Slift
Quinhentos bois a noventa.

Os pequenos especuladores
Nós ouvimos que o Bocarra
Pedia só oitenta e cinco. O Slift não tem procuração.

Slift
Mentira. Vou ensinar vocês
A vender carne enlatada sem
Ter carne!
Cinco mil bois a noventa e cinco.

Gritaria.

g.

MATADOUROS

Pessoas esperando, entre as quais Joana.

Alguém Por que a senhora está aqui?

Joana Eu preciso entregar uma carta. Chegarão três pessoas.

Entra um grupo de jornalistas conduzidos por um homem.

O homem *apontando para Joana* É aquela ali. *A Joana* Estes aqui são jornalistas.

Os jornalistas Oba, é você a Joana Dark dos Boinas Pretas?

Joana Não.

Os jornalistas Conforme a declaração dos escritórios Bocarra, você jurou que não sai dos matadouros enquanto as fábricas não abrirem. Leia aqui, veja que nós publicamos as suas palavras na primeira página, em manchete. *Joana vira a cara. Os jornalistas leem em voz alta* Joana Dark, a Virgem dos Matadouros, afirma que Deus está solidário com os trabalhadores da indústria de carne.

Joana Eu não disse nada disso.

Os jornalistas Para a sua informação, senhorita, saiba que a opinião pública está do seu lado. Salvo alguns especuladores inescrupulosos, a cidade de Chicago inteira está vibrando com você. O sucesso dos Boinas Pretas vai ser enorme.

Joana Eu não faço mais parte dos Boinas Pretas.

Os jornalistas O que é isto. Para nós a senhora estará sempre com os Boinas Pretas. Mas não se incomode conosco, ficaremos discretamente ali no fundo.

JOANA Eu quero que vocês saiam daqui.

Eles sentam a alguma distância.

TRABALHADORES *atrás, nos matadouros*
Enquanto a aflição não chegar ao máximo
Eles não abrem as fábricas.
Quando a miséria tiver crescido
Eles abrirão as fábricas.
Mas eles têm que nos dar uma resposta.
Não saiam, esperem a resposta!

CONTRACORO *também atrás*
Errado! A miséria aumente quanto quiser:
Eles não abrem as fábricas!
Não abrem enquanto não aumentar o lucro.
A resposta eles darão
Com canhões e metralhadoras.
Só nós mesmos podemos nos ajudar.
Podemos pedir ajuda
Só a nossos iguais.

JOANA *a Dona Luckerniddle* A senhora também pensa assim?

DONA LUCKERNIDDLE Penso. É a verdade.

JOANA
Olho este sistema, por fora
É meu velho conhecido, o funcionamento é que eu

Não via! Alguns poucos em cima
Outros muitos embaixo, e os de cima chamando
Os de baixo: venham para o alto, para que todos
Estejamos em cima, mas olhando melhor você vê
Algo de encoberto entre os de cima e os de baixo
Algo que parece uma pinguela mas não é
E agora você vê perfeitamente
Que a tábua é uma gangorra, este sistema todo
É uma gangorra cujas extremidades
São relativas uma à outra, os de cima
Estão lá só porque e enquanto os demais estão embaixo
E já não estariam em cima se acaso os outros
Deixando o seu lugar subissem, de sorte que
Necessariamente os de cima desejam que os de baixo
Não subam e fiquem embaixo para sempre.
É necessário também que os de baixo sejam em número
Maior que os de cima, para que estes não desçam.
Senão não seria uma gangorra.

Os jornalistas se levantam e vão para o fundo, pois receberam uma notícia.

UM TRABALHADOR Você tem conversa com essa gente?

JOANA Eu não.

UM TRABALHADOR Mas eles estavam falando com você.

JOANA Eles me confundiram com outra pessoa.

Um velho A senhora está morrendo de frio. Quer um gole de uísque? *Joana bebe.* Devagar aí! Está pensando que é água?

Uma mulher Pouca vergonha!

Joana A senhora disse alguma coisa?

A mulher Disse, pouca vergonha! Avançar no uísque do velho!

Joana A senhora devia cuidar da sua vida, em vez de dizer bobagens. E o meu cachecol, desapareceu? Mais esta agora, eles me roubaram. É o que faltava, me roubaram o cachecol! Quem pegou o meu cachecol? É favor devolver aqui. *Ela arranca o saco com que uma mulher a seu lado cobre a cabeça. A mulher se defende.* Foi a senhora, sim. Não minta, e dê aqui o saco.

A mulher Socorro, ela vai me matar.

Um homem Calma!

Alguém atira um trapo a Joana.

Joana
Se dependesse de vocês eu ficaria sem roupa aqui no frio.
Não fazia tanto frio no meu sonho. Quando
Vim para aqui com grandes planos fortalecida
Aliás por sonhos, eu não sonhava que aqui
Pudesse fazer tanto frio. Agora de tudo
O que mais me faz falta é só o meu cachecol.
Para vocês é fácil passar fome, vocês não têm o que comer

Mas eu tenho uma sopa me esperando.
Para vocês é fácil passar frio
Mas eu é só querer e sempre posso
Voltar para a sala aquecida
Pegar na bandeira e bater o tambor
E falar NELE que mora atrás das nuvens.
Vocês o que têm a perder? Eu perdi
Não foi só a vocação, foi o ofício
Não foram apenas hábitos educados, foi um emprego
Sofrível com casa, comida e salário.
De fato me parece quase teatro, indigno
Portanto, eu ficar aqui
Sem necessidade absoluta. Mas apesar disso
Não tenho o direito de ir embora ainda que francamente
Eu tenha a garganta apertada pelo medo
De não comer, de não dormir, de não ver saída;
Fome pura e simples, frio vulgar e
Sobretudo o desejo de sair daqui.

Um trabalhador
Fiquem aqui! Venha o que vier
Não se dispersem!
Só ficando unidos
Vocês podem se ajudar!
Saibam que vocês são traídos
Pelos seus aliados mais eloquentes
E pelos seus sindicatos, que foram comprados.
Não creiam em ninguém, não creiam em nada
Mas examinem toda proposta
Que leve à transformação real. E sobretudo aprendam

Que, se não for à força, não vai
Nem vai se a força não for de vocês.

Os jornalistas voltam.

Os jornalistas Alô, menina, o seu sucesso é imenso: acabamos de saber que o milionário Pedro Paulo Bocarra, em cujas mãos se encontram grandes estoques de gado, resolveu facilitá-los aos matadouros, a despeito da alta dos preços. Nestas circunstâncias o trabalho dos matadouros recomeçará amanhã.

Joana Feliz notícia!

Dona Luckerniddle
Estas são as mentiras de que falavam os nossos.
Felizmente a verdade está escrita na carta que trazemos.

Joana
Vocês ouviram, vai haver trabalho!
A dureza no peito deles cedeu. Pelo menos
O justo dentre eles
Não falhou. Interpelado humanamente
Ele respondeu humanamente. Existe
Portanto a bondade.
Ao longe ouvem-se metralhadoras.
Que ruído é esse?

Um repórter É o exército que está evacuando os matadouros, porque agora que as fábricas vão abrir é preciso calar a boca dos agitadores que estão pregando a violência.

Uma mulher Será que é melhor ir para casa?

Um trabalhador Como sabemos se é verdade que vai haver trabalho?

Joana Por que não será verdade, se estas pessoas estão dizendo? Ninguém vai brincar com uma coisa destas.

Dona Luckerniddle Não diga bobagens, você não entende nada. De certo é porque ainda não te deixaram bastante no frio. *Ela se levanta.* Eu vou rápido até o nosso pessoal para avisar que as mentiras já chegaram. Você fica aqui com a carta e não se mexa, ouviu?

Ela sai.

Joana Mas estão atirando.

Um trabalhador Pode esperar sossegada, os matadouros são grandes, o exército vai levar um tempo até chegar aqui.

Joana Quanta gente está nesses pátios?

Os jornalistas Devem ser cem mil.

Joana Tantos?
Esta é uma escola desconhecida, uma sala de aula ilegal
Toda cheia de neve onde a fome é professora e intratavelmente
Fala da necessidade a necessidade!
Cem mil alunos, qual é a lição?

TRABALHADORES *ao fundo*
Se vocês ficarem ombro a ombro
Eles vão massacrar vocês.
O nosso conselho é ficar ombro a ombro!
Se vocês lutarem
Os tanques deles vão destroçar vocês.
O nosso conselho é lutar!
Esta luta será perdida
E talvez a próxima também
Seja perdida.
Mas vocês aprendem a luta
E ficam sabendo
Que, se não for à força, não vai
Nem vai se a força não for de vocês.

JOANA
Alto, parem de aprender!
Estas lições são gélidas!
Combatam, sim, a desordem e a confusão
Mas não pela violência.
Embora a tentação seja forte!
Mais uma noite destas e mais uma destas
Asfixias silenciosas e mais
Ninguém saberá se conter. É certo que já vocês
Passaram muitas noites de muitos anos
Juntos aprendendo
Estas lições frias e tremendas. É certo também que se somam
A violência à violência no escuro
E o fraco ao fraco e que os atritos sem solução
Também se somam.

Mas a mistura que ferve neste caldeirão será
Para a boca de quem?
Eu vou embora. Não pode ser bom o que se faz com violência. Meu lugar não é com eles. Se na infância, a fome e o pontapé da miséria me tivessem ensinado a brutalidade, eu seria um deles e não perguntaria nada. Mas como não é o caso, eu não posso ficar.

Ela continua sentada.

OS JORNALISTAS Nós agora te aconselhamos a deixar os matadouros. O teu sucesso foi grande, mas o assunto agora está esgotado.

Saem. Uma gritaria vem avançando do fundo. Os trabalhadores se levantam.

UM TRABALHADOR Pegaram os dirigentes da greve!

Os dois dirigentes operários passam algemados, conduzidos por detetives.

O TRABALHADOR *ao dirigente algemado* Calma, William, amanhã é outro dia.

OUTRO TRABALHADOR *depois de passado o grupo* Gorilas!

O TRABALHADOR Se eles pensam que vão impedir alguma coisa estão enganados. Já estava tudo organizado há muito tempo.

Numa visão, Joana vê a si mesma como criminosa e estranha ao universo comum.

JOANA
Eles me confiaram a carta, por que
Estão algemados? O que
Estará dito nesta carta? Eu não quereria fazer
Nada que tivesse de ser feito com violência
E conduzisse à violência. Tipos assim
Buscam o próximo sempre com malícia
E fora de qualquer reciprocidade normal
Entre humanos. Não sendo mais parte
De coisa alguma eles não enxergam mais saída
Neste mundo não mais familiar. O curso
Dos astros acima de sua cabeça já não seria o de sempre.
E as próprias palavras pareceriam mudadas. A inocência
Abandona quem persegue e é perseguido.
Não há mais nada que eles encarem sem pé atrás.
Eu não poderia ser assim. E por isto vou-me embora.
Durante três dias na capital das conservas no lamaçal
[dos matadouros
Foi vista Joana
Descendo um degrau depois do outro
Para purificar o lodo, para aparecer
Aos ínfimos. Três dias
Descendo, enfraquecendo no terceiro
E por fim desaparecendo no lamaçal. Digam dela:
O frio foi demais.

Ela se levanta e vai embora. Neva.

DONA LUCKERNIDDLE *voltando* Tudo mentira! Onde está a mulher que estava sentada aqui comigo?

UMA MULHER Foi embora.

UM TRABALHADOR Eu sempre achei que ela iria embora quando começasse a nevar de verdade.

Chegam três trabalhadores procurando alguém; não veem ninguém vão embora por. Enquanto escurece surge um escrito.

CAI NEVE EM CIMA DE NEVE
O QUE ERA VIVO SE ESCONDEU
FICAM DE FORA AS PEDRAS
E QUEM NÃO TEM NADA DE SEU.

h.

PEDRO PAULO BOCARRA ATRAVESSA A FRONTEIRA DA POBREZA

Esquina de Chicago.

BOCARRA *a um dos detetives*
Agora chega, vamos voltar, você disse alguma coisa?
Você deu risada, não minta. Quando disse vamos
Voltar, você riu. Ouça o tiroteio.
Parece que estão resistindo, hem? Sim, eu queria

Insistir com vocês num ponto: não fiquem pensando
Nas várias meias-voltas que eu dei
Quando nos aproximávamos dos matadouros.
Pensar
Não leva a nada. Não pago vocês para pensarem
Eu tenho os meus motivos. Sou conhecido por aqueles lados.
Vocês já estão pensando outra vez. Parece
Que eu empreguei idiotas. Seja como for
Vamos voltar. Aquela que eu procurava oxalá
Tenha sido levada pela razão a sair
De lá debaixo, onde parece que de fato o inferno estourou.
Passa um jornaleiro.
Psiu, os jornais! Vamos ver como está o mercado da carne!
Ele lê e fica branco como giz.
Epa, alguma coisa ocorreu que muda tudo
Pois leio aqui preto no branco que o boi está a trinta
E que não se vende uma só cabeça
E leio aqui preto no branco também que meus amigos
Os industriais foram à ruína e saíram do mercado
E ainda que Bocarra e seu amigo Slift
Estão entre os mais arruinados de todos. Eis a situação
E assim chegamos aonde não queríamos e contudo o alívio
É geral. Já não posso ajudá-los
Pois ofereci o meu gado todo
A quem o pudesse usar
E ninguém quis, de modo que agora estou livre
E desobrigado. Assim, cruzando aqui e agora a fronteira
Da pobreza dispenso o serviço de vocês

Por não precisar mais dele.
Daqui em diante ninguém quererá me matar.

OS DOIS DETETIVES Neste caso estamos dispensados.

BOCARRA
Estão e eu também estou e posso ir para onde quiser
Até mesmo aos matadouros.
E no que tange ao troço feito de suor e dinheiro
Que armamos nestas cidades
Vou ser sincero: é como se um cara
Tivesse levantado o maior edifício do mundo
O mais caro e prático, só que usando
Por descuido e porque o material era barato
Merda de galinha, de modo que morar ali nunca foi fácil
Cabendo ao arquiteto
A glória de haver causado um fedor também ele
[sem precedentes.
Alguém que escapa de uma tal morada
Só pode estar alegre.

UM DOS DETETIVES *saindo* Esse está acabado.

BOCARRA
A vida é um combate que os fracos abate
E que os fortes levanta a uma altura que espanta.

i.

REGIÃO DESERTA NOS MATADOUROS

Dona Luckerniddle encontra Joana em meio à nevasca.

DONA LUCKERNIDDLE Até que enfim! Aonde é que você vai? Você entregou a carta?

JOANA Não. Eu vou embora daqui.

DONA LUCKERNIDDLE Eu devia ter imaginado. Dê aqui essa carta!

JOANA Não dou, nessa carta a senhora não põe a mão. Não adianta chegar perto. Eu sei que são incitações à violência. A senhora não vê que agora está tudo tranquilo? Mesmo assim vocês querem agitar.

DONA LUCKERNIDDLE Para você então está tudo tranquilo! E eu que disse que você é honesta. Eles não iam lhe dar a carta! Mas você é uma mentirosa e o seu lugar é do lado de lá. Você é uma merda! Me dê esta carta que lhe confiaram. *Joana desaparece na nevasca.* Não fuja! Ela desapareceu.

j.

OUTRA REGIÃO

Joana, correndo em direção à cidade, ouve dois trabalhadores que passam.

O PRIMEIRO Eles primeiro espalharam que o trabalho nos matadouros ia recomeçar e que ninguém seria demitido. Agora que uma parte dos operários foi para casa, para retomar o trabalho amanhã cedo, eles anunciam que os matadouros vão fechar definitivamente porque P. P. Bocarra levou todos à falência.

O SEGUNDO Os comunistas estavam com a razão. As massas não deviam ter se dispersado. Tanto mais que os serviços básicos de Chicago iam declarar a greve geral amanhã.

O PRIMEIRO Nós aqui não soubemos de nada.

O SEGUNDO É isto. Uma parte dos mensageiros deve ter falhado. Muita gente, se soubesse, teria ficado aqui. Com violência policial e tudo.

Joana, vagando, ouve vozes.

VOZ
Não conhece desculpa
Aquele que não chega. A pedra
Não desculpa quem cai.
E mesmo quem chegue
Poupe-nos o relato de sua dificuldade

E entregue em silêncio
A si mesmo ou aquilo de que é portador.

Joana está parada e começa a correr noutra direção.

Voz *Joana para*
Nós demos a você uma incumbência.
A nossa situação era drástica.
Não sabíamos quem você fosse
Você podia desincumbir-se ou também
Podia nos trair.
Você cumpriu a tarefa?

Joana corre e é detida por mais outra voz.

Voz
Estavam esperando, era preciso chegar!

Buscando salvar-se das vozes, Joana ouve vozes de todos os lados.

Vozes
Uma única malha
Basta para inutilizar uma rede:
Os peixes passam pelo furo
Como se não houvesse rede
E as outras malhas todas
Ficam sem préstimo.

Voz de Dona Luckerniddle
Eu testemunhei a seu favor

Mas você não entregou a carta
Que dizia a verdade.

Joana *cai de joelhos*
Luminosa verdade, obscurecida em má hora por uma
[tempestade de neve!
E perdida de vista depois! Grande é o poder
[das tempestades de neve!
Ah, debilidades do corpo! A fome, o que lhe resiste?
O que sobrevive a uma noite de inverno?
Eu preciso voltar!

Ela volta correndo.

X

PEDRO PAULO BOCARRA HUMILHA-SE E É EXALTADO

Sede dos Boinas Pretas.

MARTA *a um companheiro* Há três dias esteve aqui um emissário do Rei da Carne Pedro Paulo Bocarra, dizendo que ele mesmo quer pagar o nosso aluguel e também empreender juntamente conosco um grande movimento em favor dos pobres.

MULBERRY Mister Snyder, estamos no sábado. O senhor ou paga o aluguel, que é dos mais modestos, ou vai para a rua.

SNYDER Mister Mulberry, estamos esperando o Mister Bocarra, que nos prometeu apoio.

MULBERRY Meu caro Bento, meu caro Maneco, vamos depositar esta mobília lá fora na calçada.

Dois homens começam a descer a mobília para a rua.

Os boinas pretas
Ai de nós, o genuflexório na rua!
As mãos da cobiça levam
Música e púlpito embora.
Bradamos de coração:
Que venha o rico Mister Bocarra
Salvar-nos-ia agora
Com o dinheiro dele!

Snyder
Há sete dias, nas fábricas onde a ferrugem avança
As massas esperam, afastadas por fim do trabalho.
Devolvidas ao ar livre reencontram a vida
Natural na chuva e na neve
Sob a determinação altíssima do inescrutável.
Meu caro Mister Mulberry, é chegado o momento, com sopa
Quente e música elas estarão no papo. Em minha cabeça
Vejo o reino de Deus pronto e acabado.
Uma banda de música e sopas consistentes, sopas
Nutritivas, para a tranquilidade de Deus
E a liquidação final do bolchevismo.

Os boinas pretas
As barragens da fé já não resistem
Na cidade de Chicago
Ao mar de lama do materialismo
Que tudo cerca.
Olhai como a fé vacila, por pouco ela não naufraga!

Mas nós resistiremos, pois o rico Bocarra virá!
Ele já está a caminho com todo o dinheiro dele!

Um boina preta Seu Major, agora onde sentamos o nosso público?

Chegam três pobres, entre os quais Bocarra.

Snyder *grita com eles* Isto só quer sopa! Aqui não tem sopa! Aqui tem a palavra de Deus! Ouvindo isso, eles saem correndo.

Bocarra Aqui somos três, em busca de Deus.

Snyder Sentem ali e fiquem quietos.

Os três se sentam.

Um homem *entrando* Pedro Paulo Bocarra está?

Snyder Não, mas deve estar chegando.

Um homem Os industriais da carne querem falar com ele, e os criadores clamam por ele.

Sai.

Bocarra *na frente*
Pelo visto estão à procura do tal Bocarra.
Conheci muito: um tonto. Eles agora procuram
No inferno e no céu, embaixo e no alto, esse tal Bocarra

Que a vida inteira foi mais tonto
Que um vadio fedorento de pileque.
Ele se levanta e se aproxima dos Boinas Pretas.
Conheci um cara a quem pediram
Cem dólares. E ele tinha uns dez milhões.
E ele veio, não deu os cem dólares mas
Jogou fora os dez milhões
E entregou-se em pessoa.
Ele toma dois Boinas Pretas pelo braço e vai com eles até o genuflexório.
Eu quero me confessar.
Amigos, aqui não se ajoelhou ninguém
Tão abjeto como eu.

Os boinas pretas
Não percais a esperança!
Não vos torneis incrédulos!
Ele com certeza virá, ele já está a caminho
Com todo o dinheiro dele.

Um boina preta
Ele já chegou?

Bocarra
Amigos, vamos cantar juntos! Pois
Meu coração está leve e também pesado.

Dois músicos
Mais de um número nós não cantamos.

Entoam um hino. Os Boinas Pretas acompanham distraídos, com os olhos presos na porta.

Snyder *curvado sobre os livros da contabilidade*
Não queiram saber o resultado destes cálculos. Silêncio!
Me tragam as despesas da casa e as contas
A pagar, porque é hora da verdade.

Bocarra
Eu me acuso de exploração
De utilização indevida da violência, de expropriação
Do próximo em nome da propriedade. Durante sete dias
Arrochei o pescoço desta cidade
Até que Chicago amanheceu morta.

Um boina preta
É o Bocarra!

Bocarra
Mas lembro também como atenuante que no sétimo dia
Eu me desfiz de tudo de modo tal
Que agora estou aqui sem nada de meu.
Inocente não, mas arrependido.

Snyder
Você é o Bocarra?

Bocarra
Sou eu, dilacerado pelo arrependimento.

SNYDER *grita fulminado* E sem dinheiro? *Aos Boinas Pretas* Embrulhem as coisas. Depois disto, ficam suspensos os pagamentos.

OS MÚSICOS
Se é este o homem de quem esperavam
O dinheiro com que iam nos pagar
Nós não temos por que estar aqui – boa noite.

Saem.

CORO DOS BOINAS PRETAS *acompanhando a saída dos músicos* Rezando esperávamos
Bocarra o ricaço, mas quem nos entrou pela porta
Foi Bocarra o arrependido.
Este trouxe-nos
O seu coração, mas não o seu dinheiro.
Estamos emocionados
Mas com cara de tacho.
Os Boinas Pretas cantam confusa e apressadamente os seus últimos hinos, sentados em suas últimas cadeiras e banquetas.
Postados à margem do lago de Michigan
Só nos resta sentar no chão e chorar.
Despreguem da parede as santas palavras
E embrulhem no pano da bandeira sem glória o nosso livro
[de orações
Pois já não somos capazes de pagar as nossas contas
E as nevascas vão crescer para cima de nós
Neste inverno que ainda está no começo.

Em seguida, para encerrar, cantam "Onde é mais negra a batalha". Bocarra também canta, lendo a letra por cima do ombro de um colega.

SNYDER
Silêncio! E agora vamos todos saindo. *A Bocarra* Especialmente
[o senhor!
Onde ficaram os quarenta aluguéis dos pecadores impenitentes
Que Joana enxotou? Em troca ela converteu este aqui.
Joana
Devolve-me os meus quarenta aluguéis mensais!

BOCARRA
Pelo visto vocês pensavam levantar a sua casa
À sombra da minha. E humano lhes parece
Quem lhes serve, como
Era humano para mim só
Quem eu pudesse explorar. Na verdade, tampouco mudaria
Nada alguém que só considerasse como humanos
Aqueles a quem ajuda. Ele precisaria de náufragos
Para o seu negócio de salva-vidas. Enfim
Não escapamos ao ciclo das mercadorias nem dos astros.
Esta lição, Snyder, parecerá amarga a alguns.
Quanto a mim vejo que, estando como estou,
Não estou do agrado de vocês.

Bocarra vai sair quando aparecem na porta os reis da carne mais brancos do que giz.

OS INDUSTRIAIS
Sublime Bocarra! Perdoa esta chegada importuna

Que vem interromper a complicada cisma
De tua extraordinária cabeça.
É que estamos liquidados. À nossa volta é o caos
E acima de nós, altíssima, a manobra inescrutável.
Qual é teu plano, Bocarra, no que se refere a nós?
Quais serão os teus próximos passos?
Nós acusamos os teus golpes, que recebemos na nuca.

Entram os criadores muito agitados e igualmente brancos.

Os criadores
Maldito Bocarra, aqui te escondes?
Em vez de mostrar remorso, paga o gado que nos deves.
Passa o dinheiro, a alma não! Vens aqui
Buscar alívio para a consciência que te pesa
Mas antes aliviaste o nosso bolso.
Paga o nosso gado!

Graham *dá um passo à frente*
Permite, Bocarra, a breve exposição
De um dia inteiro de batalha
Que nos precipitou a todos no abismo.

Bocarra
Ó intermináveis matanças!
Não diferimos de nossos antepassados
Que quebravam a cabeça ao semelhante com instrumentos
[de ferro!

Graham
Recorda, Bocarra, que de contrato na mão
Nos forçaste a te entregar a carne
E portanto a comprá-la no exato dia
Em que só tu mesmo a tinhas para vender.
Logo que te foste, ao meio-dia, Slift
O teu preposto, apertou mais a nossa garganta. Forçou o preço
Até que chegasse a noventa e cinco. Aí
O velho Banco Nacional resolveu intervir. Resmungando
Muito a venerável instituição foi ao Canadá buscar novilhos
Para o mercado desfalecente. Os preços estacaram nervosos.
Mas o desvairado Slift mal entreviu
Os poucos boizinhos vindos de longe os arrebatou
A noventa e cinco tal qual um bêbado
Que já bebeu um mar inteiro mas lambe sempre sedento
As gotas esparsas que ainda alcança. A venerável instituição
[assistia a tudo
Consternada. Naturalmente vieram em seu auxílio
Loew e Levi, Wallox e Brigham, a nata das reputações
E empenharam tudo o que tinham até o carbono e o durex
A fim de trazerem no máximo em três dias rebanhos
De Argentina e Canadá. Implacavelmente prometiam comprar
Inclusive os não nascidos, tudo enfim que se assemelhasse a boi
A vitelo, a porco! Slift porém urrava: "Em três dias não!
Hoje! Hoje!" e forçava o preço. E com lágrimas nos olhos
Os institutos bancários lançaram-se ao enfrentamento final.
Como tivessem que entregar tinham que comprar
O próprio Levi em prantos avançou
Contra um empregado de Slift. Brigham arrancava
As barbas e bradava "noventa e seis". Um elefante

Que o acaso trouxesse à bolsa de valores naqueles minutos
Seria esmagado como um morango.
Os *office-boys* tomados de desespero mordiam-se
Uns aos outros como faziam os cavalos da Antiguidade
Enquanto pelejavam os cavaleiros.
Auxiliares não remunerados, famosos pela displicência, neste
Dia rilhavam os dentes.
E nós outros continuávamos a comprar, porque precisávamos
[comprar.
Foi quando Slift pediu cem. Ouvir-se-ia
A queda de um alfinete, tal foi o silêncio.
E sem emitir um suspiro expiraram os institutos bancários
Outrora grandes e sólidos, agora desfeitos como
[um *champignon* pisado
Cessando a respiração bem como os pagamentos.
[Em voz inaudível
Que todos ouviram perfeitamente o venerável Levi
[decretou: "Agora
Os matadouros são seus porque nós não podemos cumprir
Os contratos", e em consequência os industriais
Um depois do outro e furiosos
Depuseram os seus matadouros paralisados e inúteis
A vossos pés, teus e de Slift, e saíam pelos fundos
Enquanto corretores e representantes fechavam as suas pastas.
Arquejando, por fim liberta, naquele momento
Em que contrato algum mais obrigava à sua compra
A carne bovina entrou para o insondável.
Isto porque os preços despencavam de cotação em cotação
Como as águas precipitadas de penha em penha mergulham
Em busca do fundo do abismo. Vieram parar em trinta.

E assim, Bocarra, o teu contrato ficou sem valor.
Em lugar de nos apertar a garganta nos estrangulaste.
De que serve apertar a garganta a um morto?

BOCARRA
Muito bonito, Slift, esta foi a batalha
Que você conduziu?

SLIFT
Corte a minha cabeça.

BOCARRA
De que serve a tua cabeça?
O chapéu sim, vale cinco centavos!
Que fazer
Com tantos bois que ninguém é obrigado a comprar?

OS CRIADORES
Não vamos ficar nervosos
Mas pedimos a você que nos diga
Se, quando e como pretende
Pagar os bois que, embora comprados
Você nunca pagou.

BOCARRA
Pago imediatamente. Com este chapéu e uma botina.
Dou o chapéu por dez milhões e esta botina por cinco.
A outra não, porque estou usando. Estão satisfeitos?

Os criadores
Tristes de nós, muitas luas passaram desde o dia
Em que no longínquo Missouri laçamos
Para levar à estação de trem
A esperta vitela e o limpo boizinho
Engordados com amor.
E enquanto o trem apitava
A família toda junta ria e chorava
Corria atrás do trem e rogava:
Meninos, não vão torrar o dinheiro e rezem a Deus
Para que o preço da carne suba!
E agora que fazer? Como
Voltamos para casa? Que dizer
Se a mão e o bolso estão vazios?
Como voltar desse jeito, Bocarra?

O homem de antes *entrando* O Bocarra está? Chegou uma carta de Nova York para ele.

Bocarra O Bocarra a quem estas cartas se destinavam era eu. *Abre o envelope e afasta-se para ler.* "Recentemente, querido Pedro Paulo, te aconselhamos a comprar carne. Hoje, pelo contrário, te aconselhamos a fazer um acordo com os criadores, para limitar o número de cabeças disponíveis, a fim de que o preço se recupere. Dentro deste espírito, estamos à tua disposição para o que for necessário. Mais notícias amanhã, caro Pedro Paulo. Os teus amigos de Nova York." Não, não, assim não dá.

Graham Não dá o quê?

Bocarra Os meus amigos de Nova York parecem saber uma saída. Mas a saída não me parece praticável. Julguem vocês mesmos.
Ele passa a carta aos outros.
Que diferença em tudo
Tão de repente. Amigos, basta de perseguição!
A vossa riqueza se foi, compreendam, ela está perdida:
Não porque agora nos falte a bênção do patrimônio
Material – esta não pode mesmo ser para todos –
Mas sim porque não somos capazes de elevação.
É isto que nos faz pobres!

Meyers
Quem são estes amigos de Nova York?

Bocarra
Horgan & Blackwell. Sell...

Graham
Mas então é Wall Street?

Passa um murmúrio pelos presentes.

Bocarra
A opressão que pesa sobre a nossa vida interior...

Os industriais e os criadores
Desce, ó sublime Bocarra, das alturas
De tua cogitação e junta-te a nós. Considera o caos

Que tudo quer submergir e uma vez mais, ó Bocarra
Atendendo à nossa convocação coloca
Sobre os ombros o jugo da responsabilidade!

BOCARRA
Não é por gosto que aceito.
Nem ouso fazê-lo sozinho. Porque ainda estão em meus ouvidos
O grito dos matadouros e as rajadas da metralha. Aceito
Mas somente se for clara a aclamação e em grande estilo
E se a minha liderança for concebida como indispensável
Ao bem comum. Entendida assim
Ela talvez seja viável.
A Snyder
Existem muitos comércios bíblicos como este?

SNYDER Uma porção.

BOCARRA E a situação deles qual é?

SNYDER Precária.

BOCARRA
A situação é precária mas os comércios são muitos.
Diga aqui, se acaso nós apoiássemos o vosso negócio
Em larga escala e vocês dispusessem de sopa e música
E folhetos religiosos apropriados e às vezes até de teto
Os Boinas Pretas saberiam advogar a nossa causa
E espalhar por toda parte que nós somos gente de bem?
Gente que planeja o bem comum em tempos difíceis?
[Porque o fato é

Que só medidas extremas drásticas em aparência
Pois atingirão alguns até bastante numerosos
Para não dizer a maioria e quase todos
Garantem nesta altura o sistema
De compra e venda que afinal de contas é o nosso
E que tem também os seus lados sombrios.

SNYDER
Quase todos. Eu entendo. Saberíamos advogar a causa sim senhor.

BOCARRA *aos industriais*
Ficam reunidos os vossos matadouros
Num cartel e fico eu
Com a metade das ações.

OS INDUSTRIAIS Uma grande cabeça!

BOCARRA *aos criadores*
Meus caros amigos!
Murmúrios.
A dificuldade que nos abatia cedeu.
Miséria e fome, excessos cometidos e violência
Têm causa e a causa está clara:
Havia carne sobrando. Este ano
O mercado da carne entupiu de modo que o preço
Do boi desceu a nada. Pois bem, para sustentá-lo
Nós, o industrial e o criador, resolvemos de comum acordo:
Dar um basta à criação desenfreada
Limitar o número das cabeças admitidas ao mercado

E excluir dentre as existentes as que forem demais
Isto é, queimar um terço dos rebanhos existentes.

Todos Uma solução simples!

Snyder *pedindo a palavra*
Não seria ainda mais simples dar de presente aos que
[estão de fora,
E são muitos, este gado numeroso que não vale nada
E que por isso vamos queimar no fogo?
Eles saberiam usá-lo.

Bocarra *sorri*
Estimado Mister Snyder, o senhor não percebeu
O essencial da situação. Os muitos
Que estão lá fora SÃO ELES OS NOSSOS
[COMPRADORES!
Aos outros
Parece inverossímil, não é?
Sorrisos gerais.
Muitos dirão que eles são vulgares e mesmo supérfluos
E às vezes incômodos, mas o olhar experiente
Não se engana e sabe que o comprador SÃO ELES!
Analogamente, e muitos não entenderão, é necessário
Dispensar um terço dos trabalhadores, pois
O mercado de trabalho também se abarrotou
E a mão-de-obra tem que estar sob controle.

Todos A única saída!

Bocarra
E será necessário baixar os salários!

Todos O ovo de Colombo!

Bocarra
Tudo isto é feito
Nesse tempo turvo de caos cruento
E humanidade desfigurada
Quando a agitação nas capitais já não para de engrossar
E a boataria de greve geral retoma em Chicago
Tudo isto é feito, diziamos, para que o povo
Em sua miopia e brutalidade não destrua
As próprias ferramentas nem pise o seu pão
E para que voltem a ordem e a tranquilidade. Por isto daremos
Dotação abundante a nossos amigos Boinas Pretas, a verba
[indispensável
Ao vosso trabalho em prol do progresso.
Naturalmente as vossas fileiras deverão incluir pessoas
Tais como aquela Joana cuja simples presença
É um promessa de concórdia.

Um corretor *entra correndo* Boas notícias! Foi desbaratada a greve geral que estava iminente. E estão na cadeia os criminosos que trabalhavam contra a ordem e a tranquilidade.

Slift
Respirem, senhores, está salvo o mercado!
O impasse fatal já foi contornado.

O exato equilíbrio logrou-se outra vez
E o nosso mundo é nosso, não é de quem o fez.

Órgão.

BOCARRA
E agora abri as vossas portas
Aos cansados e sofridos e enchei de sopa as panelas
E que venha a música! Nós mesmos
Sentaremos nos vossos bancos bem à frente
E nos converteremos à vista de todos.

SNYDER Abram as portas!

As portas são abertas.

OS BOINAS PRETAS *cantam olhando para a porta*
Preparem as redes! Eles vão chegar!
Operários indefesos aos milhares!
A chuva os ataca, a mando de Deus!
O frio os ataca, a mando de Deus!
Eles não têm mais saída! Preparem as redes!
Bem-vindos! Bem-vindos! Bem-vindos!
Bem-vindos cá embaixo entre nós!

Ferrolho nas trancas! Daqui ninguém sai!
A saída que existe dá só para cá!
Que sortudo é o desempregado!
Cai direto em nossos braços!
E não escapa ninguém! Ferrolho nas trancas!

Bem-vindos! Bem-vindos! Bem-vindos!
Bem-vindos cá embaixo entre nós!
Tudo que vier é lucro! Tudo que vier é peixe!
Perna, cascas, trapo, um toco de charuto!
Botinas só por milagre!
Mas lágrimas nem de graça!
Tudo que o enxurro trouxer é peixe!
Bem-vindos! Bem-vindos! Bem-vindos!
Bem-vindos cá embaixo entre nós!

Aqui estamos nós! Eles ali chegando!
Olhai os bichos acossados pela miséria!
Vejam como ela os força a descer!
Vejam como eles vêm descendo!
Daqui ninguém volta: aqui estamos nós!
Bem-vindos! Bem-vindos! Bem-vindos!
Bem-vindos cá embaixo entre nós!

XI

a.

NOS MATADOUROS. OS DEPÓSITOS DAS INDÚSTRIAS GRAHAM

Os pátios já estão quase vazios. De raro em raro passam grupos de trabalhadores.

JOANA *chega e pergunta* Alguém aqui viu três homens à procura de uma carta?

Gritaria ao fundo, que vem avançando. Entram cinco homens cercados de tropa: os dois trabalhadores do comando da greve e os três da central elétrica. Um dos homens do comando para e começa a falar aos soldados.

O DIRIGENTE Vocês nos levam para a cadeia, mas fiquem sabendo que foi para ajudar gente igual a vocês que fizemos o que fizemos.

UM SOLDADO Então continua andando, que você ajuda a gente mais ainda.

O DIRIGENTE Esperem um pouco!

UM SOLDADO Está com medo?

O DIRIGENTE Pode ser, mas não é por isso que estou falando. Eu quero que vocês entendam por que nos prenderam. Ouçam, porque vocês não sabem.

OS SOLDADOS *rindo* Está bem, diga por que nós te prendemos.

O DIRIGENTE Vocês não têm propriedade, mas ajudam os que têm. Por quê? Porque ainda não enxergaram a maneira de ajudar os expropriados como vocês mesmos.

O SOLDADO Muito bem, e agora vamos continuar.

O DIRIGENTE Esperem! Eu não terminei a frase: mas nesta cidade os trabalhadores que têm emprego já começaram a ajudar os trabalhadores desempregados. Portanto a maneira de ajudar os expropriados está ficando clara. Pensem nisso.

O SOLDADO Você está querendo que a gente te solte?

O DIRIGENTE Você não me entendeu? Entenda que a vez de vocês também está chegando.

O SOLDADO Vamos continuar?

O DIRIGENTE Vamos, vamos continuar.

Eles continuam. Joana para e acompanha os presos com os olhos. Ela ouve a conversa de duas pessoas a seu lado.

UM Que gente é essa?

O OUTRO
Nenhum desses
Cuidou só de si
Passaram tormentos
Para dar pão a desconhecidos.

O PRIMEIRO Por que tormentos?

O OUTRO
O injusto anda calmamente na rua mas
O justo se esconde.

O PRIMEIRO Qual é o futuro deles?

O OUTRO
Embora
Trabalhem por salários pequenos e sejam úteis a inúmeros
Nenhum deles vive até o fim os seus anos

Nem come o seu pão nem morre satisfeito
Nem se enterra com as honras devidas. Ao contrário
Acabam antes do tempo natural e são
Liquidados e esfrangalhados e insultados
No seu enterro.

O PRIMEIRO Por que não se ouve falar neles?

O OUTRO
Quando você lê nos jornais que um bando de criminosos
[foi fuzilado
Ou recolhido à penitenciária, são eles.

O PRIMEIRO Isso continuará sempre assim?

O OUTRO
Não.

Quando Joana faz meia-volta é abordada pelos jornalistas.

OS JORNALISTAS Esta não é a Nossa Senhora dos Matadouros? Olá! Você sabe que deu tudo pra trás? A greve geral falhou. Os matadouros vão reabrir, mas vão empregar só dois terços dos trabalhadores, e só com dois terços do salário. Mas a carne vai subir.

JOANA Os trabalhadores concordaram?

OS JORNALISTAS Que dúvida! Só uma parte deles soube dos preparativos de greve geral, e esta parte a polícia enxotou à força.

Joana vem abaixo.

b.

DIANTE DOS DEPÓSITOS DAS INDÚSTRIAS GRAHAM

Um grupo de trabalhadores com lanternas.

OS TRABALHADORES Deve estar caída por aqui. Ela vinha dali e nós estávamos lá atrás. Quando nos viu, ela começou a gritar que a greve dos serviços públicos ia sair. A nevasca não deixou talvez que ela percebesse os soldados. Um deles foi para cima dela a coronhadas. Foi um instante, mas eu vi bem o rosto dela. Olhe ela caída ali! Precisava ter mais mulheres assim. Não, esta aqui não é ela, não. Era uma velha, um trabalhadora. Esta aqui não é nossa. Deixem ela aí, que depois os soldados vêm e levam embora.

XII

MORTE E CANONIZAÇÃO DA SANTA JOANA DOS MATADOUROS

A casa dos Boinas Pretas agora está ricamente equipada. Em cena grupos organizados: os Boinas Pretas, com bandeiras novas, os carniceiros (industriais), os criadores e os corretores.

SNYDER

Custou, mas nós conseguimos
Deus voltou a ter vigência
Tanto andamos pelos cimos
Quanto andamos na falência.
Nas alturas e na baixa
Vocês sabem quem servimos:
Sete vivas sem problema
Triunfou o nosso esquema!

Os policiais
Aqui está uma desabrigada
Que recolhemos nos matadouros
Em estado febril. O seu endereço anterior
Parece que era aqui.

Joana *erguendo a carta, como se ainda a quisesse entregar*
Nunca mais o desaparecido vai abrir
Minha carta
Um pequeno serviço a uma boa causa, um só
Que me pediram numa vida inteira!
E eu não soube prestá-lo.

Enquanto os pobres se sentam nos bancos para receber sopa, Slift confabula com os carneadores e com Snyder.

Slift Esta é a nossa Joana. Ela veio na hora certa. Vamos fazer dela a nossa vedete, pois foi graças a ela que nós conseguimos sobrenadar nestas semanas difíceis: graças à simpatia humana de sua presença nos matadouros, graças à sua intervenção em favor dos pobres e graças também aos discursos que ela fez contra nós. Ela será a nossa Santa Joana dos Matadouros. Vamos fazer dela uma santa credora de todas as atenções. Será a prova cabal de que a humanidade é tida em alta estima entre nós, contrariamente ao que se diz.

Bocarra
Que não falte em nosso meio
Da pureza o ingênuo rosto
Da criança a linda voz

Dizem mal de quem merece
Cantam cânticos por nós.

Snyder
Levanta-te, Joana dos Matadouros
Protetora dos pobres
Consoladora dos caídos.

Joana
Como venta aqui embaixo! Que gritos são estes
Que a neve abafa?
Tomem a sopa, vocês aí!
Não desperdicem o calor, vocês
Que nem para explorados servem mais! Tomem a sopa!
Melhor fora
Uma vida inexpressiva
Mas tendo entregue a carta que estava a meus cuidados.

Os boinas pretas *em direção a Joana*
Pobre santa, está confusa.
Foi humano o que fizeste!
Que dor no teu rosto, Joana!
Se traíste, foste humana!

Joana *enquanto os companheiros a vestem outra vez com o uniforme dos Boinas Pretas*
O barulho das máquinas está de volta, basta ouvir.
Perdida
Outra crise.
A vida

Retoma o curso antigo, sem mudar.
Quando parecia possível transformá-la
Não compareci; quando foi necessário
Que eu simples pessoa ajudasse
Faltei.

Bocarra
Grande e eterno
Insatisfeito
No planeta muito estreito
O homem sonha com deixar
O dia-a-dia
Esta agonia
Para se alçar
A alturas máximas
Onde é uma glória acabar.

Joana
Tomei a palavra em fábricas e praças
E meus sonhos não foram poucos, porém
Causei desgraça aos desgraçados
E trouxe alívio aos exploradores.

Os boinas pretas
Tudo é triste e inacabado
Sem o sopro da harmonia
Que os contrários concilia.

Os carniceiros
Mas é lindo e inusitado

Quando estão do mesmo lado
O plutocrata e a poesia!

Joana
Mas aprendi e sei uma coisa que não quero levar comigo
Agora que estou morrendo:
Que conversa é essa de que vocês têm algo de interior
Que não sai para fora? Vocês sabem O QUÊ, se o que sabem
Não tem consequência?
Eu por exemplo não fiz nada.
Pois nada seja dito bom, por muito que impressione, salvo
O que ajuda de fato, e nada seja estimável salvo
O que transforma para sempre este mundo, que está precisado.
Eu fui providencial para os opressores!
Ah, bondade sem efeito! Intenções impalpáveis!
Eu não transformei nada.
Deixando infrutífera e rapidamente a cena
Eu lhes digo:
Atenção para que vocês ao deixarem o mundo
Não apenas tenham sido bons como estejam
Deixando um mundo melhor!

Graham
Vai ser necessário cortar as falas que não tiverem sentido.
Não esquecer que ela esteve nos matadouros.

Joana
Porque a distância entre embaixo e em cima é maior
Que entre o mar e o pico do Himalaia.
E o que acontece nas alturas

Embaixo não se sabe
E vice-versa
E no alto e embaixo são duas línguas
E a medida usada não é a mesma.
E a despeito de o semblante humano ser em comum
Os humanos se desconhecem.

OS CARNICEIROS E OS CRIADORES *falando alto para que as palavras de Joana não sejam ouvidas*
Não se eleva algo alto
Sem embaixo e sem em cima
Quem aprende essa lição
Cria amor à disciplina
Segue sempre dando o máximo
Onde manda o seu destino
Humilde nota capital
Na concórdia universal.
O de baixo é bom embaixo
O ricaço ajuda em cima
Ai porém de quem soltasse
A insubstituível
Porém horrível
A indispensável
Porém insaciável
Gente da última classe.

JOANA
Os de baixo estão presos embaixo
Para que os de cima permaneçam em cima
E a baixeza destes é sem limite

E ainda que eles melhorassem não melhorava
Nada, porque é sem paralelo
O sistema que organizaram:
Exploração e desordem, bestial e portanto
Incompreensível.

OS BOINAS PRETAS *a Joana*
Seja santa! Cale a boca!

OS CARNICEIROS
Quem flutua nos espaços
Como pode ir ao alto?
Alto sobe só quem calca
Para baixo o seu vizinho
Alçando-se assim ao sublime.

BOCARRA
Agindo, ai de ti, o mal tu praticas.

OS BOINAS PRETAS
Calca o tacão, embora chorando.

CARNICEIROS
Mas não tentes descalçá-lo
Já que adiante vais usá-lo.

BOINAS PRETAS
E olho sempre no ideal
Entre crises de remorso!

Os carniceiros
Ousa tudo!

Boinas pretas
Tudo, porém
Dividida
Distanciada
Desgostosa
E arrependida.
E ao agir, atenção
Não desconhecer
Os serviços incontáveis
Da moeda por excelência
Nas trocas inconfessáveis
Dos desvãos da consciência
A tão antiga e tão menina
E sempre dinâmica
Palavra divina.

Joana
Por isto se alguém aqui embaixo diz que Deus existe
Embora não esteja à vista
E que invisível é que ele ajuda
Deviam bater na calçada a cabeça desse alguém
Até matar.

Slift
Vocês aí, digam alguma coisa para cortar a palavra da menina.
Falem, o que for, mas falem alto!

Snyder Joana Dark, vinte e cinco anos de idade, derrubada pela pneumonia ao defender a palavra de Deus nos matadouros de Chicago, combatente e mártir!

Joana
E quanto aos que mandam elevar o espírito acima do charco
Mas não o corpo, também lhes deviam bater
A cabeça na calçada. Porque
Só a força resolve onde impera a força
E onde há humanos só os humanos resolvem.

Todos *cantam a primeira estrofe do coral para abafar os discursos de Joana*
Garante a riqueza ao rico! Hosana!
Proclama a virtude dele! Hosana!
Dá tudo a quem tem demais! Hosana!
Dá-lhe o gozo e o governo! Hosana!
Enaltece o nome dele! Hosana!

Durante as recitações os alto-falantes começam a divulgar notícias catastróficas.

QUEDA DA LIBRA: PELA PRIMEIRA VEZ EM
TREZENTOS ANOS O BANCO DA INGLATERRA NÃO
ABRE AS PORTAS!
OITO MILHÕES DE DESEMPREGADOS NOS
ESTADOS UNIDOS!
SUCESSO DO PLANO QUINQUENAL!
BRASIL QUEIMA A COLHEITA DE UM ANO
DE CAFÉ

SEIS MILHÕES DE DESEMPREGADOS
NA ALEMANHA
FALÊNCIA DE TRÊS MIL INSTITUIÇÕES
BANCÁRIAS NOS ESTADOS UNIDOS
A BOLSA E OS BANCOS SÃO FECHADOS NA
ALEMANHA POR RAZÕES DE ESTADO
BATALHA CAMPAL ENTRE DESEMPREGADOS E
POLÍCIA DIANTE DAS USINAS FORD EM DETROIT
QUEBRA DO MAIOR TRUSTE DA EUROPA, O
TRUSTE DOS FÓSFOROS!
PLANO QUINQUENAL REALIZADO EM
QUATRO ANOS!

Sob o impacto de tais notícias os que no momento não estejam recitando passam a insultar-se reciprocamente.

"Carniceiros infelizes, as suas matanças passaram da conta!" e "Criadores de merda, vocês deviam ter criado mais!" e "Piranhas alucinadas, se vocês não pagam salários quem vai comer a nossa carne?" e "Os atravessadores são os culpados do preço da carne" e "Quem encarece a carne é a gangue do cereal" e "O preço do transporte ferroviário nos estrangula!" e "O juro bancário é a nossa ruína!" e "Os aluguéis dos silos e das pastagens estão proibitivos!" e "Por que vocês não limitam a produção?" e "São vocês que não limitaram!" e "A culpa é inteiramente sua!" e "Enquanto não derem cabo de vocês as coisas não melhoram!" e "Faz muito tempo que você devia estar na cadeia!" e "Como é que você ainda está solto na rua?".

TODOS *cantam a segunda e terceira estrofes do coral, a voz de Joana já desapareceu*
Compadece-te do rico, Hosana!
A lágrima dele enxuga, Hosana!
Teu perdão e tua ajuda, Hosana!
Oferece aos poderosos, Hosana!
Ao saciado o teu consolo, Hosana!
Vê-se que Joana para de falar.
Serve a classe que te ajuda, Hosana!
Com recursos generosos, Hosana!
Arrebenta os descontentes, Hosana!
Ri com os ricos e deixa, Hosana!
Que deem certo os golpes deles, Hosana!

Durante a cena as companheiras tentam dar sopa a Joana. Esta recusa duas vezes. Na terceira, aceita o prato para derramá-lo acintosamente. Em seguida desfalece nos braços das moças, mortalmente ferida, sem dar sinal de vida. Snyder e Bocarra se aproximam.

BOCARRA Ponham a bandeira nas mãos dela!

Passam a bandeira a Joana e a bandeira cai.

SNYDER Joana Dark, vinte e cinco anos de idade, morta de pneumonia a serviço de Deus nos matadouros, combatente e mártir.

BOCARRA
O que é puro
E é sem jaça

Incorrupto e devotado
Move o vulgo
E pede ao peito extasiado
Uma alma outra, sem trapaça!

Um longo silêncio comovido. A um sinal de Snyder todas as bandeiras são pousadas sobre Joana, até que ela fique inteiramente coberta. A cena é iluminada por luz rósea.

Os carniceiros e os criadores
Vede, o homem desde o berço
Traz no peito uma ansiedade
Pelas zonas siderais
Em que sente a liberdade,
Mas se é certo que as estrelas
Dão notícia do insondável
Sabe o triste que é mentira:
A carne é baixa e miserável.

Bocarra
Ah, meu pobre peito inquieto.
É rasgado em duas ânsias
Como que por um punhal.
Quero a zona sideral
Da total abnegação
Mas a outra ânsia puxa
Pela fibra comercial.

Todos
Homem, duas almas lutam

E disputam em teu peito!
Não te ponhas a escolher
Uma e outra são teu ser,
Vive sempre dividido!
Tu és o uno repartido!
E seja a pura, seja a horrível
Seja a grossa ou a sofrível
São almas tuas as duas.

Apêndice

Panorama crítico

A fortuna crítica de Brecht é vasta e contenciosa. Os trechos reproduzidos a seguir deixam entrever as questões que vêm alimentando os debates. O próprio autor foi o primeiro a refletir teoricamente sobre suas novas práticas teatrais. Por sua vez, Benjamin notou muito cedo que a estratégia brechtiana abalava a ideia tradicional de vocação literária, o que não impediu Sartre e Anders de assinalar o caráter "clássico" da obra do dramaturgo. Finalmente, Adorno e Barthes oferecem visões contrárias das relações entre marxismo e dramaturgia, estética e engajamento.

Roberto Schwarz fez a seleção das passagens; os textos franceses foram traduzidos por Samuel Titan Jr., e os alemães, por Jorge de Almeida.

Bertolt Brecht, "Notas sobre *A Santa Joana dos Matadouros*"[1]

1.

A Santa Joana dos Matadouros é uma peça de dramaturgia não aristotélica. Essa dramaturgia exige do espectador uma atitude bem determinada. Ele deve ser capaz de acompanhar a sucessão de acontecimentos em cena com a postura de quem está decidido a aprender, deve ser capaz de compreender o modo como esses acontecimentos estabelecem múltiplas conexões no todo formado pelo desenrolar da peça. Isso tudo objetivando uma revisão fundamental de seu próprio comportamento. O espectador não deve se identificar espontaneamente com determinados personagens, apenas para compartilhar suas vivências. Não deve, portanto, partir da "essência" dos personagens, apreendida intuitivamente, mas sim armar o conjunto do processo a partir de suas declarações e ações.

(A obra de arte contribui sugestivamente para que o espectador assuma essa atitude, mas não sob qualquer circunstância; ele talvez precise assimilar essa postura por outro caminho, seja pela simples experiência da vida ou mesmo por meio do estudo etc.)

2.

Assim, na *Santa Joana dos Matadouros*, uma peça dessa dramaturgia, não se colocam em discussão a "essência íntima da religião", a existência de Deus ou a fé de cada um. O que se discute é o comportamento do homem religioso (na medida em que esse comportamento é perceptível externamente), o discurso sobre Deus e os esforços dos homens em suscitar a fé. O objetivo da peça – transmitir um conhecimento, profundo e adequado à ação, dos grandes processos sociais de nossa época – não seria alcançado com uma blasfêmia contra "Deus" ou com o menosprezo pelo comportamento religioso. Pois o importante, desse ponto de vista, é traçar as consequências do comportamento religioso em situações bem determinadas de nosso tempo, um comportamento histórico específico, tal como pode ser percebido neste momento.

1 Bertolt Brecht, "Zur Heiligen Johanna der Schlachthöfe" (cerca de 1932), in *Grosse kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe*, vol. XXIV: *Schriften IV* (Berlim/Frankfurt: Aufbau/Suhrkamp, 1991), págs. 103-105.

3.

Quanto à avaliação do comportamento de instituições religiosas (como o da seita dos boinas pretas), a peça assinala a necessidade de compreender movimentos desse tipo como um todo. Nesse sentido, o movimento é mostrado como algo em si mesmo contraditório: a ele pertencem, de maneira indissociável, o *ingenium* religioso (Joana Dark) e seu aparato (Paulus Snyder e os outros). O espectador, contudo, não deve se intrometer demais na luta desses opostos. Não deve, por exemplo, aceitar Joana e repudiar o aparato, ou vice-versa. Sua crítica deve visar ao todo da instituição em questão, pois no processo social a instituição religiosa, plena de contradições, apresenta-se como um todo. Sozinhos, nem Joana nem o seu aparato podem levar a cabo aquilo que pode ser percebido na realidade. Do mesmo modo, o "outro mundo" do matadouro é também uma unidade contraditória, e Joana e Bocarra, junto com os Boinas Pretas e os proprietários dos grandes meios de produção, de certa maneira formam uma unidade, ao menos para os traba-

lhadores que foram demitidos – e apenas nesse ponto aparece a indicação crítica realmente importante da obra sobre o caráter insustentável de nossa situação.

4.
Para entender a advertência desesperada de Joana Dark, muitas vezes citada com indignação pelos católicos, é preciso tomá-la em seu sentido preciso.

> Por isso se alguém aqui embaixo diz que Deus existe
> Embora não esteja à vista
> E que invisível é que ele ajuda
> Deviam bater na calçada a cabeça desse alguém
> Até matar.

Então se verá que ela de forma alguma fala sobre Deus, mas sim sobre o que se fala de Deus, e na verdade sobre um determinado discurso, em uma determinada situação, sobre determinadas afirmações a respeito de Deus. Ela fala justamente daqueles discursos segundo os quais Deus não precisa ter incidência no âmbito social. Acreditando em um Deus assim, os homens não precisam se empenhar para conseguir algo determinado. Basta que experimentem certas sensações íntimas. A fé aqui recomendada é uma fé sem consequências no que toca o mundo que nos cerca, (...) e recomendá-la é considerado por Joana um delito social.

Walter Benjamin: "Brecht em comentários"[2]

Bert Brecht é um fenômeno difícil. Ele não aceita utilizar "livremente" o seu grande talento de escritor. E talvez não haja nenhuma repreensão contra sua entrada na cena literária – plagiador, transtorno, sabotador – que ele não tenha reivindicado como um título honorífico para suas atuações não literárias, anônimas mas perceptíveis, como educador, pensador, organizador, político e encenador. É indiscutível, de qualquer modo, que ele é o único entre os que hoje escrevem na Alemanha a se perguntar onde deve fazer valer o seu talento, aplicando-o somente onde está convencido de que seja necessário e mostrando-se desinteressado em qualquer oportunidade que não corresponda a essa pedra de toque. Os *Ensaios 1-3* são um exemplo dos pontos onde Brecht emprega seu talento. A novidade é que esses momentos não escondem a sua importância e que por causa deles o poeta tira férias da "obra". Assim como o engenheiro no deserto perfura o solo em pontos precisos à busca de petróleo, Brecht aplica a sua atividade em pontos mapeados com exatidão no deserto da contemporaneidade. Esses momentos são aqui o teatro, a anedota e o rádio – outros serão atacados mais tarde. "A publicação dos *Ensaios*" – inicia o autor – "ocorre num período em que certos trabalhos não mais devem ser considerados como vivências individuais (possuindo o caráter de obra), mas sim ajustados para seu aproveitamento (reformulação) por determinados institutos e instituições." Não se proclama a renovação; as inovações são planejadas. A literatura, aqui,

2 "Aus dem Brecht-Kommentar" (1930), in *Gesammelte Schriften*, vol. II.2 (Frankfurt: Suhrkamp, 1977), pág. 506.

nada mais espera de um sentimento do autor cuja vontade de transformar o mundo não esteja irmanada à sobriedade. Ela sabe que a única chance que lhe resta é a de se tornar um produto secundário em um processo, muito ramificado, de transformação do mundo. A literatura é aqui, e justamente por isso, algo inestimável. O produto principal, porém, é uma nova atitude. Lichtenberg disse: "Pouco importa do que alguém está convencido. O importante é o que suas convicções fizeram dele". Este "o que" significa em Brecht: atitude. Ela é nova, e o que há nela de mais novo é o fato de poder ser aprendida: "O segundo ensaio, *Histórias do Senhor Keuner*" – diz o autor – "apresenta uma tentativa de tornar citáveis os gestos". Quem lê então essas histórias percebe que nelas foram citados os gestos da pobreza, da ignorância, da impotência. Somente pequenas inovações foram incorporadas: "registros", por assim dizer. Pois o Senhor Keuner, um proletário, coloca-se em nítida oposição ao ideal de proletário das pessoas de bom coração: ele não tem interioridade. Espera a extinção da miséria por uma única via: o desenvolvimento da atitude que a miséria lhe impõe. Mas a atitude passível de citação não é somente a do Senhor Keuner. Mediante exercício, podem-se igualmente citar a dos estudantes do *Vôo de Lindbergh* bem como a do egoísta Johann Fatzer, e pelo mesmo motivo: o que é citável neles, além da atitude, são as palavras que a acompanham. Essas palavras pretendem ser exercitadas, ou seja, primeiro decoradas, depois compreendidas. Em primeiro lugar é conseguido o efeito pedagógico, em seguida vem o político, e só ao fim o poético.

Günther Anders, *Bert Brecht. Conversas e Recordações*[3]

Mas talvez Brecht nem mesmo seja um "escritor"; não seja alguém que "escreve", mas alguém que "fala"; talvez seu feito resida justamente no fato de ter recuperado o gesto originário do orador; daquele que nos dirige a palavra. De qualquer modo, sua classificação como "escritor" me parece enganadora; muito mais apropriada seria a designação "professor". Perguntar sobre seus livros, uma questão adequada se dirigida a qualquer outro autor, soa como algo despropositado em relação a Brecht. Também deve existir uma razão para não concebermos sua obra, desde o primeiro momento, como um conjunto de "livros", e para que soe cômico o pensamento de tratar Brecht como "leitura de fim de semana".

Mas, para verificar a beleza poética de sua linguagem, a sugestão de que Brecht "está falando conosco" permanece insuficiente. Um segundo elemento a acompanha.

Afinal, a toda hora somos abordados por alguém que nos dirige a palavra, de partidos políticos a firmas de sabão em pó, através da imprensa e do rádio, por meio da voz bajuladora dos meios de comunicação de massa, que ressoa sem cessar. Todos eles querem falar conosco, até mesmo nos tratando pelo nome; todos eles nos enchem a cabeça, para nos convencer de que o que oferecem é coisa nossa.

Brecht, contudo, tem plena consciência de que, num mundo de demagogia e anúncios publicitários, num mundo onde a fala é marcada pela falsa intimidade, ele precisa conquistar ouvintes. Na verdade, Brecht é o único poeta que ajusta

3 *Bert Brecht. Gespräche und Erinnerungen* (Zürich: Arche, 1962), págs. 47-50.

seu tom de voz a esse fato, contando com os homens forjados por este meio para assim poetizar contra esse próprio meio. (Todos os outros poetas, mesmo os que escrevem para o rádio, o fazem como se os meios de comunicação de massa não existissem, ou os utilizam apenas como meios de divulgação.) O perfil de Brecht só pode ser corretamente delineado quando se mostra, com clareza e transparência, a falsidade do modo de abordagem que hoje avança brutalmente em todas as frentes, uma abordagem da qual Brecht se diferencia; só então se percebe aquilo que confere dimensão poética à sua linguagem. Pois a *singularidade de seu empreendimento* consiste no fato de que Brecht, apesar de nos dirigir a palavra de forma incontestável, concorrendo com os meios de comunicação de massa e assumindo o "apelo" com o qual políticos demagogos e anúncios comerciais nos torpedeiam sem pausa os ouvidos, *exclui justamente a intimidade desse apelo direto*, ou seja, *ele distancia o apelo*. Brecht é sempre duas coisas ao mesmo tempo: direto e distante. Onde o intervalo comercial chama o espectador pelo nome, Brecht o trata de modo formal; onde o demagogo seduz, ele solicita ao ouvinte um juízo ponderado. Por maior que seja a insistência com a qual reclama nossa atenção, ele permanece sempre a dez passos de distância. E assim, justamente por isso, conquista nossos ouvidos; os ouvidos daqueles que não mais acreditam em nenhuma palavra de quem os aborda com a falsa intimidade da adulação ou da voz de comando, de quem se aproxima falando como velho amigo. Brecht torna sua palavra estranha e distante, para se destacar de um contexto marcado pela mentira.

E justamente isso também torna bela sua linguagem. Pois a beleza resplandece apenas onde a atração permanece à distância, onde os limites impostos pela distância deixam intacta a dignidade daquele a quem se dirige a palavra. Por meio de sua técnica de distanciamento, Brecht dá forma a essa distância, fiadora da dignidade, conferindo assim a sua linguagem um caráter para o qual a expressão "clássico" não me soa exagerada. Pois ser "clássico" significa – e isso basta para que uma voz seja penetrante – não precisar insistir para ser ouvido.

Brecht fala essa linguagem em um mundo marcado pelo *páthos* mais berrante, pelo terror nu e pela adulação vulgar. E se também chama a insistência, a nudez e a vulgaridade pelo nome, ele o faz em última instância apenas para denunciar ou enfraquecer o *páthos*, o terror e a adulação. O tom de sua voz permanece cortês, aconselhando sem fazer concessão. E essa liga perfaz algo de "belo", ela tem a beleza da autoridade civilizada.

Theodor Adorno, *Teoria Estética*[4]

Brecht não ensinava nada que não pudesse ser reconhecido independentemente de suas peças didáticas ou de forma mais sucinta em sua teoria, nada com o qual seus espectadores já não estivessem por demais familiarizados: que os ricos se saem melhor do que os pobres; que o mundo é injusto; que a opressão persiste em meio à igualdade formal; que a bondade privada é transformada em seu contrário pelo mal objetivo; e que – uma sabedoria certamente dúbia – a bondade requer a máscara do mal. Mas a veemência sentenciosa com a qual ele

4 *Ästhetische Theorie*, in *Gesammelte Schriften*, vol. VII (Frankfurt: Suhrkamp, 1984), pág. 366.

traduziu em gestos cênicos essas intuições, que não são propriamente novidades, confere à sua obra o tom característico; o didatismo o conduziu a suas inovações dramatúrgicas, que derrubaram a cena moribunda do teatro psicológico e de intriga. Em suas peças, as teses assumem uma função inteiramente diferente daquela pretendida por seu conteúdo. Elas se tornaram constitutivas; imprimiram no drama um caráter anti-ilusório e contribuíram para a decomposição da unidade de sua teia de sentidos. É isso que responde por sua qualidade, não o engajamento, embora elas estejam presas ao engajamento, que se torna seu elemento mimético. O engajamento de Brecht inflige à obra aquilo para o que ela historicamente gravita por si mesma: desmancha-a. No engajamento, exterioriza-se de vários modos, por meio de um crescente controle e domínio técnico, um elemento resguardado na arte. As obras tornam-se para si o que antes foram em si mesmas. A imanência das obras, sua distância quase apriorística da empiria, não existiria sem a perspectiva de um estado de coisas realmente transformado pela práxis consciente de si mesma.

Jean-Paul Sartre, "Brecht e os clássicos" [5]

Brecht não sofreu qualquer influência de nossos grandes autores nem dos trágicos gregos que lhes serviam de modelos: suas peças evocam antes o drama elisabetano que a tragédia. Entretanto, em comum com os nossos clássicos, com os clássicos da Antiguidade,

5 "Brecht et les classiques" (1957), in Michel Rybalka e Michel Contat, *Les Écrits de Sartre* (Paris, Gallimard, 1970), págs. 720-722.

ele dispõe de uma ideologia coletiva, de um método e de uma fé: como eles, Brecht recoloca o homem no mundo, isto é, na verdade. Assim, inverte-se a relação entre o verdadeiro e o ilusório, aqui também é o próprio acontecimento representado que denuncia sua ausência: ele teve lugar outrora ou quem sabe jamais ocorreu, a realidade dissolve-se na pura aparência; mas essas falsas aparências revelam-nos as leis verdadeiras que regem a conduta humana. Isso mesmo, para Brecht como para Sófocles ou para Racine a Verdade existe: o homem de teatro não deve *dizê-la*, e sim *mostrá-la*. E essa empresa orgulhosa de mostrar os homens aos homens sem recorrer aos sortilégios duvidosos do desejo ou do medo é, não resta dúvida, o que chamamos de classicismo. Brecht é clássico por seu cuidado com a unidade: se existe uma verdade total, então o verdadeiro objeto teatral será o acontecimento inteiro que remexe as camadas sociais e as pessoas, que faz da desordem individual um reflexo das desordens coletivas, ao passo que sua evolução violenta ilumina os conflitos e a ordem geral que os condiciona. Por essa razão, suas peças têm uma economia clássica: é bem verdade que Brecht não se preocupa em unificar por meio do lugar, do tempo; mas ele elimina tudo que periga de nos distrair; ele recusa a invenção de detalhes que possam nos desviar do conjunto. Ele não quer comover *demais*, de modo a nos deixar a cada instante a inteira liberdade de escutar, de ver e de compreender. Contudo, é de um monstro terrível que nos fala: de nós mesmos. Mas ele quer falar sem aterrorizar; o resultado, vocês logo verão: uma imagem irreal e verdadeira, aérea, intangível e multicor, na qual as violências, os crimes, as loucuras e o desespero se tornam objeto de uma contemplação calma, como aqueles monstros "pela arte imitados" de que fala Boileau. (...)

Mas Brecht não põe em cena nem mártires nem heróis – ou melhor, se ele conta a vida de uma nova Joana d'Arc, ela será uma criança de dez anos: não teremos ocasião de nos identificarmos a ela; ao contrário, o heróismo, confinado na infância, parece-nos ainda mais inacessível. Isso porque não há redenção individual: é preciso que a Sociedade se transforme por inteiro; e a função do dramaturgo continua sendo aquela "purificação" de que falava Aristóteles; ele nos revela o que somos: vítimas e cúmplices ao mesmo tempo. É por isso que as peças de Brecht comovem. Mas nossa emoção é bem singular: um mal-estar perpétuo – uma vez que somos o espetáculo suspenso numa calma contemplativa, uma vez que somos os espectadores. Esse mal-estar não desaparece quando cai o pano; ao contrário, cresce, soma-se ao nosso mal-estar cotidiano, ignorado, vivenciado na má-fé, na fuga, vem iluminá-lo. A "purificação" atende hoje por outro nome: é a tomada de consciência. Mas não era também uma tomada de consciência – em outro tempo, com outro contexto social e ideológico – aquele calmo e severo mal-estar provocado no século XVII por *Bajazet* ou *Fedra* na alma de uma espectadora que descobria de chofre a inflexível lei das paixões humanas? É por isso que o teatro de Brecht, esse teatro shakespeariano da negação revolucionária, parece-me também – sem que seu autor alguma vez tenha concebido esse desígnio – uma extraordinária tentativa de reatar, no século XX, com a tradição clássica.

Roland Barthes, "As tarefas da crítica brechtiana"[6]

De resto, a própria obra fornece os elementos principais da ideologia brechtiana. Posso apenas assinalar os principais: o caráter histórico e não "natural" dos infortúnios humanos; o contágio espiritual da alienação econômica, cujo efeito último é o de cegar os oprimidos quanto às causas da servidão; o estatuto corretível da Natureza, a manejabilidade do mundo; a adequação necessária dos meios e das situações (numa sociedade pervertida, por exemplo, a justiça só pode ser restabelecida por um juiz trapaceiro); a transformação dos antigos "conflitos" psicológicos em contradições históricas, submetidas como tais ao poder corretivo dos homens.

É necessário precisar que essas verdades só são dadas como resultados de situações concretas, e essas situações são infinitamente plásticas. Contrariamente ao preconceito da direita, o teatro de Brecht não é um teatro de teses ou de propaganda. O que Brecht toma ao marxismo não são palavras de ordem ou uma articulação de argumentos, mas um método geral de explicação. Segue daí que os elementos marxistas surgem sempre recriados. No fundo, sua grandeza, sua solidão também, consiste em inventar o marxismo a cada instante. Em Brecht, o tema ideológico poderia ser definido muito exatamente como uma dinâmica de acontecimentos que mescla a constatação e a explicação, a ética e a política: conforme ao ensinamento profundo do marxismo, cada tema é ao mesmo tempo expressão de aspirações dos homens e do ser das coisas, ao mesmo tempo protesto (uma vez que desmascara) e reconciliação (uma vez que explica).

6 "Les tâches de la critique brechtienne" (1956), in *Essais critiques* (Paris: Seuil, 1964), págs. 86-87.

Sugestões de leitura

A obra de Brecht está bastante traduzida no Brasil. O nível das traduções varia. O *Teatro completo* foi publicado pela Paz e Terra, em doze volumes. Para uma antologia dos escritos teóricos (há várias), ver *Estudos sobre teatro*, org. Siegfried Unseld (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978). O principal da poesia foi traduzido por Paulo César de Souza, *Poemas* (São Paulo: Brasiliense, 1986). Menos conhecidos, os romances são notáveis: *Os negócios do Senhor Julio César* (São Paulo: Hemus, 1970) e *O romance dos três vinténs* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976). Faz muita falta uma tradução dos *Diálogos sobre a compra do latão*, onde se encontra a formulação mais complexa das posições estético-políticas do autor. Faz falta também a tradução do *Diário de trabalho (1938-1955)*.

O teatro épico, de Anatol Rosenfeld, é uma introdução primorosa ao teatro moderno, com ponto de fuga na obra de Brecht, cujas razões sistematiza e explica (São Paulo: Perspectiva, 1985). As relações entre a teoria brechtiana e a experimentação do Teatro de Arena nos anos 60 foram examinadas no calor da hora pelo mesmo Rosenfeld, em "Heróis e coringas", in *O mito e o herói no teatro moderno brasileiro* (São Paulo: Perspectiva, 1982). Fernando Peixoto oferece uma apresentação geral: *Brecht, vida e obra* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991). *Trabalho de Brecht*, de José Antonio Pasta Jr., discute as estratégias artísticas do autor em seu contexto contemporâneo (São Paulo: Ática, 1986). O *Brecht* de Gerd Bornheim (São Paulo: Graal, 1992) expõe com amplitude o itinerário e as ideias estéticas do dramaturgo. O percurso brasileiro do teatro épico foi sintetizado e analisado por Iná

Camargo Costa, em *A hora do teatro épico no Brasil* (São Paulo: Graal, 1996). *Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre o expressionismo* (São Paulo: Unesp, 1998), de Carlos Eduardo Jordão Machado, examina o entrelaçamento alemão de expressionismo e marxismo, de que Brecht fazia parte. Roberto Schwarz discute os "Altos e baixos da atualidade de Brecht", em *Sequências brasileiras* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999).

A bibliografia internacional alcançou números vertiginosos, que excluem uma sugestão de leitura passavelmente informada. Como introdução geral, pode-se ler John Willet, *O teatro de Brecht* (Rio de Janeiro: Zahar, 1977). Para uma informação completa, a monumental *Brecht Chronik 1898-1956*, de Werner Hecht (Frankfurt: Suhrkamp, 1997). A discussão da obra de Brecht deve os momentos altos – que são grandes momentos da crítica moderna – aos companheiros de geração. Ver especificamente os *Versuche über Brecht*, de Walter Benjamin; "Engagement", de T. W. Adorno, em *Noten zur Literatur III*; e, do mesmo autor, os momentos pertinentes da *Ästhetische Theorie*, a qual tem Brecht como uma referência central. O confronto entre Lukács, Bloch, Benjamin, Brecht e Adorno está documentado e discutido em *Aesthetics and politics*, org. Perry Anderson et al., prefácio de Fredric Jameson (Londres: New Left Books, 1977). Há um perfil do poeta traçado por Hannah Arendt, em *Homens em tempos sombrios* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987). O romance de Peter Weiss, *Ästhetik des Widerstands*, ou *Estética da resistência* (Frankfurt: Suhrkamp, 1983), mostra Brecht em ação, no contexto da resistência antifascista.

Com o colapso da União Soviética, a obra brechtiana troca de pele mais uma vez. Para a retomada da discussão, ver Fredric Jameson, *O método Brecht* (Petrópolis: Vozes, 1999).

© Cosac Naify, 2001
© Suhrkamp Verlag
© Roberto Schwarz [tradução e apresentação]

Coleção Prosa do Mundo
Conselho editorial Augusto Massi e Davi Arrigucci Jr.

Coordenação editorial Samuel Titan Jr.
Capa e Projeto gráfico da coleção Fábio Miguez
Preparação Heitor Ferraz e Fabiana Werneck
Revisão Samuel Titan Jr. e Cláudia Cantarin

1ª reimpressão, 2009

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Catalogação na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional)

Brecht, Bertolt
Bertolt Brecht: A Santa Joana dos Matadouros
Título original: *Die Heilige Johanna der Schlachthöfe*
Tradução e apresentação: Roberto Schwarz
São Paulo: Cosac Naify, 2009
Coleção Prosa do Mundo
p. 216

ISBN Coleção: 978-85-7503-104-9
ISBN: 978-85-7503-098-1

1. 2.
3. Brecht, Bertold CDD: 832

COSAC NAIFY
Rua General Jardim, 770, 2º andar
01223-010 São Paulo SP
Tel. [55 11] 3218 1444
www.cosacnaify.com.br

Atendimento ao professor [55 11] 3218 1473

Sobrecapa: detalhe *Café* (1918), de George Grosz
© VG Bild-Kunst, Bonn 2001.

Foto do autor
© Agência Keystone

UM GRITO PARADO NO AR

Personagens

AUGUSTO
EUZÉBIO
FERNANDO
AMANDA
FLORA
NARA

Scanned by CamScanner

Palco nu de teatro. Elementos de cena que serão usados nos ensaios colocados em desordem pelos cantos. Grande mesa de ensaio com bancos longos ao redor. A mesa servirá de praticável e os bancos de degraus. Durante a ação poderão ser utilizados quaisquer elementos (telões, rotundas, luzes, móveis, acessórios) sempre dando a impressão de improvisação. Não há ninguém no palco. Entra Augusto, pasta com o texto da peça na mão. Vai até à mesa e atira a pasta sobre ela, mal-humorado...

AUGUSTO — Como é, poxa! Ninguém aí!... Vamo trabalhá, ora porra! Vamos começar essa merda!... (*Bate palmas chamando.*) Como é que é, ninguém aí?... Somos profissionais! Pro-fis-sio-nais!... Mais de meia hora de atraso, porra. Ensaio de merda!... (*Chama.*) Euzébio!... Euzébio!... Até tu, Euzébio?... Escravo. Servil! Ralé! Inculto! Bicha! Até tu não estás no posto... Ora, porra! Profissionais de borra!... Eu disse borra, ora porra!... Vadios!... Irresponsáveis! (*Vai até o gravador e liga o aparelho. Aciona a fita. Ouvem-se trechos das entrevistas documentário, trilha sonora e ruídos que serão utilizados durante o espetáculo. Durante a gravação do samba-tema ele salta sobre a mesa. Liga o refletor que está próximo e sob a luz começa a dizer um trecho de Shakespeare em inglês. Termina fazendo um ruído de deboche com a boca. Desliga o gravador. Dá uma cambalhota sobre a mesa.*) Ah, teatro!... Teatro!... Teatro!... Fazer teatro é sofrer num paraíso... Mas se não fazê-lo como sabê-lo, ora porra!

Entra Euzébio trazendo alguns objetos de cena para o ensaio.

EUZÉBIO — Ô, matusca!... Falando sozinho?

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Veja lá como fala comigo, lacaio.. Matusca é a digníssima progenitora que teve o mau gosto de pôr no mundo esse excremento circense que você é... (*Dá uma gargalhada e abraça o velho.*) Euzébio!... Euzébio!... do meu coração... que belo rabão!... Zangadão?... Qual é a questão?

EUZÉBIO — Não enche, não, vá, Augusto...

AUGUSTO — Qual é o grilo, ora porra?

EUZÉBIO — Não é da tua conta... Estuda o texto, vai!...

AUGUSTO — Sem essa... Nunca te vi assim... Diz lá...

EUZÉBIO — Os homem aí...

AUGUSTO (*malicioso, gozador*) — Estás em dificuldade com algum homem?

EUZÉBIO — Chi, rapaz... Você tá sempre a cento e oitenta... Vê se relaxa!...

AUGUSTO — Se relaxo, vem alguém e me come. Diz lá (*Como falando para criancinha.*) Conta pra titio o que aconteceu...

EUZÉBIO — Aconteceu que já estou cheio. Tudo sempre em cima de mim... Vocês ficam tudo nas altas esferas, discutindo, laboratório, e o esquimbau... E eu agüentando os home...

AUGUSTO — Querido, o que é de gosto regalo da vida!

EUZÉBIO — Vai gozando... vai gozando!... Se o moço aí não tomá uma providência urgente... não tem estréia... Os homens vieram para levar tudo... Queriam levar hoje mesmo. Tirei o gravador da mão deles... Usei de muita lábia... Se não, tchau!

AUGUSTO — Estão devendo muito?

EUZÉBIO — Estou te dizendo. Estão devendo tudo. Deram a entrada e nada mais. Os homens estão loucos, rapaz... Diz que não protestam as promissórias pra não prejudicar ninguém. Mas querem os aparelhos de volta... De camaradagem, hein...

AUGUSTO — E não deixa de ser, convenhamos... Ora porra... E agora...

EUZÉBIO — E agora, sei lá...

AUGUSTO — O gênio, aí, não se explica?...

EUZÉBIO — Não... Aquele jeitão dele... "Calma, tudo se resolve... Subvenção... Vai entrá dinheiro..." O mesmo blá!

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Quer dizer o gênio perpassa calmamente pela tormenta!... E o meu, será que vem?

EUZÉBIO — E eu lá vou saber?!

AUGUSTO — Sem essa, viu... O meu eu quero! Mas quero mesmo... Uma bosta de quatrocentos contos!... Será que não tem quatrocentos contos pra me pagá? Quatrocentos... Mete um tiro na cabeça, poxa... Quem não tem quatrocentos contos pra pagar um infeliz ator pro-fis-sional... está morto... morto!

EUZÉBIO — Cuidado, eles já estavam vindo pra cá!

AUGUSTO — Agora, pra gastá em cachaça no boteco o gênio tem...

EUZÉBIO — Uísque...

AUGUSTO — Uísque? Ah, então está escondendo o leite... Saiu a subvenção... Só pode ser... E tomando uísque no bar não vai pagar os meus quatrocentos contos? Ah, vai sim senhor... Vai ou quebro essa merda todinha... Quebro mesmo... Quatro-centos contos, pô... Não é nem salário de fome... É salário de defunto... Eu só queria saber qual foi o grandessíssimo filho de uma puta que inventou esse negócio de pagar só 50% nos ensaios... Viado eu sei que é... Agora quem? Qual o nome do financista... do Salvador!... 50%! Filhos da puta!... Vai me pagá e é hoje!...

Entram apressados Fernando, Amanda e Flora, todos com suas pastas com o texto.

FERNANDO — Oi, Augusto, você já está aí...

AUGUSTO (*retraindo-se totalmente, bem amigão, humilde*) — Oi, como é que vai?

FERNANDO — Trabalhando que nem um danado, bicho!... Dormi só duas horas... Não atrasei muito, não, não é?

AUGUSTO — Que o quê... Cheguei agorinha também... (*Fazendo carinhos em Amanda.*) Amandinha do meu coração, melhorou... (*Dá um beijo em Flora.*)

AMANDA — Que nada, tomei a farmácia inteira, mil injeções e nada... Ó, como é que estou rouca, ó, ó...

FERNANDO — É bom poupar a voz, viu, Amanda!

AMANDA — Poupar o quê, não tenho mais... Ó, ó... Hum!... Mini!... Mini!...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — É melhor não forçar... Fica quietinha... Cochicha... Fica *sexy*!

FLORA — Eu já disse pra ela ter aulas com a Madalena... Ela não vai...

AMANDA — Isso é gripe... Não é falta de aula...

FLORA — Uma tecnicazinha sempre ajuda.

AMANDA — Técnica, imagina... Pra cima de mim, Flora... Sou atriz de praça pública, eu! Que é que você está pensando. Na época que ainda se fazia teatro em praça pública, eu representava e todo mundo ouvia, meu anjo. E sem colher de chá de microfone. Não tinha disso, não. Era no peito mesmo... E até o infeliz lá do fundo, montado no cavalo, me ouvia... e muito bem... Não vem com essa, não...

FLORA — Santo céu! Não quis ofender, só ajudar...

AMANDA — Você tem mania de espicaçar a gente!

FERNANDO — Que é isso, Amanda... Criando caso?

AMANDA — Como se eu não conhecesse a Florinha... Ela está sempre pondo defeito em tudo...

AUGUSTO — Flora é recalcadinha... Tem cinqüenta anos e quer fazer papel de mocinha amada, não é Florinha, hein, diz a verdade?

FLORA — Não quero fazer papel de mocinha, não... Só fico por conta quando me chamam pra fazer papel de velha num elenco que a mocinha é quarentona... Então, por que não eu? Só porque não me sujeito... Não fico puxando saco?

FERNANDO — Que é isso, gente... já estamos em outro assunto...

AUGUSTO — O assunto é a rouquidão da Amanda... Que por sinal é uma rouquidão sagrada!

FERNANDO — Vocês parecem crianças... Vamos trabalhar, vai...

AMANDA — É o tal negócio, a gente não pode ficar doente que cai todo mundo em cima...

FLORA — Não estou dizendo nada, meu amor... Só dei um conselho... Umas aulinhas de colocação de voz não fazem mal pra ninguém.

AMANDA — Sempre tive minha voz colocada, meu Deus do céu... Preciso gritar pra que entendam... Na praça pública...

Scanned by CamScanner

FLORA — *Pois é, meu bem... Vai ver que do esforço criou um calozinho nas cordas vocais...*

AMANDA — *Ah, com franqueza...*

AUGUSTO — *Tá com vontade que a pobrezinha tenha um calo nas cordas, é... Recalcada!*

FLORA — *Recalcada, mas emissão de voz perfeita! — Ó! (Solta um potente agudo.)*

EUZÉBIO (*surgindo do fundo*) — Que foi, chamou?...

FERNANDO — Nada, Euzébio, maluquice dessas tontas... Vem cá, rapaz, senta aqui... Você é do elenco ou não é?

EUZÉBIO — Ainda sou?

FERNANDO — Pois claro...

EUZÉBIO — Espera um pouco que o eletricista está querendo desmanchar a caixa de luz.

FERNANDO — Desmanchar por quê?

EUZÉBIO — Disse que o senhor não pagou... Chamou o senhor de Ruth... Está fazendo um escarcéu lá em cima...

FERNANDO — Manda ele tomá um calmante... Diz pra passar logo depois da estréia que pago tudinho... Diabo de pressa... Qualquer especializada fazia a prazo e ele não quer esperar uns dias e cobrando o que ele cobrou por um serviço porco...

EUZÉBIO — Por que o senhor não vai falar com ele?

FERNANDO — Estou ensaiando, não estou?

EUZÉBIO — Tá certo... Então eu é que preciso segurá as ponta... Não posso está nos dois lugares ao mesmo tempo...

FERNANDO — Despacha ele. Fecha a porta e vem ensaiar...

EUZÉBIO — Falô...

FERNANDO — Assim não dá... não dá... Dormi só duas horas... Estou exausto... Vocês ainda por cima ficam discutindo bobagens... Vamos ensaiar ou não vamos... Porque caso contrário, a gente desmancha tudo... Fica o dito por não dito... E vou pra praia!

AUGUSTO — Prrra prrrraia... Prrrrrraia... Prrrrrrraia...

FERNANDO — Que foi, deu bobeira?

AUGUSTO — Nada não, é que a Narinha ainda não chegou...

FLORA — Chegou sim. Está no banheiro...

FERNANDO — Vai chamar ela pra mim, vai Augusto... Faz esta gentileza. Faz...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Não precisa implorar, não... Eu colaboro... Depois quero um valezinho, tá bem?

FERNANDO — Se é pelo vale, pode deixá que eu vou chamar...

AUGUSTO — Nem um vale?

FERNANDO — Anda, Augusto, estamos perdendo tempo... (*Augusto sai, esfregando o rosto com as mãos.*) Ah, Deus meu, Deus meu...

AMANDA — Descansa hoje, Fernando... Eu também aproveitava, poupava a voz...

FERNANDO — Que descanso... Será que vocês ainda não se compenetraram que a estréia vai ser daqui a dez dias?

AMANDA — Também não adianta nada se matar...

FERNANDO (*heróico*) — Eu agüento!... Vocês já ouviram a trilha sonora... É... Sonoplastia! Prontinha... (*Liga o gravador.*)

AMANDA — Ah, eu já ouvi... Põe aquela entrevista de novo...

FERNANDO — Qual?

AMANDA — A do feirante... Aquela que eu fiz...

FLORA — Pois eu ainda não ouvi nada... Quero saber da música... Não tem uma aí que eu preciso cantar?

FERNANDO — Hum, hum... está pronto o *play-back*... Deixa eu ver... (*Passa a fita rapidamente... Ouve-se o barulho da fita correndo.*)

AMANDA — Bacana quando corre ao contrário, não é... Por que a gente não usa esse efeito, Nando... É impressionante, até arrepia... (*Imita com a boca.*)

FERNANDO — Usar aonde? Pra quê?

AMANDA — Sei lá, isso é com você...

FERNANDO — Ora, Amanda!...

AMANDA — Ih, também não precisa ficar irritado, não é? (*Emburra.*)

FERNANDO — Não estou irritado... (*Achando o ponto.*) Está aqui... Ouve bem, Flora...

FLORA (*aproxima-se do gravador. Procura acompanhar com o canto... Erra tudo*)

AMANDA — Precisa de umas aulinhas, hein, Flora?

FLORA — Primeira vez que eu ouço, não é? Não durmo com o diretor!

AMANDA — Só o que faltava... (*Beija Fernando que a afasta delicadamente*).

Scanned by CamScanner

FERNANDO — Presta atenção, Flora... (*Flora procura colocar a letra na música.*)

EUZÉBIO (*ao fundo*) — Fernando!... O tapete, ó. (*Polegar para baixo.*)

FERNANDO (*Com o mesmo gesto*) — Como assim?

EUZÉBIO — Nem descarregaram... Pagamento à vista. Levaram de volta!...

FERNANDO — Levaram, não é? Muito bem... Diz pra eles enfiarem o tapete naquele lugar. Vai sem tapete!...

AMANDA — Sem tapete, não, Nando... E o meu joelhinho?

FERNANDO — Usa joelheira, pombas...

AMANDA — Não, sem tapete, não vem que não tem. Não faço não...

FERNANDO — Pois então vai girar sua bolsinha na rua e paga o tapete!

AMANDA — Porque não é você que vai ajoelhar nessa madeira dura e cheia de prego todo dia...

FERNANDO — Como é que não vou?

AMANDA — Marcação pra você é sempre de pé... Nós sim que temos de nos arrastar pelo chão... que nem bicho!

FERNANDO — Não enche, Amanda... Já não bastam as dificuldades...

AMANDA — E não grita comigo, não. Não suporto diretor que berra... Muito menos marido!

FLORA (*terrível*) — Melhorou da voz, meu anjo?

AMANDA — E não enche, você também... Daqui a pouco pego minha bolsa e vou-me embora!...

Entra Nara com Augusto...

NARA — Nossa Senhora, que mijaneira, gente! Coisa incrível... Estou me esvaiando! E olha que deixei de tomá o diurético...

AUGUSTO — É muita bolinha...

NARA — Cala a boca, ô, *bicha's liberation*!

AUGUSTO — Tá atrapalhando o ensaio!... Está atrapalhando o ensaio!

FERNANDO (*num acesso de raiva muito real*) — Chega, está bem! Chega!... Que é que estão pensando! É pra trabalhar ou pra que é? Irresponsáveis!... Na hora do pagamento todo mundo quer receber... E na hora de traba-

Scanned by CamScanner

lhar?! Vamos deixar de frescura, está bem... É todo mundo muito espirituoso, muito entediado, muito na sua, mas pra mim encheu!.. Encheu! Vocês são contratados... são artistas... são gente, diabo!... Vamos trabalhar... E quem não quiser é bom avisar já... Assim dá tempo de substituir...

AUGUSTO — Falô, chefinho... Não se aborrece, não, se não mela tudo... Vamo lá... É tudo de mentirinha... Tá um sol lindo lá fora... Calor... Preguiça... Mormaço... Falô, chefinho...

FERNANDO — Vocês me desculpem, não é... Mas se a gente não encarar seriamente isso... Não sai... Eu não quero construir uma catedral aqui dentro, entende? Eu quero fazer um espetáculo que tenha gente falando e que se entenda o que estão dizendo... Esse texto aqui é importante... Ou vocês não acham?

NARA — Maravilhoso!...

FERNANDO — Não é isso que eu quero... Adjetivo, pra quê? O que foi que esse texto disse pra você... O que é que você sentiu... Em que é que você se modificou?

NARA — Eu sei lá, eu gostei...

FERNANDO — O que é que você entendeu...

NARA — Ih, mas por que comigo? É picadeiro, é?

AUGUSTO — Liga, não, chefinho... É burrice mesmo... Não tem cura, não!

NARA — Cala boca, *gay power*...

AUGUSTO — Estudando inglês, boneca...

AMANDA — Não, espera aí... Vamos trabalhar a sério, ou não vamos... (*Toca o telefone.*)

AUGUSTO — Desculpe, desculpe, desculpe, desculpe, desculpe...

FERNANDO — Pombas, mas não é pra pedir desculpas... Eu só estou querendo falar a sério um pouco... Que diabo... Tá um sol bonito lá fora... calor... mormaço... piscina ou mar — que é de graça... E nós estamos aqui. Endividados... Sem saber como fazer realmente... pra ter... pra ter... a profissão da gente... Mas estamos aqui, não estamos?... Há uma razão!... O comportamento de vocês é como o do marido, do amante, sei lá... que procura ferir a mulher que ama... É como o outro que está por aí... que é um necrófilo, não é... Vive apregoando que o teatro morreu... E faz teatro adoi-

Scanned by CamScanner

dado... ama o teatro... Não vive sem... Põe até gravata pra salvar o teatro... E os teatros, com seu público de teatro, fazem teatro para salvar o teatro dele, que quase deixa de ser teatro... Mas estão lá, fazendo teatro e podendo salvar um teatro. Que que há, minha gente?

FLORA — Não há, nada... Nada, Fernando... É só trabalhar...

FERNANDO — Só...

EUZÉBIO (*que atendeu o telefone*) — Fernando... É da agência... Diz que sem tutu não dá pra sair nenhum tijolinho no jornal... Precisa pagar na ficha...

FERNANDO — Mas ele sempre fez a prazo pra mim...

EUZÉBIO — Diz que a conta já está muito alta...

FERNANDO — Tá bom... Manda ele... Olha, vai sem tijolinho mesmo... (*Liga o gravador, ouve-se entrevista real com um pedreiro falando sobre a cidade e suas condições de vida... Enquanto ele fala, Nara e Augusto fazem uma verdadeira dança comentando o que ouvem. Flora ajeita refletores sobre eles...*)

AUGUSTO (*ao final da entrevista*) — Este cara é um sarro!... Vidão que ele leva!... Sorte que tem o poder de adaptação, não é... Senão não dava!... (*Cospe no chão repetidas vezes.*)

FERNANDO — Augusto, ele te dá algum elemento para o teu personagem?

AUGUSTO — Ora, porra. Ele é o personagem!... Põe aí no programa... Um Grito Parado no Ar... Justino, pontinhos, o nome do distinto aí... Como é o nome dele...

FERNANDO — É... (*Diz o nome real do entrevistado.*)

AUGUSTO — Pois então... Só me resta pegar meu boné e ir embora...

FERNANDO — Nada... Você vai fazer o personagem baseando-se nesse cara e nos outros que vêm aí... só isso não basta... Vai ter muito de teu nessa personagem que você vai fazer... Esse Justino é o Justino real... pequeno e sumido no meio de muitos Justinos... O teu vai ser um Justino...

AUGUSTO (*gozando com modos afetados*) — Que só eu posso fazer!

FERNANDO — Que um artista pode fazer... Mais amplo, mais comunicativo... típico...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Não me vem com teu Lucaks pra cima de mim não... Já me disseram que ele já era. Agora como eu não sei de nada... Dá o tom pra mim... Só o tom eu vou... Você diz assim, quero um Justino bobo, quero um Justino agressivo, irônico, doente, saudável, valente, covarde... Quer dizer em cada hora que ele for essas coisas você fala pra mim... Atenção! Nessa fala ele é covarde, nessa outra é irônico... Até súbdulo, ele pode ser... Não é?... Que é que quer dizer súbdulo?

AMANDA — Augusto, deixa de ser criança!

AUGUSTO — Ué só porque eu fiz uma pergunta... Aposto que você não sabe, primeira dama!

FERNANDO — Quero um Justino-Pedro, Justino-Antônio, Justino-Juvenal, um Justino, Pedro, Antônio, Juvenal...

AUGUSTO — Olha, parece incrível, ninguém vai acreditar, mas agora eu entendi. Simples. Não precisa nem mais ensaiar... Justino, Pedro, Antônio, Juvenal, Jacinto, o que tiver de Justino danado por aí.. Entendi...

FERNANDO — Então vamos lá... Baseando-se na cena da peça: Justino preso: Identificação!

AUGUSTO — O texto eu não sei de cor!

FERNANDO — Vai... Não precisa saber de cor... Não quero o texto... Quero o Justino, na situação... Vamos lá!...

EUZÉBIO (*vem apressado*) — Pronto. Fechei a porta!...

FERNANDO — O eletricista já foi?

EUZÉBIO — Paguei uma pinga pra ele. Diz que espera até a estréia... O resto a gente faz sem mesmo...

FERNANDO — Bom senta aí e procura se concentrar no ensaio!

EUZÉBIO — Fácil, viu... Estou com a cuca que parece que vai estourar.. Está lotada... Nem sei onde é que eu vou colocá o ensaio...

FERNANDO — No lugar do eletricista, do tapete e do jornal...

EUZÉBIO — É. Tem razão. Sobrou esse canto!... Vamos lá... Estou atrapalhando...?

FERNANDO — Senta aí. Vamos lá, Augusto... (*Augusto senta-se, colocam refletor sobre ele. Ele assume o personagem de Justino.*)

FERNANDO — Pronto... Vamos lá... Vamos lá... (*Silêncio.*)

FERNANDO — Vamos lá...

AUGUSTO — Ora porra, alguém tem de perguntar alguma coisa, né... Tou aqui assustado paca. Sem saber o que está

Scanned by CamScanner

acontecendo. Fui preso na estação... Que que você quer que eu faça, que recite Olavo Bilac?

FERNANDO — Não desconcentra, não... Fica aí assustado, sem saber o que está acontecendo... Euzébio... Você pergunta...

EUZÉBIO — Eu vou fazê esse papel?

FERNANDO — Agora, no laboratório... Identificando o cara, vamos lá... (*Amanda e Flora levantam cartazes com grandes impressões digitais de um polegar.*)

EUZÉBIO — Nome...

AUGUSTO (*gagueja sem conseguir responder*)

EUZÉBIO — Estou perguntando o seu nome!

AUGUSTO — Justino... sim sinhô.

EUZÉBIO — Justino de quê?

AUGUSTO — De que o quê?

EUZÉBIO — De quê?

AUGUSTO — De quem?

EUZÉBIO — É de quê?

AUGUSTO — Da mãe Zefa!

EUZÉBIO (*dando-lhe uma tremenda bofetada*) — Sobrenome, cachorro!... (*Augusto levanta-se louco da vida.*)

AUGUSTO — Por que não vai batê naquela fétida da tua mãe, cachorro!

FERNANDO — Não desconcentra, pô...

AUGUSTO — Não desconcentra! Me abalou o dente. Olha só, ó! Pô... Assim não dá...

FERNANDO — Por que é que você bateu nele?

EUZÉBIO — Fica me gozando, uai... Perguntando de quem, de quê... Eu estou perguntando. Eu sou um cara cansado... Não é pra fazer laboratório... Pois então... Sou um cara cansado... com doença em casa e tudo... Pego um capiau desses que nem dizê o nome sabe... Tem de levá bolacha...

FLORA — Mas que é isso, gente. Tá pensando que a gente está aqui pra fazer figuração! Vamos fazer render, esse ensaio...

AMANDA — Você é quem disse, meu anjo, que faltam dez dias para a estréia... Mas não é desse jeito...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Espera aí... Espera aí... Laboratório é uma coisa... Descobrir o personagem na situação... estou entendendo... Mas não pode pegar um animal desses e expor a gente... Esse homem é de circo... Ele está habituado com jaula, com tigre, leão... Com gente ele não se dá...

EUZÉBIO — Fique sabendo seu porqueirinha... Que lá no circo, no pavilhão... a gente não ficava 10 meses ensaiando uma pecinha, não... Negócio lá era diferente, meu irmão... Oito, dez peças no repertório, três por semana... Mudava o cenário pau no burro... E tinha gente pra assistir, viu...

NARA — Mas qual é, hein... Vou pegar no sono aqui!...

FERNANDO — Chega!... Estava indo muito bem... Vamos começar de novo... Sem bater... Não bate, não...

EUZÉBIO — Fiz o que eu senti, o que eu sei...

FERNANDO — Faz sem bater... Como exercício... Pode ter vontade mas não bate...

AUGUSTO — Personagem reprimido, viu... Vamos lá... SE BATER, vai levar uma porrada!...

AMANDA — Fica quieto, Augusto...

AUGUSTO — Vamos lá... Como é mesmo meu nome?... Justino... Vamos lá...

EUZÉBIO — Nome...

AUGUSTO — Vamos começar no sobrenome que já sei que vai chegá lá...

FERNANDO — Augusto, quer levar a coisa a sério?

AUGUSTO — Porra, se estou levando. A cara é minha... Abalou o dente, ó!... Vamos lá...

EUZÉBIO (*depois de instantes de concentração*) — Nome?

AUGUSTO — Justino... Juvenal, dos Santos... (*Ri vitorioso.*)

FERNANDO — Não... Não... Espera aí... O Justino mesmo, não levou bofetada... Ele não sabe da bofetada... Da outra forma estava melhor... O Justino apavorado esquece até o nome...

AUGUSTO — O povo é vivo né doutor... Depois da primeira porrada, vai maneirando, até encontrá brecha!...

FERNANDO — De novo, De nov... E sem bancar o palhaço!...

AUGUSTO — Ah, e o palhaço sou eu... Tá... Que é que fica rindo aí, Nara... Quer dizer, é pra prejudicar o meu trabalho. Só pode ser!...

Scanned by CamScanner

NARA — Tô quietinha aqui assistindo... Aprendendo...

AUGUSTO — E vai fazê ironia com a avó!... Vamos lá... vamos lá... Pra valê... Concentra aí, velho... Faz força e vê se não morre... Se é possível... Devia tá numa cadeira de balanço, aposentado, curtindo a proximidade da morte... e tá aqui fazendo laboratório... Ora, porra, que mundo! Vamo lá... sério, hein... Te cuida, velho, que é pra valê... Concentra... Espreme... (*Todos procuram conter o riso.*)

EUZÉBIO (*aperta as mãos num grande esforço de concentração. Augusto observa-o maroto. Farão a cena para valer mesmo*) — Vamos lá... Seu nome...

AUGUSTO — Justino... sim sinhô... doutô...

EUZÉBIO — Justino de quê?

AUGUSTO — Como, doutor?

EUZÉBIO — Não sou doutor... Seu nome completo...

AUGUSTO — Justino Juvelino de Souza... seu criado...

EUZÉBIO — Pai?

Augusto fica quieto, cabisbaixo...

EUZÉBIO (*insiste num grito*) — Pai!...

AUGUSTO (*a Fernando*) — Deve ser com o senhor... O senhor não é pai dele... Ta chamando o pai... (*Amanda e Nara contêm o riso... Flora vai até o fundo e ri alto.*)

FERNANDO (*levando a coisa pra valer*) — Não sou pai dele, não... Ele quer saber o nome do seu pai...

AUGUSTO — Nome do meu pai...

EUZÉBIO — É, é... nome do seu pai... Quer apanhar, vagabundo...

AUGUSTO — Não, doutor... quer dizer... não senhor... Meu pai... Meu pai era Juvelino de Souza... quer dizer, sem o Justino... Juvelino de Souza, meu pai... Põe o Justino na frente, fica o filho... Diferença só de um nome...

EUZÉBIO — Mãe!...

AUGUSTO — É o nome da minha mãe que o senhor quer saber...

EUZÉBIO — Tá me achando com cara de palhaço...

AUGUSTO — Quem me dera, doutor, quer dizer, senhor... Nome de minha mãe... Era Zefa...

EUZÉBIO — Josefa de Souza...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Não. Josefa é minha irmã... Josefa de Souza... Minha mãe é Zefa, só, quer dizer com o de Souza depois... Pois Jo na frente fica a filha, tira o Jo, fica a mãe... e de Souza é geral, sim senhor...

EUZÉBIO — Olha, eu estou achando que você está mentindo, que você não tem mãe...

AUGUSTO — Estou dizendo, doutor, quer dizer, senhor, minha mãe tem por nome Zefa...

EUZÉBIO — Pois estou achando que você não sabe quem é sua mãe...

AUGUSTO — Como é que não vou saber, doutor, quer dizer senhor... pois se foi ela que me pariu...

EUZÉBIO — Vai me enganá que assistiu seu parto...

AUGUSTO — Disso nenhum homem pode se gabar... Nem o senhor assistiu o parto de sua doutora mãe, quer dizer, senhora mãe...

EUZÉBIO — Você é muito debochado, ladrão vagabundo... Sabe que aqui a gente ensina educação pra quem não tem...

AUGUSTO — Sei sim senhor. Estão construindo muita escola...

EUZÉBIO — Você gosta mesmo de brincar, não é seu sacana!

AUGUSTO — Falando sério, doutor, quer dizer senhor!...

EUZÉBIO — Mãe ignorada!...

AUGUSTO — Mãe o quê, doutor, quer dizer, senhor?

EUZÉBIO — Não sabe quem é a mãe...

AUGUSTO (*estão já envolvidos no processo dos personagens*) — Pois claro que sei e não há por mais de légua que duvide. Minha mãe é Zefa, mulher de registro de Juvelino de Souza...

EUZÉBIO — Vagabundo que nem você não pode ter mãe... É filho de puteiro...

AUGUSTO — Minha casa tem nome cristão... Na taboleta se lê, pra quem sabe, sítio S. Jorge!

EUZÉBIO — Puteiro nunca teve nome de santo...

AUGUSTO — Minha casa tem...

EUZÉBIO — Vagabundo e ladrão, não tem mãe... Nasceu do diabo... Você roubou o dinheiro da passagem. Pegou o trem e veio pra cá pra roubá... Só pra roubá... cadê a maleta da estação?

AUGUSTO — Sei de maleta nenhuma, doutor, quer dizer, senhor...

Scanned by CamScanner

EUZÉBIO — E tu pára com isso... Me chama só de senhor... Não sabe da maleta... Mas sabe que não tem mãe...

AUGUSTO — Sei que tenho mãe, que é Zefa, mas não sei da maleta...

EUZÉBIO — E Carolina... cadê Carolina?

AUGUSTO — Que Carolina?

EUZÉBIO — Estou te perguntando cadê Carolina?

AUGUSTO — Nem sei quem é Carolina, dou... senhor... Não conheço nenhuma Carolina...

EUZÉBIO — Mas sabe que não tem mãe...

AUGUSTO — Sei que tenho mãe que é Zefa... Mas não conheço nenhuma Carolina...

EUZÉBIO — Cadê Carolina...

AUGUSTO (*abre a cena como que tomado pela situação terrível*) — Não, pera aí, gente... Não sei de Carolina nenhuma...! e tenho certeza que tenho mãe... Que é Zefa... É a única certeza que eu tenho... Zefa...

FERNANDO — Então não tem certeza de não conhecer Carolina...

AUGUSTO — Não. Disso também eu tenho certeza... Não conheço Carolina...

AMANDA — Você disse que só tinha uma certeza, uma única certeza de que tinha mãe...

AUGUSTO — Eu tenho certeza de que não conheço Carolina nenhuma...

AMANDA — Você disse que só tinha uma certeza...

AUGUSTO — Eu... eu... eu tenho outra também... Não conheço Carolina...

EUZÉBIO — Então mentiu...

AUGUSTO — Não, não menti... Tenho mãe... e não conheço Carolina...

FERNANDO — Confessa que mentiu... Você disse que só tinha uma certeza...

AUGUSTO — Me enganei!

AMANDA — Mentiu!

AUGUSTO (*a Nara*) — Me ajuda, moça... Eu não minto... Não conheço Carolina...

NARA — Mas sabe que não tem mãe...

AUGUSTO — Tenho, tenho, tenho... É Zefa!...

Scanned by CamScanner

FERNANDO — Certo. Então diz que sabe onde está Carolina!...

AUGUSTO — Não vou ficar louco, não, não vou!...

AMANDA — Quem mente uma vez, mente muitas!... Cadê Carolina...

AUGUSTO (*atirando-se sobre Fernando*) — Me deixa, me deixa!... (*Fernando domina-o e atira-o no chão; ele é cercado pelos outros cinco que o imobilizam sobre a mesa.*)

EUZÉBIO — Diz que não tem mãe...

AUGUSTO — Socorro!...

EUZÉBIO — Diz que não tem mãe...

FERNANDO — Cadê Carolina...

EUZÉBIO — Mãe ignorada...

AUGUSTO — Zefa!...

FERNANDO — E Carolina?...

AUGUSTO — Fugiu...

FERNANDO — Pra onde?...

AUGUSTO — Pro interior...

AMANDA — Quer dizer que não tem mãe...

AUGUSTO — Não, não tenho... Não sei quem é...

FERNANDO — E conhece Carolina...

AUGUSTO — Conheço, conheço... Não tenho mãe... Não tenho mãe... E chega, ora, porra!... Chega!... Sai pra lá sô... Que coisa horrível...

FERNANDO — Apaga o refletor... Deu pra sentir medo, Augusto?

AUGUSTO — Pombas, se deu... Negócio de louco, kafkiano!...

FERNANDO — Pois teu personagem tem este medo o tempo inteiro. Desde que ele chega à cidade... É um medo inconsciente... Mas terrível... E o medo faz com que ele aja da forma que aje... Descansa... E você, Euzébio...

EUZÉBIO — Eu tava na minha, não é... Se é pra identificá vamos identificá... Mas ele me pareceu palhaço demais... Meu deu raiva...

NARA — O pior é que a gente sentia vontade de bater nele mesmo, pra valer...

FERNANDO — Do que a gente é capaz, não é?

AUGUSTO — Vai contá pra mim... Me deixaram roxo!...

FERNANDO — Musiquinha, de leve... Vamos relaxar... respirar... (*Ligam o gravador. Augusto faz exercícios de fle-*

Scanned by CamScanner

xão. Amanda preocupada com a garganta faz exercícios vocais. Nara faz passos de balé... Flora, sobre a mesa, faz exercício de relaxamento. Acompanhando a música, Flora começa a cantar uma toada popular... Amanda acompanha a toada com o exercício vocal. Augusto faz ritmo; Fernando começa a improvisar palavras ao acaso, a coisa vai adquirindo uma forma... Eles sorriem entre si contentes e continuam improvisando. Toca o telefone. Interrompe-se o improviso.)

FERNANDO — Vai atender, vai, Euzébio! (*Euzébio vai ao telefone.*)

NARA — Bacana esse negócio de inter-relação... Vem de um, passa pra outro, a gente começa a se ligar, e a coisa nasce...

AUGUSTO — Lindo!... Falou lindo!... Eta, cabeludinha danada... Vamos lá... Vamos lá que estou começando a ficar aceso...

AMANDA — Começando!? Você apagado corre mil milhas...

AUGUSTO — Força interior...

FERNANDO — Bom gente, agora que já esquentamos, eu queria fazer a proposta do ensaio de hoje... Está todo mundo suado, já chacoalharam a sensibilidade lá dentro, vamos ver o que a gente consegue... Amanda, fala da tua personagem...

AMANDA — Ué, falar o quê? Está tudo muito claro... Uma mulher simples, classe média, sem grandes aspirações conscientes... Não agüenta mais o casamento, por diversas razões.. Procura uma fuga.. Não encontra... Procura... novamente... se realizar junto do marido... É um processo difícil... Os dois tentam honestamente... Mas... a coisa vai se agravando... E eles resolvem pôr fim a tudo.

AUGUSTO — Uma tragédia urbana!

FERNANDO — Só isso que você viu?

AMANDA — Olha, meu bem.. Mais não está escrito...

FERNANDO — Pode ser... Você Flora, como é que é?

FLORA — O de sempre. A mãe sofredora, meio chata, quando não muito, com tiradas por vezes hilariantes... etc.... e tal... e meio quilo de alcatra no bolso...

NARA — Deixa de onda, Flora... Fala o que você sente mesmo do personagem... Tava discutindo comigo ontem... Viu, Fernando... Lá fora ela diz coisas geniais do personagem, aqui vem fazer gênero...

Scanned by CamScanner

FLORA — Que adianta, minha filha? A gente pode achar mil coisas... Mas vêm eles e pronto, fingem que aceitam tudo, mas na hora é como eles querem, como só eles vêem...

AUGUSTO — Neurastênica!

FERNANDO — Isso é injustiça, Flora... Não é a primeira vez que a gente trabalha junto...

FLORA — Por isso mesmo...

AUGUSTO — Neurótica!

FLORA — Vê se me esquece, tá Augusto?

AUGUSTO — Esqueci faz tempo... Não lembro de coisas velhas!

NARA — 'Gusto'!...

AUGUSTO — Gusto por Gusto cada qual tiene el sujo...

FERNANDO — Chega, tá bom!

AUGUSTO — Falô, chefinho... Mas vamo lá... tá começando a esfriá!...

FERNANDO — É a proposta que eu queria fazer... Por exemplo, eu discordo da Amanda, e muito mais da Flora. Não acho que o personagem de Amanda seja simples... Muito pelo contrário... Tem uma bruta de uma garra... Uma série de aspirações, que podem não ser bem formuladas mas são conscientes... É uma bruta de uma procura de integração com o que existe de mais bacana... Uma vontade danada de conhecer, de saber o mundo... E uma série de incucações por causa da educação, meio, etc.... A mãe, então, acho um personagem fantástico... Por isso chamamos você, Flora.. Que é uma bruta de uma atriz...

FLORA — Tá, tá... Pode vir agradando, aposto que está fazendo figa debaixo do banco! (*Todos, menos Fernando, vaiam. Nara abraça Flora afetuosamente.*)

AUGUSTO — A proposta! A proposta! A proposta!

AMANDA — Um momentinho... Olha, Fernando, você pode achar tudo isso que você falou, mas que está escrito, não está não. A gente pode pôr. Mas que não está no texto, não está...

FERNANDO — Claro que está! Ou será que não perceberam que o autor pretende muito mais do que o enredinho... A historinha é simplérrima, pequena, apenas o fio condutor, a espinha da peça... Agora, o que ele consegue através desse fio é muito maior.. ou não deu pra perceber...

Scanned by CamScanner

AMANDA — Claro que deu. Ninguém aqui é débil mental... Mas minha personagem especificamente é muito mais simples do que você falou... Não vejo nada disso nela, não...

FERNANDO — Você concorda que a peça não é somente a historinha de um casal, mas a vida de uma cidade, de uma metrópole, suas tensões, seu clima, sua poluição, suas lutas, seu desespero...

AMANDA — Tá bom, tá bom, tá bom... Mas e daí...

FERNANDO — E daí que pra mim as coisas estão muito ligadas... Seu personagem não é essa coisa morna que você está pensando...

AMANDA — Mas a troco de que ela vai ser assim tão bacana, tão inquieta, tão procurativa de integrações...

AUGUSTO — Procurativa, olha aí!

AMANDA — Não enche! Por que ela vai ser assim? Não tem motivação pra isso... É uma mulher, como milhões de outras, que se enche, e talvez se encha pelo simples fato de ser mulher, de viver nas condições de mulher...

FERNANDO — Também, também.. Mas não só... Pra que essa mania de simplificar tudo, reduzir tudo a sim e não... Não é bem assim... Vamos procurar que a gente encontra...

AUGUSTO — E depois o autor tem direito de fazer o que ele quiser... Agora vai ter de dar motivação pra tudo... Eu se fosse escritor, fazia tudo sem motivação...

FERNANDO — Principalmente a motivação de escrever...

AUGUSTO — Ele tá me gozando, Amanda...

FERNANDO — Olha, minha proposta é a seguinte. Vamos partir do relacionamento do casal. Vocês podem usar qualquer elemento. Não precisam se restringir ao que está no texto. Os outros vão se integrar no exercício... Da forma que sentirem... Por exemplo, só pra dar o pontapé inicial... O casal está no edifício, no seu apartamento... Amanda e Augusto...

AUGUSTO — Rafael é você, não é?

FERNANDO — Hoje eu quero observar... Você faz... O importante é vocês procurarem juntos a experiência da cidade... Sentir a cidade... Assim os outros podem criar os outros moradores do prédio, ações simultâneas...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — E tudo isso por 800 contos com 50% de desconto? Legal!... Narinha, você não estava transando na Globo, vê pra mim se arruma um lugarzinho pra mim na TV... Acho que eu sou o único ator que ainda não faz novela de televisão... eu e Paulo Autran.

NARA — Pensa que eles estão pagando muita coisa, boneco... Pagam pros ídolos, agora pra turminha da pesada é na base do trocado mesmo...

AUGUSTO — Quem sabe, não é... Quem nasceu Augusto pode ter seu dia de Tarcísio... Vai ser a Glória!... (*Acha horrível a própria piada.*) Hum...

FERNANDO — Bom, vocês querendo eu posso parar o ensaio agora mesmo, e vamos fazer piada no bar...

AUGUSTO — Que é isso, chefinho. Tou dizendo que estou aceso... Vamos lá, Amanda... Vem cá, querida, vai ser um sarro... Podemos nos desrecalcar, hein, hein? Ele não liga, está dirigindo... Tem de segurar as pontas...

AMANDA — Deixa de ser besta, Augusto...

FLORA — Nessa altura eu sou faxineira do prédio!...

FERNANDO — O que você achar, Flora...

EUZÉBIO (*que durante este tempo ficou gesticulando ao telefone*) — Olha aí, era o Armando...

FERNANDO — Do banco?

EUZÉBIO — É, o Carlos Armando... Diz que caiu um cheque frio lá e que não dá mais pra compensá, não...

FERNANDO — Mas como cheque frio?

EUZÉBIO — É um cheque frio, vosso, de quatrocentos e poucos contos, que não dá pra pagar, porque não tem fundo... e que precisa dar um jeito até amanhã sem falta porque o cara vai sacar de novo...

AUGUSTO — Estelionato, hein!... Estelionatários!...

AMANDA (*pondo as mãos na cabeça*) — Ah, meu bem, fui eu, fui eu... O cheque das perucas...

FERNANDO — Mas eu disse pra você...

AMANDA — Eu sei, meu querido, eu sei... Mas eu dei um cheque post datado... Não tenho culpa que eles tenham ido descontar...

AUGUSTO — Post datar também não pode... É crime, viu?... Tá vendo só que "Máfia"?!...

FERNANDO — Não brinca com isso, Augusto... Eu acabo ficando louco!... Estou exausto... Duas horas de sono...

Scanned by CamScanner

AMANDA — Que é que eu ia fazer... Precisava dar o cheque... Se não, não tinha peruca...

FERNANDO — Tá, tá... Não estou dizendo que foi sua culpa... Estou dizendo que é tudo uma bosta...

FLORA — Olha, se for até o fim do mês eu posso emprestar trezentos...

EUZÉBIO — E eu pego cem que eu tenho aí... Até o fim do mês... E o resto você arruma, são mais uns cinqüenta e porcaria...

FERNANDO — Tá bom tá... Obrigado, viu... Estréio nem que seja na marra... Vamos ensaiar... Já falei, Euzébio, durante o ensaio não quero saber de problemas de produção!

EUZÉBIO — Tá bom. Querer é poder?! Os problemas estouram, tem de resolver, não?

FERNANDO — Depois do ensaio...

EUZÉBIO — Falô. Depois do ensaio!...

FERNANDO — Vamos lá, Rafael e Lúcia no apartamento... Os outros bolam o que quiserem. Cidade, edifício central, tráfego...

AUGUSTO — Eu ainda estou no Justino... Estou com aquele medo e tudo...

FERNANDO — Passa pro Rafael... É ator ou não é...

AUGUSTO — Sou nada... A profissão não existe... Cadê a regulamentação, hein, hein? Responda quem for capaz!...

FERNANDO — Como você é dispersivo, rapaz... Vamos lá, vamos lá... (*Os outros já estão arrumando, com elementos que estão no palco, o apartamento de Rafael e Lúcia, indicações de prédios próximos, etc.... Ligam o gravador em ruído de tráfego. Fernando, enquanto Amanda e Augusto se concentram, coloca junto ao ruído entrevista com um bancário... Logo após entrevista com trabalhador do metrô. Os outros assumem o comportamento que sentirem durante as entrevistas. Após as entrevistas Fernando deixa só o ruído de tráfego. Amanda e Augusto sentados. Flora varre furiosamente, levando a sério o papel de faxineira. Nara deita-se num canto, lendo uma revista, como uma moradora entediada, finge comer bombons... Euzébio finge olhar no buraco da fechadura das portas... Fernando observa. Num repente Augusto cai na gargalhada.*

AUGUSTO — Não dá, ora, porra. Olha pra tua cara, Amanda, me dá vontade de rir...

Scanned by CamScanner

FERNANDO — Que é isso, Augusto, concentra...

AUGUSTO — Tou pensando eu casado com ela, que sarro!... E a outra lá varrendo... Que é que você está fazendo, Euzébio, que é isso aí?...

EUZÉBIO — Sou um cara que olha pelos buracos da fechadura...

FERNANDO — Vai, vai, não deixa a bola cair!...

AMANDA — Com esse sujeito rindo na minha cara, não é possível...

AUGUSTO — Ai, Jesus, que é tudo muito engraçado... Desculpe, Fernandinho, desculpe, foi superior às minhas forças... Põe outra entrevista... Não tem aquela do professor... Põe lá... Prometo que não rio mais... Só como personagem... (*Torna a ter o acesso de riso. Fernando vai ao gravador e põe entrevista com professor.*)

AUGUSTO — Morei, o autor se enganou é em fazer esse Rafael aí um comerciário, o homem tem toda a panca de intelectual... Deixa comigo!... (*Flora, varrendo, começa a cantar. Ruído de tráfego.*)

AMANDA — Vamos ficar aqui em silêncio a noite toda?

AUGUSTO — Ficou alguma coisa pra dizer...

AMANDA — Sei lá, não sei mais nada... Não interessa mais nada...

AUGUSTO — Secou tudo, não é?

AMANDA — Tudo mesmo... Você tanto fez que conseguiu!

AUGUSTO — Com sua ajuda, meu anjo...

AMANDA — Vamos acabar de uma vez, vamos?

AUGUSTO — De que forma? Indo cada qual pro seu lado?

AMANDA — Existe outra...

AUGUSTO — Gostaria de alguma coisa mais definitiva...

AMANDA — Eu vou embora. Isso é definitivo.

AUGUSTO — Ninguém me garante...

AMANDA — Que garantia você quer?

AUGUSTO — Um brinde...

AMANDA — Formicida com guaraná?

NARA (*como se atendesse ao telefone*) — Alô... Oi, sou eu... Não é?... Ah, Dudu!... Quanto tempo... Hum...

AUGUSTO — Prefiro uísque...

AMANDA — Só com gelo...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Formicida vai bem...

NARA (*continuando*) — Não... No Guarujá!...

EUZÉBIO — E vê se não enche mais, tá bom?

AMANDA — O uísque eu tenho...

NARA — Queimadinha... É uma tara sim... O quê?

AUGUSTO — E o resto...

AMANDA — Você providencia...

AUGUSTO — E você toma comigo?

AMANDA — Mais um desafio? Por que não?

AUGUSTO — Pensa bem... É mesmo definitivo...

NARA — Foi a patota toda... Ah, ainda está pensando na Carminha?... Que nada, foi reprovado... é...

AMANDA — Que importa... Você providencia?

AUGUSTO — Está aqui, comigo...

AMANDA — Ah, você trouxe... Não é mais dramático um salto daqui de cima...

AUGUSTO — Não. Assim é bem mais cafona, condiz muito mais com nós dois...

AMANDA — Vamos lá...

NARA — Hoje à noite?... Sabe, é que eu já tinha marcado com o Zezo e a Tita...

AUGUSTO — O uísque...

AMANDA — Num instante...

FLORA — Camilo, corre no supermercado e me traz um litro de leite...

Euzébio deita-se fazendo exercícios de flexão...

NARA — Sair nós quatro?... Pode ser...

Fernando no gravador liga ruído de desastre, sirenes...

AMANDA — Pronto, o nosso uísque...

AUGUSTO (*colocando o veneno nos copos*) — Pronto, a nossa paz...

FLORA (*apoiada na vassoura como se falasse com alguém*) — Ah, uma enxaqueca terrível... Parece que a cabeça vai estourar... E descansá de que jeito. Precisa dar duro, minha filha!...

Fernando coloca noticiário no gravador...

Scanned by CamScanner

AMANDA (*pegando o copo*) — À nossa paz!

AUGUSTO — Eterna...

AMANDA — Tchin... tchin...

AUGUSTO — Tchin... tchin...

AMANDA — Vamos beber juntos. Um olhando no olho do outro...

AUGUSTO — Pela primeira vez...

AMANDA — Mentira...

AUGUSTO — Pela primeira vez...

AMANDA — Mentira... Sempre olhei pra tua cara... Olho no olho, firme... E até gostei. E você também... Depois é que foi se sufocando, se transformando nisto que está aí, se autodestruindo e querendo levar todo mundo no embrulho...

AUGUSTO — Tchin... tchin...

AMANDA — Palhaço, covarde!...

AUGUSTO — Você prometeu... Tchin... tchin...

AMANDA — Tchin... tchin... sim senhor!... É o que me resta... Tchin... tchin...

FLORA — Estou tomando três por dia... E mais uma injeção à noite, na veia...

AUGUSTO — É necessário esclarecermos o sentido de algumas noções fundamentais, tais como: comportamento, padrão de comportamento, situação e ajustamento...

AMANDA — E não volto atrás... Não volto atrás... Mas pelo menos agora reconhece a vida de terror que você me fez levar...

AUGUSTO — A título de introdução, desejo propor um exemplo...

AMANDA — Vamos fazer definitivamente tudo... Reconhecer tudo... Não há mais por que se agredir, fugir, fingir... Vamos reconhecer e — tchin-tchin — está bem?

AUGUSTO — Se você estiver numa festa na qual não conheça ninguém...

AMANDA — Que aconteceu conosco? A gente ria, a gente brigava, a gente cantava... Havia alegria numa confusão enorme...

AUGUSTO — ...e se, além disso, os participantes desse grupo forem de nível social superior ao seu ou da sua família...

Scanned by CamScanner

AMANDA — Por quê? Vamos reconhecer... Explicar... E depois tudo que você quiser!... Tchin-tchin mil vezes... Mas em paz, meu Deus do céu... Me ouve Fernando!... O que está acontecendo com a gente...

AUGUSTO — ...ou, ainda, se forem de nível inferior, você possivelmente ficará intimidada sem saber como agir...

AMANDA — Lembra como a gente era... Lembra, Fernando, lembra... Caramba, dois caras mais do que cem por cento, mais do que legais... Com suas tolices, suas caturrices, até mesmo burrice em certas coisas...

AUGUSTO — A timidez é a falta de ajustamento a uma nova situação e é uma conseqüência do fato de você não saber como deve agir...

AMANDA — Mas era legal... Depois, acho que os dois, nós fomos murchando... Quando a gente ria, a gente achava graça mesmo... Quando a gente falava... a gente falava mesmo... Era tudo mesmo... Depois é que virou no faz-de-conta e no subentendido...

AUGUSTO — Para evitar esse tipo de embaraço você procura um tipo de comportamento adequado à nova situação ou então indaga de alguém como deve comportar-se em frente a ela...

AMANDA — Você não percebe isso, Fernando, que nós somos outras pessoas... Totalmente diferentes e tão piores...

AUGUSTO — No último caso, você prepara-se para aceitar um padrão tradicional de comportamento e no primeiro, você tenta elaborar um novo padrão de comportamento...

AMANDA — Você percebe que você não ouve mais, Fernando? Você não ouve mais... Surdo, mudo e morto...

AUGUSTO — Os animais buscam também comportar-se de forma adequada...

AMANDA — Mas vai me ouvir... Fernando!..... Fernando!... Fernando!...

AUGUSTO (*terrível*) — Rafael, sua vaca!... Rafael, prostituta!... Rafael, ninfômana! Todas vocês, umas grandes vacas... E querem o quê, a compreensão total?... Disformes vocês são... Não me interessa por quê... Sociedade, educação. O que for, à merda... Deformadas, irremediavelmente deformadas!...

NARA — Ora, quem fala? E os homens o que é que são?... Diz pra mim... Que é que são os homens?...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Cala a boca, ora porra, a conversa não chegou no puteiro!

AMANDA — É o que vocês querem, fazer tchin-tchin... Dar uma de Nélson Rodrigues... Escandalizar... Tomar formicida, ouvindo tango, assistindo Chacrinha... Nessa autopiedade imbecil... Pois pega e se atira de um morro. Voa pelo menos um pouco... Aí sim. Aí, pelo menos, fica um grito parado no ar...

AUGUSTO — O que é, o que é, o que foi? O que é, o que é?... (*Vai sobre Amanda, a sério.*)

FERNANDO (*liga o gravador. Ouve-se a irradiação de futebol exatamente na hora do grito de goooooooooool...*)

Todos se assustam. Continuam envolvidos pelo exercício, mas sentiram a ruptura. Após segundos de hesitação. Augusto torna a se integrar no jogo e reage ao novo estímulo...

AUGUSTO — Vamo, seu perna-de-pau... Faz alguma coisa uma vez na vida... Chuta essa porcaria... Passa pro ponta!... Passa pro ponta!...

EUZÉBIO — Quebra a perna dele... Quebra a perna dele...

AUGUSTO — Cala a boca, capiau... Passa pro ponta... Pra esquerda, paralítico!...

As mulheres aderem. As três começam a fazer torcida.

EUZÉBIO — Com esses é no pau!... Isso!... Quebra eles...

AUGUSTO — No pau, tu vai ver daqui a pouco!

EUZÉBIO — Quero só vê... Acerta eles, Piau! Pega esse de preto também!...

AUGUSTO — Dá-lhe Rivelino, vai garoto, assim... assim... mete tua bomba!...

EUZÉBIO — Mata esse ladrão!... Segura o bandeirinha!... Segura ele!...

AUGUSTO — Não sabe ganhá no campo, perde na pancada!...

EUZÉBIO — Tá pra nascer homem...

Amanda começa a chorar.
Os dois continuam torcendo de forma feroz, as mulheres começam a chorar... Os dois aos

Scanned by CamScanner

berros engalfinham-se. No gravador Fernando coloca sirenes e tiros... Há o pânico. Todos correm aparvalhados, aos gritos. Nara cai e é pisada pelos outros...
Os gritos se sucedem...

EUZÉBIO — Se esconde, Zequinha!...

FLORA — Mataram o Tadeu... Minha Nossa Senhora, mataram o Tadeu!...

AMANDA — Rafael!... Rafael!...

AUGUSTO — Lúcia!... Corre, Lúcia... Corre!...

FLORA — Cadê o meu filho?... Vocês viram o menino, viram o menino?!

FERNANDO — Se esconde, gentada!... Se esconde... Lá vai bala!... Lá vai bala!...

AUGUSTO — Olha o carro, cuidado com o carro!...

FLORA — Tão pisando a menina... Cuidado com a menina... Tão pisando a menina...

Fernando interrompe tudo. Silêncio. Todos exaustos entreolham-se, ainda aturdidos. No gravador, badalar de sinos, fúnebres e batidas de tambor...
Augusto olha para Nara que está no chão como morta. Vagarosamente pega-a nos braços. Amanda e Flora colocam chales negros na cabeça. Num instante forma-se um cortejo fúnebre. Augusto coloca-a sobre a mesa. Flora vai até ela e ternamente passa-lhe a mão pelos cabelos. Amanda chora baixinho ao lado. Euzébio aproxima-se de Flora e abraça-a como consolando-a... Flora afasta-lhe o braço delicadamente. Vai até Augusto.

FLORA — Foi o senhor que trouxe?

AUGUSTO — Sim senhora...

FLORA — Como foi?

AUGUSTO — Num tumulto...

FLORA — Milhares eu perdi assim... Eles saem vivos, esperando, sorridentes, certos. E retornam calados, lívidos... Foi repentino, pois o sorriso não se apagou de todo...

Scanned by CamScanner

Milhares eu perdi assim... Por isso não prego olho, estou sempre de vigília... a sopa sempre quente no fogo... Quando chegam a retornar, riem de mim e do meu cuidado. Afoitos e belos em sua sede de vida. Enterrei-os em floridos campos... de outros nem os corpos reavi... Só a lembrança, e as lágrimas da terrível inconformista que sou... Porque, meu senhor, não aceito, não aceitarei nunca e viverei até o dia em que retornem todos e façam a maior algazarra e comam toda a minha sopa, as minhas uvas e figos, risquem o chão com suas danças e encham a noite com seus amores cheios de suspiros. Até o dia em que seu riso comande o nascer do dia... Então irei eu para um campo florido, sorridente e em paz... Até lá, ficarei para queimar os sizudos e os falsos justiceiros com meu ódio... (*Beija Augusto na testa.*) Vai, filho, te espero com a sopa no fogo...

AUGUSTO (*lágrimas nos olhos, volta-se para Fernando que aguarda. Os sinos continuam. Todos estão emocionados. Flora vai até o corpo de Nara que continua como morta.*)

FLORA — Não me é difícil este papel. Perdi uma menina de 12 anos, filha de um homem que não chegou a ser meu marido. Morreu na guerra. Sou velha. Tenho uma alma de 18 anos. O difícil é deixar que percebam isto...

EUZÉBIO — Calma, Flora, calma...

FLORA — Meu nome não é Flora, é Maria... e venho dos mortos...

FERNANDO (*procurando interromper*) — Tá, tá...

FLORA — E trago palavras de desassossego! Vim pedir cautela!...

FERNANDO — Já basta...

FLORA — Malditos sejam os homens... Malditos sejam os assassinos... (*Chora e cai de joelhos.*)

Augusto de pé sobre a mesa pondo na cabeça uma cartola...

AUGUSTO (*como Chacrinha*) — É a morte!... A morte em sua casa!... Oito mil cruzeiros para o morto mais morto!... Seu morto vale um milhão!...

Fernando aciona o gravador, música de programa de auditório...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO (*como Chacrinha*) — Olê-olá — quem tiver peito venha aqui que eu vou casar... Um passo da felicidade... A felicidade ao alcance da mão... Pense em você que por todos tem quem pense... Olá-olê, quem tiver peito seu casamento eu vou fazê...

Amanda põe véu de noiva. Pega a mão de Fernando e leva-o até o pé da mesa onde está Augusto.

AUGUSTO — Um casal de peito que se apresenta... E eu vos considero casados em nome do bacalhau, do IBOPE e da banha!...

Todos em grande algazarra. Flora chora ainda procurando rir e participar da brincadeira. Nara levanta-se, dança e vai abraçar fortemente Flora.

FERNANDO — Pronto, pronto... Parou, parou!... Já chega!...

AUGUSTO — Caramba, sô... Essa mulher me fez chorar...

AMANDA — Que é que te deu, Flora... Fiquei arrepiada...

FLORA — Sei lá... Uma porção de coisas... Sei lá, eu comecei a entender...

FERNANDO — Agora relaxem... Começou meio duro, mas depois a coisa foi pegando, pegando...

NARA — Genial foi o ato falho da Amanda, chamando o outro de Fernando... Que é isso, Amanda?

AMANDA — Que é isso o quê?... foi lapso, minha filha... Eu tava no personagem, mas não dava pra chamar de Rafael, então chamei do nome que estou mais acostumada...

FERNANDO — Tá bem que eu vou nessa... Confundidinho laboratório com psicanálise, é... Em casa a gente conversa...

AUGUSTO — Não é mole!... Não é mole!...

FERNANDO — As cucas aí andam um tanto quanto fundidas, não é?

AMANDA — E a sua?

FERNANDO — Também, claro... O quê? Está pensando que não entendi... Entendi sim... Não tem problema... Vamos conversar, mesmo... Rir, mesmo... Tudo mesmo... Não te preocupa, não...

AMANDA — Eu sei... (*Beija-o.*)

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Opa, opa. Devagar com o andor.. Como é, chefinho... Contente com o desempenho?

FERNANDO — Vai dar pra aproveitar muita coisa... Vocês é que devem saber...

EUZÉBIO — Que deu pra suá, deu...

AMANDA — Precisa amadurecer... Tem coisa que eu fiz que não consigo explicar por quê...

FERNANDO — Isso é bom... O que a gente sente por dentro, acaba pondo pra fora!

AUGUSTO — O danado do chefinho, só lá na sonoplastia... Na hora do gol eu fiquei zonzo... Palavra... Eu tava com vontade de bater, de estraçalhar a Amanda. A Amanda, não, coitada... A Lúcia... Ouvi o gol, levei toda a raiva pro campo... "Dá-lhe, perneta!"

NARA — Conta uma coisa, Euzébio... Na hora do apartamento... Bom, eu não sabia mesmo o que fazer, resolvi atender telefone... Mas você, Euzébio, eu não entendi... Ficou fazendo exercício o tempo todo... O que era, um vizinho atleta, treinando...

EUZÉBIO — Mas que atleta treinando!... Que atleta!...

NARA — Não era atleta? O que que era aquilo?

FERNANDO — O que que era então...

EUZÉBIO — Não. Aquele era um vizinho meio taradão... que só pensa em sexo... Eu tava lá... fazendo... fazendo amor o tempo todo...

NARA — Aquilo era fazer amor?... Não deu pra entender mesmo não...

EUZÉBIO — Uma indicação, não é? A companhia é pobre, elenco pequeno pra fazer economia, fiquei sem parceria, ué...

AUGUSTO — Esse velho!... Esse velho me mata!... (*Todos gozam Euzébio.*)

EUZÉBIO — Epa, pera aí... Tem gente lá em cima...

FERNANDO — A porta não estava fechada?

EUZÉBIO — Acho que estava... Tão no urdimento, rapaz... Estão pegando os refletor! Vamos lá, Fernando!...

Os dois saem correndo...

AMANDA — Era só o que faltava... Ficar sem refletor...

AUGUSTO — Eles dão um jeito... Como é, Flora... Mais calma?...

Scanned by CamScanner

EUZÉBIO — Não deu pra perceber?... Sou muito ruim mesmo...

FLORA — Estou sim...

AUGUSTO — Posso te dar um beijo?

FLORA — Claro!

AUGUSTO (*beija-a com muita ternura*) — Cem por cento você... velha!

Amanda vai ao gravador. Ouvem-se opiniões de populares sobre teatro. Flashs, *rápidos... Nara sentada no banco massageia a perna.*

AUGUSTO — Deixa que eu faço...

NARA — Tira a mão daí...

AUGUSTO — Machucou?

NARA — Bati em tudo quanto foi lugar... Vocês todos me pisaram pra valer, bem neuróticos...

AUGUSTO — Quem sai na chuva é pra se molhar...

AMANDA — Ouve só esse aqui... (*Põe uma opinião mais característica.*)

AUGUSTO — São um sarro essas entrevistas... (*Música de violão no gravador.*)

Nara começa a cantar, canção popular...

AUGUSTO — Vozinha linda...

Flora junta-se ao canto, logo é seguida por Amanda e Augusto. Augusto deita-se no banco apoiando a cabeça no colo de Nara, que, cantando, como que sem perceber, acaricia-lhe os cabelos. Euzébio e Fernando retornam.

FERNANDO — Deixa, poxa!... Já disse. Deixa!... A gente se vira...

EUZÉBIO — Dava pra maneirar!

FERNANDO — Chega de maneirar!... Querem levar, leva!... Não paguei mesmo... Tá? Não faz mal. Estréio nem que seja na marra...

AMANDA — Levaram mesmo?

Scanned by CamScanner

FERNANDO — Levaram os dez... Não perguntaram pelos aqui de baixo, eu fiquei firme...

AMANDA — Como é que vai ser, Nando?!...

FERNANDO — Deixa. Problema meu... Faltam dez dias, até lá muita coisa pode acontecer. Desanimar é que não adianta...

AUGUSTO — Como é? Um cafezinho?

FERNANDO — Vamos deixar pra mais tarde. Tem fila de cobrador lá fora... Continuamos ou querem descansar mais um pouco?

NARA — Continua!

FLORA — Idem.

AUGUSTO — Vamos lá... Não dá mesmo nem pra um valezinho... É, pelo visto, não dá... Agora, o café você paga...

FERNANDO — Prometido... Nara!... Identificação!...

Ela vai para o mesmo lugar em que ficou Augusto como Justino...

FERNANDO — Nome.

NARA (*jeito meio mole de menina entediada*) — Maria Luíza...

FERNANDO — Profissão?

NARA — Estudante.

FERNANDO — Curso?

NARA — Madureza... E não sou muito de estudar, não... Fui reprovada uma porção de vezes... Estou fazendo madureza...

AUGUSTO — Namorado?

NARA — Alguns... Passatempo, sabe como é...

FLORA — Música preferida?...

NARA — Cantor?

FLORA — É, cantor...

NARA — Agnaldo Rayol... O Roberto também, mas sou mais Agnaldo...

FERNANDO — Compositor...

NARA — O quê?

FERNANDO — Compositor de música...

NARA — Ah, uma porção...

FERNANDO — Pais?

NARA — Chatos...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — De quem você gosta mais? Do papai ou da mamãe... O que é que brilha mais: o assoalho da mamãe ou o sapato do papai?

NARA — Olha, lá em casa tem carpete... Mas eu gosto mais do meu pai mesmo... Embora os dois sejam muito xaropes...

FERNANDO — Por quê?

NARA — Porque papai sai muito... trabalha demais... Vejo pouco. Mamãe é que não desgruda...

FLORA — Só por isso?

NARA — É que mamãe quer que faça tudo que ela teve vontade de fazer e não pôde...

FERNANDO — Como assim?...

NARA — Mamãe é pra frente demais... Se eu chego antes das 11, ela reclama... "Você não é freira, aproveita a vida, sua boba... mocidade é uma só..." Aquelas coisas...

AUGUSTO — Já dormiu com algum homem?

NARA — De pequenininha, com meu pai, algumas vezes...

AUGUSTO — E depois de maiorzinha?

NARA — Dormir, dormir mesmo, não... Só coisa leve, ligeira...

AUGUSTO — Você é virgem...?

NARA — Graças a Deus!...

AUGUSTO — Então você respeita o tabu da virgindade...

NARA — Não é isso. O que me enche é minha mãe que quer que eu dê à força... Pois não dou, não dou... Vou ficar virgem e pronto... Vive me enchendo o saco. Vai lá, minha filha, é experiência de vida... Hoje em dia não se admite mais a virgindade... Quando você casar vai ser pior... Você vai ter problemas... Pois não dou...

AMANDA — Que é que você gosta mais de fazer...?

NARA — Ver televisão... ver televisão.. ver televisão...

AMANDA — Seu escritor preferido...

NARA — Escritor?... Eu leio pouco... quase nada... eu leio mais é revista... De novela...

AMANDA — Fotonovela?...

NARA — É... distrai, não é?

AUGUSTO — Distrai de quê?

NARA — De tudo ué...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Que é que você acha do Vietnã?
NARA — Chi... eu sei lá...
AUGUSTO — Você sabe o que é Vietnã?...
NARA — É uma cidade, não é?
AUGUSTO — Um país...
NARA — Pois é, cidade, país...
AUGUSTO — Que é que você sabe do Vietnã?
NARA — Muito longe, não é?
FERNANDO — Mas sabe que tem uma guerra lá?
NARA — Sei...
AUGUSTO — E o que é que você acha?
NARA — Não pensei nisso, não...
AMANDA — Qual é a novela que você mais gosta?
NARA — As novelas da Globo. O que é bom está na Globo. Mais um campeão de audiência. Rede Globo de Televisão. Angélica a corujinha da madrugada...
FERNANDO — Não. Agora você criticou. Você saiu da personagem... Estava indo muito bem, mas na Globo você emperrou...
AUGUSTO — É que não contrataram ela, ela se desconcentrou... Ficou com raiva...
NARA — Não, é que essa menina é muito por fora...
EUZÉBIO — Também você exagerou, pombas...
NARA — Exagerei?
AMANDA — Qual o quê?! Exagerou não senhor... Conheço um monte de meninas assim e mais ainda...
EUZÉBIO — Então fez de menos. Ficou no meio termo, nem lá, nem cá...
AUGUSTO — Ô senil, representa e não discuta... Nesse negócio de teorizar você é um desastre...
EUZÉBIO — Que teorizar, rapaz.. Estou dando a minha opinião...
AUGUSTO — Opinião de senil e corintiano não vale...
FERNANDO — Vamos voltar pra Rafael e Lúcia... Do ponto em que foi interrompido pelo futebol... Vamos lá, Amanda... Agora eu faço o Rafael...
AMANDA — Ah, não, meu filho... Que... Te conheço!...
FERNANDO — Por quê? Eu é que vou fazer o papel...
AMANDA — Mas hoje laboratório com você, não...

Scanned by CamScanner

FERNANDO — Deixa de besteira, Amanda...

AMANDA — Só porque eu troquei os nomes você ficou encucado... Não senhor. Esse laboratório a gente faz em casa...

FERNANDO — Mas que infantilidade... Está tudo certo...

AMANDA — Tudo não estava não... Pode ficar... Mas não estava...

FERNANDO — Quer dizer então...

AMANDA — Pois é... Já pus os demônios pra fora... Agora fica tudo mais fácil...

FERNANDO — Então vamos ensaiar a cena...

AMANDA — A cena sim... De texto na mão. Laboratório, não senhor!...

FERNANDO — Mas pra você é bom... Já descobriu que a mulher não é nada daquela mosca morta que você estava pensando...

AMANDA — Vamos devagarinho...

FERNANDO — Então, faz com o Augusto...

AMANDA — Agora não dá mais... vou me reprimir inteira... Me dá outra coisa pra fazer...

FERNANDO — A prostituta.

AMANDA — Tá bom, Fernando, tá. A prostituta... Com identificação... Sem identificação...

FERNANDO (*sentindo-se mal*) — Sem porcaria nenhuma... Na situação... Entra todo mundo.. no submundo...

AMANDA — Que foi, querido?

FERNANDO — Nada ué...

AMANDA — Está pálido, meu bem...

FLORA — Pudera! Não dorme, não come... trabalha feito um danado...

AUGUSTO — Güenta as pontas, chefinho!...

FERNANDO — Nadà, nada... cansaço só... Vai lá, a prostituta...

AMANDA (*só para ele*) — Às vezes você é tão bobo!

FERNANDO — Depressa, Amanda...

AMANDA — Como é? Quem se habilita? Como é, quem vai ser o primeiro?

FERNANDO — Nada disso! Nada disso!

Scanned by CamScanner

AMANDA — Qual é o primeiro? Augusto ou Euzébio? Tem de ser os dois...

FERNANDO — Não banca a imbecil...

AMANDA — Laboratório de prostituta... Só pode ser esse, não é... É o mais eficiente!

AUGUSTO — Que é isso, gente... Tá todo mundo cansando, pifando... Desce daí, Amanda!

AMANDA — Sobe aqui você.. O que ele quer, não é?

AUGUSTO — Veja lá, olha que eu subo...

AMANDA — Não estou brincando, não... Estou fazendo laboratório de uma peça dirigida pelo Sr. Fernando... E levo muito a sério. Quero saber como se sente uma prostituta depois de um dia de grande faturamento...

AUGUSTO — Acontece que eu estou duro...

AMANDA — Euzébio...

EUZÉBIO — Que é isso, Amanda...

AMANDA — Somos atores, não é? Temos de viver tudo, todas as experiências... Como é? Ninguém se habilita... Então o negócio é experimentar lá fora... Como nas entrevistas...

FERNANDO — Chega, tá bom!... Quer dar a tua de estrela vai procurar outro teatro. Aqui, não...

AUGUSTO — Pára aí, chefinho... Tão levando tudo já... Vai ainda por cima ficar sem atriz?

FERNANDO — E pára de bancar o palhaço de uma vez!

AUGUSTO — Epa, chefinho, sem essa... a gente sempre se entendeu...

FERNANDO — Pois eu cansei de entender! (*Augusto procura abraçá-lo.*) E tira as mãos de cima de mim, bobo da corte!... Ator sem consciência, é bobo da corte...

AUGUSTO — E você com toda a tua consciência, o que você é?... Sem essa, irmão... Tá irritado com tua mulher e vem descarregar pra cima de mim... Essa não... Jogar problema pessoal em cima dos outros, já estão fazendo muito por aí... Nessa eu não entro... E não tenho consciência... Mas nessa eu não entro... Ninguém tem nada a ver com o seu desespero PESSOAL... Falar pros outros é importante paca... Disso eu sei... E tenho uma bruta responsabilidade, ora porra... E se brinco muito é porque no fundo é tudo muito engraçado! Engraçado mesmo.

Scanned by CamScanner

A atitude de vocês dois é mais do que desagradável. É engraçada... não, é ridícula!... E vocês estão sendo ridículos... É... E eu estou decepcionado... e... e eu gosto paca de vocês... e não quero que aconteça isso que vocês estão deixando acontecer... E vocês estão ficando assim porque... porque a gente está se deixando trancar no nosso mundinho de bosta... e vendo as coisas só através de laboratório... parece até que a gente tem alergia de ver... Sei lá... Eu não entendo direito... Sei só que não basta dizer "Não é isso, não quero" é preciso dizer "Eu quero isso! Quero aquilo!". Estão jogando Flit na gente e a gente não percebe... Ficamos aí, batendo asa... ora, porra!

Nara e Flora aplaudem com entusiasmo.

FERNANDO — Pelo menos a gente se preocupa...

NARA — O que nos dá uma grande paz interior...

FERNANDO — Só fico em paz quando eu me comunico... É quando eu me sinto... E só sei me comunicar através disso que está aqui... Mas está cada vez mais difícil... O Rafael tem esse problema...

AUGUSTO — Quem é que não tem?

FERNANDO (*sorri triste*) — Deixa pra lá... (*Vai até o gravador. Liga entrevista com uma prostituta, deixa a fita correr; começa o samba-tema... Aos poucos todos começam a cantar o samba-tema. Amanda sobre a mesa como uma estátua, blusa dependurada na mão.*)

Logo após a entrevista com um feirante.

EUZÉBIO (*procurando salvar a situação. Fernando está sentado num canto. Amanda continua imóvel sobre a mesa*) — Vamos lá... Feira!... Situação proposta, feira!...

NARA (*entrando na animação dele*) — Isso... Antes o tema, mais uma vez, pra esquentá... Todo mundo cantando, vamos lá...

FLORA — Bem alto... Vem, Amanda!... Todo mundo, como se fosse estréia!...

Nara corre para o gravador e torna a colocar a música. Entra um homem que sem dizer palavra desliga o gravador e vai saindo com ele.

Scanned by CamScanner

EUZÉBIO — Que é isso, rapaz!... Tira as mãos daí...

FERNANDO — Deixa!... Deixa!... Me dá a fita aqui... A fita é muito minha...

AUGUSTO (*correndo para o sujeito*) — Muito nossa!... (*Tira a fita e entrega a Fernando.*)

Fernando pega a fita depois de olhar fixamente para Augusto. Volta para seu canto. Há um mal-estar geral. Amanda lentamente veste a blusa.

EUZÉBIO — Diz que já vieram uns gravadores novos, muito bons e bem mais baratos... Quem sabe em troca de permuta... a gente põe o nome da firma no programa. Com uma forcinha eu acho que a gente consegue... Diz que são bem mais práticos do que esse aí...

Silêncio. Flora vai até Fernando.

FLORA — Aposto que bastava um belo de um sanduíche de churrasco pra acabar com essa fossa...

FERNANDO (*olha para Flora e sorri*) — Como é gente? Não era pra cantar... o tema como é que é? Precisa de *play-back* não... Não precisa de nada! Nada!... Como é...

Flora e Euzébio começam a puxar o samba, logo seguidos por Augusto, Nara, Fernando um pouco depois, e, finalmente, Amanda. Fazem um verdadeiro bloco carnavalesco, com efeitos de luz... Cantam todos com muito desespero...

FERNANDO — E agora rápido. Situação: Feira!... Criem, pombas, inventem, digam... façam!...

EUZÉBIO (*como feirante*) — Vai lá, freguesa... fresquinhas, fresquinhas... É favor não apalpar as frutas, viu...

NARA — Vai roubá no inferno, desgraçado... Tá cobrando o dobro da outra barraca...

EUZÉBIO — Ladrão não, minha senhora. Veja a qualidade da mercadoria... Compare e faça o preço...

FLORA (*rebolando. Faz uma débil mental, vendedora de bilhetes*) — Olha a cobra!... A cobra, quem vai ficar?...

Scanned by CamScanner

EUZÉBIO — Mas sai de perto da minha barraca, jararaca...

FLORA — Olha a cobra!... (*Olha para Euzébio oferecendo-se ridiculamente.*) Miguel! Cadê o meu Miguel!... Olha a cobra, quem vai ficá!... Miguel!... Cadê o meu Miguel!...

Nara corre para Augusto.

AUGUSTO — Oi...

NARA (*fala como nortista*) — Deu certo, a moça falô... Vai nascê sim!

AUGUSTO — Verdade mesmo?

NARA — Pois... Diz que já tá adiantadinho... e ela entende!

AUGUSTO — Verdade mesmo?

NARA — Tou dizendo...

AUGUSTO — É... Já somo uma família...

NARA — Não gostô?

AUGUSTO — É que nessa situação... A gente tá meio de por fora... Tava até pensando em voltá...

NARA — Que nada, Justino!... Mais um pouco de paciência, home... Aqui é que está o trabalho... Cidade grande, crescendo cada vez mais... Tem tudo pra fazê!

AUGUSTO — Cê acha mesmo?

NARA — Tenho certeza, Justino... Põe pensamento bom nessa cabeça, homem. Tá arrepiado desde quando te prenderam na estação...

AUGUSTO — É que até agora...

NARA — Tá certo... vou mandá tirá... A moça diz que tira...

AUGUSTO — Nada... Tira, não... Tira, não... Nós se arruma... Eh, até que é engraçado... Já viu, ninguém quer comprá os meus limão... Diz que passa fiscal e tira tudo...

NARA — Tou te falando do teu filho, porqueira e tu vem me falá de limão?

Augusto abraça fortemente Nara. Dá um salto sobre a mesa.

AUGUSTO — Vê mais uma!

Scanned by CamScanner

EUZÉBIO — Toma lá, baiano!...

AUGUSTO — Cearense se me faz o favor... recém-chegado do Ceará... Pai de filho...

Flora continua andando como a vendedora de bilhetes... Sempre com os mesmos gritos.

AUGUSTO (já tocado) — Do primeiro!...

EUZÉBIO — Diz que filho de cearense nasce de penca!

AUGUSTO — Nasce mais é rijo, irmão... Vai vê o porqueirinha como vai sê! Cabeça chata mas senhor de muita força e inteligência...

FERNANDO — Pega mais uma aí, pro moço, pra comemorá...

AUGUSTO — E lhe sou deveras agradecido pela gentileza... Que tem poucas ocasião na vida que um homem merece bebê, essa é uma delas... Sabe, tou lembrando da história de um maquinista de trem-de-ferro, lá da minha terra... No dia que lhe nasceu o primeiro e único filho. Vinha ele entre as fumaça da locomotiva... Alegre de uma alegria tamanha. Apitando junto com o apito... Correndo de felicidade que nascera menino e puseram o nome do pai... Pra encurtá o home tava que tava feliz que só mesmo vendo... quando lá pra diante ele viu um desbarrancado na linha... E não dava pra freiá a bicha que vinha fervendo num resfolgo só... E pega do freio com as duas mãos... E toca no apito sem saber por quê... Quando viu que não tinha escapatória... Era pulá, ou se arrebentá no desbarranco... Pensô em pulá, não pulô, olhou pra trás, aquele carro cheinho de pessoa... Pensô mais, não tinha jeito o desbarrancado chegando... A máquina diminuindo mas não parando... Aí foi que teve a idéia, saltou entre a locomotiva e os carros pra soltá ela deles... E assim pensô e assim fez, e quando tinha conseguido caiu na linha e lá se foi por entre as rodas... Mas dito e feito... A bicha se arrebentou no desbarrancado mais os vagões pouco sofreu... Uns arranhão e alguns e mais nada... Só ele ficou, heróico, na linha... Salvou uma cidade de pessoas, meu irmão... Agora num dia como o de hoje, eu sabendo que vou ser pai... Lhe confesso, beijo as mãos da alma dele, porque não é qualquer um não...

EUZÉBIO — A cachaça te destramela a língua, ceará...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Fato verdadeiro sim senhô... Puseram até o nome dele numa estaçao!

FERNANDO — Mais uma aí, pela história!...

AUGUSTO — Tá duvidando de mim, irmão... Olhe que não é pra duvidá, não. Eu falo e comprovo.

FERNANDO — Conversa, ceará... Lá vai o maquinista consegui desengatá com a máquina em movimento...

AUGUSTO — Pois tá me chamando de mentiroso?

FERNANDO — De mentiroso não digo... Mas de invencionista estou...

AUGUSTO — Olhe que assim nós não se entende... E peço que retire o que falou...

EUZÉBIO — Eh, não sabe bebê, candango!

AUGUSTO — Dessa boca nunca saiu mentira... E lhe provo e lhe faço enguli o que falô!

FERNANDO — Não vem de brabo pra cima de mim. Que medo de homem não tenho!...

AUGUSTO — Pois então vamo tirá a diferença e é já. (*Pega a primeira coisa que possa servir de arma.*)

FERNANDO — Vem, mentiroso, vem!...

Augusto vai sobre Fernando pra valer.

EUZÉBIO (*sem sair do personagem segura-o*).

FERNANDO — Segura não... deixa ele vir...

EUZÉBIO — Deixa, deixa... Vai saindo, no meu bar não vai tê briga nenhuma não... Vai saindo... Vai saindo, tô falando... (*Fernando afasta-se e fica observando.*)

AUGUSTO — Pego ele. Seja onde for ainda eu pego ele!...

EUZÉBIO — Te aquieta, Ceará... Tu não pode nem contigo... Te aquieta!...

AUGUSTO — Dizer que dessa boca sai mentira... Tu acredita, não acredita...

EUZÉBIO — Claro que acredito!...

AUGUSTO — Salvô mais de 1000 pessoas... E será que eu fazia o mesmo?... Acho que fazia... Pra salvá mil pessoas, fazia!...

Vê Nara que observa ajoelhada diante dele.

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Olha que menino mais bonito!... Vem cá, bacuri, vem...

Nara vai até ele.

AUGUSTO — Como é que você se chama?

NARA — Zé!

AUGUSTO — Quantos anos você tem, Zé?

NARA — Cinco.

AUGUSTO — O meu vai sê assim como ocê, viu!... Forte, grande... Ah, meu filho, meu filho... (*Abraça Nara. Mas a ela mesma que está abraçando, beija-a com grande amor.*)

AMANDA — Meu filho!... Larga meu filho!... Sem-vergonha!... Segura o monstro!...

EUZÉBIO — Te mato, desgraçado... Não sabe respeitá filho dos outros?...

Augusto corre dos demais.
Gritos de "pega, pega".

FERNANDO — Pega! Não deixa escapá não... Puxou uma peixeira pra mim... Chegou a me acertá no braço...

EUZÉBIO — É um tarado... Pega!...

FLORA — Lincha!... Lincha!...

AMANDA — Meu filho, miserável...

Correm e cercam Augusto apavorado. Todos representam o ódio contido nas pessoas...

FLORA — Lincha!... Lincha!...

Agarram-no e amarram-no na coluna de suporte dos materiais de cena. Rasgam suas roupas.

FLORA — Põe fogo!... Põe fogo!... É Miguel!... É Miguel!... Põe fogo!...

AUGUSTO — Pára!... Pára!... Pára!...

AMANDA — Pára gente, tá machucando ele...

EUZÉBIO — Pára, Fernando... tá machucando...

AUGUSTO — Não, não é isso, não... É que descobri... Hoje

Scanned by CamScanner

descobri tanta coisa... Mas eu descobri... Eu... Identificação: nome — Augusto, profissão — ator, salário — oitocentos contos com desconto de 50% nos ensaios, descobri e declaro do alto deste poste que machuca como o diabo, de onde vinte e oito anos vos contemplam que eu amo desesperadamente essa porqueirinha que está aí embaixo... Que eu menti, não estava beijando Zé nenhum, era a ela mesma e não agüento mais... e tenho de dizer pra todo mundo... e não é babaquice... Eu te amo!... Eu te amo, Nara... Eu te amo, Nara!... Eu te amo, ora porra!...

Nara embarca na dele totalmente, está emocionada, chora-rindo.

NARA — Seu louco!... Seu louco!... Desengonçado... Bobo... Bicha!...

Corre para ele. Euzébio ajuda a soltar Augusto, enquanto com ele ainda amarrado Nara o abraça apaixonadamente.

NARA — A gente não fala as coisas... a gente é cheio de vergonha... a gente camufla tudo!

AUGUSTO — Eu tinha medo, palavra!... Esse negócio de gostar assim, sempre me meteu medo... Mas eu te adoro, pô!...

FLORA — Casamento?...

AUGUSTO — Casamento geral!...

FLORA — Epa, que é isso?

AUGUSTO — Não te assusta, não... Não é isso que você tá querendo, não, velha!... Os dois já pra cá...

Amanda e Fernando aproximam-se...

AUGUSTO — Essa estréia vai sair... Vai sair!... A gente se entende... Não se entende?

FERNANDO — Claro que se entende!... Desculpe, Amanda...

AMANDA — Desculpe, Fernando...

AUGUSTO (*como Chacrinha*) — E o beijo?... O beijo!... Vamos ao beijo...

Todos brincam com Amanda e Fernando que não se beijam.

Scanned by CamScanner

FLORA — Casamento!
AUGUSTO — Simbólico, não é?

Apagam-se as luzes...

EUZÉBIO — Lá se foi o fusível... Deixa que eu vou vê...
FERNANDO — As velas, Amanda.

Acendem alguns tocos de vela que serviram para a cena do velório.

FLORA — Casamento à luz de vela... é o que há de mais sofisticado!...

Augusto e Nara começam a tocar-se as mãos estendidas e voltadas para o alto. Do reconhecimento pelo tato, passam ao reconhecimento pelos sons... Fernando e Amanda fazem o mesmo...

FLORA — E eu sempre sozinha...

Augusto volta-se para ela e emite um som.

FLORA (*responde. Entendem-se, assim, formando um coro sem palavras*).

EUZÉBIO — Fusível nada... Cortaram a luz mesmo... Os homens saíram daí agorinha...

FERNANDO — Deixa... Deixa... A gente estréia nem que seja na marra...

AUGUSTO — Então, não? Que é que estão pensando. Então eu sou espancado, linchado, tomo formicida, amo, corro, morro... E não vai ter estréia... SEM ESSA!

FERNANDO — Tem uma fala do Rafael que só agora estou entendendo... Quando ele repete... Sou um homem... sou um homem... É isso mesmo, a gente precisa repetir pra entender... entende? Sou um homem, sou um homem...

AUGUSTO — Gente, gente, gente... Eu não te meto, não te persigo, não te roubo, estou falando com você... Sou um homem... Gente, gente, gente...

TODOS BAIXINHO — Gente, gente, gente...

FLORA — As velas estão acabando...

Scanned by CamScanner

AUGUSTO — Deixa, a gente espera amanhecer... Vem luz do teto...

FERNANDO — Posso deitar a cabeça no teu colo, Amanda?

AMANDA — Sempre.

FERNANDO — Sabe, estou com umas idéias bem bacanas pro início do segundo ato. Quando Rafael abandona a agência de publicidade...

AMANDA — Descansa um pouco essa cabeça...

FLORA — A minha já apagou...

NARA — A minha também...

FERNANDO — Claro que a gente estréia...

AUGUSTO — Um grito parado no ar...

Sobra só uma vela que também se apaga, ouve-se um grito enorme de Augusto.

FIM

Scanned by CamScanner

nove de fevereiro de mil novecentos e sessenta e quatro, às vinte e trinta horas, na Estrada do Jaguari, neste Subdistrito. Morte por causa indeterminada, sem assistência médica, sem sinal de violência.

MULHER – Cor parda, estado civil ignorado, natural de lugar ignorado, com aproximadamente oitenta anos, filha de pais ignorados.

THEÓRFO – Estado de São Paulo, Comarca de São José dos Campos, Município de São José dos Campos, Distrito de São José dos Campos. (*Olha lentamente para a mulher, assustadíssimo, recuperando a personagem.*) Dona, a senhora é…?

Atores, um a um, entram na área de representação. Pedem à mulher que não veem.

ATOR – Maria Peregrina, me ajude a arranjar um emprego. Por favor, me ajude. Volto pra agradecer assim que conseguir.

ATRIZ – Maria Peregrina, faça minha filha afastar do noivo dela. Ajuda para que ela enjoa dele.

ATOR – Dona Maria Peregrina, faz a mãe da minha noiva parar de se meter na nossa vida.

ATRIZ – Maria Peregrina, faz minhas regras descer. Eu ia pedir pra Nossa Senhora em Aparecida, mas andei pecando muito e é capaz de ela não me atender. Peço pra senhora pedir pra ela pra ela pedir pra Deus.

ATOR – Desculpe por estar trazendo problema e obrigado por me atolerar. Minha doença é muito grave, o médico disse.

MULHER – As pessoas mudaram, as casas mudaram. Não mudou a fé, nem a esperança além de qualquer esperança. Deus abençoe todos vocês.

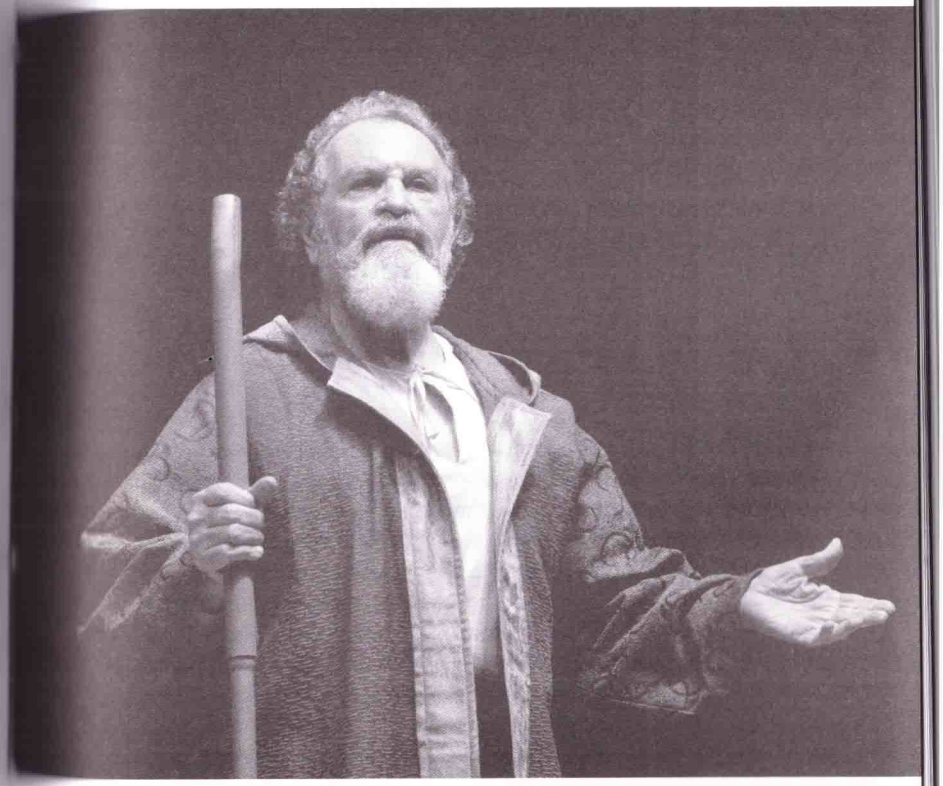
MESTRE – Nunca se soube a história de Maria Peregrina. Pode ser qualquer uma que lhe dê sentido. Porque isso é o homem: continuar buscando mesmo quando a busca perdeu o sentido. Obrigado por esse encontro. Boa noite.

A um gesto do mestre a música de Folia de Reis inicia. Antes que os atores cantem, Théorfo, ainda paralisado pelo susto, rompe a imobilidade.

THEÓRFO – Eu… o tempo inteiro falando como a alma de Maria Peregrina! Já que assim foi, que seja assim: Dona, eu preciso fazer um pedido…

Atores cantam e dançam envolvendo Maria Peregrina, impedindo que Theórfo faça o pedido.

FIM



Um Merlin, 2002. Em cena, Antonio Petrin. Foto de João Caldas.

2002

Personagens

Merlin
Niniane

PRIMEIRA PARTE

PRÓLOGO: UM VELHO FALA SOBRE VELHOS

Um velho movimenta-se lentamente do fundo do palco até o proscênio. A luz, igualmente de maneira lenta, vai revelando um palco nu ocupado apenas por uma árvore ao fundo, um pouco à esquerda. A árvore é esgalhada e seca e, dela, pendem apenas as cinco últimas folhas. No chão, folhas delimitam um quadrado que é a área de representação. Nessa área, à direita baixa, um monte de folhas em tons verde-escuro e amarelo. O velho, de maneira nenhuma veste roupas comuns, nada que possa lembrar naturalismo, mas também nada alegórico. Suas roupas são rústicas, velhas, com tons entre marrom e preto, mas com alguma cor. Veste botas velhas e chapéu de feltro. Algo que se assemelha a um velho peregrino. O velho traz no rosto um sorriso de quem desfruta a velhice em paz – pelo menos nesse momento.

VELHO – Boa noite! Sobre mim, a única coisa evidente que posso dizer a vocês é que sou um velho. Mas o que é um velho? (*Interrompe o raciocínio.*) Desculpem. Antes de qualquer coisa, obrigado por terem vindo, obrigado por terem atendido meu chamado. Isso faz de vocês pessoas especiais, pessoas que se movem de casa e acorrem ao chamado de um estranho. "Recordai a fé que arrancou o homem de casa ao chamado do profeta errante", escreveu o poeta Elliot.

Não sou profeta, mas talvez eu seja um errante e, com certeza, vocês saíram de casa animados por essa fé. A fé que este desconhecido, este velho ator, este fingidor, que erra pelos palcos possa tocar com dedos leves a corda mais viva de seus corações. A fé que este velho ator possa, sobre este tablado, desfigurar-se em risos, em gestos e em dores da alma, tão fundas, que lhes faça acreditar, por momentos, que vida é o que acontece dentro dos limites deste palco. Porque é. Por momentos, é! E, dada a grandeza do que nos propomos aqui, agora – fazer correr a vida sobre este tablado – desejo e peço que sua fé complete o que faltar a este velho ator. Velho ator. Velho. O que é um velho? É alguém que juntou muitos anos e lembranças? E se eu disser a vocês que a distância entre aquele menino da minha infância e o dia de hoje foi um nada de tempo? Estou tão perto do menino da infância que não consigo reconhecer em mim os "tantos" anos que dizem que tenho. Lembranças tenho muitas, é verdade, mas um velho é mais do que um arquivo de coisas idas e vividas. Falar que sou um velho ainda diz muito pouco de mim. Meu nome? Meu nome pouco importa. O nome de um ator é o nome de sua atual personagem. Meu nome é aquele em que eu, agora, me transfiguro: Merlin. E transfigurando me ponho a contar o momento mais intenso da vida dele.

CENA 1 – O ENCONTRO

Uma jovem entra na área de representação, cobre Merlin com um manto e sai. Uma folha cai da árvore. O velho ator e a jovem acompanham a sua queda com o olhar.

MERLIN – Sou Merlin, o sábio, aquele velho lendário que conduziu Arthur ao trono e sonhou construir uma nação, sua obra. Aquele sobre quem se escreveram muitas histórias e lendas. Sobre este velho ainda não se escreveu a verdade sobre seu encontro com Niniane: (*Entra Niniane na área de representação.*) Aquela é Niniane com quem Merlin viveu três dias, e este é o mais intenso e o mais difícil momento de minha longa vida. (*Vira-se para Niniane.*) Neste momento, ao final do terceiro dia, os olhos de Niniane são luz e águas, e este velho, que sou eu, vacila frente a uma decisão que não pode ser adiada.

NINIANE – Vai embora, Merlin.

MERLIN – Meu corpo quer distância, estrada e fuga. Minha alma, presa a seus olhos, ordena que o corpo permaneça. Meu corpo reluta, treme e revolta-se contra minha alma que quer sua presença! Não sei decidir, não quero decidir! (*Niniane abandona a área de representação e permanece em pé. Seu olhar agora é ausente.*) Este foi o momento mais difícil e mais intenso, mas para que o entendam, conto o que se deu antes desse encontro. E começo contando que um homem é feito de durezas, de decisões frias e necessárias. Assim é construído o mundo dos homens, um mundo de conflito e luz, de trabalho e guerras! Assim construí minha obra e me orgulhei dela. (*Num tom de amargura.*) Orgulho vão! Logo percebi que minha obra estava incompleta. E, mesmo incompleta, ameaçava ruir, transformar-se em pó o trabalho de uma vida! (*Tenso.*) Desculpem se não me explico direito… Corta a alma lembrar, mas lembro para que vocês entendam. Com Arthur, com inteligência, frieza, trabalho e tempo, construí uma nação. E quando pensei em descansar, Mordred, filho de Arthur, armou um exército e se levantou contra o pai. Já consigo ver a fúria no gume das espadas e no silêncio da infinidade de mortos. Para impedir o desastre vou ao encontro de Mordred. Cruzei a planície, atravessei cidades, povoados, desertos. Percorri meu próprio cansaço e aflição até chegar a este lugar. (*Enquanto Merlin sai da área de representação, esta é ocupada por Niniane que tem um ar desorientado.*) Merlin é um velho que precisa de tempo e viaja com o coração pesado.

NINIANE (*canta*) – Por essa estrada ninguém passa,
Não passa caça nem caçador
Só passa o vento e seu lamento
De braços dados com minha dor.

(*Ri com um ar ausente e transita do riso para o sofrimento enquanto fala ao público.*) Dizem que os tolos são anjos de Deus que se perderam e, sem memória, vagam na terra. Dizem que, um dia, uma jovem tola, um anjo de Deus, perambulava pelos caminhos repetindo essa canção. Eu sou essa tola e nada recordo do meu passado. Dói, lá dentro, a certeza que sou, que fui alguém. E aumenta a dor não lembrar quem fui, quem sou. (*Contendo a emoção.*) Meu passado é vento, é pó que se desfaz. (*Merlin entra na área de representação e para perplexo, observando a jovem.*) A jovem desmemoriada sentou-se e recolheu-se à aridez de suas lembranças. Ela não sabia que era um anjo, pois sofria como gente comum. Chamava-se Niniane, mas nem disso ela sabia. (*Curva-se e se senta.*)

MERLIN – Não percebeu quando cheguei e só ergueu os olhos quando chamei: moça! (*Niniane assusta-se e quer fugir.*) Não corre! (*Niniane para ao ouvir a ordem de Merlin. Merlin se aproxima. Niniane mantém-se em assustada expectativa.*) Me olhou com o olhar ausente dos tolos. Quem é você? Que faz aqui sozinha? É uma mulher, uma alma ou um demônio? (*Niniane tenta fugir, Merlin a segura,*

Niniane se debate. Merlin faz um gesto brusco e ela se encolhe com medo. Merlin, depois de um instante de perplexidade, a solta. Olha-a com um olhar doce.) Ela era linda! Lembro que seu olhar tinha um brilho que, na hora, não me pareceu humano. (*Irritado consigo.*) Vai embora! Tenho coisas mais importantes a fazer do que me ocupar de moças perdidas! (*Vai à saída.*)

NINIANE (*Desata num choro sentido. A custo contém-se. Ainda chorando.*) – Não sei por que chorei e no meio do choro pedi: fica! (*Merlin se volta. Niniane continua a fitá-lo.*) Tinha medo daquele homem, mas era o único que podia me ajudar, eu tinha certeza.

MERLIN (*olhando Niniane*) – Não posso ficar, moça. Há dias viajo e se me sento não consigo descansar, e se fecho os olhos não consigo dormir. Desculpa, tenho pressa! (*Não se decidindo partir. Respira fundo para conter a própria agitação.*) Qual é seu nome? (*Niniane meneia a cabeça negativamente.*) Como veio parar aqui nesse lugar perdido? (*Niniane meneia a cabeça negativamente.*) Tem família? De que pai ou marido está fugindo? (*Niniane contrai o rosto para chorar. Merlin esboça um sorriso.*) Sou um velho vivido, menina, e não são suas lágrimas nem seus encantos que me farão ficar. (*Niniane corta imediatamente o choro e emburra. Merlim ri.*) Fico porque há dias ando por esses caminhos sem encontrar um único ser humano com quem dividir palavras, alimento e amizade. Fico porque estou cansado e, na alma, tenho uma inflamação que pulsa, cresce e dói. Fico porque as águas de minha alma estão a ponto de transbordar e (*É tomado por agitação que tenta controlar sem conseguir.*) já estão transbordando neste exato momento, vazam pela minha boca com estas palavras que tento, tento, mas não consigo segurar: noite dessas, menina, pressenti a destruição de minha obra. E minha obra é um país.

NINIANE – E onde é seu país, senhor?

MERLIN (*com uma espécie de fúria*) – Um país não é onde, menina, um país é o quê! Um país é a terra que os homens moldaram em tijolos e casas e não sei porque estou lhe dizendo tudo isso e se não quiser ouvir vá-se embora que, mesmo assim, eu vou continuar aqui, falando ao vento, ao nada, como um velho doido e ridículo, que meu país são as pedras talhadas, empilhadas como muros e alinhadas como ruas. E são os homens que passam por essas ruas, e todas as mulheres e seus velhos pais, e os meninos que brincam sobre elas. E são as máquinas e os engenhos construídos pelo conhecimento humano. São os campos cultivados e aqueles que os cultivam e são todos os mortos que ainda lembramos e mesmo os que já esquecemos; e são os loucos, os mendigos e seus cães, esses todos são meu país! (*Cansado.*) Você entende? Não, ninguém entende. Pra você, país é só sua própria confusão e desmemória; para outro é apenas seu campo e seu gado; para outro é apenas sua família, sua casa e seu cavalo. Gritam: "além do que é meu, país é só uma terra de ninguém a ser espoliada." Para mim, país é mais, muito mais! Mais até do que consigo imaginar!

NINIANE – Estou confusa.

MERLIN (*cansado*) – Eu estou muito mais. Não dê importância ao que digo. (*Ri.*) Queria apenas alguém que ouvisse a confusão de minhas palavras para organizar melhor meus pensamentos. Podia ser você, um mendigo surdo ou um cão. (*Niniane afasta-se irritada.*) Ei! Aonde vai?

NINIANE (*irritada*) – Vou procurar um cão ou um mendigo surdo para lhe fazer companhia!

MERLIN (*Ri e a alcança. Passa o braço sobre seus ombros e a traz de volta. Contemporizador.*) – Calma! Fica. Não me leve tão a sério.

NINIANE – O senhor é arrogante.

MERLIN – Eu sei. É próprio de quem está acostumado a comandar.

NINIANE – Se o senhor é general eu não sou um de seus soldados!

MERLIN (*Ri*) – Que mudança! Você é a mesma que agora, há pouco, chorava pedindo que eu ficasse?

NINIANE (*receosa, mas ainda emburrada*) – Sou. Desculpe.

MERLIN (*ri mais*) – Passei tanto tempo envelhecendo entre adultos que esqueci como os jovens são petulantes! Adoráveis, mas petulantes!

NINIANE – O senhor não vai embora, vai? Se for, eu vou junto. O senhor não me quer para o senhor? Assim, dada, como serva, lhe acompanhando onde for, mesmo no maior perigo, mesmo no maior desgosto, mesmo…

MERLIN (*divertido*) – Não, não quero!

NINIANE – Sou nova, sou forte. O senhor me toma como sua e eu pego sua mão e vou lhe guiar por todos os caminhos que teremos de passar…

MERLIN – Que caminhos, tonta?

NINIANE – O senhor já é velho… logo vai precisar de amparo, de quem lhe ajude…

MERLIN (*entre perplexo e divertido*) – Me dê comida na boca, me dê banho, cave minha cova, me enterre…

NINIANE – Não quis dizer isso! Gosto do senhor, gosto muito, acho até que amo. (*Merlin ri, zombeteiro.*) Não ri!

MERLIN – Me ama, assim, de repente?

NINIANE – É, de repente! (*Merlin ri.*)

MERLIN – Mas me ama como? Como pai? Como amante? Quer dormir comigo?

NINIANE (*irritada*) – Amo como você se deixar ser amado! (*Merlin ri.*)

MERLIN – Ri porque ali estava alguém mais confuso que eu. Ela, confusa em seus sentimentos de medo, amor, gratidão. Eu, confuso por razões que vocês bem sabem.

NINIANE – Fale da sua obra, senhor.

MERLIN – Não quero falar disso agora.

NINIANE – Quer, sim! (*Arruma um lugar para que Merlin se sente.*) E eu quero ouvir. Vou ser um mendigo surdo, um cão.

Merlin, após um segundo de perplexidade pela atitude decidida de Niniane, começa a falar. Niniane lentamente sai da área de representação e paramenta-se com uma peça de roupa (um véu, um diadema) que a identifica como Igraine. Com postura nobre e levemente sensual, retorna à área de representação. Entrega uma coroa a Merlin.

MERLIN – Não queria falar, mas a simplicidade daquela tonta me enterneceu. Os simplórios têm esse poder, talvez o único: alegram o coração de quem ainda tem algum. (*Ainda falando ao público.*) Minha obra, menina, começou lá atrás, num tempo de feras e homens. E naquele tempo era impossível distinguir uns dos outros.

CENA 2 – ÚTER

NINIANE – E Niniane, calada, com seus olhos de tonta, bebeu cada palavra. Aquele era um tempo rude, de espadas e punhais. Um tempo de pele grossa, cicatrizes e coração cascudo.

MERLIN – Nesse tempo, as mulheres rezavam na espera de um tempo em que os homens pudessem envelhecer sem susto e as mães não chorassem a morte prematura dos filhos.

NINIANE – Foi nesse tempo que Merlin andou pela terra e com sabedoria imaginou a última guerra. E, entre todos, escolheu Úter, guerreiro selvagem, para travar a última guerra entre os homens.

MERLIN – E assim foi. E, então, a terra se abriu pra receber os mortos da luta terrível. E sobre o silêncio dos mortos e dos campos devastados, sobre o silêncio das viúvas sem lágrimas, sobre o silêncio das crianças sem fala, ergueu-se a paz como uma planta, como um tenro triunfo de folhas verdes sobre a terra em escombros.

NINIANE – E Úter tornou-se rei. E para celebrar o fim de todas as guerras, Úter convocou seus generais e capitães, seus condes e barões, cavaleiros, soldados, cães, mulheres, viúvas, crianças, feridos, mutilados, bandeiras, clarins, tropel, gritos, cantos e risos.

MERLIN – Todos acorreram para comemorar o início de uma nação e de uma era de paz e concórdia. E entre todos vieram o conde de Tintagel e seus soldados. E veio Igraine, a mulher do conde.

NINIANE – E Igraine, que agora sou eu, fez reverência e começou a dançar para o rei, como era costume. (*Dança.*)

MERLIN (*colocando a coroa sobre a cabeça*) – E eu, que sou o rei Úter agora, elevei meu copo e brindei com meus aliados: à paz e à lealdade! E bebemos do mesmo copo e comemos do mesmo pão. E rimos como velhos camaradas.

NINIANE – Finalmente existia um país e existia paz. Todos já haviam enterrado seus mortos e suas lembranças dos tempos maus. E cantavam, bebiam e amavam celebrando a paz: Merlin pensava que havia concluído sua obra.

MERLIN – Não tive culpa do que depois se deu!

NINIANE – Menos culpa tive eu! Enquanto dançava não mudei um único passo, não pus intenção num único gesto! Apenas, de olhos fechados, me abandonei à música como requer uma dança e como sempre faço.

MERLIN – Lembro-me de pouca coisa, quase nada. Lembro-me da rapidez vertiginosa dos acontecimentos.

NINIANE – Lembro-me de cada coisa. Perdida, dentro da dança, não percebi que, aos poucos, pararam as vozes, depois os risos e, por fim, a música. Abri os olhos para aquele silêncio suspeito e vi o que todos viam: o rei selvagem, Úter, de pé, sem pudor nenhum, me olhava com sede e urgência.

MERLIN (*apaixonado*) – De hora pra outra, enxerguei o que não havia percebido: Igraine era bela como um pássaro, como uma tarde, como um fruto maduro ao sol. "Como todas essas coisas juntas", disse meu coração surpreso.

NINIANE – Tive medo, todos tiveram medo do que podia acontecer e aconteceu. A paixão do rei não se extinguiu com os olhares e comentários de todos os presentes. Nem se extinguiu quando o conde de Tintagel, meu marido, rompeu o silêncio e lançou ao ar as palavras dignas e duras de seu ressentimento.

MERLIN – A paixão cresceu quando revidei palavras que eram ordens e ofensas!

NINIANE – Solucei, pedi, mas no calor da ira que crescia na sala, ninguém ouviu.

MERLIN – Minha paixão não diminuiu quando o conde jogou na sala gritos ainda mais ferozes! Nem quando, outra vez, se fez o silêncio do medo e da espera.

NINIANE – Nem mesmo quando vi que o olhar do rei se turvou. Nem quando o sangue subiu-lhe ao rosto e ele gritou "sangue, canalha!" Nem quando Merlin gritou "Chega, Úter!" e segurou seu braço que já puxava a espada. Em segundos a obra, o sonho de Merlin, estava desfeita.

MERLIN – E a paixão de Úter não se extinguiu nem quando Igraine, o conde e seus homens voltaram às suas terras, em Tintagel.

NINIANE – Nem tinha se extinguido ainda quando debruçada na janela chorei ao ver, na planície, a marcha dos soldados de Úter contra minha casa. (*Chora.*)

MERLIN – Nem vai se extinguir agora que a batalha se fere e que minha paixão se soma à minha cólera. Quero punir as ofensas do conde; quero me apossar de suas terras e de sua casa e, acima de tudo, quero Igraine! Estou surdo às maldições dos homens e aos gritos das mães. Estou cego para a confusão mutilada e morta de filhos, maridos e irmãos, que se estende por toda a planície. Perco até meu último homem agora que, por paixão, já perdi a mim mesmo! Atacar!

NINIANE – Da janela vi o exército de Úter subir pela encosta. E depois de derramar a última lágrima inútil pela estupidez humana voltei ao quarto e avivei o fogo do meu ódio. E pensei em venenos para que o rei maldito só triunfasse sobre meu corpo morto.

MERLIN – Triunfei sobre os homens do conde, triunfei sobre o conde. Derrubei suas torres e cruzei seus portões. Deitado no pátio de terra o conde me olhava sem ver com seus olhos abertos e mortos. Segui.

NINIANE – Esperei em pé, junto à cama. Com ouvidos alertas e com o punhal ao alcance da mão esperei ter o peito do rei ao alcance do punhal.

MERLIN – Cruzei salões e corredores impondo minha soberania sobre a casa e sua gente. A porta de Igraine estava aberta. Entrei.

NINIANE – Entrou. Meu ódio comprimiu em minha mão o cabo do punhal oculto. O conquistador me olhou e despiu-se de suas armas, de seu elmo, de suas roupas e de sua majestade.

MERLIN – Você me atraiu, eu vim. E viria se o preço em homens mortos fosse o dobro e o tempo em guerra fosse o triplo.

NINIANE – Olhei aquele homem e o que estava oculto e desconhecido dentro de mim manifestou-se pronto e forte. (*Confusa.*) Entendi que havia sido traída por mim mesma. (*Apaixonada.*) Reconheci que quando dancei, sem saber, eu havia buscado, havia desejado o rei. E me chamei de "maldita!" enquanto a solidez do meu ódio transformava-se em ar, em nada. E ainda quis rasgar o peito do rei, mas minha vontade caiu ao chão com o punhal. E ainda me assustei comigo mesma quando minha boca, sem ordem minha, blasfemou contra a memória de meu marido e disse: "bem-vindo!". E aquele rei cobriu meu corpo de força e ternura tão desejadas.

Merlin tira a coroa e a entrega a Niniane que a toma e sai lentamente da área de representação. Abandona a composição de Igraine e retorna com um feixe de lenha. Ao retornar, perdeu seu ar alheio. Torna-se pensativa.

CENA 3 – O MENINO SEM ALMA

MERLIN – Naquela mesma noite Igraine concebeu Arthur, filho de Úter. Eu criei Arthur, treinei seu corpo, forjei seu caráter, cultivei sua alma. Com Arthur finalmente houve paz e finalmente os homens construíram o que tanto havíamos sonhado.

NINIANE – A sua obra.

MERLIN – Sim. Em paz, o engenho humano projetou muralhas, pontes, monumentos, torres altíssimas e as mãos as construíram. E lapidaram joias, finíssimas peças de arte, porcelana, ourivesaria, poesia e livros, máquinas e instrumentos como nunca se sonhou.

NINIANE – O senhor fala com paixão.

MERLIN (*sorri satisfeito*) – É paixão. Úter amou Igraine, eu amei minha obra em cada detalhe como os homens amam as mulheres, as mulheres amam os filhos e as crianças amam as brincadeiras e o riso. (*Transita para amargura.*) Crianças! Por falar nelas, uma tarde, chegando de uma longa viagem, quando admirava, ao longe, com orgulho, a simetria perfeita dos monumentos e torres de minha obra, vi uma mulher caminhar em minha direção. Puxava pela mão uma criança sem alma. A pele da criança era áspera e pálida, o olhar sem viço, a expressão sem inteligência nem vontade. Nasceu assim, explicou a mulher, sem alma. (*Pausa.*)

NINIANE – Assim, em silêncio, Merlin ficou longo tempo trancado em seus pensamentos.

MERLIN (*brusco*) – De onde são vocês que nunca vi? – perguntei. Somos gente deste país, senhor. Vivemos fora dos limites da cidade, além das muralhas, longe das estradas reais calçadas de pedra, distantes dos salões onde vocês habitam, vivemos próximo, onde vosso curto olhar não alcança. Eu, então, olhei para os edifícios, as torres, as muralhas, e toda minha obra me pareceu vazia de sentido. (*Alterado.*) Pra quem construímos o engenho das máquinas, a simetria das formas? Pra quantos e pra quem escrevemos os livros de fina poesia e alta filosofia? – gritei enquanto esporeava o cavalo que galopou pelas ruas de pedra. Pra quem acumulamos os tesouros da ciência, do saber e de tantas artes? – berrei nos corredores da corte enquanto cruzavam por mim mulheres assustadas. Pra quem, Arthur? – bradei no salão real repleto, onde o rei dava ordens e discursava a cavaleiros e velhos e novos soldados, que se apinhavam na confusão do lugar. Mordred, meu filho, marcha contra mim, à frente de um exército, respondeu-me Arthur. A guerra retornou, informou cheio de amargura. (*Desesperado.*) Tem horas que Deus e o diabo se unem contra o homem! – gritei! E saí de lá com o sentimento de que o mundo era ruínas e decidido a reerguer cada pedra que ameaçava

cair. Andei, andei, andei até este lugar. Por que você foi posta no meu caminho? Qual o sentido desse encontro não sei. O que sei é que preciso do que menos tenho: tempo. Tempo para refazer o que construí. Nenhum sentido tem o progresso se pessoas estão nascendo sem alma.

Pausa. Niniane arruma o fogo.

NINIANE – Lembrei meu nome, senhor. É Niniane.
MERLIN (*sorri*) – Então, agora você está menos desorientada do que eu.
NINIANE (*tensa*) – Ao contrário, estou muito mais. Me leva daqui com o senhor.
MERLIN – Não. Nossos caminhos não se cruzam, menina.
NINIANE – Já se cruzaram.
MERLIN – Não. É só o tempo de me refazer do cansaço e sigo meu rumo. Você não vai me seguir e não nos veremos mais!
NINIANE – Quem sabe?
MERLIN – Eu sei.
NINIANE – Você não sabe tudo.
MERLIN – O que você sabe mais do que eu?
NINIANE – Nada. É só a impressão de que estamos ligados de alguma forma. (*Tensa.*) Enquanto buscava lenha, esse nome, Niniane, me veio como um vulto que surge da escuridão. Tenho medo.
MERLIN – De seu nome?
NINIANE – Junto com ele me veio a imagem de um rapaz muito bonito, quase um menino. Um rapaz que eu queria muito junto de mim, que eu queria todo junto de mim, que eu queria por um tempo sem fim…
MERLIN (*ri*) – Isso é o comum da sua idade.
NINIANE – Lábios grossos e úmidos, olhos quase inocentes. O rosto é fresco, ainda sem a aridez da primeira barba. É outono como agora, é paixão, e eu o espreito como se o visse agora, deitado sobre essas folhas… (*Pausa. Ela e Merlin se olham. Com raiva.*) O que lembro é esse pouco e nem esse pouco eu quero!
MERLIN – Não tenha medo, menina.
NINIANE – Tenho! Não quero saber meu nome! Tenho medo do que posso lembrar.
MERLIN – Você já lembrou, vai continuar a recordar. E não há nada que você possa fazer.
NINIANE – Queria não ter lembrança nenhuma.
MERLIN – A memória é uma benção. Esse rapaz… Foi alguma desilusão amorosa?
NINIANE (*olham-se*) – Foi.
MERLIN (*ao público*) – Ela mentia, mas que me interessava a história dela?

NINIANE (*ao público*) – É claro que eu mentia! Não podia dizer a esse desconhecido que me atraía tanto, que aquele rapaz que eu espreitava como se o visse agora deitado sobre essas folhas, que aquele rapaz que sorria e seu sorriso me chama, me aproxima… Como posso dizer que no momento em que toco a pele daquele rapaz que eu quero, a vida o abandona, seu corpo cai duro, frio e ele está morto?
MERLIN (*indo até Niniane*) – Você está bem?
NINIANE (*ao público*) – Como posso contar essa lembrança que não sei se é sonho, alucinação ou parte real de meu passado. Queria apagar de vez meu passado não importa qual seja. (*A Merlin.*) Queria ter nascido agora, senhor! Começar a construir agora o passado para recordar daqui a vinte anos!
MERLIN – Não seja tonta!
NINIANE – É o que eu mais quero! Tola, tonta, sem peso de passado. (*Aproximando-se de Merlin, sensual.*) Estou feliz agora que, sem memória do que fui, posso ser o que quiser. Estou feliz agora que não pergunto por que me brota tanta ternura pelo senhor. Estou feliz agora que olho para o senhor com a pureza do olhar de uma recém-nascida, com a confiança de uma recém-nascida…
MERLIN – Para! Chega! Aonde pensa ir? (*Niniane para a aproximação.*) Acha que pode arrastar Merlin para o pântano dos seus sentimentos como uma prostituta arrasta um soldado? Guarde a sua ternura para um jovem que a mereça. Não desperdice sua paixão comigo! (*Niniane o olha com raiva. Merlim ri.*) E, por favor, não me odeie por causa disso.
NINIANE – Não ria do que eu sinto!
MERLIN (*furioso*) – Então, não tente me impor o seu sentimento! Pouco me importo com a sua paixão! Pouco me importa onde você coloca seu sentimento, contanto que não seja sobre mim! Falo isso pelo seu próprio bem! (*Niniane baixa o olhar.*) Gosto muito de jovens como você… à distância! Admiro… ao longe! Gosto de vê-los… na linha do horizonte! Não me envolvo com a confusão obscura e apaixonada que é a vida pra vocês! Minha paixão, minha obra, é clara, plana, igualmente intensa e infinita! E suficiente! (*Pausa.*)
NINIANE – Desculpe.
MERLIN – Pense mais para pedir menos desculpas!
NINIANE – É que estou com muito medo.
MERLIN – Por causa da lembrança? Que pode existir de tão terrível em seu passado?
NINIANE (*meneia a cabeça*) – Alguma coisa má. O mal espreita em algum lugar dentro de mim, na minha memória.
MERLIN – Por que tem tanto medo do mal?
NINIANE – Você não tem?

MERLIN – Dizem, menina, que, no princípio, o mal era um dragão terrível que voava queimando os ares e consumindo as coisas vivas. Quando tentou queimar os céus foi derrubado e condenado a viver abaixo da terra. Um dia o dragão tentou devorar o mundo. Os homens, então, se armaram e depois de sete dias de luta conseguiram vencê-lo, mas não o mataram.

NINIANE – E por quê?

MERLIN – O dragão urrou e gemeu de medo e dor tão humanos que as mulheres do mundo choraram e gritaram contra sua morte. Depois, passada a fúria, os homens perceberam, horrorizados, que era o dragão quem sustentava em suas costas o mundo e tudo o que nele habita.

NINIANE – Isso é só uma história.

MERLIN – E o que vai ser nossa vida e a vida de todos os homens senão histórias? Histórias a serem contadas e recontadas até o esquecimento? Em sua juventude, Arthur amou sua meia-irmã, Morgana, filha de Igraine e do conde de Tintagel. Desse amor incestuoso nasceu Mordred. Hoje, Mordred é um homem aguerrido e virtuoso, um combatente puro que conclamou, reuniu um exército e prega contra o vício. Ele, agora, marcha para destronar Arthur, seu pai, e apagar a mancha de sua origem. O que é o mal? O dragão terrível que sustenta o mundo ou o puro e benévolo Mordred que vai lançar meu país numa nova guerra?

NINIANE – Não sei.

MERLIN – Eu sei. O excesso de virtude mata o homem de forma mais cruel que o excesso de vício. Cansei de ver gente que para arrancar o mal do coração do homem arranca junto seu coração! Vi a virtude ser gritada nas praças por homens puros que sussurravam o nome de Deus enquanto suas espadas cortavam crianças como melões. Tenho medo dos santos que ainda estão vivos e agitam a bandeira da santidade com a mesma fúria de quem vibra um punhal. O resultado, ao final, é o mesmo!

NINIANE – Você também tem medo.

MERLIN – O receio não é por mim. Já estou fechando meu ciclo e não há nada de inesperado, nenhuma surpresa, que me possa acontecer.

NINIANE – Você fala de país, eu falo de mim.

MERLIN (*escandindo as sílabas, explicativo*) – Eu sou meu país, menina. E você não sabe nada sobre o mal. Você receia o que não conhece. Eu conheço o mal, sou fruto dele. (*Niniane se assusta e olha surpresa para Merlin. Ele não muda sua expressão. Uma segunda folha cai da árvore. Merlin e Niniane seguem sua queda. Merlin atiça o fogo.*) O inverno não demora.

Tanto Merlin quanto Niniane se dirigem para fora da área de representação e narram ao público.

NINIANE – Tive um segundo de frio, um pressentimento tão rápido que mal percebi. Minha alma soprava uma melancolia triste, mas meu corpo… Ah! Meu corpo transbordava de ternura por aquele homem. E, eu, tola que ainda era, acreditei em meu corpo. E o corpo estava certo! Pelo menos naquele momento…

SEGUNDA PARTE

CENA 4 – O NASCIMENTO E A PAIXÃO DE MERLIN

MERLIN – Do encontro de Merlin com Niniane narram-se várias histórias. Algumas versões falam da perfídia feminina em aprisionar um homem.

NINIANE – Outras evidenciam a tolice de Merlin em se deixar enredar pelos encantos de uma mulher. Ele que era o mais sábio dos homens.

MERLIN – Mas todas elas narram uma intensa paixão que nasceu do inesperado, que cresceu sem aviso e terminou como terminam todas as paixões: consumindo os apaixonados.

NINIANE – Conta-se que em determinado momento, a tola Niniane recuperou a lembrança e descobriu quem, de fato, era. (*Suspira com pesar.*) Doeu como dói a morte, mas não deixei de amar.

MERLIN – Conta-se que, em determinado momento, tornei-me tolo e doeu igualmente, mas, igualmente, não deixei de amar. Como amar sem ser tolo, sem se desarmar, sem se perder, sem se deixar pertencer? Que todo homem possa, um dia, ser tão tolo quanto fui ao final daquele encontro.

NINIANE – E que perfídia existe em desejar e aceitar como meu aquele que quer me pertencer? Mas o que se deu ao final daquele encontro, julguem vocês quando chegar o momento. Relato agora, um pouco antes, o instante em que a inesperada e tão desejada paixão aconte-

ceu. (*Merlin entra na área de representação.*) Merlin atiçava o fogo e me falava sobre o mal.

MERLIN – O mal, menina, existe para nos acuar, amedrontar, se elevar sobre nós com sua força e sua fúria. E nós existimos para não recuar, para lhe dar combate e nos fortalecermos nessa luta.

NINIANE – E se perdermos?

MERLIN – Para nosso próprio bem não podemos perder. E se perdermos cabe voltar e lutar com mais força e empenho. Não podemos destruí-lo e ele não deve se apossar de nós. O mal é nosso melhor inimigo. Ele nos adestra, nos torna mais fortes, melhores na luta para contê-lo.

NINIANE – Então o mal é um bem?

MERLIN – O mal é o mal até que o transformemos em bem. E o bem é o bem até que o transformemos em mal. Mas chega de filosofias.

NINIANE – Tenho medo.

MERLIN – Todos temos. Eu mais do que qualquer outro homem. O lugarejo onde nasci já se desfez na memória dos homens. Lá, lugar onde os dias eram todos iguais, o sol nasceu, uma vez, iluminando um dia diferente.

NINIANE – Lá, as pessoas do lugar ainda hoje contam a história de uma virgem, consagrada a Deus, que deu à luz um menino.

MERLIN (*compõe a personagem do ferreiro e dá depoimento*) – Lá, conta o ferreiro Ambrósio que sou eu, homem velho e de respeito, lá todo mundo jura em cruz, e eu dou fé, de que homem algum desfrutou, dormiu ou sequer tocou com um dedo no corpo nu da virgem. Embora ela fosse linda e a visão de sua passagem alimentasse o desejo e acendesse fortes pensamentos nos homens do lugar.

NINIANE (*compõe a personagem da viúva e dá depoimento*) – Lá, ela não sai de debaixo do meu olho porque eu, Serafina, viúva do falecido Lucas, jurei à finada mãe dela, no leito de morte, cuidar do cabaço da menina até o dia do casamento. Sou vizinha da virgem, dou fé e afirmo para quem quiser ouvir: ninguém entrou na casa naquela noite, mas, pelo bem da verdade, devo confessar que ouvi ruídos suspeitos lá dentro.

MERLIN (*compõe o bêbado e também depõe*) – Também ouvi. Já era noite velha e funda quando voltava pra minha casa que fica no final do caminho. Sim, tenho nome e profissão, só que agora não lembro. O povo do lugar me chama de muitos nomes, um pior que o outro. É, tinha bebido um pouco sim, como sempre, mas ainda tava no juízo. Suspiros ouvi, rosnados igual de bicho, gemidos, vindo da casa. Prestei melhor atenção e quando percebi que a casa não era minha, a mulher que gemia não era a minha e nada daquilo era da minha conta, gritei: "Boa sorte, felizardo!" E fui embora chutando pedra, mordendo dente, cheio de inveja!

NINIANE (*viúva, depõe*) – O que ninguém viu, mas eu juro pela minha alma, é que naquela noite ventou e, dentro do vento, dançava uma sombra invisível.

MERLIN – Naquele tempo existiam demônios e um deles era essa sombra que, naquela noite, dizem, num canto escuro do quarto, observava a virgem que dormia.

NINIANE – Ah, durante o sono da virgem, o demônio espreitou durante longo tempo. Ia profanar aquele corpo e aumentava seu prazer com a espera! Depois, enviou à virgem sonhos leves, risonhos, imagens ternas, enquanto deitava sobre ela todo o peso do seu desejo.

MERLIN – No sono, o corpo da virgem riu, sua alma ainda vibrou e gritou não! Mas seu corpo quis. Seu corpo, sem a força da vontade, quis! Amolecido e vivo quis e rolou no sono, riu no sonho e sua alma implorou por Deus, mas o céu do sonho era imenso e vazio.

NINIANE (*voltando-se para Merlin*) – Eu, Niniane, olhei Merlin que contava aquela história e, como tola, quis! Mais do que nunca quis! Aquele homem eu quis! Ter para mim, em mim, guardado em mim, aquele homem de muitos anos, muitas histórias, eu quis!

MERLIN – Eu não sabia que escrevia minha própria história dentro da história que contava. E não sabendo que tecia a própria rede em que me prendia, continuei a contar a história daquela virgem que não tinha forças para afastar nem o desejo, nem o demônio que deitava sobre ela.

NINIANE (*aproximando-se de Merlin*) – Aquela virgem sonhou que riu, que quis, como eu quero. Sonhou que chorou e que quis morrer e que mais quis viver como eu quero agora!

MERLIN (*voltando-se para Niniane*) – Pela manhã, a virgem acordou, com a semente do demônio dentro do ventre. Aquela virgem, consagrada a Deus, deu à luz o filho do demônio: Merlin. E Merlin sou eu. (*Niniane beija Merlin apaixonadamente.*) Comecei um riso de deboche que não continuou. Quis andar e não me movi, quis falar e nada com sentido saiu da minha boca. (*Subitamente Merlin vibra violenta bofetada no rosto de Niniane.*) Que foi que fez, maldita?!

NINIANE (*Ergue o rosto com altivez. Depois sorri, com alegria sagaz.*) – O que despertei em você?

MERLIN (*furioso*) – Raiva, ódio, desprezo! Idiota! Onde aprendeu essa ousadia? Por quem me toma, infeliz? Pensa que nunca encontrei mulheres mais vividas, melhores, mais sedutoras que você… (*Ao público.*) Eu mentia miseravelmente. Em nenhuma mulher encontrei tanto poder e tanta inocência. Estava ali, frágil, bela, sem intenções ocultas e com a total e evidente vontade de amar. (*Duro.*) Desaparece da minha frente, menina!

NINIANE (*em lágrimas*) – Que você me enxote, me surre, mas por minha vontade não dou um passo! Sento e espero, como um velho cão, um sorriso dos seus olhos. (*Senta-se.*)

MERLIN (*aproxima-se furioso*) – Levanta, maldita! (*Ela levanta e encara Merlin, que se rende.*) E me ame, maldita! (*Niniane o abraça.*) Me ame com sua juventude. (*Merlin a abraça.*)

NINIANE – Me ame com sua sabedoria.

MERLIN – Com o frescor de sua pele.

NINIANE – Com a lembrança de todas as suas rugas e a alegria de todos os seus anos. (*Merlin desata a rir. Um riso feliz que não consegue conter. O rosto de Niniane se deforma em choro. Um choro igualmente longo. E só o cansaço faz com que os dois cessem a emoção.*)

MERLIN (*ainda sorrindo*) – Tudo me parece desprovido de sentido. O coração ruge na garganta e eu me sinto completamente ridículo. E declaro que nunca me senti melhor na vida.

NINIANE (*ainda soluçando*) – Nada tenho a dizer a não ser que sou pequena para abrigar sensação e sentimento tão grandes. O amor me força a garganta e, de dentro, chacoalha e ameaça romper esse corpo, sua prisão.

MERLIN – E assim ficamos muito tempo: frágeis diante de tal grandeza e fortalecidos por ela.

NINIANE – Agora entendo, por que sinto em mim vontade de morrer de amor, Merlin. Se este amor acabar, que minha vida acabe junto.

MERLIN – É blasfêmia falar em morte neste momento. É blasfêmia falar qualquer coisa. Fiquemos em silêncio, quietos, para conter, para colocar limites na confusão, na violência do que estamos sentindo agora.

Pausa em que permanecem imóveis, tensos.

NINIANE – Não vou conseguir!

MERLIN – Eu também não! (*Riem e se abraçam.*) E então nos abandonamos ao momento presente e aos momentos seguintes.

NINIANE – E não tivemos freio nem guia.

CENA 5 – O RETORNO AO MUNDO

MERLIN – E assim ficamos um dia, e outro, e mais outro. Três dias nos quais me abandonei. Três dias nos quais desfrutei do corpo e passeei pela alma dessa menina. Três dias nos quais estive nu de qualquer sabedoria, de qualquer gesto pensado, de qualquer momento calculado.

NINIANE – Três dias vorazes, três dias de esquecimento. Três dias completamente inocentes de qualquer risco, alheios de qualquer perigo.

MERLIN – Numa hora de um desses três dias, eu lembro, fiquei a olhar essa menina e me perguntei "Que mistério ela abriga?". Que deusa veio morar em seu olhar, habitou seu corpo e, de uma hora para outra, transformou aquela tola sem memória em senhora dos meus pensamentos e desejos. E eu bendisse toda mulher que, em algum momento da vida, abriga em si essa deusa.

NINIANE – Merlin era um grande homem, mas ali estava mais do que Merlin. Tinha a dureza e as rugas dos anos e a inocência do olhar do menino. Que toda mulher possa ter, primeiro em sua vida, depois em suas lembranças, um homem assim. Porque, em seus sonhos, terá com certeza.

MERLIN – Contam muitas coisas sobre esses três dias.

NINIANE – Contam que Merlin cantou e dançou em volta do fogo. Riu e ensinou a Niniane o nome das estrelas, a ler as cartas e os sonhos.

MERLIN – Dizem coisas inacreditáveis sobre aquela noite e sobre aquele velho, mas peço: acreditem em todas elas. São todas verdadeiras.

NINIANE – Pois elas me fizeram rir e ele me encantou com suas histórias.

MERLIN – Conta a lenda que nasci sábio e assombrei meu povoado ao falar com sete dias de vida! Embora filho do demônio fui abençoado por Deus e saí pelo mundo profetizando coisas futuras. Só não consegui profetizar o inesperado na minha vida. Que ninguém dê por concluída a própria existência antes do último suspiro.

NINIANE – Por todos aqueles três dias Merlin foi bobo, foi brusco, foi manso. Contados cada instante, cada descoberta, cada ânsia, aqueles dias não tiveram fim.

MERLIN – Lembro-me de você, Úter, e compreendo melhor a aventura humana agora que dela faço parte como apaixonado membro desse turbilhão.

NINIANE – Ao final do terceiro dia estávamos exaustos e fartos.

MERLIN (*grave*) – No terceiro dia… Na tarde do terceiro dia um vento frio varreu o ar, zuniu, vergou galhos, levantou folhas do chão. Quando se foi deixou, como rastro, uma grossa camada de pó sobre as coisas.

NINIANE – Deixou também duas sombras pesadas que me caíram na alma. A primeira delas foi a lembrança de Mordred.

MERLIN (*como se acordasse, agitado*) – Mordred!

NINIANE – Esquece Mordred, Merlin.

MERLIN – Não posso. Mordred é a sombra de meu pai, o demônio!

NINIANE – Mordred não importa mais.

MERLIN – Importa, menina. Tem horas que meu pai tenta me atrair para seu lado, sussurra promessas de maior poder, me inspira a desfrutar

do prazer do mando. Outras horas, como agora, arma exércitos contra minha obra ou cega meus olhos com o véu da arrogância para que eu não veja os defeitos dela: meninos que nascem sem alma! Como filho tenho de buscar um caminho afastado de meu pai.

NINIANE – E de sua mãe?

MERLIN – Também. Deus sempre soprou em meus ouvidos com a voz dela, mas busquei construir o meu caminho guardando distância desses terríveis senhores. Respeito e temo tanto o bem quanto o mal.

NINIANE – Não sei nada disso. Só sei que não quero que vá.

MERLIN – Nem tudo é paixão.

NINIANE – Devia ser.

MERLIN – Devia. E quem fala agora é aquele que ama, mas sou muitos homens. Um deles é o que cria a nação. Devo lealdade a todos eles.

NINIANE – Eu sou apenas uma mulher. (*Emite um grito assustado e doloroso, quase sem som.*) Nesse momento a segunda sombra caiu sobre mim e eu soube que não era "apenas" uma mulher. Merlin não percebeu.

MERLIN – Neste momento, minha querida, Mordred, o homem puro, vestido de branco, marcha à frente de um exército bradando pela restauração da fé e pela condenação do que ele acredita ser o mal. Seu pai, Arthur, seus cavaleiros e seus exércitos esperam o encontro.

NINIANE – Não há nada que você possa fazer.

MERLIN – Deve haver, tem de haver! Parto pela manhã, você vem comigo.

NINIANE – Fique aqui, comigo, Merlin.

MERLIN – Há um mundo por reconstruir, uma obra por refazer. Não é preciso ser sábio para adivinhar o resultado do encontro entre Arthur e Mordred: mortos, mortos, mortos. E sobre eles o silêncio. O mundo precisa de mim. O mundo tem guerreiros demais, tem chefes demais, "mordreds" demais. O mundo busca a virtude quando deveria cultivar a inocência! O mundo precisa de mim porque onde todos veem decadência eu vejo recomeço.

NINIANE – Não, Merlin.

MERLIN – Merlin é aquele que lhe ama, mas é também um velho, talvez ridículo, que ama este país. E meu país é minha gente, são as ruas e as casas de pedra e os homens e mulheres ricos de erros e de acertadas paixões que vivem nelas. São os meninos, os loucos, os tolos como eu, como nós! É essa desconhecida e anônima gente e sua obra. Se me ama não peça que eu escolha.

NINIANE – Eu fico.

MERLIN – Eu vou por mais que te ame. E logo volto atraído por esse amor que agora deixo. (*Niniane tem um estremecimento. Contém a custo a vontade de chorar.*) Você sabe que eu volto.

NINIANE (*olha-o e responde com segurança estranha*) – Sei. (*Se afasta.*) Ele ia voltar, eu sabia. E sabia porque a segunda e pesada sombra me revelou quem eu era. (*Enquanto espera que Merlin deite.*) Mas conto assim que Merlin desfalecer de amor, cansaço e preocupação. (*Olha com ternura e tristeza para Merlin, que dorme sobre as folhas. Depois afasta-se para fora da área de representação. Niniane acompanha com o olhar a terceira folha que cai da árvore. Depois emite um terrível e doloroso grito.*)

CENA 6 – NINIANE, AMOR E MORTE

NINIANE – Assim gritei uma, duas, inúmeras vezes enquanto corria para longe de Merlin. Parei à beira de um rio para descansar minha dor. Meu passado tinha voltado de vez. Rasgou de alto a baixo o frágil véu de que era feita a tola, a desmemoriada Niniane. O passado irrompeu aqui dentro, abriu, se apossou e revelou o que eu temia: sou outra. Era outra, sempre fui. Niniane não existe mais e quem sou eu, agora revelo. (*Soluça e geme.*) No rastro da lembrança daquele rapaz bonito, quase menino, que morreu por causa de meu toque, outras lembranças vieram. Velhos, crianças, adultos, todos mortos pelo meu toque, meu gesto, meu hálito. Esse é o meu passado. (*Curva-se num gemido. Volta-se senhora de si, dura.*) Conta uma antiga lenda que a morte vivia em paz em seu mundo de sombras. Um dia olhou e viu este mundo de conflito e luz e seu coração frio se apaixonou por tanta vida. E desejou a vida dos homens e os trouxe mortos ao seu mundo. E um dia descobriu a paixão que animava os vivos. E desejou a paixão e, desejando a paixão, a morte desejou a vida em si. E se desfez de todos os seus mortos, de todo seu passado, e de todas as lembranças. E, desmemoriada, como tola, como um anjo de Deus, veio ao mundo. Eu sou essa antiga lenda. (*Levanta-se decidida e terrível.*) O tempo se foi. Vou ao que tem de ser feito. (*Volta a Merlin.*)

MERLIN – Onde foi? Que aconteceu, Niniane? Porque tanta dureza em seus olhos?

NINIANE – Você insiste em ir? (*Merlin assente com um gesto de cabeça.*) Existem muitas coisas que você não entende, meu querido. Feche os olhos e não tente entender.

MERLIN (*sorri*) – Tudo o que tenho feito na vida é manter os olhos abertos e tentar entender os mistérios do mundo.

NINIANE – Não me pergunte nada. Saiba apenas que é amor.

MERLIN – Sou completamente fiel ao seu amor e à minha obra. Não me peça para escolher porque me torno infiel. Ou a você ou à obra.

NINIANE – Não sou quem você vê…

MERLIN – Não me importa quem você é. Você é aquela que amo.

NINIANE – Sou aquela que ama, aquela que lhe quer. Sou aquela que, entre todos os homens, escolheu você para provar da vida e da paixão. (*Abre os braços, Merlin se movimenta em sua direção, feliz. Próxima de tocá-lo Niniane, desesperada, foge ao abraço.*) Não! Porque, tanto quanto lhe quero, Merlin, eu queria mais tempo, mais vida neste mundo de luz e de paixão!

MERLIN – Por que esse desespero e esse medo? Teremos todo o tempo...

NINIANE – Foi tão curto! Uma paixão como essa não pode ser medida em três dias!

MERLIN (*indo em direção a Niniane*) – Teremos muitos outros dias...

NINIANE (*grita*) – Não toque em mim! Vá embora, Merlin! Afaste-se de mim!

MERLIN (*decidido*) – Não! Ver você assim, dói, suas palavras doem, seu rosto, ausente do amor de agora há pouco, dói como nunca senti tal dor.

NINIANE – Dói em mim! Vá embora, estou mandando!

MERLIN (*pausa*) – Quem é você?

NINIANE – Você que é sábio, Merlin, me ensine um meio de prender um homem sem muros, nem grades, nem correntes.

MERLIN – Não existe meio de prender o homem. Nem correntes, nem muros, nem leis, nem profecias. O homem traça e faz seu caminho sem ouvir avisos de que há um precipício no próximo passo ou que é impossível chegar ao topo das montanhas. Só um grande amor freia seu passo.

NINIANE – Sou aquela que ama. Aquela que lhe quer meu, sempre, todo, além de todo bom senso, acima de toda razão.

MERLIN – Amor desse tipo mata a si próprio. Preso de tal forma o homem morre. (*Com um forte impacto entende.*) Você é...

NINIANE – Do meu mundo de sombras eu lhe via, Merlin, andando livre neste mundo de luz. Admirei o homem que sonhou leis e valores onde imperava a brutalidade e gastou sua longa vida construindo uma obra que não era para si. Amei seu vigor, sua fúria e sua mansidão e, de tanto amor, vim amar o homem que envelheceu sem cinismo, sem fraqueza, sem servidão.

MERLIN – Tudo faz sentido. Tudo é dor, riso e coerência como é próprio desse mundo de luz e paixão. O momento em que compreendo e amo o sentido mutante desse mundo de luz e conflito é o mesmo em que devo deixá-lo.

NINIANE – No instante em que, desmemoriada, amei mais intensamente me sobreveio a consciência de quem eu era! Neste mundo de luz e paixão o mal é a face oculta do bem.

MERLIN – Que o homem escolhe e transforma. Até que como eu, agora, não pode mais escolher e transformar!

NINIANE – Dói! Dói a memória, doem as lembranças, dói estar prestes a deixar esse mundo de conflito e luz. (*Brusca.*) Vai embora, Merlin! Afaste-se de mim se meu amor é maldito.

MERLIN – A língua se cola em minha boca e minha voz é só gemido, as pernas trêmulas não obedecem ao meu mando e meu coração soca as paredes do peito onde é prisioneiro. Tudo em mim é caos e medo.

NINIANE – Vá! É a última oportunidade que lhe dou.

MERLIN – Dizem que nasci sábio, que ainda criança fiz profecias e outras maravilhas e que detestei a ignorância e a rudeza do mundo. Vou, Niniane, porque com os ignorantes aprendi o riso e com a rudeza das velhas mães aprendi o amor ao que é vivo, sejam cães ou meninos. É por eles que vou!

NINIANE – Nada mais tenho a dizer. Só tenho a sentir uma dor nunca sentida.

MERLIN (*Vai à saída. Volta-se.*) – Meu corpo quer distância, estrada e fuga. Minha alma, presa a seus olhos, ordena que o corpo permaneça. Meu corpo reluta enquanto minha alma canta! Sou apenas um tolo!

NINIANE – É o mais sábio dos homens.

MERLIN (*dá um passo na direção de Niniane*) – Não vou viver perseguido e assustado pela sua sombra; aterrorizado na expectativa de vê-la novamente, terrível, na dobra de cada esquina, oculta em cada sombra. Não. Minha obra incompleta está terminada porque não é só minha. Um país é maior que um homem, que um grupo deles. E se uma obra como essa, se meu país se afogar na decadência, na violência, na corrupção, é porque não foi digno dos melhores sonhos de sua gente. Minha obra vai sobreviver a mim. (*Sorri.*) E, depois, olho para você e só consigo ver minha amada Niniane.

NINIANE – É porque sou Niniane. Também sou.

MERLIN – Adeus. Adeus, minha terra, que deu base a meus primeiros passos e inspirou minha longa caminhada. Adeus, tardes de outono e manhãs de verão. Adeus, velhos combatentes; velhas mães, me abençoem. Adeus, pedras talhadas, empilhadas como muros e alinhadas como ruas. Homens e mulheres que passam, meninos que brincam sobre elas, gente anônima dessas ruas tão amadas: foi para vocês a minha obra. Cabe a vocês completá-la. (*A Niniane.*) Obrigado por ter me mostrado sua face mais bela.

NINIANE – Foi amor pela sua vida e pelos seus feitos. Vem. Para! Espere ainda um pouco. Deixe-me ver ainda o tanto de vida e sonho que mora em seu corpo.

MERLIN – Fico uma vida a observar sua imagem. (*Movimenta-se na direção de Niniane.*) Não posso resistir ao seu amor, não quero.

NINIANE – Então vem. E que esse momento se dilate num instante eterno, que não tenha nome, não seja chamado vida nem morte.

MERLIN – Vou. Perdoe se caminho inseguro como criança que é o que eu sou frente à morte. Perdoe minhas lágrimas. É dor e é riso como é próprio nesse mundo de conflito e paixão. É morrer de amar, Niniane, mas também é morrer. (*Vai ao encontro de Niniane.*)

Abraçam-se com amor. Merlin, depois de um instante, deixa cair os braços. Niniane separa-se e Merlin, com os braços e cabeça pendidos, segue lentamente para fora da área de representação. Niniane chora em silêncio. A quarta folha cai da árvore.

NINIANE – Dizem muitas coisas sobre o encontro de Merlin e Niniane. Dizem que ele ficou eternamente preso a uma esfera de cristal e desfrutou do amor de Niniane pelos tempos sem fim. Dizem que Merlin nunca mais foi visto. Dizem que quando os seres e coisas se vão, permanecem ainda neste mundo as palavras, seus nomes. Com o tempo essas palavras tornam-se histórias e as histórias habitam a alma de novos homens. E os seres e coisas que se foram retornam ao mundo. De luz e paixão. Dizem que Merlin retorna para continuar sua obra em outros homens. (*Sai.*)

EPÍLOGO

VELHO (*despe-se do que o identificava como Merlin*) – Desfaço-me de Merlin e retomo à minha trivial identidade de velho ator. Um velho ator que vive peregrinando por histórias e personagens tentando trazer à vida real, ao momento presente, seres e coisas que se foram, como Merlin. E seres e coisas que ainda virão. Busco neles, talvez, parte do sentido que me falta e falta ao mundo. Sou um velho ator que dedica a esse tablado suas melhores horas porque acredita que a vida também corre no palco. Pelo menos a sua, pelo menos a nossa, pelo menos agora. Ainda não sei o que é um velho. Sei que é muito mais do que imaginamos. Porque o sentido mutante da vida reserva surpresas até em nosso último instante. E nisso reside a maravilha da existência. (*Vai ao fundo do palco e arranca da árvore a última folha.*) Obrigado pelo nosso encontro e pela vossa fé. Adeus, homens e mulheres, amigos anônimos a quem dediquei minha obra. Adeus e voltemos ao mundo de luz e conflito e paixão.

Joga a folha ao ar, acompanha sua queda e sai. As luzes da plateia e palco se acendem.

FIM



Um Dia Ouvi a Lua, 2010. Em cena, Caren Ruaro e Ana Cristina Freitas. Foto de Tito Oliveira.